ARTE DEREYNAR

AO POTENTISSIMO REY D. IOÃO IV. nosso Senhor

RESTAVRADOR DA LIBERdade Portugueza.

Pello Doutor Antonio Carualho de Perada

Acipreste na Sè de Lisboa, ora Prior de Bucellas Protbonotario Apostolico, & Visitador do Arcebispado de Lisboa.

Com todas as licenças necessarias.

EM BVCELAS.

Por Paulo Crasbeck. Anno de 1644.

BRITISH LIBRARY

LICENÇAS.

O Padre Doutor Frei Antonio Bottado calificador do S.Officio veja o liuro do que a tras faz mençaõ,& informe com seu parecer Lisboa 17. de Dezembro de 1641.

Fr.Ioaõ de Vasconcellos *P.da Silua.* *Francisco Cardoso de Torneo.*

VI este liuro intitulado Arte de Reynar composto pello Doutor Antonio Carualho de Parada,não tem cousa que encontre nossa Santa Fe,& bons costumes,& me parece digno de se imprimir Lisboa no conuento de Nossa Senhora da Craça 26.de Mayo 642.

Fr. Antonio Bottado.

VIstas as informaçoens podese imprimir este liuro intitulado Arte de Reynar,Autor o Doutor Antonio Carualho de Parada,& depois de impresso tornara ao Conselho pera se conferir com o original,& se dar licença pera correr,& sem ella não correra Lisboa 27.de Mayo de 642.

Fr.Ioaõ de Vasconcellos. *P. da Silua.* *Francisco cardoso de Torneo.*

POdese imprimir Lisboa 9.de Septembro de 642.

O Bispo de Targa.

QVe se possa imprimir este liuro;visto as licenças do S.Officio,& Ordinario,que offerece,& depois de impresso torne pera se taxar, & sem isto não correra.Lisboa 11.de Septembro de 142.

Meneses. *Pinheiro.*

ESta conforme com seu original em nossa Senhora da Craça 30.de Nouembro de 643.

Fr.Antonio Bottado.

VIsto estar conforme com o original pode correr em Lisboa 3.de Dezembro de 643.

Fr.Ioaõ de Vasconcellos. *P.da Silua.* *Francisco Cardoso de Torneo.*

TAxão este liuro a reis em papel.Lisboa 5.de Dezembro de 643.

Meneses. *Pinheiro.*

A O

MVITO ALTO, E MVITO PODEROSO REY, E SENHOR NOSSO DOM IOAM O QVARTO DEste nome, restaurador da liberdade Portuguesa.

SENHOR.

IOV Deos do Real valor de V. Magestade a mais gloriosa ẽpresa, que em muitos seculos se tem visto. Grande foi a que cometeo a Moyses em o mandar liurar o seu pouo do catiueiro delRey Faraò, encarece a Scritura as excellentes partes deste Principe, porem não foraõ bastantes pera executar o que se lhe encarregou, sem que primeiro lhe cometesse Deos suas vezes pera fazer milagres. Nem este poder foi bastante pera os Hebreos conseguirem o que pretendiaõ: socedeulhe Iosue, que depois de grandes guerras, & difficuldades deu fim aos trabalhos daquelle pouo, metendoo de posse de sua liberdade; a que hoje possuimos de promissaõ he, pois foi prometida àquelle nosso primeiro Rey Dom Afonso Henriquez, dizendolhe o Senhor da Cruz, que neste tempo hauia de restaurar o seu Reyno ja atenuado. Não foi necessario ajuda de outro Principe, nem ainda poder de fazer milagres: se bem se pode ter por milagre, tudo o que atè agora vai sucedendo. Em tão breue tempo nos vimos em nossa liberdade, que sendo o rigor passado, & as difficuldades, que se representauão de o poder remediar, não menores que as que padeciaõ os Israelitas sogeitos a elRey Faraô, o dia que V. Magestade foi aclamado por nosso Rey, ficamos entrando na posse da nossa terra de promissaõ, liures do jugo que até agora padeciamos, reuerdecendo neste nosso Reyno a idade de ouro tão desejada dos antigos, & de que tanto disseraõ aquelles aquem Deos fez m. de reuelar a felicidade presente. Porem não basta ser esta merce o comprimento da palaura de Christo pera nos descuidarmos. A muitos Reys meteo Deos de posse de Reynos, q̃ depois de os possuirem alguns annos, lhos tornou a tirar, ou porque não responderão como deuião aos encargos de Rey, ou por castigo do pouo. Tres cousas saõ precisamente necessarias pera a conseruação deste Reyno: a primeira, & principal o agradecimento, & reconhecimento deuido a Deos, pois por mais titulos lhe he obrigado que todos os outros, erigindoo em Reyno por special mandado seu, dandolhe por armas os instrumentos de sua sagrada paixão, & liurandoo agora do jugo de Castella, & dos inimigos domesticos que contra elle estauão conjurados: a segunda he a prudencia politica emquanto se occupa em fazer guardar ju

stiça

ſtiça,& deſterrar vicio: porque ſe naõ pode conſeruar o Reyno em que os vicios forem muitos;& a juſtiça pouca;& pera que neſte particular não tiueſſemos que temer,nos fez Deos merce de nos dar a V.Mageſtade por Rey q̃ da juſtiça he tão obſeruante,& dos vicios tão inimigo: mas não he de eſpantar,que ſe o Senhor hauia de comprir ſua palaura na reſtauração deſte Reyno,pera o conſeruar em proſperidade, hauia de ſer por meio de hum Rey em quem concorreſſem tão excellentes calidades,& aſſi o proueo dos remedios proporcionados ao fim. A terceira he o exercicio militar pera defenſam dos inimigos: porque ainda que alguns ſe dão por ſeguros, vendo que eſte ſucceſſo foi ordenado por Deos,não deue ſer baſtante pera ſuſpender os meyos neceſſarios a defenſaõ. Vngido foi Dauid por mandado de Deos pera Rey de Iſrael,& com tudo andou em guerra em quanto viueo permite Deos eſta pera exercicio neceſſario ao corpo,& a alma. Por mandado de Deos caminhaua o ſeu pouo,& por eſpaço de quarenta annos,que tanto durou a jornada,ſe não viraõ liures de guerras: hemos de ſupor que as hade auer, & os vaſſallos ſe haõ de reſoluer em por de parte a ociosidade,que foi cauſa da aſſolaçaõ das mayores Monarchias. He merce grande de Deos diſpor as couſas de modo,que eſte vicio naõ tenha lugar;pois vemos que eſtando Adão na felicidade do paraiſo terreal,lhe mandou o Senhor que ſe occupaſe. Obrigaçam he que todos ajudem,cada hum com o talento que recebeo de Deos. Aos religioſos,& eccleſiaſticos toca a principal parte deſte exercicio,encomendando a ſua diuina Mageſtade a defenſaõ deſte Reyno. Aos ſoldados defendelo com as armas. A parte que toca ao gouerno politico tiueraõ alguns por mais neceſſaria por depender delle a conſeruaçaõ,& eſta da paz,& vniaõ dos vaſſallos,& da juſtiça aſſi punitiua, como diſtributiua: em particular diſcurſo trato eſte ponto,aqui o não reſoluo,por não parecer que faço a meu caſo, pois tomei a minha conta trabalhar conforme ao cabedal de minhas limitadas forças em fauor do gouerno,que depende da prudencia politica, que vem a ſer a ſuſtancia deſte liuro. Aos pès de V.Mageſtade humilde o offereço,poſto que ja com differentes brios que quando o comecei pello credito que recebeo com ſe ſaber que exercita V. Mageſtade o gouerno que elle aproua, & que as deſordens que condena chegaraõ eſte Reyno a eſtado,que não teue outro remedio mais que valerſe da protecção de V.Mageſtade,ſe bem ditoſas em reſpeito do fim a que ſe encaminharaõ. Deos guarde a Real peſſoa de V. Mageſtade por mui largos,& felices annos,pera gloria deſta noua Monarchia, & proſperidade dos leais vaſſallos de V.Mageſtade. Lisboa 30. de Mayo de 641

Antonio Carualho de Parada.

PROLOGO AO LEITOR.

HE costume mui antigo dos que escreuem fazerem prologos a suas obras, huns se occupaõ em darem nelles noticia das materias, que tratão, outros se armão cõtra os murmuradores, como se estes houuessem de mortificar seu natural, & sogeitarse as rezoens, ou desculpas que se lhes propoem: outros humildes pedem perdaõ de seus erros, como se tiuessem desculpa erros offerecidos ao juizo de todos. O intento deste meu prologo he pedir aluiceras aos que tem posto o gosto em murmurar, que tem ocasiaõ pera o fazerem muito a sua võtade, porque lhe offereço tantas iguarias, quantos saõ os discursos, & resoluçoens delles, quasi todos de materias differentes: & como os de peor gosto saõ os que cuidão que podem gouernar o mundo, o certo he que toda a sorte de gente, ignorantes, & sabios acharaõ neste liuro quanto podem desejar pera gastarem o tempo em censurar: & quando eu não tiuera outro intento, fora este mui bastante, porque lhes dou materia de apurarem o entendimento, & o exercitarem nas resoluçoens pertencentes ao bom gouerno, que não he de menos importancia que o exercicio das armas: & por lhes não agoar o gosto com que o faraõ, lhes não quisera lembrar que vão estes discursos apadrinhados com os mais sabios philosophos, & prudentes homens dos tempos antigos, de quem recebemos as melhores regras de gouerno. A rezão que me obrigou a empregarme nesta materia hauendo outras mais conformes com a minha profissão, foi parecerme pouco trilhada dos nossos, sendoo muito das naçoens estrangeiras, que se prezaõ de mais politicas. Não dei principio a esta occupaçaõ com alguã presunçaõ de ensinar, mas com desejo de empregar o tempo em algum exercicio honesto. Porem os sucessos do gouerno forão mostrando que erão verdadeiros estes documentos: porque tratando ha poucos annos de os imprimir, se me respondeo que não erão regras do gouerno, que se deuia praticar, mas censura do que ja se praticaua, & que hauia ordem pera se não deixarem imprimir, que quem erra de proposito sofre mal aduertencias. Qual fosse o gouerno não he necessario que eu o diga, certo estou que aprouarão todos o que for encontrado ao que ate agora se vsaua, & que seruira de conseruar a republica o contrario do que seruio de sua destruição.

Differentemente diuidiraõ os antigos o gouerno em gêral, porq̃ Socrates,& Plataõ o diuidiraõ em sinco partes, Gouernadores, Conselheiros, Soldados, Artifices,& Lauradores. Romulo, como refere S. Thomas, naõ admitia pera perfeição do gouerno da sua cidade Romana, a que deu principio, mais que tres generos de gentes, Senadores, Soldados,& Pouo. Hipodamo não tinha por necessarios em sua politica mais que soldados, artifices,& lauradores, reduzia os gouernadores,& conselheiros aos soldados com bastante fundamento: porque nem os que gouernaõ poderaõ acertar em todos os particulares, que tocaõ a perfeiçaõ de seu officio, sem alguã experiencia pratica, ou speculatiua do exercicio militar: nem os conselheiros que desta materia tiuerem grande ignorancia poderaõ acertar em todas as que saõ necessarias a conseruaçaõ de hum estado, que tanto depende do gouerno militar como do politico. E pera que nesta materia falemos mais distinctamente sem reduzir hum genero de ministerio a outro, sera necessario que nos conformemos com o parecer de Socrates,& Plataõ, cuja diuisaõ dá mais larga noticia das pessoas que seruem a perfeiçaõ de hũa republica, tendo o primeiro lugar os Gouernadores, em que se entendem naõ so os que saõ subordinados aos Reys, mas os mesmos Reys aquem mais propriamẽte quadra o nome de Gouernador. Em segundo lugar entraõ os conselheiros,& ministros, pois raramente acontecera acharse hum sem outro: apos estes os soldados, artifices,& lauradores, de que por ora naõ tratarei, porque ainda que os scriptores tenhaõ licença pera se meter nos officios que naõ exercitaraõ por encontrados a profissam de seu estado, pois se gouernaõ mais pellas noticias que pella pratica,& exercicio, he tão ampla a materia que toca os Principes,& ministros,& tão varios os accidentes que se offerecem no gouerno, que huns,& outros exercitaõ, que escreuendo muitos sobre elles, he mui pouco o que disseraõ, principalmẽte quando os diuersos juizos dos que gouernão se naõ podem regular por regras gerais, nem ainda pellas acçoens dos passados, por mais que tudo quanto vai socedendo no mundo, he ja antigo nelle, como diz Salamão,& naõ ha cousa noua que o seja na realidade, mas em respeito dos presentes: posto que naõ nego ser o melhor mestre pera acertar em todas as materias a noticia dos sucessos passados,& os meios comque se dispuseraõ; pello que determinei tratar somente das primeiras duas partes do gouerno politico que consistè nos Principes,& ministros, porque delles depende o valor dos soldados,& o acerto dos mais officios inferiores. Dei principio a esta obra com os lugares dos autores citados em seu proprio latim, que depois vim a tirar com algũ trabalho pera ficar a lingoagem corrente, por entender, que os lugares latinos resultauão em mais credito meu, ostentando erudiçaõ que em gosto do

leitor

leitor, que como me constou por experiencia, faltaua o latim, pegando da lingoagem, ja com menos graça. Se deste meu trabalho se seguir algũ vtilidade a republica, eu o terei por bem empregado, porque comprirei com a obrigaçaõ que a natureza nos pos de acodirem os membros particulares a conseruaçaõ de todo o corpo.

ARTE DE REYNAR

LIVRO PRIMEIRO

Em que se trata da necessidade que ha de Principes, & das calidades que deuem ter.

DISCVRSO PRIMEIRO.

Se he necessario hauer Principes que gouernem as Respublicas, & estados.

VEM LANÇAR os olhos aquella primeira idade, em que a justiça voluntariamente florecia, em que as cousas sem contradição algũa erão comuas, quando a enganos, a vingãças, a roubos, & a semelhantes vicios senão sabia o nome, julgarã ser pouco necessario auer Principes que gouernem: porque ainda que Adão o era, gouernaua como pay a seus filhos, & não como senhor a seus vassallos, entre os quais gouernos ha muita differẽça; porque os pais gouernão a seu gosto, & o gouerno politico conforme S. Thomas deue ser regulado pelas leis: & quãdo Aristoteles disse que hauia nestes dous gouernos semelhãça, fundouse no que a razão ensina, & não no que o custume tem introduzido à respeito da malicia dos homens. Tambem parece que se collige das diuinas letras auer pouca necessidade de Principes: porque nos dão a conhecer Caim pelo primeiro Rey que houue no mundo, como affirma S. Agust. o qual, ou cõ a ãbição de mandar, ou como algũs querẽ, obrigado do medo q̃ tinha de o matarẽ pela injusta morte, q̃ tinha dado a seu irmão Abel, edificou hũa cidade, q̃ foi a primeira q̃ houue no mundo, & a q̃ deu princi

S. Th. p. lit. lecto 1.

Arist. lib. 8. Ethic.

Aug. l. 15. de Ciuit. Dei ca. 20.

pio ao gouerno ciuil, posto que ainda imperfeito, e fundado mais no temor dos superiores, ensinado pela natureza, q̃. na ordẽ & perfeição de leis, q̃ as desordẽs, e imperfeiçoẽs dos homẽs depois vierão a ensinar. Naõ durou muito este genero de gouerno desenfreãdose os homẽs ẽ varios vicios por ventura a imitaçaõ de seu Rey, de q̃ resultou o diluuio vniuersal cõ que Deos castigou a terra: porẽ depois delle se tornou a purificar o mundo, & ficar quasi no primeiro estado de sua innocẽcia cõ o gouerno de Noe varaõ S. quasi semelhante ao de Adaõ, cujos netos por via de Cam, q̃ não erão os melhores, começaraõ a introduzir superioridade & gouerno: o principal dos quais foi Nembroth, cõ cujo cõselho se edificou a torre de Babel, leuado do pensamento de Reinar, aquẽ succedeo Bello, Nino Simiramis, Ninias, & outros, ẽ respeito do spiritual idolatras, & do tẽporal tiranos: peloq̃ parece, se não pode julgar por necessario o q̃ se inuẽtou cõ mais ambiçaõ & maldade, q̃ necessidade, ou respeito ao remedio dos homẽs, & parece q̃ se aconseruação dos estados depẽdesse de Principes q̃ os gouernassem, não puderaõ por tẽpo algũ cõseruarse sẽ elles: nem depois de os auer, gouernarão cõ tãta violencia, mostrando repugnãcia, & cõtradição a võtade de Deos a cuja conta parece que entaõ mais q̃ nunca, pela innocẽcia da gente, & principio das cousas, estaua o gouerno dellas; dõde doutamẽte infere Cassaneo q̃ o gouerno, & superioridade no principio do mundo naceo de ãbição, & maldade não de necessidade. Se formos continuando pelo tẽpo conseguinte, veremos o primeiro Rey em Berberia morto pelos demonios no tẽpo, q̃ exercitaua a arte magica: Pharao afogado no mar roxo por castigo de Deos: Senna cherib degolado por seus filhos: Antiocho comido dos bichos, nos quais parece q̃ queria Deos mostrar quã odiosos lhe erão os tais imperios, acquiridos as mais vezes por violẽcia, & manha, & não por razão, ou necessidade, q̃ tiuessẽ de Principe que os gouernasse. Não vinhão a importar pouco estas rezõens para dellas podermos infirir a pouca estimação que Deos fazia do gouerno humano, se das diuinas Escrituras nos não cõstara o contrario, & se a malicia destes, & doutros muitos principes, q̃ por castigo de Deos miserauelmẽte acabaraõ fora somente gouernarẽ; porẽ não foi esta a causa dos tais castigos: porq̃ Caim foi homicida de seu irmão innocẽte, & pecou na desesperação que teue;

Cassaneo in cath. gloriæ mundi.

Nem-

Nembroth naõ sò quis gouer nar,& ser Rey,mas conquistar os Ceos cõ a torre q̃ inuentou; seu filho Bello adorado por Ni no,& seus successores ẽ hũa estatua de pedra deu principio aos idolos ẽ q̃ os diabos forão adorados milhares de ãnos,crime reseruado as penas eternas & digno na terra de mais infelices vidas. Sennacherib tãbẽ foi idolatra,& quasi todos os mais principes daquelle tẽpo cometeraõ crimes cõ q̃ merecerão a morte q̃ tiuerão: pelo q̃ se não deue attribuir ao desejo de gouernar,& serẽ Reis, sẽ delles auer necessidade,principalmente,q̃ Deos N.Senhor se pagou tanto de os auer pelo tẽpo a diante q̃ elle os nomeaua, & queria,q̃ os seus profetas, & santos o fossẽ,& q̃ a Coroa real andasse vnida a tiara pontifical,paraq̃ os sacerdotes fossem Reys,& para q̃ os Reys fossem Santos,& vsou Deos nosso Senhor desta rezaõ destado de cõsagrar os Principes,& os fazer sacerdotes,para q̃ liures da profanidade,&ãbição,q̃tinhaõ mostrado,fossẽ respeitados,& obedecidos dos vassallos pela necessidade q̃ delles tinhão para ẽ prosperidade se gouernarẽ & conseruarẽ: pois he certo(como diz Aristoteles)q̃ não podẽ as cousas naturais sustentarse sem imperio,& obediencia. O Apostolo S.Paul.diz q̃ foi particular ordẽ de Deos q̃ hũs homens tiuessem superioridade,e mando sobre outros para gouerno,& conseruação do mundo;& não somente a vida,& comunicação dos homẽs,& cõseruação das respublicas, depẽde deste Imperio; & obediencia; mas todas as mais,q̃ a natureza fez inferiores a estas;q̃ todos o bedecessẽ,& gouernassẽ era impossiuel:porq̃ Principes,& vassallos saõ correlatiuos como a causa, & seu effeito;sẽ esta traça,nacida da prouidencia diuina tudo fora confusão, & nenhũa cousa pudera ter permanencia, & estabilidade algũa; não somente as Resp. & estados(diz Cic.)mas o mesmo mũdo tiuera fim. A este gouerno cõposto de Imperio,& obediẽcia chama Seneca alma do mũdo:porq̃ o ser e vigor q̃ a alma da ao corpo,dão os Principes ao mundo,elles são,como auisadamente disse Titoliuio,os q̃ reprimẽ o furor dos inimigos, refreão os vicios dos vassallos, atalhaõ a ferocidade daquelles q̃ sendo racionais viuem como brutos,sustentão,& ãparaõ,os q̃ viuẽ rectamẽte,defendẽ,& hõraõ os q̃ injustamẽte saõ perseguidos,destribuindo os beneficios,& castigos segundo os merecimentos ou crimes de cada hũ.Chamou Plutarcho ao mũdo sustẽtado nestes dous Polos impe-

Ad Roman.c.1. 13.

Cic. 3. de leg.

Senec. 1 de elem.

Liuio.

Arist. 4.polich

Plutar. instit. Trai.

imperio,& obediencia,corpo animado com o beneficio,&prouidencia diuina em cuja virtude gouernão os Principes, & o bedecẽ os vassallos,& a mesma corrupção,que os corpos padecem em ausencia da alma,padeceria o mundo faltando quem gouernasse:quando Celio o cõsidera sem Principes cõpara o a hũa Nao no meio do mar, leuada de hũa parte para a outra cõ a furia dos ventos sem piloto, & marinheiros;nem he demasiada a comparaçaõ,q̃ naõ he maior a variedade das ondas q̃ das condiçoens,& inclinaçoẽs dos homens, nẽ maior a furia dos ventos q̃ dos appetites destruidores da paz,& concordia cõ q̃ o mundo se conserua. Foi particular aduertencia da Scritura Sagrada declarar que estaua o Reyno de Israel sem Rey quando nelle aconteceo aquelle extraordinario caso na cidade de Gabaa,indo os moradores a casa de hũ Leuita,e furtãdo a molher de outro Leuita q̃ tinha por hospede,vsaraõ com ella de tantas abominaçoens q̃ escolheo mais morrer q̃ padecelas: & naõ era muito auer semelhantes casos õde faltaua Principe q̃ os castigasse, & bẽ se mostra q̃ õde os excessos saõ grandes,& se cõtinuaõ sẽ castigo,ou naõ ha Rey ou se o ha não exercita seu officio q̃ he defender seus vassallos de injusticas,& vexaçoẽs dos q̃ mais podẽ porq̃ para auer quem faça guardar justiça, & defenda a paz,& vniaõ dos q̃ viuem juntos nas Cidades,& Reynos,foraõ os Reis instituidos, cõ esta condição saõ obedecidos dos vasallos,& cõ este ẽcargo lhes entregarão suas liberdades,per supondo o valor q̃ nelles deue ser singular,& proporcionado ao remedio dos subditos em q̃ a natureza mostra particular prouidẽcia subordinãdo as vontades de tantos milhares de homens a de hũ sò,& dando certo valor,& excellẽcia a pessoa Real,q̃ não so he respeitado, & obedecido,mas imitado em todas suas acçoens. O auisado, & prudente Bias se espantaua mui to auer homẽ q̃ cõ sua pessoa,e autoridade bastasse para cõseruar em paz hũ estado cõposto de tanta diuersidade de condiçoens,& inclinaçoens,& achaua q̃ naõ podia hum Principe mostrar mais excelẽcia,& brio q̃ quãdo chegasse a fazer guardar as leis cõ q̃ a Republica ordinariamẽte se gouerna,& quãdo ha tãta difficuldade no gouerno tendo cabeça,& Principe executor das leis,claro fica que sera impossiuel auer cõseruação,e estabilidade algũa nos estados em que o tal principe faltar, o que se deue julgar por primeiro principio, conhecido

Celio.

Iudic. 18.

Stob. ser. 46.

por

por si sem mais força de argumentos, & conclusoens. Diuidese esta republica, & estado vniuersal do mundo em varios reinos, estados, & prouincias, cada hum dos quais se gouerna pelos meios que entre si julgão por mais conuenientes, & conformes as varias calidades, com que a natureza os criou, ou a arte os formou, porq̃ hũs saõ grãdes, & outros pequenos, hũs ricos, outros pobres, huns maritimos, outros pela terra dẽtro, hũs pacificos, outros inclinados a guerras, & com outras muitas calidades, segundo os sitios em que estão, de que dependem, como affirma Hipocrates, Platão, & outros muitos philosophos, os varios modos de gouernar, as compleixoens, & inclinações dos moradores, raiz, & principio de suas felicidades, & infortunios, & da facilidade, ou difficuldade cõ que se gouernão, & defendem, porque hũs saõ fortes, outros fracos, hũs colericos, outros moderados, hũs engenhosos, outros rudes, hũs quietos, outros amigos de discordias, o que a experiencia mostra euidentemẽte. Porque dos Scythas dizem os Historiadores, q̃ naturalmente saõ crueis, os Italianos, generosos, os Syros auarentos, os Franceses de engenho limitado, os de Asia luxuriosos, os Espanhoes soberbos, os Africanos pouco verdadeiros: segundo as quais circũstãcias, & calidades deuem ser gouernados de hũa, ou de outra maneira, & deuem vsar de diuersos meios para sua conseruação, porq̃ as leys q̃ em hũa parte serão vteis, em outra serão perjudiciais, & senão poderão praticar sẽ grande repugnãcia dos q̃ as deuẽ guardar, causa de maior difficuldade q̃ nesta materia considero, em q̃ os remedios que se apontarem deuẽ ser proporcionados ás cõdições dos que os deuem receber, tão varios entre si, porq̃ hũs obedecem a Reis, & senhores absolutos, outros a gouernadores, & Principes eleitos cõ poderes limitados, hũs se conseruão por força de armas, outros com a paz, & vnião dos estados vizinhos, hũs cõ comercios, & comunicação de nações estrangeiras, outros com não darem entrada por via algũa a homens estranhos; porem tratarei de apõtar aquelles remedios q̃ mais gerais forem, & por comũ parecer dos melhores estiuerẽ mais approuados, presupondo a variedade das cõdições humanas não menos ẽ respeito dos sitios, que dos tẽpos, a cujo imperio sogeitou Deos toda esta machina do mundo, & os fundamentos, & rezoens, que cada estado, & Republica tem

Hipocr. de acre. aquis, & locis.
Plato in Timæo.

tem para se gouernar, com hũas leys ou com outras de hum modo ou de outro, chama Aristoteles, & S. Thomas ordem, & prudencia politica, que he o fim a que se encaminhão todos estes discursos, que irei dispondo por conclusões vniuersais por se chegar mais aos limites da sciencia inimiga de particulares, pois he materia mui aueriguada, que não he de mais excellencia, nem de mais vtilidade o esforço, & exercicio militar, nem ainda as vitorias com elle acquiridas, que o conhecimento verdadeiro desta prudẽcia em que se funda a conserua ção, & felicidade dos tais estados.

Arist. lib. 3. polit. S. Thom 2. 2. q. 50. art. 4.

DISCVRSO II.

Qual gouerno seja mais politico, & approuado, o da Monarchia, ou da Aristocracia, ou Democracia.

HVMA das mais altercadas duuidas dos politicos he sobre os tres modos de gouerno: Monarchia Aristocracia, & Democracia, qual seja mais politico, & conforme a paz & felicidade da republica, & auendo tanta differença de hũ a outro, tem cada hum por si entendimẽtos mui graues, que como saõ humanos se perdem na mais seguida estrada, ou seja leuados da afeição, ou da rezão mal cõsiderada. Algũs se contentarão muito da Democracia, gouerno popular, pela igualdade cõ que todos participão da honra, & trabalho, gouernando em hum tempo seruindo em outro, sendo agora superiores os que ja forão subditos, á imitação dos Grous de que Cassiodoro trata, os quais igualmente vigião, seruem, & presidẽ, sendo seus voos de sorte, que o que he vltimo no lugar logo torna a ter o primeiro, não auendo superioridade, & mando permanente, mas hum seruiço liure, & proporcionado a sua defensaõ: & por esta via se euitão as tiranias dos Monarchas, a liberdade cõ que executão seu appetite á custa da hõra, fazẽda, & vida dos vassallos, dependentes de hũa so vontade absoluta, & sem freio, rezoens consideradas de algũas respublicas, em que o nome de Rey era tão odioso, que o não querião ouuir nomear, como forão os Athenienses no tempo de sua prosperidade, os Romanos, Lacedemonios, & outros tendo sabido por experiencia quão penoso era o jugo de hum Rey, & quão suaue a liberdade que se sustentaua em ser o poder, & mando comum a todos, porem tem grandes imperfeições este

Cassiod. lib. 9. variarum cap. 2.

gouerno

gouerno, porque o pouo he rude, furioso, ignorante, & incapaz de conselho, & com facilidade approua o que não entende, & reproua o que mais importa, gouernandose mais per apparencia que pela realidade, & sustancia das cousas. Plutarcho conta, que respondeo Lycurgo a hũ homem que lhe gabaua muito a Democracia, pergũtandolhe se folgaria elle que ouuesse em sua casa esse gouerno, & que todos mandassem nella: porque se hũa casa de pessoas limitadas padece confusaõ sendo o mando igual a todos, como sera possiuel poderse gouernar hũa republica composta de tanta diuersidade de gente mandando todos. Materia he sem duuida em que conformão quasi todos os politicos, ser este genero de gouerno o mais perjudicial, & mais cheio de inconuenientes. Outros houue, que considerando mais as circunstãcias do bõ gouerno querendo fugir a confusão do pouo, & a tirania dos Monarchas, se afeiçoarão á Aristocracia, que he o gouerno dos principais parecendolhes q̃ a deliberação dos negoceos importantes seria mais acertada, quando dependesse de algũs votos, porem claro está, & a experiencia o tem mostrado, que se nestes poucos estiuer o supremo poder muito maiores incõuientes resultarão delle, porque se hum sò principe he perjudicial pela ocasião que tẽ de vir a ser tirano, tẽdo a republica tres ou quatro tiranos, maior mal padecera, & mais irremediauel, porque com menos se satisfaz a cobiça, & sensualidade de hũ, que de muitos, & mais facilmẽte se persuade hum so ao bem que muitos, demaneira, que assi como a Democracia se reprouua por depender de muitos pela confusaõ que daqui se segue, assi a Aristocracia por depẽder de algũs pelo risco da tirania em que ordinariamente dão, de sorte que se em hum ha confusaõ, & desordem, em outro roubos, violencias, & desconcertos, & estes mui difficultosos de remediar, se os q̃ gouernão se cõformão èvnẽ para o mal, o q̃ não acontece poucas vezes. Algũs quiserão restringir mais este genero de gouerno, porem de sorte que não chegasse a ter nome de Monarchia, como forão os Athenienses, que ordenarão ouuesse dous Reis de geraçoens differentes cõ vinte & oito velhos que lhes assistissẽ, & cinco Ephoros officios eleitos cada anno, mas tão superiores, q̃ em muitos casos tinhão jurisdição sobre os mesmos Reis, & ao seu tribunal os mandauão chamar, como refere Plutarcho, & affirma Xenophonte q̃ os Ephoros quan-

Plut. in Lacon.

Plut. li. de prec.

quãdo estauão em seu tribunal senão leuantauão aos Reys. Algum tempo se gouernou Athenas com estes Reys tão subordinados aos vassallos, que so o nome tinhão de Reys: porem os inconueniẽtes forão tantos, que em breue tempo se vierão a persuadir não terem acertado no gouerno q̃ escolherão, & que não era possiuel auer entre muitos gouerno permanente, & vtil ao pouo. Donde Aristoteles, depois de ver, & considerar todos estes generos de gouerno, achou ser mais perfeito, & excellẽte a Monarchia que consiste em hũ so Principe soberano. Seneca reprẽde a Marco Bruto por matar a Iulio Cesar, dando por rezão, que o melhor estado da republica, he quando se gouerna por hum so Principe, o que teue principio em Iulio Cesar. O mesmo parecer teue Platão no liuro das suas Politicas. Heredoto depois de varios argumẽtos em fauor da Aristocracia, vem aueriguar por rezoens, & exemplos ser a Monarchia o principal gouerno. Os santos que desta materia tratarão, derão o primeiro lugar á Monarchia, como foi S. Thomas, S. Cypriano, S. Hieronimo, & outros muitos, & quando não fora tão conhecida a ventagem deste gouerno, bastaua vermos, que este foi o que

Arist. l. 8. Eth.

Senec. li. 2. de be benef.

Plat. in polit.

Heredo.

S. Thom 1. p. q. 103. art. 3. & li. 4. cõtra gẽtesc. 74

Deos ensinou ao mundo quãdo o criou, dandolhe hũa so cabeça a q̃ todos obedecessem. E esta diz S. Chrysostomo, que foi a razão, porque Deos não criou a Eua da terra como Adão, mas a tirou da costa do mesmo Adão, para que todo o genero humano dependesse de hum so homem, & lhe obedecessem todos, & nestá conformidade costumarão quasi todos os antigos gouernarse por Reys. No principio do mundo diz Iustino, estaua o gouerno dos homens em Principes, & Monarchas, & este costume se foi continuãdo pelo tempo adiante, o que testemunha Cicero, dizendo que todas as gentes antigas obedecião a Reys; & assi se pode ter por certo, & da sagrada Scriptura se collige que da criação do mundo atè o tempo dos Romanos se gouernou o mũdo todo por Reis, & ainda então, posto que auia differentes pareceres, & votos sobre o gouerno que escolherião, entre varias opiniões, & affeiçoens, diz Liuio, auia entre todos conformidade, & desejo de terem Rey, as vontades se inclinauão a differẽtes pessoas: porem o intento de se gouernarem por Rey entre todos era o mesmo, & se depois vierão a fazer outra cousa, não foi por se descõtentarẽ deste gouerno, mas

Cypria. in tract. de idolor. vanit.

Chrisost. hom. 34 in epist. ad Cor.

Iustin. lib. 1.

Cic. lib. 3. de legibus.

Liuius lib. 1.

mas do Principe, que o administraua, que muitas vezes pode mais o odio particular para naõ lançar mão do que conuẽ que o zelo do bem comum para escolher o melhor. Cornelio Tacito a quẽ todos os politicos daõ o primeiro lugar, tinha para si que não so era cousa cõuenciente, & conforme a rezão gouernarse hũ estado por hũa cabeça, mas ainda o julgaua por necessario precisamente; entre as discordias dos Cidadoens (diz elle) não ha outro remedio melhor que ser hum o que gouerne: porque entre muitos sempre ha varios pareceres, de que nacem diuersas opinioens & affeiçoens, & dellas discordias, & dissensoẽs, & estas não teraõ remedio se não houuer hũa cabeça, que as atalhe, & hũ principe a que obedeção. Daua esta mesma rezão Plutarcho fazendo menção de hũas dissẽsoens, que houue em Athenas em tempo que os Athenienses se gouernauaõ por Democracia, & he taõ forçosa esta rezaõ que basta para se julgar por mui perjudicial o gouerno differente da Monarchia õde falte hum Rey, & cabeça a que os vassallos obedeçaõ: se os Romanos a tiuerão não padeceram as gerras ciueis, que entre elles se continuaraõ sem se poderem atalhar por muito tempo; donde infero Cornelio Tacito que a paz, & prosperidade da Republica se deue esperar de hum so principe, & da falta delle grandes trabalhos, & desordens. A Scriptura diz, q̃ hũa das rezoens, & a principal que o valeroso Capitaõ Iudas Machabeo teue para cometer amizade aos Romanos, foi gouernarense entaõ por hũa sò cabeça, entendeo que era gente prudente, & politica à que tinha este gouerno, & que se cõseruariaõ com muita felicidade. Mais auante estaua neste parecer Alexandre Magno quando dizia, posto que fundado em sua ambição, que não sò em hũ estado, mas em o mundo todo diuia gouernar hum so Principe, ao q̃ parece quis aludir Platão quãdo disse, que era o Rey como hum Deos humano porque assi como ẽ os Ceos ha hũ sò Deos que os gouerna, assi na terra deue auer hũa so cabeça donde dependa o gouerno de toda ella.

Tacit. lib annal.

Plut.

Cornel. Tac. lib. Est.

Mach. 1.

Quint. Curs.

Platon.

DISCVRSO III.

Das causas legitimas, & politicas de possuir os estados.

INDA que o gouerno de Monarchia he o mais approuado tambẽ tem

tem seu fel: que nunca as rezoens destado são de tal maneira apuradas que possaõ calificar as acçoens dos Principes, & resistir a malicia com que tratão de de seus respeitos particulares sem quebrantar a sustancia do gouerno: nem se segue bem que sempre a Monarchia por ter da sua parte as regras gerais, proporcionadas ao bom gouerno produzira mais felices effeitos que a Aristocracia, ou Democracia, se não for ajudada do procedimento do Principe; antes acontece muitas vezes serem mais poderosos os accidentes, que a sustancia, & perualecerem as circunstancias, q̃ desautorizaõ a Monarchia cõtra todas as rezoens, que a acreditão. Monarcha foi el Rey Tarquino, porem ambicioso cruel, & tirano, & em fim lãçado do Reyno, quasi semelhãte a elle o Emperador Iuliano o qual cõprou o Imperio aos soldados com morte de seu antecessor Pertinaz, & assi como foi mal acquerido tambem mal logrado gouernando mui breue tẽpo com odio, & repugnancia dos que tratauão do bem comum, & vltimamente condenado Iuliano a morte pelo Senado, & nomeado Securo por seu sucessor: de sorte que contra a Magestade de hum tão grande Principe perualeceo a deliberação de alguns subditos, vnidos em vtilidade da Republica, & contra a excellencia da Monarchia o gouerno Aristocratico por ser então nos accidentes superior: donde se collige quão importante he ao gouerno, não sò que dependa de hum Monarcha, mas que este seja legitimo, assi em respeito dos meios com que possue o estado, como do modo com q̃ o gouerna; chamo legitimo nos meios o que o possue com justo titulo, & no modo o que o administra com justas leis: de hum, & outro tratarei neste discurso com a breuidade possiuel. De varias maneiras se justifica o titulo de Reynar, por herança, por compra, por sorte, por contrato, por guerras, por eleição, & por successaõ. Cousa he indubitauel, & mui conforme a rezão, & direito q̃ os Principes, & Monarchas, que com seu valor, & prudencia, industria, trabalho, ou boa fortuna acquiriraõ estados, possão dar o direito delles ainda a quem menos rezaõ tem para os esperar, assi o fez Attalo Rey de Pergamo que morrendo sem filhos deixou por herdeiro o pouo Romano, & Pharnaces Rey dos Parthos ainda que tinha muitos filhos respeitando mais ao bem comum dos vassallos que ao interesse de

Lu. Florus l. 1. rerum Romanorum.

Herodian. lib. 2 & Zozimas in 1. Dion. & Xiphilinus.

Appianus lib. de bellis mithridates.

Iustinus lib. 36.

de seus proprios filhos, deixou o Reyno a seu irmão Mithridates por ser pessoa de grande virtude, & valor; & Augusto Cesar nomeou em seu testamẽto a Tiberio por Emperador Romano: & posto que as duuidas foraõ muitas sobre ser vaglioso naquelle caso o testamento, em fim se veiò a comprir, & ser obedecido Tiberio por Emperador. Tãbem a compra da justo titulo se o tem quem fez a venda; não quando se faz aos particulares, como foi Iuliano que comprou a hum a liberdade de muitos. Ser senhor de hũ Reino pelo quererem alguns vassallos interessados, não he justo titulo de Reynar, ordinario si: & este genero de compra se vsa, quãdo o que compra he tirano, & os que vendem traidores: porque nem o principe pode comprar a poucos, nem os poucos vender a liberdade de todos, posto que tenha acontecido diuersas vezes; donde auisadamente disse Philipe Rey de Macedonia, que não auia melhor meio de acquirir hũa cidade que hũa carga de ouro: porque peitandose a alguns se alcança o sonhorio de todos. Outras vezes se acquire o direito do Reyno por sortes, & posto que este genero de eleiçaõ não he mui approuado, porque as sortes (conforme diz Philo) tẽ mais respeito a fortuna que ao valor: & não vemos que os melhor afortunados sejão os mais prudentes; cõ tudo algũas vezes aconteceo, não somente ser justo o titulo de Reinar possuido por sorte mas ser feliceo gouerno. Tradiçaõ he dos Hebreos que por sortes destribuia Noe o mundo por seus filhos, dando a cada hum sua parte: donde começaraõ as tres principais partes em que o mundo se diuide. De Atio Rey dos Meonios se diz que tendo dous filhos Lydo, & Turreno, desejando repartir entre ambos o Reyno, & vendo não ser capaz de dous, lançou sortes, & cõforme a ellas o deu a Lydo. Por sortes foi Saul eleito Rey de Israel: porque ainda que antes estaua nomeado pelo Profeta Samuel, quis o Profeta Sãto mostrar ao pouo quaõ acertada, & conforme a võtade de Deos era a eleição, pois as sortes lhe dauaõ o Reyno. Plutarcho conta que faltando adescẽdencia dos Heradidas, de cuja familia os Argiuos tinhaõ Rey, determinaraõ consultar o oraculo, & por reposta sua entenderão, que hũa Aguia lhes auia de mostrar o Rey que auiaõ de ter: & dahi a poucos dias viraõ que voando hũa se abaixara, & pusera sobre a casa de Egon, pelo que o fizeraõ Rey. Outro gene-

Iustinus. extrogo. lib. 41.

Cornel. Tacit. lib 1. annal & Suetonius.

Tranquilo in Tiberio. c. 24. & August 101.

Phil. li. de creat principis.

Petr. Greg. Tolosanus de rep. l. 7. c. 14.

Myrsilius Lesbius lib. de bella Pelasgico.

Plut. orat. 2. de fortitudine Alexandri.

genero de Reynar consiste no contrato, & dote de casamẽto. O primeiro Rey de Portugal Dom Afonso Henriquez recebeo em dote com sua molher Dona Teresa filha delRey de Castella as terras de Portugal, que depois propagou com seu valor alcançando o titulo real: & elRey Dom Afonso recebeo o Reyno dos Algarues em dote com sua molher Dona Britis filha delRey Dom Afonso decimo de Castella: & Eduardo filho delRey Henrique terceiro de Inglaterra casando com Dona Leanor irmã delRey Dõ Afonso de Castella recebeò com ella em dote o Principado de Vuallia, donde agora o filho maior delRey de Inglaterra se chama Principe de Vuallia & por esta via se vniraõ muitos Reynos, que hoie pacificamente se possuem. Tãbem as armas dão justo titulo aos Reys, porque ainda que estas se exercitão com violencia das terras que se acquirem, a causa as faz justas. Lançaraõ os Israelitas da maior parte de Palestina seus moradores idolatras mui justamente, como cõsta de toda a historia do liuro dos Iuizes: a mesma justiça teue Nabucho donosor para depois se senhorear do mesmo Reyno, permitindoo assi Deos em castigo, & vingança da idolatria do pouo Israelitico. Iusto titulo tiueraõ os Christaõs no Reyno de Herusalem que tomaraõ aos Mouros: & Carlos Magno nas terras que tomou aos Emperadores Arrianos: & com a mesma justiça possuem os Reys Catholicos as terras q̃ tomaraõ aos Mouros. Petro Gregorio Tolosano tem por causa justa, que o vencido sirua ao vencedor, & que o inferior seja sogeito ao mais poderoso, allegando por exemplo os regulos particulares que auia em França, os quais vieraõ a estar sogeitos ao Imperio de hum sò Rey como foi o Reyno de Tolosa, de Leaõ, de Burges, & outros que hoie estaõ repartidos em Ducados, Cõdados, & Marquesados: como tambem Clodoueo na batalha que deu junto de Tolbiaco, tirou todos os Reys particulares de Alemanha, ficando toda ella sogeita a hum so Principe, como conta Bento Renano: porem entẽdese isto, quando os motiuos da guerra foraõ bastantes para justamente a fazer, ainda que os tais Reys naõ fossem inimigos da Fè; porque ainda que o direito dos Reynos esteja nas armas, naõ he para que ellas o dẽ á parte mais poderosa, mas para que quem o tem escuse aueriguar por outros meios sua justiça: que demanda de tanto porte

Polidor Virg. l. 16. histo Angliæ.

Petrus Greg. Tolosan. in sintag iuris va rucis lib 18. c. 2

porte como he hum Reyno, so por armas se detremina. Consiste outro titulo na eleição dos vassallos, oqual não so he mais legitimo por ser o que primeiro deu o poder, & ser aos Reis, mas tambem mais politico por ser mais proporcionado a liberdade dos vassallos, cuja obediẽcia tanto mais vtil he, quanto mais liu re, & depẽdẽte de mais suaues meios. Os Romanos de eleição vsarão muito tempo, achando ser este o modo mais legitimo, & conforme ao fim, que desejauão de ser o Principe, a que obedecessem por suas partes digno de presidir, & mandar aos mais: & ainda, que por morte de Romulo se interrompeo este costume por bandos que houue, vierão com tudo a eleger Numa, & outros Reys, q̃ ate Tarquinio soberbo gouernarão, eleitos pelo pouo com authoridade do Senado, como Romulo por lei o tinha determinado. Destas eleiçoens hũas são absolutas, & dependentes somente da vontade dos eleitores, como a dos Romanos, outras coarctadas, como erão os Archiduques de Corintho que não podião ser eleitos se não de lauradores, & esta eleição coarctada auia entre os Israelitas os quais não podiaõ eleger por Principe, & gouernador se não os seus naturaes como consta do Deutoronomio: & desta calidade querem alguns, que seja neste tempo a eleição do Imperio Romano, dizendo ser forçado, que o Emperador seja Alemão, ou Frances. Outra eleição ha limitada acerto tempo, como era ados Thebanos, que elegião os seus gouernadores a que chamauão Duques limitandolhes o tempo que hauião de gouernar, com pena de morte: de maneira, que se querião gouernar mais os matauão. Os Carthaginenses cada anno elegião dous Reys, & desta maneira se gouernarão muito tempo, chegando quasi todos a alcançar o titulo, & preeminencia Real, que pelo menos serueria de desenganar a muitos desejosos de gouernar: porque os bens possuidos mostrão o pouco, que importão principalmente quando são acompanhados de tantos encargos. Muito fauorece Plinio a eleição em respeito da necessidade, que os vassallos tem de obedecerem com gosto ao Principe, que elles proprios elegeraõ, nẽ Cornelio Tacito se descõtẽta desta opinião, parecendolhe, que o caminho mais seguro de acertar em hũ

Deut. c. 1. & 7

Cregor. Tolos. de reg. li. 7. cap. 15

Liuius. lib. 1.

Pius Papa in Scrip. Europæ

Plin.

Corn. Tacit. 1. hist.

Principe de valor he ser escolhido por todos: & esta foi acausa (diz Abul.) porq̃ Gedeão naõ quis aceitar o titulo de Rey, q̃ o pouo lhe offerecia para si, & seus descẽdẽtes entẽdendo q̃ se o escolhiaõ pelo talento que tinha mostrado no gouerno, podiaõ seus filhos naõ ser taõ capazes, & por esta razaõ respondeo ao pouo que naõ queria tiuesse por Rey a hũ homẽ, mas a Deos que he o que custuma assistir nas eleiçoẽs, que por seu mandado se fazẽ. E se ouuermos de fazer argumento do gouerno da Igreja Catholica ordenado pelo Spirito Santo, & continuado por discurso de tãtos annos sẽ fim, pois o naõ tera se naõ com o mesmo mũdo, veremos todos os Principes, q̃ gouernaõ esta grande Monarchia, serem eleitos por votos sẽ resultarem inconuenientes, antes em vtilidade do gouerno, pois lhes assistem por esta via os mais prudentes, & capazes para o gouerno, posto que algũas vezes se experimentassem alguns mais perjudiciaes em respeito das almas, que do gouerno politico ẽ que obraraõ mais os peccados, que o modo de gouerno: & suposto este exemplo, & os mais a que responderei no discurso seguinte, naõ se deue julgar a eleiçaõ pelo gouerno mais politico, & cõforme a felicidade, & paz dos estados, posto q̃ se possa ter mais legitimo, por se conseruar nelle auontade, & liberdade dos vassallos, que foi a que deu os Reynos, & poder aos Principes: pelo que conuem tratar da successão, que he o vltimo titulo com que legitimamente se possuẽ os estados mostrando quanta ventagem leuão a todo outro genero de gouerno.

Abul. iudic. 8. quæst. 20.

DISCVRSO IIII.

Continuase a mesma materia, tratando da successão, gouerno mais politico, & approuado.

EM visto os varios titulos com q̃ legitimamente se possuẽ os estados, falta o que consiste na sucessão, q̃ reseruei para este lugar por ser o q̃ na opinião dos homens mais contradição tem, a cuja imaginação cõuẽ responder ẽ particular discurso. Tẽ muitos para si ser mais excellente o gouerno da eleição, de que tenho tratado, porq̃ ficão os vassallos com o poder & liberdade de fazerem hum Rey da sua mão, cousa mui natural aos homens, que quando não podem fugir de ter superiores, querem, que esses sejão feituras suas, pensamento em q̃ tiuerão occasião todas as idolatrias

trias dos judeos, cuja soberba mal sofrida queria mais ter por Deos hũa pedra aquẽ elles fizessẽ Deos,& dessẽ todo o poder q̃ tinha, q̃ ao verdadeiro Deos dequẽ elles recebião infinitas merces: não cõsiderãdo, q̃ a excellencia,& grãdeza de Deos, q̃ elles desprezauão, se ẽpregaua ẽ os honrar,& defẽder, & a sogeição,& humildade dessa pedra a q̃ dauão adiũdade, seruia de lhes q̃brar as cabeças. Mui honrada cousa he ter feituras poderosas, quãto mais Reis: porẽ ẽganãose os q̃ cuidão q̃ seria o gouerno da Repubublica mais florẽte, se fossẽ Reys aquelles q̃ elles podião ẽ seu voto eleger, & q̃ teriaõ melhor sucesso suas pretẽsoẽs, porq̃ nẽ ella poderia florecer oprimida cõ as insolẽcias dos q̃ se cõsiderassẽ cõ o poder de fazer Reys, nẽ elles se poderiaõ julgar por mais felices, quãdo os Reys tiuessẽ brio para antepor as obrigaçoẽs de seu officio as q̃ se cõsiderão como particulares, alem do q̃ a experiencia tem mostrado, quão facilmente se volta com o poder a condição,& cõ a Magestade o conhecimento,& lembrança de todas as rezoens passadas; q̃ o estado independente (diz Seneca) larga as redeas a todas as inclinaçoens,& paixoens para não darem por freio, nem fazerem caso de respeitos alguns. Depois que Alexandre Magno se vio Monarcha da Persia, sendo os Macedonios os que com seu valor,& trabalho lhe grangearão a honra,& poder, que tinha,& costumando por esta causa a fazerlhes fauores,& merces extraordinarias, tanto que se vio independẽte delles,& em estado de os poder escusar, assi se esqueceo da obrigaçaõ, que lhes tinha, que sò aos Persas fazia merces, & occupaua nos cargos graues de importancia. Não lembraõ obrigaçoẽs, nem circunstancias passadas, quando estas podem seruir de freio, se naõ vejase o esquecimento, que Saul teue de seus principios, que antes de Rey publicaua, achandose incapaz da Coroa real,& o procedimento, que depois teue de sobedecendo ao mesmo Deos, que o elegeo por Rey. Quem maiores esperanças deu em seus principios de hum felice gouerno que o Emperador Nero, aquem imitou seu successor Othon taõ pio no principio, que entrou no Imperio restituindo quãto seus antecessores tinhaõ roubado, porem breuemente se desenfreou ẽ vicios de sorte, q̃ duuidaõ muitos se deue chamarse Emperador, principalmẽte S. Isodoro,& Beda, porq̃ de tal maneira procedeu q̃ mais se deue chamar tirano, & monstro

Seneca in epist.

Dion lib 58. hist.

Idem lib 59.

Idem l. 60.

ſtro que Principe. Se cõſiderar mos o procedimẽto de quaſi to dos os mais Emperadores Romanos eleitos de homẽs particulares, acharemos q̃ foraõ che ios de mil mõſtruoſidades; porq̃ Tiberio Ceſar foi cruel cõ exceſſo; Caio Caligula prodigo, luxurioſo, adultero cuja crueldade a ſeu propio pai naõ perdoou, & cuja ſẽſualidade a ſuas propias irmans deſautorizou; Claudio Ceſar vicioſo de ſorte q̃ naõ ſe podẽ nomear os inormes vicios que cometia; Galba taõ cobicoſo, q̃ ſeus proprios ſoldados o auorreceraõ por aua rẽto; a uida de Vitellio naõ foi mais q̃ hũ pagode de comer, & beber, & por iſto foi morto pelos ſeus; Domiciano ẽganador cruel, & inceſtuoſo; Sardanapalo nas dilicias, & vicios abominaueis infamia, & deshonra dos Principes, & quaſi todos os mais Emperadores foraõ nos vicios taõ abominaueis, q̃ quando os elegeraõ por vicioſos naõ ſe poderaõ achar outros peores: & decrer he q̃ naõ ſeriaõ aſſi ẽ ſeu principio, mas como naõ foraõ criados para Monarchas ſabiaõ encobrir ſua maldade, & diſſimular ſeus vicios em quanto naõ alcançauaõ o Imperio, & deſconhecendoſe em tanta mageſtade, entendiaõ, q̃ o meſmo era chegar a ſer Emperador q̃ vſar da liberdade do appetite a ſua vontade. Se ouuermos de fazer mençaõ dos perigos, & deſordens, q̃ ſempre reſultarão de eleiçoens, não tẽ limite, porq̃ as mortes, & diſſenſoens, os leuantamentos, & roubos todos nacião da eleição, & em quãto auia quẽ pudeſſe terbrio para ſer eleito por Rey, ou poder, & fauor do pouo para eſperar o cetro, nẽ a vida dos Reys, nẽ a dos melhores eſtaua ſegura. Depois q̃ os mouros cõ o Cõde D. Iulião Senhorearão a Eſpanha, & Muça, & Tarif paſſarão a Africa, ficou por Rey de Heſpanha Belazẽ filho de Muça o qual ẽ breue tẽpo foi morto pelos meſmos mouros, & depois delle Reinarão 14. Reis ẽ menos de 15. annos ſẽdo todos mortos por ordẽ daquelles, que pretendião ſer eleitos no Reyno: o vltimo deſtes q̃ foi Acabat, vendo o perigo q̃ ſua vida corria ſẽdo Rey, & q̃ o meſmo era receber a coroa Real, q̃ diſporſe para morrer, determinou de ſe ſegurar, & ãtes de ſe ſairẽ do paço Real os q̃ o tinhão eleito, os mãdou ir cada hũ por ſi a huã camara onde os matou todos, q̃ forão mais de duzẽtos, & ẽ reſolução a todos os que tinhão entendimento brio, & valor: ficãdoſe cõ o pouo tão ariſcado como ãtes; q̃ as melhores armas de hũ Rey ſão os nobres, quãdo os reſpeitos particulares

Xiphil. ex Dion in Galba idem in Vitellio Idem in Domitiano.

Valer. na hiſt. ſcolaſt. l. 5. tit. 3. cap. 5.

res lhe não peruerte a fidelidáde natural ẽ peitos generosos. Se cõsiderarmos o perigo ẽ q viuião os Emperadores Romanos aquẽ o exercito elegia, acharemos q̃ quasi todos breuemẽte forão mortos por mão, ou ordẽ de quẽ tinha cabedal para grãgear o fauor do pouo, & os q̃ escapauão viuião ẽ grande aflicção, & risco da vida, & posto q̃ a eleição naquelle tẽpo era pela maior parte tumultuária, & chea de cõfusão, de q̃ nacia a maior parte das desordẽs q̃ della resultauão, não foi assi ao principio, & essa mesma cõfusão tumultos, & desordẽs fo tão effeito de tal eleição, q̃ costuma trazer semelhantes incõuinientes, porq̃ o desejo de mãdar a todos vẽçe, & o mal he q̃ quanto hũ homẽ mais incapaz he, & menos talento tem, mais se persuade q̃ pode gouernar o mũdo todo, & como todos este jão sogeitos a esta fraqueza he mui arriscada a eleição pois da esperança a todos de cuidarẽ podẽ ser eleitos: daqui nacião casos crueis, & inhumanos bastãte qualquer delles para se abominar este genero de gouerno. Entra Plaucio ẽ pẽsamẽtos de se ter por capaz do imperio & por lhe parecer q̃ por morte do Emperador Septimio Seuero podia ter lugar sua pretẽsão se resolueo ẽ matar o Emperador de quẽ tinha recebido tantas merces, q̃ de homẽ particular o fizera o mais rico, & poderoso de todo o Imperio Romano. Não se lẽbrou Phelippe da fidelidade, q̃ deuia ao Emperador Gordiano para deixar de o matar á cõta da esperança, q̃ tinha cõcebido de q̃ podia ser eleito Emperador, & por este caminho forão a maior parte dos Emperadores Romanos: & hoie vemos claramẽte as guerras, & trabalhos, q̃ resultão da eleição do Imperio, estãdo reduzida aos melhores termos q̃ he possiuel para cesarẽ duuidas porẽ ẽ quãto a raiz dura sẽpre hade brotar. Daqui veio aresoluerse Corn. Tacit. ser muito melhor gouerno, mais pacifico, & menos sogeito á desordẽs aceitar hũ Principe herdeiro, q̃ eleger, & buscar entre tantos hũ por eleiçaõ: isto mesmo disse ẽ outro lugar, ser a successaõ do Principe o melhor genero de gouerno, para refrear os pretẽdẽtes ãbiciosos, e q̃ á cõta de effeituarẽ seu desejo, & appetite, cometẽ insultos, e desordẽs increiueis. Outra vtilidade ha na successaõ dos Principes, que liura os estados de hum grande inconueniente nacido da eleiçam; o qual he a mudança das Monarchias causa de sua destruiçam; porque o natural desejo de fauorecer a pa-

Tacit. 2 hist.

Hist. imper. na vida de Sept. seuer.

a patria, & manifestar nella o poder: & magestade obriga aos Principes mudarem as Monarchias para as prouincias, & Reynos em que se criarão, como a conteceo a Arbaces q̃ mudou a Monarchia dos Assirios para os Medos; depois vejo Siro cõquistando toda Asia, & todo o riẽte mudou a Monarchia dos Medos para os Persas dõde elle era Rey; & Alexandre Magno mudou á Monarchia dos Persas para os Macedonios, por elle ser natural de Macedonia: donde os Athenienses em que o gouerno politico mais apurado estaua, ordenarão por ley q̃ nenhum estrangeiro morase jũto aos naturais, para que aconuersação os não fosse admitindo ao gouerno da Republica: tanto se receauão destas mudãças destruidoras dos estados. Não he de menos consideração a facilidade com q̃ os Principes desbaratão as rendas, & thesouros reais, & publicos quãdo tem por certo, q̃ seus filhos as não hão de possuir, inconuiniente não so de grande perjuizo, se se considerarem quantos Reynos se perderão por falta do dinheiro necessario ao pagamẽto dos soldados, & ao prouimento das armas, & muniçoens, mas tambem irremediauel por ter contra si o appetite, & desordenado desejo dos Principes, que como não tem fim não ha cousa que lhe baste, & so lhe pode resistir o natural amor com que os pais tratão do proueito, & acrecentamento dos filhos. A criação do Principe como a diante mostrarei, he o fundamento sobre que se edifica todo o procedimento da vida, porque o brio, & generosidade, então se aprende, o amor dos vasallos então se grangea, & os vicios perjudiciaes a autoridade, & officio real entam se atalhão, depois de mais idade sabense desimular, & encobrir, & então brotão quando os vasallos naõ tem mais remedio, que o sofrimento. Por estas rezoens costumarão as mais politicas, & bem gouernadas respublicas admitir, & aprouar â successão dos Principes como forão os Assirios cuja Monarchia foi a primeira que no mũdo ouue depois do deluuio vniuersal, os Macedonios no tempo que na policia, & gouerno leuauão ventagem a todas as mais naçoens conforme escreue Iustino, & Laercio, & o mesmo se vsaua entre os Persas depois de se passarem aos Parthos por lhes parecer que este era o melhor modo de gouerno cõ que podião perpetuar sua Monarchia, os Turcos, os Franceses, os Hespanhoes, os Indios os Africanos, os Tartaros, & outras

Iust. in l.

Iustin. l. 15. strab. 6. lib. 15.

Amon. lib. 4. de gestis. Franc. c

tras muitas naçoens per succes
são se gouernarão muitos secu
los. Os Egipcios per descurso
Ioseph. l. de muitos annos se gouernarão
18. ant com Reis da mesma geração,
quitat. c & se Gedeão Capitão do pouo
3. Hebreo aceitara o Reyno pa-
ra si e para seus filhos, atalhan
do por esta via ao costume da
eleição, não viera á soccederlhe em sua casa Abimelech filho bastardo tẽdo setenta legitimos, a q̃ o mesmo Abimelech matou parecẽdolhe que qualquer delles tinha mais rezões para ser eleito, & so Ioatha escapou da morte; tão poderosa he a ambição quando selhe offerece occasião de seu interesse, não ha leis de irmandade, nẽ de obrigação, que a refree, principalmente em pretençoẽs de Reyno, cujo remedio so cõsiste na successão não que seja o total meio de atalhar as desordens, mas o melhor, & mais approuado pela experiencia, nẽ tenho contra esta opinião gouernarse a Igreja Romana por Pontifices eleitos, porque alẽ de asistir o Spirito Santo na tal eleição, ha muitas rezoens que impossibilitão a successão, porque o Summo Pontifice deue ser Sacerdote estremado em letras, & Santidade, pois he cabeça desta Monarchia Ecclesiastica, & diuina, & deue não so gouernar com a prudencia, & letras, mas com a Santidade, & exemplo.

DISCVRSO V.

Se he mais perfeito o gouerno dos homens, & se as molheres tem natural incapacidade para gouernar.

MVI varios são os pareceres dos politicos sobre o gouerno das molheres, porq̃ hũs otem por justo, legitimo, & prudente, outros por perjudicial, improprio, & errado, & todos, tem por si bastantes rezoens, & exemplos para terem desculpa em sua opinião, das quaes breuemente farei menção, porque ainda que este discurso pedia mais largo termo, não conuem que se gaste nelle mais tẽpo que nos mais, a conta da variedade de pareceres, pois o fim delle, seja por hũa, ou por outra parte, resulta em mais curiosidade, que vtilidade, porq̃ onde o direito da sucessão assiste as molheres, de pouco perjuizo lhes he serem menos capaces, que os hõmens. Entre os mais prudentes se teue por melhor a opinião dos que as inabilitauão pera o gouerno, o primeiro fundamento he que quãdo Deos principiou esta Mo-

narchia do mũdo lhe deu por Principe,& cabeça a hum homem,& sendo a molher igual na nobreza,ficou inferior em respeito do gouerno,& sogeita ao homem,& nesta conformidade julgou S.Paulo por cousa necessaria,que a molher obedecesse sempre,& nunca mandasse,tendo por certo que sendo criada por Deos para obedecer,lhe não deu talento de gouernar,& se considerarmos aquella Monarchia dos Iudeos,em que Deos assistia,& cujo gouerno particularmẽte dependia delle,pelo cuidado cõ que amparaua, & honraua aquelle pouo,acharemos q̃ nunca admitio ao gouerno molher nem a ouue,se não foi Athalia que tiranicamente gouernou alguns annos,matando toda a geração Real,& posto que Debora fez officio de Iuiz, & profetiza,foi em respeito de Deos mostrar a seus enimigos qual era seu poder,que por meio de hũa molher os podia destruir como fez.E na terceira Monarchia da Igreja Catholica q̃ o mesmo Deos instituio,não fez menção de molheres,nẽ dellas se trata para nenhũ genero de ministerio,o que podia bastar para regra do gouerno q̃ os homens deuem ter,pois Deos he o que somente sabe perfeitamente dispor as cousas segundo a natureza, & necessidade dellas. Aristoteles em varios lugares reproua o gouerno das molheres cuja natureza fraca,& acanhada,falta de animo & de forças so foi ordenada para criação,& alimento dos filhos,não para gouerno do mũdo,pela qual rezão reproua o mesmo Aristoteles a republica dos Lacedemonios por admittirem molheres a gouernar. A primeira,& mais necessaria parte de hum Principe he a prudẽcia;Salamão diz,que toda a molher he ignorante,o que escusa muitas prouas,porque quem se não quiser conformar com quem tanto conhecimento tinha dellas,em sua propria casa achara bastantes exemplos, se os quiser ver sem paixão. A clemencia,& piedade,diz o Spirito Santo he a que sustenta o trono real. O mais cruel bicho de quantos á natureza criou he a molher,não respeita as leis de sociedade,parẽtesco,& criação, obseruadas dos animais brutos;mata Simiramis seu marido por engano, & traição a conta de ficar gouernando; & Tulia filha delRey Seruio Iulio a seu propio pai mandou matar incitando a isso seu marido pela ambição de vir a ser Rainha,& com tanta crueldade que achando seu pai morto no meio da praça por õde passaua

2.ad Timoth.

Iudic.4.

Arist.l.9.hist.animal.c.1

Arist.l.2.polit.

Eccles.7.

LIBRARY

saua em seu coche mandou ao cocheiro, que fosse por diante ensangoentando as rodas delle com o sangue de quem lhe deu o ser; duuido muito se acõteceo semelhante caso a homẽ algum, nem se persuadio Solon a que tal podia acontecer: porque fazendo leis aos Atheniẽses, & não falando nellas em pé na algũa para quẽ matasse seu pai, preguntado a rezão, respondeo, que tinha por impossiuel acontecer tal caso pela força cõ q̃ o amor natural nos inclina a amar os pais. A constancia, & inteireza na administração da justiça, he de tanta importãcia no principe que sem ella não ha gouerno, nem o pode auer. As molheres são tão varias, & inconstantes, que diz Aristoteles ser hatureza sua não terem stabilidade algũa, & por esta rezão são mais facilmente enganadas, porque a mesma variedade natural as inclina a hũa, & outra cousa sem respeito ao que a mesma rezão ensina, mas ao q̃ a paixão natural lhes persuade, & com a mesma facilidade amão, & auorrecem sem fũdamento, leuadas de qualquer apparencia; donde os antigos Legisladores ordenarão q̃ fossem incapazes de propor accusaçoens, porque era mui prouauel, que o fizessẽ leuadas do odio ou amor, que cegamente, & com pouca informação, & rezão concebem. O segredo he tão importante para o gouerno que sem elle he impossiuel gouernar hum estado, as molheres tem tão pouco q̃ dizia Marco Catão não ter dito segredo a algũa molher, de que se não arrependesse; porque achaua que o mesmo era darlhe conta de hum negocio, que publicalo, & polo na praça; & em resolução todas as imperfeiçoens se achão nellas, porque procedem da mesma imperfeição. Alberto Magno diz, que a natureza particular sempre pretẽde fazer o que he mais perfeito, porem da corrupção de algũ principio natural, ou disigualdade da materia, procede a molher contra seu intento, que he fazer homem, obra perfeita, & conforme a mesma natureza: daqui tomou fundamẽto o poeta Menandro para dizer, que não deu a natureza imperio a molher, pois o seu intento não foi criala, mas ao homẽ; & quãdo as cousas andarem tão fora de seu exo, que hũa molher viua tenha o imperio vniuersal de toda a terra, conforme o oraculo da Sybilla então se acabara o mundo; & cõ rezão se poẽ este por hum dos sinaes mais certos do fim do mundo para que naturalmente expire como aquem ja falta o calor natural

Arist. l. 8. de animalibus.

Petr. Greg. Tolos. Syntagm Iuris vniuersi lib. 32. cap. 13.

Plut. in Caton.

Albert. Mag. in post. cap. 213.

Et in 2 phy. tracta. 1. cap. 5

Petr. Greg. de Rep. lib. 1. c. 11.

tural,& vigor que a perfeição do gouerno cuſtuma dar por meio dos homens. Outros tiuerão por legitimo, & perfeito o gouerno das molheres, fundados não menos em rezoens naturaes, que em ſuceſſos, & exẽplos, dizendo, que fora criada a primeira molher para companheira de ſeu marido, por cuja cauſa a tirou Deos do meio do corpo de Adão, naõ de outra parte inferior menos nobre, pela igualdade, que entre ambos deuia auer em tudo: & da eſcritura Sagrada conſta que á ambos juntos foi dado o poder ſobre toda a terra, & ſe depois ſe diſſe a Eua, que ſeu marido teria poder, & mando nella, naõ tratou Deos neſte lugar do poder legal, mas natural com que as molheres deuem obedecer a ſeus maridos, os filhos a ſeus pais, & os irmãos aos mais velhos, entre os quaes não deu a natureza ſuperioridade algũa, que tenha força de lei, mas de reſpeito: porque hum igual não tem jurisdição ſobre outro, & a rezão de obediencia de hũs, & imperio de outros, diz S. Paulo foi ordem diuina neceſſaria á conſeruaçam do mundo, & não lei dada pela natureza, fundada em alguã ventagem dos homens: moſtraſe iſto mais, que as almas dos homens, & molheres de que dependem as acçoens com que gouernão, ou obedecem não ſão de differentes generos antes iguaes nas perfeiçoens, & excellencias. A rezão de ſe continuar a Monarchia dos judeos em homẽs, por ordem diuina foi: porque conforme a promeſſa, que Deos tinha feito a Dauid, que o Meſſias naceria de ſua geração, foi neceſſario, que ſenão confundiſſe a deſcendencia Real por caſamentos, com que ſe viria a extinguir a ſucceſſão de Dauid na memoria dos homens: mas que ſe continuaſſe em varoens para maior diſtinção das profecias, & menos eſcuſa dos, que ſe quiſeſſem apartar da verdade infaliuel de Deos, & teſtemunho dos Profetas, não porque as molheres foſſẽ julgadas por incapazes do gouerno, nem ſe collige tal das eſcrituras. E na vltima Monarchia qual he a da Igreja Catholica ordenada por Deos a limitou a certos homens, que aſſiſtiſſem ao gouerno eſpiritual, & cura das almas, poſto que tirou as molheres deſte officio, tambem tirou os leigos em que entrão os Emperadores, & Monarchas aquem não tolheo gouernarem, & mãdarem a republica. As imperfeiçoens que alguns conſiderarão nas molheres de imprudencia, crueldade, inconſtancia, & falta de ſegredo, não ſão vicios tãto

Petr. Greg. de Rep. lib. 7. c. 11.

Ad Roman. cap 13.

to seus,que faltem nos homẽs, huns,& outros participão delles,como tambem das excellẽcias,& perfeiçoens: & quando queiramos discorrer por exemplos,em que a verdade mais claramente se vè, acharemos que no valor,na prudencia,& mais partes necessarias ao gouerno de hũa republica não tẽ as molheres menos lugar,que os homens,antes em diuersas occasioens mostrarão muita ventagem:viose isto na marauilhosa vitoria que a donzella Marula natural da Ilha Metilene alcãcou dos turcos,os quaes tendo cercado sua patria,& os moradores quasi entregues por sua fraqueza,& pouco animo, ella se armou,& disfarçada se foi contra os inimigos, rogãdo aos que prestauão para soldados,q̃ a seguissem,& dandolhes tal animo que matarão muitos turcos,& os mais puserão em fugida,ficando vencedores pelo animo,de Marula,que depois conhecerão ser donzella natural da mesma Ilha, & mui digna de que seja referida para honra das molheres em occasião,q̃ se trata de seu valor, & prudencia.Hum dos poderosos Emperadores,que o imperio Romano teue foi Aureliano,nunca o seu exercito de que elle propio era capitão teue mais que fazer que quando quis pelejar contra Zenobia,que sẽdo molher, era tão valerosa,q̃ esteue o Emperador mui arriscado,& a batalha mui duuidosa pelo animo,& valor de Zenobia,a que os historiadores não dão menos lugar,que a Anibal.Quem com mais rezão se deue trazer neste lugar,que a ualerosa Vodicia filha de hum Rey de Escocia chamado Aruirogo,aqual sendo moça de pouca idade teue pensamentos de vingar as injurias,q̃ os Romanos tinhão feito aos Escocesses: & saindo huã noite das Ilhas do mar cõ numero de homens,& molheres cometeu o exercito Romano,de que era capitão Pitilio, & o desbaratou com morte de infinitos soldados.Não fez menos a Pastora Poncela natural de França,que vendo a Carlos septimo mui afligido cõ o cerco que lhe tinha posto o Duque de Borgonha,& os Ingreses,que o ajudauão,ja senhores da melhor parte de França, & o Rey quasi expulso do Reyno, tomou a sua conta remedear sua patria,& com licença do angustiado Rey,que de qualquer remedio como vltimo lançaua mão,se armou,& feita capitão, general obedecida do exercito,de tal maneira se houue,que os inimigos leuantarão o cerco:& não contente com isto os seguio,& encõtrandose com el

Pius Papa. 2. in Epist. familiari 69.

les

les os desbaratou, mandãdo fazer ẽ postas tres mil homens, ficando o Rey, & Reyno liure por meio desta donzella, cujo valor pudera bastar para credito das molheres, escusando todos os mais exemplos, que para os relatar sera necessario fazer menção de todas as historias ãtigas em que se achaõ infinitas excellencias de molheres. Com muita rezão diz Seneca, que o valor se não da menos nellas, que nos homens, cõ quẽ conforma Cornelio Tacito q̃ delle faz menção apontando as muitas Rainhas, q̃ houue prudentes valerosas, & mais applicadas a cuidados varonis, que auicios affeminados, nẽ so Rainhas aquem a natureza parece que costuma comunicar maior brio, molheres particulares houue de tanto valor, que naquelles jogos Romanos, em que os homens brigauaõ com bestas feras, se achauão muitas, que cõ igual animo, & esforço faziam o mesmo. Por estas rezoẽs houue algũas naçoens tão obedientes ao gouerno das molheres que as tinhão por diuinas: destes forão os Germanos como refere Cornelio Tacito, entre os quaes era tido em grande veneração o conselho das molheres: & os Britanos não so se gouernauão por ellas na administração da republica, mas ainda na guerra os capitaens, a que os soldados obedecião erão molheres: os Lacedemonios as costumauão admittir a seus conselhos, assi de paz como de guerra, & as tomauão por companheiras para as execuçoens de negocios mui importantes: os Celtas, & Franceses não so admittião a seus conselhos molheres, mas pelo seu parecer determinauão todas as contendas: & delRey Xerxes contão as historias, que fazendo conselho dos mais prudentes homens de seu Reyno chamou a elle Artemesia, & seguio seu voto parecendolhe mais acertado de todos. Aristoteles em sua politica quer, que as molheres se occupẽ, & exercitẽ na guerra, conformandose com Socrates, & Platão: & posto que S. Thomas impugna esta opinião, o seu principal fundamento he a honestidade, que as molheres deuem guardar das portas adentro de sua casa, porque não ha duuida que este deue ser nellas o exercicio principal; porem supostas estas duas opinioens com seus fundamentos nao me encostarei em todos os particulares a algũa dellas: porque nem as molheres me parecem incapazes de gouernar, principalmente quando o valor fundado no sangue, & experiencia lhes da brio para poderem

Cornel. Tac. 6. annaliũ.

Alex. ab Alex. lib. 6. cap. 19.

Tac. de moribus German

Alex. ab Alex. lib. 4. c. 11.

De Regum Princep lib. 4. c. 5.

derem votar ẽ materias de importancia, nem tam capazes, q̃ tenhão igualdade cõ os homẽs, algũa imperfeição tem mais, q̃ elles, dada pela natureza, & comunicada na criação em que consiste muita parte do valor, & prudencia. Aristoteles deste parecer he, porq̃ inda q̃ consẽte gouernarem molheres, & irẽ a guerra, diz que a maior parte o fazem imperfeitamente, & sẽ aquelle brio, & excellencia, q̃ os homens tem: donde infiro hũa conclusão, que nem a justiça priua as molheres de presidirem, se a ordem da successaõ as chegou a terem tal poder, nem o costume fundado, ẽ deliberação, & eleição as deue admitir, nem ainda para cargos inferiores, & lugares de cõselho: porque os Principes, q̃ isto fizeraõ não se mouerão por rezões fundados em vtilidade do bẽ comũ, mas por gosto fundado ẽ ocasioens mui differentes, nem as rep. q̃ tal costumarão forão nisto louuadas: nem se pode ter por bõ gouerno deixar os homens, a quẽ propriamente pertence o gouerno da rep. & admittir molheres. Posto que assi como ha molheres mui varonis assi ha homẽs mui affeminados, & incapazes de mandarem, & se ouuermos de fazer comparação de hũ homem affeminado a hũa molher de valor, não ha duuida ser muito mais vtil a molher, & se em algum tempo se pode verificar esta rezão he no presente em que os homens nos enfeites, cheiros, & dilicias se parecem tanto com molheres, que vem a ser peores que as mesmas molheres; em respeito disto se deue entender a rezaõ que Deos teue para a meaçar ao pouo Iudaico, que teria Reys affeminados, & naõ que seria gouernado por molheres: porque muito peor he hum homem, que nos vicios imita as molheres, que ellas mesmas. Quis a Scritura Sagrada louuar o bom procedimento del Rey Asa, & diz, que desterrou da cidade de Herusalem todos os homens affeminados, & diz mais, que nesta obra se pareceo muito com seu pai Dauid, cujo valor, & prudencia foi tão conhecida, encarecimento q̃ pode bastar para se ver quão perjudicial gẽte he a q̃ nos costumes, & vicios imita as molheres, deuẽdo cõformarse cõ o genero, que a natureza lhe deu: q̃ os haja em hũa rep. menos mal hè, porem que estes a gouernẽ podese ter por castigo grande de Deos, porq̃ mal pode fazer caso do valor quẽ o vẽ acanhado, & desprezado dos Principes & em seu lugar autorizados, & honrados os vicios. Quando o Eunucho Bagoas priuado de

Arist. l. 1 polit.

Alexandre Magno por odio, q̃ tinha a Orſines Satrapa de Perſia o fez matar cõ teſtemunhas falſas, que ſobornou, ſendo Orſines peſſoa de grande autoridade, eſtando para degolar, diſſe, que ſe não eſpantaua de todas as deſordens, & injuſtiças, que viſſe taõ differentes dos tẽpos paſſados: porque ainda que era verdade, que fora já Perſia, gouernada por molheres, eſtas o fazião algũas vezes com muita prudencia, & zelo de acertarem, porem então via hũa couſa mais noua, & deſarrezoada, gouernar o Reyno quem no genero era homem, & em todas as mais calidades molher. Quando os Principes por rezoens particulares de merecimẽtos dos paſſados, ou outros quaeſquer ſeruiços tiuerem penſamentos de occupar a homens deſta ſorte em cargos de conſideração, mais conuem, que occupem molheres, que poderão ter o valor, que outras muitas tiueraõ: porem em termos ordinarios, & ſeguindo as regras geraes do bom gouerno, pelos homẽs deue ſer adminiſtrado, trato do publico de que depende o bem comum, que na caſa particular, mais ſofriuel he, que a molher gouerne: porque ainda q̃ Philo chama a caſa republica pequena, as meudezas della ſão de calidade, q̃ mais ſe acomodaõ cõ as molheres; poſto q̃ Æliano diz q̃ até no gouerno de caſa ſe conſidera valor no marido, & molher, & quando caſão ſe forma hum deſafio: ſe ella vence, & começa tomar dominio ſobre o marido, ſempre o gouerna: & ſe elle tem valor para ſe não deixar vencer fica por ſeu o gouerno. Bem ſe pudera ſofrer que os homens ſe gouernaſſem por ſuas molheres em materia de ſua familia, & caſa: mas dizem muitos, que tambem as molheres gouernão a republica por via dos maridos, & que deſpachão os feitos, materia he que ſe não pode referir para ſe affirmar, para ſe eſtranhar ſi: porq̃ as deſordẽs ate quãdo ſão imaginadas ſe reprẽdem com proueito.

Ælian. l. 12. de van. hiſt. c. 38.

DISCVRSO VI.

Que a idade he a mais capaz pera o gouerno, a do velho, ou ado moço.

NÃO me pareceo de pouca importancia, moſtrar que idade ſera mais acomodada para gouernar: porque ainda q̃ nos eſtados, que ſe gouernão por ſuceſſaõ, não haja lugar de fazer eleição da idade, miniſtros ha de q̃ depẽde tãto o gouerno

uerno do estado, como do Principe: & por naõ repetir ẽ diuersos lugares o mesmo, neste mostrarei, assi ẽ respeito do Principe, como dos ministros, á idade em q̃ mais talento se acha. Cousa mui aueriguada he, ser o gouerno dos velhos mais authorizado, & considerado, porq̃ a experiencia he a mais verdadeira mestra, & o caminho mais certo de se saberem as cousas, q̃ aliçaõ, & q̃ todos os mais meios, & esta se acha mais nos velhos: porque o vso das cousas (disse o Poeta) com os annos se acquire, donde nos velhos ha de ordinario mais largo conhecimẽto, & experiencia, q̃ nos mancebos. Sendo perguntado elRey Antigono, q̃ Capitão tinha melhor em seu Reino, respondeo, q̃ Pirrho, se fora velho: tendo para si, que era grande falta para mandar, & gouernar hum exercito, ser o Capitão moço; & não se deue ter por pequeno castigo, o q̃ Deos deu ao sacerdote Eli pela má criação de seus filhos, que nunca teria homẽ velho em sua casa, & descendencia: porque mal se podia gouernar, & conseruar com prudencia, & prosperidade a casa, em q̃ sempre faltassem velhos. Quãdo Lycurgo, rogado dos Lacedemonios, que lhes ordenasse algumas leis cõ q̃ se gouernassem, quis dispor as cousas do gouerno de sorte, que cessassẽ as desordens, que ate então auia: instituio hum tribunal de vinte, & oito velhos, no qual se tratassem todas as materias graues, & foi determinação taõ aceita ao pouo, que ficou mais respeitado, & amado o nome de Rey, que ate então odiauão pelas tiranias, que nelles eraõ mui ordinarias, faltando a prudencia, & conselho dos velhos, os quais da hi adiante lhe hião a maõ aos excessos, que cometiaõ. Nos antigos esta o saber (disse Iob) & nos muitos annos a prudencia: em rezaõ disto mandaua Deos no Liuitico, que em vendo os velhos lhes fizessem cortesia, & descobrissẽ as cabeças, para mostrar que auia nelles mais entendimento, & prudencia, pois os ignorãtes saõ indignos de todo o respeito, & cortesia. O sũmo sacerdote sobre o ombro direito trazia escrito os seis filhos de Israel mais velhos, & sobre o esquerdo os mais moços, paraque todos vissem o respeito que se tinha a idade, dandolhe melhor lugar por mais que os outros fossem de mais merecimentos. E Christo nosso Senhor verdadeiro Principe, quãdo houue de principiar a Monarchia de sua Igreja, buscou para Principe della hũ dos mais velhos homẽs de sua companhia, & no-

Ouid. 6 Metamofor.

Plut. in vita Pirrhi.

Iob. 12.

Liuit. 10.

Hieron. contra Iuuenianum.

& notou S.Hieron.que não foi tão poderoso o amor q̃ teue a S.Ioão para lhe dar o gouerno como as cãs de S.Pedro.Depois q̃ Romulo fũdou a cidade de Roma,& começou a por ẽ ordẽ o gouerno della,escolheo cẽ homens dos mais velhos para o gouerno,& por velhos o chamarão Senadores, cujo poder era taõ grande,q̃ os Reys lhes obedecião,& da sua mão aceitauão o gouerno;&porq̃ esta ordem he a q̃ ordinariamente se guarda assi nas eleiçoẽs,q̃ ha de Principes,como de cargos inferiores,escolhendo o mais maduro na idade,sera necessario gastar mais tẽpo na exeipção desta regra geral,& na cautela cõ q̃ se deuẽ escolher os velhos:pois he cousa sabida,q̃ nem todos os velhos são prudẽtes,nẽ todos os mãcebos faltos de madureza,& authoridade. Samuel velho era,& descõtẽtou o seu gouerno ao pouo.Dauid mãcebo, & gouernou sãtamẽte,a q̃ succedeu seu filho Salamão taõ prudente,ẽ mancebo, como ignorante sendo velho:pois chegou,depois de obedecido de tãtos pouos,à obedecer à molheres,& adorar os mesmos idolos q̃ ellas adorauão,desãtino com q̃ escureceo à excelẽcia de seu saber na idade,em que mais capacidade,& prudencia deuia mostrar.Moço era elRey Iosias,& diz delle Iosepho,q̃ gouernaua melhor q̃ os Reis maisvelhos,& prudẽtes.Se lermos as historias de Espanha, acharemos,q̃ os melhores Reys forão os mancebo .ElRey Dom Fulgas dos Godos começou moço seu reinado,& não viueo mais que dous annos depois deRey: porem nelles se ouue taõ prudentemente,fazendo obras de tanto valor,& de tanta vtilidade ao Reyno,que dizem os historiadores daquelle tempo, o leuou Deos para castigo de Hespanha.D.Sãcho filho doEmperadorD.Afõso de Hespanha começou a gouernar de mui pouca idade,& tão prudentemẽte se houue,q̃ naõ gouernãdo mais,q̃ hũ so anno instituio a ordẽ de Calatraua,& fez outras cousas mui notaueis, pelas quais lhe chamaraõ o desejado. ElRey D.Henriq̃ o 3.começou à Reinar de 12.annos,& naõReinando mais de 15. foi amado naõ somente dos seus, mas das nações estrangeiras pela prudẽcia cõ q̃ gouernou seus vassallos,& naõ põdo tributo algũ ẽ quãto viueo,foi taõ rico q̃ ajuntou hũ grãde thesouro para cõquistar o Reyno deGranada,se a morte lho naõ impedira. Mãcebo era elRey Dom Manoel de Portugal quando emprendeu a mais ardua conquista que no mũdo houue senhoreãdo

Iosepho.l. 10. de antiq.c. 5.

do todo o mar Occeano, & abrindo caminho para que a Fè Catholica se pudesse comunicar as mais remotas gẽtes, & antipodas desta nossa esfera, obra increiuel ainda aquelles, q̃ a experimentamos, & vemos, por vẽtura, q̃ não acharemos em muitos seculos Principes tão notaueis em obras heroicas, sendo todos de taõ pouca idade: porẽ a verdade he, que muitas vezes se acha saber, & entendimento em mui poucos annos, & muita falta delle em cabeças cheas de cans; ha mancebos velhos, & velhos mancebos. O moço de cem annos morrera (diz o Profeta Isaias) parece implicação chamar moço, sendo de cẽ annos, porem não o he, porque a idade não faz velhos: podehũ homem ter cem annos, & ser indigno de nome de velho, estes tais são perjudiciaes ao gouerno, porq̃ errão por natureza, & não tem remedio, antes quanto mais velhos mais se confirmão em seus vicios, mais auarentos & ambiciosos se fazem: que estes vicios nunca enuelhecem, todos os mais acabão, diz S. Agostinho. A auareza na muita idade reuerdece mais, & quanto mais os desampara a natureza, tanto peores se fazem: por estes (disse Seneca) não auer cousa mais torpe, q̃ hũ velho q̃ começa a viuer. Homẽs q̃ estão no fim da vida, & no ẽtẽdimento, procedimento, & vicios se hão como se começassẽ a viuer, he cousa abominauel: se estes acolhem hũa republica, de tal maneira a gouernão, q̃ não fica pedra sobre pedra. Os mais velhos & authorizados (diz Daniel) & aquelles, que mais obrigação tinhão por sua idade, & officio de gouernarem com prudencia, & zelo, estes erão os autores de toda a maldade, & delles naciam todos os pecados, & desconcertos da republica, de maneira, q̃ nem as cans, nem o officio bastauão para os refrear de cometerem crimes. Outros velhos ha mui pusilanimes, & incapazes para o gouerno, & nestes deue auer muita cautela nas eleições, porq̃ facilmẽte se ẽganão, cõ elles homẽs de ẽtẽdimento, fazendo caso da reputação, q̃ grangearão por não sairẽ á praça, effeito muitas vezes da pusilanimidade, que junta com as cans, & madureza que reprezẽtão, mostrão nas apparencias serem dignos de grandes cargos, sendo para elles mui inhabeis: porque os homens desta sorte costumão ser couardes, & pouco executiuos, o q̃ he grãde falta para quẽ ha de gouernar a republica, q̃ não basta entẽder o que se deue fazer, mas polo em execução: & como os velhos naturalmente sejão quasi

Isai 65.

August. serm. 48.

Seneca ad Lucil. Epist 21.

Daniel. 13.

si todos pouco actiuos, & mui desconfiados por lhes faltar o sangue,& calor natural, facilmente,& com pouca occasião perdem o tino,& o animo,& se deixão gouernar por qualquer pessoa a que tenhão respeito, deixando sem castigo crimes mui graues,& castigando rigorosamente venialidades: estes tais pinta auisadamente o poeta Cornelio Gallo de hũa cõdição timida,& perplexa ẽ qualquer sucesso,credulos de todo mal,que de outrem lhes digaõ, ignorantes na resoluçaõ,q̃ deuẽ tomar nos negocios que se offerecem,se naõ saõ persuadidos de outrem:este foi o fundamento daquellas duas filhas de Lot se resoluerem a cometer hum taõ graue,& abominauel crime que ate fallar nelle se tẽ por indecencia,disse hũa para a outra temos pai velho,& naõ ha que temer,quando quem ade castigar o crime se pode facilmente persuadir ao naõ fazer.Cornelio Tacito diz, que o principio da perdição do Emperador Galba esteue em ser velho,porque começou a ser desprezado dos soldados, & sẽdo o crime taõ graue naõ houue para elle castigo,& foi crecendo ate ser lançado do Imperio .Particular aduertencia teue a Scriptura Sagrada quando conta os sacrilegios, que os filhos de Eli cometiaõ no templo vsando mal das molheres, que vinhaõ a elle,dizer juntamente que era Eli muito velho,& como tal mui remisso em castigar taõ grandes pecados,posto que naõ lhe seruio à idade de desculpa para deixar de ser castigado:que descuidos encontrados a obrigação do officio naõ tem desculpa.Outros velhos ha muy sogeitos à paixaõ,& odio, & taõ pertinazes nelle,que naõ ha rezaõ que os dobre,nem respeito,q̃ os abrãde.Indo Gedeão com seus soldados contra Zebee,& Salmana pedio aos homens principais de Soccoth por onde passaua,que o ajudassem com algum mantimẽto para seus soldados, não o fizeraõ elles,antes zombarão de tal petição: sentiose Gedeão deste termo,& á volta vindo vitorioso determinou de castigar a descortesia (diz a escriptura Sagrada) que começou a castigar os velhos:fazem alguns caso deste modo de castigo,que culpa tinhão os velhos,se a descortesia não foi feita por elles,à reposta que mais apparencia mostra he, que os mancebos nobres, & ricos responderão com soberba, & os velhos á volta de Gedeão continuarão com a mesma pertinacia,& teima com que merecerão serem primeiro castigados;

Corn. Gallus.

Ge. 19.

Tac. 1. hist.

Iudicũ 8.

que

que o odio,& teima em hum velho nunca tem fim, fazendo honra de conseruarem o erro, que começarão,& de sustentarem sua ma natureza, ainda q̃ seja a custa da mesma republica. E esta he a mais perjudicial natureza, que pode auer para ministrar justiça; nem este vicio he tão raro nelles, q̃ não diga Aristoteles, que todos os velhos o tem, encarecimento parece mais que verdade, em resolução, nem a velhice, nem adolecencia são idades acomodadas para gouernar, mas a que participa de hũa,& outra, porque então está a natureza em sua perfeiçaõ,& o entendimento em seu vigor, nos mancebos falta a experiencia,& conselho, nos velhos as forças; & actiuidade. Valerio Maximo diz que o gouerno,& acrecentamento do Imperio Romano se deue a esta idade meã, postoque ajudada com a velhice: porque vai muito do talento, que se requere para gouernar ao que he necessario para aconselhar por mais, que pareça, tem hum, & outro a mesma causa, depende muito o gouerno publico da execução, que as maisvezes he do que outros deliberaõ, para o que serue mais a idade liure dos encargos dos velhos. Cõsiste o conselho em preuinir os inconuenientes, que em quasi todas as materias se achão, escolhendo os menos perjudiciais; vendo com o entendimento os fins de todas as acçoens, antes de sua execução, em que a velhice tem mais lugar, aduertencia necessaria na administração do gouerno, que os arremeços pella maior parte, são destruidores de Monarchias, por tal se julgou ainda antes do ruim successo a iornada de Africa: brioso mais, que considerado se precipitou elRey Dom Sebastiaõ, regeitando o conselho dos velhos mais prudentes: era hum delles Dom Ioaõ Mascarenhas, que na India tinha procedido com grande valor, & não se atreuendo elRey sem grande nota desprezar seus cõselhos, ordenou hũa junta de medicos para que nella se assẽtasse, que os muitos annos podião tirar o brio, & fazer couarde, aquem as obras tinhão feito valeroso decretouse nella sua propria destruição com o descredito do vassallo, q̃ por velho merecia ser ouuido, taõ arriscados saõ os apetites, ou arremeços dos mancebos quãdo o poder os faz independentes, ou superiores aos mais. E se tal vez vemos soceder felizmente, o que se emprende com menos consideração, naõ hade ser regra geral, para se aprouar este meio, entregando à fortuna

Arist. l. 8. & hic.

Valer. Max.

as materias de importancia,posto,que algũa vez dè boa conta dellas,e ainda que vejamos executa Deos pello modo que lhe parece, encontrado muitas vezes ás regras de gouerno os decretos de seus incomprehensiueis juizos,dando aos moços prudencia, & assento, & acrecentando nos velhos o vigor,que a natureza lhes costuma enfraquecer para a execução de materias arduas, como deu a S.Pedro para o gouerno de sua Igreja,renouando nelle brios de moço,para resistir aos maiores encontros, & vsando da prudencia de velho no remedio das maiores defficuldades,em que tinha mai parte o spirito Diuino,que lhe assistia.

DISCVRSO VII.

Trata da criação dos Principes,antes que comecem a ter vso de rezão.

POSTO que a infancia não admita tanto cabedal de doctrina,como as mais idades,não he rezaõ faltem nella os documentos necessarios,pois a vida dos Principes he de de tanta consideraçaõ,q̃ ainda das mais particulares circunstancias della,se deue fazer caso,pera lhe applicar todos os remedios necessarios a sua perfeição.E se hum hortelã o tem maior cuidado das aruores em quanto são mais pequenas,porque então ha nellas maior perigo,com quanta mais rezaõ se deue applicar todo o cuidado a hum infante nouamente nacido,pois a natureza humana requere maiores reparos para sua conseruação,que a das creaturas vegetatiuas, alem dos que tocão a perfeição dos costumes,que ja nesta idade começão a lançar raizes, ainda que não demos fé dellas se não depois do vso de rezão. A primeira acção dos grandes, em tẽdo filhos,he buscar ama,q̃ os crie à seus peitos:costume tão praticado,& ordinario,que se tem comunicado á gente mais humilde,não tanto por forrar o trabalho,que a criação dos filhos dá, como por imitar aos maiores,com os quaes falarei neste discurso,não sómẽte por depender delles o exemplo, & imitação do pouo,mas pella necessidade,que ha de se aplicarẽ todos os remedios, assi á vida natural,como á vida politica, & perfeição dos costumes morais,que deste principio dependem muito, presupondo não ser cousa mui conueniẽte, mas quasi necessaria,que os Principes,& grandes se criem aos peitos de suas proprias maens: difficultoso

ficultoso assumpto para se persuadir, não so aos Principes, mas aos senhores particulares: acção ociosa mais que necessaria parecerá falar em alterar o costume contrario, tão introduzido, mas como não he pregmatica, que obrigue, seruirá de curiosidade, o que disser, presupõdo, que quãdo se praticará naõ encontraua a authoridade, nẽ ao descanço, & deixar de se fazer, encontra a perfeiçaõ da criação natural, assi em respeito da disposiçaõ dos mẽbros, como da composição dos humores, fundamento, & licerce dos costumes, & inclinaçoens, & ainda da propria vida: porq̃ a variedade dos mantimentos costuma alterar a natureza, & com o leite se recebem as inclinaçoens, & costumes, differẽtes dos pais, & mãis conformes á natureza, de q̃ procedeo o mãtimento, que á que lhe deu o ser: & por ventura, que deste principio nace, hauer muitas vezes tanta differença dos filhos aos pais, como de ordinario vemos: & de pais mui valerosos, & prudentes nacerem filhos mui pusilanimes, & ignorantes. Encontrandose hum dia dous Condes, ẽ tempo delRey Dom Ioão o terceiro, que por sua prudencia tinhão com elle muito lugar, tinhãose os filhos hauido mal em certa occasião, perguntou hum ao outro: de que nacerá que sendo nòs os mais entendidos homẽs & conhecidos por tais neste Reyno, tenhamos os filhos mais ignorantes, que os mais fidalgos, respõdeo o outro: pois não quereis, que cançasse a natureza em fazer dous homens como nòs? A reposta foi mais engraçada que verdadeira, porq̃ muitas vezes procede o mal do de menos se cuida, porque na criação ainda antes do vso de rezão consiste muita parte do valor, & prudencia. Indo o Philosopho Fauorino visitar hũa senhora principal, & darlhe os parabens de hum filho, que lhe nacera, se pos mui de proposito a persuadila à que o criasse a seus peitos, & o não entregasse a amas, allegandolhe diuersas rezoens, que Aulo Gelio tratando desta materia mais largamẽte relata, do que permite este discurso: porem de algũas farei menção, por serem de hum tão grande Filosopho. Chama elle prodigiosas as molheres, que dão seus filhos a criar, & que perfeitamente se não podẽ chamar suas mãis, pois lhe negão o mantimento, que a natureza para elles lhes deu, secando de proposito o leite: de sorte (diz o Filosopho) que crião aquillo, que não vem, em quanto o trazem nas entranhas, & depois, de

Aul. Gel. noctium Attic. coment. l. 12. c. 1.

de o verem, & reconhecerem por filho, ja o entregaõ a outra pessoa: & se a desculpa he, que o mesmo vem a ser hum leite que outro, pois o fim não he mais que a sustentação, he engano grande: porque assi como a força, & virtude do sãgue de que se forma hũa criança nas entranhas de sua may, he poderosa para formar as feiçoẽs do corpo de hũa, ou de outra maneira, & lhe dar o engenho, & inclinaçoens: a mesma força tẽ o leite com que se cria: o que vemos por experiencia nos brutos: porque se hum cabrito mama o leite da ouelha, he cousa certa, que tem a lam mais delicada, & branda, & se o cordeiro mama o leite da cabra, tem o cabello mais duro, & grosso: ainda nas aruores, & mais cearas, vemos que tem mais força, & virtude a calidade da terra, em que se semea, & de que recebe a sustentação, & mantimẽto, & a agoa com que se rega, que a força, & virtude da mesma semente. Muitas vezes vemos hũa aruore mui viçosa, & fresca em hũa terra: & transplãtada em outra, perde a graça, & verdura por causa do alimẽto, que da terra mais fraca recebe. E não ha duuida, que se arrisca a pejorar muito com o leite alheio o minino, que a may nobre dá a criar aquem não tẽ a sustentação proporcionada á quella compleição, nem tem as calidades, que saõ necessarias para suprir a falta do mantimẽto proprio, que a natureza para aquelle sogeito formou, pois vemos, que o mesmo sangue cõ que aquelle corpo se sustentaua nas entranhas de sua may, nacido o menino, sobe acima para se lhe comunicar naquellas duas fontes naturais, & quãdo se varia o proprio mantimẽto, não pode deixar de padecer algũa alteração a natureza, & de se cõformar em muitas cousas com a calidade da sustentação. Todas estas rezoens são apontadas pelo Filosopho Fauorino, que puderão bastar para persuadir hũa acção tão pouco custosa, & tão necessaria, quando pera os mais trabalhos, que aquella idade costuma dar, ha tanto genero de reparos, & comodidades: & quando estes faltassem, de mais importancia vinha a ser a criação perfeita dos filhos, que tão limitado trabalho. Os Romanos, em quem o cuidado da criaçaõ de seus filhos foi tão estremado aduirtirão no perjuizo, que lhes podia resultar de se criarem fora de suas mãins, & promulgarão hũa lei, que todas as molheres de qualquer calidade, q̃ fossẽ, criassem seus filhos, castigãdo a quẽ os daua a criar, & foise introduzindo

Alex. ab Alex lib. 2. Genial dierum cap. 25.

zindo tanto este costume, pella vtilidade, que entendião resultaua a seus filhos, que não eraõ necessarias leis, nem rigores. Entre os Alemaens, referem graues autores, se não consentia de nenhũa sorte, que os filhos fossem criados se não aos peitos de suas proprias mãis, entendendo que degenerarẽ muitas vezes do valor, & virtudes de seus pais, nacia do vicio do leite, que mamauão: fundado nesta rezão entendeo aquelle grande Filosofo Filo Iudeo, que fora particular traça de Deos, ordenar, q̃ Moyses se viesse a criar aos peitos de sua propria mãy por hũ tão extraordinario meio, & tão oculto a elRey Faraò, porque era mui prouauel, que se se criasse aos peitos de algũa molher Egipcia, com o leite mamaria a inclinaçaõ, & costumes dos Egipcios, & juntamente o amor, que lhe seria de maior perjuizo, pois hauia de pelejar cõtra elles sendo Capitão, & gouernador do pouo Hebreo: demais que hauendo Deos Nosso Senhor de começar a dispor, & habilitar Moyses para as obrigaçoens de seu officio, dando lhe as calidades necessarias para cõ perfeição o executar, ordenou, que a primeira fosse criarse aos peitos de sua propria mãy, & podendo sem custo algum seu, comunicarlhe o brio, & valor contra os Egipcios, & o amor, & afeição aos Hebreos quis, que naturalmente o acquirisse na criação, & o mamasse no leite: porque não ha duuida que então se começa a natureza a dispor, & habituar pera todas as acçoens, que depois ha de executar, & pera os costumes que no discurso da vida ha de vsar. São entre os mancebos Romanos de mais valor celebrados aquelles dous irmãos Tiberio, & Cayo tão valerosos como eloquentes filhos de Gracho Sẽpronio de que tomarão o nome Grachos pessoa de tanta authoridade, como se ve dos cargos, que teue, & vitorias, q̃ alcançou, sogeitando diuersas gentes a obediencia Romana, & de Cornelia sua molher da familia dos Scipioẽs, & por sua pessoa honestidade, & eloquencia tão conhecida como testemunhão as historias Romanas: fazendo Plutarcho, & Cicero menção destes dous Romanos, & do valor, & eloquencia de q̃ forão dotados fazem muito caso de sua mãy os criar a seus peitos, porque he sem duuida, que na criação lhe comunicou as excellẽcias, que nella hauia. Rezão fora, que os Principes não fizessem pouco caso de rezoens tão certas, & naturais, & que antepusessem a necessidade da boa criação de seus filhos,

Alex. ab Alex ibidem.

Phil. Iud.

Plut. in eius vita.

lhos,ao pequeno trabalho, què resulta as mãys de os criarem a seus peitos;porem se houuer rezoens,que o impossibilitem, considerem mui particularmẽte as calidades das amas,q̃ dão a seus filhos,pois tanto importa a criação nestes principios, & escolhão pessoas em calidade,virtude,& valor,que em algũa maneira possão suprir a falta da propria mãy. Quando as molheres Romanas, por algũa rezão precisa,não podiaõ criar seus filhos,conforme ao costume,& ordem,que o Senado tinha dado,os entregauão ás molheres Lacedemonias,das quais dezião,que so ellas parião homens:porque eraõ tão varonis pelos muitos exercicios,que tinhão de correr, esgrimir, lãçar a barra,& outros semelhantes, que se tinha por experiencia, comunicarem na criaçaõ o valor,& brio aos filhos,& entendião,q̃ a falta das proprias mãys,so as Lacedemonias as podiaõ suprir;para a criaçaõ ser a q̃ elles desejauaõ. E porque nos chama outra idade ẽ que a criaçaõ he de maior importancia pois necessita ja de doctrina,naõ conuem fazer nesta mais detença.

Alex. ab Alex lib. 2. c. 25.

(?) (?)
(?)

DISCVRSO VIII.

Tratase da criação dos Principes depois,que começão ater vso de rezão.

COMEÇAREMOS a apontar algũas regras mais principais,& de que mais necessidade tẽ os Principes,naõ descreuendo virtudes em geral,que a todos os homens saõ necessarias,mas aquellas somente, que pertencem aos Principes,& á superioridade,com que haõ de mandar,& ser obedecidos,apontandolhes os baixos mais perigosos,de que se haõ de desuiar:& porque neste discurso suponho hum Principe menino,que começa abrir os olhos do entendimento,naõ conuem, que logo seja instruido em tudo oque he necessario á perfeiçaõ de seu estado,de que irei tratando nos que se seguem , em respeito de quando tenha maior idade:seruira este mais em particular,para os que tiuerem á sua conta começalos, a encaminhar , & dispor suas accoens para o futuro. Perguntado o prudente Rey Agesilao Rey de Lacedemonia, que cousas se deuião ensinar aos moços ẽ quanto eraõ de pouca idade, respõdeo,que aquellas em que mais

Plut. in lacon. apoph.

mais se hauião de exercitar quã do grandes. Tratando Aristoteles das obrigaçoens dos Principes, disse que todas se vinhão a resumir em conseruar em paz, & prosperidade seus vassallos, pera o que importa conhecerlhes os animos, & grangearlhes as vontades, o que se faz com muita suauidade nos primeiros annos, porque o amor, que naquella idade se acquire, he grande parte da vnião, & conformidade, que depois tem: & então se confirma a fidelidade, & zelo com que os vassallos arriscam a vida em seruiço de seu Rey: pello que a primeira aduertencia deue ser criarse entre elles dos primeiros annos de sua vida, nos quais começa a lançar raizes hum amor firme, & verdadeiro. Desta traça vsou o Emperador octauio Augusto para grãgear o amor de dous mininos que perfilhou Cayo, & Iulio, elle proprio os foi criando de suas portas a dentro, ensinandoos por sua pessoa, sem admitir outro algum mestre, entendendo, que o amor, que a natureza lhes não dera, pois naõ erão proprios filhos, lhes poderia dar a criação, & continua comunicação, que com elles tiuesse, & assi zelarião suas cousas, como se fossem seus filhos. Catão Censorino criou seus filhos em sua propria casa sem nunca os apartar de si, contra o differente costume, que então se praticaua, como direi na criação dos vassallos: & dizem os historiadores, que disto fazem menção, que o fez de proposito por cõseruar o amor que lhes tinha, & que queria lhe tiuessem. E o mesmo deuẽ fazer aquelles que considerarẽ a importancia do amor dos filhos quando maiores (que muitas vezes não basta o sangue) sem fazerem caso das incomodidades, que causão em quãto são de pouca idade, & necessitaõ de ensino; o que igualmente he necessario aos Principes, & vassallos, porque se a huns conuem grangear o amor dos subditos, que hão de gouerna, aos outros conhecer a condiçaõ dos Principes a que haõ de obedecer, & onde falta esta noticia, & amor fundado na criação, ha muitas vezes degostos, & desordens de muito porte. Foise Locumon viuer em Roma por degostos, que teue com os Tarquinẽses, seus naturais: & posto q̃ teue industria para acquirir as võtades de todos os Romanos, de maneira q̃ chegarão ao eleger por Rei breuemẽte se descõpos com elles de sorte que cometeo infinitas

Arist. de Rep.

Plut. in eius vita

Alex. ab Alex li. 2. Cenial. dierũ cap. 25.

Plut. in Lacon.

nitas desordens, pesadas a huns & a outros por causa da desafeição com que trataua, & era tratado dos subditos conhecidos de pouco tempo. Não serue menos esta criação, para ir conhecendo os vassallos, principalmente os que tem calidade, valor, & merecimentos para os cargos de importancia, o que requere hũa noticia de muito tempo: esta foi a rezão, que elRey Cyro teue, para, estando para morrer, encomendar muito ao Principe herdeiro, que os ministros, & conselheiros de que se seruisse, fossẽ aquelles, que com elle se tiuessem criado, porque destes tinha a noticia necessaria, para escolher para os cargos, os que mais fidelidade, & talento tiuessem, sem lhe perjudicarem os fingimentos, & ardis dos ambiciosos, & os enganos, dos que per industria, & manha preten dem os lugares, que não merecem. A segunda aduertencia necessaria á criação dos Principes he que se deuem examinar as partes, & talento das pessoas, que com elles haõ de tratar em quanto forem de pouca idade: porque os primeiros costumes são os que mais se senhoreaõ da natureza, & os que em toda a vida duraõ; peloque deuem ser tais os ayos, & mestres na virtude, valor, & mais partes, que sejão em tudo dignos de se imitar: & não basta isto, he necessario, que muito de proposito se apliquem a doctrinar os Principes, não por comprimento do officio, nem com tanto respeito, que deixem de fazer todas as aduertencias, que conuem com liberdade, se as occasioens o pedirem; porque do descuido dos mestres resulta a licença para peccar, & della todos os vicios, que como heruas pezonhentas se criaõ sem serem cultiuados. Compara Seneca a natureza racional á terra fertil, que quãdo se não cultiua, & semea, mais facilmente produz quaisquer heruas, & aruores silueſtres q̃ a esteril: & algũa ha de tal calidade, que não basta ser cultiuada para dar fructo. Faz muitas vezes o laurador quanto pode da sua parte, como tão interessado no fructo, que espera de seu trabalho, & algumas vezes, fica este frustrado: desta maneira diz Cicero, saõ os animos de muitos homens, que por mais industria, & cuidado, que haja em os doctrinar, he trabalho perdido, como na terra, que de sua natureza he esteril, & se o cuidado do Laurador não he bastante quãdo a terra não esta disposta, q̃ fara o descuido dos mestres, quando a liberdade se considera independente, & com

Cic. Tusc. 2.

com licença para vsar do gosto, que he o nutrimento principal da natureza em quãto animal,& a que os homens se costumão arremeçar sem exemplo,nem doctrina. Com tudo se hade trabalhar com todas as forças, principalmente na educação dos Principes,pois delles depende todo o pouo, & he força,que todos paguem a mã criação,que tiuer: & não deuem nunca cessar os mestres & ayos de fazer todas as diligencias possiueis sem desesperarem da emmenda,que a continuação he o remedio mais efficaz. Plutarcho conta de Thomistocles Capitão Athenienſe,de quem Cicero affirma,que não teuẽ igual em valor,& prudencia,que em quanto moço,foi summamente lasciuo,&mal costumado,& com o cuidado que tiueraõ seus mestres de o doctrinar,se emmendou de sorte, que fez cousas memoraueis em defensão de sua patria,& deixou escritas epistolas cheas de grande erudição,& doctrina: & pelloque em si tinha experimentado costumaua dizer,que tinha visto poldros mui indomitos, serem depois ginetes mui bem arrendados.E porque os antigos Romanos vião de quanta importancia era,que os mestres se aplicassem muito de proposito a doctrinarem seus filhos, temendose do seu descuido, parecendolhes,que ou por respeito,ou pelo pouco que nelles lhes hia,se não cançarião tanto com elles, os entregauão a seus tios,para que os ensinassẽ, & criassem em bons costumes, entendendo ser esta criação dos primeiros annos o fundamento de todo o procedimento,& discurso da vida,& que os tios,como mais interessados,se applicarião mais aos encaminhar,& elles lhes teriaõ mais respeito:porque os mestres interessados, fazẽ rezaõ destado de deixarem caminhar os Principes a redea solta de seus appetites,sem lhes irem a mão, parecendolhes,que receberão perjuizo em seus augmentos com o desgosto, que lhes derem na mortificação das paixoens,que he a primeira lição, & mais necessaria aos Principes, pela liberdade de que querem vsar:& he permissão de Deos, que não cheguem alograr interesses grangeados,não so cõ o risco dos vassallos, mas com detrimento da authoridade dos mesmos Principes,que quando maiores,poẽ a culpa de suas liberdades aquem tinha obrigação de lhe ir a mão á ellas: & por maior,q̃ apaixão seja nunca

Plut. in eius vita.
Cic. de finibus.
Alex. ab Alex. l. 2. gen. dierum cap. 25.

ca deixaõ de conhecer o valor do meſtre,que os encaminha, & a culpa do que ſe deſcuida deſta obrigação. O autor fabuloſo conta de dous cains do meſmo ventre, a hum dos quais enſinou ſeu ſenhor a caçar, & o outro a naõ ſair de caſa ſem ter outro officio mais que ladrar. O que coſtumaua ir a caça trazia ſempre de comer, de que participaua,o que ficaua em caſa,porem veio a enfadarſe com a continuação,& começou a queixarſe do grande trabalho,que a caça lhe cuſtaua,parecendolhe ſem rezão partir com o outro,que naõ fazia nada,nem ſaia de caſa; ao que elle lhe reſpondeo: bem vejo que tendes rezaõ,mas naõ me ponhais ami a culpa, mas aquem me deixou ſem enſino, que ſe eu fora doctrinado como vòs,tambem fizera o meſmo:vòs,& eu,ambos nos deuemos queixar de quem nos tinha á ſua conta,vòs por trabalhardes pera mim,& eu por ter neceſſidade de vòs.Contèm as fabulas em couſas mui raſteiras aduertencias mui ſuperiores,& nas acçoens dos animais,o procedimento dos homẽs. E porque a prudencia,& experiencia dos Romanos tinha dado fé deſte inconueniente, & queriaõ eſcuſar a ſeus filhos deſtas queixas,quando as naõ pudeſſem remediar,que nenhum meſtre ſe quer arriſcar, a perder a graça de quem tem poder para o leuantar, pareceo mais acomodado o coſtume de entregarem os filhos a ſeus tios:& poſto que os que referem eſte coſtume,naõ affirmaõ que ſe praticaſſe entre os Principes,tenho por mais prouauel que delles o deuiaõ tomar os mais autorizados,entre os quais era mui ordinario:de que ſe deue colligir quam neceſſaria he a liberdade em doctrinar os mininos,que era o intento principal com que iſto faziaõ, & a deuem ter os ayos, & meſtres,ſe não houuer nelles mais ambição para contentarem, que zelo de doctrinarem; & ſe eſte for o ſeu principal cuidado,tenhão pella principal aduertencia de que deuem mais caſo fazer:que tudo o que ſe fizer,& diſſer em preſença dos Principes,que tem á ſua conta,ſeja taõ puro,honeſto,& verdadeiro,que ſe poſſa imitar, & não eſtranhar;porque o natural dos mininos he imitarem as acçoens de quem os cria, & enſina, approuando o q̃ elles naõ reprouaõ,& julgãdo por licito o q̃ elles lhe não eſtranhão. Os hiſtoriadores louuão muito a Catão,porque ſendo Cenſor,

priuou

priuou da honra de Senador a Manlio por mostrar certa descomposição com sua propria molher em presença de hum seu filho de pouca idade, o que he encarecimento bastante para se ver quaõ grande era o cuidado q̃ tinhão da boa criação de seus filhos, & que em mininos não vissem desconcertos naquelles, que deuião imitar: porque era tão grande a autoridade de hum Senador, que não podia ser deposto do cargo, se não por mui graue crime, qual elles entendião, que era dar maõ exemplo a hum minino em quanto tem necessidade de doctrina. Tambem conuem, que em pequenos se vão costumando a algum genero de rigor no comer, porque a demasia perjudica ao entendimento tanto como á saude. Seneca diz que quem obedece ao ventre pera em tudo lhe fazer auontade, difere pouco dos animais brutos. E Cicero diz, que o excesso no comer, & beber naõ so abreuia os annos, mas tira a vida. E como este vicio he nos moços tão ordinario, & nos Principes tão de casa a occasião, pela abundancia, que tem de tudo, he maior a necessidade, que ha em seu respeito, desta aduertencia: porque se o corpo se começa a costumar a delicias, com muita difficuldade se tira dellas quando grande. E posto, que esta cautela pertença mais a criação dos vassallos, de que a diante tratarei, não importa pouco aos Principes, a quem a criação dilicio sa grangea varios vicios inimigos da honra, & do valor, que nelles deue hauer, quando não seja bastante a força do exemplo, & o temor de necessidades que tambẽ lhes chegão, como em seu lugar se dira; nem este rigor se deue limitar á mortificação do gosto, & appetite somente, mas á colera, & arremeço, vicio ordinario em moços, em que se lhes deue ir amão por não fazerem habito em obedecerem ao furor da colera, que se he inimigo da deliberação, & acerto dos negocios; tambem o he do amor dos vassallos, tão necessario aos maiores Monarchas. Socrates dezia, que consistia a perfeição de hum Principe em saber moderar os affectos naturaes, & a felicidade de seu gouerno em se saber ir amão nas occasioens em que fosse cometido da paixão. O Emperador Traiano, gloria dos Emperadores Romanos taõ moderado era ẽ suas acçoens, que parecia qualquer homem particular, & sen-

Seneca in epist.

Cic. pro Marco Celio.

Stob. ser m. 46.

do aduertido disto disse, que queria ser para seus vassallos, o que folgaria, sendo vassallo, que o Emperador fosse pera elle. Não he de animos Reais rebentar em acçoens colericas com seus vassallos, & descomporse com elles em palauras afrontosas: aduertencia, que não determino repetir, porque como he vicio mui encontrado a autoridade Real, depois que a idade lhe da conhecimento das rezoens necessarias ao gouerno, bastara tocalo neste discurso, em que se dão aduertencias a hum minino, & a hum mestre, que o começa a ensinar: & porque as mais necessarias a boa criação, & doctrina, se deuem fundar na rezão de Aristoteles, o qual das obrigaçoens, que tocão a pessoa Real collige a calidade dos exercicios em que se deue occupar; em particulares discursos iremos examinando as circunstãcias de cada hum, assi dos que pertencem, a puericia em que se começão a aprender as sciẽcias, & artes necessarias a toda a vida, como os que pertencẽ ao gouerno publico.

DISCVRSO IX.

Se he conueniente ao Principe ter noticia das sciencias, & saber em particular algumas.

DEPENDEM as resoluçoens destado de tantos, & tão varios juizos, que na mais corrente estrada segue cada hum varios caminhos, approuando huns o que outros reprouão, & regeitando outros, o que merece a comum estimação de todos, ou leuados de paixão, ou da particular affeiçaõ, cõ que cada hũ julga as cousas conforme o quinhão, q̃ nellas tẽ. Chega o Emperador Licino por ser taõ barbaro, que nem o seu sinal sabia fazer, a dizer, que eraõ as letras peste vniuersal da republica: & o que peor he auer outros entendimentos a que isto pareça bem: sendo verdade, não so de todos os Philosophos, & homẽs prudentes da antiguidade, mas do Spirito Sancto que a sabedoria he o leme de todo o gouerno, não trato da prudencia que he habito natural, mas da sabedoria acquirida; ja Platão dezia, que ou os Philosophos auião de ser Reys, ou os Reys Philosophos: & o Emperador Antonino tinha por tão verdadeira esta sentença, que de ordinario

Bapt. Ignac. in vita Licin.

Plato dialog. de rep.

Hist. Imperat.

dinário a trazia na boca; & não ha duuida se Salamão pedira outra cousa, que não fora saber (quando Deos lhe deu a escolher) não pedira o que lhe conuinha para comprir com sua obrigação: & esta diz S. Chrysostomo, que foi a rezão porque Deos se contentou tãto de sua petição, que com muita ventagem lhe concedeo o effeito della. O esforço mui estimado he no Principe, porem não he precisamente necessario: porque para a conseruação do estado serue mais a prudencia, & saber, & dependendo menos a milicia da ajuda das letras, que todos os outros exercicios da republica, não pode isentarse tanto dellas, que em algũa maneira lhe não sejaõ necessarias. Se o perguntarmos a Alexandre Magno tambom mestre da arte militar responderãos ha q̃ a todos os conselhos da guerra admitia homens letrados. Não foi pouco nomeado o esforço do grande Capitaõ Epaminondas: nem o exercicio das letras a que era dado lhe diminuia o animo com que pelejaua, antes lho acrescentaua, & com elle a fama, que conforme a Cicero se grangea, não menos cõ letras, que com armas. Mais rezão achára, aquem nos soldados estranhasse as letras, porq̃ quando são mui continuadas tirão do corpo o vigor, que acrescẽtão no entendimento, & como nos soldados se não busque mais que força, & obediencia, bem se escusaõ as letras; esta he a rezão, porque os Lacedemonios (como diz Aristoteles) erão inimigos das letras, porque de continuo andauão em guerra, & este era o ordinario exercicio, & ocupaçaõ de todos, porem no Principe, & ainda no Capitão, que quasi tẽ o mesmo officio, o esforço he o menos, & o entendimento o mais, trato de entendimento habituado com exercicio das letras, em fauor do qual, dezia Alexandre Magno, que mais parte fora para conquistar o mundo as letras que tinha aprendido de Aristoteles, que a gente, & riquezas, que herdara de seu pai. Quando ouuer quẽ se não queira persuadir a esta opinião, com o exemplo de tais Capitaens, que se naõ deue enuergonhar quem os tiuer por mestres, eu me contentarei, q̃ naõ me neguem serem as letras mui proueitosas aos Principes: nesta conformidade diz Platão, que naõ naceo para Rei quem se não prezou de sabio; o em que eu me afirmarei sem contradição ainda dos menos afeiçoados as letras, que não pode ser de muita dura o estado ẽ que ellas forem pouco estimadas

Chrysost.

Arist. 2 hist. cap. 42.

Plato in mor. lib. defer. Alex.

Lãprid. Alexandri.

Cic. pro Murin.

Plato in dialog. de rep.

Sapien. cap. 6. das, pois o Spirito Sancto diz, que para auer perpetuidade no gouerno he necessario ser estimada a sabedoria: & a rezão, & experiencia mostra, que mais se conseruão, & engrandecem os estados em virtude do gouerno politico, que do exercicio militar, & mais depende o tal gouerno da noticia das sciencias, & conhecimento das causas naturais (como tambem dos sucessos passados acquirido com o continuo exercicio, & lição dos liuros) que do engenho natural sem arte algũa: porque as sciencias exercitão, & apuraõ o entendimento discursando sobre fundamentos certos, & infaliueis: & os liuros fazem presentes os sucessos, & tempos ja passados para delles se receber certo genero de experiẽcia mui vtil aos q̃ hão de gouernar a rep. & estes são os melhores mestres, mais verdadeiros, & desinteressados, ensinão as verdades sem adulação, & falão o que conuem sem respeito, he ocupação mui de Principes, em que o entendimẽto se habilita muito, & a võtade se afeiçoa as obras heroicas a imitação daquelles, q̃ por ellas forão afamados: Origenes & Seuero Sulpicio dizem que floreceo Iob. com sua paciencia no tempo que Moyses estaua em casa de seu sogro Ietro, & que pela afeição que tinha de ler liuros ouuera a mão a historia de Iob, & a leuaua quando foi a Egipto a negocear cõ elRey Farao, de que lhe naceo ser taõ paciente, & brando, q̃ lhe da a Scritura titulo de mui manso, & beneuolo: de maneira, que he poderosa a liçaõ dos liuros para afeiçoar a cõdiçaõ dos Principes, & os inclinar as virtudes necessarias a seu officiõ, delles depende a ordem com q̃ as cousas se hão de dar a cujas forem, com que os premios, & castigos se haõ de destribuir: em que tanto consiste a conseruaçaõ da republica; q̃ he cousa bem clara naõ ser dura o estado em que faltar a justiça nesta destribuiçaõ, com que se atalhão os crimes, & desordens da republica, & se procura o bom procedimento dos vassallos. Em respeito disto cõsiderou auisadamente Seneca, que não houue nação em toda a ãtiguidade, õde se naõ achasse algũa sciencia necessaria ao seu gouerno, & quem quiser fazer exemplo das naçoens barbaras, nellas vemos, que a falta de saber faz catiuos aos que nas forças corporais saõ taõ auentajados, de sorte que faltando a sciencia, & conhecimento das cousas falta todo o cabedal necessario a vida humana, & execuçaõ das leis pertencentes

Origin.

ao

Arist. l. 19. metaphi ca. 3.

ao seu gouerno. Chama Aristoteles á sciencia medida das cousas, porque della depende a noticia, & conhecimento de tudo o que ha na vida, & conforme a isto a diuide em tres partes em Phisica, que he o conhecimento das cousas naturais, Mathematica das cousas Celestes, Theologia das cousas diuinas, & posto, que não seja possiuel estudar o Principe todas estas sciencias ao menos deue saber os principais fundamentos, & questoens dellas, com que fique acquirindo huã noticia do que nellas se trata: & se ouuermos de estender a sciencia ao conhecimento das leis humanas, que posto não naçaõ de principios infaliueis, & certos, nacem de rezoẽs verdadeiras, & nestas bem podemos ter por mui conueniente, & em algũa parte necessario saber as principais, & aquellas que sem muito estudo puder aprender: porque ha casos, que ou por sua calidade, ou pela condição do Principe se resoluem á seu arbitrio: & quando estas resoluçoens procederem delle, com o fundamento das leis, & com algũa noticia das sciẽcias, differentemẽte irão encaminhadas: que não he rezão necessitar aos Principes sobpena de naõ terem as partes necessarias ao gouerno de seus vassallos, a que estudem toda a vida, & se appliquem á diuersas sciencias, cada hũa das quais requere a vida de hum homem, basta, que de tal maneira lhe sejão afeiçoados, que se apliquem aos principios, & pontos mais vniuersais dellas, ao menos das tres, que Aristoteles aponta; porq̃ a Phisica dá regras para conhecer as cousas naturáis de que os Philosophos, & Principes tirarão os fũdamentos, & rezoens das leis com que se gouernauão, & de que hoje vsamos; a Mathematica nos mostra euidentemente o curso, & calidades dos planetas que a natureza tanto apartou de nossa vista, sciencia por sua nobreza mui digna de Principes, & por sua materia mui necessaria, & proueitosa em ocasião de paz, & de guerra; a Theologia he á sciencia de nossa fè Catholica, em parte necessaria para a saluação, & por muitos respeitos importante ao gouerno politico daquelles, que a professão: porque á lei de Christo he a que mais se conforma com á lei natural em que consiste o principal fundamento das leis humanas, & tambem a judará o saber, & curiosidade do Principe ao estudo & curiosidade dos ministros de Iustiça & ou pela excellencia, que der ás letras em as estimar, & exercitar, ou porque entenderão, q não

não pode contentarse de ministros de poucas letras quem tãto caso faz dellas: tratarámde ocupar melhor o tempo em quãto estudantes, & de ler mais pelos liuros depois de ministros; & os conselheiros, & ministros superiores naõ se atreueraõ a admitir aos cargos de Iustiça ao que tiuer mais valia, mas ao que der melhor conta de seu estudo, & procedimento, que ninguem quer arriscar a sua autoridade ácõta do fauor alheo, nem perder o credito com o Principe por grangear amizade cõ os vassallos, & pode mui bem ser que se o rigor do Principe se aplicara mais a este particular se escusarão tantos litigios, tantas sentenças mal julgadas, & tanta ocasião de queixas, & de reuistas, que alguns tẽ por causa das infelicidades, que as respublicas padecem: assi o entendeo Aristoteles, em tempo que as cousas naõ estauaõ em tão miserauel estado como hoie estáõ: & bem o experimẽtamos ainda mal, porque tanto a nossa custa, pois as queixas igualmente saõ de trabalhos, & de injustiças, as quais podemos cuidar, que nacem da falta de saber, porque naõ he possiuel presumir tanta maldade de ministros, que por malicia julgem taõ injustamente como cada dia se ve; & porque ha outro discurso quasi semelhante a este em que se proua o custume de se estudarem as sciencias em escolas publicas, naõ cõuem fazer neste mais digressaõ, baste mostrar nelle não ser contra a Magestade Real, antes mui cõforme a ella o exercicio das sciencias, quando o excesso não for tão grande, que falte o tempo necessario a conhecer da justiça dos vassallos, & a prouer dos remedios militares em respeito da conseruação, & honra da republica. E quando começar de pouca idade, antes de receber a Coroa, a occupar o tempo neste exercicio sera mais vtil o que estudar, & melhor empregado o tempo, q̃ gastar.

Arist. l. 1. Rhet. cap. 4.

DISCVRSO X.

Se he conueniente aos Principes o exercicio da Musica, & necessario na Republica.

NECESSARIO he darmos satisfação aos que na materia da Musica tẽ pareceres encontrados, eutendendo os que della fazem estimação, que não ha exercicio melhor, & os que a desestimão, que he indigna de animos briosos, o que muitas vezes naõ nace do entendimẽto, mas do gosto, porque este costu-

costuma dar,& tirar o valor ás acçoens segundo a parte, que nellas tem. Alguns tiuerão a Musica por indecente aos Principes,& desnecessaria na Republica. Philippe Rey de Macedonia,ouuindo dizer, que o Principe seu filho cantara mui bem em certa occasião,lhe deu hũa grande reprensaõ,dizendo que se deuia correr,sendo Principe,fazer officio de musico,pois era tanto contra a autoridade de sua pessoa: & Plutarcho não desgaba no valeroso mancebo Gelon o brio com que ẽ hum banquete estranhou quererem cantar outros mancebos seus amigos,& mandando elles trazer huã viola, mandou elle trazer hum cauallo,& pondose nelle disse:este he o officio,que ami me cõuem,não o de musico. Aristoteles sendo perguntado se lhe parecia a musica exercicio de Principes, respondeo, que Iupiter não sabia cantar, querendo dizer,que como era Rey dos Deoses,encõtraua sua authoridade occuparse nesta arte. O grande Capitão Alcibiades,sendo de pouca idade,quiserão seus tutores darlhe mestre,que o ensinasse a cantar, elle o não consentio, dizendo que não era exercicio de Athenienſe. Tão fora estaua el-Rey Pyrrho de ser musico,que ate dar voto na musica lhe pareceo indecente á sua pessoa; porque sendo pergũtado, qual lhe parecia melhor musico Cãphias,ou Python, respondeo q̃ lhe parecia melhor Capitaõ Polyperconte:dando a entender, não daua seu voto na materia da musica,mas da milicia, que como entendia depender a cõseruação de seu Reyno de exercicios militares, não queria, q̃ em outros se gastasse o tempo. E não ha duuida,que o officio de Reynar requere,que todo o tempo se empregue em exercicios de vtilidade,& não de recreação:& que os vassallos se costumem aos que trazem consigo trabalho não descanço, ao que ajuda muito o exẽplo dos Principes. O autor fabuloso cõta,que achandose hum mosquito desabrigado no inuerno, se foi a hum cortiço de abelhas, rogandolhe,que lhe dessem gasalhado,& que em satisfação desta boa obra lhes ensinaria a cantar seus filhos,ao que respõdeo hũa da companhia, bem vos podeis ir embora com a vossa musica, que nòs ensinamos a nossos filhos outra arte mais proueitosa, que a vossa. Quis dizer a fabula,que a arte da musica,era pera gente ociosa gastar o tempo,& não pera se grangear com ella as cousas necessarias á vida. E porque falemos nesta materia com toda a distin

Alex. ab Alex lib. 2. c. 25.

Plut. in apoph.

Arist.

Alex. ab Alex lib. 3. c. 11.

a diſtinção, reſpondẽdo juntamente aos q̃ cõtendem ſobre ſe a muſica he ſciencia, ou arte, digo, que não ha duuida, que em quanto parte da Mathematica he ſciencia, & como tal mui digna de Principes, & ninguem pora iſto em queſtão. Os Gregos quando florecião em todo genero de letras, fazião della tanta eſtimação, q̃ o meſmo era ſer muſico, que ſer ſabio. Porem em quanto não conſta mais, que de humas regras, para cantar, ou tanger de hum modo, ou de outro, ſem conhecimento dos fundamentos ſcientificos, não he mais que arte. E em quanto tal, eſtá a duuida ſe conuem, que os Principes a exercitem: & ſupoſto que temos viſto os pareceres dos que a reprouarão, ſera rezão que tambem vejamos os que fazião della eſtimação: porque ainda que os Principes tenhão dedicado o tempo a negocios publicos, que não daõ lugar a exercicios ocioſos, nem ſempre deuẽ eſtar occupados nelles; & he rezão que para reſpirar do trabalho do gouerno, eſcolhão o exercicio, que mais conformar cõ ſeu goſto, & como o cãtar naõ for em publico, como fez Nero, naõ pode reſultar em deſauthoridade: & na republica naõ ſo ſe pode ter por vtil mas por neceſſaria, porque de todas as artes ella he a mais apraziuel, & que mais conforma com o goſto. E ainda que o gouerno dos ſuperiores encaminha as acçoens dos homens para que viuão em conformidade, nem a vida ſe pode conſeruar ſem goſto, nem eſta he de proueito acanhada com a triſteza, que coſtuma, como diz Salamão, não ſo diminuir a vida, mas ſecar os oſſos. Eſta foi a rezaõ cõ que Socrates ſe deſculpou a ſeus amigos, quando, o reprendiaõ de aprender a tanger viola com os mais moços ſendo elle ja maior que elles, reſpondeulhes, que naõ achaua ſer culpa aprender depois de grãde hũa arte, que ate entaõ naõ tinha ſabido quam proueitoſa era a vida humana. Ariſtoteles em diuerſos lugares louua a muſica pela recreaçaõ, & â alegria, q̃ cauſa, porque tambem eſta tẽ ſua vtilidade publica: & em occaſioens de cercos, quando a falta dos mantimentos hia apertando, foi algumas vezes remedio mais preſente; no tempo das guerras Romanas, occuparenſe em tanger, & cantar, porque ainda que a natureza ſe naõ aplicaſſe muito a eſte exercicio, opprimida da fome, a experiẽcia moſtraua, q̃ dalgũa maneira ſe diſſimulaua eſta cõ a alegria da muſica pera de todo naõ acabarem: que as miſerias, & tra-

Alex. ab Alex lib. 2. ca. 25.

Plut.

Man. l. 3. apoph.

Ariſt. li. 8 de Rep cap. 5.

& trabalhos perjudicão algumas vezes mais que os proprios inimigos:& os animos acanhados com a tristeza não somente não são de proueito, mas como mal contagioso, pegão sua enfermidade á aquelles com que tratão. E se alguns antigos fazião autoridade de naõ exercitar a musica, outros de igual autoridade a vsauam.

Macrob Saturn. l. 3. Macrobio aponta por excellencia da musica ser exercitada de algumas pessoas tão graues, que puderaõ autorizar outras acçoens menos acreditadas:foi

Man. li. 6. apoph huma dellas Catão Censorino, tão celebrado por sua grauidade,& seueridade,oqual sem instrumento algum costumaua cantar.E o sabio Solon ouuindo a hum menino seu sobrinho cantar hũa copla, que lhe cahio em graça lhe disse que lha ensinasse,& a cantaua muitas vezes.O Filosopho Pythagoras,segundo escreue Boecio,

Boet. de consolat. exercitou com muita curiosidade a musica,& de Decio Syl la pessoa de grande autoridade entre os Romanos, dizem graues autores,que cantaua estremadamente.De AlexandreMa

Plut. in apoph. l. 8. gno conta Plutarcho,que sendo ja mancebo,que lhe aponta ua a barba no seruor de seus maiores brios aprendeo a tanger viola:não acreditão estes mais,que á arte porque da sciencia não souberão. Somente o Emperador Nero se prezaua de tão sciente na musica, que dizendolhe huns Mathematicos,que hauia de vir tempo, em que o lançassem do Imperio, respondeo, que em qualquer parte o agasalharião pella musica, que sabia. Porem nem me hei de gouernar por exemplos, por mais calificados que sejão,nem os da antiguidade concluem esta materia,porque cada hum se gouernaua pela afeição, ou desafeição que tinha à musica,não tẽdo outro fim mais que recrear: & por esta causa me inclino mais a que nos tempos antigos era menos autorizado o exercicio desta arte nos Principes, cuja autoridade independente de todos, não deue occuparse em recrear a outrem:& postoq̃ algũs cantassẽ por seu gosto sõmẽte,poucas vezes o farião sẽ folgarẽ de serẽ ouuidos;porẽ neste tẽpo ha mui differentes rezões,porque alẽ de estar a sciencia tão leuantada de ponto, o seu principal fim,& exercicio he em respeito do culto diuino, & veneração de Deos, o que a ennobrece tãto, que não so a faz digna de Principes em quanto sciencia, mas em quanto arte,porque o fim lhe

dá mais valor, que a calidade scientifica. Antes com mais rezão, so os Principes se deuiaõ occupar nella. Mostrou isto Deos Nosso Senhor naquella marauilhosa visão, que o Apostolo Sam Ioão refere no apocalipse, em que viu vinte & quatro velhos com suas coroas de ouro na cabeça, q̃ estauão diante de Deos cantando nouos generos de musicas, peraque entendessemos, que so os Reys, & Monarchas deuião cantar diante de Deos, posto que â falta delles, estima o Senhor toda a sorte de gente, dando titulo de Reys aos que assistem em seu seruiço, que por esta rezão chama Sam Pedro ao officio Sacerdotal officio de Reys, pois o seu exercicio, he estarem cantando diante de Deos, occupação tão autorizada, que os Anjos forão os primeiros que lhe deraõ principio, & nella se occuparão sempre depois de sua criação. Colligese isto do que Deos disse a Iob, quando lhe quis mostrar o pouco que sabia das cousas diuinas: onde estauas, quando eu lancei os primeiros fundamentos á terra, & quando os Anjos ja me estauão cantando musicas de louuores. E notou, Lyra, que quando o Anjo pedio a Iacob, que o largasse naquella luta, que com elle teue, dandolhe por rezão, q̃ vinha ja apontando a manham que se apressaua o Anjo, por lhe parecer ja tempo de ir cantar as matinas a Deos com os mais Anjos, & que por esta causa se não podia deter mais. E tanto se paga Deos de que os homens nesta vida se empreguem em musicas de louuores seus, q̃ nenhum sacrificio ha pera elle de maior estimação. Bem o disse, & melhor o fez elRey Dauid, porque confessaua que o sacrificio de louuar a Deos cõ a sua musica, era o que mais autorizaua, & com effeito o mostrou por obra, não fazendo caso da autoridade real em presença da arca do testamento, entendendo, que ganhaua mais em fazer diante de Deos figura de musico que de Rey, & com isto o fez Deos mais digno da Coroa, & lha assegurou mais por meio da musica, que das armas. Alguns Doctores repararão em dizer a escritura, q̃ sairão os Israelitas do Egipto armados, sendo assi que não consta, que leuassem armas algũas, & so faz menção dos instrumẽtos musicos, que leuauão: porque depois de sairem do Egipto, querendo dar a Deos as graças de os ter liurado daquelle catiueiro, & da furia cõ q̃ Faraõ lhes hia no alcance, se ajũtarao as molheres pera ajudarem a festejar esta m. & se acharaõ entre

Iob. 38

Lyra.

Ps. 49.

Exod. 13.

entre ellas muitos instrumentos musicos,& que os homens os leuassem sempre consigo para louuarem a Deos, ainda quãdo mais afligidos, tambem consta: porque quando depois se acharaõ junto do rio de Babilonia indo catiuos, dependurarão nos salgueiros os instrumẽtos que leuauão, por lhes não parecer o lugar acomodado pera celebrarem os louuores diuinos. Responde Sam Ioaõ Chrysostomo á esta duuida dizendo que os instrumentos musicos com que se occupauão em cantar louuores a Deos, erão as melhores armas, pera se defenderem,& desbaratarem seus inimigos. E o mesmo parece dizer Dauid, quando fazendo mẽção das vitorias dos Hebreos, diz, que tanto pelejauão os louuores de Deos em suas gargantas como as agudas espadas em suas maõs: & tinhão elles por tanto mais poderosas as que consistião na veneração de Deos, que quando elRey Iosaphat passou com seu exercito contra os Moabitas, Ammonitas,& Idumeos, no primeiro esquadrão, em que deuia ir amaior força do exercito, ordenou que fossem os Leuitas, não pelejando, mas cantando louuores a Deos,& a musica, que cantauão está no psalmo 135. pelo que ainda que alguns antigos julgassem o exercicio de cantar por indigno de Principes, era em respeito de se naõ conformar com a autoridade a acção de recrear a outrem, & de se gastar o tempo ociosamẽte, porem em quanto a musica consiste na sciencia, parte da Mathematica, he mais digna de Principes,& em quanto exercitada em louuores de Deos he tão propria delles na terra, como dos Spiritos Angelicos no Ceo.

Chrysost.

Psalm. 149.

Lib. 3. Reg. ca. 22.

DISCVRSO XI.

Se he decente a Magestade Real vsar da arte de dançar, & conueniente aos vassallos o exercicio della.

VITA semelhãça tem a arte de dãçar com a musica, no effeito digo, que hũa,& outra tem por fim a recreaçaõ, porem em algũs particulares se encontrão, porque falta ao dançar seruir ao culto diuino & ser pela Igreja approuada pera esse fim: porq̃ ainda q̃ elRey Dauid dãçou diãte da arca do testamẽto,& os profetas leuados do spirito o fizerão alguãs vezes: não foi costume permanente

nente na Igreja,porque o certo he que de todo he profana esta arte,& tem algũas circustãcias perjudiciaes á republicas como logo direi,vendo primeiro as que tem boas: porque a verdade representada sem paixão,& dando a cada hum o q̃ he seu,mais claramente mostra o que he.Mui vsado foi o costume de dançar entre as naçoẽs mais politicas: porque os Romanos erão tão dados a este exercicio, que se prezauão de saber todas as danças Ionicas(q̃ os Iones dizem que foraõ os primeiros que inuentarão esta arte)& era costume de todos os moços ainda dos filhos dos Senadores saindo da escola em q̃ se aprẽdião letras,irẽ á escola de dançar.De Appio Claudio pessoa de grande autoridade,& que tinha alcançado triumpho em Roma,se diz que dançaua mui bẽ,& Gabinio, Marco Cecilio,& Licinio Crasso, se prezauão muito de saber dançar, sendo em calidade,& valor tão conhecidos, & podendo jactar se de outras excellencias.Tambem foi este exercicio mui celebrado entre os Gregos,& Persas,como he testemunha o poeta Homero,& tinha para si que era mui necessario;porq̃ o despejo,& desẽuoltura dos moços q̃ hão de seruir na guerra he o principio para se começarem a destrar nas armas, & a facilidade,& ligeireza dos mẽbros por esta via se acquire,quãdo o modo de dãçar he taõ varonil como o de q̃ os antigos vsauaõ,e naõ taõ affeminado como hoie se vsa:& cõ rezão hũ, & outro se faziaõ em corpo,& sem capa, porq̃ a mesma desenuoltura,& ligeireza requere hum soldado q̃ hũ dançante.Os Lacedemonios eraõ mui afeiçoados a esta arte,& diziaõ,que a rezaõ de á aprenderem,& vsarem,era pa-saberẽ andar compostamente, & cõ ar:o q̃ tambem tem algũa disculpa porq̃ á disposição, cõ certo,& brio das pessoas não importa pouco ao ornamento, elustre da rep.peloq̃ se tinha por perfeiçaõ,& excelencia de hũ Principe,& capitão ser destro nesta arte.Do valeroso Epaminondas se escreue ẽtre os mais louuores seus,q̃ sabia mui bem dãçar,q̃ pelo menos seruiria para se ẽtẽder,q̃ naõ encõtra este exercicio ao valor, & brio de grãdes Capitaẽs;outros tiueraõ esta arte por indecente, & perjudicial.Nũca Dionisio Tirano pode acabar cõPlataõ dãçasse ẽ certa festa sua,&ẽ q̃todas as pessoas graues,& autorizadas o faziaõ pelo agradar, parece ulhe exercicicio pouco cõforme cõ sua autoridade.OsEgipcios prohibiaõ por lei q̃ nenhũ moço soubesse dãçar nẽ o aprendesse & ain-

Alex. ab Alex lib. 2. ca. 25.

Homer. refert. Alex. ab Alex

Alex. ab Alex vbi supra.

Laert. l. 2. ca. 8.

& ainda que os Romanos eraõ taõ dados a danças, mui graues pessoas entre elles as estranhauaõ, & reprendiaõ foi hũa dellas Scipiaõ Emeliano cujo voto era de grande autoridade; & Cicero para afrontar a Gabinio pessoa que ja tinha sido Consul lhe lançou em rosto, que era mui afeiçoado a dançar; & Domiciano sendo Censor deitou fora do Senado a hum cidadão Romano por ser mui dado a dançar, & diziaõ que a rezaõ em que este costume se fũdaua não era bastante para o fazer licito: porque outros exercicios ha de mais vtilidade, & mais varonis para os moços se costumarem a adestrar, & fazer ligeiros, & desenuoltos. O Emperador Alberto dizia, q̃ a caça era exercicio de homẽs, & a dãça de molheres. Deste parecer foi Clisthenes o qual pretẽdẽdo casar hũa filha sua, & tẽdo escolhido entre muitos a Hippoclides varão Atheniẽse, & de muitos merecimẽtos, depois de cea quis dançar, & o fez tão estremadamẽte, q̃ Clisthenes se descõtẽtou delle, & lhe deu por reposta, q̃ não queria gẽro taõ grande dãçador parecẽdolhe q̃ a facilidade, & destreza cõ q̃ sabia dãçar seria causa de o fazer muitas vezes, & de se dezautorizar: porq̃ a arte de dãçar, & cãtar tẽ este trabalho q̃ se he moderada, & de pouco saber, não serue, & se he muita desautoriza, & poucos saõ os que ẽ occasião se sabẽ refrear, & ter maõ no brio, que a ambição de agradarem, & mostrarem que sabem, corta por todas as rezoẽs de hõra, não cõsiderãdo, q̃ este genero de saber, toca mais ao gosto, q̃ á autoridade. Naõ reprouo o exercicio de dançar com tanto rigor como os Egipcios, nem me parece tão capaz de se vsar com a mesma igualdade, que o das sciencias, & letras necessarias ao gouerno da republica, porque para se prohibir deuia ter effeitos perjudiciaes, & para se estimar algũa rezão de proueito: & a verdade he, que nem o perjuizo he grande, nem o proueito muito, peloque parece que se deue permitir quando a moderação o refrear, q̃ se não estenda a lasciuia, & deshonestidade: bẽ parece ẽ festas, & casamẽtos reais, & ẽ semelhãtes occasioẽs manifestarse o gosto dos Principes, & de seus vassallos com este genero de festa. O Emperador Federico costumaua dizer muitas vezes, que mais tomara ter hũa febre, que dançar, & elRey D. Affõso o sabio de Aragaõ estranhaua tanto o dançar que dezia não deferir hum dançador de hum doudo mais que ẽ hũ ser sempre doudo o outro em

Em. Syl. l. 4. com. in res gest. Alphõs. Regis.

Brus. lib 3.

quanto dançaua,& estranhaua muito aos Franceses vsarem de danças ainda depois develhos, diziaõ serem demasiadamente leues:porem com toda a sua autoridade,& com ter esta opinião,naõ pode deixar de fazer o mesmo na occasiaõ da vinda do Emperador Federico terceiro,onde hum,& outro Principe dançaraõ,& dizendo algũs a elRey Dom Afonso para, q̃ dançaua estranhando tanto este exercicio respondeo, que o estranhaua quando se fazia por lasciuia,& recreação pouco honesta,não quando por occasião da festa,& gasalhado, que se faz aos Principes; reposta mui conforme a resolução deste discurso,a qual he ser o exercicio de dançar licito, quando he limitado honesto, & em occasioens mui raras,& de hõra:porque dançar como fazia o Emperador Caligula, que mandaua de noite chamar os conselheiros,& pessoas graues, cuidando que erão chamados para negocio de grande importancia,paraua tudo em dançarem:não so he desautoridade, mas raiz,& principio de mais consideraueis desordens porq̃ onde o esquecimento dos negocios graues, & do gouerno da republica he tão grande q̃ so lembrão festas,& bailhes,bẽ se deuem esperar descontentamento,& repugnancia dos vassallos de valor:que os animos, & pensamentos briosos com difficuldade se conformão com liuiandades,por mais que as vejão entronizadas nos Monarchas,que he o meio de se calificarem as mais abatidas,& indecentes acçoens;& não so hade ser este exercicio raro,& vsado a tempos,mas honesto, & por occasião de honra,sobre o que se pudera fazer hum largo discurso á vista do que hoie vemos, porem parecera mais predicatiuo,que politico: porq̃ o excesso em que os homens tẽ dado tão encontrado a pureza dos custumes,& vtilidade da republica,requeria não so lembranças,mas reprensoens aplicadas com aspereza, & rigor, porquem tiuesse poder,& autoridade para ellas:mas irmehei recolhendo neste,com aduirtir somẽte aquelles,que gouernaõ a republica o grande perjuizo, que resulta das varias danças que cada dia se introduzem, ẽ que as moças se vão criando como em hum seminario de desenuoltura, & deshonestidade,cujo fruito se não ve logo de sorte,que obrigue a emmẽda,porque saõ males intrinsecos,que não destroem violentamente, mas com a suauidade, & brandura dos vicios carnais, vão pouco,& pouco corrompẽdo

Panormi.lib.2 de rebus gestis. Alphon.

Dion. in eius vita

do,& consumindo hũa republi ca,e hum Reino. Lembrouse Sa lamão de aduirtir a todo homẽ prudente,& que deseja gouernar bem sua conciencia, que com estas danças não tenha muita comunicação :de que o prudente Petrarcha tomou argumento para fazer hum largo dialogo,que mais se podia chamar inuectiua contra este costume de bailhes de molheres,que eu desejei offerecer nẽ ste lugar ao Lector: porque se por ventura for de calidade q̃ possa remedear costumes desordenados mais se persuadirá com as elegantes rezoens de hum taõ graue autor; nas quais mui estendidamente representa os inconuinientes deste genero de recreação tão pouco vtil á republica,& tão perjudicial aos costumes . Aquella queixa que Deos fazia pelo Profeta Ezechiel do pouo Hebreo,que desprezaua os lugares sagrados, & quebrantaua os sabados, entendem alguns pelas danças,que se faziaõ nos dias solemnes, & nos templos dedicados a oração,& peniten cia, não a semelhantes festas mais cheas de impureza,& sensualidade que de deuação,& zelo:de maneira que a honra de Deos se offende:a honistidade dos vassallos se perde entre semelhantes festas:& a autoridade dos Principes se deminue permetindoas,ou vsandoas; por que a resolução he,diz Petrarcha,que os varoens prudentes hão de beber vinho como Catão,& hão de pisar a terra como Scipião,não para dançarẽ, mas para a conquistarem.

Eccles. 9.

Petrarch. de choreis

Ezech. 22.

Poliant. in tit. choreæ. Exod.

Franc. Petrar. dialog. 24.

DISCVRSO XII.

Se he de algũa vtilidade á eloquencia na Republica.

ALGVNS Politicos, & Philosophos antigos houue, que tratando da eloquencia absolutamente a louuarão, tendoa por mui necessaria á republica, & Principes: & com mais rezão se affeiçoarão a este parecer, se virão a estimação, que nesta idade se faz de palauras, & o abatimento em que as obras de valor cairão,que como estas se não achem,nos maiores perdẽ o preço,& vão faltando em todas,não tanto por custosas, como por pouco estimadas : & á falta dellas seruem ás palauras, como as folhas de figueira de cobrir a faltas,que a desobediencia de Adam manifestou. Esta parece que foi a rezão que Deos Nosso Senhor teue pera não aceitar as escusas de Moyses,& o mandar negocear com

Pharao: sendo assi, que pera tão grande Embaixador lhe faltaua elegancia, & ainda a necessaria pronunciação: auia de persuadir com obras, & milagres, & escusaua palauras. Porem nẽ eu me gouernarei pela reputação que o pouo lhe dá, pera deixar de apontar as faltas, que lhe achar: nem estas seraõ bastantes pera lhe tirar o lugar, que merecer em respeito ás pessoas, ou occasioens, que como saõ varias, tambem o sera o modo de approuar, ou reprouar esta arte: ẽ que não acho fundamẽto bastante pera seguir os que della falaraõ fazẽdo de sua vtilidade conclusaõ vniuersal. Primeiramente, se lançarmos os olhos ao trato ordinario da gente, á communicação, & vida dos homens, acharemos, que mui bem se podera conseruar sem eloquencia: antes muitas vezes seruirá de enganar aos q̃ viuem confiadamente, & sem cautella, & de persuadir vicios, & desordens: que como estes andem sempre rebuçados de boas apparencias, nas palauras tem seu valhacouto, como instrumento mais acommodado para fingimentos. A verdade (diz S. Paulo) escusa palauras cõcertadas, & encaminhadas á persuasaõ, tem em si bastante virtude pera obrigar aos animos dos homens sem o perjuizo, que a eloquencia humana costuma causar, & sem os perjudiciais effectos que em todas as idades della resultarão. Ouuindo Catão Censorino ao Philosopho Carneades fazer hũa elegante oraçaõ da Iustiça por huã, & outra parte conforme o costume Academico, foise aos Senadores Romanos, & com muito encarecimento lhes pedio que logo fizessem ir de Roma aquelle Orador: porque era mui prouauel, que com a eloquẽcia de suas palauras persuadisse quãto lhe estiuesse bẽ, atrahindo a si os animos dos mancebos Romanos em respeito de sua vtilidade, & não do bem comum. Experimentaraõ bem á sua custa os Athenienses quam grande erro era permittir na Republica Oradores demasiadamente eloquentes: pois foi poderosa a eloquencia, & persuaçaõ das palauras de Pisistrato pera lhe darem entrada a gouernar, ou tiranizar a Republica com grande arrepẽdimento dos que tal permitiraõ, quando ja o remedio naõ tinha lugar. He de maior consideração o perjuizo da eloquencia em homens de saber limitado, ou mal inclinados; & he cousa mui ordinaria naõ conformar o entendimento com a lingoa, & serem mais eloquentes os que menos cabedal tem de pru-

1. ad Corint. 2. vers. 4.

Quintil. lib. 12. Institut. Orator cap. 1.

Valer. Maximo. li. 8. cap. 9.

Iustin. in 2.

prudencia: antes se ouuermos de seguir o parecer não so de alguns politicos, mas dos mais graues doctores, que nesta materia falarão com mais consideraçaõ, & experiencia acharemos, que os que mais se prezaõ de falar, & com mais rezoens tratão de persuadir seu intento saõ ordinariamente, ambiciosos auarentos, & atreuidos. O glorioso S. Ambrosio diz que os homens, que tem todo o cabedal na lingoa, raramente escapão de aduladores, auarentos, soberbos, & loquazes. Valeroso, & eloquente foi o Capitaõ Alcibiades, & naõ de rasteiro engenho; porem como a madureza do conselho naõ fosse tanta que o aquietasse nas resoluçoens acertadas, seruiolhe o valor de emprender quãto a imaginação lhe ditaua, & a eloquẽcia de persuadir cousas taõ nouas, & extraordinarias, que forão causa de se perder a si, & descompor o gouerno de sua patria. Cayo Gracho mui grande Orador foi: porem de tão auessa condição que deu materia aos Historiadores a se queixarem delle, por não querer aplicar a eloquencia, que tinha a obras gloriosas, & do bem cõmum, antes a perturbar, & inquietar a republica. Não foi bastante o valor que o Atheniense capitão Pericles teue pera o liurar da ignominia, que acquirio com vsar mal da eloquencia que tinha: o philosopho Aristophenes o reprende: & Iustino o condena de empregar a suauidade de sua pratica ẽ destruição da Republica; & quando mais trataua de enganar os que o ouuião, então com mais cuidado se aplicaua ao exercicio de sua elegancia, com que os encantaua, & obrigaua a lhe concederem, quanto queria. Cõ para certo Politico semelhante eloquencia ao fingido cantar das aues, com que os caçadores as atrahem á si pera as matar, vsando pera isso de instrumentos que as imitão, de sorte que leuadas da fingida armonia, se vão ẽtregar a propria morte. Em respeito desta consideração se resoluerão os Areopagitas, que os Oradores a cuja conta estaua defender os culpados, & relatar suas causas, as dissessem, com as mais breues palauras, que fosse possiuel não acrecentando proemios, q̃ seruissem, de mouer a compaixão, ou odio; porque todas as que passaõ das necessarias se encontraõ com a verdade, & seguem a natureza de quem as diz. Cõtra isto está o parecer de Cicero, que ainda que falou em causa propria leuou, apos si outros muitos nos louuores da eloquẽcia, o qual diz que he mui vtil á Repu-

Amb. in ps. 118

Petr. Creg. de repub. l. 17. c. 2

Cicer. de Orator.

á republica: serue de persuadir ao bem, & de desuadir do mal. Sò hum bom Capitaõ, & hum bom Orador (diz Cicero) se deue estimar, & por nos mais preeminentes lugares da Republica. Aristoteles isto mesmo diz em suas politicas atribuindo todo o perjuizo da eloquencia á malicia da pessoa, não á arte. Plutarcho a cõpára ao freio, q̃ por mais feroz que seja o çauallo com elle se amansa, & encaminha para todas as partes, que oquerem leuar: de sorte, q̃ sem a eloquencia não podem os Principes gouernar seus vassallos, nem a republica gozar de paz, & felicidade algũa. Cõforma com este parecer o que, elRey Phelippe de Macedonia sobre este particular dizia, que os mesmos effeitos se achauão na eloqnencia, que nos Caualleiros armados: huns, & outros tem á sua conta defender a republica, & conseruar a paz, & tranquilidade do bem commũ: & bem se pode dizer, que com igual força, porque a que faz nas vontades a persuasaõ das palauras não he de menos importancia, que aque os soldados fazem naquelles, que rendem, & sogeitão. Proua bastantemente este pensamento o q̃ aconteceo ao Philosopho Hesegias, oqual tendo em publico hũa elegante oração em que representou as miserias da vida humana com tal propriedade, & efficacia de palauras o fez, q̃ desejauão todos os ouuintes de de se matar com suas proprias mãos de aborrecimento da vida; & tendo noticia disto elRey Ptolomeo considerando o perjuizo, que seus vassallos recebião, & a angustia em que o Philosofo os metia lhe mandou, q̃ não tratasse mais de semelhante materia: porque o mesmo era representar tão ao viuo as miserias da vida, que por em risco aos ouuintes de pretenderem a morte. Não se vsa hoie este genero de oraçoens, tão praticado entre os antigos, particularmente Romanos, q̃ nas palauras, & acçoens de hum Orador consistia a vida, honra, & fazenda dos homens: donde Marco Antonio tomou, occasião pera reprender a Cicero de liurar da morte muitos malfeitores, orando em publico em fauor de suas causas; porem he neste tempo mais necessario, & excellente o exercicio da eloquencia pelos effeitos, que causa, pois se serue della a lei Euangelica pera saluação das almas: o que he de tanto maior importancia quanta he a distancia, q̃ vai dos bens temporaes aos eternos, & desta limitada vida á que há de durar pera sempre; & posto que a verdade diuina seja

Aristot. in polit.

Plutarc in polit.

Plut. in decem orat.

Marc. l 8. ca. 9.

Diog. Laert. l. in Aristip.

seja por si taõ efficaz que pudera escusar quaisquer accidentes, saõ os entendendimẽtos humanos taõ limitados, & as vontades taõ inclinadas ao mal, q̃ he necessario muita persuasaõ de palauras pera os homens seguirem o bem, & se desafeiçoarem do mal: & naõ ha duuida, que depende isto muito das acçoens de hum pregador, & do modo com que representa o q̃ diz: o que largamente tem mostrado a experiencia, deixando muitos homens vicios, & erros mui antigos, & conuertendose a outro mui differente genero de vida por hũa pregaçaõ que ouuiraõ. Teue o glorioso Padre S. Agostinho grande desejo de ver tres cousas: a Christo em carne: a Roma em sua prosperidade: & a S. Paulo pregando. E naõ ha duuida, que qualquer destas tres poderão obrigar qualquer pessoa de grande espirito a fazer muito por ellas, em que não deuo fazer muita digressão, pois se deixão bem representar ao pensamento sẽ as ẽcarecer. O que me dá mais motiuo de reparar em rezão do que vou tratando, he, que lia S. Agostinho cada dia o mesmo que S. Paulo pregaua: & cõ tudo desejaua ver as acçoens, & modos de as representar, porque sabia que nisto consistia muito a excellencia de sua doutrina, & o fruto, que com ella fazia. Porem não deue a eloquẽcia do pregador ser tão composta de palauras, que seja falta de sustancia da doutrina: porq̃ o fim da pregação Euangelica não se alcança somente com a elegancia das palauras, posto q̃ estas siruão de dar vida ao que se diz. Chamaua S. Bernardo a hum mancebo mui amigo de se occupar no estudo da eloquencia sem ter saber algum, inimigo da Iustiça: porque, sendo este o fim que se pretende he necessario sciencia, & zelo pera o conseguir; & por esta rezão foi o glorioso S. Hieronimo castigado por hum Anjo, por folgar de se occupar em ler as obras de Cicero em respeito da eloquencia das palauras, & naõ da doutrina, que como gentio a naõ podia dar mais q̃ em respeito das obras morais. E pella mesma rezão se deuia estranhar aos pregadores tratarem tanto da eloquencia cõ que pretendem agradar, que nenhum caso fazem do fim peraque foraõ ordenados, que he encaminhar almas ao Ceo; & tem chegado o tempo a tanta desauentura que já agora se vai ás Igrejas á ouuir praguejar, & dizer ditos, como se a pregação fora hũa farsa, que se vai ver por recreação, & naõ por vtilidade; saõ abusos dos que pretẽdem

S. Bern. lib. 4. de cõsid. ad Eugenium Papam.

Rabanus lib. de presgiuris Eccles. cap. 7.

dem parecer eloquentes ſem o ſerem;porque o fim da eloquẽcia,naõ he recrear,mas perſuadir o aſſumpto,que ſe propoẽ; pello que ſe pode permittir o tal exercicio,que por ſi naõ tẽ vicio atalhando a que as peſſoas não vſem delle mal, particularmente os pregadores da ley Euangelica:pois he o genero de eloquencia mais importãte,cujo fim deue ſer doutrinar o pouo,& perſuadir obras de virtude,ſem outro algum intẽto.Tambem ſerue em occaſioens de guerra,& em embaixadas de importancia,onde o modo de ſaber repreſentar,& encaminhar as couſas por palauras he toda a ſuſtancia do que ſe pretende:& ſabemos,q̃ muitas vezes não foraõ menos poderoſas as palauras,que as armas,pera dar,& tirar Reynos, &muito mais pera os perſeruar de guerras,& conſeruar ẽ paz. Sẽdo elRey Pyrrho taõ valeroſo como as hiſtorias delle teſtemunhão:& dilatando ſeu poder com tanta felicidade de vitorias acquiridas por ſua propria peſſoa,coſtumaua dizer, q̃ mais terras tinha vnido a ſua coroa por meyo da eloquencia de Cineo, que com as armas de ſeus ſoldados:encarecimento baſtante de quam efficazes,& neceſſarias ſaõ as palauras pera o gouerno,& proſperidade da republica,ſe a diſpoſição,& ordem della for aque conuem.

Valer. Max.l. 9.c.3.

DISCVRSO XIII.

Se conuem aos Principes ſerem, eloquentes.

DVVIDA, que neſta materia mais difficuldade moſtra,he,ſe conuem aos Principes o exercicio da eloquencia?cuja reſolução parece que dependia do diſcurſo paſſado,em que temos viſto ſuas calidades, & o perjuizo,& vtilidade que cauſa nas reſpublicas : porem não ſaõ fundamentos tão forçoſos, que ſẽ mais duuidas poſſamos julgar por neceſſario ſer o Principe eloquente:porque ſe ouuermos de tomar eſta arte em ſeu principio conſiderando ſua eſſencia, & calidade, acharemos que tem por fim perſuadir com palauras,o que em algũa maneira encontra a Mageſtade Real,pois eſta ſe ſuſtenta ẽ as falar mui limitadas. E eſta deuia ſer a rezão daquella ſentencioſa repoſta,queDemoſthenes deu aos Embaixadores dos Athenienſes,os quais eſtando falando com Philippe Rey de Macedonia,vierão tratar da elegancia,& concerto de ſuas palauras

lauras,gabãdolhe a eloquẽcia, cõ q̃ praticaua:porẽ não sofreo Demosthenes(q̃ a caso se achou presẽte)tais louuores:& tomando á sua cõta a reposta pelo que lhe hia na autoridade de seu Rey,sepos a reprẽder osEmbaixadores de o gabarẽ de eloquẽte,dizendolhes,q̃ falassẽ nas excelencias Reais,q̃ tinha,& não em huã parte taõ humilde,que naõ merece ser contada entre as que hum Rey deue ter, antes nella fica sendo semelhante a muitos Sophistas; porque ainda que a persuaçaõ naõ seja de pouca importancia assi em respeito dos vassallos,como dos estrangeiros:com tudo deue esta ser mais fundada no respeito da pessoa Real, & no valor em que os Principes deuem exceder aos mais homens, que no concerto das palauras, cujo effeito dura pouco mais doque ellas durão:& o que depende de cousas mais altas mais constante,& firme he. Dizia elRey Dom Affonso o sabio de Aragão,que o bom Principe se conhecia em ser obedecido cõ huã sò palaura:porque nẽ muita cantidade dellas,nem ainda de leis persuade melhor, & cõ mais vtilidade da republica que o valor do Principe:& quãdo este falta, seruem as palauras de causar peores effeitos por eloquentes que sejão: que nunca as palauras desacompanhadas de obras forão autorizadas,nem ainda honradas nos vassallos,quanto mais nos Principes. Sendo Salamão o mais prudente Rey, que o mundo conheceo, cujas palauras não sò erão certas, & auisadas, mas ainda misteriosas, não deixou de se recear dellas: dizia, que desejaua ter guardas em sua boca,peraque as palauras saissem, tanto a meio,& tão registadamente,que ficasse elle liure do temor,que tinha de se perder por ellas:sabia quam ordinaria cousa era perderense mais os Principes por falar,que por calar.Conforma com esta doutrina outra de Aristoteles, oqual diz que mais cabedal de prudencia se requere pera saber calar,que pera saber falar. Não faltará quem aponte algũas occasioens em que a eloquencia foi de proueito aos Principes. Demetrio filho de Antigono foi aceitado por Rey de Macedonia por hũa pratica que fez aos Macedonios,ẽ que lhes representou suas partes,idade, & talento.Epaminondas quis persuadir aos Gregos a se rebelarẽ dos Lacedemonios: & de tal maneira representou com sua eloquencia,& persuasaõ a tirania, & ãbição dos Lacedemonios,que alcançou oq̃ pretẽdia: & desta maneira os venceo não com

Laert.l. 6.

Panorm de rebus gestis Alphons.

Eccles. 22.

Arist. de Rep.

Plut.in demetrio Iustin.li. 16.

Aemilius Probus in eius vita.

com armas, mas com a lingoa, porem fazião neste caso officio de requerentes, não de Principes. E quando isto não fora, naõ podem os particulares successos calificar as acçoens, que intrinsecamente saõ indecentes á pessoa Real, nem encontrar a doutrina geral, & rezão de esta do mais aprouada, que consiste em serem de mais vtilidade as acçoens fundadas na Magestade, & respeito que os Principes grangeaõ com obras de valor, & prudencia, que na persuasaõ das palauras, por efficazes, que sejão: principalmente quando o tal respeito he nelles tão natural, que pera persuadirem o que he justo, mui poucas palauras bastão: & pera o que naõ conuem melhor he que faltem todas as circunstancias que podẽ ajudar á tal persuasaõ. Conta Paulo Iouio ser particular condição dos Franceses considerarem grande misterio nas palauras, & meneios de seus Reys; & daqui resultou persuadirẽse facilmente a hũa grãde ẽpresa, q̃ elRey Carlos intẽtou leuado de certos adeuinhadores, q̃ lhe pronosticarão auer de ser Emperador do mũdo todo cõ menos fũdamento do q̃ era rezão ouuesse ẽ negocio de tãto peso de q̃ resultou ser a tal persuasaõ de mais perjuizo q̃ vtilidade. Sẽpre as palauras dos Reys foraõ efficazes cõ o pouo pera conseguirẽ seu intẽto, qualquer q̃ seja: posto que os prudẽtes, & de valor, se estão em sua liberdade mais se leuaõ das que saõ mais breues, & contadas, fundadas mais em rezoens consideradas, & graues, que em ẽ acçoẽs Rhetoricas, & elegantes. Outro genero de persuasaõ se acha ẽ respeito do interesse proprio, pretẽdendo os Principes, que os vassallos cõsintaõ ẽ nouos tributos: & como isto se não deue fazer cõ ostẽtação de poder, mas de rezão, custumaõ representar necessidades, & mostrar occasioẽs de gastos aos tribunais, ou Cortes: porem como os q̃ tẽ á sua cõta poderem prometer ẽ nome do pouo, saõ persuadidos cõ outro genero de eloquẽcia mais efficaz, qual he o interesse proprio, facilmẽte, & cõ poucas palauras se sogeitaõ ao q̃ lhes pedẽ, tomãdo á sua cõta o mais pouo, sobre quẽ carregá o peso, q̃ como interessado na perda, & naõ no proueito geme, & clama, por ventura que com menos culpa dos Principes, que naõ tem por taõ violento o que com facilidade se lhes concedeo, ou por ventura offereceo sem o pedir: que a võtade dos Reys por injusta, que seja, sempre teue executores, naõ tem necessidade de se representar com muitas palauras

Paulo Iouio l. 1. cap. 3.

uras basta imaginarse pera se effeituar, ainda que seja á custa do sangue de todos seus vassallos: consideraçaõ, que deuia penetrar muito hum peito Real pera não declarar seu gosto em respeito de pedir aos vassallos, sem primeiro pesar as causas q̃ pera isso ha, & o que a possibilidade dá de si: & quando os que pretendem agradar lhe offerecem oque o pouo ha de pagar, naõ entendão que tem por si a vontade de todos, antes se receem da violencia com que os ministros superiores persuadem aos que podem defender o pouo, pera que consintão, & executem, aos quais o interesse do que esperão ata as mãos, & o temor de perderem o que tem, tapa a boca: & o miserauel pouo o paga; & se estes effeitos resultão do gosto do Principe imaginado, que será representado com palauras? O certo he que importa tanto a persuasaõ, como a força: & que tanta violencia recebem os vassallos das palauras do Principe, como da execução dos ministros. Outro genero de eloquencia se acha em cousas ordinarias, & leues, de que não resulta perda, mas desautoridade, não só nos Principes, mas ainda na gente, que tem qualquer criação: consiste esta em louuar, ou vituperar com encarecimento alguma cousa. He necessario que sejão as palauras mui conformes com o que se pretende declarar; porque tudo o que excedem, desautorizão, e muitas vezes, perjudicão. Parece que esta he a rezão da reposta do Philosopho, que perguntado, que differença auia entre a arte do orador, & do Principe respondeo, que a mesma, que auia entre a paz, & a guerra: porque a perfeição do Orador não se diminue com falar muito: a do Principe si; & não faltou, quem dissesse, que ate o Orador perigaua no falar, se as palauras encarecião mais as cousas do que era rezão. Louuandose diante de elRey Agesilao a hum Orador, que amplificaua muito o que tomaua entre maõs: respondeo que assi como não tinha por bom, çapateiro o que fazia çapatos grandes a pès pequenos, assi se não podia ter por bom Orador o que encarecia as cousas mais do que merecião: & quãdo isto he vicio nos Oradores, & gente ordinaria, muito mais o sera nos Principes, de sorte que por qualquer via, que considerarmos a eloquẽcia a não achamos necessaria aos Principes em respeito do

Stob. serm. 52.

Erasm. in apoph

do gouerno de seus vassallos: antes muitas vezes desautorizada,& indigna da Magestade Real.

DISCVRSO XIIII.

Se o exercicio da poesia he conueniente aos Principes,& de alguma vtilidade aos vassallos.

SE a poesia não tiuera dado taõ grãde brado no mundo,que me não fica lugar de desculpa,quando me queira esquecer de tratar della, com mais vontade a deixara gozar em paz dos louuores, de que os liuros poeticos estaõ cheios, sem os por em duuida,& me ser necessario repetir suas faltas,porque ainda que as mais artes podião recusar de sospeitos aos que lhe derão o primeiro lugar, a galantaria,com que o costumão persuadir lhe grangea o credito,se em alguma maneira lho naõ diminuira a difinição de seu nome,q̃ como se diriua do grego elle a publica por arte de mentiras, & fingimentos,& esta he a rezão porque Sam Hieronimo se mostra tão capital inimigo seu, que mentir com arte,& suauidade, nunca pode contentar,a quem aborrece todo genero de mentira, & tambem he desgraça sua,que sendo Aristoteles taõ afeiçoado a poesia, não pode negar,que o officio dos poetas era mentirem. O que deu occasião a ser tambem recebida a resolução, que os Lacedemonios tomarão em desterrar todos os poetas, não bastando suas traças pera persuadir a que fizessem delles estimação os que a não fazião mais que da conseruação da sua republica: entenderaõ que perjudicauão a criação dos moços porque com seus versos os inclinaua ô a amores profanos,& os diuertiaõ de empregarem o tempo em exercicios honestos. Plutarcho conta,que perguntando hum homem a hum Lacedemonio por Tirteo poeta insigne,esperando ouuir delle grandes louuores lhe respondeo,que era mui bom pera destruir hũa republica,&estragar os moços.E deuia ser mui grande o aborrecimento, que esta gente lhe tinha,porque consultãdo o oraculo sobre o capitão que escolheriaõ para hũa guerra,q̃ ordenauaõ,tiueraõ por reposta,que aos Athenienses pedissẽ o capitão, os quais como eraõ

Hieron. in epist. de duob. fol.

Arist. l. 1. Metaph.

Plut. in Lacon.

eraõ seus inimigos, & buscassẽ sempre occasião de se encontrarem, lhe mandaraõ hũ poeta coxo de hũa perna, escarnecendo delles por este modo.

Plat. lib. 2. de re pub. Mui afeiçoado foi Plataõ a poesia, & grandes louuores lhe dá chamando aos poetas filhos dos Deoses, pais de sabedoria, & com outros semelhantes encomios, porem quando houue de ordenar hũa republica perfeita, teueos por perjudiciaes ao bom gouerno della, porque

Arist. l. 1. poet. toda a poesia conforme Aristoteles, se resolue em encarecimentos, ou louuando, ou vituperando, & tão perjudicial he louuar o que merece reprensão, como reprender o que merece louuor; & desta sem rezão deuem nacer as desgraças, que muitos poetas padecem, & saõ raros os que não experimentem algum trabalho, nacido de seu proprio engenho, com que querem morder os que lhes não parecem bem, & com que algumas vezes pretendem o que lhe não conuem. Era entre os antigos, a abelha Hieroglifico dos poetas, conforme diz

Eorat. Pier. li. 26. pag. 24. Horatio, & Pierio Valeriano, deuião fundarse não so na suauidade do mel, que fazem, mas no aguilhaõ com que picão, aquem lhe pode tirar a vida, & com ella pagaõ o atreuimento. Tambem os desautoriza muito empregarem seus louuores em materias, que tem mais de torpes, que de profanas, pera o que ordinariamente vsão de comparaçoens, que não tem outra disculpa mais que serem poeticas, & ainda que estas não mostraõ á primeira vista perjuizo, experimentase muitas vezes quando menos se cuida, na facilidade com que as donzellas recolhidas, & pouco acauteladas saõ enganadas de quem não tẽ mais cabedal, q̃ oq̃ a poesia lhes ẽsina. Sem ẽbargo disto eu faço muitã diffe rença entre a poesia, & os poetas, & entre huns poetas, & outros, & não he rezaõ, q̃ ella pague os vicios dequem vsa mal de sua galantaria, nem q̃ os bõs padeçaõ pellos maos. Poetas ha que mais se deuem chamar trouadores, & estes saõ os mais importunos com seus versos. Andou mui auisado Sylla, que gouernando o exercito Romano lhe offereceo hum poeta hum epigrama com versos maiores do necessario ao qual mandou pagar mui bem, mas com condição, que não hauia mais de occuparse em poesias. Aristoteles diz, que estes tais saõ os, que mais se satisfazem de seus versos, como os pais de seus filhos, que por mais feyos, que sejão lhe parecem bem

Plut. lib 6. apoph

Arist. 9 ethi. c. 7

bém. Outros ha, que tendo maior engenho pera fazerem boas poesias, as emprègão em materias tão perjudiciais, que mais merecião castigados que louuados, porque engrandecem muitas vezes com seus encarecimentos, quem merece por suas obrás reprendido, & castigado, & ajuntandose a suauidade da adulação com a da poesia, persuadem quanto querem, sẽ bastar muitas vezes o entendimento pera julgar por mentira o que resulta em louuor proprio. Leão Hebreo affirma, que mui illustres varoens se tiuerão por diuinos persuadidos com os fingidos encarecimẽtos dos poetas, que a tanto se atreuem com seus versos. Porem o erro que nace da pessoa não deue perjudicar a poesia, que persi he das mais excellentes artes, & houue mui graues doctores, q̃ affirmarão naõ poder nenhũ poeta alcançar a perfeição da poesia, sem influencia diuina: & Alberto Magno não somente a louua nos limites de arte, mas a fazparte da Logica com que lhe da lugar entre as sciencias, & diz, que com admiração a que leuanta os homens, os ensina a filosofarem. Os effeitos da poesia, tomada em sua perfeição, sẽ a peçonha, que a malicia dos homens lhes comunica, são de grande estimação, porque as obras heroicas, & gloriosas, ella he a que as deposita na memoria dos homens, fazẽdo immortais os nomes dos q̃ as emprẽderão com o que dão animo, & brio a outros para fazerem o mesmo. Horacio diz, q̃ tem virtude a poesia pera perseruar da morte as pessoas dignas de louuor, eternizando seus nomes. Isocrates Filosofo Platonico tem por tão excellentes as poesias boas, que diz deuem sempre andar na memoria dos homens, as quais compara ao fauo de mel, que as abelhas vão fazendo das melhores flores, & não ha duuida, que os conceitos, & galantarias de hũa poesia tem muita semelhança com a suauidade do mel, & cõ a apraziuel diuersidade das flores: e o q̃ mais a acredita he q̃ o Espirito Santo se seruio desta arte pera ẽsinar aos homens os mais soberanos misterios por meio de seus Profetas. O Santo Rey Dauid em verso compos suas profecias, & os louuores, q̃ cantaua a Deos, que hauiaõ de ficar eternizados na Igreja Catholica, pera que os fieis os trouxessem sempre na memoria; dõde S. Hyeronimo tomou occasião pera estranhar, & reprender alguns sacerdotes de seu tẽpo, que deixando tão diuinos, & misteriosos versos se occupauão em repetir os que faziaõ homens

Leo Hebr. de amore dial. 3.

Marc. Fic. in Plat.

Albert. Mag. in 1. met. tract. 2. cap. 6.

Horat.

Hieron. in epist. de duob. fil.

homens de costumes perdidos fingindo historias, & compondo comedias para seu passatempo. O profeta Ieremias em verso compos suas lamentaçoens com que celebrou a morte do Santo Rey Iosias, & muitos Sãtos da ley da graça se occuparão em compor versos em louuor de Deos sendo celebrados pella elegancia, & espirito cõ que os fizerão. E o nosso glorioso Pontifice Portugues Sam Damaso, tem entre os mais o primeiro lugar, de que a Igreja faz memoria, como excellencia particular sua: de maneira, que o exercicio de toda a Igreja militante em que os Ecclesiasticos se occupão, entoando louuores á Deos quasi todo he em verso ordenado com os hymnos, & psalmos de Dauid. Com tudo não louuarei nos principes o muito exercicio da poesia, pela muita aplicação, que requere, porque ainda que pera recreação, seja pouco perjudicial vsada em hum dia ocioso, o gosto de quem lhes não sabe por limite, & se costuma a ella, poucas vezes se aplica a outros exercicios de trabalho: & como a vida dos Principes este ja dedicada a hũa continua occupação, mui necessario he que os entretenimentos sejaõ de calidade, que lhe não gastẽ muito tempo; entender a poesia sẽpre foi mui conforme com a autoridade, porem o exercicio della deue ser por recreação não por officio, & em materias mui aprouadas, & quando se hã ja de ver fora, o que poucas vezes sera conueniente deue ser tão limada, que não de occasiaõ aos vassallos a que a desestimem, que os partos do entendimento desautorizão quando saõ reprouados, & criaõ ma võtade quando saõ desestimados.

DISCVRSO XV.

Se encontra a autoridade dos Principes occuparense algumas vezes em officios mecanicos por seu passatempo.

SAõ mui varias as inclinaçoens, dos homens, & mui, poucos os que se applicão aos exercicios mais honestos, principalmente se ao natural se ajunta o poder & liberdade de seguirem o q̃ mais conforma com seu gosto, sem o entendimento ter lugar de fazer eleição do que mais lhes conuem: o que me da motiuo pera tocar em huã duuida mais achada nestes tẽpos, que praticada entre os antigos. Se he licito o exercicio de que alguns Principes vsaõ occupãdo o tempo em officios de maõs,

dos que chamamos mecanicos cõ q̃ a gente de mais baixa sorte costuma grangear o necessario pera a vida:& se nisto encontrão a autoridade, & obrigação de seu officio dedicado a negocios publicos. Pera o q̃ hemos de considerar tres occupaçoens,ou tres tempos occupados:o primeiro em recreaçoens,& entretenimẽtos,dos muitos que a arte,ou a cobiça tem inuentado para dar gosto aos poderosos:o segundo, em materias,que não sendo perjudiciais,naõ trazem vtilidade algũa: o terceiro neste genero de exercicio,que parece se não inuẽtou mais,que pera remedio da gente necessitada.Falando Cicero em geral dos officios, que assi intitulou o liuro que delles trata,diz,que nenhum genero de homem deixa de ter algum officio,dado pella mesma natureza em cujo exercicio, & occupação consiste a honra,&perfeiçaõ da vida,& em o desprezar a torpeza, & afronta: he o seu principal intento encaminhar os homens ao comprimento de suas obrigaçoens, executando cada hum o officio, que lhe toca:que não ha homem a que a natureza naõ desse segũdo seu estado,algum exercicio honesto,ou em respeito da paz ou da guerra,de que Aristoteles largamente trata falando nesta materia. E S. Anselmo faz hum capitulo desta obrigação,que os homens tem de se occuparem no exercicio &officio,que lhe cõpete segundo seu estado,porque se as ouelhas,diz,o Santo,tem por officio darem lam,& leite, os bois laurarem a terra,& os caens ladrarem,& defenderem o gado: & cada hum destes animais não comprir com sua obrigação,& quiserem tomar huns officio dos outros, tudo sera confusaõ,& para nenhuma cousa seraõ de proueito viuos;o mesmo se considera nos homens a quem a natureza criou com diuersos officios,se he que a fortuna não tem mais parte nelles,segundo a condição do estado de cada hum : de maneira, que o officio dos Reys he vigiarem sobre a conseruação, & gouerno de seus vassallos: os maiores assistindolhes na administraçaõ da Iustiça, & defensaõ do Reyno:os mais inferiores nos officios da republic:eo mais restante do pouo,nos,que chamamos mecanicos, sem os quais se naõ pode conseruar a vida politica em sua perfeição; assi que parece necessario, que cada hum se abstenha dentro dos limites do officio peraquẽ a natureza o criou,& que nem os Principes deuem tomar os officios da gente do pouo,nem os

Cic. 1. de offic.

Arist. l. 4. ethic. cap. 1.

Anselm in semilitudinib. c. 127.

os de mais humilde sorte queirão sobir aos lugares desproporcionados a seu estado: que do descuido que muitas vezes há nesta materia, nacem as tempestades,& desordens na republica,como nas,que naturalmente vemos originarense dos vapores da terra, por quererem sobir a regiaõ,que lhes naõ pertence:porque conforme os Philosophos,o vapor adusto,que levantandose da terra começa a se inflamar,causa os trouoens,q̃ vemos:& não saõ menos,os que experimentamos, no gouerno politico,por se não contentarẽ com o lugar inferior em que se criarão os que saõ semelhantes aos vapores da terra,& quererem sobir a região superior pera que não naceraõ:de que parece se infere,que se aperfeiçaõ da republica,& dos mesmos homens consiste em cada hum se occupar no officio proporcionado a seu estado, naõ deuem os Principes exercitarse nos q̃ pertencem a gente de mais baixa sorte,porque tanta desordẽ se considera em elles se abaixarẽ aos officios,que lhes não pertencem,como em sobirem os de menor sorte aos que naõ cõformão com sua calidade,& merecimentos.Supostos os fundamentos desta proposta responderei a ella com tres conclusoẽs: A primeira he,que de todos os vicios he o mais perjudicial a ociosidade,& que a esta se deue atalhar por todas as vias: A segunda,que occupar o tempo em materias impertinentes,desautorizaõ,&perjudicaõ: A terceira,que de todos os passatẽpos saõ mais honestos, assi aos Principes como aos vassallos, os que trazem consigo mais trabalho que descanço. Quanto á primeira cousa aueriguado he,que a ociosidade he o maior inimigo que a republica tẽ, ou seja dos Principes, ou dos vassallos:destes tratarei adiante quando apontar os meios cõ que se deuem atalhar os inconuenientes,que resultão dos mãcebos ociosos;toca este discurso somẽte aociosidade dos Principes, pera em respeito della nos conformarmos com a eleição,que elles fizerem dos exercicios,a que o gosto natural os inclinar,ou lhes apontarmos as rezoens,que tem pera os naõ vsar,pois os não hemos de obrigar a outros:& o mais a que se pode estender a jurisdição dos vassallos he a proporlhes os interesses,que resultão dos mais honestos,& os perigos dos que o não saõ,& se algũa cousa se deue pedir com todo o encarecimento aos Principes he que considerem a necessidade, que tem de não esperdiçarem o tẽpo,pois este he o mais rico thesouro

Albert. Mag. in 3. meteo tract. 3.

ſouro, & o mais neceſſario a todos os homens, principalmente aos que hão de gouernar aos outros. Seneca diz, que todas as couſas quantas poſſuimos ſaõ alheas, ſo o tempo he noſſo: & ſe os particulares tem tanta neceſſidade de o aproueitar, não tendo á ſua conta mais que a ſua particular conſeruação, q̃ ſera os Principes, que ſe haõ de comprir com os encargos de ſeu officio, de ſi hão de tratar menos: porque ſe o piloto (comparação de que Plataõ vſa a eſte propoſito) tem neceſſidade de vigiar ſempre, & vſar mui moderadamente do ſomno: cõ quánta mais rezão quem tem á ſua conta o gouerno da republica, onde as tempeſtades ſaõ maiores que no mar Occeano. Que as recreaçoens ſe vſem a ſeu tempo, a neceſſidade o pede: porque não pode a vida humana eſcuſar algumas horas de deſcanço entre as de trabalho, porem, que ſeja o fim das recreaçoens paſſar o tempo, & que ſe buſquem exquiſitos generos de entretenimentos para enleuar o goſto, de modo q̃ ſe não dé fè do tempo, & que eſte va paſſando ſem ſe ſentir, he o erro mais perjudicial, que no mũdo pode hauer, & cauſa do eſquecimento com que ſaõ tratados os negocios de maior importancia: que onde o goſto particular tomou hũa vez aſſẽto, nenhum negocio, dos que coſtumão cançar tem lugar, & ſe houuermos de dar fè dos effeitos, que a ocioſidade cauſa, que de monſtros veremos criados entre as brenhas de hum homem diuertido em ſeus appetites: aſſi, que neſte particular pouca repugnãcia farão quaiſquer outras rezoens dos que quiſerem tomar á ſua conta defender os paſſatempos, a que os inclinar mais o appetite, que a cõſideração. Supoſto o euidente perjuizo, que reſulta de eſperdiçar o tempo, principalmente nas recreaçoens, & goſtos, de q̃ a experiencia nos offerece cada dia tantos exemplos, & tão extraordinarios caſos, com perigo da honra, & da vida: ſegue ſe vermos, ſe empregado ẽ qualquer genero de occupaçaõ, q̃ naõ ſeja ordenada aos inconuenientes, que os entretenimentos dilicioſos trazem conſigo, ſe poderão vſar ſem perigo, & ſem nota: no que ſe deue aduirtir, que tambem nos modos de diuertimento ſe deſcobre valor ou puſilanimidade, & quando moſtraõ falta de brio, não ſo ſe perde nelles o tẽpo, mas o credito: porque hũa das acçoens mais indecentes aos Princepes he gaſtarem o tempo em materias ridiculas, deſprezando as de importancia, com o que dão occaſião

Seneca n prou.

Plat. in inſtitut. Principis.

occasiaõ a serem desprezados, porque onde o entendimento descobre falta, todos se atreuẽ; & sendo o valor, & brio dos Principes, o que mais lhe ajuda agrangear o respeito, & obediencia dos vassallos, perdido este na opinião do mundo, naõ so padecem o desprezo dos seus, mas das naçoens estranhas: que as acçoens dos Principes saõ o aluo a que todos encaminhão seus juizos: & como os maiores não tem mais de diuinos, que aueneração com que saõ tratados, facilmente caiem em desprezo, se esta se perde por occasião de algũas acçoens menos briosas, & bastão poucas pera descobrirem nelles incapacidade. Luciano quis, com galãtaria, notar esta falta nos Principes de seu tempo, introduzindo em hum dialogo á virtude, & afortuna, que elle finge Deosas inimigas entre si, sendo a virtude a que maiores afrontas padecia da fortuna, que cõ sua soberba a trataua mal não sofrendo leuarlhe ventagem na honra: determinou fazer suas queixas a Iupiter, que os Deoses fingidos tambem tem necessidade do amparo de outros: foi hũa vez, & outra pera lhe falar, sem nunca poder ter audiencia, respondiaõlhe os porteiros, que estaua Iupiter mui occupado, quis se informar que occupação era a sua, & achou q̃ estaua em conselho com os mais Deoses, sobre se as borboretas hauiao de sair aquelle anno com as azas pintadas ou brancas: occupação semelhante ao Emperador, que ambicioso da autoridade, que com o recolhimento, & menos comunicação se grangea, fechaua a porta do aposento em que costumaua residir, dando a entender que estaua occupado em materias de grande importancia, & sendo espreitado, virão, que andaua com huã zarauatana matando moscas, exercicio que sem trazer perjuizo algum, seruio de o desautorizar, ficando escrito pera aduertencia dos Principes, que até nos entretenimentos se deuem regular pelas cõueniencias do officio, ou do respeito. A terceira conclusaõ he que de todos os passatempos saõ mais honestos, & autorizados os mais varonis, & que se exercitão com vigilancia, & trabalho. Valerio Maximo conta, que perguntando hum homẽ ao Philosofo Ananagoras, que genero de gente tinha por mais ditosa, respondeo, nenhũ daquelles, que vòs julgais por tais antes o que na opinião do mũdo saõ julgados por mais infelices, os que se sustentão com o trabalho de seus braços; conformose nisto com o que Dauid disse

Lucian. in dialog

Valer. Max. l. 7. c. 2.

disse, que erão bemauentùrados os que comião do trabalho de suas mãos: que os Philosofos da antiguidade ainda que não tiueraõ fè na doctrina moral imitarão muito a dos Santos. Pouca necessidade tinha nosso primeiro pay Adão de cultiuar a terra no estado da inocencia, quando ella lhe acodia com todos os fruitos nẽcessarios: & cõ tudo lhe mandou Deos que trabalhasse nella. Compara Plutarcho os homens as plantas, & os trabalhos corporaes a agoa, q̃ os rega; porque a mesma vtilidade, que as aruores recebem da agoa, grangeão os homens com o exercicio, & trabalho, & a superioridade, & ventagem ẽ que os Principes se differenção dos vassallos, lhes acrecenta a rezão de se conformarem com elles, nas que dependem mais da natureza, que da fortuna: q̃ se esta os collocou com tanta eminencia que fação officio de planetas, he para melhoramento dos subditos, que os planetas celestes, ja se sabe naõ perjudicaõ a terra quando decem a ella com suas influencias, nem os raios do sol, que nella assistẽ, lhe causão alteraçaõ alguã, antes afertilizão, & melhoraõ. So os vapores da terra causaõ trouoens, & tempestades, quando querem sobir, pella repugnancia que a natureza faz quando as creaturas de sua jurisdição, se naõ querem conformar cõ o lugar, que lhes deu. Mui decentes saõ aos Principes os exercicios, que trazem occupação, & trabalho, postoque alguns entenderaõ o contrario parecendolhes, que era contra a autoridade qualquer occupaçaõ que se não encaminhasse ao gouerno dos vassallos: porẽ o diuertimento ha de conformar com a inclinação, & basta que este seja de calidade, que não traga consigo desautoridade, não se isẽtaraõ os Reys dos affectos, & inclinaçoens dos mais homens, a algũa occupação se haõ de aplicar, & quando esta for honesta, naõ se lhe deue estranhar, que gastem nella o tempo que puderaõ gastar em passatempos dilicioſos, & com tudo se lhe naõ deuem permitir mestres mais que para as artes liberais em quanto de pouca idade, para que não criem habito de outros exercicios menos reais: posto que quando gouernem se lhes permitaõ, presupondo que naõ deuem faltar as obrigaçoẽs de seu officio. Porem tambem se considera valor na eleiçaõ destes exercicios particulares, que ha alguns menos autorizados. O Emperador Valentiniano foi notado dese aplicar muito a fazer imagens de cera, & de gesso, & Ecopo

Cen. 1.

Plut in apoph.

Rey

Rey de Macédonia de fazer alenternas, inclinaçoens pouco briosas:outras ha que sem perjuizo do valor podem seruir de exercicio,& passatẽpo aos Principes,que por serem tão varias se não apontão.

DISCVRSO XVI.

Se o exercicio da caça he conueniente aos Principes.

AINDA que o exercicio da caça he tão ordinario em toda a sorte de gẽte, tratarei delle neste lugar,em que somente se apontão os que saõ conuenientes aos Principes,pois nelles podẽ hauer as duuidas ou limitaçoens,que nos vassallos não tẽ lugar,por não serem as acçoẽs de sua vida tam registadas pelas conueniencias,que as occupaçoens requerem: com o que ficarei desobrigado de repetir esta materia,quando tratar dos exercicios dos vassallos.Mui antigo he no mundo o costume de caçar,porque Nembrot bisneto de Noe foi o primeiro, q̃ o começou a vsar, conforme se collige da Scritura:& he prouauel,que como foi Rey tão poderoso,á sua imitação se foi este costume introduzindo nos homẽs mais robustos,& de grãdes forças como elle era, porq̃ depois nomea a mesma Scritura a Esaù por caçador,q̃ taõbẽ era robusto,& seu pai Isaac se lhe afeiçoou muitopor esta causa,porque gostaua de comer oq̃ elle caçaua:& porque neste exercicio se mostraua mais forte que Iacob:que os pais desejão muitas vezes a seus filhos mais valentes,que prudentes. Foi o tempo introduzindo este officio em todas as idades,que todos os que trazem vtilidade tẽ muitos afeiçoados: porẽ como a cobiça era o seu Principal fim,o que de principio se começou em matar feras,& animais do mato,veio a dar em furtar os mansos,& não parou nisto a malicia dos homens,mas em fazer presa dos mesmos homens pera os vender por escrauos,de que Deos fez hũa ley no Exodo,que fosse morto, todo o que furtasse algum homem pera o vender,aque tambem acudirão por sua parte os Legisladores com a ley plagiaria,q̃ ãtigamẽte se promulgou contra este genero de furto,q̃ elles nomeauão por caça,pera com o nome disfarçarem o crime:& por ventura,que de Nembrot tomarão este mao costume, por q̃ foi o primeiro,q̃ tiranicamẽte se foi a volta da caça,fazendo senhor

Exod. 21.

dos homens, exercitando mais o officio de caçador nas liberdades que nas feras, donde vierão os Reys a se intitularem ladroens, & como nem todos podião, acquirir Reynos, vieraõ a contentarse com furtar homẽs que era a caça dos que menos podião; & se o furtar he caçar, muitos generos de caçadores puderamos apontar, que escusaõ ser tão robustos como Nẽbrot, & como Esau, nem andarem pellos matos, mas ainda q̃ esta materia se hauia de receber com applauso: porque os liuros tem licença pera dizerem com mais clareza, o que os particulares dizem entre dẽtes, não me quero desuiar do assumpto que propus. Tratando Platão da caça em geral a diuide em violenta, & natural. A violenta (diz elle) he o latrocinio ordinario, a tirania, a violencia da guerra, & aplagiaria, q̃ todos estes vicios se attribuẽ a caça como filhos seus, & que nella tiuerão principio. A natural he a que ordinariamente se vsa pera exercicio, & passatempo, com a vtilidade que resulta das feras que se cação. Do primeiro genero de caça não trato, porque os latrocinios tẽ seu lugar adiante, & os que tocaõ a guerra, não pertencem a materias politicas, & muito menos os que antigamente eraõ mais comus, de furtar escrauos, & catiuar liures, que deu occasião a se prohibir por ley particular. A caça natural, & conforme a vida politica, que he o nosso assumpto, diuide Platão em montaria, volataria, & pescaria. A montaria que he a caça de feras, como saõ porcos, veados, & em outras regioens leoens, & vssos, a que tambem reduziremos a de coelhos, & lebres, & outros animais semelhantes, não tem mais differença, conforme ao mesmo Plataõ que em ser a cauallo, ou ape, julgando por nobre, & digna de Principes a que se exercita a cauallo, & a de pè diz, que pertence a lutadores, & a semelhãte genero de gente de que então hauia muita. Consiste a mõtaria das feras em hum trabalho corporal pella maior parte dependente de forças, & sustentado com vigilias, & na destreza de ãdar a cauallo, pellaqual lhe chamão alguns politicos parte da arte militar, porq̃ não somente he mui semelhante a guerra naquella parte, que consiste em perseguir, & matar feras, mas tambẽ no continuo exercicio das forças, & cuidado com que se vigia, circustancias mui proprias da milicia: & neste genero de caça se occuparão mui valerosos Principes no tempo em que as guerras lhes falta-

Plat. in soph.

Plat. de legibus dial. 7.

faltauão. DelRey Antiocho, diz Plutarcho, que era demasiadamente inclinado a caça, & indo apos hũa fera perdido dos seus, foi dar em casa de hũ pobre laurador, que sem o conhecer lhe disse algumas verdades, que elle naõ pode saber em quanto a purpura o daua a conhecer, foi huã dellas, que occupaua na caça mais tempo do que conuinha aquem hauia de gouernar: & seruio a aduertencia, para se moderar naquelle exercicio. O Emperador Henrique sexto, & Dom Affonso segundo de Castella se occupauão neste exercicio com igual excesso. ElRey Dom Affonso quarto de Portugal com as feras se começou a ensayar, & prouar as forças, pera depois as ẽpregar contra os mouros, de que alcançou gloriosas vitorias posto que a demasiada aplicação a este exercicio o desgostou com seus vassallos, pella pouca assistencia que tinha na corte, & chegou hum mester ao aduirtir, dizendolhe que lhe não hauia Deos de pedir conta das feras, que mataua, mas dos vassallos, que não despachaua com outras palauras de que elRey, por ser mui colerico, se asterou, posto que forão de proueito. E delRey Dom Sebastião se conta, que particularmente era afeiçoado a mõtaria pella semelhança, que tinha com a guerra. E he mui conueniẽte, que os Principes, nò tẽpo q̃ lhes restar, & que hão de occupar em outros entretenimentos, se recreem com a caça, & que os mancebos continuem este exercicio peraque se costumem a andar a cauallo, & gastem o tempo neste genero de trabalho apraziuel, que de ordinario costumão empregar em vicios pella maior parte domesticos, com que enfraquecem as forças, & o brio se perde. O segundo genero de caça he a volataria, & esta depende mais de manha, que de forças, & por esta causa tem mais de recreação, & de exercicio a cauallo, que de trabalho corporal porque as aues não resistem em virtude de suas forças aquẽ as quer matar, mas fogẽ dos perigos, & trãsmõtandose buscão os lugares mais seguros a sua vida; & a sciencia do caçador cõsiste em as saber espreitar, & vigiar, conhecendo as paragens, & na destreza de tirar: & segundo estas circunstancias occupação he de Principes, não so em respeito da recreação que causa, mas da industria de q̃ se serue, & do exercicio de cauallo, que deue igualarse aos voos das aues, postoque este fundamento

Plut. in apoph.

Francisc Petrar. dial. 32

to seruio a Petrarcha, pera reprouar este genero de caça, ẽtendendo, que era ignorancia, quererem os homens igualarse na ligeireza com as aues âconta de matarem huã, porem o fim não he tanto o que se mata como á recreação do exercicio. E segundo o tempo esta recozido em vicios, vtilidade he não o empregar em algum dos muitos, que ha, & lançar mão das occupaçoens mais honestas, pera diuertir das que são perjudiciais. O terceiro genero de caça he a pescaria, exercicio que requere outra diferente inclinação mais conforme com a paz que com amilicia, nem com outra algũa vtilidade da republica, em quanto a defẽsão dos inimigos, mas em quanto ao prouimento do necessario, que do mar se proue muita parte da terra, & pella maior parte he mais de necessitados, porque so tira a proueito; consiste a occupação em lançar redes, entregandoas a variedade, & inconstancia das agoas, em cujo sucesso tem mais parte o engano, & pouca cautela dos mesmos peixes, que cegamente se vão enredar, quando mais descuidados, ou a conjunção dos tempos, & mouimẽto das agoas, em que o trabalho, & occupação por muita q̃ seja tem menos parte que na caça das feras: & esta he a rezão porque Christo nosso Senhor falando com seus discipulos, & tratando do officio, que hauião de fazer na terra, lhes disse, que serião pescadores de homens, naõ caçadores, mostrandolhes neste modo de falar, que não hauião de perseguir os homens obrigãdoos por força, & violẽcia, como os caçadores fazem as feras mas somente lançariam as redes da ley Euangelica, deixando o sucesso não á variedade das agoas, mas á prouidẽcia diuina. De principes he este genero de pescaria, pois o exercitou o Rey da gloria, porẽ o que consiste em tomar peixes, naõ he occupaçaõ para os Principes gastarem nella muito tempo, nem ainda pessoas particulares, que queirão juntamente com a recreação exercitar seu valor, & habilitar as forças, & brio, pera emprenderem obras excellentes. Outros ha de que resulta mais honra, assi aquem os vsa, como a republica, a cuja vtilidade se deuem encaminhar todas as acçoens. Temos visto as diuersidades de caça, as pessoas que as deuem vsar, & os tempos em que nella se deuem occupar, pera que naõ sirua de vida, & officio, mas de exercicio

cio,& recreaçaõ quando faltarem negocios de outra parte: trato dos Principes, & pessoas de valor, em que a republica esteja interessada, porque as mais, naõ importa, que em todo tempo cacem, se a sustentaçaõ de sua vida, depende deste genero de trabalho. Porem tambem a estes se deue prohibir, que naõ cacem de noite, como prudentemente o aduertio Platão porque os atreuimentos & desordens de noite se cometem com mais liberdade, & quãdo faltão animaes brauos, algumas vezes se lança mão dos mansos, se a necessidade aperta, como vimos ha poucos annos que se castigarão caçadores, que deram em ladroens. E tão bem se deue limitar os meses da criação, peraque nos mais haja mais abundancia de caça. E sobre tudo conuem, que se prohiba aos Ecclesiasticos por estar sua vida dedicada a outro ministerio mais alto, á contemplaçaõ das cousas diuinas, & lição dos liuros, principalmente se o excesso he grande, assi em respeito da continuaçaõ do tẽpo, como dos gastos. Santo Agostinho em diuersos lugares estranha muito hauer Ecclesiasticos, que gastem com caens, & passaros o patrimonio de Christo, aplicado as necessidades do pobres, & aos prelados que não prohibem ás demasias que nisto ha: não he exercicio de sacerdotes, mas de seculares; nem ainda nestes decente em todo o tempo, & em toda a idade, mas nos mancebos, & em tempo de ociosidade, quando se pode recear, que o queirão empregar em outros generos de entretenimentos mais perjudiciaes, esquecidos daquella excellente sentença de Sam Paulo, que de todos os thesouros, nenhum he mais precioso; & que com maior cuidado se deua despender, que o tempo.

Plat. de legibus.

August. in psalm 102. & in ps 147.

DISCVRSO XVII.

Se os Principes deuem de ser destros em todo exercicio de cauallaria.

ALGVNS parecera, que se não deue por em questão esta materia, por ser cousa clara, que de todos os exercicios honestos, & autorizados tem o primeiro lugar o que pertence a armas, & cauallos, que ate os Deoses pintauão os antigos armados, trage q̃ melhor parece aos Reys, porẽ hemos de seguir o estilo dos mais discursos, dãdo satis-

satisfação aos diuersos juizos dos homens,que cada hum julga as cousas conforme o que ellas lhe parecem,& não como ẽ si saõ:& neste particular naõ mostrão ir mui fora de caminho os que tem o parecer contrario;porque se houuermos de aprouar os exercicios dos Principes em rezaõ de seu fim,que he gouernar com justiça seus vassallos,de pouco lhespode seruir ser caualleiros. O gouerno deSalamaõ foi o mais felice, q̃ no mundo houue,o que de maiores prosperidades gozou, & que com mais justiça gouernou seus vassallos,& não lemos que fosse inclinado ao exercicio de cauallos,& posto que a scritura diz,que tinha muitos,mais lhe seruiaõ de grandeza, que de se exercitar nelles, fundando toda a sustancia de seu gouerno na justiça,& prudencia com q̃ o administraua.Boecio celebra hũa sentença de Platão que dezia serem bemauenturadas as respublicas em que os Principes fossem sabios;&Aristoteles diz,que a virtude mais real he a prudencia.Costumaua dizer elRèy Dom Affonso o sabio, q̃ so os Rèys amigos da Iustiça mereciaõ ser venerados de seus vassallos:de maneira que por opiniaõ dos melhores a prudencia & justiça saõ as que tẽ o primeiro lugar em todas as virtudes Reais:& os Emperadores,& Reys, que se eternizaraõ na memoria dos homens, mais foraõ louuados de justos que de caualleiros. Porem hemos de fazer distinçaõ entre as virtudes da alma,& exercicios do corpo,& doutra maneira naõ he igual a comparação. Porque a justiça conforme Aristoteles he hum habito pelo qual os homẽs executão as cousas justas:& a prudencia conforme o mesmo Aristoteles he hũa virtude do entendimento, que nos aconselha a escolhermos o melhor: & suposto isto podemos confessar,que as virtudes mais Reais saõ a justiça,& prudencia,mas os exercicios mais reais saõ os das armas,& caualos seruem estes de acquirir os Reynos,& aprudencia,& justiça de os conseruar,posto que ẽ respeito dos inimigos,tem necessidade de se ajudarem das armas:costumão estas a dar,& tirar Reynos,ainda que a violencia os faz de pouca dura, como se vio,no que Alexandre,Pompeyo,& outros cõquistarão, se a Iustiçá,prudencia,& mais virtudes os não acompanha: das quais iremos tratando a diãte, porque aqui não ha mais lugar que de examinar as rezoens, q̃ pode hauer pera ser estimado, & digno de Principes o exercicio de cauallo,animal que a natureza

Boet. de consolat. Philosoph. li. 1. pros. 4.

Arist. l. 5. ethic.

Panorm lib. 1. de rebus gestis. Alph. Regis.

Arist. l. 1. Rhet.

tureza fez mais de proposito pa ra o seruiço dos homens,& que por diuersas rezoens nacidas do comum consentimento de todos he o mais acomodado in strumento de se auentejarem em honra, & brio. Iustino, & Horodoto fazem menção da ventura com que Dario alcançou o Reyno de Cambyses por occasião do seu cauallo hauia sete pretensores, assentarão entre si, que ao dia seguinte em a manhecendo se fossem fora da cidade ao lugar em que todos conuierão, & que o cauallo, que primeiro rinchasse, desse o Reyno a seu dono; mais traça parece que ventura, mandar Dario, o seu cauallo aquella noite ao mesmo lugar, atando nelle huã egoa a que o vião mais inclinado, ajuntandoo a ella, o que foi causa de rinchar ao outro dia tanto que chegou ao mesmo lugar: & no mesmo ponto se apearão todos, reconhecendoo por seu Rey. A outro cauallo deuia Prislao o agradecimento de ser Rey de Boemia: era Rainha Libussa a quem os grandes obrigarão a que escolhese marido: porque a esse darião a obediencia, respondeulhe que assi o faria, & logo vsou de huã traça extraordinaria, não se sabe se a uisada do oraculo, como a gentilidade costumaua, ou se com intento de escolher o rustico q lhe caio em sorte; mandou ornar ricamente hum cauallo ẽ que o nouo Rey hauia de vir, & que os grandes o fossem seguindo, & que diante de quem elle parasse, que estiuesse comẽdo em hũa mesa de ferro, esse trouxessem pera Rey: foi o cauallo pelos campos seguido de todos, & a horas de meio dia estaua hum lauradór cãçado de seu trabalho, comendo sobre o seu arado, parou o cauallo, & logo obrigarão ao laurador a sobir nelle, & o leuarão a Rainha que o recebeo por marido. Entre os Romanos foi de tanta estimação, & honra, o exercicio de andar a cauallo, que deu titulo de honra superior a muitos ordenando a ordem, equestre, q̃ depois dos Senadores tinha o primeiro lugar; & ainda que Romulo tinha ordenado nas leis com que principiou o gouerno da cidade de Roma, que não houuesse mais que duas ordens, Senadores, & Pouo, em que se funda o titulo que sempre continuou em suas bandeiras, vierão pello tempo adiante a entender que era necessario este graõ de honra que intitularão caualleiros, & cõ ser mais moderna, que a ordem popular, por sua nobreza lhe derão lugar mais superior junto aos Senadores, de que Plinio, & outros fazem larga men

Iustin. li. 1.

Herodot 13.

Plin. l. 1

çaõ.E quando o Senado hauia de honrar a hum homem do pouo por algum seruiço grande,que fizesse a republica lhe dauaõ hum cauallo,com o que ficaua sobindo deplebeyo a nobre.E nas mais politicas naçoens,dos caualleiros se ordenauão os graos de nobreza como vemos nos Reynos de Hespanha, que aos principaes chamão caualleiros,& os foros que se vsaõ neste Reyno para os graos de nobreza,que os Reys dao todos trazem consigo ser caualleiros,&mui ordinario he entre muitos Principes armarem a seus proprios filhos com este titulo principalmente quãdo haõ de entrar em algũa batalha, como se não houuesse hora sẽ cauallo,a te para aquelles de quem procede:porẽ tambem lhes hemos de por sua limitação,assi em rezão de necessidade como de autoridade,chamo necessidade,a que toca ao gouerno dos vassallos,que bem se vè não tem dependencia algũa de andar a cauallo, antes poderá a affeição deste exercicio se for demasiada, destrahilos dos negocios que requerem assistencia em casa.Tem nelle mais parte o gouerno militar, que o politico pella conexaõ, que tem com as armas. Nem tambem se deuem prezar de tão caualleiros,que queiraõ mostrar seu brio em amansar poldros indomitos,condição propria de moços mais inconsiderados,que briosos.Bem custou a este Reyno a lastimosa tragedia do Principe Dom Ioaõ aquem hum cauallo arremeçou no chão,ou na outra vida sendo maior o arremeço de sua condição,ou idade.Ariscado esteue a outro semelhante successo elRey Dom Sebastião sẽdo de pouca idade,fazendo instancia aDom Aleixo de Meneses seu ayo,que o deixasse por em hum cauallo feroz,& indomito.E por lhe fazer resistencia a este apetite se desgostou com elle:como se a obediencia dos vassallos se estendesse a dos animais.Nem esta cautela deue ser tão particular, que esqueção as mais aduertencias em respeito dos que não forem indomitos,como he a destreza de ambas as cellas, porque nos Principes qualquer falta de brio parece mais fea que os defeitos grandes dos vassallos, & que quando vsarem deste entertenimento,não percaõ a composiçaõ que costumão ter nos mais tempos, porque he cousa mui ordinaria mostrarem liuiandade os que naõ forẽ com esta cautela.

DIS-

DISCVRSO XVIII.

De outros exercicios a que conuem aplicar os Principes em quanto moços.

AINDA que andão mui germanados o exercicio das armas, com o de cauallo, & o das lingoas, & historias com o das sciencias, de que ja tenho dito o que pudera bastar para passar a outra materia. Pareceo me necessario fazer particular aduertencia aos Principes da necessidade que tem de gastarem o mais tempo que puderẽ nestes exercicios, que em quanto não tiuerem á sua conta o gouerno dos vassallos, em nenhuns outros se podem empregar com mais vtilidade: porq̃ saber jugar as armas, não so serue pera as occasioens de brigar, que nos Principes são mui raras, mas pera mostrarem valor, & inclinação a milicia, que accidentes de que muitos não fazem caso seruem aos Principes, & soaõ mui longe: & tambem ajudão em occasioens de festas, em que as justas, & tornes os, recreação emprestada da arte militar, seruem de manifestar o gosto: rezão de estado, não pouco necessaria ẽtre Principes, que pella distancia das terras se não podem comunicar com familiaridade particular, mas com as significaçoens publicas de alegria ou sentimẽto, conforme as occasioens o pedem: & tambem serue aos Principes adestreza das armas, peraque os vassallos se inclinẽ a ellas, que bastará a affeiçaõ q̃ lhe mostrarem, para que ainda os que menos afeiçoados lhe forem se não occupem em outro exercicio. He o primeiro cuidado de todos os vassallos, venerarem as acçoens de seu Rey posto que não tenhão o aplauso de todos. Notarão algũs scriptores, que sẽdo Tarquinio soberbo aborrecido de muitos era nos exteriores imitado, & seguido de quasi todos. E este he o maior mal que lhe poderão fazer, & elle confessou depois, que o desterrarão, que então abrira os olhos, & conhecera que era mais adulação que amor o aplauso com que suas acçoens erão respeitadas. Seja a causa qualquer que for que os exercicios honrados sẽpre saõ vteis a republica, ainda que não tirem a outro aluo mais que a dar gosto aos Principes. O segũdo exercicio de que mais necessidade tem, & em que com mais vtilidade podem empregar o tempo, he a noticia das lingoas mais geraes, & dos Reynos

Man. l. 6. apoph

nos com que mais comunicão tiuerem, deuem ser em respeito de Europa, a Italiana, Francesa, & Espanhola; não tratando da Latina, que de todas tem o primeiro lugar, o que he de grãde importancia para a comunicaçaõ, & familiaridade com outros Principes, porque a semelhança das lingoas causa maior amor, & confiança, & serue muitas vezes pera poderem tratar sem interpretes suas embaixadas. Na bulla aurea, ordenada pello Emperador Carlos 4. se mandou que os filhos dos Principes, electores, dos primeiros annos de sua idade aprendessem a lingoa Latina, a Italiana, & Ilirica, que he a mesma que Sclauonica: porque he mui differente a noticia que se acquire pello conhecimento das lingoas, que por qualquer outra via, & como a eleição do Emperador tras de ordinario tantas dependencias, & que necessitão do conhecimento de muitas particularidades, difficultosamente se podem estas saber entre a diuersidade de lingoas, pois vemos que ainda entre os Principes, & seus vassallos ha desordens por esta causa. Foi a rezão que Mythridates Rey de Ponto teue pera se por com tanto cuidado a aprender as lingoas de vinte, & duas naçoens, que tinha debaixo de sua jurisdição, o que Plinio refere com grande admiração, affirmando que todas entendia, & a cada hum falaua sem interprete, causa de as gouernar sẽ as repugnancias, que custuma hauer, sendo os Principes de differentes lingoas, & alguns o tiuerão por impossiuel: porque ainda, que de Cleopatra Rainha do Egypto se conte, que respondia á sete naçoens, que gouernaua, sendo molher, em que de ordinario ha menos talento, alguns lhe derão menos credito, sendo menor o numero. E antigamente se tinha por mõstruosidade saber duas, ou tres lingoas somente; donde as fabulas vierão afingir, que Gerion era hum monstro q̃ tinha tres corpos, & tres coraçoens por ser hum homem que falaua tres lingoas. Porem hoie não se cõsidera tanta difficuldade em saber lingoas, necessidade si: & trazendo este exercicio o gosto de entender os liuros de outras naçoens, he mui conueniente que os Principes tenhaõ mestres, que lhas ensinem, em que terão occasiaõ de empregarem bem o tempo, & de se comunicarem com os Principes estrãgeiros sem estarem de permeio interpretes, o que he de maior importancia do que á primeira vista parece. Outro genero de exercicio mui de Principes cõ

Plin. lib 25. Aul. Gell. lib. 17. cap. 16.

siste em ler liuros, porque sendo a occupação mais honesta, he de maior vtilidade aos grandes pella liberdade com que os liuros falão as verdades sem temerem que sejão mal ouuidos, ensinando sem adulaçaõ, nem respeitos o que conuem a quem trata com elles: & não ha liuro por ruim que seja, que não traga algum proueito: não trato dos que publicão os inimigos da fe. Cicero diz, naõ ser a poesia de vtilidade, mas somẽte de recreação, & com tudo, assi como entre a multidão de folhas se acha o cacho proueitoso (diz Plutarcho) assi na poesia, não so se acha a recreação, que ella causa, mas tambem os conselhos, & aduertencias que della muitas vezes se colhem. E o que mais importa aos Principes he a lição das historias assi dos seus Reynos como dos mais: porque não ha cousa mais vtil aos que gouernão, que terem noticia dos sucessos passados, dos meios com que se dispuseraõ, & dos fins, que tiuerão: & se isto andara mais na memoria dos Principes differentemẽte se souberão hauer nas occasioens, que se lhes offerecẽ: porque não ha cousa no mundo, como diz Salamão, que não tenha socedido: & assi como a experiencia he o melhor mestre em todas as materias: as historias saõ as que tem mais larga experiencia, & as que ensinão com mais fundamẽto. Chama Quintaliano á historia testemunha dos tempos, luz da verdade, verdade da memoria, mestra da vida, & mensageira das antiguidades. Serue a noticia dos tempos passados de darbrio, & confiança aos maiores Capitaens. Alexandre Magno nas obras de Homero se ensayaua para as batalhas. E elRey Dom Affonso Henriquez nas guerras dos Machabeos estaua lendo a noite antes da batalha quando o Senhor o mandou chamar para o certificar da vitoria: que ate entre o estrondo das armas saõ de proueito os liuros: & os homens mais valerosos, & sabios não tem maior gosto, que occuparẽse com elles, sendo estes para os ignorantes desabridos, & trabalhosos. ElRey Dom Affonso sabio de Aragão, adoeceo na cidade de Capua de hũa infirmidade mui prolongada, a que os medicos aplicarão diuersos remedios, sẽ nenhum delles ser bastante para acabar de conualecer: & como hum dia se quisesse diuertir do trabalho da doença com ler algum liuro, lançou mão de Quinto Curcio que trata a historia de Alexandre Magno, & tanto gosto recebeo com a ler que de todo cobrou saude, & dahi

Cic. idem legibus.

Plut. in mor.

Quintil. de instit.

Panorm. de rebus gestis Alph.

dahi em diante dizia, que não tinha deuer com as medicinas de Auicena,& Hyppocrates, q̃ Quinto Curſio baſtaua para lhe dar ſaude:& ſendo tão grande a recreação,que os ſabios recebem com alição dos liuros, & hiſtorias dos paſſados,bem ſe vé quam neceſſario he que os Principes ſe coſtumem de moços a eſte exercicio pera que quando grandes goſtem delle, & vão tendo noticia dos ſuceſos paſſados,habilitandoſe neſte genero de experiencia em que acharão goſto, honra, & proueito.

DISCVRSO XIX.

Se he conueniente,que os Principes caſem fora do gremio da Igreja Catholica.

MATERIA he não mui altercada entre os ſcriptores politicos masmui achada nos ſuceſos do tempo: ſe conuem aos Principes Catholicos liarenſe por caſamentos com Principes de outras ceitas. Tem eſta duuida duas partes,hũa em reſpeito da rezão deſtado humano, outra de conuiniencia chriſtam, & politica,ſe ouuermos de tratar da primeira,reſpeitando ſomente a ordem que os Principes guardão em ſuas acçoens, principalmente nas que ſaõ publicas,&tocão a todo o eſtado, pouca duuida ſe coſtuma conſiderar da parte da religiaõ por que ſempre ha rezoẽs que a fazem conformar com a rezão deſtado,ſe as mais circunſtancias fazem neceſſaria a liança, que ordinariamente ſe funda em neceſſidade,ou pelo menos em algũa vtilidade,rezão deſta do mui abraçada dos Principes cuio principal intento he a conſeruação de ſuas Monarchias,que por eſta via ſe conſigue com mais facilidade: porq̃ as mais rezoens de ſegurança, ou ſe grangeão com condiçoẽs menos honradas, ou ſe acquirem com amizades mais cuſtoſas. Beroſo diz,que procurou el Rey Hiarbas poderoſo em Africa, amizade das Amazonas de cujo poder ſe receaua comprada com muita cantidade de dinheiro, & com condiçoens mui afrontoſas,como outro Rey Aſa de que diz a Eſcritura que deſpojou a caſa Real de quantas peças ricas tinha,& roubou o templo de Deos,para cõ huã grande cantidade de ouro, & prata comprar amizade de Benadad Rey de Siria de quem ſe temia,exemplos antigos,por não deſenterrar os que ainda podem offender por freſcos,porem quando faltão outros meios

Beroſus refert. Pined. in monarchia Eccleſ. 1. p. cap.

ios he forçado vsar destes, porq̃ a conseruação do estado ate da honra se serue: & he lanço de prudencia ir fortificando a taõ pouco custo, como saõ as amizades confirmadas cõ casamentos, custume mui praticado entre Principes, & mui aceito aos q̃ com mais prudẽcia se gouernão. Cõ tudo vejo muita força no parecer contrario acõpanhado da conuiniencia Christã, põto nesta materia mui esencial; não somente pelo q̃ toca a conseruação da fe tão inimiga de semelhantes amizades, mas do mesmo estado, q̃ Deos quer defender, & honrar com a força de seu poder, & não por meyo de Principes infieis, principalmẽte quando para isto se ade arriscar a fè dos q̃ se casaõ cõ aquelles, que a não professaõ, ou dos filhos, & descendentes destes: bẽ claramente manifestou Deos esta verdade no que acõteceo a Infanta D. Teresa irmã delRey D. Affonso o quinto de Leão o qual para bem de certas confederaçoens que fez cõ Audalla Rey de Toledo, lhe deu por molher a sua irmã D. Teresa, e recusãdoo ella quãto pode, & tratãdo de persuadir a elRey seu irmão, q̃ escusasse obrigala a cõsẽtir ẽ tal casamẽto, & por vltimo, remedio a Audalla q̃ a não quisesse por esposa, pois era mouro, onão pode cõseguir, porem hum, & outro foraõ grauemente castigados: porque elRey Dom Affonso ten do cercada a cidade de Viseu em Portugal foi morto por hũ mouro andãdo de noite desarmado, vendo a cidade: & Audalla foi cruelmente ferido por hũ Anjo, q̃ lhe appareceo a mesma noite dos esposorios, de q̃ resultou tornar a mãdar a Infanta D. Teresa para Leaõ com muita cãtidade de ouro, aqual se meteo religiosa, & morreo sãtamente: marauilha, cõ q̃ Deos nosso Senhor quis manifestar aos Reys quãto estranha semelhantes casamentos não fundados em rezoens da fè: mas em respeitos humanos. Bem via áquelle grande Capitão, & Principe dos Hebreos Iosue, que não ficaua por sua morte taõ seguro seu Reyno, pois em vida lhe fora necessario acodir Deos com milagres para o defender: & com tudo estando para morrer, fez hũa pratica a seus vassallos, pedindolhes com grande encarecimento, que por nenhuma via se misturassem por casamentos com molheres de fora, que naõ adorassem o verdadeiro Deos de Israel: entendendo que mais se conseruaria o Reyno de Iudea com a pureza da fè que com amizade & fauor dos Reis idolatras, com cujas filhas, ou parentes

Valer. hist. scolast. lib. 4. tit. 4. cap. 8.

se liassem. Esqueciase deste conselho elRey Ioram, no principio afeiçoado ao culto do verdadeiro Deos, seguindo as pisadas de seu pai, porem tanto q̃ se casou com Athalia filha del Rey Achab idolatra, não so idolatrou como sua molher, mas fez templos aos idolos, que ella adoraua, de que resultarão todas as desauenturas, q̃ teue, sendo cercado na cidade de Samaria, por Benadab Rey de Siria com o maior aperto que se pode imaginar: porque não somente comião os cauallos, mas os proprios filhos: & não parou aqui o castigo del-Rey Ioram, seus vassallos se rebelarão, os Palestinos, & Arabi os entraraõ por seu Reyno, roubando quanto achauão, ate entrarem na casa Real, & não deixarem nella peça de preço, & em resolução veyo a morrer de hũa miserauel enfirmidade, deitando as entranhas, pela qual rezão naõ foi vngido, nem enterrado em sepultura real: que a este estado chegão os Principes tão obseruantes da conseruação de suas Monarchias, que por ellas cortão pela conseruação da fee, com o que perdem hũa cousa, & outra, & ainda a vida, & honra: quasi semelhante a este foi elRey Salamão, que depois de casar com as molheres idolatras perdeo aquella graça, & entendimento diuino ficando tão ignorante, & cego como as mesmas molheres, pois as seguio em suas idolatrias, com que perdeo em sua descendencia a mayor parte de seu Reyno: pois de doze tribus, so com dous ficou, & este por Deos se lembrar dos seruiços de seu pay Dauid. Conselho foi mui cheyo de malicia, porem mui efficaz para o seu intento o que o Profeta Balam deu aos Moabitas, & Madianitas: que se querião vencer aos Hebreos, trabalhassem de os misturar com molheres forasteiras, porque desta maneira idolatrariaõ como ellas, & prouocarião a ira de Deos, & estando Deos contra elles, mui facilmente perderiaõ o Reyno, & serião destruidos: que a conseruação mais certa das Monarchias, que Deos tem debaixo de sua protecção depende da pureza da fee, & do zelo da sua honra. Foi rezão destado mui prudẽte a q̃ vsou o S. Patriarcha Abrahão no casamento de seu filho Isaac, mandou a seu veador Eleazar, que fosse a Mesopotania buscar hũa molher, q̃ tiuesse as calidades, que se requerião para casar com seu filho, respondeulhe Eleazar: se não ouuer molher que queira vir sera bom ir Isaac para lá casar? disselhe Abraham que

2. Paralip. c. 21

Num. 22.

Gen. 22

3. Reg. 11.

q̃ de nenhũa sorte consentisse, que fosse Isaac aquella terra casarse, arezão era porque como Mesopotania era terra de idolatras podia Isaac afeiçoarse a algũa molher idolatra, & querer casar cõ ella, o q̃ naõ conuinha: & foi lanço de grande prudencia atalhar Abrahão por este modo a afeição, que seu filho podia tomar a molher de outra ceita, com que quisesse casar: porque naõ so arriscaua a santidade de Isaac mas á authoridade, e excellẽcia de sua casa fundada nas esperanças do Messias prometido então ao zelo com que cortaua pelo gosto, & amor de pay, & ainda pela rezão destado da conseruação da vida, & descendencia de sua casa. Não tenho por menos excellente lanço de prudencia o que vsou elRey Dom Affonso sexto, que tomou a Toledo: porq̃ tendo amores com Zaida filha delRey de Seuilha, & estandolhe mui obrigado pelos extremos, que ella fazia por seu amor, nunca a quis receber por molher ate cõ effeito se fazer christã, entendendo de quanta consideração era receber por molher aquem não conhecia ao Deos, de quem elle Recebera a Coroa, & em cuja mão estaua a conseruação della, atropellando com esta consideração todos os poderes do amor profano, costume, mui raro em Principes, cujo appetite he muitas vezes mais poderoso que toda a rezão. Dirão alguns, que se acha este inconuiniente em respeito somẽte das molheres de outras ceitas, que como por natureza, & antigo costume principiado em nossa primeira mayEua encaminhem os maridos a se conformarem com seu gosto, raras vezes acontecerá ser tanta a prudencia dos maridos que vença o natural appetite com que se inclinaõ adar gosto a suas molheres: & não ha duuida, que acharemos mais exemplos de molheres que fizerão idolatrar homens, & cair em outros mil generos de erros do q̃ acharemos homens que peruertessẽ suas molheres ẽ materias de fè. Porẽ naõ se offerecẽ poucas rezoens pera os Principes não ẽtregarẽ pessoas Reais a inimigos da religião Catholica, se não ẽ caso q̃ á vtilidade da mesma fe, & augmẽto della seja tão euidẽte q̃ fique sẽdo sacrificio, q̃ se faz ao mesmo Deos, assi em respeito da authoridade, como de outras rezoens de mais porte, que então ficaõ a sua conta, de que logo tratarei. Primeiramente nenhuma duuida ha que em alguma parte fica mascauada a autoridade, porque se supoem alguma necessidade do parentesco, & ajuda do

Valer. hist. scolast. lib. 4. tit. 8. cap. 6.

do Principe infiel pois se corta pelas incomodidades,q̃ a molher padece entregue a hum homem inimigo da fe,que ella professa,que he o maior genero de inimizade quepode auer, de que resulta hum desgosto continuado,& irremediauel,sẽdo de muita cõsideração qualquer de menos porte, para entre casados auer desunião,& trabalhos,que não paraõ ate naõ acabarem de consumir a honra, vida, & fazenda:& os que nacem deste odio acquiri do na differẽça de leis, saõ mais pezados que todos os outros: exemplo he mui bastante para proua deste ponto,& o mais vizinho a nòs as perseguiçoẽs cõ que a Rainha de Inglaterra D. Maria foi tratada delRey Henrique octauo seu marido,depois que se apartou do gremio da Igreja Catholica,ẽde se vio claramente q̃ cõ a mudança da vida, & desprezo da ley diuina, se contrahe hum entranhauel odio aquem a professa. Tratãdo Filo dos Iudeos, ainda quando viuião ẽ sua prosperidade, lhes chamou pupilos dando por rezão,q̃ como tinhaõ ritos differentes de todas as outras naçoens,todos os aborreciaõ,& perseguião,por ser natural de todos os homens terem odio aos q̃ na ley lhes saõ diferentes. E auẽdo de fazerse caso de costumes pessoaes tão respeitados ẽ todos os casamentos ainda dos maiores Principes,quaes podẽ ser os daquelle que tem a consciencia liure,& o poder independente para se gouernar por seu apetite, desprezando a rezão taõ aborrecida dos inimigos da fe Catholica. Grande Principe foi Pompeyo o mais conhecido,& estimado de toda a Monarchia Romana:com tudo negoulhe Cataõ Vticense sua filha,& naõ consentio, q̃ casasse com ella,naõ por respeito de circunstancias tão graues como são as que tocaõ a Religiaõ Christã,mas somente por entender que tinha no procedimento alguma falta,que não conformaua com quem auia de ser genro de Cataõ. Se ouuermos de dar fe de outras rezoens,mais achadas na consideraçaõ,& experiencia de diuersos sucessos,que praticadas entre as rezoẽs destado na forma em que de presente corre,facilmente nos constara quão pouco Deos gosta de confederaçoens entre os Principes Catholicos,& que estaõ a sua conta,cõ aquelles que o naõ conhecem: euidẽtemẽte nos mostra isto aquella notauel perda q̃ elRey Iosaphat teue por se querer misturar,& fazer irmão em armas com Ochozias Rey idolatra, armou o bõ Rey hũa grossa armadã

Phil.in vita Moysis.

Plut.in Laton. & Pompeio.

Lib. 2. Paral.c 20.

mada para mandar ao oriente buscar ouro, & por lhe parecer q̃ para tão larga viagẽ era necessario ajudarse de Ochozias, respeitãdo mais ao interesse do soccorro, q̃ a hõra de Deos aquẽ se offendia, armou juntamẽte cõ elle, o q̃ foi causa para Deos destruir a armada no porto, antes de fazer viagẽ á vista de todos & assi lho mandou dizer pello Profeta, q̃ soubesse a causa da perdição da armada, & quão mal lhe parecião amizades, & cõfederações cõ inimigos dafè pelo interesse de mais, ou menos ouro. A escritura santa ẽcareceo o mal, q̃ elRey Asa fez ẽ se valer de Benadad Rey Pagano contra Baasa Rey de Israel, que começaua a perseguilo, & edificar cidades na raya de Iudea para não sair, nẽ entrar pessoa sẽ sua licença, & sendo este aperto de tanta consideração lhe naõ bastou para desculpa do crime q̃ cometeo ẽ se valer do fauor, & ajuda do Rey gẽtio, & q̃ não adoraua ao Deos verdadeiro, antes lhe mãdou Deos dizer pelo Profeta Anani, que lhe acontecerião grandes males como breuemente acontecerão. Se quisermos exẽplos de nossos tempos nas historias modernas acharemos, q̃ nunca o estado Veneziano padeceo maiores molestias, & perdas em suas terras, q̃ depois de confederado cõ o grão Turco de que se pudera fazer hum largo discurso se ouuera esperança, que seria de algum effeito, porem o que os proprios males não acabarão, mal podera acabar alem brança delles. ElRey Maurega to de Leão filho bastardo delRey Dom Affonso Catholico se confederou com os Mouros para o ajudarẽ a cobrar o Reyno, não lhe pertencendo a elle mas a elRey Dom Affonso o casto filho delRey Dom Fruela, pela qual rezão morreo misarauelmente sem deixar herdeiro algum, antes muita afronta, & ignominia com que ainda hoie he estranhado na memoria dos homens: tendo por causa do roim sucesso de sua vida, & de seu Reinado os meyos de o acquirir, ajudandose do fauor dos inimigos da religião Christã, que Deos abomina nos Principes Catholicos, mostrandolhes a cada paso cõ notaueis exemplos que á sua conta estão as Monarchias, & de sua mão dependem, todos os sucessos q̃ tocão ao pouo, q̃ elle escolheo para sua Igreja, que quando sejaõ á vista menos fauoraueis saõ os que comuem para segurãça de maiores bens: & naõ se fundem os Principes taõ absolutamente em rezoens humanas, que ainda que casamentos sejaõ ordinariamente causa da

Lib. 2. Paralip c. 16.

Valer. na hist. scolast. l. 4.

mizades,delles tira muitas vezes Deos a occasião de odios. Não bastou casarse Sansaõ cõ molher da casta dos Filisteos pera ficarem em paz,antes dahi se principiarão guerras,&trabalhos que lhe durarão em quãto viueo.Mui approuada cousa he que os Principes se aparentem huns com outros, porem persupondo o respeito que se deue á religião Catholica fundamento principal do augmento,& conseruação das monarchias:& quando as rezoens de estado fizerem necessario o casamento com pessoa de fora do gremio da Igreja,seja o fundamento,& causa principal abrir caminho para se comunicar a luz da ley Euangelica aos que della não participaõ, encaminhando a este fim os meyos,& condiçoens do tal casamento, porque esta circunstancia sirui ra de calificar todas as mais q̃ o desautorizão.

DISCVRSO XX.

A obseruancia de religião, & piedade he o meyo mais efficaz pera o Principe gouernar felizmente.

TODAS as traças humanas,& rezoens destado, perdem sua força,& vigor,quando os Principes mãis se ocupão nellas, esquecidos do respeito que se deue ao Autor das cousas,que a conseruação das Monarchias,ainda que se ajuda de causas particulares, todas dependem da primeira causa,fundamento para os Principes conhecerem a obrigação que tem de abaterem seus cetros,não somente em quanto homens,que esperão ser julgados de suas obras pello Deos q̃ os criou,mas em quanto superiores aos mais homens, que tẽ a seu cargo gouernallos, & administrarlhes justiça, depende isto de rezoens,& discursos humanos,he muita verdade, porẽ deuem esses pera conseguirem seu effeito ser ajudados da virtude diuina.Plinio disse que erão os animos dos homens como as perolas preciosas,que de tal maneira se criaõ entre as ondas do mar,que tem necessidade das influencias do Ceo: & muitas vezes quer Deos mostrar aos Reis, que deuem fiar mais delle,que dos meyos naturais pella ventagem que deuẽ leuar aos vassallos na fe, & zelo do culto diuino.Quando el-Rey Ezechias esteue em perigo de morte o mandou Deos curar com hum emprasto de figos passados, que conforme a glossa ordinaria era contraria a enfirmidade de tiricia de que o Rey

Plin.lib. 9.c. 35

o Rey morria, para que entendesse, que não estaua tanto asau de (principalmente dos Reys) nas medicinas humanas como na vontade diuina: semelhante a esta foi a traça q̃ Deos vsou com os filhos de Israel estando em vesporas de entrarem à terra de promissaõ, o que auia de ser por força de armas, pois se auião de senhorear da terra, & fazenda que outrem possuia em pacifica posse, & não auiaõ de ser tão fracos, que não fizessẽ muita resistencia, como quẽ defendia sua casa, & fazenda: neste mesmo tempo, mandou Deos circuncidar a todos os Hebreos, com o que ficauão enfermos, & inhabeis para a guerra, para lhes mostrar que naõ entrauão em virtude de suas forças, mas do poder diuino q̃ este he o que encaminha os Principes, & lhes da felices sucessos: diuia fundarse nesta rezaõ, Quintiliano pera dizer, q̃ a piedade com que reuerencia mos, & reconhecemos a Deos, he insinada pella mesma natureza, que como pretende conseruar suas obras, ensina os meyos com que se alcãça este fim. Não foi poderoso o Emperador Eraclio, vendose oppremido de Cosdroe Rey dos Persas para conseruar seu poder, sendo mui grande, com as forças humanas: quando se vio desconfiado dellas, se valeo de huã imagem da Virgem Senhora Nossa, & entrãdo com ella nas maõs por Constantinopla, achou na piedade Christã a defensão, que lhe tinha faltado nos homens. Naquelle primeiro encontro que elRey Abias teue com Ieroboão ficou vitorioso Abias não leuando mais que quarenta mil homens, que em respeito de oito centos, que conforme Iosepho, leuaua Ieroboão, he numero muy limitado, & sendo os mortos tantos que diz, o mesmo Iosepho não morrer nunca tanto numero de gente em batalha alguã de Gregos, nem de barbaros. Se considerarmos o texto sagrado, & o que sobre este lugar dizem os Doctores, claramente consta que era nesta conjunção elRey Abias amigo de Deos, & por então confiar nelle, alcançou a vitoria, posto que depois morreo mal: exemplo mais ajustado ao meu intento, que todos os q̃ pode auer nesta materia, auendo muitos, porque não me conuem fazer resenha das marauilhas de Moyses, das vitorias de Iosue, Gedeão, & outros Capitaens, que mais pelejaua Deos que elles, pois enfim o negocio era do mesmo Deos aquem elles seruiaõ, & porquem pelejauão, porem a força, & vigor da religião, piedade, & confiança

Quintil. decad. 6

Hist. pot.

3. Reg. 14.

Ioseph. 8 antiq. c. 5.

ça em Deos se ve, em serem vitoriosos ainda aquelles que andão apartados do mesmo Deos, se com confiança pretendem sua ajuda, conuertendose por ẽtaõ a elle. Bastarão as mostras de piedade do Emperador Leão quarto, para lhe alcançarem o Imperio. E o Emperador Honorio miraculosamente foi liure de muitos perigos, pela confiança com que se valia de Deos, o qual quer, que de tal maneira appliquemos os meyos humanos, q̃ totalmente não esqueção os diuinos, que ainda q̃ saõ mais proporcionados com as rezoens da consciencia, não dependem pouco dellas as de estado, a que mais particularmente assiste a prouidencia diuina, pois seruem de leme a toda a conseruação do mundo. Aquelles quatro animais que vio o Profeta Ezechiel, dizem os Doutores que erão figura das quatro monarchias que então auia, dos Assirios, Persas, Gregos, & Romanos: & vio o Profeta que estas figuras se mouiaõ a disposição, & ordem do homẽ que estaua sobre o trono figura de Deos: para mostrar que todas as monarchias, & estados do mundo, & gouerno dellas dependem immediatamẽte da vontade diuina, nos quais mais particularmente mostra Deos os diuinos effeitos de sua prouidencia, sustentandoos, quando as rezoens humanas mais encontradas estão. A mais inexpugnauel fortaleza, diz o Philosopho Antisthenes, he a virtude, & piedade, com que obedecemos á ley diuina, aqui achão resistencia as mais offensiuas armas dos inimigos, sendo mais poderosa a força da religião diuina que todos os exercicitos do mundo. Quem duuida que o voto que elRey Dario fez a Deos de dar ajuda para se reedificar o templo de Hierusalẽ, foi causa de alcançar o Reyno sobre que competia com seu irmão, & que este acto de religião, ainda que elle era gentio, lhe acquirio o Reyno contra todo o poder, & força dos inimigos. S. Chrisostomo notou, q̃ a mesma força, & vigor dos elementos se perde com os Principes, que reconhecem a Deos. Queima o fogo os ministros, q̃ meterão no forno os tres moços innocentes, & não queima ao Rey Autor daquella execução: obedeceo o fogo ao Rey (diz o Santo) depois que começou a confessar, & reconhecer a Deos; porque serue de grangear o respeito, & obediencia das criaturas a sogeição, & obediencia ao criador. E esta he a rezão porque o mesmo Deos fazia tanto caso da virtude, & zelo dos Principes não porque ẽ

Laert. lib. 6.

Chrysost. homil. de tribus pueris.

Deos

Deos aja excepção de pessoas, ou em respeito seu aja Reis, nẽ peoens, pois o mesmo acto de seruir a Deos faz Reis, & Principes, mas queria mostrarlhe q̃ o meyo mais proporcionado á sua conseruação consistia na obediencia, que lhe tiuessem: & assi lhes mandaua, que quando se coroassem lhes pusessem juntamente com a Coroa a ley pera que entendessem que o poder que se lhes daua com a coroa, era dependente da ley de Deos, & que de tal maneira o deuião executar que primeiro fosse regulado pella vontade diuina: o mais não he poder, mas maldade, que nos Principes se estranha, & castiga com grande rigor como mais obrigados & sogeitos ao soberano poder de Deos, pois não tem outro algum superior. Bem entenderaõ os Romanos, quando virão a republica de Romulo fundada ẽ exercicios de armas, que não era possiuel conseruarense, cõ ellas sẽ cõpanhia da religiaõ, & q̃ faltauaõ alguns exercicios pios, chamarão para o gouerno Numa Pompilio Salino, varaõ de bons costumes, que deu principio á veneração, & ceremonias do culto diuino, aos sacerdotes flamines, & virgens Vestais, & todas as mais cousas pertencentes a religião, que se fora mais certa não errauaõ os meyos comque se alcança a felicidade da republica por este mesmo caminho foi Seleuco Legislador, & instituidor da republica dos Locros cujas leys se principiaõ, & fundaõ na obseruancia da religião. Não podia faltar esta excellencia no grande Alexandre que tendo todas as que erão necessarias para ser Senhor da maior parte da terra forçado era que tiuesse esta tão necessaria para conseruar, & augmentar seu poder: delle conta Plutarcho, que naquellas cortes que fez ao mundo, lingoagem sua, porque nem antes nem depois delle, ouue Monarcha a cujas cortes assistissẽ Embaixadores da maior parte do mundo: mandou que as primeiras cousas que se tratassem fossem as que tocauão á religiaõ. He o caminho mais seguro diz, Liuio, começar o gouerno politico pelo respeito, & veneração que se deue a Deos, & daqui nace que pela virtude do Principe mede Deos o bom sucesso, & prosperidade dos vassallos. Naquella batalha que tiueraõ os Hebreos contra os Amalechitas, em quanto Moyses tinha as mãos leuantadas ao Ceo, vẽciaõ os Hebreos como as abaixaua venciaõ os Amalechitas: queria Deos mostrar, que em virtude da piedade de Moyses se alcançaua a vitoria para que os

4. Reg. 11.

Liu. in. 1.

Plut. de fortun. Alex.

Liu. 5.

os Principes se persuadão, que de seu procedimento em respeito do culto diuino depende a prosperidade de suas monarchias: & he muito para notar a estimaçaõ, que Deos faz dos Principes pios, & afeiçoados a actos de religião, que permite não somente tenha força a piedade entre os Catholicos, que adoraõ o verdadeiro Deos, mas ainda entre os gentios em respeito de seus Idolos, porq̃ deixando outros vicios pera elles mais claros, & de circunstancias mais perjudiciaes, se empregaõ no seruiço de Deos, que elles tem por verdadeiro, postoq̃ o não seja: nem este pensamento he somente meu, porque S. Hieronymo teue pera sy que castigar Deos a Baltezar, quando no banquete que deu, vsou dos vasos sagrados, & naõ castigar a Nabucodonosor seu auo que os furtou no templo de Hierusalem, foi porque Nabucodonosor vsaua delles no seruiço de seus Deoses, & ainda que eraõ falsos, & elle erraua na opinião, naõ erraua moralmente em aplicar ao seruiço do Deos que elle adoraua, os vasos deputados para os sacrificios. Estima Deos os Principes pios, & afeiçoados ao culto diuino, & a religião: porque quando esta seja errada ainda fica de ganho, não em bens spirituais pois estes se fizeraõ pera os que seruem ao Deos verdadeiro, mas nas virtudes morais que se lhe pagaõ ẽ felicidades temporais, & em vtilidade do pouo: porque monta muito em respeito do gouerno reconhecer o Principe superiorida de a outra ley, & entender que a obediencia, que seus vassallos lhe tem, deue elle ter a outro Principe mais soberano, o que he causa para gouernarem cõ zelo, & respeito ao bem comũ: & nesta rezão se fundauaõ as merces, que Deos fazia aos obseruantes de suas ceitas, pagandolhes em bens temporais (se propriamente se deuẽ chamar bens) os seruiços que por este caminho fazião a republica, aos homens, & ao mesmo Deos, q̃ elles imaginauão que adorauaõ & seruião: que abondade diuina nunca deixou sem algum genero de premio quaisquer obras boas, como tambem as desordens, & crimes sem castigo. Sendo Perguntado o sabio Solon em que consistia a felicidade da republica, disse que em serem obedientes assi os vassallos, como os Principes, huns a seus superiores, outros a Deos: porque em respeito do gouerno, pouco importa serẽ os subditos mui obedientes, se os superiores vsarem da liberdade do appetite, & quando estes se desenfrea-

Hieron. super Dan. ca. 6.

Stob. ser m. 41.

senfrearem mal poderão os outros refrearse: achase o remedio deste mal, na obseruancia da religião, que conforme a difinição de S. Agostinho, he huã sogeição, & obediencia aley diuina, aqual tem por fundamento aley natural, de que dependem todas as leys humanas: porque ser o Principe religioso, & pio, não esta somente em rezar, ou ouuir missas, & estar ẽ oração, mas em tratar juntamẽte do bem de seus vassallos, ajudandose para isto, assi dos meyos humanos, como do socorro diuino. Não se chama religioso o Rey, que esquecido de remediar as injustiças, & vexaçoẽs dos vassallos, no tempo ẽ que ade ouuir suas queixas, & applicar os remedios necessarios, se poem a rezar pelas contas, nem he acto de religiaõ, mas de descuido no tempo em que he necessario tomar as armas contra os inimigos, ocupar se em actos de contemplação, & esperar por milagres. O Apostolo Santiago, diz, que a verdadeira religião, em que não ha macula, nem imperfeição, consiste ẽ socorrer as necessidades dos orfaons, & viuuas, & exercitar semelhantes obras em vtilidade dos proximos, que quando juntamente saõ subdito, he maior, & mais meritorio o acto de religiaõ, & mais digno de

August. l. de quãtitate animæ.

Iacobus epist. 1.

Principes. Quer Deos que primeiro appliquemos os remedios humanos para elle ajudar com o fauor diuino: & se bem considerarmos em todo o discurso da vida de Christo, & nos mayores milagres, que fez, de tal maneira se ouue nelles, que primeiro quis se vsasse da industria dos homens, & se applicasse todo o cabedal que nelles estiuesse, como fez no milagre dos sinco paens, & dous peixes, que para sustẽtar sinco mil homens primeiro buscou o mantimento ordinario, & nelle fundou o milagre que fez: para resucitar a Lazaro mandou que primeiro tirassem a pedra da sepultura: & para saluar a Noe do diluuio custoulhe andar fazendo a arca em espaço de quarenta annos, tão calefetada, que não pudesse entrar agoa dentro, he verdade que o saluarse foi milagre, mas importou preceder o cabedal, & industria humana. Mui bẽ parece hũ Principe deuoto, & que com suas oraçoens encomenda a Deos o bom sucesso de seus estados, porem tambem exercitara acto de religiaõ se no tempo, que ouuer de rezar, ou ouuir missa mãdar castigar o ladrão, & o homicida, & der ordem a hũa armada para defender dos inimigos, auendo necessidade destas cousas, que a verdadeira religi-

Ioan. 6.

Ioan. 11

Gen. 6.

ão

ão hade ser gouernada pella prudencia principalmente nos Principes, a cuja conta esta o gouerno de seus vassallos, & cõ seruação de seus estados, o que se naõ hade entregar a Deos de maneira que se desprezem os meyos proporcionados á tal cõ seruação, pois o mesmo Deos se serue delles ainda quando ha de fazer milagres. Deu elRey Vladislao de Vngria occasião aos historiadores a escarnecerem de sua grãde deuação por, que sofrendo, que os poderosos roubassem os pouos, & fizessem outros muitos insultos, elle se occupaua em rezar, & fazer deuaçoens aos Santos, encomendãdolhes o bem de seu Reyno: não se chama isto religião, mas froxidaõ, & descuido. Louua a Escritura Sagrada a elRey Assa de virtuoso, & amigo de Deos como seu pay Dauid, & quãdo quer particularizar mais os actos de virtude deste Rey, & mostrar, que fora religioso, & contentara a Deos, diz que alimpou a terra de gente infame, & perjudicial á republica: porque sendo isto o que conuinha ao bom gouerno de seus vassallos, era o acto de mayor sacrificio, que a Deos se podia fazer. Quãdo o Principe for taõ religioso que á sua virtude aplique juntamente a honra de Deos, & o proueito de seus vassallos então se pode dizer que tem a piedade, e virtude que conuẽ a hũ Principe Catholico, & não lhe poderá faltar felicidade nas ocasioens do bem comum, pois esta depende da ajuda, & fauor diuino grangeado com os actos de religião presupondo o cabedal, & trabalho necessario ao gouerno da republica.

Paul. Iouius. l. 13. cap. 1.

3. Reg. 15.

DISCVRSO XXI.

Conuem fugir da superstição, & impiedade extremos da piedade, & Religião.

GRANDES saõ os barrancos, q̃ nos extremos se achaõ, em outro lugar aduirtirei ao Principe da necessidade, que tẽ de os fugir, aqui conuẽ fazer dẽste particular algũa mẽção por serem mui perigosos os que resultaõ da religiaõ, & piedade, cujos estremos saõ a superstição, & impiedade. Ha homens de animos taõ inclinados ao culto diuino, & religião diuina, q̃ passão as balizas, achando misterio, & particular ordem de Deos em cousas mui ordinarias, & dependentes dos sucessos dos tempos, & causas segundas: outros abominando esta inclinação, & costume, se vaõ apos outro extremo, que he a impiedade

dade naõ fazendo caso da religião,& culto diuino, esquecendose,& muitas vezes desprezando a prouidẽcia cõ q̃ Deos assiste a todas as cousas humanas, ainda aos sucessos mui limitados,hũs leuados de ignorancia, outros cegos de soberba,& presunção:q̃ semelhantes viciosnũ ea atinarão caminho. Plutarcho julgou por ignorãtes aquelles,q̃ se apartão da piedade,& religião taõ aceita a Deos, & tam necessaria a vida humana, seguẽ hũ destes dous extremos venerando a superstição em lugar da piedade, & não menos os q̃ esquecidos do respeito diuido a Deos seguẽ a fereza de brutos no pouco respeito,& obediencia com q̃ tratão as cousas diuinas sem aduertirem que saõ criaturas miseraueis,& dependentes da prouidẽcia de seu criador,& como estes vicios sejão de sua natureza tão toscos, & encontrados à rezaõ,poucas vezes se achão nos Principes, porem sempre conuem aduertir delles. Não se pode deixar de louuar a grande piedade dos Romanos,& o zelo cõ q̃ se aplicauaõ ao culto da religião, postoq̃ tomada ẽ seu extremo, cõq̃ vinhão a ser supersticiosos: &quererem ẽ negocios de muita importancia,& de que dependia muitas vezes o gouerno,& liberdade da republica, que sobre naturalmẽte lhes dessem a reposta dos sucessos que teriaõ:para o que vsauaõ dos agoureiros,gouernarse por vista de aues julgando humas por felices,outras por infaustas,& por voos differentes, assinalando dias,& horas incapaces para todo genero de negocio por necessario que fosse, & lançando mão de accidentes mui ordinarios,& leues para pronosticarem bons,& maos sucessos, parecendolhes,que os seus Deoses lhes estauão de ordinario dizendo por aquelle modo,o que auião de fazer:& o peor era q̃ tinhaõ por sacrilegio,fazer pouco caso de semelhantes agouros:donde Valerio Maximo,tomou ocasião para dizer, que o naufragio que a armada Romana padeceo sendo general della o Consul Lucio Iunio, foi por elle desprezar os agouros: de sorte que era opinião recebida,& praticada no pouo,que sem agouros se naõ deuia fazer cousa alguma de importancia, sendo erros taõ manifestos,que os demais valor,& entendimento experimentauão o pouco que montauão semelhantes preparaçoens,& as desordens que dellas ordinariamente resultauão,& ja socedeo,que em negocios de grande peso as puserão de parte naõ estando de pormeio a autoridade dos agoureiros de parte principalmente se a ocasiaõ de guer-

Plut. in mor.

Valer. Max. l. 1. c. 4.

ra se naõ conformaua com ellas: como aconteceo ao grande capitão, Epaminõdas, q̃ estando para dar hũa batalha se ouuiraõ hũs trouoẽs de q̃ os soldados começarão a cõceber roim prono stico, & ẽtrar ẽ grãde temor de cometerẽ os inimigos parecendolhes q̃ leuariaõ a peor: porem Epaminõdas os animou, affirmãdolhes, q̃ aquelle sinal do Ceo era contra os inimigos, & q̃ os Deoses lhe mãdaraõ por aquelle modo dizer quãto erraraõ ẽ escolher ruim sitio não os quis liurar da superstição a que estauão costumados, vicio mais ordinario ẽ gente de pouo, & dificultoso de remediar ẽ ocasiaõ tão apertada, mas prudentemẽte os animou, apontandolhes de quão peor partido estauão os inimigos. Plutarcho conta, q̃ marchando Lucullo cõtra hũa cidade de Armenia, estando ẽ vesporas de a cõbater, lhe disse hũ soldado, q̃ aquelle dia entre os Romanos era mui infausto, porq̃ nelle fora desbaratado o exercito de Scipião, & q̃ por nenhũa via cõuinha dar batalha, & como o capitão estaua desejoso de a dar zõbou da superstição dos Romanos, respõdendo aos soldados, q̃ pela mesma rezão ꝯportaua pelejarẽ cõ grãde animo, para cõ a vitoria dos inimigos tirarẽ o agouro daquelle dia. E posto q̃ as repostas destes erão impias para algũs pela veneraçaõ, q̃ tinhão aos sucessos, obseruados dos seus agoureiros pelos quais se gouernauão nos negocios de mayor importãcia, os mais entẽdidos, quando os agoureiros não faziaõ solenemẽte seu officio, desprezauaõ as tais superstiçoẽs porq̃ achauão, q̃ se os diabos por meyo dellas lhe diziaõ algũas vezes, o q̃ diuiaõ fazer, as mais vezes os enganauaõ, & paraq̃ lhes cresse muitos enganos lhes dizião hũa verdade. Querẽdo o auisado Homero declarar isto, introduz a Heitor escarnecẽdo de Polydamãte, q̃ lhe mandaua olhar como as aues estẽdiaõ, as azas, & como se meneauão: a q̃ Heitor respondia, q̃ o mais certo agouro de todos era obedecer a Deos, & pelejar cõ valor, porq̃ a vida dos homẽs, & gouerno das respublicas, & Monarchias naõ depende de voos de aues, nẽ os effeitos dos tẽpos, para delles querẽ saber a resolução do q̃ deuẽ fazer, & pronosticarẽ o que lhes pode acontecer. Encaminhaõse os bons sucessos por discursos nacidos do entendimẽto, & rezaõ, fundados na ley diuina, não ẽ superstiçoens, & agouros, ainda que nelles aja algũa apparencia de religiaõ, & temor de Deos, parecẽdo obedi ẽcia a sinais do Ceo, o q̃ na realidade saõ effeitos dos tẽpos cõ q̃ Deos vniuersalmẽte cõcorre. Auisadamẽte respõdeo Pericles

Plut. in Rom. apoph.

Homer. lib. 2. Iliadæ.

Plut. in apoph.

ao piloto de hũa gallè ẽ q̃ se estaua ẽbarcãdo para a guerra, socedeo hũ eclipse do sol, cayo o piloto como morto parecẽdo lhe, q̃ cõ tal pronostico não tornaria á terra q̃ deixaua, cobriolhe Pericles o rosto cõ a ponta da capa, perguntandolhe, se naquella escuridaõ achaua algũa nouidade, respõdeo o piloto q̃ não: o mesmo he o sol, disse Pericles, cobrese sẽ respeito algũ ao q̃ hade acõtecer, não auẽdo mais differẽça, q̃ ser elle hũ Planeta mui vniuersal, & o vosso rosto de hũa possoa particular: reposta mui prudẽte, & necessaria pera animar assi ao piloto como aos soldados, q̃ como a maior parte delles, entendẽpouco dos planetas com qualquer sinal do Ceo perdẽ o brio, ẽ q̃ cõsiste a vitoria, & saluação: & he effeito de grãde valor, & auertẽcia de capitaẽs prudẽtes saberẽ desprezar semelhãtes pronosticos, quãdo delles se nãopode cõ certeza saber a verdade: & sẽpre conuẽ nesta incerteza animar os soldados, & interpretar felices sucessos dos portẽtos & casos extraordinarios q̃ socederẽ; assi o fez o Cõde Fernão Gõçalues, o qual sẽdo senhorde Castella, foi cometido por Almãçor Rey dos Mouros, & estãdo os exercitos a vista hũ do outro, hũ caualleiro do Cõde chamado Pero Gonçalues arremeçou o cauallo pãra se sair de hũ outeiro ẽ que estãua, & quãdo quis parar se abrio a terra, & o souerteo a elle, & ao cauallo, tornãdose a cerrar: o q̃ causou tãto espãto, & temor aos Christaõs q̃ desejarão tornarse, porẽ vendoos o Conde desanimados & medrosos lhes fez hũa auisada pratica ẽ q̃ os persuadio a irem por diãte, affirmãdolhes q̃ aquelle caso, se era pronostico deperda de exercito, se auia de cõprir nos Mouros inimigos da fè de Christo: & foi de tãto effeito, q̃ os soldados se animarão, & cobraraõ brio, & valor cõ q̃ desbaratarão os inimigos, & ficarãovitoriosos. He lãço de prudẽcia, e indicio de grãde animo naõ fazer caso de pronosticos principalmẽte quãdo delles pode resultar desanimarẽse os soldados & não menos ẽ rezaõ de authoridade, q̃ de necessidade, tãto na paz, como na guerra: q̃ ẽ caminhar os negocios publicos por sucessos taõ leues, & casuais, como saõ os q̃ cada passo acõtecẽ, naõ so sera liuiãdade, mas o mesmo q̃ deixalos a dispociçaõ do tẽpo, sẽ lhe applicar os remedios q̃ o ẽtendimẽto ẽsina. Estãdo Anibal desterrado nas terras delRey Prusia, aconselhou ao mesmo Rey, q̃ desse a batalha a certos inimigos seus o qual antes de lhe dar a reposta, mandou fazer sacrificio, & obseruar das entranhas da victima o sucesso que auia de ter, os agoureiros

Valer. hist. scol.

Valer. Max. l. 3. c. 7.

reiros lhe disserão, q̃auia de ser infelice pelo q̃ elRey Prusia se escusou de dar a batalha, porẽ Anibal lhe respõdeo q̃ não andaua bẽ aconselhado ẽ perder aquella occasiaõ, porq̃ naõ era rezão dar mais credito a carne de hum animal, q̃ aos cõselhos de hum capitão experimẽtado: com tudo não se segue daqui q̃ sejão os Principes, & Capitaẽs tão sogeitos a rezoens humanas, q̃ desprezẽ os meyos diuinos, não supersticiosos, mas approuados pela Igreja, q̃ se o extremo da piedade, q̃ chega a ser superstição, he ignorãcia, o que naõ chega aos limites da religião, & temor de Deos, he soberba, & incõsideração, & o mesmo perjuizo se acha ẽ hũ q̃ em outro. O mais seguro meyo de procurar o bõ sucesso dos negoceos he a piedade, & religião como atras tenho dito cujo desprezo resulta ẽ destruiçaõ dos Principes, & de seus estados. A impiedade delRey Oseas o fez captiuo, & a seupouo. ElRey Manases foi entregue aos Assirios por desprezar oculto, & religião do verdadeiro Deos esquecido das marauilhas cõ q̃ o mesmo Deos mostraua seu poder, & manifestaua seu nome, não cõ sinais occasionados a superstaçoẽs, mas cõ obras miraculosas, & patẽtes aos mesmos inimigos: quais forão as q̃ Moyses obrou a uista de Farao, & infinitas outras desta sorte ẽ quãto Deos teue a sua cõta o pouo Iudaico: o pouco caso q̃ dellas fez elRey Elá começãdo a ẽsinar ao pouo de Israel a adoração dos Idolos, foi causa deque morresse breuemẽte cõ toda sua geração, não tẽdo Reinado maisque dous annos que naõ podia ser permanẽte o gouerno, nẽ de dura o Rey que fauorecia abominaçoens ẽ desprezo de Deos, depois de tãtos beneficios recebidos delle. He crime o da impiedade que ẽcõtra as rezoẽs da mesma natureza, que ẽsina auenerar, e seruir a Deos Autor das cousas: & esta ẽtẽdo eu, que deuia ser arezaõ porque Deos permitia que fossẽ destruidas muitas resp. & castigados muitos homens que desprezaraõ oculto de seus falsos Deoses, que elles venerauaõ, tẽdoos por verdadeiros. Valerio Max. diz, q̃ obrigãdo Pyrrho Rey de Albania aos Locrẽses, que lhe dessẽ o dinheiro que estaua no tẽplo de Proserpina, elles lho deraõ por mais naõ poderẽ, porẽ nauegando cõ elle, se perdeo cõ toda armada nas mesmas prayas õde estaua o tẽplo. Breno Capitaõ Frances entrou no templo de Apollo com animo de o roubar, & ahy se matou com suas proprias mãos: o mesmo castigo tiueram os Phosenses, de que faz mençaõ Diodoro siculo que foraõ desbaratados por Phelipe Rey de Mace-

3. Reg. 16.

Valer. Max. l. 1. c. 2.

Diodorus Siculus.

4. Reg. cap. 18.

Dionysius Halicarnassus 3. antiquitate.

Macedonia despois, q̃ despojaraõ o tẽplo de Apollo Delphico & Hercules desbaratou os Phlegyas por desprezarẽ os seus Deoses, de q̃ faz mẽção Virgilio. E postoq̃ S. Agost. Lactãcio Prudẽcio, & outros Doctores affirmẽ, q̃ os demonios adorados nos Idolos, vendose desprezados causauão todo o mal, q̃ podião. Podese cuidar cõ muito fũdamento, q̃ permitia Deos, fosse castigado o peccado da Impiedade, não por ser cõtra os seus Deoses, pois erão falsos, mas por ser cõtra a mesma natureza, q̃ mãda reconhescer, & venerar ao Deos autor das cousas, q̃ elles cõforme ao seu parecer despre zauão, não por adorárem outro mais verdadeiro, mas por naõ reconhecerẽ superioridade, & vsarẽ da liberdade do appetite, sẽ admitirẽ sogeição, & respeito a ley algũa: doutrina bẽ seguida de algũs estadistas, não taõ repetida ẽ escritos como executada ẽ obras, ẽ q̃ eu ja me cõtẽtara, q̃ respeitassẽ a rezão destado bẽ encaminhada, porẽ o gosto particular nos poderosos, se califica por rezão destado, peraq̃ a execução se effeitue cõ capa de authoridade, & fũdamento, & a paixão se não conheça por tal: q̃ sẽpre a liberdade para o vso dos vicios foi gostosa, & muito mais depois de authorizada, & seguida dos Reis: não he este o caminho, por mais q̃ o desfarzẽ de se cõseruarẽ asi, & gouernarẽ aos seus, antes vay parar em ruina, & destruição de hũs, & outros q̃ a falta de superior tão perigosa he nos Principes como nos vassallos. Tãbẽ se deue fugir de ẽcaminhar os negocios em respeito de sonhos: porq̃ ha muitos homens neste particular mui semelhantes á molheres, q̃ buscão proposito a seus sonhos, & querẽ delles inferir oq̃ deuẽ fazer ẽ negoceos de importancia, particularmente nos q̃ saõ de seu gosto: q̃ o desejo das cousas acha rezão, & caminho para ellas ẽtre os maiores despropositos. He cõtra todo bõ gouerno dar credito a sonhos se naõ cõsta claramẽte q̃ saõ miraculosos, como foi o sonho del Rey D. Ramiro de Leão, q̃ estã do cercado dos mouros cõ seu exercito lhe appareceo por sonhos Santiago oferecendose pera o ajudar a destruir os mouros. E o sonho de Iado sacerdote de Hierusalẽ, q̃ estando em vesporas de ser destruido por Alexandre Magno, sonhou q̃ o fosse esperar vestido em pontifical, q̃ o aplacaria, como na verdade aconteceo: porẽ ẽ casos ordinarios sera grãde erro gouernarse por sonhos. S. Gregorio notou q̃ pera hũ Rey crer por verdadeiro hũ sonho não so foi necessario, q̃ lho explicassẽ, mas q̃ lhe

Virg. li. 6.
August. de ciuitate Dei.
Lactant Prudẽt.
Valer. hist. scolast.
Greg. in mor.

lhe adiuinhassem o que sonhara:& se outro Rey creo a explicação do sonho a Ioseph. Foi porque auia logo de suceder a verdade delle. E em resoluçaõ erão Santos os que declararaõ os sonhos,& a faltar qualquer destas circunstancias,fora ignorancia darlhes credito em respeito de negocios publicos, & do bem comum. A estrada Real por onde se deuem encaminhar os negoceos,que tocão ao gouerno da republica,he a prudencia obediente a piedade,& religião diuina porque de hũa depẽdem os meios naturais da outra a ajuda sobre natural,cõ que Deos assiste ao gouerno humano.

DISCVRSO XXII.

Conuem muito aos Principes honrarem aos Sacerdotes,& ministros Ecclesiasticos.

ENTRAMOS na mais importante materia,que nesta idade se deue tratar, principalmente neste nosso Reyno, em que o zelo dos ministros seculares se emprega tanto no ministerio,que está a sua conta, que atropellão todas às rezoens,que podem encontrar a execução dos officios,que seruem,por mais superiores,& diuinas que sejão,aos quais conuem aduertir de quam desencaminhados iraõ,se não regularem o seruiço de seu Rey,& gouerno de sua republica,pella vontade diuina de que dependem os maiores Monarchas,& aquem obedecẽ ainda as creaturas irracionais, & insensiueis , tendo por sem duuida,que quando faltem cõ esta obrigaçaõ haõ de ver que o effeito de seus seruiços para em sua propria ruina,ẽ destruição da republica,& ignominia do Rey,a que pretendem agradar:que naõ ha materia em q̃ os juizos diuinos mais se manifestẽ,& em que mais se tenhaõ declarado,com sucessos,& exẽplos extraordinarios, postoque ate agora pouco efficazes cõ os homens:que a vtilidade presente, & ainda a esperança della tira da memoria tudo o que a pode impedir,querendo mais gozar qualquer bem de honra ou proueito(ainda que seja cõ receyo do castigo diuino, que sempre se tem por duuidoso,& vagaroso)que deixar de lançar maõ de qualquer vtilidade temporalpor mais incerta que seja: miseria grande desta nossa natureza sogeitarse tanto as rezoens de proueito,que nenhumas outras tenhão em seu respeito força alguma. Deuidense os crimes,que nesta materia se cometem

mētē em dous generos desprezo dos sacerdotes, & vsurpação das rendas, & preuilegios concedidos a Igreja, & seus ministros. Cousa he sabida, que em todas as idades, & em todas as naçoens por barbaras que fossem houue sempre sacerdotes, homens dedicados ao ministerio spiritual cujo officio, & occupação he ministrarem a Deos, & intercederem pelos peccados da republica, erradamente os que adorão a idolos, & com infaliuel acerto os que na Igreja Catholica adoraõ o verdadeiro Deos, a cuja conta esta orarem pello pouo, & ensinarē lhe a ley Diuina, diffinição que S. Paulo lhe deu, em que declarou a sua obrigação, & o respeito com que a mais gente os deue tratar, pois depende delles como terceiros entre Deos, & os homens: Isto quis mostrar Christo Nosso Senhor, quando remeteo o leproso ao sacerdote, dizendolhe q̃ lhe offerecesse o que Moyses ordenaua na ley: quis o Senhor ensinar o respeito, que se deuia aos sacerdotes pois a mesma saude miraculosa dada por Christo tinha dependencia da cortesia, que o enfermo lhe hauia de fazer: & quando esta se lhe não de por rezão de necessidade, não se lhe pode negar pella excellēcia de seu estado igual ao dos espiritos angelicos, assi o confessou aquelle Anjo do Apocalipse: porque querendoo o Apostolo S. Ioaõ adorar, & prostrarse a seus pes, lhe respondeo, não fizesse tal, que no officio erão irmaons, & companheiros. Verdade seja, diz S. Ioaõ Chrysostomo, q̃ os Anjos ministraõ a Deos no Ceo, & os sacerdotes na terra, porem he o mesmo ministerio sem auer mais differença, que a do lugar em que se fazē. Que duuida ha que saõ mui superiores aos Reys, & Emperadores, & posto que forão menos estimados, como notou S. Agostinho, depois que forão muitos, não foi isto bastante para lhes negar sua estimação, & preço. O nobilissimo Emperador Costantino, mais digno do Imperio, pello respeito que teue aos sacerdotes, que pello que seus vassallos lhe tiuerão, achandose no Concilio Calsedonense se assentou abaixo de todos elles, & não quis conhecer de causas suas, dizendo, que forão os sacerdotes instituidos para juizes dos seculares, & não para serem delles julgados. Igualmēte honrado que humilde o Emperador Theodosio, mais excellente, & brioso quando prostrado aos pes do seu Bispo, que todos seus antecessores na soberba, & superioridade com que perseguião a Igreja com capa de

Ad Hebr. 5.

Chrysost. de dignitate sacerdotali lib. 2.

August in simil.

de defenderem sua jurisdição, & gouernarem seus vassallos, de que lhe resultauão os infortunios que padeciaõ em quanto viuiaõ,& o miserauel fim cõ que acabauaõ, que nunca ficarão sem castigo descortesias feitas a ministros de Deos. Bem le ue foi a que os mininos de Bethel fizeraõ ao Profeta Eliseu, pois naõ foi mais,que chamarẽ lhe caluo,& com tudo não sofreo Deos,que ficasse sem castigo,mandando no mesmo ponto dous vrsos,que os despedaçassem, sem lhe aproueitar a desculpa que a idade lhes daua:de sorte,que quarenta,& dous mininos forão mortos por huã taõ leue descortesia:por vẽtura,que para aduirtir aos pais o cuidado,que deuem ter de ẽsinar seus filhos sejão cortefes, & obedientes aos sacerdotes, & ministros de Deos. Bem custou a elRey Bermudo segundo de Leão mandar prender a Dom Guste Bispo de Ouiedo, induzido de algunsvassallos,de que naceo castigar Deos aquelle Reyno com tão grande esterilidade,& fome, que a gente morria por não hauer mantimentos,de que se sustentassem, & os campos se naõ podiaõ laurar por falta de agoa:ate que foi Nosso Senhor seruido reuelar à dous religiosos de Sancta vida a causa daquelle castigo,

4. Reg. 12.

Valer. hist. scol.

que era ter elRey preso o Bispo de Ouiedo,pelloque logo o mandou soltar,& restituir com grande honra a seuBispado,tornando a terra á sua antiga fertilidade;quis Deos fazer hum milagre por se cõpadecer daquelle Reyno: porem ja agora não deuem os Principes esperar reuelaçoens,& milagres pera conhecerem a causa dos infortunios,que padecem,que os exẽplos passados,& os auisos com que Deos lhes bate cada hora a porta com a vista dos vassallos afligidos com pestes,destruidos com fomes, & catiuos de seus inimigos saõ mui bastantes,pera espertarem não so descuidados, mas dormentes: nesta rezão se fundou a injustiça daquella petiçaõ,que o rico auarento fez a Abrahão, q̃ mandasse hum difunto à pregar a seus parentes,porque era tão escusado este milagre,quantos erão os auisos,que entam,& agora os homens tem de Deos pera se emmendarem de suas desordens: porem se se tapão os ouuidos,& a causa esta no mesmo estado,como hão de parar os effeitos. Mandaua Deos noDeutoronomio,que qualquer pessoa,que desobedecesse ao que o sacerdote lhe mandasse,morresse morte natural & sendo esta obediencia deuida por justiça aos sacerdotes da ley velha,

Luc. 26.

Deut. 17.

com

com differẽte rezão aos da ley da graça: falta nos homẽs a execuçaõ da pena,& por isso Deos acode tomando à sua conta a defensaõ dos seus sacerdotes, & castigando os agrauos, que se lhe fazem, com tanto rigor, que chega o castigo a todos os naturaes. Folgara certificarme que isto, que vou escreuendo não hauia de chegar a maõs de estrangeiros, para euidentemente mostrar serem os castigos, que vemos tão extraordinarios, & continuados neste nosso Reyno, causados de offensas feitas a sacerdotes: porem não passarei daqui, assi por não desautorizar com hum taõ baixo vicio a hum Reyno em virtudes, & valor taõ florente, principalmẽte tendo obrigação de o honrar, como por não apontar nos exemplos, & sucessos, os nomes das pessoas a que acontecerão, por serem muitas dellas conhecidas. Lance cada hũ os olhos, aos tempos presentes, & pouco atrasados, & achara castigos extraordinarios em pessoas particulares, & ministros publicos, que ou por paixão propria, ou com desejo de sobirem a lugares maiores tomaraõ á sua conta perseguir pessoas Ecclesiasticas, parecendolhes faziaõ hum grande seruiço ao Rey. Mas o mal he, que não para o castigo nos que isto cometeraõ, & sofrem, antes redunda em todo o pouo, ou para assi ficar o Rey mais castigado, como se vio no peccado de Dauid (que os trabalhos dos vassallos tambẽ saõ dos Reys) ou porque a malignidade deste crime tem effeitos de contagião, que chega a todos sem excepção de pessoa. Considerem os Principes Catholicos, que grangeaõ honra, & conseruação de seus Estados em virtude da obediencia deuida à Igreja, & seus ministros: & com mais rezão deuem trazer isto diante dos olhos, os Principes, que nos gouernão pois sabem, que o poder que gozão tẽ sua dependencia daquella particular merce com que Deos quis honrar a casa de Austria tronco da maior parte dos Principes, & Monarchas, que senhoreão nossa Europa por causa de hũa cortesia feita a hum sacerdote, indo administrar o Santissimo Sacramento a hum enfermo: & quando estas rezoens esqueção por antigas, ou por serẽ fauores, que sempre estes trazẽ consigo o esquecimento, lancẽ os olhos ao azoute, que em seus Reynos vem, & quando duuidarem da causa, nos particulares sucessos a verão clarissimamente, Puderamos aprender este zelo de muitos gentios taõ obseruantes da sua falsa religião, & ministros della, que a sua dispo-

disposiçaõ estauão todas as materias do gouerno da republica & ainda da propria vida. Eraõ os Reys de Ethiopia tão obedientes aos sacerdotes de sua seita, que elles lhe limitauão o tẽpo que hauiaõ de viuer, & os mesmos Reys se matauão quãdo os sacerdotes lho mãdauaõ: costume barbaro porem nacido do grande respeito, & obediencia, que tinhaõ as cousas diuinas, a que entendiaõ se deuia obedecer a olhos cerrados. No tempo do Emperador Alexandre Seuero se não podia dar a execução sentença algũa por importante, que fosse, sem primeiro ser approuada pelos seus sacerdotes. Costume mui obseruado dos Alemaens, como refere Cornelio Tacito, entre os quais os juizes das causas mais graues, & ainda dos crimes eraõ os sacerdotes, a que tinhão tanta veneraçaõ, & respeito, que so elles julgauão por dignos de serẽ juizes, & gouernarem o pouo. E porque nos não persuadamos, a que podiaõ estes effeitos de religiaõ nacer de pouca policia, sera rezão vermos o que os Romanos faziaõ no tempo de sua prosperidade, & quando a prudencia militar & politica nelles floreceo de sorte, que todas as naçoens lhes reconheciaõ ventagem, assi em rezaõ de poder como de saber.

Baptista fulg. l. 1

Cornel. Tac. de moribus germ.

No supremo tribunal dos Senadores se naõ podiaõ propor negocios alguns seculares sem primeiro se tratar algum tocante a religiaõ, & as pessoas dedicadas ao seruiço de Deos: tendo por fundamento do bom sucesso, que esperauaõ de seus cõselhos, o fauor das cousas diuinas, & parece que lhes quis Deos pagar este zelo ainda que mal empregado em hũa religiaõ errada, com a prosperidade de que aquelle Imperio gozou tantos annos, que nunca Deos deixou sem premio, ou seja eterno, ou temporal, aos que primeiro poem os olhos na prouidencia diuina, que nos meyos humanos, & no respeito q̃ se deue a Deos, & a seus ministros, que nas rezoens temporais de suas comodidades particulares.

DISCVRSO XXIII.

Continuase a mesma materia lembrando aos Principes, que as liberdades, & rendas Ecclesiasticas deue com mais cuidado defender que as proprias.

SEGVNDO genero de crime, que nesta materia se comete, consiste, em certa specie de zelo cõ que os Principes, ou seus ministros

ſtros trataõ de defender a juriſdição ſecular, entrando quanto podem pella Eccleſiaſtica, tendo pera ſi, que he obrigaçaõ de ſeus cargos, eſtenderem os limites de ſeu poder, o mais que for poſſiuel, imaginação impia cujo effeito vem a ſer direitamente encontrado ao que ſe intenta: porque quanto cortaõ pella Igreja, tãto lhes corta Deos por ſeu poder, & juridição: pera prova deſte penſamento hemos de preſupor, que a mais praticada & ſabida rezão deſtado he que pellos meyos com que os Reynos, & eſtados ſe acquirem, ſe deuem conſeruar: porque ainda que o acquirir ſeja menos excellente, não he por cauſa dos meyos, mas pella importancia, & vtilidade, que a conſeruaçaõ tras em reſpeito da continuaçaõ, & duraçaõ do tempo, de ſorte, que ſe os meyos de acquirir hum Reyno foraõ valor, prudencia, & virtude, mal poderá ajudarſe a ſua conſeruação da couardia, ignorancia, & outros ſemelhantes vicios. Todos ſabemos, que muitos Reynos de Europa de cujo principio temos algũa noticia, ſe tiraraõ do poder Mahometano em virtude do zelo com que os Principes ſeruiaõ a Deos, & lhe offereciaõ muita parte das terras, q̃ tomauão dando com ellas liberdades, priuilegios, & rendas as peſſoas Eccleſiaſticas com tanta liberalidade, que mais vezes aconteceo deixarem elles de as aceitar, que os Principes de lhas offerecer o que mais particularmente vemos neſte noſſo Reyno, em que as rendas Eccleſiaſticas ſaõ tantas, que daõ baſtante noticia da liberalidade, & pio zelo de ſeus Principes: & que iſto foſſem merces ſuas, eſcuſa prouas por não repetir em tão breue diſcurſo tantas, & tão largas hiſtorias, & ſuceſſos. Claro he que não conquiſtarão os Eccleſiaſticos o q̃ tem, & que dos Reys o receberão, o que agora reſta he, que conſiderem ſe poderão conſeruar ſeus eſtados com tirarem â Igreja o que lhe derão pera os alcançar: porque ſendo entre ſi taõ encontrados o dar, & o pedir, não he poſſiuel, que cauſem os meſmos effeitos, & ja fora menos mal pedir, poſto que nos Reys o meſmo he pedir, que tomar: porem a pratica ordinaria he que nas materias de intereſſe, baſta qualquer ſombra de Rey pera leuar a pos ſi todas as mais rezoens, ou pellos priuilegios Reais, que ſaõ grandes, ou pello cuidado, & boa vontade dos miniſtros, que ſabem guiſar as couſas ao ſabor de quem os pode melhorar. E na materia de jurisdição ſe tem inuentado tantos caminhos pára os

Eccle-

Ecclesiasticos ficarem dependentes,& subordinados aos seculares,que raros serão os casos em que a jurisdição Ecclesiastica se possa defender por si, & fazer seu officio com liberdade.He muito para notar,que quando Christo Nosso Senhor quis aduirtir a seus discipulos, que tinhão necessidáde de espadas lhe responderaõ, que duas se acharião entre elles, ao que o Senhor disse,que duas bastauão.Hiase Christo Nosso Senhor despedindo de seus discipulos aos quais daua instrucçoens das cousas que lhes erão necessarias pera fazerem o officio de pastores,que lhes encarregaua,era hũa que tiuessem espadas porque hauiaõ de gouernar subditos,& hauião de fazer justiça,porem essa se representaua ẽ hũa so espada, mas duas de q̃ seruem? mui importantes saõ ambas aos prelados, huma pera executar justiça entre os subditos, outra pera defender dos superiores,porque estaua o Senhor vendo, que hauião os Prelados de ter tanto trabalho em defenderem a jurisdição de suas Igrejas,como em administrarem justiça,& executarem a obrigação de seus cargos, & em respeito disto teue por necessario, que os Apostolos, & prelados soubessem,que hauiaõ de ter duas espadas não pera o defenderẽ dos Iudeos,a que voluntariamente se ẽtregaua, mas pera instrucção,& doctrina do que pello tempo lhe hauia de soceder,aos quais de passagem lembrarei,que naõ menos deuem vsar de huma espada que da outra:porque mostrarẽ muito valor com os subditos, & acanharense aos superiores em materia de jurisdiçaõ não he officio de prelados Apostolicos,haõ de defender a Igreja ate porem a vida por ella,& se para isto lhe faltar o espirito necessario,saõ obrigados a não aceitarẽ o cargo.Reparaõ muitos naquella pratica,que o Profeta Eliseu teue com seu mestre Elias quando se despedio delle,em que lhe pedio o seu espirito dobrado:dizem alguns que lhe pedio o espirito de profecia,& de fazer milagres: outros dizem que lhe pedio outro tanto espirito mais do que elle tinha,para o que hemos de presupor,que para fazer milagres naõ era tão efficaz o espirito como o poder diuino,que os fazia: porque Elias não era mais,que hum instrumento delles, & o profetizar as cousas futuras mais se deue chamar dom, que espirito,porque he hum beneficio particular,que Deos cõmunica aquem he seruido,& acõteceo fazer merce delle ainda a quem nenhum espirito tinha

Luc. 21

como

como foi Saul, Balam, & outros, o espirito dobrado, que Eliseu pedio a Elias entendo, que era a virtude grande, que tinha para seruir a Deos, & o particular brio, que teue para resistir a elRey Achab: porque ainda, que a virtude traga sempre consigo valor, he mui differente o spirito, que se requere pera resistir aos Principes, que o que serue pera viuer santamente com virtudes particulares. Vio Eliseo os trabalhos, q̃ Elias tinha padecido por respeito dos Reys de Israel a cujos apetites se opunha, & entendeo, que não poderia com tam grande encargo, sem ter o mesmo espirito de Elias, não so pera ser santo, mas para resistir ao gosto dos Reys. Digo que he necessario terem os prelados duas espadas, & dous spiritos, & muito mais neste tempo, em q̃ a jurisdiçaõ Ecclesiastica anda tão fora de seu lugar. Poderám dizer os seculares, q̃ a mesma obrigação lhes corre em defenderem a jurisdição secular, porẽ he mui differente hũa cousa da outra, porque se seguiria, que terião cometido peccado contra Deos, & contra seus cargos os Emperadores Romanos que demitirão de si a jurisdição, que deraõ aos Sumos Pontifices: & os Principes Catholicos, que tirarão de suas Coroas as terras, rendas, & priuilegios, que derão a Igreja: o que esta tam longe de ser crime, que forão obras gloriosas com, que mereceraõ fazerlhes Deos mui grandes merces, assi espirituais como temporais, augmentando seus Reynos, & estendendo seu poder, de que consta manifestamente, que se os Principes de nossa idade deraõ de nouo a Igreja alguma parte da jurisdiçaõ, que tem, nem peccauão contra Deos, nẽ contra a obrigação de suas Coroas, antes imitauão seus predecessores em cuja piedade, & valor se augmentarão, & illustraraõ os Reynos, que hoie possuem. Se esquecidos desta obrigação quiserem seguir outro caminho defraudando na jurisdição Ecclesiastica, ou seja em materia de preeminencia, ou de interesse haõ de ver infortunios, & calamidades assi na honra como no interese. Quis elRey Vitiza dos Godos entrar na jurisdição da Igreja dãdo aos clerigos de seu Reyno algumas licenças, que pertencião a Sée Apostolica, breuemente foi vencido em huma batalha, que teue com elRey Costa, & preso em hum carcere, onde lhe mandou arrancar os olhos. Quis elRey

4. Reg. 2.

Valer. hist. scol.

D. Alonso de Aragão tirar das Igrejas as peças ricas de ouro, & prata, que nellas hauia, não pedidas, mas tomadas com violencia por seus soldados, porem miserauelmente acabou a vida depois de vencido dos Mouros em hũa batalha que com elles teue em Fraga, & nem morto, nem viuo apareceo mais, peraq̃ faltasse não so a vida, & a honra, mas ainda a sepultura a quẽ tinha faltado com o respeito deuido a Deos, de cujas maons recebera a honra, & Coroa, que possuia. Não ficou aduertida deste caso sua molher Dona Vraca de que lhe resultou semelhante fim, porque chegando a cidade de Leão, entrou no mosteiro de S. Isidoro com suas damas, roubando o que nelle hauia, sentida de os frades lhe negarem certa cantidade de dinheiro, que lhe pedio pera pagamento de seus soldados, porem querendose sair do mosteiro com hum pè dentro, & outro fora supitamente acabou a vida. Exemplos ha mais chegados a nossos tempos de castigos semelhantes a estes ainda em cousas mui particulares, lance cada hum os olhos aos desacatos, & violencias feitas á Igreja, & vera juntamente o castigo, que sendo Deos tam sofredor de afrontas feitas contra sua diuina Magestade, não dissimula as que se fazem contra seus ministros. Se os Principes passados desse menos a Igreja não teriaõ cometido mal algũ, porem que depois de o darem, haja quem pretenda diminuir a juridição, ou tirar as rendas, he crime que Deos castiga rigurosamente. Esta he a rezão, porque Lycurgo mandaua em suas leys, que aos idolos se offerecesse mui pouco, pera tirar a occasião de tornarem a tomar, o que huã vez lhes deraõ, conuertendo em vsos profanos as rendas, ou peças q̃ ao templo seruissem. A Sagrada Escritura conta, que indo Asael Rey de Siria contra a cidade de Hierusalem, elRey Ioás por se liurar delle, tomou todas as peças, que achou no templo de preço, & lhas mandou: & por entãose foi Asael, & o deixou em paz, porem da hi a mui breue tempo, foi morto ás maõs de seus criados: de maneira, que a morte de que Ioás se quis liurar com o dinheiro da Igreja achou em sua propria casa, Iuizo grande de Deos, de cuja altissima prouidencia dependem mais os sucessos das cousas, que de todos os remedios humanos por efficazes, que pareção. Considerem os Principes

4. Reg.

cipes quando se virem ẽ aperto,& se quiserem valer da Igreja,que saõ necessarias muitas circunstancias para justificarẽ sua necessidade, pois a de Ioás com ser tão grande o naõ liurou de sacrilego. Não he o meu intento tratar das rezoens que os Principes tem para porem tributo a seus vassallos por tal traça, que fiquem os Ecclesiasticos pagando tanto como os seculares, nem dereprouar os fundamentos com que impetraõ subsidios,que sẽpre se deue presumir de Principes Catholicos o fação em necessidades extremas,& com causas mui justas:porem a experiencia tem mostrado,que todas as empresas em que se despendeo dinheiro do estado Ecclesiastico tiuerão infelices sucessos,& se os effeitos mostraõ, q̃ tais saõ as causas,não ficaõ mui acreditadas as que ate agora temos visto, por ventura que serião emtão menos efficazes as rezoens,que os Principes tiueraõ pera pedirem,porque não basta qualquer necessidade, nem ainda a muito grande, se he causada de desordens, por que dar mais do que conuem,& gastar mais do que ha, para depois o pedir a Igreja, não he causa tão bastante, que desculpe aos Principes, nem as necessidades se remedeão por esta via, antes vemos, que crecem mais quando se lhe quer aplicar semelhante remedio: porque sendo os trabalhos, & necessidades dos homens pella maior parte effeito da ira diuina mal lhes pode seruir de remedio,o que na realidade he ofensa sua,& occasião de Deos mais se irar contra nos. Mui grande foi a necessidade em q̃ se achou Cornelio Sylla de dinheiro pera sustentar o seu exercito,em fim se resolueo em o leuar do templo de Iupiter, & Apollo, porem breuemente o restituio com muita ventagem dandolhe ametade do campo Thebano,& com ser gentio entendeo,que era crime aproueitarse do dinheiro da Igreja, ainda em necessidades grandes sẽ o restituir. No quarto liuro dos Reis se conta,que determinou Deos castigar os Israelitas pellos grandes peccados,q̃ cometerão em seguirẽ a idolatria de seu Rey Ieroboaõ pelo q̃ os entregou aos Assirios,& os lançou de suas proprias terras como incapazes de gozarem a tranquilidade,& abundancia de que os tinha metidos deposse. Deixou Salmanasar algũs gentios nas terras dos Israelitas os quaisbreuemẽte forão mortos por leoẽs que Deos mandou a esta execução. Abulense inquire a rezaõ de tam grande castigo,& acha que

Alex.
ab Alex
4. Reg.
Abul. 4 Reg. c. 9 10.

que foi fundada em serẽ aquellas terras de patrimonio da Igreja,& não sofrer Deos, que outras pessoas gozassem dellas, se naõ as que estàuão dedicadas a seu seruiço. Fica mui desproporcionado a vsos humanos o que hũa vez se dedicou a Deos. Gentio era o Emperador Alexandre Seuero,& como tal pouco zeloso da honra de Deos,& com tudo não consentio que certos tauerneiros se seruissem de hum campo, & sitio, ẽ que os Christaons costumauão orar em lugar de templo, que o não hauia. A mesma rezão natural o ensinou a julgar por indecente, aplicar a vsos profanos hum lugar offerecido,& dedicado a Deos, ainda que elle o não conhecia por tal. Nunca pode resultar em interesseda republica, nem ainda dos particulares,& muito menos do Rey, vsar do que he de Deos com a mesma liberdade, que se fora seu: porque nem as necessidades se remedeão, nem a honra fica em seu lugar, quãdo se perde o respeito a Deos. Bem justificada rezão tinha elRey Farao
Cen. 30 para querer receber tributo de seus sacerdotes, pois era fazẽda real acquirida com mui justo titulo,& com tudo julgou por cousa indecente ficarem seus tributarios os ministros dedicados a Deos, pello que os izẽtou de pagarem cousa alguma de suas fazendas, entendendo, que lhe conuinha mais ter a Deos propicio,& a seus sacerdotes honrados,& ricos, que ter os thesouros mais cheos, & quando os gentios isto faziam, considerem os Principes Catholicos o que estão obrigados a fazer em casos semelhantes, pois as rezoens de obrigação saõ tão differentes.

DISCVRSO XXIIII.

Deue o Principe ser continente não sò por rezão de consciencia, mas de estado.

PARECERA a alguns, que naõ pertence á rezaõ de estado a virtude da continencia, entendendo, que não depende della o bom gouerno da republica, & conseruação dos estados por ser virtude meramente espiritual, aqual consiste em huma repugnancia,& força com que a parte superior do homem a tropella, & sogeita os appetites sensuais, o que naõ tem connexão algũa com o gouerno politico, antes em alguma maneira encontrara o brio, & valor dos Principes, pois este se

se naõ compadece em hũ corpo mortificado, & inimigo de sua propria vontade: porẽ se ouuermos de considerar os effeitos da continencia, & incontinẽcia, acharemos que de hũs depẽde o melhor genero de gouerno, mais seguro, & conforme com as leis naturais, de outros infinitas desordens destruidoras das respublicas, & Principes que as gouernão. E para que se entenda que naõ pretendo escreuer excellencias de virtudes que em todo estado saõ necessarias, mas apontar aquellas q̃ sendo á pureza dalma mui proueitosas, saõ ao gouerno politico, & autoridade dos Principes, mui importantes, me naõ aproueitarei do muito que os Sãtos disserão da castidade, mas somente do que os Principes, & grandes Monarchas fizeraõ em respeito da sua autoridade, da cõseruaçaõ de seus estados, & gouerno de seus vassallos: porque aquelles a que faltar o zelo Christaõ, não pode faltar o desejo de conseruarem o lugar que tem, & gouernarem cõ Iustiça os que estão debaixo de seu poder: o que, conforme, diz Seneca, depende mais de hum animo puro, & mortificado em appetites desordenados, que de conselhos, traças, & deliberaçoens. E a experiencia nos tem mostrado, que se perdem mais vezes os estados, por causa de vontades mal ordenadas, que por força, de inimigos poderosos: que não ha outros mais perjudiciaes, diz Philo Iudeo, que os appetites: estes saõ os que peruertem a Iustiça, abreuiam a vida, abatem a autoridade, cõsumem a fazenda, debilitaõ o valor, & derribaõ ao mais miserauel estado, os que mais intronizados estaõ. Naõ reparou hũ Rey Santo depois de vencido do appetite em cometer injustiças, em grangear a morte de vassallos, & a destruiçaõ de seus proprios exercitos com tanta differença do que era, que segundo elle confessa de si, ficou outro homem, mui encontrado em tudo o que auia sido. Atropella Amnon por todas as leis da natureza na execuçaõ de seu incesto, amando aquem auia de respeitar, & aborrecendo aquem deuia honestamente amar: & não bastou a consideraçaõ, de que era Principe para se refrear de vicios taõ encontrados a seu officio, nem a lembrança de que era irmaõ de Tamar pera a não aborrecer com tanto excesso, nem amar com tanta desordem, porem não tem lugar as mais fortes leis, & efficaces rezoens, onde reina hum appetite desordenado. Plutarcho louua muito a Alexandre Magno, & podese affir-

Seneca in epist.

Phil: Iud. quis rerum diuinar. sit heres

Reg.

Plut. in apoph.

affirmar, que mereceo toda a felicidade de suas vitorias por se saber vencer, & sujear hum appetite a conta de naõ fazer hũa injustiça: leuandolhe os seus hũa molher mui fermosa, sendo ja alta noite, pos se Alexandre a conuersar com ella, & perguntoulhe como vinha taõ tarde, respondeulhe a molher, que esperaua, dormisse seu marido: pareceolhe cousa tão indigna de Principe satisfazer seu appetite com agrauo de terceiro, q̃ sem falar mais palaura a mandou logo leuar a sua casa. Hum dos effeitos do appetite sensual, diz Aristoteles, que he encurtar a vida, deue ser a rezão, que como os homens ficaõ tão semelhantes aos brutos neste vicio, não so os imitaõ nas calidades, mas ficão participando de suas imperfeiçoẽs naturais, hũa das quais he terem a uida mais breue, ou quer a natureza pagarse do deleite, que dá, & entregarse a sua vontade no melhor que acha, que he a vida. Diogenes vio hum mancebo mui estragado em vicios sẽ suaes, & disselhe que tiuesse por certo gozar de tanto menos vida, quanto mais tinha de deleites. Com este fundamento queria prouar Socrates, que mais gosto tinhão os continentes, q̃ os deliciosos: porque se a vida mais larga, & saude mais perfeita, saõ effeitos da continencia, & a pouca vida, as enfermidades, & dores, dos gostos carnais, não ha duuida, que ainda, naturalmente ficão com ventagem, os que se logrão de mais prazo de uida, & estão liures das miserias, que os achaques consigo trazem. He hũa peste o vicio carnal, diz Seneca Tragico, q̃ consume as vidas com a suauidade de seu deleite, & quando os homens se deixão leuar delle, breuemente se achão no fim de seus dias, sem remedio de os recuperar. Não menos abate a autoridade, porque o primeiro effeito do amor he igualar os q̃ saõ desiguais, que isso quis dizer S. Paulo, ficar o homem hũ mesmo corpo com a companheira, que tem no vicio carnal. Abater hum Principe tanto seu brio, que não so se iguale aquem a natureza, & fortuna por tantas vias fez inferior, mas que reconheça superioridade á força do appetite, he fraqueza grande. Mais valeroso se mostrou Scipiaõ maior, & mais ocasião deu aos historiadores de se esprayarem em o engrandecer, por se não render a fermosura de huã donzella, que os soldados lhe trouxerão depois de tomar Carthago, que pella vitoria que tinha alcançado: respondeo aos soldados, que se fora homem particular pudera mais

Arist. de animalibus.

Laert. l. 6.

Laert. l. 12. c. 5.

Seneca Trag. 9.

Paul. ad Corinth. 6.

Plut. in apoph.

mais facilmente aceitar o q̃ lhe offerecião: mas sendo Principe não queria trocar sua autoridade por hum gosto carnal. Igual valor mostrou elRey Cyro, q̃ gabandolhe hum priuado seu hũa molher fermosa, & dizendollhe, que molher de tãtas partes so elle, pois era Rey, a merecia: por essa mesma rezão que osou, Respondeo o Rey, menão esta bem falarcom essa molher, porque se eu agora me sogeitar a ella, pello que tu me dizes, muito mais me sogeitarei depois, peloque ella me disser, & não conuem a autoridade real abaterse tanto a hũa molher, nem renderse tanto a hum apetite: vicio verdadeiramente dos mais baixos pois nace de desordem da vontade, & da corrupção do gosto, comparado a hũ animal bruto, em que a rezam & discurso não tem lugar, mas a vehemencia da carne, executada sem respeito, nem consideração: & com muita propiedade o cõparou S. I. Chrysostomo a hum animal, & este morto: porque sendo o vicio animal, perdeo pela obra da redempção, a vida que tinha acquirido pella culpa de nosso primeiro pay. Lastima foi grande o q̃ aconteceo a Eleazar, honra dos valerosos Machabeos, que tendo brio, & valor pera ser vencedor de exercitos, veyo a cabar a vida debaixo de hum Elefante morto, que sobre elle cahio podendo hum animal morto tirarlhe a vida, que entre mui grande copia de inimigos viuos estaua segura. Por maior desgraça tenho a de hum Principe, que senhoreando tãtas gentes venha a ser subdito de hum appetite, & deixe o brio, & valor entre as fingidas apparencias de hũ gosto torpe. Este he o fogo, que em mui breue espaço consume a fazenda, por mais copiosa que seja, não reparão os homens sensuais, ẽ gastarem quanto tem em serviço da sensualidade, nem se compadece consideração da necessidade futura, com a ocasiãopresente de satisfazer ao appetite. Com este fundamẽto teue Pierio Valeriano entre os seus Hieroglificos por mui semelhante aos homẽs carnais hum porco enlodado, animal em que menos destincto natural se vè, & mais afeição ao que não tem valor algum: para mostrar que toma os portos a todo o discurso & consideração o desejo desordenado, & cega os olhos do entendimento pera não ver as desordẽs, & sem rezoẽs que delle nacem, & o mal he que se hum homẽ chega a recuperar outra vez vista, & a dar se da miseria em que esta, he a tempo q̃ tem gastado a vida, honra, & fazẽda

Man. li 5. apopo

D. Chrys hom. in euang.

Pier. Valer. l. 9.

zenda. Seneca conta, que indo certo homem a Tiberio Cesar chorando o estado a que chegara, por ter gastado luxuriosamente toda a sua fazenda: lhe respondeo o Emperador: mui tarde acordastes, que que dessa maneira viue, mais se pode dizer, que dorme. Prudentemente se houue Antiocho terceiro o qual leuado de hum pẽsamento torpe de hũa Sacerdotiza de Vesta, que tinha visto, reparando no fim, que a execução de seu appetite podia ter, veyo a entrar em receos, que a sermosura daquella mõlher o vencesse tanto, que sem reparar, nem considerar no que lhe conuinha, se lhe entregasse, & lhe desse tudo o que ella lhe pedisse, que em respeito de hũ Principe vinha a ser negocio de muita consideração, & antes que esta occasião chegasse, se ausentou com muita pressa da cidade de Epheso parecendolhe mais prudencia fugir, q arriscarse a perder a autoridade, & gastar o thesouro aplicado as necessidades da republica: consideração, que os Principes deuião em muitas ocasioẽs fazer por não anteporem o gosto de darem por rezão do appetite, o que deuião empregar com respeito aos merecimentos dos vassallos, porque as necessidades geraes de que tantos males resultão o excesso de tributos, & falta de pagamento aos soldados, o ruim aparelho das armadas, a desigualdade na destribuição das merces, muitas vezes nos appetites tem sua raiz, ou seja dos presentes, ou dos passados: deixo outros muitos males bem sabidos pela experiencia. A mesma justiça se conuerte em crime com hum appetitoso, ainda que a innocẽcia da parte seja ado Baptista. He outro effeito da sensualidade, & appetite carnal, como diz Beda, debilitar o valor, enfraquecer as forças, & acanhar o brio. Plutarcho diz, que vendo Scipião o menor, que seus soldados se hião enfraquecendo entre os vicios carnais determinou buscar a isto algum remedio, & entendendo que a falta de comer lhe podia mortificar os appetites mandou, que á noite não comessem cousa, q chegasse ao fogo, nem comessem assentados, mas em pè: de maneira que teue por mais seguro o valor entre a fome, & trabalho que entre as dilicias da carne. A vista deste exemplo se podia fazer combinação dos costumes passados, da honestidade, da sobriedade, & moderação com adesenuoltura dos vicios presentes: & do valor, & brio dos que então viuerão, com a fraqueza, & pusilanimidade dos

Seneca in epist.

Plut. in apoph.

Beda de tem.

Plut. in apoph.

que

que agora viuemos, porque facilmente nos constara, que da continencia, & integridade de costumes nace a fortaleza, & valor dos homens. Lyra, & Rabi Salamão dizem que guardou elRey Ezechias castidade, até ser de quarenta annos, & Abulense notou que della lhe naceo o brio q̃ teue para se liurar do poder delRey Senacharib, & lhe matar cento, & oitẽta mil homens. O Spirito Santo nos auisa da necessidade, que temos de resistir ao appetite principalmente os Principes, q̃ por mais poderosos, que sejão, basta o appetite carnal para os derribar á maior miseria. Disse auisadamẽte Propercio ser o vicio carnal caminho direito para ruina, & miserauel fim dos homens, que as desordens nacidas da sensualidade são infinitas, & mui poucas bastão para inhabilitar hũ Principe do lugar, que tem, & cair de toda sua prosperidade, comunicando sua miseria aos seus, que este he o mal dos Reis com que os seus vicios são mais estranhados, & mais perjudiciaes, serem os vassallos participantes delles, assi por exemplo como pella dependencia que delles tem, como os membros da cabeça. Não he mui rara a experiencia desta verdade bẽ tem custado a Hespanha, q̃ per discurso de tantos annos se vio em poder dos inimigos em pena do appetite carnal de hum Rey: nem foi pequena a destruição, que os filhos de Iacob Semião, & Leui fizerão nas terras de Sichen, matando o Principe herdeiro, & asolando quanto acharão em vingança do agrauo feito pelo mesmo Principe a sua Irmã Dina. Bem custou a el Rey Dauid o peccado, que cometeo com Bersabe causa de todos os trabalhos que teue, sem em toda a vida ter hora de descanso, & com rezão chorauã não sò o peccado, mas os effeitos delle, de que se via perseguido, de sorte, que ainda depois de perdoado, achaua que sempre o tinha contra sy, & que era a ocasião dos roins sucessos, que em suas cousas auia. Algũs autores affirmão, que aquelle grande odio com que Achitophel se passou a Absalão, no tal peccado teue principio: porq̃ era Achitophel auo de Bersabe: & quão arriscado Dauid estiuesse, & quanto sentio o odio de Achitophel, a Escritura o diz: não vio Dauid remedio algum humano, valeose de Deos para que o liurasse de tão grande perigo. Escaramentẽ os Principes em cabeça alhea, que alẽ brança dos dos sucessos passados he o melhor conselheiro para encaminhar as acçoens futuras, lembrandose, que não tocão

Aul. 4 Reg. 20. 9. 3.

Eccles. 5.

Propert l. 3. eleg. 11.

Gen. cap. 34.

cão somente a suas pessoas mais a seus vassallos as desordens, que cometerem em satisfação do vicio carnal.

DISCVRSO XXV.

Do brio, & valor necessario aos Principes.

NECESSARIO he q̃ aduirtamos aos Principes do valor, que deuẽ mostrar, que sem embargo de ter mais parte nelle a natureza, que a arte, a necessidade obriga a que se grangee por todos os meios possiueis, q̃ os fauores da fortuna, ainda q̃ ajudem, não bastaõ para suprir as faltas naturais: & assi como houue homens, que de baixa fortuna vieraõ a ser Reys, houue Reys, que depois de leuantados a mayor grandeza vierão a cair na mayor miseria, por sua pusilanimidade de dous modos costuma esta obrar com seu veneno, ou em respeito dos inimigos, ou dos vassallos, com igual perjuizo em huns, que em outros, pera o que traremos á memoria, os que á custa de sua ruina aduirtirão aos que no officio lhes hauião de soceder, dando o primeiro lugar aos q̃ por esta causa perderaõ suas Coroas, & logo, aos que ignominiosamente as tiuerão sem as possuirem: que perder com os inimigos, ou com os vassallos igual incapacidade mostra: & porque não conuem referir exemplos modernos, que se possaõ attribuir mais a vingança, que a zelo, proporei alguns mais antigos, que como saõ de Reys em todo tempo acautelão. As historias de Espanha fazem menção de hum Rey Godo chamado Gislayco, filho delRey Halarico, oqual esquecido do brio de seus passados, obrigado mais de sua pusilanimidade, que falta de poder, se escusou de se encontrar com Gundo Rey de Borgonha, na cidade de Narbona fugindo a Barcelona, & dahi a Africa a se valer delRey dos Vandalos, que então senhoreaua aquella região, oqual lhe negou seu fauor, parecendolhe, q̃ arriscaua sua autoridade, & gente, com hum Principe tão couarde, que nem hauia de recuperar o perdido, nem conseruar o que recuperasse: & tornando se a Espanha, teue noticia, que D. Theodorico Rey de Italia se armaua contra elle para lhe tirar o Reyno, & o dar a hum seu neto irmão do mesmo Gislayco, com o que creceo o medo nelle de sorte, que fugio para Aquitania, onde morreo com tanta afrõta sua como desgosto de seus vassallos: que os

vicios

vicios,ou virtudes dos Reys á todos os seus abrange. Quasi pello mesmo caminho foi elRey Ordonho,quarto filho del Rey Dom Affonso de Espanha chamado o cego: procurou o Conde Dom Fernão Gonçalues,que casasse com hũa filha sua,& para isto o ajudou a se leuantar por Rey de Leão, porẽ depois de se ver Rey cõ o fauor do Conde,se houue tão frouxamente na administração do gouerno,que o mesmo Conde seu sogro o desamparou, vendo por experiencia sua incapacidade,& tornou a recolher em sua companhia sua filha:& vindo elRey Dom Sancho seu primo para cobrar o seu Reyno,q̃ Dom Ordonho com o fauor do Conde tinha occupado, elle se foi fugindo aos Mouros, onde afrontosamente acabou a vida, deixando exemplo aos Principes de quanta importancia lhes he naõ fiarem tanto do poder, que a fortuna lhes grangeou, como do talento,& brio, que a natureza lhes deu,em que consiste o ornamento maior de sua grandeza,superior a todas as ad uersidades. So dos vicios,diz Seneca se ha de fugir,& so esta fugida he honrada sendo todas as mais afrontosas porque os perigos da vida tem sua limitação: os animais os fogem sem excepção porem os homens de brio quando á fugida não encontra á honra: q̃ fugir da guerra quãdo he justa,& necessaria a defensaõ da patria se tem por acção mui afrontosa. Não trato das retiradas, que mui valerosos Capitaens as fazẽ cujo fim he não perderse temerariamẽte mas das fugidas,que merecẽ este nome. Plutarcho conta, que ouuindo Cicero dizer de certo soldado,que fugira da guerra de Cesar,& com tanta pressa,que deixou o cauallo,respondeo melhor o fez elle com o seu cauallo,que consigo: porq̃ o deixou no mais honrado lugar,escolhendo para si o peor: & quãdo os soldados particulares recebem afronta fogindo quanto mais os Principes, cujo brio deue ser diferente de todos os vassallos. Saõ os deffeitos dos Principes como os do sol, diz Plinio, que perjudicaõ á todos:& basta a sua couardia para a todos fazer couardes. Porem não deuem fugir tanto de pusilanimes,que dẽ ẽ soberbos que tambem he lanço de brio não mostrar superioridade onde á afalibidade tem lugar. Mas espantou elRey Dom Pedro de Aragão da magnanimidade do Cid em o soltar depois de o ter preso,& a mais de mil pessoas das principaes de Aragão,& dandolhe para o caminho ajuda de custo, que se o tiuesse

Seneca. in epist. ad Luc.

Plin. l. 2 cap. 10.

tiuesse preso, & lhe fizesse outras afrontas, que os vencedores menos briosos costumão fazer aos rendidos. Foi pergunta do ao Philosofo Socrates se a grandeza do animo se via mais ẽ se não sogeitar ás aduersidades, se ẽ não ensoberbecerse cõ as prosperidades. Respondeo S. Agostinho a esta duuida, não se quebrantarem com os sucessos aduersos os que sabem não se alterar cõ os prosperos. Requere o gosto da prosperidade tanto brio para se não desconhecer, como o desgosto da aduersidade para se não acanhar: disse o auisadamente o poeta Fausto: não teue animo para lograr a fortuna prospera quem o não tem para sofrer os golpes da aduersa. Querendo Cornelio Tacito encarecer o valor de Licinio Muciano gouernador de Siria, disse que era pessoa de tão igual animo na prosperidade como na aduersidade: porq̃ raramente se acha quem se saiba hauer com igual animo em ambas as fortunas he falta, que se acha nos animais mais brutos, que com a facilidade, com que cobraõ brios fartos, & [illegible]lgados com a mesma se rendem com a fome, & trabalho. Era ẽtre os antigos hieroglifico, da pusilanimidade o jumento, porque tendo todos os outros animaes algum genero de brio

Socrat. in stob.

Aug. de ciuitate Dei.

Faust.

Tac. ann

so elle se acanha cõ qualquer carga mayor da costumada, & antes caie com ella de que a lãce de si. O autor fabuloso cõta, que indo hum carregado de lenha por junto de hũa lagoa escorregou no lodo, & caio, & começou a dar vozes, & dizer mal de sua vida, acodirão as rans, q̃ na lagoa viuião, & o reprenderão de perder o animo com tão pouco trabalho, & diziãolhe, q̃ pudera não fazer tantos extremos de sentimento por se ver em hum lugar, que a ellas lhes seruia de passarem a vida, sem por isso darem queixas. Mais he de animais acanhados, que de homens briosos perder o animo com qualquer fortuna. Cicero disse, que o nome de magnanimo não competia menos aos que se sabiaõ conhecer, & ficar em seu juizo perfeito, quãdo mais leuantados em prosperidades, que aquem se naõ abatesse aos reueses da fortuna. De Domiciano se conta, que de tal maneira se desconheceo depois de ser Emperador, que dizia publicamente no Senado, que elle dera a seu pai, & a seu irmão o Imperio, & que elles lho tornarão a dar: tinha por menos honra sua, herdar o Imperio de outrem, fingindo seu poder independente, & semelhante ao de Deos: & sendo taõ soberbo era taõ pusilanime

Cic. 1. de offic.

que

que pretendendo extraordinariamente huã honra grande, depois de lha offerecer o Senado, a não aceitou, diz Suetonio, que de puro medo, entendendo, que os vassallos, desgostosos do seu mao termo se conjurariaõ contra elle: assi como se desconheceo com a honra primeira, se naõ atreueo a resistir aos effeitos da segunda, faltoulhe o brio, que igualmente serue para hum, & outro extremo. Mostrou Gneo Põpeyo brio para alcançar vitorias, & sogeitar gẽtes, naõ o teue pera sofrer hũ disfauor da fortuna: na destruição Farsalica foi tal o seu desgosto, que saindose do arraial com huma mão sobre a outra, se foi como desesperado ate as prayas do mar sem companhia, totalmente persuadido a que ja mais recuperaria a honra, & poder que tinha, com o que de todo desanimou os seus. Lanço grande de pusilanimidade não poder sofrer hum reues da fortuna, depois de receber della tantos fauores. O Emperador Sigismundo tendo perguntado, que homens tinha por dignos do Imperio, disse que aquelles, que com a prosperidade fossem humildes, & com a aduersidade briosos: excellencias raras de achar pello grande cabedal de entendimento, que requerem. Foi celebrado aquelle grande Capitão Dom Affonso Perez de Guzmaõ de se mostrar raro neste brio, nem soberbo quando vitorioso, nem desanimado, quando perseguido da fortuna, tendo os Mouros cercada a Tarifa, que lhe estaua entregue por elRey Dõ Sancho o quarto de Castella, lhe tomarão os inimigos hũ filho, & lhe mandarão recado, q̃ ou lhe entregasse a Tarifa, ou lhe mandarião a cabeça de seu filho, tomou elle hum cutelo, e lho lançou do muro, dizendo q̃ o podião degolar, como fizerão porem no mesmo ponto leuantarão o cerco, entendendo que tinhão pouco, que fazer onde o Capitão que defendia a fortaleza tinha tanto valor: por esta acção mereceo ser tronco da mais esclarecida casa de Espanha, como Abraham ser pai de todos os fieis, pello brio com que leuantou o cutelo contra seu proprio filho, antepondo a honra de Deos ao amor natural. E por ventura, que assi como Deos prometeo a Abraham que de sua descendencia hauia de nacer o restaurador do mundo assi prometeria a este singular varam, que por meio da sua hauia de restaurar este Reyno de Portugal dandolhe della gloriosos Principes em que se perpetuase, que basta

Sueton.

Valer. hist. scol. lib. 5. tit 8. cap. 4

Ant. & Max. serm. de fut.

ſta hum acto tão heroico para dar coroas não ſo no gouerno dos homens, mas na ordem ſuperior da prouidencia diuina de que ellas dependem: como tambem he baſtante hum acto de puſilanimidade encontrado ao reſpeito deuido a Deos para abater os Reys, & lhes tirar as Coroas como fez a Saul, cujo animo acanhado de antepor quatro deſpojos na guerra de Amalech a obediencia de Deos lhe tirou o Reyno, & a ſeus deſcendentes. Não naceo pera Rey quem não tem valor para ſenhorear ſeus proprios affectos, & com a meſma igualdade de animo nas occaſioens de adueſidade, que deproſperidade. Plutarcho notou, que depois de ſer desbaratado Perſio Rey de Macedonia, & catiuo de Lucio Paulo Æmilio, ſe lhe lãçou aos pes com tanta humildade, & ſumiſſaõ, que não ſo ſe deshõrou aſi, & aos ſeus, mas tambem deſautorizou ao capitão, que o tinha vencido, porq̃ moſtrou q̃ não fizera muito em catiuar hũ Rey tão puſilánime. Foi Perſio deshonra da meſma vitoria, diz Plutarcho, porque nem tinha valor para vencer, nem ainda a proueitaua vencido. Porem deuẽ os Principes aduirtir, q̃ não baſta precatarenſe deſtes actos de humildade pera ſe liurarem de puſilanimes: lança eſte vicio raizes por diuerſos caminhos, & ſe alguns Reys perderaõ as Coroas entre ſeus inimigos, outros entre ſeus proprios vaſſallos com igual afronta: Caſtella, & Portugal o experimentaraõ, ella em Dõ Fruela de poſto do gouerno por incapas, & nomeados ẽ ſeu lugar dous juizes Nuno Raſurá, & Lain Caluo: & Portugal em D. Sancho ſegundo a quem os vaſſallos priuarão do gouerno, dãdoo a ſeu irmão D. Affonſo Conde de Bolonha: & os que ſe conſeruarão na Coroa não ſe puderão cõſeruar na hõra della, padecendo afronta na memoria dos homẽs, ſe lhes faltou o valor neceſſario para gouernarem liures da obediencia dos ambicioſos, que para ſeus intentos ſogeitaõ por mil traças a liberdade dos Principes, & ſe alguãs vezes com menos publicidade, muitas com grande detrimento de eſtado, & dos vaſſallos: q̃ obedecer o Principe a ſeus proprios criados, & ſogeitarſe a ſuas reſoluçoens em negocios publicos, ou daquelles a quem a võtade dos validos naõ he taõ propicia he hũ genero de puſilanimidade, naõ menos danoſa, que deſautorizada, porq̃ os que coſtumão gouernar das portas a dentro, naõ forão eſcolhidos por mais prudẽtes, & virtuoſos, mas por mais ſagazes, & terẽ melhor traça para acquirirem

Plut. in Æmil.

rem a vontade do Principe el-Rey de França Luis vndecimo, teue em seu seruiço hum medico de tal ardil, que lhe meteo em cabeça, o hauia de fazer immortal, com certa arte, que para isso tinha: & pode tanto com o Rey o desejo de viuer, que sendo tirano, & não conhecendo obediencia a mesma rezão, ficou sogeito, & obediente ao medico, que o gouernaua, & reprendia, como se o pobre Rey fosse seu criado. Liure Deos aos Principes Catholicos, de reconhecerem superioridade a criados ardilosos, & ambiciosos, que darão em mil barrancos, & cometerão desordens infinitas sem darem se dellas: ate da propria molher se deuem precatar nas materias do gouerno publico, cuja execução requere valor, porq̃ se ha algumas prudentes, & de brio varonil, saõ mais, as que se leuão de respeito, & appetite, sem fazerem caso da rezão, & vtilidade publica. Vindo Pericles de alcançar hũa grande vitoria contra os Samios, & os reduzir a obediẽcia de Athenas, fez hũa oração publica, em q louuaua o esforço dos que morrerão pella honra da patria: recolhendose pera sua casa, o forão esperar ao caminho as matronas com capellas de parras, & de outras plantas, como era costume fazer aos vencedores: & chegandose a elle huã em particular o tratou de palauras afrontosas, dizendolhe: que façanhas fostes fazer, leuarnos nossos maridos a guerra deixãdonos sem elles, não fazendo caso da vitoria pella falta, que o marido lhe fazia: riose o capitão attribuindo a fraqueza feminil o aualiar por negocio de maior importancia a presença de seu marido, que a vitoria dos enimigos. Todas as desgraças delRey Dom Sancho segundo de Portugal sendo como esta dito priuado do Reyno tiuerão principio na Rainha, por ella querer gouernar, distribuindo com mais paixaõ, que justiça as merces, antepondo a todos os mais, os que hauião sido causa delRey se namorar della, & a receber por molher. Huma das circunstancias, que agrauarão muito a culpa de Adaõ, foi gouernarse em materia de tanta importancia por sua molher, & admitir seu conselho em negocio, que tocaua a todo genero humano: sendo elle Monarcha, & Principe de toda a terra por cuja ordem se hauia de encaminhar o gouerno della, sem dependencia de sua molher: quis ella a conselhalo em materia destado de se melhorarem da vida contra a obediencia que deuião a Deos, com que se

perderão asi, & a seus descendentes, cujo remedio dependia de não seguir Adaõ o conselho de sua molher: & muitas vezes dependé a Republica de não gouernarem as molheres, não tanto aos Reys, como aos ministros, materia q̃ requere particular reformação se auoz do pouo naõ mente, que ellas saõ as que gouernão os tribunais, seruindo de cano pera o prouimento dos officios: q̃ o darem ellas as sentenças, mais parece praga, que verdade. Tenhão os Principes brio pera sopearem assi as desordens, como aos autores dellas, que esta he a principal obrigação sua, para o que a natureza lhes comunicou differente valor de todos os mais homens. Outro genero de pusilanimidade ha encontrado a este o qual se acha nos que presumindo de briosos, errão o caminho de o ser, & ainda de o parecer, chamasse esta metaforicamente desconfiança, porq̃ he hũa vergonha, & encolhimẽto nacido de animos affeminados, & acanhados, que ou por fraqueza, ou condiçaõ natural, ou por rezão fundada em faltas proprias, se correm, & enuergonhão com qualquer occasiaõ, por lhe faltar o valor, & animo q̃ a natureza lhes negou, vicio q̃ ẽ respeito das molheres, & dos moços se conuerte ẽ virtude, & aparẽcia da honestidade, sendo nos homens mui desairoso, & arriscado, & nos Principes mui perigoso, & encontrado aobrio que deuẽ ter. O Abulense quer que seja este fundamento da idolatria delRey Achab, enuergonhouse, & correose de zombarem delle os gentios, & das ceremonias Mosaicas, & por remediar esta vergonha, quis idolatrar, & fazer o que via fazer aos que delle zombauão: fraqueza grande indigna de Rey. Que a molher de Iob se corresse de ver a seu marido tão abatido, & Michol de ver a elRey seu marido dançando pellas ruas, eraõ em fim molheres, & com tudo tiuerão seu castigo, hũa reprendida de ignorante, outra priuada da honra mayor das molheres, que entam consistia nos filhos, pella esperança de terem parte no Messias. Ter vergonha de cometer cousas torpes he acto de virtude, tela de fazer obras boas, de obedecer a rezão, & ley diuina, he effecto depusilanimidade: Quẽ pudera ter a confiança, que Dauid teue para fazer officio de dançante diante da arca do testamento, se naõ hum Rey taõ valeroso, qua ja em minino despedaçaua leoens. Lustra muito mais o brio, & valor em sogeitar o poder Real ao diuino, mostrando huma confiança

Abul. 4 Reg. 16 9.

fiança mui fundada no reconhecimento deuido a Deos que os animos mais inferiores em respeito das cousas diuinas saõ os mais generosos, & superiores, a todas as cousas humanas: porem no trato politico, quando a causa naõ he torpe, se tem por desar, & argumento de ignorancia, ainda entre a gẽte mais ordinaria a desconfiança, & em muitas occasioens perigosa, & causa de discordias, que a gente desta sorte de qualquer palaura lança mão para se descompor, entendendo muitas vezes as cousas por diferente sentido do que se dizem, & considerando nellas, pera se exasperarem as circunstancias q̃ nunca se imaginaram. Não louuo a demasiada confiança, adiante aduirtirei dos inconuenientes, que della resultaõ. Nem tenho por mui honrada a muita desenuoltura, necessario he que nella haia modo á medida das pessoas, porem não se estranha nos Principes acompanhada de brio, & Magestade.

****
*****
***
*

DISCVRSO XXVI.

Continuase a mesma materia do discurso passado sobre a Magestade dos Principes, & authoridade dos ministros cõ sua limitação.

NA ô parecera cousa noua julgar por importante á sustancia do gouerno, não so o brio fundado em acçoens Reais, mas as sombras delle, pois os accidentes tambem seruem a quẽ gouerna, que aparencias de Magestade conformão muito com a condição do pouo: Euripides dizia que as mesmas palauras pronunciadas por diuersas pessoas causauão effeitos differentes, que a grauidade, & autoridade dá valor ás acçoens que por si o não tem, & naõ sendo cousa sustancial, mas hum modo da pessoa, sẽpre se teue por fundamento de honra, & vtilidade mui necessaria em quem ha de gouernar: Cicero a chama ua ornamento da velhice, mostrando quanta vẽtagẽ leua hũ mancebo autorizado, & graue a hum velho q̃ o não he. Não he vicio, como alguẽ cõ pouco fũdamẽto julgou, q̃ Saõ. Paulo a conselhaua a Tito conseruasse a autoridade a conta da necessi

Euripides.

Cic. l. de senect.

Paul. ad Tit.

dade que della tinha para gouernar suas ouelhas: porque sẽdo o temor, & respeito, como diz Aristoteles, o mais poderoso meio para encaminhar os vassallos, não ha duuida q̃ este se persuade melhor com a magestade, & autoridade, que cõ amultidão de leys. Plutarcho diz, q̃ do brio, & Magestade do Principe, mais que das leis depende o gouerno dos vassallos: porque o remedio mais efficaz de persuadir, & obrigar os subditos he ser o Principe não só pello officio que tem, mas por sua pessoa digno de respeito. He hum genero de exortação diz Cicero a autoridade, que obriga suauemente sem o rigor & estrondo da justiça, persuadindo, & não forçando. Porem querse cõ limitação, que o excesso sera soberba não autoridade, & grangeara mais odio, q̃ respeito: como aconteceo ao Emperador Maximino que cõ desejo desordenado de respeito queria que seus vassallos lhe beijassem os pes, & Domiciano, que o chamassem Deos, & elRey Sapor dos Persas, que o tiuessem por Irmão do Sol. Saõ excessos barbaros não sinificadores de Magestade, mas de soberba, & ambiçaõ, em que os Principes deuem reparar muito, aduirtindo, que he vicio em que nenhum genero de vtilidade se acha, assi nas materias publicas como nas particulares, nem ainda gosto algum, que desculpe aquem o usa. Cousa certa he, que todos os uicios tẽ seu principio, ou em gosto, ou em vtilidade, os que nacem de gosto combatem aos fracos, & os que da vtilidade aos maliciosos, & os que se não fundão nestes principios, nacem de ignorancia: donde bem se infere, que sendo o vicio da ignorãcia o mais desautorizado de todos os outros, mal se pode grãgear autoridade algũa por sua via, & com os vicios, que della nacem: & quando esta rezaõ fora de menos porte, bastaua ser vicio o da soberba, & arrogancia taõ natural de gente barbara, & que naõ conhece a perfeiçaõ da religião Catholica. Differente caminho deuem leuar os Principes, que a professão, cuja autoridade se da mui bem com abeneuolencia, & amor dos vassallos. ElRey Dom Affonso sabio, mostraua tanta brandura quando trataua com os seus, que o auisaraõ alguns priuados, ser necessario mostrar mais autoridade, por não dar o casião aodesprezarem, porem o prudente Rey sabia gouernar de maneira a Magestade, que não excedia os termos da beneuolencia, & de maneira autorizaua a brandura que nella conseruaua

Arist. 10. & hic. cap. vlt.

Plut. in moral.

Cic. 1. de offic.

Capitolinus in Maximino iuniore.

Herodotus lib. 2. hist.

Man. li. 8. apoph

seruaua o brio necessario a sua pessoa,& nesta conformidade deu por reposta aos que lhe fizerão a aduertencia,que deseja ua grangear o amor de seus vassallos,& para isto trataua de se mostrar mais facil,que seuero: porque nos Principes abrandura hase de grangear,& a seueridade como mais natural em lugares soberanos moderarse. O meio destes dous extremos he a grauidade a companhada de beneuolencia,& quando a condição se aplique mais a grauidade: bem se sofre no Principe,quando della não resultẽ extremos barbaros,ou excesso cõtra a honra,& proueito dos vassallos. He a autoridádemais perjudicial nos ministros,que querem enfronharse nella sem limitação(deuendo esta ser nelles mayor)& com qualquer cargo se desconhecem, & se tem por tão superiores a todos, que dão em soberbos,&quando cuidão,que se fazem respeitados grangeão odio,& exasperaõ os animos daquelles com que tratão,dando ocasião a desgostos, & desabrimentos,que algumas vezes não parão em quẽ os causa,mas em quẽ os sofre: & se a arrogancia he nos particulares tão odiosa,que fara nos q̃ por rezão de seus officios hão de tratar com as partes, ouuir, & despachar seus requerimentos. O Philosopho Antisthenes era de mui afabel condição,& estranhaua a Platão ser alguma cousa leuantado,& estando cõ elle vendo humas festas sahio hum cauallo demasiadamente brioso,voltouse para elle,& disselhe:vos foreis mui bom cauallo,ha ministros aquem se podia dizer o mesmo, porque todo o cabedal fundão na arrogancia.Occasioens ha em que se pudera lembrar aos Reys, q̃ o erão pera fazerem mais estimação de si:& a alguns ministros,que o eraõ pera cuidarẽ menos de si:porem os Reys cõ sua generosidade esquecemse de sua grandeza paravsarem de afabilidade,& os ministros esquecense dos superiores q̃tem, com que puderão abater seus brios,não se lembrando mais que dos que lhe saõ inferiores, pera acrecentarem em si com os abaterem.Era Iulia filha de Augusto Cesar demasiadamente soberba,sendo o Emperador seu pai de mui humana condição,& fazendolhe aduertencia hũa pessoa,que pareceria bem imitar a seu pai na afabilidade, respondeo:meu pai esquecese, q̃ he Emperador,& eu não me esqueço,que sou sua filha.Se alembrança faz aduertidos,lembrense os ministros da humildade,que mostrauão quando erão requerentes,para a terem

Stob. sermo 22.

com os que requerem diante delles,& se se esquecerem do q̃ ja passou, lembrẽse do que cada dia vem com seus olhos, serem julgados os mais entronizados pellos que tremião diante delles:sejão embora autorizados não como os Reys,nẽ tanto no modo da pessoa,como na sustancia do procedimento, q̃ o mais naõ se chama autoridade, certo cortesaõ lhe chamou necedade com pouco meneo, & entendo que lhe acertou com adefinição. Nem tambem he conueniente que sejão desprezados,que o respeito mui diuido he aos ministros, & necessario para a execução da justiça,que sem obediencia se não pode administrar: & não basta serem conhecidos por de baixa geração,que o lugar dá autoridade aquem a não tem de seu nacimento. Conta Platão de Amasis Rey de Egipto, que era desprezado de alguns de seu Reyno por ser de baixo, sangue,& mandou fazer hum Idolo de huã bacia de ouro em que lauauão os pes na casa Real,& que se pusesse na praça para que o adorassem: dahi á alguns dias perguntou aos grandes como adorauão hũa bacia em que se lauauão os pes respõderaõ,que ja era outra cousa: da mesma maneira, respondeo Amasis, são os Reys,& os que gouernão, por seu officio tem autoridade para serem respeitados,ainda que no sangue sejão humildes.Não estranho os ministros autorizados,&que querem ser respeitados, porem cõ moderaçaõ,& brandura, ouuindo as partes a toda a hora, & differindo a seus requerimentos.Naõ se chama autoridade fechar ás portas,& naõ querer falar,nem dar mas repostas,& mostrar o semblante carregado, chamasse isto soberba, & mao, ensino. A autoridade dos ministros consiste em naõ aceitarem das partes, em se naõ inclinarem a valia do poderoso, em procederem com verdade, & christandade:& quãdo estes forem,nẽ a autoridade lhes pode faltar,nem os maiores inimigos lhes podem negar o respeito, que merecem: quando por outra via o quiserem acquirir,grangearaõ mais desautoridade: porque a honra naõ se quer forçada nem se dá bem cõ quem a quer espremer mais do necessario;& porque as calidades dos ministros tem particular lugar em que se tratão, basta fazerlhes esta aduertẽcia de passagem em ocasiaõ,que se trata da autoridade dos Principes para que saibão,que naõ deue auer igualdade entre hũa,& outra,& que conuem conhecerẽ a medida do respeito,que se lhe deue

Plat.in conuiui septem sapientũ

deue,& suposta a necessidade, que mais particularmente ha nos Principes de conseruarem a Magestade real, que falando em termos mais gerais chamamos autoridade,sera rezão apõtar os meios com que esta se acquire,& conserua.

DISCVRSO XXVII.

Apontaõse os meyos de conseruar a authoridade.

CONSISTE a authoridade segundo parecer de Platão,& de Seneca na constancia do animo,na aprouação dos costumes,grauidade das palauras, & modestia do aspecto. Socrates dezia,que deuia o varão prudẽte ter hum animo tão constante,que parecesse huma estatua. Não tomar assento,&variar nas resuluçoens deminue muito na autoridade,ja se as materias tocão a partes,baridear com qualquer informação não so he desautoridade,mas ignorãcai. Foi mui notado deste vicio o Emperador Iuliano apostata chamaualhe S. Athanasio nuuem pequena,pella facilidade com que aparecia ameaçando,&desaparecia com qualquer vento de sua liuiandade. Hade auer constancia no que se emprende dezia o Sabio Chylon: porẽ nem tanta,que se tape a porta ao conselho,que o excesso muda a especie a todas às acçoens por boas que sejão,& a marrar a hũa opinião quando naõ he mui segura,ou lhe falta algũa circunstãcia he pertinacia, naõ constancia. Plutarcho conta q̃ ouuindo elRey Agesilao contar de hum mal feitor mui constante em sofrer os tormentos, que lhe dauão sem se mudar de seu parecer, disse com grande lastima,que sentia auer homẽ que tam mal vsasse da constancia,que a empregasse em cousas torpes. Perseuerar no erro não he virtude,mas vicio, nem autoridade,mas iniquidade,he vicio de ministros,que desejaõ parecer inteiros,&errão o modo,variar sem causa,& resoluer com tão pouco fundamento,q̃ seja necessario tornar a tras, liuiandade he, porem supostas nouas rezoens insistir no erro he pertinacia,& ẽ ministros de justiça,q̃ deuem julgar conforme a proua maldade grande. A aprouação dos costumes he outro meio,& mais poderoso para conseruar a authoridade: O Philosofo Antisthenes dezia,q̃ mais respeito se deuia aquem viuesse justificado nos costumes,que a quem tiuesse todas as mais calidades de sangue, & partes naturais, & parece, que concor-

Plat. de rep. Senec in epist.

Stob. ser mo de prudent.

Sozmen lib. 6. tri part. hist cap. 26.

Stob. ser m de prudentia.

Plut. in lacon.

Laert. lib. 6.

Arist. l. 1. mag. mor. c. 2 concorda com isto o que Aristoteles dizia ser a virtude hũ genero de bem, que tras consigo honra, & authoridade. Vicio com honra nunca se ajuntarão, deue ser a rezão, que sendo os homens dignos de honra pella excellencia de sua natureza, quanto se apartaõ da obrigação de homens, tanto do respeito, que se lhes deue. Boecio auisadamente disse, que perdiaõ os viciosos a natureza de homens, & se transformauam ẽ animais brutos, não ficando mais que com a apparencia de racionais. Parecera esta rezão mui speculatiua, tambem he mui pratica: porque não so nos diz Aristoteles, mas a experiencia o confirma, que o entendimento, & brio se perde com os vicios, chamalhe Philo Iudeo febre, & doença dalma, porque assi como a febre descompoem o corpo, & suas operaçoens, assi os vicios desordenaõ todas as acçoens, que dependem dalma & suas potencias: & hum homem sogeito a carne, & sangue liure da jurisdição do entendimento, & rezão, naõ pode fazer obras dignas de respeito, antes cair em mil occasioens de deshonra, & desauthoridade. Não importa menos a gratuidade das palauras, & saber como dellas se deue vsar authorizadamente, porque tanto mal fazem as poucas, como as muitas. E se he vicio mui estranhado entre prudentes ser demasiado no falar, & querer por tudo na praça, tambem o he deixar de falar nás occasioens, que dependem de se praticarem. O Spirito Santo diz, que na lingoa consiste a morte, & a uida. E sendo perguntado Isopo que cousa auia entre os homẽs boa & ma, respondeo, que alingoa; que sendo o vso della necessario, tambem he perjudicial: porem sempre a autoridade se arrisca mais com o muito falar: he erro perjudicial a quem o tem, & pesado aquem o sofre; porque os mais dos males nacem do falar, & com a lingoa se acquirem ordinariamente todos os odios, assi por respeito de se falar o que conuinha mais calarse, como pelo aborrecimẽto que naturalmente acquirem os faladores. Andaua mui solicito hum mãcebo, que tinha por costume falar muito, em grangear valias para Marco Catão o receber em seu seruiço, & por mais que nisso trabalhou por nenhum modo o quis aceitar, dizendo que se naõ atreuia a ter em casa homem, que sabia mais vsar da boca, que do entẽdimento. He trabalhosa cousa ser necessario ouuir a cada passo hum falador, ja se he pessoa, que seja forçado contemporizar

Boet. lib 4. prosp. 4.

Phil. Iud. de noc de loquacitate.

Ant. & Max. serm. de loquacitate.

Man. l. 5. apopht.

zar com ella, he certo genero de martirio, não se persuadẽ elles a isso, mas que recream cõ sua pratica em caso que assi fosse não ficauão por este meio mais autorizados, por mais elegantes, que as palauras fossem: que tratar mais deconcertar as palauras, que acertar com a sustancia do que ellas sinificam, so serue para Poetas; cujo fim não he mais que recrear. Ao Principe, ministros; & pessoas graues não somente he desnecessario o muito falar, mas encontrado a seu officio, obrigaçaõ, & authoridade: he falta, q̃ sempre se teue ainda nos particulares por mui baixa como na cida de entendimentos leues. Deuem as palauras do Principe, diz Salamão, ser mais certas que concertadas, & mais efficazes, que muitas: nem tão limitadas, que faltem nas occasioens necessarias, pois muitas vezes se perde a autoridade por serẽ as palauras menos do que conuem, porque se presume, que ou a ignorancia he muita, ou a aplicaõ aos negoceos pouca. Sẽ do Lycurgo tão prudente, que com suas leis se gouernarão as maispoliticas naçoens que nos tempos antigos ouue, era tacha do de falar muito, principalmẽte dos Lacedemonios que tinhão por costume, & estylo serem mui breues, & resolutos ẽ suas palauras, porem Lycurgo lhes dezia, que tratauão tãto da autoridade no falar, que deitauão a perder os negoceos: deuẽ conformar hũa cousa com outra, que falar menos do necessario encontra o remedio dos vassallos, & não a vida e authoridade do Principe: & vsar de palauras limitadas, & não se dar por achado nas queixas de hũs, & rezoens dos outros, he desconsolar a todos, & desautorizar se assi. Deuem os Principes ouuir a seus vassallos, & responder a suas propostas, que assi o faziaõ os maiores Monarchas, & o mesmo Deos se não desauthorizaua de o fazer, falaua mui de vagar com Moyses como hum homem costuma a falar com hum seu amigo, diz a Escritura. Porem não taõ ordinariamente, que venha a ser cõuersação, que ainda nos particulares he causa de se perder o respeito: mui apropósito he o recolhimẽto, & não ser tratado mais, que em occasioens de negoceos, & audiencias das partes. A terceira cousa em que consiste a authoridade he na modestia, & cõposição do rosto. Aristoteles notou auisadamente auer homens taõ sogeitos a paixão, ou alegria, que varião o semblante a cada ocasião de gosto, ou desgosto. Causa he natural vir á alegria, ou paixão ao rosto, Cicero

Eccles. 5

Man. li. 8. apoph ex Plut.

Exod. 33. mi. 12. & 14.

Arist. l. 2. Rhet.

Cit. de per con.

ro lhe chama porta dalma, por que as paixoens dalma no rosto se vem, porem o Principe se deue auer de sorte na composição, & modestia de seu rosto, que nẽ a alegria o descomponha, nem o desgosto o mostre carregado, & triste: & deue fazer habito, & costume disto, porque as ocasioens de sucessos prosperos, & aduersos cada hora se offerecem aquem gouerna. Perguntaua certo homẽ a Socrates, que remedio teria pera viuer alegremente sem ter paixão de nada, respondeolhe, que se não daua caso, se tiuesse a seu cargo gouerno de familia ou da republica deixar de ter desgostos: que os Principes se enfadem, & melancolizem com os sucessos aduersos, principalmente quando saõ de perdas publicas mui conueniente he, porque alguns auera, que senão dem por achados em nenhum genero de aduersidade, ou seja sua, ou dos seus, para a sentir, ou remediar: necessario he que saiba pesar, & aualiar a importãcia das cousas, que se perdem, ou ganhão, quem tem a sua cõta o remedio dellas: casos ha muitos em que he prudencia conformar o exterior com o sucesso delles; não desejo, que seja o Principe nestes taõ igual como Socrates, que nunca se rio, nem chorou, & igualmente acomodaua seu semblante a negoceos prosperos, & aduersos. Animanse muitas vezes os vassallos vẽdo o gosto de seu Principe, & incitanse a vingança de inimigos com o desgosto, que mostrou do roim sucesso, porẽ nos casos ordinarios mostre tãta igualdade de animo, que não vejão todos a cada paço no rosto a alegria, ou paixão interior & esta mesma igualdade deue ter em tratar seus vassallos não mostrãdo afeição a hũs, & desafeição a outros, como em outro proposito direi por importar muito a ordem de seu gouerno, posto que não ajudara pouco a autoridade de sua pessoa.

Ant. & Max. serm de dol. & trist.

DISCVRSO XXVIII.

Não se deue conseruar a authoridade com quebra da justiça.

COSTVME he mais praticado, que justo cortarem os Principes por todos os respeitos a conta de sustentarem qualquer põto de authoridade, que rẽdo q̃ a rezão se sogeite ao seu poder: ia em tempo de Cornelio Tacito parece q̃ corria esta pratica, quando a fortuna vẽta por popa (diz elle) medense as cousas

Tac. 15. Annal.

cousas pello poder, naõ pella justiça, deuendo ser muito ao contrario porque onde ha mais poder, diz Salustio, ha menos rezòens para vsar delle. Mas he trabalho sem fructo querer persuadir aos Principes, a tratarẽ mais da conseruação da justiça, que da authoridade, não digo, que della se deue fazer pouco caso, mas deue ser de sorte que a mesma authoridade se fique ajudando da justiça: declararme hey, com hum lanço de que Themistocles vsou passeando nas prayas do mar onde fora ver a grande copia de corpos mortos, que de hum naufragio os tinha o mar lançado fora vio nelles muitas cadeas, manilhas, & peças de ouro, virouse pera hum amigo seu q̃ o acompanhaua, & disselhe: vos que não sois Themistocles podeis recolher aquellas peças de ouro, quis conseruar sua authoridade, porem em companhia de rezão, & justiça, que lhe ensinaua a não lançar mão do ouro, em que elle não tinha parte alguma, que não pode auer maior desauthoridade que obedecer a cobiça, nem autoridade maior, que sopear o interesse. Não vay por este caminho a moeda, que hoje corre, temse por desauthoridade não lançar mão de todo genero de prouei to, seja justo, seja injusto: & cuidão os Principes, & não faltarão ministros, que assi lho aconselhem, que he menos authoridade sua não consentirem os pouos em todas as cargas que lhes lanção, não procedidas de necessidades, mas de apetites, & desordens: com esta rezão de estado persuadio Iesabel a seu marido Achab que vsasse de força, & tomasse a vinha a Naboth: grande authoridade he a vossa, & bom gouerno o vosso: tem hum homem particular atreuimento para vos negar hũa vinha de vosso gosto, não he para ser Rey quem naõ sabe conseruar sua authoridade, por qualquer via que seja, eu vos tirarei desta afronta, & vos entregarei a vinha; notaueis saõ as traças do appetite, & as estratagemas da cobiça, que pera roubar o vassallo disfarça o furto com a rezão de conseruar a authoridade, ella assi o fez, mas o fim do conselho parou em ser comida dos caens no tempo, ẽ que mais fermosa, & ornada lhe parecia, que estaua. Quererem os Principes vsar de poder absoluto, & tomarem em caso de honra o que he ocasião de proueito, he amais impia rezão destado, que se pode imaginar. Quanto o poder for maior, diz Seneca, tanto mais regulado deue ser pella Iustiça, que nisto cõsiste a verdadeira

Sallust.

Plut. in apoph.

3. Reg. cap. 21.

Seneca.

 autho

authoridade de hum Principe. Augusto Cesar foi o mais grande Emperador que teue o imperio Romano, & tinha elle tãta conta com a conseruaçam de sua autoridade, que nunca sofreo, nem ainda em comedias, & representaçoens tratarse de cousas suas se não com muita grauidade, & ainda estas cõpostas pellos melhores: & indo a elle huns poucos de mancebos dos mais nobres de Roma em certa ocasiaõ, com grande tumulto, & inquietação não auendo cousa, que os aquietasse, leuantou a voz, & disselhes: ouui mancebos a hum velho, aquem os velhos sendo mancebo ouuirão sempre com muito respeito; & sendo tão pontual na conseruação de sua authoridade, costumaua dizer, que nunca per respeito algum se apartara da justiça, tendo esta virtude pela principal de que os Reys deuem fazer caso, como em seu lugar direi. Não sei donde nacesse este costume de terem os Principes por desauthoridade sua, não se conformarem os vassallos com tudo aquillo que delles querem, por injusto que seja; consistir a authoridade ẽ dar, cousa he mui conforme a rezão, porque mais se chega a condição de Deos quem mais dá: assi o disse o Espirito Sancto, ser melhor, & mais honrado dar, que receber: por a authoridade em receber, & em receber de inferiores não sei a causa disto. Sendo o Atheniense Licurgo em publico reprehendido que aquietara certo calumniador com lhe dar cantidade de dinheiro, respondeo ao cargo, que lhe punhão, dizendo que bem lembrados estaria ão de quantos annos auia que gouernaua aquella republica, & que tinha por grande honra sua no fim de todo aquelle tempo, não lhe acharem culpas de receber, mas de dar, porque não via cousa mais conforme a sua authoridade, que dar, & não receber. A mais sabida rezão de estado he que pellos meyos com que os estados se acquirem se hão de conseruar. Ome yo, que os Principes tiuerão para alcançarem suas Coroas, diz Aristoteles, foi a liberalidade. Se lançarmos os olhos aquella idade em que os cetros dependião dos vassallos, & os Reys se escolhião dentre os mesmos subditos, acharemos, que a liberdade era a que daua, & tiraua Reynos. Fazendo Cornelio Tacito mẽção do estado em que o Imperio Romano estaua no tempo

Man. l. 4. apoph in suet.

Plut. in Rom. apoph.

Plut. in apoph.

Arist. l. 3. polit. cap. 10.

Tacit. lib. 1. hist.

po do Emperador Galba louua as boas partes com que este Principe mereceo o Imperio, reprendendo a auareza com que o perdeo quando velho, por cerrar a mão a certa merce que os soldados costumauão receber. Quererem os Principes alcançar os estados, com dar, e conseruallos com receber, não he possuel, & quando o fazão, he violentamente, & com muita quebra de sua authoridade, & muitas vezes de sua vida, como o experimentou Galba. Ainda he peor hum genero de authoridade praticado nos tribunais de justiça: daõ huma sentença injusta, com que muitas vezes tiraõ a honra, & fazenda a hum homem, & se depois de ser patente a injustiça, se pede remedio, dizem que he contra a authoridade do tribunal mostrarse que errou: de maneira, que a parte ha de pagar a ignorancia, ou maldade dos ministros, & ha de padecer a pena, que a elles se deuia dar, por procederem iujustamente. Não se leuou deste erro o Papa Gregorio septimo que mandando por legado a Espanha o Cardeal Ricardo para compor certas discordias, que auia entre os Ecclesiasticos, & elRey Dom Affonso sexto, que tomou a Toledo, as quais discordias se principiarão em Toledo sobre auerem de conformarse com os ritos, & ceremonias Romanas, ou com as que vsauão os Godos, fez o Cardeal algumas desordens pelas quais o Papa cometeo ao Arcebispo de Toledo, que logo o suspendesse de seu officio delegado, & naõ entendesse mais em cousa alguma, o qual enuergonhado, se foi para a sua terra, dando com isto hum exemplo publico aos ministros, que fiados em sua autoridade, naõ cometaõ injustiças, & aos Principes, que os naõ sofraõ tratando mais de sustentar a authoridade de quem naõ procedeo como deuia, que de remediar as vexaçoens, & injustiças feitas aos vassallos. Naõ se ha de desprezar a justiça por nenhum outro respeito: porque não ha cousa por importante que seja, que lhe preceda; as mesmas virtudes com que todas as obras se calificaõ, em tanto o saõ, diz Aristoteles, em quanto participaõ mais da justiça, nem isto he somente de Aristoteles, mas de Sancto Agostinho, Sancto Ambrosio, Sam Hyeronimo, & de outros muitos Sanctos cujos pareceres naõ repito, porque basta para os curiosos apontarlhes os lugares em que se conformaõ com o q

Vader. hist. Ecclesiast.

Arist. li. 6. hic.

August. de verbis Apost.

Ambr. de off.

Hier. ad Demet.

o que digo para q os Principes saibão q a verdadeira authoridade consiste em conseruar seus vassallos em justiça, & todas as mais circunstancias com q procurão autorizarse, saõ os meios mais certos de sua destruição, & accidentes mui desproporcionados a conseruação de seus estados, que he o fim principal a que deuem dirigir todas suas acçoens: porque querer comprar o credito, & reputação de quem o não merece com o sangue dos inocentes, & remedio dos que procederaõ conforme sua obrigação, está tão longe de resultar em authoridade, que se conuerte em abatimento, & deshõra do mesmo Principe, como aconteceo a el Rey Cambyses, o qual por ser notado de beber demasiado, & perder com isso o juizo, quis persuadir, que não era o que se dezia, & que ainda que bebia era com tanta moderação, que ficaua em seu juizo perfeito: o remedio, que buscou para se authorizar, & desimaginar o mundo, foi tomar o filho de seu grãde priuado Prexaspes, & posto por barreira disse a seu pai, que se lhe acertasse no coração, tirandolhe com hũa seta, ficaua com seu credito em pé, & mostrando, que era falso, o que delle se dezia, que se tomaua do vinho, & desta maneira tirou a vida ao moço ficando mui alegre de lhe acertar: & chega a barbaria de hum Rey a tanto desatino, que se persuade ser lãço de conseruar a authoridade matar hum moço inocente. Bem vejo que naõ saõ hoie os Principes tão faltos de rezão, q cometão casos taõ inhumanos, porem receio muito que aja outros mui semelhantes a estes, & que se anteponha a rezão de authoridade á justiça dos vassallos de que depende a fazenda, honra, & vida, que ainda fora mais sofriuel, se esta authoridade fosse do Principe, mas dos ministros que não cõsideraráõ todas as circunstancias, & fundamentos da sentença, que derão o contra justiça: que rezãoha para se desimular, & sofrer em fauor da malicia, ou ignorancia de huns, & contra a inocencia, & justiça dos outros? naõ saõ estes os casos em que adesimulação se louua, & o sofrimento se permite. Pretenda o Principe, que se conserue a justiça, & se corte antes porquem a naõ administrou como deuia, que pelo reo em que se executou o rigor, que não merecia: que esta he a verdadeira rezão de estado tão necessaria a conseruação da authoridade como da consciencia.

ARTE DE REYNAR

LIVRO SEGVNDO.

Em que se trata das virtudes necessarias aos Principes, & vicios contrarios ao gouerno dos uassallos.

DISCVRSO I.

Se he mais conueniente aos Principes que se fação temidos se amados.

TEM esta proposta duas partes, hũa em respeito dos vassallos, outra dos que o não são, & não faltara quem julgue ser igualmente necessario grangear o amor de huns, & outros, pois este exercita tambem sua jurisdição com os que viuem mais apartados, que por essa razão o pintauão os antigos com azas, pella ligeireza, com que fazia seu officio, naõ so com os presentes, mas com os ausentes: & parece, que quando a comunicação, que os Principes tem entre si, por cartas, & embaixadas for gouernada pello amor, ficara mais firme, & as resoluçoens, que della manarem, mais corroboradas: q̃ as acçoens nacidas de amor não admitem engano, antes são o mais efficaz remedio contra os ẽganos, traiçoens, & outros vicios, que entre

tre o trato dos Principes se costumão criar, de que resultaõ as guerras, que ordinariamente se ateão entre elles. Porem por mais azas, que o amor tenha, & por mais soberano, que seja seu poder, não se estende sua jurisdição a gouernar as acçoens dos Principes ausentes, sem interuenção de algumas rezoens de vtilidade. Alguns houue, q̃ depois de se tratarem pessoalmente ficarão amigos por entaõ, tendose perseguido por meyo das armas. ElRey Dom Fernando de Portugal teue muitas guerras com elRey Dom Henrique de Castella, & quando se ajuntaraõ no tejo junto a Santarem cada hum ẽ sua barca, ficarão taõ afeiçoados, que confessou elRey Dom Henrique ser poderosa a vista doRey Portugues pera obrigar a respeito o amor. E elRey D. Fernando depois de se apartarem voltandose para os seus lhes disse: eu vos affirmo, que tambem desta vez fico Henriquenho, q̃ assi chamauão os Portugueses, que seguiaõ as partes de Dom Henrique. ElRey Dario, quando Alexandre Magno o catiuou na batalha, que lhe deu, não deixou com toda sua paixão de se dar por obrigado ao bom termo, que comelle vsou: porem semelhantes affectos durarão pouco, & naõ cessaraõ os odios de huns, & outros, posto que com a morte de Henrique se continuaraõ as guerras com seu sucessor elRey Dom Ioaõ. Não he o amor, o que gouerna as acçoens dos Principes, mas arezão de estado de sua conseruaçaõ, & o amor proprio de augmentarem seu poder, pois vemos, que não só os parentes com parentes, mas os irmãos cõ irmaõs, & os filhos com os pais se perseguem com guerras, podendo mais o desejo de estenderem seu poder, que o amor contraido no sangue: & quando este perde sua força com os Principes, que mais se deuiam amar, mal se pode cuidar que a terá com os que nũca se viraõ, nem se conhecem mais q̃ per relação, fundando seu trato ẽ pura rezaõ de estado, sem algũ respeito de amor. Pello que temos pouco que nos cançar em discutir este ponto: nem os Principes se persuadam que andeachar nos estrangeiros respondẽcia nacida de amor: tratem de se fazer temidos, que no temor & não no amor consiste a melhor rezão de estado, & as conueniencias de se conseruarem saõ o principal motiuo das cõfederaçoens, & amizades; que sendo em respeito de todos a vtilidade propria, como diz Aristoteles, a mais efficax rezaõ de persuadir: a que toca a conserua-

seruação de seu estado, he a que somente tem lugar com os Principes; assi o costumarão fazer os que melhor se souberão gouernar, tratauaõ de se fazer temidos, & muitas vezes com a opinião de seu poder mais, que com a força de armas, se lhes rẽdiaõ os inimigos: De Eumenes Rey de Pergamo contaõ alguns autores, que era taõ amigo, que o tiuessem por aspero, & não o tratassem cõ facilidade, que a seus proprios irmaõs costumaua dizer: se vos me tratardes como a Rey, eu vos tratarei como a irmaons, mas se me quiserdes tratar como irmão, hei me de mostrar Rey com vosco: não queria, que o amor de irmaons os facilitasse a lhe terem menos respeito, entendendo, que lhe importaua mais o temor, que o amor: porque os receios dos que menos podem saõ o mayor freio para se naõ atreuerem. O autor fabuloso cõta que ajuntandose hum leam com hũa bezerra, hũa cabra, & hũa ouelha fizeraõ hũa preza, & a diuidirão em quatro partes, para cada hum leuar a sua, tomou o leaõ a primeira dizendo, que lhe pertencia por mais honrado, & logo lançou mão da segunda, dizendo, que se lhe deuia por sua fortaleza, & a terceira, que lhe era necessaria porque tinha trabalhado muito, & quando os outros cuidarão, que lhe ficasse a outra parte, elle a tomou dizendo, que quem assi o não houuesse por bẽ ficaria seu inimigo declarado: & como temeraõ seu poder não se atreueraõ a lhe replicar. Quis a fabula declarar, o que cada dia acontece entre os Principes, perualecendo os que mais podem, sem mais rezão, que seu poder. A segunda parte desta duuida, he a que deuemos a ueriguar, se os Principes hão de grangear o amor, ou temor de seus vassallos. Muitos tiuerão por mais necessario o temor, em respeito da fera condição da maior parte dos homẽs, que com beneficios, & fauores se tornão peores, tomando occasião da afabilidade, & bom tratamento pera largarem mais as redeas de sua malicia, & ma natureza. El Rey Dom Ramiro 5. de Aragão tinha sido frade, & como criado na vida monastica, em que a igualdade, & facilidade he perfeição, & naõ vicio; difficultosamente se acomodaua a seueridade de Rey, de que tomarão occasião os grãdes para fazerem delle menos caso do que era rezão: determinou de o remediar mandou lãçar fama, que queria fazer hũ sino, que soase em todo Espanha, vieraõ os grandes parecẽdolhe, que era ignorancia del-

Ant. in melyss. part. 2. serm. 1.

Rey, & depois de os ter juntos os mandou degolar, ficando mais seguro no Reyno por meio deste rigor, que da brandura, q̃ ate entaõ vsara com elles. Ha muitos homens aquem o bom termo com que saõ tratados faz peor estamago, que se os trataraõ com rigor, & alguns tiuerão pera si, que era esta a condição de todos: assi o entendeo o Filosofo Timon, tinha entranhauel odio a todos os homẽs, não querendo tratar com ninguem, antes tendo hũa horta chea de aruores as cortou todas, fazendo nellas forcas, & mãdou deitar pregão que quem se quisesse enforcar tinha alli o aparelho. E perguntado porque o fazia, disse, que tinha alcançado os enganos com que os homens tratão huns aos outros, não hauendo animais, que sendo da mesma specie se tratem com tanta crueldade: dõde vierão alguns Principes a terem por mais necessaria rezão de estado de sua conseruaçam a q̃ se funda em temor, que em amor: deste parecer foi Tarquinio soberbo, que entrando a gouernar os Romanos, entendeo que lhe conuinha ser mais temido, que os Reys seus antecessores, a que o pouo amaua, não como a Reys, mas como a pais, começou a mostrarse mais seuero, & a vsar por esta causa de guarda, que ate então os Reys não costumauão vsar. O Emperador Venceslao Rey de Boemia desejaua tanto ser temido, que trazia junto de si a hum carniceiro, & algumas vezes o leuaua consigo nas ancas do cauallo, mostrando que sempre trazia o instrumento do castigo, & insignias da crueldade. Hanibal Africano se prezaua tanto de ser temido, que mostraua recrearse com os espectaculos mais crueis, & vendo huma caua chea de sangue humano, disse, que não hauia para elle mais alegre vista: este pareceo a Machiauelo o mais seguro caminho, de os Principes gouernarem seus vassallos. E do mesmo parecer foi Dracão o mais antigo legislador dos Athenienses, porque as leys, que lhes fez pera seu gouerno foraõ taõ demasiadamente rigurosas que se não atreuerão a vsar dellas, & pedirão a Solon, que lhe fizesse outras: dezião delle, que as escreuera com sangue humano, entendeo, que o temor fundado no rigor das leys era omelhor remedio para se guardarẽ. Não he o temor o que melhores effeitos causa, porque ainda que o pouo á vista delle se refree de cometer crimes, executado o rigor, todos se alteraõ: nem os Principes, que por este modo gouernarão tiuerão mais

Dubrauius lib. 23.

Fulg. lib 10. cap. 11.

is felices sucessos em seu gouerno, antes o odio, que grangearão se armou contra elles pera lhes tirar a vida, & a honra, seruindo de escaramẽtar aos que quisessem vsar com seus vassallos do rigor, que elles vsarão. E porque este discurso se não encontre com outro semelhante, em que se aduirte aos Principes quanto deuem fugir da crueldade principal raiz do odio de seus vassallos: passemos ao amor com que os deue tratar, rezão do estado mais segura, & necessaria para gouernar felizmente.

DISCVRSO II.

Continuase a mesma materia mostrando ser o amor dos vassallos o mais efficaz meio de os gouernar.

AMOR com que os homens se tratão, ou deuem tratar hũs aos outros he natural, & nacido de principios naturaes não somente dependẽtes da racionalidade, mas da propria natureza vniuersal: isto quis dizer Aristoteles, que não os racionais, mas todos os viuentes, & ainda as cousas que carecem de vida, tem seu genero de amor, & propenção, & nos racionais não so he natural, mas diuino, & impresso pelo mesmo Deos assi nos entẽdimentos humanos, como nas leis diuinas: igualmẽte na Escrita, que na da graça: tambem he politico, porque na concordia, & vnião dos homens, consiste o gouerno das respublicas, obediencia aos superiores, obseruãcia das leys ciuis, & confederação dos estados. Aristoteles, o entendeo assi, dizendo que a cõformidade dos que viuem em hũa mesma republica sogeitos as mesmas leys, & ao mesmo Principe, conserua em sua perfeição o gouerno ciuil, & politico, como em outro discurso mais largamente mostrarei: & sendo este amor tão poderoso entre os mesmos vassallos; he não somente poderoso, mas necessario, em respeito dos Principes, pois se funda em duas relaçoens hũa de igualdade, ẽ quãto são da mesma specie, outra de superioridade, em quanto, cabeça necessaria a conseruação dos mais membros; Seneca comparou estas duas relaçoẽs, entre o Principe, & vassallos, a outras duas, que he entre o piloto, & os que vão no mesmo nauio, hũa de igualdade ẽ quãto são todos passageiros, outra de superioridade em quanto depende delle o gouerno do nauio, em cuja saluação consiste a de todos. Em que parte seja este

Aristot l. 2. magnor. moral. ca. 5

Deut. 6

Arist. li. 2. de rep cap. 2.

Senec. epist. 85.

ste amor mais forte,& mais necessario problematicamente se podia defender por rezoens, q̃ por hũa,& outra parte ha, que puderão dar materia a nouos discursos,em que não farei muita digressão, presupondo com fundamentos verdadeiros coligidos dos que melhor entendo rão,ser igual a obrigação que o Principe tem a seus vassallos com a que elles lhe tem:porem gastarei menos palauras na obrigação dos vassallos,pois elles a mostrão com obras, ou na ção de vontade,ou de necessidade:& bem se pode presumir delles, se contentarão que os Principes reconhecessem em si a mesma obrigação(para os não tratarem com rigor) que elles lhes mostraõ em os trataremcõ obediencia,& fidelidade. Muitos forão os que quiserão, que a obrigação do Principe fosse auentejada.Pythagoras disse q̃ a mesma obrigação tinha hum Principe a seus vassallos, que o pastor a suás ouelhas para lhes buscar o pasto,& descanço. E elRey Cyro dezia,que não era merecedor de imperar quem não leuasse ventagem a todos os seus vassallos em os amar, ẽ conhecer os remedios de que elles tem necessidade,& em os aplicar nas occasioens ainda a custa da mesma vida. Saõ Ioaõ Chrysostomo notou que sendo Moyses homẽ particular fugio a morte,& depois, que foi Principe se offereceo a ella, sẽ que ninguem o obrigasse;& Iacob sendo mancebo fugio para Mesopotamia por temor, de ẽcõtrarse com seu irmão, & sendo ja homem casado,quãdo tinha mais rezão pera temer,então o foi buscar ao caminho com toda sua familia: era ja Principe daquella gente,& por liurar os subditos se foi offerecer ao perigo.Conforma com isto o que dezia elRey Dom Affonso o sabio de Aragão que tanto deuia exceder o Principe aos vassallos no amor, & cuidado de seu remedio como na superioridade:bem o mostrou por obra outro Dom Affonso decimo de Castella tão amigo de seus vassallos,que desejaua conuersar com todos, & desentranharse para todos:quando morreo deixou em seu testamento, que o corpo fosse enterrado ẽ Seuilha,& o coração fosse leuado a Murcia,para desta maneira satisfazer ao amor que tinha aos seus, desejando repartirse com todos.Naõ achey Principe,que mais pontualmente conhecesse,& executasse isto,que o Emperador Othon,que vendose em risco,ou de largar o imperio, ou conseruallo com grande destruiçam dos seus,determinou matarse, dando por rezaõ

Xenoph.

Plut.in apoph.

Panorm. lib.4.de rebus gestis Alph.

Valer. hist.scolast.lib. 5.cap.

Plut.lib 8.apoph.

por rezão, que mais estimaua qualquer de seus vassallos que assi proprio, não achará muitos semelhantes, nem se pode espe rar tanto extremo, ainda em ca so que fosse licito: & daqui tomarão alguns occasião para di zerem, que o matarse Othon, não foi effeito de amor mas do temor de mayores males; ou fosse huã cousa, ou outra, a acção naõ foi boa, porque nunca podia ser licita, nem ainda de proueito por mais que nacesse de amor, bastaria, que o gouerno não tiuesse muito de temor & que os Principes não dessem tanta occasião de os temerem como de os amarem, porque ni sto consiste a felicidade de hũs & outros. O sabio Bion tinha para sy, & afirmaua que a prosperidade da republica, & do Principe não estaua ẽ ter muitas riquezas, mas muitos amigos por se esquecerem desta rezaõ, miserauelmente acabarão as maõs de hum so inimigo domestico mui valerosos Principes de pois de grandes vitorias; dá, Seneca auisadamente a rezão disto dizendo, não auer homem tão timido, que queira mais estar dependente do medo, que acabar de hũa vez, porque quando o temor que o vassallo tem do Principe o tras sẽpre receoso, & sobresaltado, escolhe antes perder a vida vingandose que viuer em hum cõtinuo medo, tormento mais cruel: & por mais desigualdade, q̃ haja entre o Principe, & vassallos, igualmente entra a desespe ração no grande, & no pequeno, & mais facilmente se delibera muitas vezes o pequeno que o grande, por ter menos, q̃ perder: que hũa piquena bibora, disse o poeta basta para matar hum grande touro. Prudentemente se ouue Numa Pompilio primeiro Rey dos Romanos depois de Romulo, a primeira cousa que fez entrando em Roma, foi dar a entender aos Romanos, que os não hauia de gouernar com o rigor de Rey, mas com a beneuolencia de pai, & para isto tirou todas as guardas da pessoa real, dizendo, que se seus vassallos erão bons elles o guardarião, & se eraõ roins, era ignorancia ser Rey, & cabeça de ruins, entre os quais nunca ha segurança, & sempre dão ocasião a se temerem delles. O temor dos vassallos tomado simplezmente naõ pode resultar em vtilidade, nẽ dos que gouernão, nem dos que obedecem, como tambem não serue amor desacompanhado de algum temor, nace delle facilidade, & confiança encontrada a todas as rezoens de gouerno. Platão diz, que entre o amor, & temor ha hum meio o qual

Stob. ser. de magistratu.

Senec. epist. 22.

Plato de legibus.

qual he respeito,& este he o q̃ mais conuem,porem quando o Principe se naõ poder conformar tanto com o meio,que deixe de seguir algum extremo, deue encostarse mais ao amor, q̃ ao temor.Pythagoras diz, que de tal maneira deuem os vassallos ser gouernados,que mais obedeção por respeito fundado em amor,que em temor, porq̃ quando este he mayor do que conuem fica sendo odio, & perturbação,& a resolução de hũ animo perturbado,& cheo de odio não respeita a rezoens diuinas,nem humanas,& se os fũdamentos do odio,tocão ao pouo,naõ ha cousa mais arriscada,& perjudicial ao Principe. Plutarcho conta daquelle prudente Rey Lacedemonio Agesilao,que depois de taõ illustres & valerosos feitos,com que tinha engrandecido seu nome, não queria que seus vassallos o tiuessem por Principe,& superior,mas por amigo,& compapanheiro que tinha a sua conta a defensão da republica, & vtilidade comua.Salustio dizia que importaua mais o amor dos vassallos para defensaõ do estado,que os exercitos, & tesouros:& foi doutrina esta taõ obseruada do grande Alexandre que se não pode crer quaõ ajustado andaua a vontade de seus soldados,sendo naturalmẽte colerico,& arremeçado em muitas occasioens: quando depois de ser Monarcha de Persia se vestio ao modo Persiano obrigando aos seus fazerem o mesmo,porque vio nelles algũ desgosto,& repugnancia áquelle trage se naõ aquietou ate os contentar com lhes fazer merces por outra via, tanto fugia de os descontentar ainda em cousa tão leue como era o modo de vestir:& por ventura que daqui resultaua o amor,& animo com que offerecião a vida, & se arriscauaõ a defficuldades increiueis.Fazaõ os Principes muito caso de grangearem o amor dos seus,que não ha fortaleza mais segura,nem mais fortes peitos de proua,que os animos dos vassallos obrigados ao amor, & bom tratamento de seu Principe.E posto que aqui tinha lugar naõ so a vnião, & conformidade,que deue hauer entre os Principes,& seus vassallos,mas o que he necessario, que haja entre os mesmos vassallos,tratarei desta, quando fizer menção das rezoens, que lhes tocão mais a elles.aduirtindo por ora aos Principes, que tem necessidade de arrancar as raizes,que secostumão criar na pouca aduertencia de auentajarem os que não tem merecimentos,que a enueja he a que ordinariamente causa as competen-

Plut.in lacon.apoph.

Salustius

petencias entre huns,& outros cujo effeito vem a parar nos mesmos Principes. Nem tambem vsem da beneuolencia tão absolutamente,que lhes falte algum rigor,que as iguarias mais saborosas, & sustanciais saõ desabridas se lhe falta serem temperadas com sal.Com os criminosos, & perturbadores da paz bem parece o rigor encaminhado ao bem comum para castigo de huns,& aduertencia de outros,que tambem he effeito de benignidade de fender os inocentes paraque não padeção as desordens dos insolentes.Deos Nosso Senhor verdadeiro Principe,& de que dependem as regras do gouerno mais perfeito,quis que humas vezes o chamassem Deos dos exercitos,& outras mestre, & pastor sendo nomes taõ encontrados pera nos mostrar, que para os bons hauia de ser pastor,& mestre,& pera os peccadores Deos rigoroso.

DISCVRSO III.

Apontãose os meyos de grangear o amor dos vassallos.

MVITOS saõ os modos com que o Principe pode acquirir os animos de seus vassallos: porque o valor,& brio contra os inimigos,o zelo de fazer guardar Iustiça em seus estados,a magnanimidade com que procura acrecentallos, & engrandecer seu nome, a fidelidade com q̃ satisfaz as condiçoens com que aceitou a Coroa, rezoens saõ q̃ obrigaõ a amor,& afeição: porem os meyos mais efficazes para este effeito,diz Seneca, sam afabilidade,& liberalidade, virtudes verdadeiramente reaes, & de que os Principes deuem fazer muito caso:pello que para mayor clareza as tratarei distinctamente em differentes discursos,deixando as mais que vão continuadas nos lugares a que mais propriamente pertẽcem.Platão disse,que era a brãdura,& facilidade mui parenta da rezão:que a natureza humana fragil, & receosa de qualquer rigor se satisfaz muito dos meyos mais propocionados a sua conseruação hum dos quais he a brandura. O Principe que pretende ser amado,diz Seneca Tragico, execute seu poder com afabilidade, na qual achará hum gouerno suaue, & facil, liure das dificuldades, & violencias, que no poder se costumam achar, quando se executa sem limitação, a mais perjudicial

Seneca de Nerõ

Plato de Rep.

Seneca trag. 3.

circuſtancia,que o gouerno po de ter he ſer meneado pello po der abſoluto,ſem o freio da cõ ſideração com que os fumos da ſoberba ſe abatem: eſte foi o fundamento todo da maldade de Pilatos perſuadirſe à que tinha poder ſobre Chriſto, & que por elle ſe auia de gouernar,não fazendo caſo de qualquer outra circunſtancia de Iuſtiça,com que cometeo a mayor maldade, que no mundo houue,grangeando ſua propia deſtruição pellos meyos, que buſcaua de ſe conſeruar. Notou hum Autor antigo, & graue adifferença,que houue entre elRey Dom Affonſo onzeno de Caſtella,& ſeu filho Dõ Pedro, hum delles mui benigno,& amigo de ſeus vaſſallos, ainda dos mais humildes, & outro tão terribel, & amigo de ſer temido,que deu a morte as mais graues peſſoas de ſeu Reyno,ſem auer outra couſa mais, que querer vſar de ſua condição, & poder: porem aſſi como no modo de proceder ouue muita differença,aſſi a ouue no ſuceſſo do gouerno: porque elRey Dom Affonſo foi eſtimado,& venerado dos ſeus,teue glorioſos ſuceſſos na guerra,com que mereceo ſer julgado por hum dos mais valeroſos & prudentes Principes do mũdo,& depois de largos annos acabou a vida com tantas demonſtraçoens, de Santidade, prudencia, & zelo Chriſtão, que pode ſeruir de exemplo,& enueja a todos os Principes do mundo,& ſeu filho Dom Pedro não ſo foi odiado,mal quiſto,& perſeguido dos ſeus, pella liberdade com que vſaua de ſeu poder,& vontade, mas foi vencido de ſeus inimigos nas batalhas,que teue de mais importancia, perdendo grande parte de ſeu Reyno,& vltimamente a vida atrauеſſado com hum punhal,caſtigo merecido a ſeu procedimento,que quem violentamente gouerna,& indignamente goza a Coroa, com violencia lha tirão:& hum dos vicios que mais incapaz fazem hum Principe,he a crueldade, & aſpereza com que trata os ſeus:não faltou quem lhe chamaſſe monſtruoſidade pois falta a conformidade que a natureza pos entre a cabeça, & os mais membros: porem deuem aduirtir,que à beneuolencia,& afabilidade ſe não empregue mais nos poderoſos,que nos humildes,porque ſempre a natureza acode a parte mais fraca, o coração tendo aſſento no meio do corpo mais executa ſeu effeito na parte eſquerda, acode o ſangue ſempre a parte

Valer. hiſt.ſcolaſt.lib. 3.tit.5. cap.7.

tè mais fraca, ou aquella que foi ferida, ou mal tratada; fauorecer, & amparar aos humildes he de animos reaes. Horacio disse que não erão dignos de louuor os fauores feitos aos poderosos: porque contentar aos grandes nace de necessidade, & não de virtude, & não se louuão as acçoens forçadas, & gouernadas por respeito; mas as liures, & fundadas em rezão: & não somente em rezão de generosidade, & brio, mas de conueniẽcia se deue fazer mui to caso de fauorecer, & amparar com beneuolencia, & brandura a gente do pouo, porque a força de hum calaure compoemse de muitos fios cada hum por si mui fraco, & depois de vnidos mui fortes. Depois de morto Tarquinio soberbo vltimo Rey dos Romanos, conta Santo Antonino, que determinarão os poderosos atropellar a gente do pouo, obrigalla a que fosse a guerra á sua custa ainda que não tiuessem posses sem receberem desculpa algũa, começou Roma a arder em guerras ciuis, de maneira, que agente do pouo se fez forte no monte Auentino; donde não sahio sem ficar mui de ventagem nos concertos, que os nobres com alguma afronta sua lhe fizerão. A Escritura Santa diz que quando elRey Iosaphat ordenou certos Iuizes para menearem a justiça, lhes em carregou com grande encarecimento o cuidado, que auiam de ter da gente popular por ser esta a que mais vexaçoens recebe, sendo de mais importãcia, & menos custosos os fauores, que se lhe fazem. Seneca disse, que a gente popular, & pobre era o verdadeiro obiecto da brandura, & a fabilidade, porque os grandes, & poderosos queremse tratados com hũ genero de benignidade mais chegada ao rigor, os fauores ẽpregados nos que menos podẽ causaõ amor não confiança para se atreuerem, & desprezarẽ aquem os faz. Diz Philo Iudeo que a rezão de Dauid mandar em seu testamento que os filhos menores precedessem na herança aos maiores começando sempre pello que fosse mais moço, foi por ter visto por experiencia quaõ mal vsarão os maiores fiados em seu poder do amor, & afabilidade com que o mesmo Dauid os trataua. Cõ os grãdes deue hauer mais brio cõ os hvmildes mais brandura. ElRey Cyro o menor era taõ afabel com a gente do pouo, q̃ quando caminhaua sahião os lauradores de suas pobres casas alhe offerecerẽ das fruitas q̃ tinháõ, cõ tãto amor, como se fossẽ seus filhos a q̃ elle trataua cõ

Horat. 1. epist. 17.

S. Antoninus lib 6. cap. 5

4. Reg. 18. 2. paral. 19.

Seneca in epist.

Phil. lib. 2. Birui arij.

amor,& brandura de pai agradecendolhes assi com palauras como com obras o amor, que lhe mostrauão:a hum laurador que lhe leuou hũa romã deu vestidos mui ricos,& a outro que não tendo, que lhe offerecer, lhe leuou hum vaso dagoa deu mil cruzados,& mandando deitar agoa em hum vaso de ouro o deu ao mesmo laurador, mostrando de quam grande estima era para elle auontade, cõ que lhe offereciaõ tão limitadas offertas:a mesma afabilidade tinha a Rainha sua molher, assi recebia visitas das molheres pobres,& ordinarias como se fossem suas iguaes a imitação do que via fazer a elRey; de que resultaua a felicidade com que todas suas empresas soccediaõ; porem não seja a afabilidade tão desacompanhada que sendo rezão de amor venha a ser occasião de desprezo,porque se do rigor demasiado resulta odio, da brandura fora de tempo nace ordinariamente desprezo,& tão perjudicial he hum vicio como outro; posto que as causas sejão differentes,& encontradas. ElRey Agesilao dizia,que a perfeição de hum Principe consistia na beneuolencia acompanhada de ousadia, huma em respeito dos vassallos, outra dos inimigos, & dos que merecem reprensaõ,& castigo:& isto parece, que quis dizer Seneca dando alguns documentos de como nos auiamos de auer,ainda os que menos rezão tiuessemos para nos conformar com as regras de gouerno,que fossemos benignos não brandos porque a benignidade, diz respeito as occasioens,& a brandura significa huma condição naturalmente,& em todos os tempos facil. Philo Iudeo tratando das calidades,que hum Principe deue ter diz,que nem sera mui riguroso, nem mui brando,peraque nem com o rigor acquira odio,nem com a brandura,se faza desprezado,he necessario acompanhar a afabelidade com a Magestade, & a brandura com o respeito,& autoridade.

Seneca. de formula vitæ.

Philo de creat Principes.

DISCVRSO IIII.

O segundo meyo de acquirir o amor dos vassallos,he a liberalidade com prudencia.

Tãbẽ he meyo mui acomodado para grangear o amor dosvassallos aliberalidade,e este he o mais

o mais certo,& como tal mais necessario, porque não persua de com aparencias em que po de auer engano,mas com realidade:& os homens de brio, & valor com obras se rendem, não com rigores,& medos: fizeramse estes,diz Salamão, para os doudos,ou para os mininos.Dionisio maior entrou hũ dia no aposento do Principe seu filho,& vendo grande cantidade de vasos de ouro,& prata começou a dizer com grande colera: que vasos saõ estes? de que seruem estas peças de ouro?não tendes animo deRey pois com ellas não comprais amigos,& grangeais as vontades dos vossos vassallos.Saõ de mais proueito as riquezas destribuidas,que amontoadas, assi em rezão de necessidade,como de autoridade;q cousa mais necessaria,que o amor dos vassallos?sem elle,nem os Principes, se pode dizer,que o saõ, nem as respublicas podem ter paz, & prosperidade alguma.Auisadamente andou Alexandre Magno,que ajuntando grande copia de ouro,o repartio todo pellos soldados,& amigos,que mais necessidade tinhão,& pergũtandolhe seu priuado Parmenião se lhe ficaua ainda algũa cousa:muito mais me fica respondeo Alexandre,a esperança de alcançar grandes cousas; que os vassallos,& soldados obrigados,& affeiçoados ao seruiço de seu Principe saõ mui poderosos,& o mais efficaz meio de os obrigar he a liberalidade. O Emperador Alexandre Seuero estimaua muito, que lhe pedissem por ter occasião de dar áquelles que tinhão necessidade,porque nestes he a liberalidade mais vtil,& com menos se satisfaz mais.Mui a proposito respondeo ao offerecimento do Reyno quem o recusou dizendo,que não tinha,que dar,porque ainda que os vassallos são os que sustentaõ os Reys,& lhe daõ as rendas, & riquezas,que tem, he forçado, que tornem a destribuir parte dellas,porque se tudo for acquirir,& ajuntar em pouco tẽpo ficarão os vassallos impossibilitados apoderem dar.Todas as fontes,& rios vão entregando suas agoas ao mar,porem elle lhas torna liberalmente, & com este natural curso se vão sustentando,& a terra,que doutra sorte não pudera permanecer: donde se considera de duas maneiras a necessidade que hum Principe tem de ser liberal,ou em rezão de interesse, que recebe da fazenda, não enteſourada,mas meneada pellos vassallos, com cuja industria, & cabedal vai multiplicando, ou do effeito, que causa nos ani-

Prouerb cap. 16

Plut. in apoph.

animos daquelles, que recebẽ: porque Aristoteles disse que a rezaõ mais efficaz para todo genero de negocio era a vtilidade & interesse, que resulta á pessoa que se pretende persuadir: & como os Principes dependão tanto das vontades dos seus, por nenhũa via os podem com mais facilidade, & autoridade grangear. Bem custou ao Emperador Galba mostrarse auarento com os seus soldados, & dizerlhe em certa pratica, que lhes fez, que não costumaua compralos, mas escolhelos: mostrando isto mais por obra naõ lhes acodindo com certo donatiuo, que esperauão foi causa total, como parece a Cornelio Tacito de se começarem a desgostar, & leuantar. Aquelle prudente Rey Lacedemonio Agesilao daua quanto tinha aos seus soldados, & dizia, que queria mais fazelos ricos, que ser elle rico: porque nelles consistia a força de seu Reyno, sendo poderosos, & recebendo delle o poder, & riquezas, que tinhaõ. Tratei ate aqui das razoens necessarias, falta apontar as que tocão a autoridade, que saõ de muita consideração, pois o he a mesma autoridade, que não ha duuida se leuanta muito cõ as acçoens magnificas, & liberais. Depois que elRey Cyro socedeo no senhorio de Nabucodonosor vendo quaõ necessario lhe era armarse de nouo brio, & respeito para senhorear nouas gentes, & gouernar hum tão grande imperio, tratou de que se soubesse na cidade de Hierusalem quam grandioso, & liberal Principe tinhão, & pera isto lhe mandou sinco mil & quatro centos vasos de ouro & prata, que Nabucodonosor tinha roubado no templo, achãdo ser este o meyo mais efficaz de se autorizar, & honrar. Tendo elRey Dom Affonso oitauo de Castella guerra com o Miramamolim de Marrochos naquella celebre batalha das Nauas de Tolosa, em que elRey Dom Affonso ficou vitorioso, foi o despojo mui rico, & de muitas peças de grande valor: disse elRey a Dom Diogo de Haro senhor de Biscaia, que o repartisse como lhe parecesse, elle o fez como varaõ prudente, & de grande brio, porque parte do despojo deu aos Reys de Aragaõ, & Nauarra, que o tinhaõ acompanhado, & ajudado na guerra, a outra parte aos soldados, & Capitaens, & indose a elRey lhe disse, que a repartição estaua feita, porem que a elle lhe não fizera quinhão porque lhe bastaua a honra, & magestade de poder dar taõ rico despojo, & a gloria da vitoria, que com semelhante acção se illu-

Arist. 1 ethic. 8 & 3. cap. 16.

Tac. lib. 1. hist.

Plut. in lacon. apoph.

Valer. hist. scol. lib. 4. tit 9. cap. 5

illustraua mais: de que elRey ficou mui gostoso, estimando o que estaua feito, porque fundado em sua grandeza, & liberalidade tinha Dom Diogo vsado tão honrado lanço: não foi de menos excellencia o que vsou seu sucessor no nome, & no Rey no Dom Affonso o decimo, vindo a Emperatriz de Costantinopla, pedirlhe alguma ajuda pera resgate do Emperador seu marido que o Soldão de Babilonia tinha catiuo, & lhe pedia des mil marcos de prata por seu resgate, representou a Emperatriz sua petição dizendo, q̃ ja fora ter com o papa, que lhe mandara dar a terça parte desta contia, & cõ elRey de França, que lhe mandara dar outra terça parte: elRey a tomou pela mão, & a assentou a mesa por ser em occasiãode uodas, pedindolhe, que se alegrasse, & comesse, porque dentro de vinte dias lhe daria os dez mil marcos de prata, que lhe eraõ necessarios, como deu, tomandolhe segurança de que tornaria ao Papa, & a elRey de França o que lhe tinhão dado; foi este lanço de liberalidade, taõ honrado que não so lhe deu gloria, & fama com as naçoens estrangeiras, & amor com seus vassallos, mas foi cáusa de que depois fosse nomeado Emperador, comprando o titulo Imperial, ainda em rezão de preço por muito menos do que lhe custara se na occasião proxima o quisera grangear por dinheiro: saõ effetos da liberalidade em que se acha honra, & proueito Cõbinou certo autor graue a variedade de costumes dos Persas & Alemaens em respeito do q̃ dauão: porque os Persas tinhão por crime não remunerar o beneficio, & mercce, que se fazia, & se costumaua castigar: os Alemaens pello contrario tanto q̃ dauaõ ficauaõ sem esperança algũa de remuneração, nem obrigação quem recebia de satisfazer, ou pagar, assi em rezão de rigor como deprimor; houue curiosos, que lançando o pensamento, & consideração a estes dous costumes acharaõ mais arezoados os Persas em quererẽ que o beneficio se satisfizesse: porem outros julgarão por mais generosos os Alemaens, porque a verdade he que a honra de dar leua tanta ventagem a todo genero de interesse que não ha duuida receber mais quem dá, que quem recebe: & isto he o que o Espirito Santo, diz que he mais felicidade dar que receber, porem tambem se quer cõ sua moderação como no discurso seguinte se vera: & antes disso aduertirei aos vassallos, que não vsem mal da liberalidade dos Principes querendo

Alex. ab Alex lib. 5. genialium dierum cap. 1.

rendo delles mais do que he rezão,& regateando nas occasioens do bem comum,sobre mais,ou menos interesse, porque não he possiuel,que se esperem obras de valor de quem trata mais de preço,que de hõra.Sẽdo perguntado Socrates,que cidade era de melhor gouerno, respondeo,que àquella em que os cidadoens se leuaũão mais de premio,que de preço:entendendo ser a hõra o premio verdadeiro das obras heroicas.Depois daquella notauel batalha entre elRey Xerxes,& os Lacedemonios,mandarão os Lacedemonios fazer grandes honras aos corpos dos que morrerão na guerra,escreuendo seus nomes em hum lugar publico para que fossemvistos de todos: & juntamente os nomes de seus pais,naõ tanto por respeito delles como para incitar os animos dos soldados a estimarem mais a honra de pelejarem, & morrerem pella patria,que outro algum respeito;& quem duuida,que o valor daquelles antigos, que hoje seruem de espãto mais que de imitação se fundaua na honra,não no interesse:depois,que este se começou a poderar(diz Seneca)forão elles descaindo,& em breue tempo acabarão:& se ainda ha cousa,que tenha alguma aparencia de valor,violentamente se conserua,& naturalmente se irá acabando se os respeitos particulares com que as respublicas hoie se gouernão não tiuerem algum termo.He muita rezão, que os Principes sejão liberais, & que não so paguem os seruiços,que os vassallos lhes fizerẽ mas que dante mão lhes grangeem as võtades para que nas occasioens do bem comum mostrem zelo,& valor fundado assi na vtilidade publica como no amor do Principe a que estão obrigados, porem assi como esta obrigação he propria, & natural aos Principes, tambem o he aos vassallos não dependerem tanto della, que se ajão de gouernar mais pellas rezoens de interesse que pellas de primor,& honra,aduirtindo quaõ impossiuel he satisfazer cabalmente as pretẽsoens dos requerentes,que muitas vezes saõ mais fundados em propria opiniaõ,ou em verem,que a alguns se da mais do que merecem,que em rezão,que haja para lhes difirir,o que em alguma maneira se poderá remedear,limitando os actos de liberalidade conforme as occasioens.

Bruſ.lib 5.cap.8

(?)(?)
(?)

DIS-

DISCVRSO V.

Continuase a mesma materia apontando algumas aduertencias necessarias a liberalidade.

Seneca epist.

DISSE auisadamente Seneca, q̃ sendo a liberalidade virtude mui natural aos Principes, he nelles mais perigosa, q̃ nos particulares, porque como a deuem exercitar mais por necessidade, que por gosto, deuem ter nella tres respeitos, conuem a saber, aos merecimentos das pessoas, a possibilidade propria, & as occasioens em que a deuẽ vsar, & faltando qualquer destas circunstancias, o que era virtude se conuerterá em vicio & o que era meyo de grangear os animos dos vassallos, seruirá de os exasperar, & desgostar. Primeiramente deuem respeitar aos merecimentos das pessoas, porque se quiserem vsar de liberalidade com os q̃ não merecem, deixando as pessoas de merecimentos, alem de cometerem injustiça, com a mesma liberalidade, comprarão o odio daquelles, que mais importa grangearem: que não ha medicina, que mais reuoluçoens faza, em hum estamago de valor, que a vista das merces, empregadas em quem as não merece. Esperaua Achitofel, que Absalão lhe fizesse muitas merces, por ser o melhor capitão, & mais prudente do seu exercito, com cujo conselho lhe socedião as cousas tanto a pedir de boca, que diz a Escritura Sagrada, que o mesmo era pedir conselho a Achitofel, que pedilo a Deos: ouue occasião em que a confiança, & estimação deuida a seus merecimentos se empregarão em Chusai, Capitão de menos partes, menos leal, & mais cheo de malicia, q̃ de prudencia, o que Achitofel sofreo tão mal, que se ausentou da Corte: & indose a sua terra, foi tão grande o sentimento de uer gozar a outrem o fauor, & honra deuida a lealdade, & prudencia com que sempre seruio, que se enforcou de paixão: fora outro, que não executara a vingança em si, mas em quẽ tinha sido causa de seu desgosto; que o natural dos homens de valor, sempre sofreo mal verem empregada em outrem a honra, q̃ tem por sua, & lanção ordinariamente a culpa aos Principes por mais, que as causas sejão outras. Pintauão os antigos a Justiça ao lado de Iupiter, porque todas as desordens, que della nacem, aos Reys se attribuem. O Espirito Sãto diz, que he abominação diante de Deos a balança falsa. Caetano sobre este

2. Reg. 17.

Prouerb 11.

este lugar, diz que não se entẽde esta balança em rezão de vender, & comprar, mas de destribuir os beneficios, & merces, sem respeito aos merecimẽtos: não se hade dar muito aquem merece pouco, nem dar pouco aquem merece muito. S. Ambrosio faz hũa grande amoestação aos pais, que vejão como repartem, ainda os fauores particulares entre os filhos, pellas contendas a que muitas vezes daõ occasião, faz menção a este proposito do que custou a Iacob dar a Ioseph a tunica polymita, sendo assi que foi fundado nos merecimentos de Ioseph, que se os competidores saõ enuejosos, nem os merecimentos bastaõ para liurarem de inconuenientes, como nam bastou ao pai do filho prodigo a rezão, que teue pera fauorecer o filho, que andaua perdido, pera deixar de se queixar o outro, fundando sua queixa, como diz S. Pedro Chrysologo, não tanto na sem rezão do pai como no que elle cuidaua, que se lhe deuia. O Abulense notou a prudencia de Abraham, quãdo quis fazer doação de seus bens a seu filho Isaac, & aos mais irmaõs, tomalos de parte para que Isaac o não ouuisse, q̃ com ser Santo hauia de sentir dar seu pai aos mais filhos o q̃ cuidaua se lhe deuia so a elle: & em rezão disto dizem algũs Doctores, que para Deos atalhar a queixa, que Adão podia ter de lhe tirarem hũa costa para a formação de Eua, lha não quis tirar se não estando dormindo, que tirar a huns para dar a outros, sempre deu occasião a queixas: & para o sentimento tão proprios fazem os merecimentos as merces, que se lhes negaõ como as que possuem. Quando Iosue Capitão do pouo de Israel, vio dous homens ordinarios, & pouco conhecidos quererem profetizar, entendendo, que lhe vsurpauão a honra, & officio, que elle por seu valor merecia, foise ter cõ Moyses, a cuja conta estaua o gouerno, requerendolhe, que remediasse aquella desordem, & mandasse aquelles homens, que cessassem com o officio de Profetas, parecendolhe que a Moyses competia destribuir as honras pellos que mais merecião, pois era Principe daquelle pouo, & como tal lhe tocaua, que não fosse auentejado na honra o, que era inferior nos merecimentos: & não se fiem os Principes em verem, que he pratica esta mui antiga, & ja introduzida, & sofrida dos vassallos, que entre muitos sofridos, se acha algumas vezes quem não possa digerir semelhante genero de agrauos, que como tocaõ

Ambr. lib. de Ioseph.

Num. 11.

Petr. Chrys. serm. 4.

Abul. in Gen.

tocão a honra saõ maos de sofrer. Deu o pouo Romano a Flauio o magistrado Edil, officio mui autorizado, antepondoo a pessoas de muitos merecimentos, sendo baixo por geração & por costumes, o que foi causa de tão grandes desgostos, & inquietaçoens entre o Senado, & o pouo, que chegarão os Senadores a fazer demonstraçoens publicas de sentimento, & a tirarem os aneis dos dedos, insignia de nobreza, mostrando quam grande era o agrauo, q̃ se fazia as pessoas, que tinhão valor, & merecimentos, & quanta rezão tinha o Senado de acodir a esta desordem pellas muitas, que della se podião seguir; ainda fora peor se a prouisam do tal cargo dependera de hũa so pessoa, mas como era negocio, que tocaua a todo o pouo, parou em sentimento naõ em vingança. He mais perjudicial esta desordem em respeito dos soldados, que como o seu trabalho he mayor, & mais arriscado, sofrẽ mal verem premiados os que merecem pouco. Não houue Principe, que emprendesse obras gloriosas, sendo apertado para os soldados. Nem os liberais deixarão de conseguir quanto emprenderaõ. Mal pudera Alexandre Magno sogeitar á sua obediẽcia a maior parte do mundo, se não fora com os seus soldados tão liberal, que a muitos pareceo prodigo: sempre daua mais do que podiaõ esperar os que recebião: dando huma cidade a hũa pessoa, que a recusaua dizendo, que era mais do que cabia em sua alçada: eu não respeito, disse Alexãdre, a vossa calidade, mas a minha conueniencia: & sendo perguntado onde tinha os seus thesouros mostrou os soldados. Atreuome affirmar, que mais perjudica hum General apertado, que hum couarde, porque este remedea sua falta com o valor dos soldados, & se estes perdem o brio, ou por descontentamento o não querem ter, mal pode hũa so pessoa dar hũa batalha, & defenderse dos inimigos: no contentamento dos soldados esta a segurança dos Reys: & a honra, & riqueza dos Generais na liberalidade com que os tratarem: aduertencia mais necessaria aos Reys, quando a conseruação de seus Reynos depende mais da milicia, não consentir em Capitaens, que tratem de ajuntar, porque o hão de fazer a custa dos soldados, & ainda quando o fazão por outra via, os desgostão, vẽdo, que lhes falta para o necessario, o que a elles sobeja para ajuntarem: materia em que era necessario gastar mais palauras, se se houuesse de dar credito ao que dizem

Max. serm. 6.

Plut. in lacon. apoph.

& aos

& aos receios,que por esta causa se temem:não foi mui desarrezoado o costume, que poucos annos ha vimos de se escreuerem as fazendas dos ministros para se saber o que multiplicauão,& nos de guerra era mais necessario esta diligencia por não desgostar a muitos á conta de enriquecer hum so: não digo,que se faza pouco caso de hum General experimentado,poucos hauera valerosos em que se ache esta falta, & quando haja algum,a necessida de pedera obrigar a que se desimule : que tambem conuem lhe não dem occasião de queixas auentejandolhe outros de menos merecimentos , mas não que satisfazão sua cobiça a custa dos soldados,que a experiencia tem mostrado, quanto se alterão os brios com a uista das merces empregadas em quem as não merece. Hũa occasião ẽ q̃ elRey Agesilao desgostou a Lisandro Capitão do seu exercito fazendo menos caso de seus merecimentos antepondolhe,quem não tinha cõparação com elle pois com seu valor,& manha lhe tinha dado o Reyno de Lacedemonia, lhe custou mais do que elle podia imaginar:porque o desgosto de ver o disfauor com que elRey o trataua foi tão poderoso, que trabalhou mais pello lançar do Reyno do que tinha trabalhado pello meter de posse delle; nem basta,que este respeito esteja tão coarctado aos que tẽ merecimẽtos,& aos que os não tem,que a huns se dè tudo, & a outros nada:porque dar tudo, & dar nada he officio dodiabo, a Christo tentou o com lhe offerecer tudo, & a Iob tentou o com lhe naõ deixar nada: he mui amigo de extremos , ou muita riqueza,ou muita pobreza,porque delles nacem todas as desordens da republica: considerou o mui prudentemente Lycurgo,& persuadio aos Lacedemonios,que renunciando cada hum a fazenda,que tiuesse a distribuisse com igualdade por todos,para que ficando iguais nos bens,nem os mais ricos teriaõ accasiaõ de soberbauexando com seu poder os mais pobres,nem estes obrigados da pobreza cometeriaõ roubos & outros vicios de que ella he causa,digo que aos que não merecem,se não deue dar muito, algũa cousa si,se a necessidade o pedir,porque este he obiecto da liberalidade,& aos que merecem muito se naõ deue dar tudo,porque dando a huns tudo se fica impossibilitandopara dar a mais:& aqui entra a segũda circunstancia da liberalidade,que consiste em respeitar a possibilidade o que he de tanta

impor-

importancia,que impossiuel he ser de vtilidade alguma, antes de grandes inconuenientes dar sem este respeito,porque so De os pode dar sem medida.Os Principes,& mayores Monarchas he necessario,que considerem o que dão,& o que podem dar que se daõ mais do que podem vem a pedir,ou a tomar o que naõ podem:& o que se segue desta desordem,diz Seneca,he que vem a ser de mayor importancia o odio daquelles, que saõ constrangidos, a dar o que não deuem pera acodirem as necessidades dos Principes,q̃ o fauor dos que receberão mais do que era rezão:& ser liberal com os particulares a conta de o pagar o pouo não he liberalidade se não tirania, Alexandre Seuero se prezaua tanto de liberal,que dezia não se passar dia algum sem que fizesse alguma merce,porem tendo sempre respeito ao Thesouro publico,de sorte que não resultasse das merces que fazia alguma necessidade,que o obrigasse a valerse do pouo quando pera semelhantes ocasioens fora ordenado o tal Thesouro.Pudera neste lugar retratar para exemplo dos Principes a prudente liberalidade delRey Dom Dinis de Portugal o qual fazendo mais merces,que todos seus antecesores, teue taõ grandes thesouros,que não so lhe bastarão pera as muitas guerras,que teue,& pera grandes emprestimos que fez,mas por sua morte os deixou mui prouidos pera defensão de seus Reynos sem fazer vexação algũa a seus vassallos:que os Principes em hũa occasião estraordinaria peçaõ algum subsidio,arrezoada cousa he:porem,que pera todos os gastos necessarios á defensaõ do Reyno haja rendas aplicadas,& que estas se gastem em cousas superfluas, & desnecessarias;& depois se peça ao pouo pera as ocasioens apertadas, & de importãcia,não he justo titulo pera se obrigarẽ os vassallos, nẽ este genero de gouerno he o q̃ cõuẽ.Mui hõrada cousa he o dar,diz Cicero, mas se dahi se hão de seguir roubos,q̃ cousa mais iujusta:não se ade exercitar a liberalidade cõ risco tão certo de nacerẽ della desordẽs. Tãbẽ se deue respeitar as ocasioẽs de dar,porq̃ ainda q̃ aposs ibilidade seja muita,& se perca pouco no q̃ se da, ẽ respeito de interesse ficara sẽdo de cõsideração,se a causa,q̃deu motiuo a tal dadiua,não foi hõrada:dar por vaidade,por luxuria,ou por ignorãcia desacredita,& desautoriza,mais q̃ auareza.Liberal foi Alexãdre Magno ẽ muitas ocasioens,& louuado dos historiadores, porem mui tachado

Lampridius.

por dar huma Corpa de ouro, a hum homem por beber muito vinho. O Emperador Galieno por vaidade daua, & gastaua quanto tinha, de sorte que cõ a mesma acção de dar grangeou infamia, & deshonra em todas as idades: podendo (se a causa fora outra) com o mesmo ouro que prodigamente gastaua, estender seu poder, & comprar a honra, & fama, que hoie não tem; ainda he peor dar ignorãtemente: porque sendo toda a acção nacida de ignorãcia desautorizada, & indigna de Principes: a que consiste em dar cõ as circunstancias, que não conuem, tanto perjuizo causa aquẽ a vsa como a quem padece a sem rezão della. Se hum Rey inconsideradamente esperdiça o patrimonio Real, dandoo sem ocasião, & tempo, parte deste erro caie sobre o pouo, porque das costas lhe ade sair a falta, que ouuer, porem muita parte sobre o mesmo Principe: porque alem da reputação, que perde sempre lhe toca a maior parte do dano, por mais que do primeiro golpe não sinta a ferida. Bem mal cuidou elRey Cleoples de Egipto, que com o que ignorantemente despendeo, & gastou, chegasse a tanta miseria que lhe fosse necessario por huma sua filha a ganhar por sua pessoa a quántos quisessem vsar della: não deu menos em que entender a Pericles General do exercito Athenienſe, & pessoa principal daquella republica a demasia com que se pos a destribuir, & esperdiçar o dinheiro do thesouro q̃ estaua a seu cargo, chegou a matarse com peçonha por não ver remedio algum de poder escapar das maõs do pouo: de maneira que naõ so conuem que os Principes sejaõ liberais, mas que o sejão com tanta prudencia, que considerem tres respeitos, nos actos de liberalidade aos merecimẽtos das pessoas pará que dando a huns, não agrauẽ a outros: a possibilidade que tem, por não ser necessario tirar do pouo o que puderaõ não dar: a ocasião de dar, porque o respeito califica a acção & sendo a causa injusta mal pode o effeito ser honesto.

DISCVRSO VI.

Em que se apontão outras aduertencias necessarias a liberalidade.

CHAR escusas pera não dar, diz Seneca, que he de homens miseraueis *Seneca de beneficijs.*

is,& por não publicar em mi esta falta,pudera contentarme com as limitaçoens, que estão apontadas aos que hão de ser liberais, porque tantos se lhe podem por que venhaõ a ser apertados,o que muitos folgarão ser com desculpa:porem he menos inconueniente, que os particulares deixem de ser liberais,que serem prodigos os Principes,dando desordenadamente,o que costuma sair das costas dos vassallos. Temos dito que conuem ter respeito aos merecimentos,o que se entende nos Reys,que nos particulares diminuira esta circunstancia á mesma virtude,que consiste em dar sem presupor seruiços,sendo aos Principes mui necessaria,que como não podem satisfazer tão cabalmente a todos,que merecem, ficarão faltando a muitos, sendo liberais, onde não houuer merecimentos,encorrendo no vicio da prodigalidade, q̃ tem destruido a muitos.Consiste outra aduertencia em que naõ aualiem por seruiços as recreaçoens de bailhadores,comediantes, & chocarreiros:porque ainda,que Aristoteles os permite pera grandeza dos Reys,& diuertimento dos negocios,não para que se lhes pague cõhonras publicas, nem lhes fazão as merces com que se costumão pagar seruiços honrados,porque não lancem mão deste genero de merecimentos os que pretendem grãgear a vontade dos Principes. Hum dos vicios,que mais desautorizarão o Emperador Nero foi gostar tanto destes entretenimentos,q̃ os igualaua aos mayores seruiços,dando aos q̃ erão destros nelles o que deuia dar aos mayores Capitaens,pello que os Senadores se aplicauão por lhe dar gosto a este exercicio,& o mesmo Nero se prezaua delle,saindo a representar em hum theatro publico. Naõ acreditou a prudencia dos Romanos darem taõ prodigamente a este genero de gente, que chegou Isopo a ajuntar mais por engraçado,& chocarreiro, que mui insignes Capitaẽs por valerosos.Dous milhoens de ouro deixou por sua morte a hum filho,o que não fizerão muitos que arriscarão a vida pello seruiço da patria.Tambem se deue aduertir que a liberalidade se não estenda a conceder preuilegios, que consistem em isentar das Iustiças: porque resulta della mais perjuizo, que vtilidade. Sendo perguntado Diogenes, qual era a cousa que os homens mais estimauão, respondeo, que a liberdade,porque sẽ ella todos

os mais bens da fortuna ficão catiuos, seguindo a condição de quem os possue, esta natural inclinação cõ que todos a amão, busca varios caminhos de a procurar, achando gosto, & aliuio, so no nome de liberdade, ainda em cousas, que vistas com pouca paixão, não mostram sustancia algũa, porem dellas resultão muitas vezes desordens de grãde consideração no gouerno politico, se não são mui ajustadas ao que conuem. Naõ se pode negar q̃ importa muitas vezes aos Principes cõcederẽ este genero de liberdade, q̃ chamamos priuilegios as pessoas benemeritas de cujo seruiço a republica tẽ recebido algũa vtilidade, para satisfação dos tais seruiços & estimulo de outros: q̃ não ha melhor modo de persuadir a hũ preguicoso, q̃ o premio do diligẽte. Alexandre Magno depois de se ver Monarcha da mayor parte do mũdo, quis honrar os Macedonios, q̃ o tinhaõ ajudado, & cõ cujo valor tinha acquirido os estados, q̃ possuia, cõcedeulhes priuilegios, porẽ mui limitados, & mais encaminhados a honra e descanço, q̃ a liberdade. Os Siginos q̃ viuiaõ cõforme os Persas, cõcederaõ priuilegios as dõzellas q̃ fossẽ destras ẽ gouernar hũ coche de 4. cauallos, que pudessẽ escolher marido: era este o exercicio de mais honra ẽtre ellas, deuia ser encaminhado a algũa vtilidade publica, & o priuilegio, q̃ se concedia a hũas seruia de animar a outras a se adestrarẽ no mesmo officio. He de grande gosto aos vassallos todo genero de priuilegio pella hõra, & vtilidade, q̃ consigo trazẽ, & cõ elles se costumaõ pagar grãdes seruiços. ElRey Theodorico dos godos agradecido ao valor de alguns pouos, q̃ nas ocasioens de guerra se auentejarão lhes cõcedeo q̃ fossẽ izentos de pagarem tributos. O Emperador Adriano alcançando o Imperio, de seu cunhado Traiano, & desejãdo fazer merces a seus vassallos pera se congraçar cõ elles, & lhes grangear as vontades, leuantou ás cidades todos os tributos, q̃ pagauão, entendendo, que seria taõ grande o gosto, quanto era o sentimento, & repugnancia, com, que sofriaõ os tais tributos. Hum dos mais excellentes Principes, que as idades antigas conheceraõ foi Cyro primeiro Rey dos Persas, ao qual seus vassallos chamauaõ pay pello amor com que os trataua, a rezaõ de lhe terẽ tanto amor dizẽ graues autores, q̃ foi por lhes cõceder priuilegios de vtilidade, & hõra isentãdoos de tributos, & fintas: de maneira, que este genero de liberalidade obriga os vassallos com menos despe-

Alex. ab Alex lib. 2. c. 25.

Cass. lib. 3. tit. 32.

despesa da fazenda real,& com vtilidade euidente de huns, & outros, porem a que consiste em preuilegios cujo fim he isẽtar das Iustiças,com que a republica se gouerna,naõ serue mais,que de carta de seguro para se cometerem crimes,& de armas defensiuas contra a mesma justiça,dando occasião aos tribunais,& ministros,para cõtenderem,& gastarem o tempo em aueriguarem pontos de jurisdição,deixando os negocios importantes ao gouerno da republica,& justiça dos vassallos. Dirão alguns,que onde as rendas não são tantas, que possão satisfazer a todos os que seruẽ, se paga com priuilegios de mais honra,que proueito, & não he tão pouco contentarense os vassallos com este genero de satisfação, que muitos fazem pouco caso,de tudo, que não he interesse: não reprouo a traça, de prudentes he, & entre nos vsada com muita vtilidade da republica,& do seruiço della,como se vê nos foros da casa Real,que não constão mais,que de priuilegios,& honra. O que reprouo he os priuilegios q̃ não são de honra,nem de proueito, & que so seruem de impedir a execução da justiça,& de dar a huns mais licença,& a outros menos segurança. Quiseram os Romanos conceder ao Consul Duellio hum priuilegio por ter alcançado hũa notauel vitoria naual contra Anibal,sendo a primeira vez, que pelejarão por mar, foi o priuilegio, que pudesse trazer diante de si hũa tocha acesa, quando fosse de noite de algum conuite para sua casa: & contentauase hũ General,depois de tantos seruiços,de poder de noite alumiar se com hũa tocha,porque se cõformaua com o costume da republica, que dãua priuilegios de honra,não de liberdade occasionada a crimes. Hũa vez, q̃ os Athenienses quiserão conceder a Pisistrato priuilegio para poder trazer consigo, homens armados,fingindo ter necessidade de quem o defendesse por ter inimigos,lhe custou mui caro,porque como se vio com armas de ventagem que o pouo não costumaua vsar,teue atreuimento para se leuantar contra a cidade,& entrando a fortaleza se fez senhor della: caso pouco imaginado,& naeido da inaduertencia com que concederaõ hũ priuilegio tão arriscado,porq̃ aindaq̃ o não pareceesse ẽ respeito de poder ser tomada a cidade, sẽpre o ficaua sẽdo na occasião,q̃ se daua a hauer discordias entre Pisistrato,& os inimigos de q̃ se temia q̃ ẽ caso semelhante não se hão de dar armas a hũ bando, desarmando o ou-

Florus epist. 17

Valer. lib. 3.c. 6.

o outro. He mais perjudicial este genero de priuilegio, se se estende as familias, & criados, em que a culpa dos erros, q̃ por esta via se cometem, he mayor, porque quando de hum ministro ou Capitão ha satisfação, que procedeo como deuia, com mais confiança se pode fiar delle, que não vsará mal das liberdades, & izençoens de armas, ou de justiças: porem que os filhos, & ainda os criados vsẽ das mesmas liberdades, naõ he para bom fim, mas para as empregarem em perjuizo daquelles, que as não tem: & vemos, q̃ os atreuimentos, & solturas saõ nestes mais ordinarios pello valhacouto, que tem. Outro genero de priuilegio ha concedido a lugares, que antigamente chamauão de refugio, & porque não he rezão, que tornemos a repetir esta materia, & no gouerno politico tem tanto lugar a que toca aos priuilegios, deuemos aueriguar neste se conuẽ, que se concedão a lugares, & não a pessoas, & posto que algumas rezoens podião fazer perjudicial este costume, tem da sua parte mandar Deos, que houuesse no seu pouo lugares de refugio, para que os que tinhão delinquido, & estauão por algum crime obrigados a Iustiça ficassem liures em quanto estiuessem nelles, era o mesmo priuilegio, que hoie tem os coutos: & algumas consideraçoens ha, que fazem necessarios os tais lugares não em todos os tẽpos, porque se as disoluçoens saõ tantas, que fica sendo remedio de as continuar, hauer a mão estes coutos, naõ serão cõuenientes, porem se os inocentes hão de ser auexados, ou os delinquentes por qualquer crime haõ de perder sua patria, & ella o interesse de se defender com elles, todo o remedio de os conseruar sera conueniente, quando os crimes forem accidẽtais, & naõ facinorosos. Quãdo Romulo principiou hũa obra taõ importãte, & tão ardua, como foi a cidade de Roma, ẽ que teue infinitas difficuldades de que o remedio estaua entre a gente de sua facção, & não so lhe era importante conseruar os seus, mas grangear os vizinhos, fez no meyo da cidade hũa casa de refugio a que se acolhessem os criminosos, porq̃ costumão estes pella maior parte ser atreuidos, & de proueito para aguerra, & sendolhe necessario por qualquer sucesso ausentarense, se lançariaõ aos inimigos, & iria a republica perdẽdo muita gente: & foi prudente conselho deputar lugar priuilegiado, & izento as Iustiças, em tempo, que tão necessarios erão os soldados, & tanto conuinha

darlhe

darlhes lugar seguro para mostrarem sua Iustiça, sem perda das pessoas: deue nesta materia ter mais lugar a conueniencia dos tempos gouernada pella prudencia, & nos priuilegios pessoais a honra, & interesse não a izençaõ das Iustiças

DISCVRSO VII.

Deuem fugirse as causas de odio, a primeira das quaes he a crueldade.

ASSI como o amor dos vassallos se grangea cõ brãdura, & liberalidade assi o odio se acquire com crueldades, & nouas imposiçoens, de que conuem aduirtir, começando pellas rezoens da crueldade pois não falta como esta dito quẽ as tenha por necessarias ao gouerno da republica, & segurança dos Principes, contra quem se atreuem muitas vezes os vassallos por ventura que facilitados com a beneuolencia, & falta de rigurosos castigos com que saõ tratados. Primeiramente he necessario por de parte esta opinião como impia, & encontrada assi as rezoens de humanidade como de gouerno, que não fez Deos este dependente de desordens, nem a conseruação das respublicas, & dos homens de violencias, & destruição sua, o que mostrarei em duas conclusoens. A primeira he não ser a crueldade digna de animos Reais, antes effeito da fraqueza, & couardia. A segunda executarse de ordinario por justos juizos de Deos em quẽ he a causa della: que seja vicio baixo, & effeito de fraqueza, opinião he de Seneca em diuersos lugares, particularmente no liuro que escreueo a Nero tratando das excellencias da clemencia, & inconuenientes da crueldade, ser mui propia calidade sua executarse com os amigos, não com os inimigos: ha muitos homens, diz elle, que ẽ suas propias casas saõ algozes, & das portas a fora humas oue lhas, porque onde saõ obedecidos querem mostrar, que tem poder, & valor, & onde lhes haõ de resistir se mostrão humildes & não falão palaura, costume de molheres, que por esta rezão saõ julgados pellos animais mais crueis de todos os que a natureza criou, pois empregão sua ira contra quem deuião tratar beneuolamente, & assi o mostrarão em todas as occasioens, que a seu saluo puderão fazer mal; se lançarmos os olhos as traiçoens, & crueldades notaueis, que no mũdo houue, acharemos, que dellas nacerão,

Seneca lib. de Clemenia ad Neronem.

rão,não por meios justos, & encaminhados a Iustiça, & bem comum,mas de couardia,ambiçaõ,& miseria. A molher mais notauel nas Historias antigas he Semiramis, que no principio da Monarchia dos Assirios primeira do mũdo,a gouernou por muitos annos, porem tam cruel,que matou a seu marido por engano,& traição, & posto que he contada entre as molheres valerosas alguns entendẽ,q̃ de couardia fez os notaueis muros ẽ Babilonia,& que ainda com elles se daua por mal segura. Não puderaõ os inimigos chegar a tirar a uida ao Emperador Costantino sexto, & pode ser morto por sua propria may,que lhe arrancou os olhos & fez outras crueldades bem significadoras de pusilanimidade, & couardia feminil: que so as molheres vsaõ de semelhantes crueldades,& os que com ellas se parecem. ElRey Artaxerxes verdadeiramente molher no animo, como lhe chamão os escriptores, que nelle falão, foi tão coitado,que em todas as occasioens de guerra,que teue foi desbaratado. & por lhe parecer que seria desprezado do pouo vendo,que perualeciaõ contra elle os inimigos,começou a fazer grandes matanças em seus propios cidadoens:de sorte que com os inimigos mui couarde, com seus vassallos muy valente,lanço de animo affeminado. Grande foi.a prouidencia da diuina Iustiça,em ordenar que Abimelech viesse acabar a vida as maons de hũa molher, para mostrar,que quem vsara de hũa crueldade tão extraordinaria como matar setenta,& hum irmaons seus, fosse vencido por huma molher: & na opinião do mundo julgado por menos que molher. Tenhão para si os Principes,que he certo genero de infamia mostrarense crueis dos muros a dentro, quãdo o quiserem ser, inimigos acharão,em quem podem executar a inclinação, que tiuerẽ: & então se conuertera em valor,& brio,o que com os vassallos he infamia, & couardia. Quando Alexandre Magno matou o valeroso Capitão Clyto atrauessandoo com huma lança em hum banquete, que deu aos seus Capitaens, sendo elle dos Principaes, & pessoa de tantos merecimentos que ja tinha seruido no exercito de seu pay Philipo, tornando Alexandre em si,fez taõ extraordinarios excessos de sentimento, que esteue para se matar,fechãdose tres dias sem querer falar a pessoa alguma:a rezão,que alguns dão de tão grande sentimento,he imaginar Alexandre que á vista desta crueldade podiaõ

Celsus li. 5.

dião os seus Capitaens mostrar menos fidelidade,& que o não respeitarião,& seguirião como antes vendo que empregaua nos seus a furia, que ate então costumaua executar nos inimigos;& não ha duuida,que começou a perder muito de seu credito,assi por cometer semelhantes excessos tomado do vinho, como por mostrar nelles menos brio derramando o sangue daquelles,que deuia defender, baixeza grande, & mais propia de couar dia,que de esforço, & valor. Nesta segunda conclusaõ se fica respondendo aos que tẽ a crueldade por necessaria ao gouerno da republica pella certeza com que ordinariamente vemos executarse contra os q̃ della vsão sem excepção de grãdes,& pequenos,que nisto saõ todos mui iguais:permissaõ diuina para que quando os Reys se virem tão leuantados em veneração,& magestade,a perder de vista de todos os vassallos saibão,que nos receios de cairem saõ tão miseraueis como elles,& que está mais certo o perigo donde o esquecimento for mayor de que saõ homens como os mais:& que deuẽ tratar com animo humano não ferino aos que tem debaixo de sua jurisdição. Naõ deuem os homens ser crueis,diz Aristoteles:era necessario quando o fossem conhecer os segredos do coração para se saber liurar dos odios,& traiçoens,que õde menos se imagina, estão armados pellos que mais amor lhes mostraõ. Mui acautelado viuia elRey Artaxerxes,sabendo o aborrecimento que os seus lhe tinhão naõ pouco merecido pellas infinitas crueldades,que vsaua,em fim não se pode liurar do effeito dellas,& foi miserauelmente morto por hum Eunuco do seu seruiço, que o mãdou fazer em postas, & lançar aos gatos, morte semelhante á de seu antecessor Xerxes grangeada com sua insolencia,& soberba. ElRey Dom Pedro de Castella tão conhecido por cruel,que a seus irmãos,& a sua propia molher mandou matar tãbem foi morto por seu irmão Dom Henrique,& por mais cuidado que tinha de matar seus inimigos se não pode liurar de semelhante morte á que tinha dado injustamente a muitos. He mui fraco o poder dos maiores Monarchas,se delle vsarẽ com demasia,que não ha poder,que resista ao odio nacido das crueldades antes he altissima prouidencia de Deos manifestada em todos os seculos, q̃ sejão os Principes medidos, & julgados pella mesma lei com que julgão os seus: experimentou a o Emperador Tiberio,cruel

Arist. ẽ Alexãd

Ælian. l. 6. de var. hist.

el em priuar injustamente do Imperio a Iustiniano, & mais cruel em lhe mandar cortar o nariz,& orelhas, desterrandoo em hũa ilha: porem breuemente se leuantou contra elle Leoncio, mandandolhe cortar o nariz,& orelhas como elle o tinha feito a Iustiniano. A Escritura Sagrada faz menção de hũ Rey chamado Adonibezec, q̃ se jactaua de comerem debaixo da sua mesa setenta Reys, com os pes,& maons cortadas: mas porque tanta crueldade fosse castigada pello mesmo modo,ordenou Deos,queIudas & Simeaõ o catiuassem,& lhe mandassem cortar os pes,& maons,como elle o tinha feito aos setenta Reys:que sendo Deos, infinitamente misericordioso costuma castigar exemplarmẽte os peccados,que se cometẽ contra as leis de humanidade, pera escaramentar os homens quam begninamente deuem tratar seus proximos. Acende mais a ira diuina o poder absoluto dos Reys,quando o execu tão contra os que deuiaõ ampa rar.S.Ioaõ Chrysostomo notou ameaçar Deos a elRey Dauid com hum castigo tão riguroso, como estar experimentando ẽ sua casa os fios da espada com que fez matar a hum vassallo tão leal como Vrias,& elle cõfessa ainda depois de arrependido,& perdoado,que quantos sucessos maos padecia,todos erão causados deste peccado:armouse o castigo contra a casa, diz o SantoDoutor,porque nella se principiou a desordem, q̃ deu a morte a Vrias, pera que ate as creaturas insensiueis participem do castigo, que merece hum Rey, que antepoem o seu appetite a benignidade, q̃ deue vsar com os seus. Hũ dos effeitos da crueldade,diz Seneca,tragico,he não so fazer temer aquelles,que a experimentão,mas aos que a executão: vioſe isto em Caim,que como querem alguns Doctores, o sinal que a Escritura diz,pos Deos nelle para que o não matassem foi hũa doença de parlesiã, com que sempre andaua tremẽdo,& S.Ambrosio notou sobre este lugar,que a rezão porque temeo,que o matassem foi,porque depois que matou a seu irmão ficou parecendo animal bruto,& não homem: que as crueldades executadas contra as leis de humanidade abatem os homens ao andar dos brutos.Perguntado Abulense, que rezaõ teria Moyses para naõ fazer caso do Tribu de Simeam, quando estando para morrer mandou vir ante si os mais Tribus pera lhe deitar a benção, & acha,que como Simeaõ foi o mais culpado na crueldade,q̃ os

2.Reg. 12.

Chrysost. in ps. 3.

Seneca. de dip.

Ambros in gen.

Abul. in gen.

os irmaons de Ioseph cometerão em o vender, abrangeo a todos os seus filhos aquella culpa, pera se fazer delles tam pouca conta como se não fossẽ homens como os mais. Os Historiadores, que fazem menção dos tempos em que Grecia florecia, dizem, que a rezão del-Rey Lysimaco Reynar taõ pouco tempo foi a que elle cuidaua, que era necessaria pera se conseruar no Reyno, matar seu filho com tanta impiedade, por se recear delle; que mostraua grande alegria de o ter feito, castigando aquem disto tinha sẽtimento: começarão os Capitaens de mais importancia, diz Pausanias, a se passarem a seu inimigo Seleuco, que com muita facilidade o houue as maons eo mandou matar. Deuem os Principes trazer diante dos olhos o risco em que viuião, ou infamia com que morrião os mayores Monarchas, que o mũpo teue, pera se liurarem de taõ grande barranco; & de hum genero de afronta tão indigna de Reys: grande he a que padece a memoria do Emperador Vitelio, tão cruel, que dezia não hauer melhor cheiro, que o de hum cidadão morto, tanto se receaua dos que gouernauão com justiça, & defendião a republica: semelhante a este Caligula indigno do titulo Imperial em dizer, q̃ desejaua tiuessem todos os Romanos hum so pescoço, pera de hum golpe os leuar a todos: mais tiranoq̃ elles foi Nero, a fama o publica, & as obras descobriraõ sua crueldade, quando mais clemencia deuia mostrar, chegou a enuejar a Priamo, chamandoo bem afortunado, por ver perdido, jũtamente o Reyno, & a patria, por cuja defensão se arrisca a vida, & se padecem todos os trabalhos: monstruosidades saõ dos tempos nacidas de corrupção de costumes, como os animais imperfeitos, & bichos, peçonhentos, da corrupção, & podridão dos elementos; que Deos algumas vezes permite pera castigo dos homens, não menos dos que padecem as crueldades, que dos que as executão, mais miseraucis estes: que naõ ha miseria mayor, que a culpa; & como tais costuma Deos fazer nelles ostentação de sua diuina justiça, castigandoos naõ menos no rigor da morte, que na infamia da vida, effeitos do odio, que acquirem com os seus: & porque este se grangea tãbem com a cobiça dos Principes, & excesso de tributos, sera rezão tratar delles:

(?) (?)
(?)

Paus. lib 1.

Bruf. lib 2. cap. 9.

Fulg. lib 9. c. 11

DIS-

DISCVRSO VIII.

A segunda causa do odio dos vassallos he a cobiça do Principe. Tratase do perjuizo dos tributos quando são demasiados.

O COSTVME de se pagarem tributos aos Principes, não so he de direito humano, mas diuino, & Christo o aprouou quando foi perguntado pellos Farizeos: & S. Paulo diz, que lhe saõ deuidos por serem ministros de Deos. O Doutor Angelico S. Thomas, S. Agostinho, S. Ioaõ Chrysostomo, & todos os mais Santos, que falão desta materia os tem por necessarios, & deuidos aos Principes, assi que pouca duuida se pode considerar na obrigação, que os vassallos, tem de os pagarem: porque os gastos da guerra, & dos ministros da justiça com dinheiro se sustentão, & a Magestade Real com os gastos exteriores se autoriza, & com merces feitas aos vassallos se conserua, & para dar he necessario receber primeiro: nem houue em tempo algum, genero de gente taõ liure, que pudesse eximirse de dar algũa parte dos rendimentos de sua fazenda, para a conseruação do bem comum desẽsaõ da republica, & sustentação dos que a defendem de seus inimigos. No principio da republica Romana se fintauam os homens, pagando cada hum certa moeda para os gastos comuns: depois veo Seruio Tullio sexto Rey dos Romanos, & fintou ao pouo todo conforme as fazendas, que tinhaõ, para o q̃ aluidraua, & julgaua avalia, que tinhão: que Tito Liuio julgou por modo mui suaue, & a como dado, assi a necessidade da republica, como a vtilidade dos homens: porque os mais ricos não so lhes faz menos falta o tributo, que pagão, mas tambẽ saõ mais interessados na defensão da republica em que esta ẽ corporada a sua fazenda. Deste genero de tributo vsauão os Gregos, principalmente os Athenienses, como refere Theophilo de que a este proposito faz menção Petro Gregorio. E Dario Longimano Rey dos Persas repartio o Reyno todo em vinte, & quatro prouincias, & conforme a riqueza de cada huã lhe pedio certa cantidade de dinheiro para os negocios publicos. Outros punhão tributos mais largos aos estados, que conquistauão: & desta calidade forão os tributos, que se pagauam a Salamão referidos na Escritura Sagrada. Outros pagauão certa renda dos campos

Math. 22.

Ad Rom. 131

S. Thom. de reg. Princ. l. 3.

August. de verbis Domini serm. 19.

D. Ioan. Chrys. st. in epist. ad Rom hom. 23

Tit. Liuius.

Petrus Greg. Tolos. de rep. li. 3. cap. 4.

Herod. l. 3.

3. Reg. cap. 10. & Paralipom. lib. 5. ca. 9.

pos;que tinhão recebido,como foraõ os Egypcios;que pagauão a quinta parte dos frutos a el Rey,porque lhes tinha dado os campos,& herdades,que possuião, por lhos hauer cõprados por industria de Ioseph naquel la grande fome,que o mesmo Ioseph remediou. E esta, diz S. Thomas,que he a propria ethimologia do nome tributo, o qual se deriua de tribuo, que quer dizer dar,posto q̃ outros entendem,que se deriua de tribus,que eraõ as tres partes do pouo pellas quais se diuidio primeiro o campo Romano: porq̃ os que tinhão estes campos dauão do rendimento algũa parte. Outro genero de tributo pagauão,os q̃ mercadejauão, para defensaõ das armadas,& este tributo chamauão vectigal,q̃ respõde ẽtre nòs á rẽda do Cõsulado. Todos estes tributos eraõ licitos,& cõformes a rezão,& bõ gouerno:porq̃ claro esta ser necessario para a cõseruação da republica,& do Principe,q̃ agouerna,hauer rẽdas,& q̃ estas se tirẽ dos particulares pelo mais suaue meyo,q̃ for possiuel, tẽdo respeito ás necessidades dos que não tiuerẽ de q̃ viuer,& a pouca,ou muita possibilidade dos q̃ houuerẽ de pagar. Outros tributos se poẽ aos estrãgeiros,q̃ por rezão de seus tratos leuão fazẽdas aos portos de outros Reynos,q̃ saõ as rẽdas das alfandegas:& este genero de tributo pelo q̃ toca aos estrãgeiros,he mais justo de todos,porq̃ depende de sua liberdade escolherẽ hũ porto,ou outro,& he rezão q̃ os ganhos,que se tiraõ do Reyno não vão todos pera fora,& fiq̃ algũa parte no mesmo Reyno. Depois se forão ãtroduzindo varios generos de tributos,a q̃ não he possiuel sabermos os nomes porq̃ cada nação,& cada republica paga os tributos q̃ os Principes lhes querem por,algũas vezes cõ causas justas, outras sem vtilidade algũa dos vassallos, mas por respeito de particulares gastos: o q̃ tẽ feito tão odioso este nome tributo, q̃ se asombrão os vassallos de o ouuirem nomear,& cada dia sera peor: porq̃ a riqueza dos Principes não os satisfaz,antes os ẽpobrece,porq̃ lhes acrecẽta a sede a paciẽcia dos vassallos,estimãdo ẽ pouco a vexação,q̃ lhes dão,& a baixeza,que a cobiça consigo tras, tão odiosa a quẽ a sofre, & tão desautorizada,& arriscada a quẽ a tẽ. He de grãde misterio aquella pratica,q̃ o Profeta Samuel fez a Saul,depois de o ter vngido ẽ Rey de Israel,disselhe q̃ ẽcõtraria hũs homẽs os quais leuarião hũs cabritos,& paõ, & vinho,& q̃ lho offereceriaõ, & q̃ elle o aceitaria: quislhe mostrar o modo cõ q̃ se hauia de

Cen. 47

D. Thom. super epist. 13. lect. 1.

Francis. Patri. de Rep. lib. 3. c. 7.

hauer depois de ser Rey, recebendo as offertas dos vassallos, & aquellas dadiuas, que cõ gosto lhe offerecessem, não as violentas, & mais encaminhadas a fartar a cobiça, que aremediar necessidades: porẽ como este vicio se foi disfarçãdo ẽ rezão de estado, arraigouse de maneira nos coraçoens dos Principes, q̃ ja agora se tẽ cõuertido ẽ natureza, & necessidade. Disse auisadamẽte Seneca, q̃ o mayor mal da cobiça he o gosto q̃ dá, porq̃ se descontentara, como os mais vicios depois de cometidos, tiuera mais facil remedio, & hũa cobiça não trouxera outra apos si; & nesta rezão se deue fũdar Aristoteles, quando diz, que não tem termo, porque naõ ha quẽ acabe de satisfazerse. E tẽdo todos os vicios seu limite cõ a idade, so este vemos, que crece, & quanto os annos saõ mais tanto a cobiça he mayor: porq̃ a natureza deseja perpetuarse no que lhe vai faltando, se não he a rezão, que Simonides daua perguntandolhe porque era auarento depois de velho, naõ o sendo antes, por ter experimentado, respondeo o Filosofo, que he mais acertado deixar a inimigos, que hauer mister amigos, que no melhor costumão faltar. Que seja rezão destado nos homens particulares dousdedos de auareza, em quanto não chegar a seruicio, encaminhada a se liurarem de necessidades, muitos o julgarão por acto de prudencia, & tem a desculpa bem fundada na particularidade com que cada hum goza, o que afortuna lhe deu, se se lebrar das necessidades alheas, ainda dos mais chegados em amizade, ou sangue. Porem nos Principes concorrem mui differentes rezoens, porque se o modo de acquirir, & ainda de conseruar não he mui jnstificado, e os tributos se fundão mais em cobiça, que em necessidade, acquirẽ mais odio, que riqueza: porque os vassallos destruidos naõ lhes fica, que dar, & so lhes fica o animo agrauado, & cheio de odio: & quando se perde a sustancia, & fica o agrauo, he o estado mais arriscado a que os Principes podẽ chegar. Dionisio mayor pedia aos Siracusanos certa cantidade de dinheiro, tributo nouo sobre os ordinarios, que ja pagauão, elles o recusauão dar, dizendo, que o naõ tinhaõ hũas vezes com lagrimas, outras com pragas, & depois de ter com elles este requerimento por duas vezes, quis cõ mais força intentallo terceira vez: vẽdo os Siracusanos a determinação do Rey, tomaraõ seu conselho, & se foram a praça passear mui desagastados, dizendo graças, o qual saben-

Seneca epist. 74.

Arist. li. 2. ethic. cap. 7.

Simonides.

Plut. in apoph.

sabendo deste sucesso, & nouo termo mandou aos officiais da cobrança, q̃ parasse cõ ella entẽdendo, q̃ ẽtaõ estaua ẽ mayor perigo, quando os vassallos mostrauão não terẽ, q̃ perder: q̃ hũ cauallo por manso q̃ seja, dezia certo cortesaõ, se he demasiadamẽte apertado, trabalha lançar de si o caualleiro; quasi o mesmo aconteceo a elRey D. Affõso oitauo de Castella, o qual por respeito das muitas guerras, q̃ teue cõ os mouros, se achou falto de dinheiro, & quis por hum limitado tributo, ajuntando para isso Cortes, representandolhes quão importante era cercarse a cidade de Cuenca, & quam facil cousa era pagar cada vassallo 5. marauedis pera obra de tãta consideração. Os nobres q̃ assistião as cortes q̃ erão 3. mil se sairão fora da cidade, & juntos todos mandarão a elRey 2. mẽsageiros dizẽdolhe, q̃ eraõ vassallos mui leais, mas, q̃ não hauião de consentir ẽ tributo algũ, tomou elRey seu cõselho, & desistio da pretensão, naõ fazendo demõstraçaõ algũa de castigo, antes desculpou o excesso pella ocasião, que tinha dado em querer pedir mais do q̃ era rezão. Não está bem aos Principes cõprarẽ interesse com odio q̃ não basta a poder de hũ para o defender da força do outro. Não tem reparo (disse Platão) o odio justificado, & concebido nos animos dos vassallos cõ fundamento na cobiça dos Principes, ẽ q̃ todos tẽ parte: & não ha genero de odio, q̃ mais inquiete os vassallos, q̃ o q̃ se funda ẽ tributos. Não era mui grande o q̃ Chilperico Rey de França, posẽ seu Reyno, q̃ pagasse cada pessoa certa medida de vinho conforme as terras, q̃ tiuesse, foi bastante pera q̃ muitos desãparassẽ as cidades, & largassẽ as fazẽdas, indo perigrinãdo pello mũdo, querendo mais não ter cousa algũa, q̃ sofrer semelhãte tributo. Tão mal sofrerão os Cidadoens de Antiochia o que o Emperador Theodosio lhes quis por, q̃ dos executores enforcarão huns, & prenderão outros; & a hũa estatua de sua molher Placila tiraraõ do seu lugar, & com cordas atadas aos pes a trouxerão arrastando pella cidade, fazendolhe outras muitas afrontas dignas de grande castigo, porem ficarão feitas, que o pouo todo naõ se pode castigar. Deuẽ deseganarse os Reys que não acrecẽta a fazẽda Real este modo de acquirir, ãtes arrisca o credito, & a vida, & o mesmo estado. Sabido he o que aconteceo a elRey Roboão cõtra quem o pouo se leuãtou por occasião de nouos tributos, Abulense diz, que com mui boa consciẽcia lhe negarão a obedien-

Valer. hist. schol lib. 6. ca. 1.

Plato de Rep.

Greg. Turon. lib. 5. hist. Franc, tit. 27.

Nicephorus Calist. lib. 12. hist. Eccles.

Abul. in c. 10. l. 2. paralip. 9. 13. 14 15.

diencia,pois o Reys forão criados pera melhoramẽto dos vassallos,&nãopera destruição sua, & he permissão diuina,q̃ osReinos se acabẽ por rezão dos tributos:pera q̃ os Principes se desenganẽ,q̃ pellos caminhos por onde cuidaõ q̃ se ganhão se vẽ a perder.S.SaluiãoBispo deMarselha,tratando dos tributos do Imperio Romano,diz q̃ forão a causa total da destruição daquelle Imperio tão florente: & he lastima grãde,q̃ o poder Romano tão combatido,& enuejado de todas as naçoens,se sustẽtasse,senhoreando o mũdo,quãdo pobre,& q̃ a cantidade de tributos o derribasse,& pusesse por terra: spectaculo pera os Principes trazerẽ sẽpre diante dos olhos,temendo á vista delle outra semelhante ruina,pois não he possiuel ser mayor o seu poder contra esta causa,q̃ hoie tem a mesma força. He muito pera ponderar,que sendo S.Pedro pescador de rede,& mandãdolhe Christo,q̃ pescasse com ella,& tomando muita cantidade de peixes:quando foi necessario pagar tributo, lhe mandou,que pescasse á cana,& que tirasse hum so peixe,& que nas entranhas lhe acharia a moeda com que hauia de pagar o tributo:para mostrar aos Principes quão violento era este modo de tirar dinheiro, & quam perjudicial aos vassallos, pois lhe saie das entranhas, & que naõ deuia sair de todos,mas somente daquelles,que tiuessem com que pagar,& pella mesma causa indigna de Principes,cuja vtilidade não deue custar o sãgue de seus vassallos.S.Chrysostomo diz,que a rezão porq̃ Dauid não quis beber a agoa da cisterna de Belem, que os soldados lhe trouxerão foi porque entendeo, que aquella agoa se comprara com o risco do sangue dos seus, & não he de Reys gozarẽ de comodidades suas cõpradas com sangue dos vassallos. Nẽ este he o ganho,q̃ os faz ricos,ãtes claramẽte vemos, q̃ quando escapẽ dos perigos,que resultão deste modo de acquirir se achão mais pobres: assi o confessaua o Emperador Constante,o qual depois de lhe soceder mal o roubo,q̃ fizera ẽ Roma,& se achar cada vez mais pobre,se foi a Secilia cõ intẽto de remediar a tal pobreza,acrecẽtou os tributos, & imposiçoẽs,destruio oReynò &no fim de tudo se achòu com mais necessidades,& apertos:& ainda q̃ se pode attribuir a particular castigo de Deos q̃ quer mostrar aos Principes a moderação cõ q̃ deuẽ vsar das fazendas de seus vassallos,não satisfazẽdo cõ ellas a seus gostos,& apetites,mas á defensaõ da republica,

S.Saluianus Episcopus Massiliensis l.6 t.de vero judicio, & prouidentia

D.Chrs

Histor. Pontif.

blica,& administração da Iusti ça. Tambem se pode cuidar, q̃ nace de causas naturais o ruim sucesso dos tributos, que se os roubos nunca enriqueceram, muito menos os que se fazem com capa de justiça. Nem as o uelhas depois de esfoladas podem acodir mais com lam. Esta rezão daua o Emperador Tiberio escreuendo com muita paixão, a Emilio Recto Gouernador do Egypto, & reprendendoo de carregar com nouos tributos aquelle Reyno lhe dezia que queria trusquiar suas ouelhas,& não esfolarlhes as pelles porque desta maneira ficauão impossibilitadas a acodir com mais interesse. Foi prudente a reposta, que Alexandre Magno deu a certos arbitrios, que se lhe offerecerão para tirar grande cantidade de dinheiro: que sempre aborrecera os hortelaens amigos de arrancar a hortaliça a conta de mais interesse, podendoa cortar, & deixarlhe as raizes, pera crecerem,& darem mais proueito. Quando a necessidade obrigar aos Principes a porem tributos, tres consideraçoens deuem presupor, a primeira he, que nelles naõ entrem os pobres, porque acrecẽtar as necessidades,& ser participãte do suor dos homẽs, pondo tributo no q̃ ganhão cõ seu trabalho,& hão mister pera viuer, he cousa cõtra toda a lei de rezão, de cõsciencia,& de bom gouerno. Doctrina he verdadeira dos Theologos, seguida de S. Thomas,& outros, q̃ a costa q̃ Deos tirou a Adaõ para formar a Eua a tinha dada de mais ao mesmo Adão, porque como hauia de ser Principe do mundo haõ lhe quis dar exemplo e a seus sucessores para pidirem a seus vassallos oque lhes fosse necessario, mas oque lhes sobejase vsando com elles o termo que o mesmo Deos cõ elle tinha vsado. A segũda he q̃ ainda nos ricos não seja a carga desproporcionada porq̃ por aos vassallos mayor carga do q̃ suas forças permitem, não so encontra ao bom gouerno, mas prouoca a ira diuina, q̃ sempre sofreo mal, não respeitarem os homens as forças para com ellas igualatẽ o trabalho: em rezão disto mãdaua Deos q̃ o jugo se naõ pusesse jũtamẽte ao boi,& jumẽto porq̃ sẽdo desiguais as forças, & o trabalho igual, acabaria o mais fraco. Hase de ter respeito a possibilidade, & necessidade, porẽ vejo q̃ se costuma o cõtrario, porq̃ os q̃ menos tẽ, saõ osq̃ mais pagão para todo genero de finta,& os mais ricos cõ seus priuilegios,& poder se izentão. Pera fugir deste inconueniente costumauão os Romanos ter thesouros publicos em que lan-

Dion. Nicæus in vita Tiber.

Plut. in Regum, & imperatorum apoph.

lançauão o dinheiro,que o pouo pagaua,& este se gastaua na sustentação dos exercitos, & no apresto das armadas, & se o tesouro se acabaua,se tornaua a sintar o pouo pello mais suaue meyo:& nestes casos com muita rezão se podia pedir dinheiro ao pouo,pois se empregaua em defensaõ da republica, & vtilidade do bem comum. A terceira consideração, que os Principes deuem ter he que primeiro moderem os gastos particulares de sua casa, & ainda os publicos,que se puderem escusar:porque se esgotarem os thesouros em demasias, pouca escusa teraõ em os quererem restaurar a custa dos vassallos. Tratando Suetonio de alguns Emperadores,como Calligula, Nero,Vespasiano,& Domiciano,diz,que depois de esgotarẽ em superfluidades os thesouros que se tinhão junto com os tributos dos vassallos,vieraõ a tãta pobreza, que com capa de necessidade,& com achaque de terem exaustos seus thesouros, & rendas, roubauão os vassallos:& neste caso não he boa desculpa dizer,que não tem cõ que acodir a defensão de seus estados,se gastaõ superfluamente o que os vassallos para esse effeito lhes daõ,com que seus antecessores viuião,& se defendiaõ. Eltejão certos os Principes,que resultará em sua propria ruina os tributos,que desnecessariamente puserem a seus vassallos,querendo com elles satisfazer mais ao apetite de ajuntar, que a necessidade de se defender. Mostrou Deos isto a elRey Eduardo de Inglaterra,o qual mandando trazer diante de si hũa grande copia de dinheiro,que os executores dos tributos lhetinhão trazido, vio hum diabo,que estaua brincando com o tal dinheiro,de q̃ o Rey espantado,& arrependido o mandou leuar, & que se restituisse ao pouo.Peor aconteceo a Acheo Rey de Lidia a quem o pouo enforcou com os pés para cima por querer por nouos tributos.Considerem bẽ os conselheiros os fundamentos,que tem para aconselharẽ os Principes,que peção imperatiuamẽe o que lhes não haõ de negar,& não se persuadaõ, que vem touros de palanque, &que nem os tributos lhes hão de chegar,nem os encargos delles,que o odio de hum pouo comete o que nunca se imaginou.Bastou o conselho,queProcleres deu a elRey Theodoberto,que pusesse certo tributo,pera o pouo se leuantar contra elle apedrejandoo,sem o Rey lhe poder valer:nem se deuem desculpar com costume, que a violencia naõ da posse, tendo por

Polidor. Virg.li. 8.hist. Anglid.

Petro Gregor. Tol.li. 3. cap.9.

Petro Creg.ibidem.

por aduertencia mais necessaria, que não seruem aos Principes em lhe darem cõselhos mais fundados em crueldade, que em rezão, & piedade, nem estes saõ os meios com que a felicidade da Republica, & do Principe se grangea: porque ainda em rezão de proueito se deue ter muito respeito a fazenda dos vassallos pellos interesses, que della resultão aos Principes. Conselho que Platão daua a Dionisio Tirano que não cuidasse podia vir a ser mais rico com os tributos, que pusesse a seus vassallos, porque não podia ter melhor thesouro, que vassallos ricos, nem mayor pobreza, que ser Rey de homens pobres, & descontentes.

DISCVRSO IX.

Tratase da clemencia, & da necessidade, que os Principes della tem.

EM respeito do amor dos vassallos tratei da brandura meyo muy proporcionado para o grangear, não me despedi cõ tudo de tratar da clemencia, virtude mais real. Exercitase a brandura conforme S. Thomas em hum trato, & comunicação igual, a clemencia em hum animo mais superior, porem inclinado a compaixão, & perdaõ de crimes: Salamão a tem por tão necessaria aos Principes, q̃ a faz fundamento em que se firma, & sustenta o trono Real, q̃ sem ella se não podera conseruar, & permanecer; esta he a rezão diz, S. Gregorio que Deos nosso Senhor tinha pera mandar vngir os Reys aplicãdolhes na vnção do oleo, simbolo da clemencia o remedio mais proporcionado a sua conseruação: he verdade, que a justiça, & obseruancia della foi a que creou os Reys, porem se esta he executada com rigor não se chama justiça, mas crueldade, pois as mesmas leis, que mandão castigar crimes, dizem que he melhor exceder em clemencia, q̃ em rigor, ainda em rezão de bõ gouerno: porque o castigo rigoroso costuma muitas vezes endurecer o animo de quem o recebe, & não emmendar o vicio: & a clemencia tambem serue de castigar, & mais asperamente a hum culpado, principalmẽte se tem honra para conhecer & sentir seu erro, que ainda q̃ este seja o mayor, que se pode imaginar, tem seu genero de castigo na clemencia. O crime a que as leys dão mais rigurosa pena he a de lesę Magestatis, & com tudo se tem por diuersas vezes visto, que mais fogem os

D. Thom de reg. Princ.

Greg. in moral.

os culpados do perdão que do castigo. Quando Alexandre Magno foi auisado da traição de Dimno,& outros que o pretendiaõ matar,o mandou chamar,& entendendo Dimno, q̃ era descuberta sua traição,determinou matarse com sua propia espada,antes que aparecer diante de Alexandre, & porque não morreo da ferida foi leuado a Alexandre,o qual lhe perguntou,que mal tinha recebido delle,ou porque má obra o queria matár:tal foi a confusão de Dimno,que supitamẽte morreo, podendo mais a vista de seu crime cometido contra hũ Principe taõ clemente,& benigno como Alexandre, que o golpe de sua espada.Aconteceo o mesmo nos estados de Flandes quando o Emperador Carlos se ocupaua em aquietar a rebelião daquelles pouos. Hum Conde traidor se deu por tam afrontado de ver a elemencia com que o Emperador a todos os rebeldes perdoaua, sabendo que auia de parecer diante delle,que se matou as punhaladas receando a confusaõ,& vergonha de ser julgado por traidor a hum Principe taõ conhecido por benigno.He particularidade da clemencia engrandecer aquem a exercita, & enuergonhar a quem a recebe por ocasiaõ de crimes.Nenhum Principe podè ter mayor excellencia, nem virtude,que mais honra, & autoridade lhe dè que saber vsar de lanços, que o acreditẽ de clemente,nem hum traidor mayor afronta, que executar sua traição contra hum Principe piadoso,& benigno.Rogando o graõ Turco Solimão a Ioaõ Sepucio Rey de Vngria,que recebesse em sua graça o Perimpetro,& a Paulo Arcebispo de Estrigonia,& lhe perdoasse as injurias passadas,lhe respondeo elRey,que erão traidores, & q̃ podião tornar aos mesmos crimes:& que mayor castigo podem elles receber(respondeo o Turco)que serem julgados por ingratos á clemencia que seu Rey vsar com elles. Pera pessoas de brio naõ ha tormento mais cruel que a afronta nacida de crimes conuencidos, & perdoados: & pera Principes magnanimos, & generosos naõ ha cousa de mayor gosto,& mais,honrada,que perdoar os mais graues crimes, principalmente os que se cometem contra sua pessoa,tendo por mais certa a emmenda no perdão que no castigo:porem requere grande brio,& entendimento saber vsar desta virtude, & por isso vemos que a clemencia de Deos só se acha em seu diuino peito onde ha sabedoria,& poder infinito. Tertuliano teue por bastan

Carolca.

Tertul.l. de pacie tia.

bastante argumento para os Iudeos conhecerem a Christo por Messias, verem o que padecia, & o que perdoaua, que em peito humano não ha capacidade em que caiba tanto sofrimẽto: & prezase Deos tanto desta excellencia, que antes quer arriscar a opinião de Deos, & sofrer, que os ignorantes duuidẽ de sua prouidencia, & poder diuino, que de sua bondade, & clemencia, sofrendo, & perdoando todos os instantes milhares de culpas. Bem se proua este pẽsamento com a paciencia, que o mesmo Senhor teue em quãto Saul Reinou, sofrendolhe as persiguiçoens, que fazia a hum Rey nomeado por elle, & vngido por seu mandado, & que em resolução auia de ser Rey de Israel, & o mais honrado, & poderoso de todos, porem muitos annos ausente, escondido, & perseguido de Saul, que entendia auer de perualecer com os effeitos de sua inueja contra a vontade, & ordem de Deos: & sendo isto hum peccado, que direitamente, encontraua a Omnipotencia diuina, que defendia, & amparaua a Dauid, & o auia de meter de posse do Reyno, sofre Deos a Saul muitos annos: & quando lhe mandou, que pusesse a ferro toda a cousa viua, que tomasse na guerra dos Amalechitas, por Saul se auer com algũa brandura em dar vida ao gado melhor, o mandou sentenciar a morte: para lhe mostrar que não sentira tanto a descortesia de repugnar a seu poder, pois adissimulara tantos annos, como o pensamento de cuidar que andara mais piadoso ẽ deixar a vida aquem elle a mandaua tirar. Acodio Deos a defensaõ de sua clemencia, monstrandose esquecido de seu poder, o que ainda experimentamos cada dia em nos mesmos, peruale tendo a clemencia diuina contra a malicia com que desprezamo a ley eterna stabalecida pela Omnipotencia do mesmo Deos a cuja conta está o castigo dos transgressores, & quanto maiores sam nossos crimes tãto mais se manifesta a piedade, & clemencia de Deos em os sofrer, sendo o castigo (quãdo chega) taõ suaue, que sendo nòs proprios os juizes, nos não puderamos castigar mais fauorauelmẽte. He muito para notar, que a primeira vez que Deos deu ley a Moyses a escreueo com sua propria mão, porem quebrou Moyses as taboas, quando viu os peccados do pouo, de sentimento, & paixão da idolatria, q̃ cometiaõ, ou porque Moyses como querem alguns, olhando para as taboas ao pè do monte as vio sem Escritura algũa, castigando Deos taõ grandes peccados

dos com lhe tornar a tirar a ley: que sendo esta (como diz Philo) a mayor merce que Deos fez aos Iudeos, castigo era grande tirarlha, porem quãdo a deu a segunda vez não a escreueo o mesmo Deos com seu dedo, mas disse a Moyses, que elle a escreuesse: porque não entendessem os homens, que eraõ os preceitos de calidade, que requeriam hum espirito diuino para os guardar, & que os castigos erão insoportaueis, & os encargos insofriueis, & contra as forças naturais, mas que eraõ taõ suaues, & brandos que os fazia com o mesmo Moyses, que os auia de executar em si, & cõprir com mais pontualidade, q̃ todos: porque tais são os rigores com que Deos nos trata, q̃ tem mais de clemencia, & misericordia, que de castigo: & ainda pudera estenderme mais neste pensamento affirmando, que mais benignamente nos trata Deos do que nos tratamos nossos proprios irmaõs: porque me lembra, que nem de Moyses sẽdo o mais benigno Principe, q̃ houue, fiou Deos castigar a Farao com poder absoluto, limitoulhe o mesmo Deos os generos de castigos, que auiade dar, porque não excedesse nelles. E se bem considerarmos o modo que Christo Senhor Nosso teue em fazer a S. Pedro Principe de sua Igreja, veremos, que so lhe deu poder com que pudesse fazer bem, porque lhe entregou as chaues do paraiso, não as do inferno: & para mais nos certificar nisto, diz S. Ioaõ no apocalypse, que Deos era oq̃ tinha consigo as chaues do inferno, não fiando dos homens que castigassem com tanta clemencia, como elle o ha de fazer; não espero tanto dos Principes pois não saõ Omnipotentes, para menearem o perdaõ de sorte, que conforme com as regras de bom gouerno, so Deos tem cabedal pera sustentar o mundo perdoando, & dessimulando a todos, porem quando seja necessario auer castigos exemplares, & demasiadamente rigurosos, sejão estes muyraros, que os poucos acreditão a Iustiça, & os muitos imfamaõ de cruel, aquem os permite. Aquelle notauel castigo que Deos deu a molher de Loth pella desobediencia, que cometeo em olhar para as cidades infames quando se abrasauão, contra o que Deos lhe tinha mandado, ficou perpetuado na estatua de sal, em que se conuerteo, & sendo o sal de natureza que a agoa o podia derreter mui facilmente, quis Deos que se conseruasse muitos milhares de annos, porque conforme escreue Iosepho ainda em seu tempo duraua,

Philo in antiquit Belliæ.

Abul. q 29. in c 32. exod.

Iosephus de antiquitatibus.

duraua, que era em vida do Emperador Vespasiano, mil, & nouecentos, & nouenta, & tres annos depois deste sucesso: pera mostrar aos homens como notou o Glorioso S. Isidoro que naõ quer Deos vsar cada dia de castigo semelhante, mas que com hum so quer escaramentar muitas idades, que este deue ser o intento dos castigos, que tem semelhança de crueldade, & com esta limitação se deuem executar: que se o perdão demasiado he perjudicial, o castigo, que tiuer o mesmo excesso como pode ser bom. Trabalhem os Principes por imitar este attributo de Deos nas cousas em que a Iustiça não perigar, que não erraraõ se mais se inclinarem a clemencia: quãdo seja forçado cortar pello saõ & derramar sangue seja com dificuldade, & naõ com gosto, obrigados da necessidade, não da condição. Theodoreto notou o pesar, que Deos quis mostrar de castigar o mundo com hum diluuio taõ cruel, & quanto primeiro trabalhou por auisar os homens, mandando fazer a arca por tempo de quarenta annos pera, que no discurso delles se emmendassem, & arrependessem de suas culpas, he lanço de Deos castigar com dificuldade, & vagar, & fazer merce cõ pressa. A Esposa Sagrada o pinta na

Isidorus.

primeira vinda a remir os homens saltando montes, & outeiros, & o Rey Propheta o compara a hũ caminheiro não dos ordinarios mas gigante, & differente nas passadas dos mais homens, que so pera padecer quis ser homem, pera se apressar em nosso remedio mais, que homẽ. Que honrada cousa he a hum Principe, & Monarcha lembrar se, que se tem algũa consideração de si, que he mais, que homem, o deue mostrar em fazer bem, em ajudar os pobres, fauorecer as viuuas, amparar os miseraueis, que so nestes effeitos de clemencia sera muy superior aos mais homens, & porque esta virtude tem algũa semelhãça quando lhe faltar o leme da prudencia com a pusilanimidade, & froxidão, sera necessario aduirtir da limitação, & casos em que a deue vsar.

DISCVRSO X.

Limitaçaõ, com que o Principe deue de exercitar a virtude da clemencia.

NAõ consiste a clemencia em perdoar geralmente a todos, antes he specie de crueldade, como o disse Seneca, a qual a deuide em dous gene-

Seneca. de clemẽtia ad ros Neronẽ.

ros,hum he o excesso no castigo,outro a falta na execução da Iustiça quando conuem:porque tanta crueldade he perdoar aos mal feitores,como castigar os innocentes,hum he acto de injustiça,de outro nacem infinitas injustiças:que da clemẽcia imprudente,& commua a todos tomão licença os criminosos,& mal feitores para a seu saluo executarem seu rigor,& ma inclinação contra os justos, & innocentes:& assi como he acto de virtude perdoar a culpa,que nace de fraqueza,assi he vicio ser clemente com os crueis,quando o perjuizo dos offẽdidos esta de pormeyo,& o exẽplo do perdão pode facilitar outros a peccarem.Não perdoou Dauid sendo tão clemente em outras muitas occasioens aos dous traidores, que matarão a Isboseth, vindo com grande aluorozo pedirlhe aluiçaras de lhe terem morto hum inimigo,era traição,& crueldade cometida contra seu proprio Senhor,não quis Dauid que ficasse sem castigo.Platão disse, que não menos perjudicial era a brandura culpauel,que a cruel dade sem rezão naõ somente ẽ respeito da Iustiça,mas do bom gouerno,que a brandura empregada em quem a não merece he froxidão,vicio desauthorizado, cujos effeitos não saõ menos efficazes pera destruirẽ hũa republica,& estado que os que resultão da crueldade.Se o Imperio Romano se acabou na de Nero:a Monarchia dos Assirios teue fim na brandura de Sardanapalo.E esta he a rezão porque o Propheta Isaias quando aponta os castigos que Deos daria aos Iudeos por seus peccados,diz,que teriaõ superiores affeminados : & quando aponta os castigos,que tirião os Egypcios,diz,que serião gouernados por Rey forte;porque tãto mal he muita crueldade como muita brandura , pelloque requere grande prudencia saber conhecer as occasioens em que o castigo,ou perdão se deue executar.Aristoteles dizia a Alexandre Magno,que sò Deos podia fazer este officio com perfeiçaõ pella noticia, que tẽ das inclinaçoens,& pensamentos dos homens,em que a natureza pos tanto segredo: porque acontecerá vsar o Principe hũ lanço de clemencia com hum traidor,& tomar delle ocasiaõ pera ser peor:aconteceo isto,como refere Seneca, a Lucio Cinna aquem Octauio de inimigo quis fazer amigo,& recebẽdoo em sua graça o hõrou com cargos,& officios muy authorizados,o que daqui resultou,& o agradecimento,que Lucio Cinna lhe deu,foi fazerlhe traição

Plat.de legibus.

Isai. 3.

Isai. 19

Plut.

Seneca de Clem.

que

que a não saber della Octauio, antes de se executar, acabara a vida, por occasião da piedade, e clemencia com que quis tratar quem o não merecia. O comedimento que os Senadores Carthaginenses tiuerão com Aanõ pessoa poderosa, & rica em Carthago, perdoandolhe a traição, que lhes intentou fazer, & dissimulando hum tão graue crime como era quererse fazer Senhor de Carthago, & matallos em hũa cea, foi causa pera intẽtar segũda traição, ajũtãdo os catiuos da cidade q̃ erão ẽ grãde numero, pera o ajudarẽ ẽ seu pẽsamẽto, postoq̃ foi descuberto, & pagou per justiça o esquecimento q̃ teue da clemẽcia que cõ elle se vsou no primeiro crime. Muy arriscado esteue elRey Artaxerxes, depois q̃ perdoou a seu irmão Cyro a traição, que contra sua pessoa cometeo, porque vsando mal do perdão se leuãtou cõtra elle, ajũtando gẽte, & fazẽdolhe guerra, mas acabou nella, q̃ este fim tẽ todos os q̃ vsaõ mal da clemẽcia Real. Se o Principe quer cõ menos risco exercitar a virtude da clemencia fuja de dous despenhadeiros, q̃ nella ha, saõ estes injustiça, q̃ pode seruir de exẽplo, & de dar occasião a nouos crimes, & outro he, o perigo euidente da pessoa Real. O verdadeiro obiecto da clemencia he o crime cometido por ignorãcia, & fraqueza. Perdoou Pisistrato Rey tirano de Atenas a hũs mãcebos, q̃ tinhão feito certa descortesia a Rainha sua molher, falãdolhe algũas liberdades, ẽtendeo q̃ fora crime nacido de ignorãcia, & liuiãdade, vicio muy ordinario nos mãcebos, cõ hũa reprẽsaõ se contentou por castigo, merecendo outro muy differente: porẽ os Reys tem grande bojo, & o q̃ hũ particular auia de castigar cõ grãde paixão por ser agrauo feito a molher dissimula, & perdoa hũ Rey. Augusto Cesar não quis castigar a Diomedes escrauo seu pella descortesia q̃ cometeo em se esconder, & o deixar a furia de hum porco montes mui feroz, q̃ se soltara de hũa casa em que estaua preso, arremetendo ao Emperador, ẽtendeo q̃ era crime nacido de fraqueza de animo, ẽ q̃ a clemencia tinha lugar. Sabendo Pyrro q̃ certos soldados seus tinhaõdito algũas palauras cõtra sua pessoa, mãdou os chamar, & pergũtoulhes se era assi, & q̃ rezão tiuerão pera por a boca na pessoa Real, ao q̃ elles respõderão que muito mais derião, se o vinho lhes durasse mais tẽpo no estamago, cõ oq̃ Pyrro se rio, não fazẽdo caso do que tinhão dito, era crime em que o perdão tinha muito lugar. Fauorecer, & hon-

Valer. Max. l. 5. ca. 1.

honrar os miseraueis se julgou sempre pello melhor lanço de clemẽcia mais seguro,& honrado,porque o pouco que valem segura os Principes de se lhes atreuerẽ,& acrecẽtaõ valor a obra,tirãdolhe as circũstãcias,& respeitos,q̃ a podião desauthorizar.Dauid pos a sua mesa hum moço mãco não se desprezãdo disso,antes lhe pareceo, diz S. Chrysostomo,q̃ nũca mais hõrada estiuera a mesa. E a mesma rezaõ ha pera cõ os mortos se vsarẽ todos os lanços de clemẽcia,& ainda de cortesia, assi o fizerão mui prudentes Principes,porque entenderaõ que o contrario era mais significação de ignorãciá que argumento de valor.ElRey Iehu de Israel destruio a casa delRey Achab,& mandou despenhar de hũa torre a Gezabel sua mo-
4.Reg. 9. lher,porẽdepois de morta a mãdou enterrar mui hõradamẽte. Tambem foi louuado o Emperador Claudio por se naõ vingar de Aurelio Tirano, nẽ lhe mostrou ma vontade depois de morto por lhe ter vsurpado o titulo Imperial,antes lhe mandou fazer hũa sumptuosa sepultura com versos em seu louuor. Sendo morto hum grande inimigo delRey Dario,& trazendolhe os soldados a cabeça cõ grande aluorozo, entendendo que para medo dos mais a mandaria por em algum muro, ou fazer outra semelhante ostentaçaõ de rigor, elle a mandou lauar mui bem do sangue,ordenando,que fosse sepultada mui honradamente com o que,ainda que não acrecentou medo, grangeou amor nos seus, meio mais efficaz pera com felicidade os gouernar. Mais fez elRey Dauid como taõ seme- 2.Reg.
lhante a condiçaõ de Deos em 2.
quem a clemencia esta em sua perfeiçaõ,naõ so se naõ alegrou com a morte de seu inimigo Saul,mas fez excessos de sentimẽto,como se lhe morresse o mayor amigo seu:ja eu me persuadi a que Dauid sentira a morte de Saul pella occasião, que lhe faltaua de ter trabalhos,afrontas,& perseguiçoens, em que imitaua ao Deos feito homem que elle tantas vezes profetizou trazer as suas costas os peccados dos homens, pera por elles sofrer,& padecer, trabalhos infinitos,porem naõ leuantando tanto o pensamento as rezoens do espirito,mas temporais,& politicas, naõ em quanto Santo,mas em quanto Rey acharemos bastante fundamento pera celebrar com toda a demonstraçaõ de tristeza as obsequias de hum Rey morto, ainda q̃ inimigo.Alcioneo filhode Antigono quando vio a Pyrro morto leuou a cabeça a seu

Chrisost. hom. de Dauid. & Saul

pay

pay cuidando que nisto o agradaua muito, porẽ o prudẽte Rey não so mostrou não festejar o sucesso, ãtes deu no filho cõ hũ pao muitas pãcadas, & cobrindo a cabeça do Rey morto, começou a chorar a morte de hũ tão grãde Capitão, dando ordẽ a q̃ se lhe fizessẽ as obsequias, q̃ naquelle tẽpo se costumauaõ fazer aos Principes. He hũ genero de clemẽcia mui ajustado cõ a rezão, & liure de todo o receo a hõra, q̃ se faz aos mortos ẽ q̃ os Principes mostrão naõ so valor de animo, mas piedade Christã. Em hũa grande batalha q̃ o Cõde Fernão Gõçaluez de Castella teue cõ o Cõde de Tolosa ficou vencido, & morto o de Tolosa, & presos muitos dos seus, porẽ o Cõde Fernão Gõçaluez os mãdou soltar a todos, entregãdolhes o corpo do Cõde de Tolosa ẽ hũ ataude cuberto de brocado, & quinhentas tochas de cera, & muito dinheiro pera o sepultarẽ cõ toda a hõra possiuel, cõ o q̃ acrecẽtou à opinião, q̃ de seu valor se tinha: q̃ obras semelhãtes tãto ẽgrãdecẽ hũ Capitão como as vitorias. Executar crueldades cõ os mortos mais se deue ter por effeito de pusilanimidade, q̃ de valẽtia. Auisada resposta foi a de Pausanias Capitão Grego depois de hũa grãde vitoria q̃ ouue cõtra o exercito de Xerxes, de q̃ era Capitão Mardonio, q̃ na bãtalha morrera, a cõselhauãlhe que mãdasse fazer delle grãdes justiças respõdeo, q̃ não era valente cõ mortos, q̃ sepultassẽ o corpo de Mardonio cõ toda a decẽcia possiuel. He igualmẽte hõrado, & seguro o perdão cujo effeito não pode passar da fazẽda que não ha acçoens menos perjudiciais, q̃ aquellas, q̃ se executão cõtra o interesse, nẽ mais baratas, q̃, as q̃ se cõprão cõ dinheiro: q̃ se o receber, cõforme, diz Seneca, he a traça, & ferrugẽ, q̃ consume todo o bõ gouerno, o largar, & perdoar aquem mais não pode, he hũ genero de clemencia, q̃ acredita ao Principe, & sustenta os vassallos sẽ risco de hũ, & ẽ proueito dos outros, & estas são as ocasioens, de que o Principe deue lãçar maõ pera muito a seu saluo exercitar a clemencia, virtude tão propria de Reys, & tão necessaria ao amor, & respeito cõ que deue ser tratado dos seus vassallos.

Valer. hist. scol.

Seneca de benef.

DISCVRSO XI.

Tratase da prudencia, da necessidade, que della ha no gouerno politico & de suas species.

PVDERA escusar tratar da necessidade q̃ o gouerno Politico tẽ de prudencia po

is he quasi primeiro principio, sabido ainda dos q̃ menos entẽ dẽ: porẽ vejo, q̃ naõ basta saber-se quãto val pera se estimar, & sendo os paços reais sua propia morada pela mayor importancia, q̃ nelles ha desta virtude, à hi se faz della menos caso: & chegão muitas vezes os Principes a tãto esquecimẽto do q̃ lhes cõuẽ, q̃ entregaõ o gouerno em respeito de seu gosto, q̃ se ẽprega nos q̃ menos della tẽ: porq̃ ha estamagos tão ẽfermos, q̃ gostaõ dos peores mantimẽtos, & Principes de taõ roim gosto q̃ fazẽ cabedal dos mais ignorantes por vẽtura q̃ ẽganãdose pello pouco conhecimento daspessoas, q̃ quanto a my esta deue ser a ocasião de andar a ignorãcia tão autorizada, & taõ acanhada a prudẽcia: porq̃ parece impossiuel, desestimar hũ Principe a mais necessaria cousa ao officio, q̃ tẽ, & a mais respeitada & venerada de todos os Monarchas, & Principes do mũdo. El Rey Manasses se prezaua tãto de prudẽte, q̃ se fez retratar cõ sinco rostos a imitaçaõ de Iano q̃ o pintauão com dous, por sua muita prudencia; & elRey Dõ Affonso o sabio dizia, q̃ se o saber se vẽdera, elle fora o maispobre homẽ do mũdo, porq̃ tudo dera por elle: porẽ algũa discul pa tẽ os Principes ẽ se enganarẽ, porq̃ a afeição sabe dar mui boas cores áquelles de q̃ gosta, & saõ ellas tão naturaes, q̃ por mais ignorãte sera julgado quẽ se quiser atreuer a mostrar averdade, q̃ ate nos pulpitos, & nos liuros se diz cõ receo. Mas peraq̃ este pouco conhecimento, ou ẽgano q̃ nos Principes ha ẽ respeito das pessoas, causa das desordens, q̃ procedẽ da ignorãcia estimada, possa ter remedio (se se da caso q̃ o aja) mostrarei a necessidade, q̃ desta virtude tẽ para se gouerauẽ asi, & aos seus, & logo a diuidirei ẽ suas partes, peraq̃ mais distintamẽte possaõ conhecer suas circũstancias & assi aos vassallos, q̃ mais, ou menos tẽ de prudẽcia. Entre as felicidades da vida humana sobre q̃ os antigos Philosophos tão variamẽte altercarão, querẽdo cada hũ q̃ aquella fosse a escolhida, q̃ mais cõformaua cõ o seu gosto, teue melhor lugar a prudẽcia por parecer dos que mais se gouernauão por rezão: Seneca proua isto ẽ hũa carta sua cõ hũ argumẽto mui verdadeiro, cuja cõclusaõ he q̃ a prudencia tras apos si todas as virtudes, q̃ fazẽ hũ homẽ felice, & todas as que seruẽ para o bom gouerno, & felicidade da republica: que não ha cousa por mais difficil que seja que o prudente não alcançe: tem a sua conta (diz Seneca) saber ainda o que está por vir, que os

Seneca epist. 86.

Panorm de rebus gestis Alphons

os sucessos quando não depẽdẽ de causas sobrenaturaes podẽ a talharse,& mui poucos saõ os q̃ no gouerno da republica se não possaõ remedear,& preuenir,ainda q̃ tragão o furor dos mais poderosos exercitos,cõ o freio da prudẽcia.E ẽ rezão disto foi tão celebrado aquelle dito de Eurip ides,q̃hũ so cõselho basta pera destruir mui grãdes exercitos. Assi como o vigor, & despo siçaõ de todos os mẽbrosdo corpo diz Philoludeo dependẽ da saude,assi a cõsonãcia,& armonia da republica da prudẽcia,õ de ella falta,tudo são desordẽs, & descõcertos, difficultosos de remediar por outra via. Se lançarmos os olhos as mudãças q̃ houue nas mais prosperas Monarchias,de q̃ agora não ha mais q̃ memoria,acharemos,q̃não foi a causa violẽcia algũa, mas desordẽs nacidas de imprudencia,ou mal remediãdas por descuido:queixa repetida ẽ diuersos lugares destes discursos, & de todos os q̃ tiuerão verdadeira noticia da rezãodestado,por q̃ so a prudẽcia tẽ cabedal bastãte pera gouernar cõ felicida de toda a Monarchia humana, & sẽ seu fauor,& ajuda as cidades mais cercadas de muros, & & as fortalezas mais petrechadas,&inexpugnaueis saõ demui pouca resistencia,& a experiencia nos tẽ mostrado, ainda mal porq̃ tãtas vezes,quão grãde he a força da imprudẽcia pera descõpor as mais ordenadas respublicas,& arrasar os mais prosperos estados.Escãdilizado estaua Roboão da imprudẽcia cõ q̃ se tinha auido com seus vassallos, causa de se lhe rebelarẽ, & lhe negarẽ a obediẽcia,ficãdo somẽte cõ 2.tribus de 12.q̃ erão,peloq̃ determinou dispor suas cousas de maneira,q̃ não perdesse ẽ sua descẽdẽcia os vassallos q̃ tinha,pois ja erão taõ poucos, & pera isto não achou melhor remedio q̃ escolher para sucessor de seu Reyno o filho mais prudẽte,ainda q̃ na idade não fosse o primeiro,ẽtẽdẽdo q̃ mais lhe cõuinha seguir a rezão destado de se cõseruar,q̃ ajustiça de dar o Reyno ao mais velho na idade,& assi nomeou Abias filho seu,& de Maacha filha de Absalão por mais ẽtẽdido entre todos:foi lãço nacido do q̃ lhe tinha custado seguir o conselho de gẽte,q̃ se gouernaua por gosto não por rezão, & prudẽcia. Peraq̃ reineis eternamẽte (diz Salamão)falãdo cõ osPrincipes sede affeiçoados a sabedoria, porq̃ nella consiste a conseruação,& perpetuidade das Monarchias . Aquelle prudente Rey dos Lacedemonios Lycurgo, depois que ordenou as cousas da sua Republica pelo melhor modo q̃ pode, & cõ as

Stob.serm.de prudẽtia

Phil.Iudeo

as leys mais justas, & acertadas que ate então se, podiaõ desejar que ainda hoie seruem ás mais politicas respublicas, disse que importariam pouco as tais leys se não fossem meneadas cõ a prudẽcia dos q̃ tẽ a seu cargo o gouerno da republica. Não esta o negoceo na sustancia das leis, que ordinariamente saõ justas, & santas, mas no cabedal de quem as ha de menear: & se as mesmas leys não tem força sem o fauor da prudencia: quãdo a ignorancia Reynar, de maneira, que nem das leis se faza caso, em que parará o gouerno, & ajustiça. A duuida, que mais pode dar, que fazer aquem considerar a necessidade, que o gouerno politico tem desta virtude, he ver, que há respublicas, & estados, que se sustentaõ, & conseruão não só per resoluçoens, que a caso forão encontradas ao que conuinha, mas por ministros em quem o erro he natural, & o acertar accidente, & com tudo não vemos, que de todo caem, ou arruinaõ. Compara Plutarcho a republica a hum nauio, que indo nauegando por esses mares foi a viagem mais larga, faltarão os mantimẽtos, ou sobreueyo algũa enfermidade contagiosa acabarão os marinheiros, & os que tinhão a sua conta o gouerno do nauio, mas nem por isso no mesmo instante se rompe, & desfaz, antes vai fazendo sua viagem, não pelos caminhos, que conuem, mas por onde a fortuna o vay leuando ate o desastrado fim de sua perdição, liurandose por algum tempo da furia das ondas, não em virtude dos Pilotos, & marinheiros, mas da ordem, & concerto com que aquella fabrica no principio se aparelhou de sorte, que pudesse fazer viagem, & resistir as agoas, & tempestades: nas respublicas em q̃ virmos faltar o leme da prudẽcia, não temos que esperar perpetuidade, & felicidade que seja de dura, & quando por algũ tempo as virmos conseruar naõ he em respeito dos que gouernaõ, mas em rezão da ordem com que no principio se foraõ dispondo as cousas de modo q̃ podem ir durando em quanto a sorte as naõ acaba de precipitar, ou a virtude, & vigor do seu principio se não consume: como a roda, comparação de que Aristoteles vsa, que por algum tempo vai dando suas voltas, não porque actualmente esteja nella a força da maõ, que a fez andar mas por durar ainda a virtude dessa força, que emquãto dura, se pode ir meneando com tanta velocidade como se ainda ouuesse quem a estiuesse gouernando. Naõ se fiem os Principes de verem a republi-

Plut. in mor.

Arist. Phis.

ca

ca conseruarse com ministros de menos talento,& que tratão mais de seus respeitos,que de se aplicarem ao bem comum,q̃ se logo não vem crecer o mal a olhos de todos,he por durar ainda nesse gouerno, o valor dos passados,& virtudes daquelles,que o principiarão, basta q̃ em taõ grande corpo se sinta qualquer mudança em muibreues annos,vendo das portas adentro as desordẽs crecerem, os vicios serem mayores,os atreuimentos mais ordinarios,o valor,& esforço ter diminuido tanto,q̃ nem semelhãça mostrado que ja foi,& sobre tudo a sobberba dos vizinhos,a arrogancia dos mais fracos inimigos,& as afrontas recebidas cada dia dos que menos podiaõ, pera se ter por sem duuida,que pouco, & pouco se vai desencaminhãdo este nauio ate que a furia das ondas o acabe de desfazer: vejase o principio de todos os trabalhos,& considerese bem donde procedem, acharseha q̃ nem á falta de valor,nem os vicios,& desordens se podem desculpar com a natureza, que sẽpre foi a mesma,nem a soberba dos vizinhos,& afrontas recebidas dos inimigos tem de nouo fundamento algum de poder,que lhe crecesse, ou de rezoẽs,que lhe sobreuiessem, são tudo effeitos da falta de prudẽcia com que as cousas se gouernaõ,enfirmidade tanto mais perigosa quanto mais he apresumpção dos que tem a sua conta o gouerno:& porque esta virtude alem de ser mui sabida sua necessidade,he a mais vniuersal,que ha na materia de gouerno,& se relata em outros muitos discursos pera mais declaração,do que nelles se trata, naõ conuem fazer na generalidade della mais detença,mas continuar com as especies,que pertecẽ ao gouerno politico,as quais saõ astucia,memoria, & prouidencia.

DISCVRSO XII.

Para os negocios arduos serue a astucia specie da prudencia de que se pode vsar sem vicio,& com vtilidade em muitas occasioens.

A PRIMEIRA specie da prudencia he a astucia de que o gouerno politico, & militar tanto se ajuda pois serue de deliberar, & executar as cousas arduas, ẽ q̃ se requerem industria,& cautela. Santo Thomas entendeo que os ministros,de que a astucia vsaua eraõ os meios simulados,& aparentes,o que se deue enten-

S.Thom. secunda secundæ 9.55. art. 3.

entender em quanto saõ licitos como mais de proposito trato ẽ outro lugar, pois a astucia em quanto he especie de prudencia não pode ser vicio, porque a prudencia diz Aristoteles sempre anda em companhia das mais virtudes, & quando deixa de ser virtude chamaõlhe os Latinos Versutia, que he o mesmo que resolho, vicio naturalmente odioso. O resolhado, diz Salamão, a todos he odioso. E porq̃ alguns tẽ pera si que o mesmo he astucia, que resolho fundados em hum lugar de Aristoteles, declararei o que quis dizer por não deixar caminho ao engano, que pode resultar destas suas palauras. Chamamos prudentes diz Aristoteles aos que saõ expertos, & resolhados, õde parece que faz o resolho especie de prudencia, porem deue entenderse isto, em quanto o tal resolho diz hũa contraposição a ignorancia: porque ainda que ha muitos em que se ajunta ignorancia com resolho, que he a peor casta de gente, que há, o mais ordinario he nacer este vicio de prudencia, como ha outros muitos, que nacẽ de virtudes, não em quanto o saõ, mas em quanto participaõ mais dos extremos, como a couardia da humildade, a temeridade do esforço, & a auarezada tẽperança. Isto quis entender Seneca quando disse, que se a prudencia passa os limites de virtude dá em vicio, & o vicio, que nace da astucia he resolho, & sendo hum muitas vezes proueitoso pera o gouerno da republica, o outro he mui perjudicial: que não ha mais forte vinagre, que o que se faz do bom vinho. De homens resolhados se deue o Principe precatar o mais que puder, que não so enganão, mas prezãose de o fazer. O homem resolhado diz Salamão esconde o que sabe, quando faz o seu proposito, & todo o saber, perde o tino com elles, & não basta muitas vezes, acautela, & vigilancia pera que hũ manhoso, & resolhado deixe de fazer o que quer, acomodandose as differentes condiçoens dos Principes, com que trata, fingindose soberbo, & humilde liberal, & auarento, pacifico, & cruel, segundo as occasioens de seu intento: ate com os ignorantes se finge ignorante, diz Salamão, & este he o mayor encarecimento de maldade que pode ser, pois a natureza, tão amiga de saber nunca por seu gosto confessa ignorancia, se naõ quãdo a maldade he tanta, que vence a mesma natureza. He differente o officio da astucia, não differe da prudencia mais que em quanto genero, & specie, ocupase em cousas importantes, & li-

Arist. l. 6. & hic cap. 13.

Prouerb 14.

Arist. l. 6. & hic cap. 12.

Seneca de quatuor virtutibus.

e licitas, se conhece os males, he pera delles se desuiar. O astuto, ve o perigo, & precataffe de lle, diz o Espirito Santo: & quando conforme Santo Thomas se aproueita de meyos simulados, & aparentes he quando saõ licitos, & quando delles resulta vtilidade. E em materias licitas & necessarias serue a astucia não so aos Principes, mas aos Santos, lanço, que S. Paulo confessa de si, que vsou pera instruir na fe aos naturais de Corintho: sendo eu astuto, diz o Santo, falando de si; com manha vos encaminhei a luz Euangelica: aproueitouse da astucia pa ra saluação das almas. Traça foi cheia de grande astucia o que vsarão os Gabaonitas pera persuadirem a Iosue, que eram homens de mui longe, deixarão crecer as barbas, forão com vestidos velhos, calçados rotos, caualgaduras magras, & cansadas, aproueitoulhe a traça pera alcançarem amizade dos Israelitas, & Deos se contentou della, & a approuou, & podem os Principes com muita segurança da consciencia, & com muita vtilidade da republica vsar de semelhantes traças, & fazerem caso dos homens, que nos negoceos forem expertos, & na deliberação, & execução de materias importantes mostrarem astucia que os engenhos, & talentos são differentes, & auendo homens mui prudentes na especulação de cousas graues, nas que trazem algũa peçonha & requerem execução encaminhada com ardil, & industria não sabem tomar pè: & esta he a differença, que vai do prudente ao astuto, que hum entende, & ordena as cousas com madureza, & assento, & outro cõ cautela, & traça as executa. Do Capitão Picinino se conta que sendo de juizo limitado no modo de consultar, & deliberar as materias importantes era na execução de todos os negocios, que emprendia tão prompto que parecia ser outro homem, condição ordinaria em muitos & de que se deue fazer muito caso, porque quando ao Principe, & conselheiros baste o conhecimento das cousas necessarias ao gouerno de seu estado applicadas pellos meyos ordinarios, muitos ministros hà que não podem comprir perfeitamente com a obrigação de seus cargos se não com astucia applicada ao conhecimen & exercicio dos negocios, principalmente os que tem dependencia de outras pessoas, com que se hão de tratar, & comunicar: porque mui prudentes homens, & de mui bom voto em todas as materias saõ com muita facilidade enganados, não assi os

Proverb 26.

Ad Corinth. 12.

Carimbertopro blemate: 99.

si os astutos, que muitas vezes com menos cabedal de entendimento tratão as cousas com tanta cautela, & manha que alcanção tudo aquillo, que emprendem. Querendo Cornelio Tacito fazer menção do talento do Emperador Claudio, diz que era mais a proposito pera dar o Imperio a outrem, que pera elle o gouernar: porque pera o dar, & negocear pera outrẽ tinha sagacidade, & manha, pera o gouernar não tinha aquelle assento, & madureza, que se requeria, de maneira que não he regra infaliuel, que seja prudente, & considerado em todas as materias, o que tem manha, & industria, & hum modo extraordinario pera os executar: nem que todos os que tem prudencia pera consultar as materias graues tenhão traça, & cabedal pera as executarem: pessoas auera em que se ache hũa, & outra calidade, porem sera cousa difficultosa, que a natureza repartio os talentos, & poucas vezes os ajuntou. Entre as pessoas conhecidas nas historias humanas, que em suas acçoens mais astucia mostrarão foi o Capitão Alcibiades, porque com puras traças se conseruou em Athenas contra o odio dos cidadoens, que por vezes o quiseraõ matar, & passandose aos Lacedemonios, & aos Persas com todos cabia, & podia, & ẽ resolução se valeo de sua astucia pera enganar o satrapa Tisaphernes, & defender sua patria de hũa poderosa armada a que não era possiuel resistir Athenas com suas forças: de maneira que pode mais a industria de Alcibiades, que todo o poder de Tisaphernes. Parecera muito ter mais valor a astucia, que a força do poder Persiano, ainda digo mais, que não so he poderosa pera defender Reynos, mas pera dar Coroas, que, se lhe não socedeo taõbem a Absalão a traça com que determinou acquirir o Reyno por meio dos vassallos, quando vio, que pellos caminhos ordinarios o não deuia esperar de seu pay, socedeo a outros melhor a manha, que a força: de que Iulio Cesar pode testemunhar, pois o ajudou mais, a astucia pera se fazer Senhor dos animos dos soldados, que seu propriovalor: quando quisesse fiar delle a Coroa. Louuão os historiadores ao Papa Alexandre sexto de acabar com sua astucia negocios mui arduos, ainda sendo Cardeal em vtilidade do estado Ecclesiastico, com que acquirio tãta reputaçaõ, que mereceo ser eleito pera a thiara Pontifical. Mais deuia elRey Dom Pedro terceiro de Aragaõ a Coroa de Sicilia á sua astucia, que a seu poder

Tac. lib. 1. hist.

poder, por que depois de tomar Sicilia aos Franceses, tendoo desafiado Carlos 1. de França pera que em certo dia se achase em Burdeos, & pelejassem sobre o direito de Sicilia: vendo Dom Pedro que se chegaua o prazo do desafio, em que não hia menos, que hum Reyno, lãçou fama, que estaua doente, & ajuramentando os medicos, q̃ assi o dissessem se encerrou em hum castello, donde escondidamente saho, achandose o dia do prazo no lugar assinalado. Carlos descuidandose cõ a doença do competidor se deixou estar em França, onde soube com grande pezar, como tinha perdido pella manha, & astucia delRey Dom Pedro o direito daquelle Reyno, conforme entre ambos estaua capitulado. Naõ importou pouco a elRey Ioas a astucia, & cautela comq̃ Iosaba molher do sacerdote Iosa o escondeo sendo de hum anno pello liurar da morte, manifestandoo a tempo, que lhe pareceo podia ser recebido por Rey de Ierusalem, pouco lhe importara seu direito se não fora ajudado da sagacidade de hũa molher, como outro Iacob que pera leuar o morgado a seu irmão mais velho, a astucia de sua may Rebeccadeu a traça de que elle estaua ignorante. Ha occasioens em que tem mais lugar a manha, que o valor, & negocios, que naõ se podendo effeituar por força com facilidade se executão com astucia: & importa muitas vezes fazer caso dos que se mostrarem expertos nesta parte da prudencia, q̃ em sucesos apertados, & em que faltão os remedios ordinarios, costuma ella ser de muito proueito, particularmente em respeito da milicia em q̃ os ardis tem mais lugar. Porem não quisera afeiçoar os Principes tão demasiadamente aos homens desta sorte, que os venhão a antepor aos de prudencia, & madureza, porque ainda que em alguns casos raros, & q̃ requerem differente modo do ordinario pera se executarem, seja necessario vsar de semelhãte genero de talento, a muita comunicação, & cabedal, que delles fizerem, poderá ser perjudicial, & encontrado ao bom gouerno: porque os homens, q̃ naturalmente saõ inclinados a vsarem de traças em todas suas cousas, & a caminharem por fora da estrada corrente, & seguida de todos, não so se perdem, mas vem muitas vezes a dar em embustes com que enganão aos Principes, & ministros, que este he o mal da astucia, estar tão perto de ser vicio, que poucas vezes se acha com circunstancias, que a acreditem, & por

4. Reg. 11.

Gen. 27

esta

ésta rezão a uemos ordinariamente desautorizada, & com menos reputação do que merece, tendo algũas vezes effeitos honrados, & importantes: pello que aduirtirei aos Principes q̃dos homens astutos se siruão como de medicinas, que vsadas de ordinario saõ perjudiciais a saude, & recebidas em occasioens de necessidade seruem de remedio contra as infirmidades.

DISCVRSO XIII.

He parte da prudencia a promptidão da memoria, & necessaria aos Principes, & ministros.

POR não hauer cousa, que não tenha sua contradição, houue ja quem julgou a memoria por mais perjudicial, que necessaria. Offerecẽdo Athemistocles Capitão Athenienſe hũa arte pera ter boa memoria respondeo, que antes a tomara pera se esquecer de muitas cousas: causaualhe desgosto lembrarse da laciuia, & prodigalidade, em q̃ tinha gastado o melhor de sua vida. Cousas hauera de que o esquecimento sera mais agradauel, mas não de mais vtilidade, principalmente aquem gouerna, porque ainda que algumas desacreditassem a vida passada, serue a lembrança dellas, de sustentar o arrepẽdimento, que he o melhor fiador da emmenda, & ainda que as aduersas, que com o sucesso causaraõ desgosto, o renouem repetidas com a memeria, nunca podem deixar de trazer algum proueito: que os trabalhos passados a cautelão, & aduirtem, pera preuenir as acçoens futuras. Não pode a prudencia diz o Filosofo Isocrates executar seu officio sem ajuda da memoria, cujo officio he conforme Cicero guardar, & repetir as cousas q̃ ja forão, he hum escriuão, que vai assentando todos os sucessos, que acontecem pera os homens saberem pello tempo como se deuem hauer nos casos futuros: & ainda que os liuros tenhão á sua conta relatar as cousas passadas, faltalhes a applicação dellas nos casos, em q̃ mais importa, que não he possiuel reuoluer todos sobre cada materia, que se hade determinar: sera isto mais sofriuel aos que hão de ministrar justiça, porque alem do estudo em que por rezaõ do seu officio se occupaõ, depende a determinação das sentenças de regras gerais, & ordenadas pera com facilidade se acharẽ: naõ se da isto nos varios casos, que no gouerno politico occorrem: por esta rezão

Plut. in grec. apoph.

Stob. serm. 1.

Cic. in Rhet.

Auisaua

Arist. l. de benef. Auisaua Aristoteles a Alexandre Magno, q̃ trabalhasse de exercitar a memoria nas cousas q̃ acõtecerão a seus ãtepassados pera se poder auer cõ prudẽcia nas q̃ lhe socedessẽ: & Socrates se queixaua da noua inuençaõ de liuros menos vsada entre os antigos, tẽdoa por perjudicial, & causa da preguiça, & descuido, q̃ os homẽs tẽ no exercicio da memoria. Os antigos se prezauão tãto de ater, q̃ se gabaua Seneca de repetir os nomes de dous mil homens por ordem assicomo lhos tiuessẽ nomeados: & Appio Claudio insigne Orador se jactaua diãte de Scipiaõ, q̃ a todos os Romanos se atreuia nomear por seus nomes: cousa extraordinaria, & q̃ ao Principe fora de grãde vtilidade pera conhecimẽto de seus vassallos, & dos merecimẽtos, q̃ cada hũ tẽ, q̃ faltarlhe esta excellencia he muitas vezes causa de fazer merçes aquẽ as não merece, & prouer os cargos nos que naõ saõ pera elles, esquecendose dos seruiços, & merecimentos dos que se não lembraõ, ou não tem quem os lembre, remedease esta falta com memorias, ou memoriais ẽ q̃ se vão assentãdo as pessoas de partes, & merecimẽtos. Não está muitas vezes na liberdade dos homẽs terẽ a memoria, q̃ desejão, nem todos a podẽ ter tão felice, como Metridates Rey de Põto q̃ sẽdo Rey de vinte duas naçoẽs de differẽtes lingoas a cada hũ falaua pella sua, porẽ está na sua mão aproueitarense dos artificios, q̃ ha pera se não esquecerẽ do q̃ conuẽ lẽbrar: & quando naõ saibão de memoria os nomes dos soldados de valor, & ministros de merecimentos, ao menos os escreuão pera se lembrarẽ delles nas occasioẽs, que houuerem de prouer lugares, & cargos de importancia, q̃ assi o fizerão mui prudentes Monarchas, & era nisto mui prompto o Catholico Rey Dom Philipe II. cujo exẽplo basta pera autorizar acçoẽs menos aprouadas. Os ministros do gouerno tem a mesma necessidade, porq̃ deuẽ conhecer as pessoas, & os talentos daquelles, que hão de occupar, ou nomear, & as occupaçoens saõ muitas vezes causa de terẽ tãta falta na memoria, que a mesma pessoa com que hoje falão naõ conhecẽ a menhã: he falta esta de muita importancia & de q̃ podem resultar grandes inconuenientes, & hũa das partes, que o Principe deue buscar nos ministros, he a memoria, & quando naõ for muita ao menos, que naõ sejão faltos della, que as cousas esquecidas mal se podem remediar: porem tambem deuem aduertir que não he bastante

Man. l. 30.

Senec.

Man. l. 4. ca. 4.

a memoria pera dar talento aquẽ o naõ tẽ, porq̃ muytas vezes se acha grãde memoria em pessoas mui faltas de capacidade, & prudẽcia, antes he cousa ordinaria terẽ menos de ẽtẽdimẽto os q̃ mais della tẽ, naõ enculco esta parte de prudẽcia pera se buscar por si, mas ẽ cõpanhia das mais: q̃ lẽbrar de sucessos passados sẽ saber coligir delles hũa resoluçaõ cõforme aoq̃ a necessidade presente pede, memoria se chama, mas inutil, & de nenhum fruito. Conhecer os vassallos, & ter noticia de seus merecimentos pera lhes ãtepor os mais incapazes, porq̃ o particular gosto se inclinou mais a elles, bẽ se pode dizer q̃ he memoria, mas perjudicial mais, q̃ o esquecimẽto: porque este pudera dar disculpa, aquem cõtra sua vontade se esqueceo. Mui grande fora o sẽtimẽto, q̃ Mardocheo tiuera delRey Assuero lhe antepor nas hõras, & lugares ao cruel Amaõ se lhe naõ cõstara, q̃ nacia o tal agrauo de se esquecer de seus seruiços, & bẽ se vio quando depois de o achar escrito no liuro de suas lẽbrãças lhe satisfez cõ mayores honras: mas naõ deixará de ser culpa se o esquecimento for voluntario, & se desprezarem os remedios conuenientes, qual este era de que Assuero vsaua: o que naõ so importa em respeito das pessoas, mas dos negocios, nem dos ministros, que os tem a sua conta, mas dos Principes a que mais toca o sucesso delles: porque o meyo mais efficaz de os ministros se não descuidarem de sua obrigação, & de trabalharem por fazer perfeitamente o que tem a seu cargo, he persuadiremse, que saõ presentes aos Principes todas suas acçoens, & que vão fazendo memoria dellas: & esta era a rezão, diz, Pierio Valeriano, que os Egypcios tinhão pera entenderem, que o verdadeiro retrato, & Hierolifico de hum Rey era hũa cobra com o pescoço leuantado, & os olhos abertos, parecendolhes que se vissem com os olhos, & ponderassẽ cõ a prudẽcia q̃ a cobra representa, o q̃ fazẽ os ministros, seria bastante pera se naõ descuidarẽ de seus oficios, & procederẽ nelles como conuẽ ao bẽ da republica, & dos, q̃ della dependẽ. A segunda aduertencia, que os Principes deuẽ ter he q̃ pretendaõ conhecer as calidades de memorias dos ministros: porque ha muitos taõ demasiadamente lembrados de cousas suas que occupados nellas, nenhuma comemoraçaõ fazem dos negocios alheos: & outros tam lembrados de respeitos que empregandose na remuneraçam do que receberam, entraõ

Pierius. Valer. lib. 15. p. 140.

entrão em hum profũdo esquecimento da justiça das partes, & he vicio, que se acha em gente autorizada, & graue: porque como tem por primor, & honra o agradecimento, tem por agradecimento cortar pella rezão, & justiça, & mostrarẽse conhecidos da amizade ou seruiço que receberão, tirando a hũs por dar a outros, ja se obenefício se recebeo de pessoa poderosa, bẽ se pode desenganar opobre requerẽte, que não leuara o melhor tẽdoo por cõpetidor por mais justiça, que lhe sobre. Aquella grande perseguição, q̃ o pouo Hebreo padeceo no tẽpo delRey Antiocho cõforme se colige do sagrado texto, teue principio em hum genero de agradecimento semelhante a este, porque alguns Hebreos, q̃ se tinhaõ apartado dos outros, & dado obediẽcia a Antiocho agradecidos do fauor, & merces, que delle tinhaõ recebido, não repararão em consentir, & ajudar a todas as abominaçoẽs, que contra as cousas sagradas se cometerão: & pode mais o desejo de contentarẽ ao Rey que o proprio amor natural com q̃ deuião tratar do bem comũ de sua patria, & de seus irmaoms, quando esquecesse o respeito deuido a Deos: difficultosa cousa sera de remediar a disolução, que vemos nas injustiças, se os Principes lhe não atalharem no prouimento dos ministros pera que sejão taes, qne não dẽ fè de obrigaçoens, & respeitos, nem se lembrem de rezoens algũas, mais que daquellas que a justiça tem: & pera isto deuem ser tão desinteressados, que se possa entender naõ somente, q̃ se esquecerão de seus interesses mas, que cõtra si proprios votarão, ou julgaraõ, se a justiça não estiuer da sua parte, & quando isto faltar não poderão faltar miserias, & desordens; & supposto que tenho apõtado aos Principes quão importante he a memoria, ou seja natural, ou artificial á vista dos males, que o esquecimento causa, quando está for acompanhada de circunstãcias, que a naõ desautorizem, concluirei este discurso com lembrar aos ministros, que se não esqueção de seus principios, & do fim que outros tiuerão por vsarem mal do poder, & juridição, que elles agora administraõ, porque lhe sera de muito proueito este genero de memoria ao menos pera naõ tomarem mais licença do que cabe em sua alçada, que o bõ termo com que as cousas se fazem he muitas vezes mais aceito que o sucesso dellas.

Machab. 1.

(?) (?)
(?)

DISCVRSO XIIII.

A prouidencia he specie da prudencia & necessaria aconseruação das respublicas, & vida dos homens.

August. de sp. & anima.

CHAMA S. Agostinho a prouidēcia conhecimēto qor dena ascousas futuras, aqual naõ somēte he specie, mas parte principal da prudēcia, porque mais cabedal se requere pera ēcaminhar os sucessos futuros, q̃ pera prouer as cousas presētes: & naõ se pode ter por republica politica, mas barbara a q̃ não vsar mais da prouidēcia q̃ de todas as outras rezoens necessarias a seu gouerno, & cōseruação, naõ que se desiparē os negocios presentes á conta de tratar dos futuros, q̃ o tēpo vay dispondo as cousas por tal ordem, q̃ a execuçaõ das presentes proceda, & disponha os sucessos futuros, de maneira q̃ o q̃ he primeiro em tēpo o seja na execução: & encōformidade disto declararei a contrariedade q̃ Aristoteles parece, q̃ mostrou, louuando em muitos lugares a prouidencia: como tābē a louuou Cicero, Seneca, Platão, & outros muitos Philosophos, & com tudo no liuro, que intitula de somno, & vigilia, diz, que os ignorantes vsaõ mais de prouidēcia, q̃ os prudētes: tiuerão algũs pera si q̃ Aristoteles se cōtradizia abatendo o vso da prouidēcia, não foi assi ātes a leuāta mais; presupos Aristoteles, q̃ auia dous generos de ignorātes, hũs que de tal maneira se occupaõ no q̃ tē presēte, q̃ por nenhũ modo se lembrão do futuro, outros q̃ assi aplicaõ o pēsamento a qualquer cousa futura (q̃ desejão, ou pretēdē) q̃ desprezão quāto tē presēte: hũa, & outra cousa he ignorācia, porē mayor, largar o bē presente a cōta de grangear oq̃ pode vir: erro ē q̃ caiē mais os ignorātes, q̃ como os bēs, q̃ desejão mostraõ a excellēcia, que não tē, & que elles lhes imaginão, ainda que seja a conta de desamparare os que actualmente gozão, pretendē os que muitas vezes naõ alcançaõ. Cōpara Alciato a estes tais ao caõ q̃ pondose junto de hũa fonte, tēdo na boca a carne, que comia vio dentro da agoa a semelhança della, & porq̃ se lhe represētou mayor, largou a que tinha, por arremeter a que via, & assi se ficou sem hũa, nem outra. Consiste a prouidencia em conseruar o que actualmente se goza, encaminhando, & dispondo as cousas presētes de sorte q̃ venhão a resultar ē vtilidade das q̃ se seguem. Não se chama prouido

Cic. lib. de off.
Senec. in epist.
Plut.

Arist. l. de somno & vigilia.

uido o que padece necessidades aconta de ter mais no tempo futuro, nẽ aquelle q̃ gastou quanto tinha ẽ dous dias, sem se lẽbrar q̃ dahy a poucos podia ter necessidade do que então esperdiçou, mas o q̃ esta vendo o fim, ẽ que ade vir a parar o modo com q̃ procede, ou seja ẽ gastar ou ẽ qualquer outra acção: que por isso chamou Cicero a prouidencia instrumento pello qual se estão vendo os sucessos futuros: virtude igualmente necessaria as pessoas particulares, & aos Principes, & respublicas, & não menos na paz q̃ na guerra. Os Romanos se prezauão tãto de sua prouidencia, que tudo quanto faziaõ era com respeito á perpetuidade de sua Monarchia, encaminhando as rezoens de gouerno de sorte q̃ viessem a resultar no fim que pretendiaõ, que era a conseruação da republica: & nesta rezão de prouidencia fundauaõ outra não pouco necessaria, como em diuersas occasioens experimentarão, de que Tito Liuio, & outros autores fazem mençaõ, ajuntauão no tẽpo da paz, & prosperidade o cabedal necessario assipera o tẽpo da guerra como da necessidade corporal a imitação das formigas aquẽ a natureza ensinou, que no verão ajuntassẽ, o que hauiam de comer no inuerno. Os Egypcios se conseruarão com a prouidencia do Patriarcha Ioseph, oqual vendo o aperto em que aquelle pouo se auia de uer, fez grandes seleiros de trigo pera os annos da fome, cõ o q̃ não so reparou as necessidades cõ q̃ à esterelidade dos annos ameaçaua, mas ẽriqueceo o Rey, q̃ veo a ser Senhor de todas fazendas de seus vassallos, acquiridas cõ muy justo titulo, & cõ vtilidade dos mesmos, q̃lhas dauaõ: & hoje ha muitas cidades tãbẽ gouernadas por meyo da prouidencia q̃ igualmẽte se cõpraõ ẽ todo o tẽpo os mantimẽtos, sẽ leuantarẽ, ou abaterẽ o preço: remedio facil de executar, se o não impedira o interesse dos particulares, ou a pouca applicaçaõ dos q̃ gouernão, deuẽdo auer muita: porq̃ se Deos quis sustentar o mundo cõ sua prouidencia diuina, tambem quis que os homens vsassem da prouidencia humana, & onde esta falta, diz S. Agostinho, não faltão desordens, & trabalhos. Posso affirmar, que nunca tiue pensamento de apontar claramente faltas no modo do gouerno, que se pratica, ainda nas naçoens estrangeiras, quanto mais na propria, cuja authoridade conuem respeitar, & desculpar ao menos cõ rezão de impossibilidade o q̃ tiuer aparencia de erro, porq̃ o que he impossiuel des

Cic. in Rhet.

Liuius.

August. lib. de sin gul. cle.

desculpa a falta da execução,& o que he desordem condena o entendimento:& não ha faltas mais desairosas,que aquellas q̃ deslustrão o entendimento: porem em materia de tanta importancia fora muy necessario leuantar mais a uoz, & lembrar aos Principes, que consideração fazem de defender seus vassallos em hũa occasião apertada,& repentina,se as rendas q̃ no tempo de menos gastos se deuião ir depositando pera semelhantes sucessos se consomẽ em prodigalidades,& tense apoderado tanto esta desordem & costume das vontades dos Principes,que o primeiro respeito pera que as rendas se procurão,& solicitão,he pera gastos que se puderão escusar: & quando as occasioens de necessidade sucedem,então se busca dinheiro,& se tira dos vassallos por emprestimo,ou por outro modo mais violento,que raramente he o que conuẽ aos vassallos,& muito menos aos Principes,que postos na occasiãohe forçado,ou auexarem o pouo ou empenharem as rendas pera acodirem a necessidade:& o dinheiro,que então se tira perjudica mais do que remedea, & oque se acha com interesses, vem amontar mais os ganhos que o propio,& crecem de sorte com descuido,&dilação que de hũa so occasião ficão as rendas empenhadas pera toda a vida:& bem considerado o principio do empenho,em que tanta impossibilidade de remedio se ve,mais nace da falta de prouidencia,que da falta de fazenda:& podese cuidar,que miraculosamente sostenta Deos as respublicas,onde as desordens saõ as que vemos,& a prouidẽcia tão pouca como experimẽtamos,gouerno tão perigoso,pera os Principes como fauorauel pera seus inimigos: porque ainda que Deos Nosso Senhor he o que nos sustenta,& tem á sua conta as Monarchias,& respublicas particularmente as q̃ estão debaixo da obediencia de sua Igreja,naõ quer,que esperemos por milagres, posto q̃ elle os queira fazer, chegada a occasiao de necessidade. He muito pera notar quando oProfeta Eliseo desejou de socorrer a necessidade em que via aquella pobre viuua a que estaua obrigado por seu marido auer sidoProfeta,q̃ naõ bastaraõ suas lagrimas pera logo lhe acodir,por mais que lhe representou estarem pera lhe vender seus filhos pellas diuidas, q̃ tinha,mandou lhe fazer recenha de toda a fazenda,que auia em casa,& depois,que se naõ achou mais,que hum pouco de azeite,nesse deu principio ao mila-

milagre que fez, acrecentandoo de sorte que fosse bastante pera pagar as diuidas. Porem estando Elias em parte que naõ tinha cousa de que se poder valer, mandou Deos ir hum coruo, que lhe leuasse de comer. Onde ha impossibilidade acode Deos com milagres, naõ onde os remedios humanos podẽ ter lugar. Tratem os Principes de se irem prouendo com tempo pera as occasioens de necessidades, pois estas saõ tão ordinarias, lembrandose de quam pouco effeito saõ os remedios, que chegão tarde: porem aduir taõ, que não pretendão ser taõ prouidos, que venhaõ a ser auarentos: que se conseruar o necessario com ordem pera gastos da republica he prudencia, ajũtar o desnecessario pera vsos particulares he auareza, & o ordinario he serem os meios afrontosos, quando no acquirir entra cobiça, & não vtilidade publica. O Emperador Pertinax em muy pouco tempo ajuntou grande cantidade de ouro, porem fazendo pera isso mil desordens, & injustiças; & o Emperador Comodo era taõ auarento, & amigo de ajuntar, que por dinheiro daua licença a hũ homem, pera que matasse outro, & fazia outras muitas cousas semelhantes: hum, & outro, ignominia dos Principes, cujos animos se deuem empregar ẽ defender, & amparar seus vassallos: & pera este effeito muy necessario he, que prodigamente não esperdicem o patrimonio Real, & rendas de seus estados, antes pera occasioens de mais gasto, & necessidade ajuntẽ o que facilmente puderem, que quando nas pessoas particulares se não estranha este genero de prouidencia em respeito ás necessidades que podem suceder, he mais necessaria nos Principes, porque as ocasioens de gastos saõ mais ordinarias, & os apertos de mais importancia: mas com tal limitação, que a tal prouidencia se não conuerta em tirania pretendendo ajuntar por meyos perjudiciais: deuem ter respeito a vtilidade publica porque os thesouros de mais porte saõ as riquezas dos vassallos, & os animos dos subditos, as armas defensiuas mais de proua.

DISCVRSO XV.

Continuase a materia da prouidencia em respeito dos thesouros publicos.

OSTVME he de prudentes não gastarem quanto tẽ na saude, & prosperidade, antes pre-

preuenirse pera os infortunios que os tempos offerecem, quando menos se esperão, porque se então se achão desapercebidos, he força, que padeção, & se vejão em risco de não ter com q̃ os remediar, & posto que nas occasioens apertadas quando saõ publicas, & tocão a todos, se possa ajuntar dinheiro, em q̃ consiste a mayor parte da prouidencia, se o perigo he repentino, muitas vezes não chega o remedio a tempo: como acontece nas infirmidades, que com a dilação ficão irremediaueis, & a experiencia tem mostrado quão tarde chegão os soccorros pella falta de dinheiro. Quantos milhoens se tem perdido nas naos da India, que por esperarem, que se ajuntasse, ou viesse de fora o prouimento, perderão a monção fazendo naufragio hũas, & arribando outras: se o dinheiro, que por esta inaduertencia de poucos annos a esta parte se sepultou nas entranhas do mar, se ajuntara em hum thesouro, fora mui bastante pera daqui em diante se remediarem todas as faltas: grandes experiencias temos dos inconuenientes que daqui resultaõ: apontarei dous delles por terem custado muito assi aos particulares, como ao Reyno todo. O primeiro he que nos extremos apertados, (& não saõ poucos) se costuma espremer o pouo, & buscar todos os meyos por violentos, que sejaõ de acodir a necessidade presente, podendo em outras occasioens, & por outros meyos mais suaues estar junto o que então se tira com grande difficuldade. O segundo he ir dilatando o remedio, & crecendo o perigo, q̃ se pretende atalhar em que eu escuso gastar muitas palauras: porque poucos hauera que não dem fè assi da desordem como dos effeitos della: os remedios são achados, & bastantemente praticados. Entre os antigos, q̃ melhor se souberão gouernar costumauão ir ajuntando thesouros publicos pera as occasioens de guerra, os quais se hiaõ tirando do pouo no tempo de mais prosperidade, ou por via de tributos moderados, como esta dito no discurso, que delles trata, ou por fintas taõ leues q̃ todos folgauão de as pagar pera defensaõ de sua propria republica: & sendo os gastos poucos com pouco se hiaõ fazendo grandes thesouros. Os Romanos tinhão hum de grande cantidade de dinheiro no templo de Saturno, lugar escolhido entre os mais por sermui forte, & seguro. Em Nemis, & outros lugares fora da cidade hauia outros: porque se a cidade se visse em aperto por rezão de

Alex. ab Alex l. 2. c. 2.

de algum cerco tiuessem de fora com que a socorrer. Augusto Cesar fez outro thesouro pera pagamento dos soldados somente, porque como os mais thesouros seruiaõ pera todas as necessidades publicas, em que muitas vezes entraua o prouimento de mantimentos, naõ se quis arriscar a faltar dinheiro pera os soldados, principalmente, que como os Emperadores começauão ja a vsar da superiodade independente, & pello tẽpo se foraõ desenfreando em tãtos appetites, que esgotauão nelles os thesouros publicos, teue por necessario separar o que tocaua aos soldados, sendo estes os que mais necessarios saõ a republica, & a falta delles a q̃ mais a arrisca: & não so a falta, mas o descontentamento com que pelejaõ, não tendo os pagamentos promptos, que a miseria, & pobreza enfraquece muito os animos. Pensamento daquelle grande republico Catão referido por S. Thomas, o qual combinando o estado, & prosperidade de Roma, & a miseria, & abatimento, a que chegou, achaua que a prosperidade se deuia aos thesouros publicos com que se acodia as necessidades da republica, & ao pagamento dos soldados, no tempo em que começarão a faltar, se foi acabando sua felicidade, perualecendo os inimigos, & destruindo tudo sem acharem resistencia: & pera q̃ se veja quaõ ricos erão os thesouros que ajuntauaõ quando floreciam ẽ sua prosperidade, referirei o que testemunhão os mais graues Scriptores daquelle tempo, q̃ do thesouro de Saturno tirou Iulio Cesar na occasião das guerras ciuis vinte, & seis mil ladrilhos de ouro, & de moeda batida trezentas mil libras, soma, que parecera increiuel, entre tantos gastos de guerra, a quem não tiuer muita noticia da grande prouidencia com q̃ os Romanos se preueniaõ pera as occasioens de necessidade, & apertos em que as guerras os punhão, tendo pera si, & o sucesso mostrou não se enganarẽ; que na conseruação dos thesouros, estaua a da propria republica. Donde aconteceo algumas vezes, que em tempos de guerras, porque os inimigos apertauão demasiadamente, & os thesouros se hiaõ esgotando, foraõ as molheres Romanas a elle, & lhe deixarão hũa grande cantidade de joyas, & peças de ouro & prata com que se tornou a reformar, & por em estado de acodir aos gastos da guerra, entendendo, que faltando o thesouro, & hauendose de restaurar com nouas sintas, seria mayor a dilação, que o remedio, pellos

S. Thom. de Regim. Prin lib. 1. c. 7.

Alex. ab Alex lib. 2. c. 2.

pellos repentinos perigos, que consigo trazem os assaltos dos inimigos: o que não menos acontece na necessidade de mãtimentos, em que muitas vezes se vem as respublicas, cujo remedio, conforme a experiencia tem mostrado, so depende de thesouros publicos, com os quais por conta da Republica se compraõ mantimentos, & se repartem pello pouo. Os Gregos, que na grandeza, & gouerno competiaõ com os Romanos na Ilha de Delos tinhão o seu thesouro, por ser o lugar mais forte, & inexpugnauel, que hauia entre elles. Os Athenienses tinhão seu thesouro ẽ Delphos no templo de Apollo, por lhes parecer mais seguro, & o mesmo fazião todas as mais respublicas, que na prudencia, & bõ gouerno os queriaõ imitar como mais superiores no poder, & no saber. Compara S. Thomas o thesouro publico ao estomago onde se recolhe o mantimento pera a sustentação de todos os mais membros, & quando estes trabalhão, & se occupão em lhe grangear o comer, he leuados do natural interesse, que da hi lhes resulta, pois a cõseruação de todos depende do bom, ou mao prouimento, que nelle entesouraõ; porem o que a natureza ensina nesta republica do corpo humano, recusamos nos fazer, naõ admitindo em respeito de nossa conseruação este genero de gouerno tão necessario, & tão excellente, pois he ensinado pello criador da mesma natureza, ou por que fazemos mais caso de hum pequeno interesse presente, q̃ de todos os perigos futuros, ou porque os particulares, & demasiados gastos dos Principes com que saõ constrangidos a se valer do dinheiro applicado as necessidades publicas, tem dado as vontades dos vassallos, recusando a codir a hũa obra tão importante como he oprouimento dos thesouros publicos, & ainda de necessidades mais presentes, parecendolhes, que não acodem ao bem comũ mas ao appetite particular de de quem vsa mal do tal dinheiro. Pello que sendo os vassallos os que haõ de prouer os thesouros, se deuem fazer as aduertencias, que pertencem a este particular, pois delles depende a võtade, em que esta obra mais cõsiste, digo a vontade, porque ainda, que contra ella se ajunte algumas vezes cantidade de dinheiro, nem este he taõ vtil ao que se pretende remediar pella violencia com que se ajunta, nem a repugnancia dos vassallos deixou de causar peores effeitos, do que podem ser todos os que se pretendem remediar, com

Alex. ab Alex ibidem.

S. Thom. lib. 1. de Regim. Princip. cap. 7.

com o interesse, que delles se tira. Algans antigos forão de parecer que não conuinha ajuntar grandes thesouros, porque como estes se tirem ordinariamente dos vassallos por via de tributos, ou de outros generos de exacçoens penosas aos mesmos vassallos, vem a ser de mais vtilidade tellos ricos, & contentes, que os thesouros cheios de dinheiro. Deste parecer foi hũ Rey de Panonia chamado Bella o qual leuantou todos os tributos a seus vassallos com que vierão em pouco tempo a enriquecer tanto, que ate os lauradores pobres ficarão ricos. Porem como lhe faltarão guerras nem os thesouros erão tão necessarios, nem a liberalidade de perjuizo. Ninguem pode duuidar, que em tempos prosperos he isto o que mais conuem, assi aos Principes como aos vassallos: mas he rara a occasião ẽ que a segurança seja tanta, & a paz tão geral, que se possão escusar todas as preuençoens, que a prudencia ensina. Outros tiuerão os thesouros por perjudiciais em quanto dauão occasiaõ a se atreuerem os inimigos, & ainda os proprios amigos, que a cobiça do ouro obriga a fazer excessos nũca imaginados. Contra seu proprio pai leuou Tigranes o exercito de Pompeyo pera lhe roubar o thesouro

Bonfinius Rex Hungariæ decada 2. lib 3.

que tinha depositado em hũa cidade de Armenia, sendo mais poderosa a cobiça de dinheiro, que o amor de filho. Confirma com este pensamento a rezão, que Plinio da pera se fazerem em Egypto aquelles piramides tão custosos como escusados, & julgados por opiniaõ de todos por obra ociosa, & ignorante, a rezão, diz, Plinio, q̃ foi somente pera que gastado o dinheiro que no thesouro publico hauia, perdessem os inimigos as esperanças de querem conquistar a terra com o desejo do ouro, que della pretendessem tirar: porem cõ mais proueito, & facilidade se podião segurar, gastando em fortificaçoens, & presidios de soldados, ou na custosa muralha, que Simiramis fez na cidade de Babilonia: porque gastado o thesouro em piramides, & em outras obras curiosas, & desnecessarias, mais arriscado ficaua o Reyno ao poder dos inimigos, não hauendo com que lhe resistir. Se hemos de ir com este presuposto, que sem dinheiro, nem os soldados pelejaõ, nem pode hauer guerra. Naõ encontra esta opiniaõ mandar Deos no Deutoronomio, que os Reys não tiuessem muita cantidade de ouro, porque somente se lhe prohibio em respeito da auareza, os thesouros particulares

Plin.

Deut. 16.

res. Não os publicos, que sem reprẽsaõ tiuerão os Reys de Israel. E Salamaõ, ou o Espirito Santo por sua boca, quando quis encarecer o acerto dos q̃ tratão de honrar, & fazer bem a suas mayns, diz, q̃ saõ semelhãtes aos que fazem thesouro. E aos, que me amarem, diz, o mesmo Senhor por Salamão heilhes de encher seus thesouros. Não prohibe a ley diuina fazerem os Principes thesouros pera as necessidades publicas, antes argue falta de prouidencia o descuido neste particular.

Prouerb 8.

DISCVRSO XVI.

Tambem pertencem a jurisdição da prouidencia os meios de segurar dos inimigos.

TRATEI ate aqui sobre a prouidencia, que os Principes deuem ter dos muros adentro de sua jurisdição, tal pode ser, que se escusem outros meyos: porẽ acontece muitas vezes ser mayor o poder dos inimigos, & naõ se lhe poder resistir sem outro genero de força, fazendo cabedal de mayores preuençoens, que não consistem somente na fazenda, & na administração da justiça, mas em atalhar por outra via aos perigos, que delles costumão resultar: pera o q̃ he necessario vsar de amizades, costume praticado em todas as idades, & naçoens, com que se escusaõ outros inconuenientes mais perigosos, & mayores gastos dos que podem ser os que resultão das condiçoens com q̃ as tais amizades se celebraõ. Foi conselho daquelle prudente varaõ Hermocrates cidadão de Saragoça, auisando a sua cidade, que se preuenisse pera resistir ao poder dos Atheniẽses, & pera isto lhe apontaua por remedio mais presente grangear a amizade dos estados vizinhos: meyo de que os mesmos Athenienses se valerão quando se viraõ em estado, que entẽdiam se naõ poderião defẽder dos Lacedemonios, aceitando delles rigurosas condiçoens, á conta de se vnirem huns com outros em amizade contra os inimigos: nem por isso ficaraõ mais couardes, mais prudentes si em segurarem o estado da sua republica, que he o fim a q̃ se encaminhaõ todas as guerras. O mesmo conselho seguio elRey Xerxes, & ainda que era tanto mais poderoso, que os Gregos, vendo com tudo, que eraõ bellicosos, & que em muitas occasioens lhe tinhão feito dano as suas armadas, tratou de fazer com elles pazes, prometẽdo não entrar armada sua no mar

Suidas

mar de Grecia,& o cõprio mui põtualmẽte,cõ o q̃ ficou quieto,& seguro ẽ seu Reyno, liure dos sobresaltos,& receios, q̃ pudera ter ẽ quãto tiuesse os Gregos por inimigos,gẽte naquelle tẽpo mui bellicosa, & exercitada nas armas. Iustino diz, q̃ o poder,& força de q̃ elRey Ptolomeo mais se valeo pera resistir á Perdica o mais valeroso de todos os Capitaẽs de Alexãdre,& aquẽ elle ãtes de morrer julgou por digno de lhe soceder no Imperio,foi a amizade,& cõfederação,cõ q̃ se vnio cõ os Reys seus vizinhos,fazẽdolhes ẽ todas as occasioẽs o bõ tratamẽto q̃ podia:& nestas preuẽçoẽs se mostrou mais prudẽte,& valeroso,q̃ Perdica,pois o venceo,não por faltarem nelle as partes de mui bõ Capitão,mas pella soberba,& arrogãcia cõ q̃ se fez odiado dos seus proprios Capitaẽs.

Iustinus lib. 13.

Mui prudẽtes foraõ os Gabaonitas ẽ pretẽderẽ a amizade de Iosue,depois de verẽ a cidade de Ierico destruida: & Deos se cõtẽtou tãto deste cõcerto,que quando depois de largos tẽpos se quebrãtou por Saul,veio praga sobre o pouo de Israel, & grande castigo na casa delRey Saul. Muitas foraõ as desauenças, & quebras, que houue entre elRey Dom Affonso vndecimo de Castella, & o quarto de Portugal chegarão a estado que o Papa Benedicto duodecimo,& elRey Philippe sexto de França,mandarão seus ẽbaixadores pedindo a hũ Rey,& outro se quisessẽ cõpor,& escusar as guerras q̃ por tão leues causas tinhão, & por mais q̃ no negocio trabalhárão nũca puderão cõseguir seu intento,de sorte q̃ se voltaraõ, deixãdo os Reys tão inimigos, & acesos em guerras como antes: porem dentro de mui breue tempo soube elRey de Castella,que aparelhaua o de Marrocos exercito pera dar em suas terras, & sendo elle o que mais repugnancia tinha mostrado ás pazes em que o Papa entreuinha,elle proprio ás pedio a elRey de Portugal, & cõ muita breuidade se effeituaraõ, de maneira,que não puderam a autoridade do Papa,& os rogos delRey de França acabar em muito tempo o que facilitou a rezão de estado de grangear amigos, em occasiaõ,que era prouauel hauerense estes de ajuntar com os inimigos de que se temiaõ: & foi de tanto proueito esta resolução,que por ventura naceo della não se perder Espanha na quella occasiam. Não he effeito de valor desestimar os inimigos, & tomar as armas com risco certo, quando á prudencia pode dar hum talho,que não seja ménos

in lib. Iosue ca. 9.

airoso, antes naõ so sera falta de conselho, mas effeito de hũa confiança mui imprudente. Mandaua Deos no Deuteronomio, que quando fossem combater alguma cidade primeiro lhe offerecessem pazes, porque sempre esta se deue antepor a guerra por justa que seja. A vltima cousa que o valeroso, Epaminondas Capitão Thebano, estando morrendo das ferida da batalhas, disse aos do gouerno de Thebas foi que tratassem de pazes com os inimigos, porque este era o meio, mais facil, & seguro, & que os mais erão contra o bem comum, & principalmente estando tão faltos de Capitaens. A verdade he que sendo, Epaminondas, & o seu exercito vitorioso suspiraua por pazes, & não falta quem leue a peor, & as não queira. Se alguem se quiserpor a considerar a rezão, por ventura que diga, não hauerem de Capitanear, nem pelejar os que querem guerra. Verdade seja, que ha occasioens, & circunstancias, que a fazem necessaria, & vtil, humas vezes pera exercicio dos soldados, como em differente proposito digo, outras, quando a força he grande, & as condiçoens menos honradas. Não se podem apontar rezoẽs particulares em doctrina geral, nẽ aduirtir em tão breue discurso as varias occasioens, que o tempo offerece pera as aueriguar, so conuem acreditar a rezão de estado de admitir pazes, & amizades, quando as rezoens encontradas não forem taõ precisas, que seja forçado conformar com ellas. Lembrame a este proposito hum notauel caso, que naõ so mostra ser isto conueniente aos homens, mas aceito ao mesmo Deos, sendo o seu poder infinito, & independente de todas as rezoens destado humano. Mandando Alexandre Magno á cidade de Hierusalem, que o aceitassem por Rey, & lhe acodissem com alguma gente, & mantimentos, o naõ quiseraõ aceitar, antes lhe responderaõ que tinhaõ dado omenagem a Dario, & não podiaõ ir cõtra elle: reposta, que Alexandre recebeo mal, concebendo animo vingatiuo contra os Iudeos: o Sumo Pontifice, que o soube conuocou o pouo, & fez grandes oraçoens, & depois de estar aquella noite toda orando lhe apareceo Deos, & lhe disse que elle, & todos os sacerdotes vestidos em Pontifical fossem receber a Alexandre, & o metessem na cidade como fizeram, com o que Alexãdre se deu por taõ contente que lhes fez merces, & os izentou de tributos, &

Deuteronom. cap 20.

Iosephus lib. 11. antiqui. cá. 8. & lib. 13. cap. 17.

& se ajoelhou diante do Summo Pontifice. Considerem os bellicosos, se do brio com, que os Iudeos se prẽtenderão defender, lhes podia resultar mais honra, & vtilidade, principalmente passando pella memoria o que Alexandre neste tempo tinha feito na cidade de Tiro, que lhe quis resistir. Muitos estranharão a Ludouico Sforcia apartarse da liga, que os Principes de Italia tinhão feito contra os Venezianos pera os destruirem, & ajuntarse a elles, ajudandoos pera que não fossem vencidos, porem entre os mais foi julgado por prudente, & sagaz em grangear por amigos os que lhe hauiam de ficar sendo inimigos, & tanto mais poderosos, que nunca poderia leuar a melhor delles. Não achei ate agora, que fosse rezão de estado querer ter inimigos com perigo euidente, & muito peor fazer inimigos de proposito. Que socedesse mal aquem os quis ter muitas vezes o ouuimos, & de presente o sentimentos, padecendo assaltos dos Mouriscos, que ja foraõ naturais, cuja soberba se pudera atalhar em quanto estauão dos muros adẽtro. Não he o meu intento reprouar o feito, mas apontar, o effeito, que não passou pello pensamento quando pudera ter remedio, & aduirtir aos Principes, que procurem ter amigos, & não inimigos, assi dos muros a fora como dentro delles. Ia Cartago se vio em grãde aperto por se descuidarem desta prouidencia os que gouernauão a Republica. Desterraraõ ao Capitão Macheo com todos os soldados, que o acompanharão na jornada de Cerdenha dandolhe por culpa não suceder bem, & se perder o exercito, sendo Macheo em outras occasioens valeroso Capitaõ, determinou leuado da paixão de vingar a afronta cõ que era tratado de seus naturaes: & com todos os soldados desterrados pos cerco a Cidade, & o continuaraõ muitos dias com grande medo, & perda não pequena da mesma Cidade: dando nisto lição aos que gouernão, que busquem outro genero de castigo pois ha mais traças pera castigar, que pera premiar, & se percatem de executarem contra os vassallos o que ha de redundar em perda da republica. Aos que não puderem grangear por amizade, he forçado buscar meyos de os quebrantar, & debilitar nas forças, Assi o aconselhaua Tisaphernes Satrapa delRey Cyro ao mesmo Rey aduertindoo

Paulo Iouius lib. 1. c. 2.

Arist. in polit.

que sendo rogado dos Lacedemonios desse ajuda contra os Athenienses, o não fizesse, & os deixasse andar ẽ guerra, porq̃ sẽdo hũs, & outros mui poderosos nas armas se quebrãtassẽ no poder, & não criassem, forças, q̃ depois seruerião de selhe atreuerẽ. Notou Paulo Iouio, q̃ lẽbrados os Venezianos de quãto lhestinha aproueitado pera à fũdaçaõ de seu estado a ruinade outros, não quiseraõ ẽcostarse à elRey Carlos de Frãça, nẽ a D. Fernando Rey de Napoles nas guerras, q̃ tiuerão, desculpãdose cõ a amizade, q̃ o Senado tinha cõ hũ, & outro Rey, & desejãdo q̃ as guerras cõtinuassẽ, & se destruissẽ nellas, porq̃ cõ sua ruina ficarião elles de melhor partido. Hũa das rezoens destado mais ordinarias, & necessarias aos Principes he atalharẽ por todas as vias à prosperidade, & poder de seus vizinhos, q̃ em se vẽdo cõ brios, he forçado fazer lhes à vontade, & sofrer seus excessos, ou recear delles o q̃ algũas vezes não para ẽ receios, mas ẽ dano cõsideráuel, & arrepẽdimẽto de se não atalhar cõ tẽpo. Mui valeroso, & prudente foi o Capitão Agathocles Siciliano, porẽ foi reprouado hũ lãço q̃ teue, estando pera cõbater a cidade de Carthago, & foi por fogo à armada ẽ q̃ tinha ido, pera os soldados não hauendo mais remedio, q̃ morrer, pois não tinhaõ nauios ẽ q̃ se tornar, vendessẽ as vidas caro: porq̃ nisto lhe parecia, q̃ cõsistia à vitoria, & como o fogo ficasse ateado, & houuesse lugar de se apagar, recolherão os Carthaginẽses, e Africanos, q̃ os ajudauão muita pregaria, & outras cousas q̃ se não queimaraõ, de q̃ não so ficarão cõ proueito grande, mas cõ opiniaõ de Agathocles ser homẽ arremeçado ẽ tirar aos seus a armada, & a darcõ seu descuido aos inimigos. Ia houue quẽ ẽ respeito disto, lembrasse o perjuizo, q̃ resultaua de leuarẽ os estrãgeiros o ouro, & prata da terra deixando por elle mercadorias de mui pouca consideração, & pouco necessarias, cõ que se enriquecem, & nos empobrecem. Os remedios naõ se aplicaraõ: não pareceriaõ conuenientes aos q̃ gouernão, & assi se deue presumir, que em negocio de tanto porte naõ se pode considerar descuido, que sendo effeito de grande imprudencia dar armas aos inimigos, as que se daõ per descuido, saõ as que mais perjudicão, porque arguem falta de aduertencia, & não so empecem com o mal q̃ fazẽ, mas cõ a opinião, que os inimigos cõcebẽ. Tãobẽ se julgou por rezão destado mui superior entre pessoas de grande porte não dar aos inimigos muitas

Paulo Iou. lib. 1. cap. 4

Stob. lib. 17.

tas occasiões de pelejarẽ, porq assi como conuem exercitar os de casa,& naõ lhes dar lugar a empregarem o tempo ociosamente em vicios, assi he necessario dar aos inimigos todas as occasiõens de se desacostumarem das armas,& não as exercitarem, como mais particularmente trato em respeito do perjuizo, que resulta da ociosidade aqual trabalharão sempre os mais prudentes Capitaens, que se ateasse em seus inimigos pera naõ terem, que recearse delles. Disse auisadamente o Lacedemonio Antalcidas a el-Rey Agesilao o qual vinha ferido de hũa batalha, que tiuera com os Thebanos que fora permissão diuina mui justa, que elle fosse ferido pellos Thebanos, pois lhe dera armas pera isso, ensinandoos a serem soldados, com pelejar muitas vezes com elles. Não conuem dar occasiaõ aos inimigos de se exercitarem. Lycurgo mandaua, em huma de suas leys, que se não pelejasse muitas vezes cõ os inimigos, porque não aprendessem a arte militar, destruillos de hũa vez, & quando fossẽ tão poderosos, que peualessẽ procurar tellos por amigos. Foi conselho mui auisado de Seneca, que os vizinhos, ou se hão de ter por amigos, ou por subditos: sogeitallos, & rendellos, & quando o seu poder não der a isto lugar grangealos. Sendo algumas vezes vexados, & roubados os termos de Roma pellos Samnitas seus vizinhos, & inimigos mandarão os Romanos seu exercito contra elles, oqual por certo ardil de guerra dos Samnitas foi cercado em hum valle donde não podia escapar huma so pessoa do exercito Romano, & foi taõ grande a confusaõ assi dos Romanos em se verem perdidos, como dos Samnitas em se verem com vitoria, que nem huns, nem outros sabiam tomar conselho, sobre o quefariaõ, acordarão os Samnitas, que Poncio General do exercito mandasse perguntar a seu pai Heronio pessoa de muita idade, & prudencia o que farião: oqual lhe mandou por reposta, que deixassẽ ir em paz o exercito Romano sem tocarẽ ẽ pessoa algũa. Não pareceo este conselho acertado a algũs tornarão a mandar segunda véz ao q̃ respondeo q̃ matassẽ todos os Romanos, & não deixassẽ hũ so viuo: mais confusos cõ esta segũda reposta o mãdarão chamar, & pedindolhe rezão dos seus cõselhos, respõdeo que o primeiro era mais acertado, pois grangeauão com elle a amizade dos Romanos; gente taõ bellicosa, & poderosa

Seneca in epist.

Valer. lib. 5. cap. 1. & l. 7. cap. 2.

Plut. cap. 6.

mas se aquelle lhe não contentaua, matasse todos os soldados, que com difficuldade poderiaõ os Romanos fazer outro exercito tão poderoso, porem, que os amoestaua, se nao houuessẽ com elles de sorte, que ficassem inimigos como antes, & poderosos. Não seguiraõ os Samnitas este conselho, porque se resolueraõ em deixar ir os Romanos, fazendolhes primeiro tais afrontas, que seruiraõ de mais os exasperar, & tornarem contra elles, & os destruirem, roubando, & despojando a cidade, & fazendolhes mayores afrontas das que elles tinhaõ recebido: de sorte, que o que os deuia remediar, seruio de os destruir: o mesmo sucesso virão com grande perda sua os Ammonitas, aos quais el Rey Dauid mandou ẽbaixadores, que visitassem a el Rey Hanon pella morte de seu pay Naas: & cuidando Hanon, que a embaixada era pera effeito de se saberem as entradas & saidas do Reyno, tratou mal aos embaixadores de Dauid, rapandolhes meas barbas, & cortandolhes as vestiduras, & não considerando o poder del Rey Dauid, & o perigo em que ficaua tornandoo de amigo inimigo agrauado, porem breuemente conheceo seu erro, quando o arrependimento seruia de pouco: que aonde falta prudencia, & pera os tempos futuros prouidencia naõ podem deixar de se esperar desgraças,

Florus in bello samnit.

Orat. li. 3. c. 13

2. Reg. c 10.

DISCVRSO XVII.

Deue estenderse a prouidencia aos costumes, & trages dos vassallos.

A jurisdição da prouidencia he tam larga, que comprehende a mayor parte da rezão de estado porque della dependem os remedios de todos os sucessos futuros, & saõ mais os que tem necessidade de se atalharẽ antes, que de se socorrerem depois: & se julgamos por necessarios os thesouros, & o valor dos vassallos á honra, & conseruação da republica, deuemos aduertir dos vicios oppostos, que como crueis inimigos pretendem sua destruição mais perigosos por viuerem dos muros a dentro: & porque nos discursos que se seguem deuemos tratar delles, neste lugar conuem, que se veja, como effeito mais ordinario da prouidencia o cuidado, que deue hauer em atalhar a que se não faza autoridade dos vicios, que em todas as republicas bem gouernadas se costumarão prohibir: porque o pouo em que ordinariamente se

acha

acha menos consideração respeita as acçoens aplaudidas dos mayores, por indecentes que se jão, principalmente se tem algũa apparencia de grandeza, desconfiando os que menos podem de não chegarem a cõpetir com os gastos desnecessarios dos que na vaidade, & delicia se querem auentajar aos mais, de que nace a repugnancia com que se applicão a milicia, & a má vontade com que acodem as necessidades publicas, que quem julga por necessario satisfazer ao appetite, tem por mal empregado o que se gasta na necessidade, & nas occasioens de honra: & ainda q̃ saõ varios os caminhos por onde as republicas se perdem, a mayor parte delles se reduzem a liberdade, com que cada hũ segue seu appetite, assi nos trages como nos vicios, naõ tendo outra regra de viuer mais que sua inclinação, & gosto, & porque adiante se ha de tratar da ociosidade dos mancebos, grande parte dos desconcertos, que se experimentaõ cada dia, cujo remedio em tempo dos Romanos dependia do officio de Cẽsor praticado entre elles, como a diante se vera, encaminharemos este discurso aos trages, & gastos desnecessarios como raiz de dous vicios mui perjudiciais, necessidade, & couardia: porque a variedade delles, inimiga dos menos custosos, direitamente encontra ao valor, & moderação, seruindo aos estrãgeiros de menos estimação a inconstancia, que nesta materia vem, podendo dizer de nos em rezão do trage o que Sam Leão Papa dezia dos Romanos em respeito da religião, que não hauia erros de outras gentes, q̃ naõ admitissem. Aquelle grande Legislador Lycurgo, tão cuidadoso do bom gouerno da sua republica determinou limitar a seus subditos o modo de se trajarem, & ainda de se sustentarem: & sendo leys rigurosas, & encontradas ao gosto, & as ordenar pera os Lacedemonios, se conformarão com muitas dellas os Romanos sendo inimigos seus, Principalmente as que se encaminhauão a vestidos deliciosos, parecendolhes necessario pera sua conseruação, & felicidade da sua republica, que naõ dependesse do appetite de cada hum trajarse como quisesse, porque igualmẽte se consumia a fazenda, & se enfraqueciaõ os animos; em rezão disto mandaua Deos no Deuteronomio, que os homens se vestissem de trages varonis, não affeminados: porque ainda que o valor não consiste no vestido, depende delle muito: & S. Ambrosio sobre este lugar entende

Deut. 22.

Ambros

entende, que não quis o Senhor tanto prohibir os vestidos como os costumes, porque raramente se acha hum animo robusto entre vestidos brandos.

Man. apoph. l. 4 Estando Augusto Cesar, dando audiencia publica, vio hũs poucos de mancebos sem aquelle trage, que os soldados Romanos costumauão, & com grande colera leuantou a voz, & lhes disse: que he isto Romanos, cõ esses trages se conserua a honra de senhorear outras naçoẽs? Teue por impossiuel achar se valor, & brio em mancebos amigos de se compor, & ornar: porque cõ a brandura da seda se vão affeminãdo, & enfraquecendo os animos de sorte, que vem aparecer mais molheres, q̃ homens. Auisadamente respondeo Diogenes a hum mancebo, que lhe hia fazer certa pergunta vestido mui custosamente: que tornasse a casa, & se vestisse de maneira, que parecesse homem, & então lhe responderia em forma ao que lhe perguntaua, por pertencerem as perguntas filosoficas a homens não a molheres. Depois que Alexandre Seuero tomou posse do Imperio Romano, entrando no paço Real achou nelle peças de grande preço, & cantidade de jovas, & perolas de q̃ seus antecessores costumauão vsar, elle as mandou vender dizendo, que

Laert. lib. 6.

Man, l. 4. apoph

erão alfayas de molheres, & por ventura, que o fez, porque temeo ser por esse respeito desprezado como seus antecessores, & perder, como alguns delles o Imperio pellos instrumentos affeminados, & diliciosos de sua deshonra. Tanto aborrecia o Emperador Aureliano trages polidos, & deliciosos, que por mais importunaçoens, que sua molher com elle teue, nunca o pode persuadir a trazer hũa capa de seda, tendo pera si que não era o vso della decente aos homens; & quando os Emperadores com tanto cuidado prohibião, naõ menos com exẽplo, que com leys os trages deliciosos, tinhão vassallos, que vestidos de grosseiro pano senhoreauão o mundo: & se quisermos passar pella memoria, o trage de nossos passados, & valor de suas obras, & os costumes, & trages de nosso tempo, claramẽte nos constara, que anda o valor germanado com o desprezo das dilicias, & estas com a fraqueza, & couardia. Depois, que Alexandre Magno se vio Monarcha da Persia, quis vestirse ao modo Persiano como ja disse, que era demasiadamente curioso, & que os Capitaens, & soldados fizessem o mesmo, elles o recusarão com todas suas forças, entendendo, que o valor cõ que tinhão conquistado o mundo

Bruf. li. 5. c. 22

do

do se hauia de acabar com o nouo trage,& foi assi que no pouco tempo,que depois disto viueo, experimentou notauel mudança nos seus soldados,por que eraõ tão grandes os desejos de irem viuer a suas terras, que ja se não lembrauaõ do animo,& brio com que se arremeçauão aos mayores perigos, mas do descanço a que ja com o nouo trage estauão habituados. Não determnaua tratar neste discurso do excesso com q̃ as molheres se ornão,porque he materia em que ha de ser necessario falar em respeito da criação,que deuem ter:porem suposto, que estranhamos nos homens a curiosidade,& demasia dos trages,parecera que não tem lugar nellas esta limitação & não conuem passar por erro tão perjudicial a conta de fugir de repitiçoens, que foraõ mais sofriueis,se dellas resultasse emmenda neste vicio. Algũs julgarão por pouco nociua a republica, a demasia dos trages das molheres, porque ainda q̃ o valor de algumas,bastou pera dar Reynos,& a moderação das Matronas Romanas enchia algumas vezes o thesouro publico,tendo por mais hõra em pregar nelle as joyas, que em se ornarem, o mais ordinario he ser este vicio nellas menos perjudicial,pello que toca ao valor necessario a defensaõ da republica,mas em rezão de outros effeitos não tras menos inconuenientes:porque estaõ nellas taõ introduzidos os enfeites que muitas os não vsaõ ja pera contentarem,ou pera satisfazerem a vaidade,mas por necessidade,& obrigação,& este he o peor estado a que podem chegar semelhantes vicios,porque quando os enfeites pertenciaõ a vaidade,estauão liures delles as molheres prudentes, & graues,& quando seruiaõ somente de instrumento pera parecerẽ bem,nẽ todas queriaõ mostrar que folgauão de serem vistas, porem que o costume tenha cõuertido esta desordem em autoridade,& que importe a honra de hũa molher andar vestida de ouro,& seda,he hũa abusaõ mui perjudicial:porque a sensualidade tem de ordinario materia em que se atee,& os mesmos enfeites,& dilicias se comunicão muitas vezes aos homens de tal maneira,que houue ja quem duuidou vendo hũ homem se era molher, porque so na barba, que não tinha, se podia differencar de molher:& não saõ de menos importancia os gastos,que resultaõ dos trages das molheres, quando saõ demasiadamente custosos, porque ha muitos homens,quedeixão de casar por se não atreuerem

rem aos sustentar, receando q̃ lhe não baste quanta fazenda tem pera vestidos, & enfeites de suas molheres,& vem a ser neste tempo mais custosa a vaidade,porque quando hũa molher cuida,que tem vestidos pera muito tempo, se acha com necessidade de outros pera se conformarcom o costume,que de hum anno pera outro varia, bastando pera isto a vaidade, ou rezão particular, que algũa tem pera se contentar mais dos trages estrangeiros.Parece que a nos,& não aosHebreos foraõ encaminhadas aquellas ameaças,que Deos fez ao seu pouo pello Profeta Sofonias,que castigaria aquem admitisse vestidos estrangeiros:& não duuido que as molheres prudentes estimassem muito,que o costume, ou leis as desculpassem pera poderem vsar a moderação, que entendem lhesconuem mais,assi em rezão de honra como de proueito:mas os erros que no principio se naõ atalhão saõ dificultosos de arrancar,& he necessario grande força pera se introduzirem os que saõ mais encontrados ao gosto,não menos em respeito dos homens,q̃ das molheres,porq̃ não ha cousa mais agradauel aos Principes,& aos que desejão parecelo,que o excesso nos gastos,porque o necessario a natureza odeo,o superfluo he o obiecto de todas as occupaçoens,& trabalhos humanos;vicio taõ arraigado nos animos dos homẽs que me parece necessario repetir esta aduertencia no discurso seguinte.

DISCVRSO XVIII.

Continuase a mesma materia do perjuizo,que resulta a republica dos gastos superfluos.

O FILOSOFO Socrates se ria com muita rezão de ver o excesso com que os homens gastauão sua fazenda em trages, & outras semelhantes superfluidades,& dezia,que se hum cauallo se não julgaua por melhor, & mais generoso por estar melhor jaezado,como se deuia fazer mais conta de hum homẽ por ter maisvestidos,& criados, mas pellas partes de que a natureza o dotou: erro he, mais permitido nos Principes aquẽ a Magestade faz necessarias semelhantes ostentaçoens degrãdeza,posto que o valor em que muitos se auentajaraõ lhe daua confiança pera desprezarẽ os trages preciosos, que nelles se não hauiaõ de estranhar, fazendo mais caso do brio natural,que da ostentaçaõ exterior, por-

Stob.serm. 1.de prudentia.

porque difficultosamente remedeá hũa a falta do outro, antes faz menos airoso a hum Principe por a autoridade em mais custosos vestidos; & fiar tam pouco de seu valor, que seja necessario autorizarse por este modo, sendo assi que onde há falta delle, mayor afronta causaõ os vestidos de mais preço. Hauendo guerra entre Ottacoro Rey de Boemia, & Rodulfo Archiduque de Austria, & sendo nella vencido Ottacoro foi leuado diante de Rodulfo, aquem alguns aduirtirão, que deuia vestirse custosamente pera hum dia tão solemne, em que triunfaua do vencido Rey, & q̃ pera o receber era rezão por se de gala, porem elle o não quis fazer, antes respondeo, que se elRey de Boemia se costumaua rir do seu vestido de pano, o vestido se hauia então de rir delle: & assi foi porque chegando o Rey todo vestido de ouro, & seda se lançou aos pes de Rodulfo vestido de pano, & por esse respeito mais airoso: & mais corrido Ottacoro aquem a curiosidade, & preço dos vestidos autorizaua menos naquella occasiaõ. Não posso deixar de referir a este proposito dous Principes tão valerosos como o Emperador Alexandre Seuero, & Dom Affonso o Sabio de Aragão cujas acçoens ainda que sejaõ repetidas não deuem causar fastio, porque em materia q̃ serue de dar doctrina a Principes não se podem propor outros de mais excellentes virtudes: querendo persuadir ao Emperador, que se vestisse custosamente, allegandolhe a autoridade de que os Principes tanto necessitaõ, respondeo, que não cõsistia esta no trage, mas no valor, & o Rey Sabio com seu vestido de pano dezia, que na pessoa não na purpura consistia a melhor autoridade. Iulio Cesar se não tratou no trage como Emperador; aquem imitou Augusto: se houue outros mais valerosos não o sabemos das historias, porem não se acha em todos esta confiança, nem se deue estranhar nos Principes o trage mais custoso, & differente dos vassallos. Os Emperadores Romanos não permitiaõ, q̃ outrem vsasse de vestidos de brocado antes por ley o prohibiraõ reseruando pera si esta grandeza, mas não vemos, que os, que delles vsauão deixassem melhor fama de suas obras, porque Heliogabalo foi o que mais curiosidade mostrou em se ornar, aquem imitou Galieno Cesar cujas vestiduras eraõ bordadas com ricas perolas, que mandaua vir de todas as partes, mais estremados nisto, que em acçoens valerosos: necessitão mais

Lampri

Panorm lib. 1. de rebus gestis Alph.

mais destas aduertencias os vassallos, que se gastão mais do q̃ podem vem a buscar traças de sustentarem seu appetite, que as mais vezes he á custa da vida, & da honra, vicio mais perigoso nos ministros, aquem nunca falta occasião de poderem tirar das partes o que o officio lhes não da, & quando o fazão a seu saluo, nunça a honra fica em seu lugar, que o excesso nos gastos, principalmente nos trages serue de manifestar as faltas de quem os vsa: & em huns se descobrem á vista do ouro as manchas da pessoa, & com o resplandor da pedraria a escuridade do sangue. As vestiduras com que nossos primeiros pays se cobriraõ depois de peccarem saõ chamadas na translação Caldaica roupas de honra, porque o intento dellas foi encobrir as faltas, que o peccado manifestou, porem mais se podião chamar sinais de infamia, pois antes do peccado se escusauão vestidos. Muitos homens ha que empregaõ quanto tem em se ornarem pera mayor afronta sua, & compraõ cõ o dinheiro o aluo a que todos tirão em grande descredito seu, pois os trages, auentajados, & apparatos exteriores fazem notaueis aquem os vsa, & dão occasião a se perguntar pellos auos, pella rẽda, & pello procedimento, & os que melhor se liuraõ não escapaõ de vaons porque o ordinario pensamento dos que se vestem com mais galas do que conuem, ou he pera suprir a pouca autoridade da pessoa, ou dar satisfação a mnita vaidade. Compara Diogenes a estes tais a aruores, que estão em lugares tão empinados que se não podem os homens aproueitar do seu fruito, mas as aues & bichos, que semelhantes gastos a ninguem seruem: consomese a fazenda, empenhaõse os morgados, destroese a republica em competencias de mais, ou menos gastos, sem outra vtilidade, que querer cada hum parecer mais do que he, arriscandose a ser menos do que era, & se se aconselharão com os que esquecidos da prouidencia, qui seraõ fazer o mesmo, acharam, que Reys, & Emperadores não escaparão das miserias, que este vicio consigo tras: porque el-Rey Dom Affonso de Napoles se foi empenhando de maneira com os grandes, & desnecessarios gastos, que chegou a deuer mais do que podia pagar, & não vendo caminho de satisfazer aos acredores, tomou por remedio despojar a muitos de seus vassallos, occasiaõ dos trabalhos & afrontas, que padeceo, que hũa desordem da principio a muitas. Quasi pello mesmo caminho

Laert. l. 6.

minho foi o Emperador Caligula, q̃ cõ os gastos nacidos de superfluidades caio ẽ tanta necessidade, q̃ se pos a roubar claramente seus vassallos, obrigando aos q̃ faziaõ testamento, q̃ o deixassẽ por seu herdeiro, desgraça mayor, q̃ a felicidade a q̃ a fortuna os tinha leuantado: que de todos os males, diz Boecio, o mais insofriuel he ser ditoso pera deixar de o ser: & cõ rezaõ ordenou o direito, q̃ a semelhante gente se desse curador, igualandoos cõ os doudos. Sendo Diogenes catiuo, & hauendo de venderse como tal, lhe perguntou o que o apregoaua, que sabia fazer, pera dar noticia de suas partes aquem o cõprasse, respondeo elle, que sabia mandar a gente liure: & vendo nesta occasião passar hum homẽ mui bem vestido, & que em seu trage mostraua gastar mais do necessario, disse aoq̃ o vẽdia: áquelle homẽ me podeis vẽder q̃ tẽ necessidade de senhor a q̃ obedeça, q̃ a liberdade de q̃ resulta a propria destruição mais se pode chamar catiueiro; q̃ os homẽs particulares gastẽ mais do q̃ podẽ, desgraça he, q̃ depois vẽ a pagar obrigados da pobreza, ou dos acredores, porem se este vicio acerta de fazer assẽto nos ministros de justiça, ou de fazẽda, quẽ os ha de executar pella injustiça, q̃ fizerão, ou pelloq̃ leuarão as partes? & o pe

Boet. de consolat. lib. 2.

Vlp. ff. de cur. per. dan.

Laert. l. 6.

or he, q̃ se caiẽ em necessidades causadas de suas demasias, ou a vaidade he mayor, q̃ os ordenados, dizẽ q̃ lhe he licito tirardo officio a sustẽtação, & a fazẽda real, ou a justiça das partes opagão. Grãde cuidado deuem os Principes aplicar a q̃ este vicio não lance raizes nos ministros, começãdo a estranhalo ẽ suas proprias pessoas, porq̃ nestasmaterias pode mais o exẽplo, q̃ as leis, & mais facilmẽte hão os vassallos de cortar pellas occasioens da vaidade a imitação dos grandes, q̃ a poder de prematicas. O Abulẽse notou, q̃ a rezaõ porq̃ o Anjo quis matar a Moyses por não ter circũcidado seu filho, foi, porq̃ como hauia de ser Principe dos Hebreos, deuia primeiro executar ẽ sua casa oq̃ seus subditos hauião de guardar. Pouca doctrina de moderação nos derão ate agora os superiores, por ventura causa dos gastos demasiados, q̃ se forão introduzindo nos q̃ naõ tẽ possibilidade pera elles: & não he rezão, q̃ o gouerno presẽte pague o descuido dos passados, & sera força, q̃ o pague se a reformação, q̃ os Principes por obra nos ẽsinão necessitar de outro rigor porẽ não deuẽ as demasias, q̃ se fũdaõ mais em opinião, que em necessidade estar tão arraigadas nos animos dos que as vsaõ, que não baste o exẽplo dos

Abal. in exod. 4.

mayores, cujas acçoens todas publicaõ valor, & se este não tiuer tanta força com os q̃ acertarão ter menos brio, ou a desconfiança tiuer mais lugar, proporlheshei o exemplo de huma molher, posto que Rainha, & prudente, que com sua moderação conseguio o que as armas sem ella não puderão acabar. Foi o caso, que ficando viuua a Rainha D. Maria molher del-Rey D. Sancho 4. de Castella, que tomou a Tarifa com hum filho de noue annos, ao qual tãto que foi leuantado por Rey, mandarão desafiar elRey de Aragão, o de Portugal, o de Granada, D. Affonso dela Cerda, q̃ se chamaua Rey de Castella, & o infante D. Ioão, q̃ se chamaua Rey de Leão, os quais todos lhe fizeraõ guerra, & entrarão por Castella, porem a prudente, & valerosa Rainha pos de parte todo o gasto da casa Real, vendendo todas as peças de ouro, & prata, seruindose com barro, & empregando no pagamento dos soldados, & nas despesas da guerra todas as rendas da Coroa: o q̃ foi de tãto effeito, q̃ ficou o Principe seu filho ẽ posse pacifica do Reyno perualecendo contra tão poderosos inimigos, como outra Iudith mais valerosa cõ a sobriedade, q̃ cõ as armas: & porq̃ esta materia tẽ tãobem lugar quando se tratar dos ministros amigos de receberem fique pera então, o que aqui faltar.

Valer. hist scolast. li. 4 tit. 5. c. 6.

DISCVRSO XIX.

Tambem he effeito de prudencia mui necessario ao gouerno saber conjectu rar as cousas ocultas das que são conhecidas.

EVE Socrates pera sy, q̃ errara ana tureza ẽ escõder o coração, & onão por á vista de todos, pera se verẽ os pẽsamentos bõs, & maos, as affeiçoens, & odios, & a differẽça, q̃ ha ẽtre os exteriores, & interiores: não foi erro da natureza, antes perfeição, q̃ não era possiuel poderẽ conseruarse os homẽs, se estiuessẽ vendo os ẽganos cõ q̃ saõ tratados hũs dos outros: considera ção, q̃ teue aquelle Philosofo Athenienſe Thimon, tão inimigo dos homẽs, q̃ geralmente tinha odio a todos, dando por rezão, que conhecia sua maldade & ma vontade; não lhe approuo o odio, nem tambem reprouo o conhecimento dos engamos, & fingimentos com que os homens por muy leues causas, & algũas vezes sem ellas persegue, & saõ perseguidos, q̃ nũca fez mal a noticia dos males, principalmente aquem ade gouernar

Stob. in serm.

uernar: & quando entre os particulares sejaõ os fingimentos, & enganos em cousas limitadas, & de pouco porte, entre os Principes, & ministros ha rezoens, que fazem de muita consideraçaõ a falta do conhecimento, & noticia dos tais males. Deu a natureza a todos os animais distincto pera conhecerem as mudanças dos tempos, & alteraçoens dos elementos pera se saberem precatar, & deulhes hũa natural sciencia da antipatia, que tem huns com os outros pera se desuiarẽ, & fugirem de encontros: não proueo aos homens deste distincto, porque lhes deu entendimento, de que se deuem ajudar, assi pera noticia das variedades dos tempos, como pera o conhecimento das inclinaçoens, & condiçoens daquelles com quem haõ de tratar. Conhecemse os tempos por sciencias particulares, & as condiçoens, & inclinaçoens dos homẽs & effeitos dellas por coniecturas, que he hum conhecimento dependente de sinais exteriores: & posto que Sancto Thomas o tem por imperfeito algumas vezes saõ tais os sinais que dão mui bastante noticia do q̃ se pretende saber. Conuem ao homem prudente, diz Cicero, saber inferir, & conjecturar as cousas grandes das pequenas, & as ocultas daquellas, q̃ lhe sam notorias. Foi cõselho, q̃ o Philosopho Phauorino deu a Aulo Gellio, offereceoselhe ser Iuiz de hũa causa ẽ q̃ se não soube resoluer, era ẽtre dous homẽs sobre hũ pouco de dinheiro q̃ hũ pedia a outro, ẽ q̃ não auia proua, disselhe o Philosopho, q̃ falasse cõ hũ, & cõ o outro, porq̃ entre a pratica, & cõuersação acharia bastãte ocasião pera cõiecturar a verdade: & sẽdo cõueniẽte ẽ causas judiciaes vsar deste modo de conhecimẽto pella noticia, q̃ dá dos casos, ẽ q̃ tiueram fundamẽto os textos, q̃ o aprouão, não ha duuida q̃ nos negocios politicos he não so conueniente, mas necessario. Bem se coniectura, que não sabera gouernar a republica quem nunca gouernou sua casa: & que não sabera na guerra contraminar os ardis dos inimigos astutos o Capitão, que na paz he enganado de homens de pouco entendimento: & que não sera ministro recto na destribuição das merçes, & cargos publicos o que sempre fauoreceo, & deu o que tinha a uiciosos. Era adagio, de que os Gregos vsauão: conhecer o pano pella ourella; & Tulio disse, que o fruto mostraua, que tal era a aruore: & esta he a coniectura mais verdadeira, que pode auer pera conhecer os homẽs, porq̃ se

S. Thom secunda secundæ 9. 110 art. 5.

Cic.

Aulo Gell. lib 14. c. 2.

Tullius

funda em obras, que Christo Senhor nosso apontou, por sinal certo de suas condiçoens, & pensamentos: outra se funda na pratica, porque assi como pello canto, diz Homero, conhecemos a aue, assi muitas vezes se alcanção os homens pello que falão: Seneca teue esta coniectura das palauras, por mui certa, referindo a este proposito ser prouerbio dos Gregos, tal a pratica qual a vida, porque quẽ bem souber desta arte, na pratica achará a cada passo rezoens, & fundamentos pera coniecturar della, não o que á primeira face se representa mas o que com ella se pretende. Bem mostrou Salamão a excellencia de seu saber na destreza cõ que soube coniecturar a verdade de palauras paleadas, & che as de malicia: mui justas, & bẽ fundadas parecião á primeira vista as de Adonias, que por via de Bersabe may de Salamão pretendeo alcançar delle darlhe por molher a Sunamites, que tinha seruido a Dauid em sua velhice de o acõpanhar como se fosse sua molher, entẽdeo Salamão, que aspiraua Adonias a se leuantar com o Reyno, pello que ja tinha socedido, & que querer casar com a molher delRey Dauid, era pera ter mais direito ao Reyno, & por isto o mandou matar. Estremadamente conjecturou o mesmo Rey ẽ outra occasião qual era a verdadeira may do menino, que ficou viuo entendendo que o amor natural das mains verdadeiras não podia admitir tam grande crueldade como fora diuidirse seu filho pello meio, & ainda considero nesta coniectura outra excellencia mayor, porque pudera a molher, que não era may, ter huma condiçam tão mauiosa como tem todas as molheres, & naõ querer, que o menino se diuidisse, porem considerou delicadamente Salamão ser tam natural nas molheres, a enueja, que não repararia em se cometer qualquer crueldade a conta de que sua companheira não ficasse com a ventagem de ter filho, que naquelle tempo era grande bem, & o contrario affronta, & deshonra pella esperança, que tinhão de ser o Messias de sua geração. Filo Iudeo achou que souberão coniecturar muy bem os irmaons de Ioseph, que hauia de ser seu Rey porque notarão as circunstancias do sonho ajuntando a isto a prudencia, & virtude de Ioseph, que ja naquella idade daua mostras de vir a ser grãde pessoa, mas erraraõ ẽ cuidarẽ q̃ podiaõ cõ seu odio impedir oq̃ o Ceo

Homer.

Seneca in epist.

Lib. regum 2. c. 12.

Phil. lib. de Iosep.

o Ceo tinha ordenado, porem tambẽ nas palauras pode auer engano em respeito da bondade, que se palea com a malicia ajudada das boas, não em respeito da prudencia, que não pode a ignorancia encobrirse com palauras, antes com ellas se manifesta mais; & posto que algumas vezes pareçaõ nacidas de prudencia, facilmente se alcanção, se são ouuidas de quem saiba destinguir entre o bom, & o mao: mas quando as pessoas nos negoceos, que tratão saõ sagazes; & acauteladas, requere muita prudencia saber coniecturar de suas palauras, & he muitas vezes necessario valer de outra coniectura. Tambem serue o semblante, & posto que Cicero teue pera sy, que nelle se estaua vendo toda a condição, & inclinação, & por esta razão lhe chama porta dalma, verificasse isto melhor nas occasiões, porque a paixão, & colera, o amor, & odio difficultosamente se encobrẽ, se o rosto esta patente. Não he possiuel, disse Ouidio, por mais, que hum faciinoroso queira encobrir seu crime, deixar de o manifestar no rosto; & o poeta Tragico disse auisadamente, que ninguem praticaua melhor a paixão da alma, que o semblante, cousa he esta mui ordinaria, & em que se escusa mais doctrina, porem em respeito dos Principes, & varoens prudentes necessario fora apontar algumas aduertencias sobre este genero de coniecturas, porque tratam ordinariamente com quem sabe conformar o rosto com o que lhe he necessario, & vsar de fingimento pera seus respeitos particulares; que não ha quem mais figuras saiba fazer de sy, que o interesse, & vemos, que o modo de acomodar a alegria, ou tristeza do semblante he muitas vezes causa de grandes enganos: porque o mayor inimigo he o que nos recebe com mayor riso, & onde as apparencias saõ mais alegres, saõ as obras mais perjudiciaes, & cada dia sera peor, porque a malicia tem deitado peçonha nas mesmas acçoens naturais, de sorte que ate pera conhecer o que na ordem das cousas humanas he primeiro principio, & de sua natureza notorio a todos, he necessario vsar de nouos modos de coniecturas, porq o rosto, a pratica, & ainda as obras mõtem, se ha interesse de por meio. Que Iacob enganasse a seu pay Isaac por meio de palauras dizendo, que era hum, sendo outro, não era muito, porem q Dauid enganasse a Vrias com obras tão apparentemente boas, mandandoo chamar da guerra em que andaua ocupado, & dan-

Cic. de Pet. con

Ouid. 1 Met.

Seneca Hen. Oet. act. 2.

Genes. c. 27.

Lib. 2. regum c. 11.

dandolhe de comer em sua presença com outros fauores muito pera estimar da pessoa Real: he traça que parece deste tempo, em que a malicia tem descuberto mais caminhos de conseguir seu intento: no que se funda a necessidade, que hoje ha de especular, & examinar não so aspalauras, mas as obras, pois em tudo ha engano: apliquese o Principe ao exercicio desta arte, que nella achara remedio contra muitos enganos, & regras mui certas pera nas ẽleiçoens se auer com prudencia, & nos conselhos saber os animos dos que votão, que saõ os baixos mais perigosos, que ha em todo o gouerno politico. Discurso era este em que as rezoens destado militares sepodiaõ mui bem esprayar com doutrina mui acomodada ao exercicio da milicia, cuja perfeição consiste em saber por coniecturas alcançar os ardis dos inimigos, pois estes saõ tão ordinarios, que a mayor parte da sciencia militar se encaminha aos saber desbaratar ou vsar: & pode muitas vezes mais o entendimento de hum Capitão experto em dar traças pera liurar dos inimigos, ou lhe saber dar fazer seus desenhos que o valor em lhes resistir, & empresas arduas raramente se effectuaõ com força, mas com manha, & esta fundada no conhecimento das circunstancias em que consiste este genero de sciencia. Querem alguns Autores graues que estiuesse a perdiçaõ de Dario em naõ saber coniecturar os particulares, que depois experimentou: chegou o Grego Menon a aduirtilo do valor de Alexandre, da destreza dos soldados Gregos, que trazia, & da dificuldade, que aueria em lhe resistir, apontando hum caminho muito facil pera se liurar com honra do perigo em que estaua, coniecturando da condição de Alexandre ser affeiçoado aos Macedonios, & estarlhes obrigado per criação, & natureza, & muito mais pellos seruiços, que delles tinha recebido: que pasasse parte do exercito pois era mayor do que conuinha contra os Macedonios, porque sem duuida lhe acodiria Alexandre, & o deixaria liure: & como Dario não sabia muito de Alexandre, teue por mais acertado prouar forças cõ elle, no que se perdeo. Não se se ade arriscar hum exercito sẽ primeiro se buscarem todas as traças de poder ficar vitorioso sem pelejar, & isto naõ depende de força, mas de manha. Dizia Dionisio tirano, que se não receaua tanto dos homens esforçados como dos sabios, porque estes costumão a diuinhar

Iustinus.

os

os mais ocultos desenhos dos inimigos,& contraminar os perigos antes de virem: & porque este pensamento se se ouuer de figuir entrara muito pela terra adentro das rezoens militares baste o apontado em fauor desta parte de prudencia, que cõsiste em saber vsar de coniectu ras.

DISCVRSO XX.

Não he effeito de prudencia vsar de extremos ainda em acçoens boas.

NA moderação, & mediocridade, diz Aristoteles que consiste a perfeição das cousas, todos os extremos saõ viciosos, a mesma virtude se quer liure delles pera conseruar sua perfeição: nos bens temporais, o mais buscado he o gosto, elle se serue da fazenda, da honra & de todas as mais cousas, se o tomarmos em seus extremos, he desgosto, porque nelle paraõ diz Salamão os extremos do mayor gosto, prouidencia grande de Deos por balizas aos da vida, peraque os homens se contentem com os licitos, & moderados a conta de não experimẽtarem o rigor dos extremos: saber fugir delles, diz Aristoteles

Arist. li 2. ca. 6.

Prou. 14.

Arist.

que he cousa muy difficil, porq a inclinação natural com tanto impeto se arremeça ao vicio ou virtude a que mais se affeiçoa, que se não aquieta com o meyo, mas procura buscarlhe o fim. Socrates dizia, que era este vicio mui ordinario nos mancebos, porque como o calor da idade não consente quietação pretendem buscar o extremo ẽ todas as cousas, a imitação do fogo de que participão, cuja natureza he não admitir determinada materia pera sua sustentação, nem lugar certo de sua cõseruação, nesta esphera inferior: são nelles mais certas as acçoens, que nacem de imprudencia, & appetite, porque a falta de experiencia, & inquietação do animo os leua por tão extraordinarios caminhos, que chegou Salamão a cõfessar ser hũa das tres cousas, que sua sabedoria não alcançaua; porem homens ha de muitas cans, que neste vicio parecem meninos, cujo appetite se não sabe moderar ainda em cousas de muipouco porte. Perguntãdo a Lycurgo, porque rezão mandaua em suas leys, que nos remates, & tectos das casas se pudessem por os lauores, & curiosidades, que quisessem, com tanto, que as portas fossem sem nenhum feitio: respondeo que pera os appetitosos não teré tanto a mão

ethic. lib 2. c. 9.

Socrat. in Socrat.

Prou. 3

Plut. in lacon.

a causa de compitirem sobre quem diuia ser mais extremado na curiosidade da sua porta: porque ha muitos homens, que se não contentão de serem como os outros, ẽ todas suas cousas querem ser singulares, ainda que lhes custe gastarem quãto tem: & algumas vezes, o deuem ser em cousas impertinentes, com que se desacreditem, q̃ quem sempre quer ir por fora da estrada, forçadamente se ha de perder. São os homens mui iguais, & nunca a ventagem he tanta assi no entendimento como na fazenda, que possaõ ser notaueis em extremos, ainda aos Principes, que a todos os vassallos tem tanta superiorida de saõ perjudiciaes as acçoens estremadas, ou seja em despender os bens da fortuna, ou em vsar das cousas naturais. Todos os politicos tem por cousa mui conforme a autoridade do Principe a composição do rosto, a grauidade, & pouco riso. Salamão depois de fazer huã conclusaõ vniuersal, que era melhor a seueridade, que o riso, deu volta sobre o que tinha dito dizendo, que ate em rir pouco se achaua ignorancia, porq̃ se chegar a ser extremo, & o riso for menos, & a grauidade mais do que conuem, tambem sera vicio, naõ falo somente nos particulares, que querem medir sua grauidade pella de seus superiores, mas o mesmo Principe hade seguir hum meio mui igual as occasioens, & tempos, porque humas vezes se atribuira a demasiada Magestade a soberba, outras a pouco saber, outras vezes sera causa de perigos & desordens: que a demasiada seueridade não so causa temor, mas desesperação nos subditos. Catão mayor era mui graue, & seuero, mas com tanto extremo que tendo hum criado seu comprado tres catiuos, & sabendo, que elle tinha disto noticia, & que o podia reprender se enforcou, por não chegar a ser reprẽdido de Catão. He cousa mui perigosa chegar hum subdito, & vassallo a desesperação com medo, porque a vida, & honra do Principe em tanto está segura, em quanto os vassallos não desestimão a propria, como mais por extenso digo em outro lugar, de sorte que tanta falta he prezarse hum homem de naõ rir nunca, como de rir demasiado, & tanta falta he gastar tudo em occasioens de vaidade, como faltar com o necessario em occasioens de necessidade: as mesmas acçoens se danão nos extremos, & o que vsado com moderação era vtil, & aprazivel, tomado em seu extremo he pezado. Considerou Plinio a este proposito a calidade do rio Nilo

Eccles. 2.

Plin. lib. 18. cap. 18.

Nilo, que sendo tão fertil, que rega, & semea os campos por onde passa hade ser com tanta moderação, que se não chegua a encher doze couados, ou passa de dezoito pera cima, causa esterilidade, & fome nas terras do Egypto. Hũa das mais principais partes, que hũ Capitaõ deue ter he liberalidade com os seus soldados, porque della depende ordinariamente o valor, & animo com que emprendem grandes difficuldades, & se arriscão a todos os perigos por obedecerem, & darem gosto ao Capitão de quem recebem beneficios. Plutarcho diz, que a liberalidade de Cornelio Sylla por ser demasiada foi causa de se enfraquecerem seus soldados, & de se applicarem a dilicias, & luxurias com que ficarão inhabilitados pera a guerra. Excellente cousa he a justiça, sem aqual nem o mundo se pudera conseruar, nem as respublicas gouernar, porẽ se o Principe a executar com excesso, tão longe esta de ser justo, que sera injusto, cruel, & occasiam de grandes males. Cobrou nome de cruel elRey Dom Sancho o quarto de Castella quando mandou justiçar quatro mil homens, & molheres em Badajos por huns bandos, que entre os cidadoens se leuantarão, não bastou ser a causa justificada, porque se pudera remedear cõ menos sangue, que sempre se deuem escolher os meyos, que menos custosos forem aos vassallos. Salamão diz, que he injustiça ademasiada justiça: não se tenhão por mais zelosos della os ministros, que não so a pretendem executar em seu rigor, mas excederem nella, nem isto he zelo do bem comum por mais que o queirão persuadir, por vent[illegible] que o seja do particular, que ja hoie se não acha o zelo de Elias, nẽ este se achou em tempo algum em ministros de justiça pera tomarem á sua conta a obseruancia della em seu rigor, com animo de adefẽderem, & porem a vida pella honra de Deos: requere isto mais espirito do que se acha em homens tão ocupados em officios profanos. Ocerto he que se sabe a ambição disfarçar de sorte, que o que he interesse, parece zelo, & o que parece justiça he tirania, porque nem a virtude se conserua em seus extremos, nem estes saõ proporcionados ao bem comum, que he o aluo a que se encaminhão todas as acçoens: era em respeito disto Adagio entre os Gregos: mais justo, que a mesma justiça, pera mostrarem, que não consiste a virtude da justiça no excesso da execução, nem os extremos se haõ de calificar por

Plut. in Sylla.

Valer. hist. scolast. lib. 6. tit. 3. cap. 4.

Eccles. 7.

vteis ao gouerno da republica ainda nas mais approuadas obras de virtude. Cornelio Taciito diz do Emperador Tiberio, que se não applicaua a homens demasiadamente virtuosos, porque ainda quando a virtude destes seja verdadeira, não basta pera gouernarem com prudencia politica, são differentes os obiectos, posto que juntos fazão muy boa consonancia, porque a prudencia sem virtude he malicia, & a virtude sem prudencia simplicidade, & quando hũa, & outra se ajuntão então causão excellentes effeitos: porem naõ menos aborrecia Tiberio aos viciosos, & os lançaua de si como perjudiciaes, porq̃ quando os extremos da virtude se deuẽ euitar por tais, mal podem os do vicio permitirse.

Corn. Tacit. ann. 15.

DISCVRSO XXI.

Se he effeito de prudencia a confiança demasiada.

DOVS generos há de confiança, a primeira he hum acto do entendimento, que approua, & da credito ao que se ouue, o segundo hũa satisfação, & segurança fundada em partes naturais, ou em quaisquer bens da fortuna: de hũa, & outra deuẽ o Principe vsar com muita consideração, que naõ ha vicio mais oposto ao gouerno politico, & á autoridade da pessoa, que a facilidade ẽ crer. He specie de ignorancia crer ligeiramente, diz Salamaõ, & causa de muitas desordens, que a ambição, & odio tem inuentado diuersos modos de persuadir, & vemos enganados, ainda os mais acautelados, & menos confiados. Sentença foi daquelle famoso Capitão Apollonio perguntandolhe hum Rey de Babilonia, que remedio teria pera gouernar seu imperio quietamente: dar credito a poucos & ainda a esses com cautela, q̃ os respeitos particulares peruertem os mais verdadeiros, & he muitas vezes necessario ver, & palpar as cousas primeiro que se creaõ. Perguntado o Sabio Thales, que distancia auia da verdade a mentira, respondeo, que a mesma, que auia dos olhos aos ouuidos. São taõ differentes as cousas ditas, & vistas, que deuem os Principes recearse muito de serem enganados, & não crerem cousas de importancia, principalmente tocando a terceiro sem muito fundamento. Não está o tempo de fazer caso de palauras, que ha homens mui liures no falar, & não consideraõ o perjuizo, que resulta dó que dizem, & quando o con-

Prou. 14.

Brus. l. 3. c. 13

Max. ser. 35.

o considerão pode mais a natureza, que a rezão; & ha muitos, que pera seus negocios, & de seus amigos inuentão ardis, com que persuadem quanto lhes esta bem, instrumento de que vsão os mais domesticos, & familiares dos Principes, pera se aproueitarem do seu poder: q̃ os mais altos, & ricos montes saõ minados, & arrasados de seus proprios naturais á conta de gozarem as minas, que emsi tẽ: porem não quisera, que desta doutrina vsarão algũs, que ha tão desconfiados, que nenhũa cousa crem, & sempre cuidão, que sio enganados, vicio grosseiro, & nas apparencias indigno de animo real aquẽ a fidelidade he tão deuida, & algũas vezes sera causa de mayores perdas como experimentou el Rey Dom Ioão 2 de Portugal ẽ não dar credito a proposta de Christouão Colon sobre o descobrimento das Indias occidẽtais, gozando Castella riquezas infinitas pello credito, que deu aquem lhe offerecia a empresa mais rica do mundo cõ tão pouco custo como dezaseis mil cruzados, que nella se gastaraõ no apresto de tres carauelas: & ainda nas materias de mui pouca consideração conuem mostrar nos exteriores confiança, & quando nellas houuer rezoens de duuida deue ser pera se certificarem não pera as manifestarem. O segundo genero de confiança se funda em presumpção, vsar della com menos fundamento, & querer mostrar cõfiança a conta de que se saiba; ou ao menos sospeite que ha rezoens, pera a ter, he ignorancia & em rezão militar, cousa perigosa, porque he arriscar o cabedal, que ha, & por na praça, o q̃ não ha. Persuadiaõ a Xerxes Rey de Persia os seus Capitaẽs que fizesse guerra aos Gregos, afirmandolhe que lhe largariam o campo com qualquer noua de guerra sem esperarem o fim, porem sucedeo o contrario doque imaginarão, porq̃ os Gregos o desbaratarão por muitas vezes, & foi vẽcido, por causa da confiança; mal fundada. Desgraciados sucessos teue el Rey Dom Fernando de Portugal nos encontros, que com elRey Henrique de Castella teue, porem foi a desgraça merecida, porque a presunção, que de si, e de seus vassallos tinha o fazião desprezar todos os concertos, que por parte delRey Henrique se lhe offerecião: q̃ a muita confiãça he a que muitas vezes desbarata mais, que os inimigos. Scipião Affricano dizia, que era palaura ignorante dizer: não cuidaua. Ninguem hade confiar com presumpção, mas com fundamento, que não ha

Valer: lib. 1.

Plut. in vita Scipionis.

ha esforço no mundo singular o Emperador Maximino tinha pera si, que não auia quem mais valeroso fosse, estando em hu mas festas lhe repetirão huns versos, que traduzidos em lingoagem dizem.

Grande he o Elefante, & ha quem o mate.
Forte he o Leão, & ha quẽ o mate
Brabo he o Tigre, & ha quem o mate.

Capitolinus.

Considerou hum Autor graue, que desejando Olimpias may de Alexandre Magno de matar Arideo irmão do mesmo Alexandre, sendo menino, & dandolhe pera isso peçonha o não pode matar, & depois de ella ser viuua, & não Rainha, & morto Alexandre, & Arideo Rey de Macedonia, então o mandou matar: pera que entendão os Reys, que estão taõ sogeitos a hũa morte violenta como os mininos de pouca idade. As maons de outra molher morreo elRey Pyrro não bastãdo o valor real pera o liurar desta desgraça. Não ha poder, & Magestade tão soberana, que possa vsar da confiança arremeçadamente sem cautela. Os historiadores dos Gregos dizem que a rezão de se acabar o poder dos Athenienses sendo a republica mais florente nas armas, que quantas a antiguidade conheceo, foi por querer ter tanto brio, & fiar tanto de seu valor, que não queriaõ admitir as rezoens dos Lacedemonios por mais justificadas, que fossẽ. Faz mal quem se gouerna por sua fantasia, que daqui nacem, serem os sucessos tão encontrados aos intentos, naõ basta animo, se falta o fundamento, & ẽ negocios graues resoluer com pouca causa, & ser mais a confiança, que a rezão de a ter, he huma desordem, que chama a muitas. Quis elRey Demetrio trauar guerra com o valeroso Machabeo Ionathas, fundouse em muitos cauallos sem aduirtir ao essencial da guerra, que he a copia, & esforço dos soldados, foi vencido, & a Escritura não da outra causa mais q̃ esta, por se fiar na muita cantidade de cauallos, que tinha pera aguerra: & esta parece que foi a rezão porque Iosue, tomãdo os seus soldados muitos carros, os mandou queimar, & que dos cauallos se naõ aproueitassem, parecendolhe, que empregarião a confiança nelles, & se descuidariaõ do principal que he o valor, & esforço: pensamento, que teue o Valeroso Capitaõ Xenophonte, quando naquelle exercito de dez mil Gregos, que gouernaua mandou, que se queimasse toda a bagagem

Pin. na Monarch. Eccles. 1. p. lib. 7. ca 17.

Mach. 12.

Iosue. 11.

gagem, todas as tendas, & carros, peraque entendessem, que em semelhante empresa so o valor de suas pessoas os auia de acompanhar, & liurar dos perigos, a que andauão arriscados, entre barbaros, tão dinstantes de suas patrias. Saber buscar o posto á confiança, & assentalá sobre alicerces firmes he grande lanço de prudencia: nem tambem deue o Principe ser incredulo, & desconfiado, que a fortuna mostra muitas vezes seu poder em fauorecer os casos que se emprendem com mais animo, que consideraçam. Não anda a fortuna, diz Cicero, atada a todas as acçoens nacidas de constancia, algumas vezes vay por outro caminho, porem hase de ter respeito a esta sua condição em casos particulares, cujo sucesso não perjudique ao bem comum, que ha muitos desta calidade, & fiar da fortuna negocio de importancia encontra toda a rezão do bõ gouerno.

Cic. li. 2 de natura Deorum.

****
*****
***
*

DISCVRSO XXII.

Se são mais vteis as resoluçoens aceleradas que ás vagarosas.

MVITAS vezes se perdem negocios de grande importancia pello vagar com q̃ se tratão, & perdida a occasião difficultosamente se restaura, que por esta causa a pintauão os antigos calua, & mui insignes Capitaens forão louuados pella presteza com que emprendião obras de grande valor: excellencia; que muitos dão ao Capitão Alciliades, & de que Cesar em diuersos lugares se iacta, & não so em materias; que dependem de brio; mas de entendimento. Aristoteles, diz que argue mais agudeza de engenho a pressa nas resoluçoens; & alguns se pagam tanto deste genero de habilidade, que a antepoem ao vagar, ainda em companhia do acerto, principalmente se falão em acçoens proprias. Foise a Apelles hum pintor com huma taboa, em que tinha pintado huma figura, que a seu parecer era estremada, perguntandolhe que lhe parecia

Plut. in Alcib.
Cesar vi. coment.
Arist. l. 3. ethic.

& tendo por certo, que Apelles lha gabaria, lhe disse, que hauia mui pouco, que a tinha começado, & acabado, querendo receber dous louuores hum da bondade da pintura outro da pressa com, que a fizera, porem Apelles lhe respondeo, que não tinha, que lhe encarecer a breuidade com que a pintara porque ella a estaua mostrando, arguindoo da ignorancia com q̃ pretendia ser julgado por mais habil em fazer hũa pintura em pouco tempo, que por melhor artifice em a fazer com perfeição: & se nas artes, que dependem da destreza das maõs não tem tanto lugar a presteza, como o acerto, que sera nas materias, que dependem de conselho? Plutarcho conta, que experimentou o Athenienſe Phocion mais perigo, que vtilidade na defesão de sua patria pello brio, & resolução com que os soldados mancebos se arremeçauão, queixauasse que tinha mais Capitaens, que soldados. O Philosopho Democrito dezia, que não auia cousa mais inimiga do acerto, que a pressa, porque o entendimento humano por sua fraqueza necessariamente se hade valer de discurso pera acertar, & quanto as materias são mais graues, mais necessidade tem deste remedio, que pede distancia de tempo. Fazendo Aulo Gellio menção de hum conselho, que foi pedir ao Philosopho Phauorino louua muito o vagar, com que lhe deu a reposta, cuidou nelle, & meteo tempo em meyo, pera lhe responder, não foi por isso estranhado, antes tido em mais reputação: que responder de repente, nem he effeito de prudencia, nem argue muito cabedal de entendimento. A execuçaõ, diz Seneca requere pressa, porem o conselho vagar, porque querer acertar negocios de importancia, com resolução precipitada, he impossiuel, & causa de grandissimos males: este foi huns dos castigos, que Deos nosso Senhor deu aos Egypcios por seus peccados, serem em seus conselhos, & resoluçoens precipitados, bastante causa pera em todos elles errarem, & perderem o tino: & querem alguns fosse esta a rezão, que Deos teue pera não castigar logo Adão tanto, que peccou, mas ouuilo primeiro, & passeando sobre a noticia do crime, termo de que vsa a Escritura, porque ainda que Deos naõ tinha necessidade de cuidar o que hauia de fazer, nẽ de tomar pera isto tempo, quis mostrar aos

Man. l. 6. apoph

Plut.

Bruf. lib 1. c. 25

Seneca in prou:

aos Principes que em suas deliberaçoens, principalmente nas que tocarem a castigo de crimes, & justiça de terceiro, se não apressem demasiadamente, & daqui tomarão occasiam todos os Principes, & Monarchas do mundo, pera se não resoluerem em negocios de pezo sem o parecer dos mais prudentes de seus vassallos, tendo pera isto tribunais aplicados as calidades dos negocios, pera que os mais experimentados, & praticos nas materias com conselho, & vagar as determinem, discursando cada hum, & confirindo todos entre sy as rezoens, que ha pera de huma, & outra maneira se resoluerem. Acontece algumas vezes, quererem os Principes em materias de muita importancia, gouernarse por seu parecer, executando temerariamente o que emprendem, não dando lugar ao entendimento vsar de discurso, & deliberação: vicio muy ordinario em poderosos, que ja Cicero os aduertia delle, com o que ficaõ impossibilitados a acertarem, & porque estas resoluçoens precipitadas, principalmente se saõ em perjuizo de terceiro, ordinariamente nacem de colera, ou de credito demasiado ao que ouuem; sera rezão mostrar aos Principes quanto erraráõ, obedecendo a estes vicios. He mui perigosa a colera, & paixão com que os homens inconsideradamente se arremeção ao que lhes não conuem, em que os Principes se deuem muito ir a mão: porque a mesma colera diz Aristoteles he doudice, & não somente se perde a autoridade, & reputação com os vassallos, & se grangea odio, mas fica impossibilitado acertar, & arriscado a dárem mil desconcertos, quem não refrear em sy esta paixão, porque he causa de mil perigos, que os colericos ordinariamente saõ temerarios, & sem fundamento se conformão com o que a paixão lhes dita, não admitindo conselho, nem dando a isso lugar: vicio de que Alexandre Magno foi muy notado, com que desautorizou, & deslustrou suas proezas, matando sem causa os Capitaens a que mais obrigação tinha, & dando vida a quem merecia morte, não por causa de malicia, mas da colera, com que se cegaua sem saber o que fazia. Os Romanos se prezauão de tam considerados, que não so fazião pouco caso no gouerno da republica de homens arremeçados, mas ainda na guerra costumauão casti-

Cic. 2. tusc.

Arist. l. ethic. c. 8.

Alex. ab Alex lib. 2. c. 13.

castigar os soldados, que tinhão este vicio, abrindolhes as veas, & deixando cair a maior parte do sangue, que tinham no corpo; pera mostrar, que os curauão do furor, & colera nacida de sobejo sangue. Ha ministros a que se pudera com muita rezão applicar esta medicina; porque a colera natural, com a soberba nacida de presumpção mal entendida, & algumas vezes com intento de grangearem respeito, & autoridade, os faz ser tam superiores, que se não contentão com lhes offerecerem o modo, mas com disporem da sustancia, cortando pella honra, & fazenda, dos que se mostrão menos humildes, esquecidos de que o respeito se não grangea com soberba, mas com justiça, & verdade: nem o bom sucesso dos negocios depende da autoridade misturada com presumpção, mas da prudencia, & madureza, assentada, & liure de todo vicio: aduertencia mais necessaria a ministros a quem o desejo de o parecerem faz excederem em sua obrigaçam: porem não pouco importante aos Principes, que muitas vezes tem hũa condiçam precipitada inimiga de toda a rezão, & gouernada pella colera não pella consideraçam do que comuem. Procura se o bom sucesso, diz Quinto Curcio com o assento, & madureza do conselho, & não com o impeto, & arremeço de colera: & sendo esta deliberação, & assento tão necessario nas resoluçoens do gouerno politico, nas do gouerno militar he toda a sustancia do negocio, em que me eu não deterei por ser differente materia da que trato. Apontarei somente pera confirmação deste discurso, o que Sancto Antonino refere do Emperador Augusto Cesar, que muitas vezes costumaua dizer, ser perfeição de hum Capitão o vagar nos conselhos, se as occasioens a isso daõ tempo, & quando na milicia em que a força tem tanto lugar, & a presteza he tam louuada, se faz caso do vagar, & consideração, bastantemente se mostra quam perjudicial he no gouerno politico resoluer nos negocios graues arremeçadamente, & com pressa. Não he menor perigo deste vicio se a causa delle he o credito, que se da a informaçoens apaixonadas, porque as resoluçoens mal consideradas quãdo tocaõ a negocios militares muitas vezes naceram

Quint. Curc. de gestis Alexãdri lib. 7.

Antoninus de August. eusq; tẽporis claris viris

do zelo da vingança; que onde este entra não fica tão liure o entendimento pera considerar o caminho mais vtil, mas o que mostra mais breue execuçaõ:porem no gouerno politico poucas vezes tem disculpa a demasiada pressa,se a necessidade a não pede. Alguns disserão serem mais honradas as resoluçoens, que procedem de colera, & trazerem muita vtilidade:porque o brio conforme o parecer de Seneca mais ha de participar da condição colerica,que flematica,& muitas vezes temos visto perderẽse os negocios pello vagar, & pouca resolução daquelles, que tem a seu cargo applicarlhes os remedios;casos ha em que o vagar sera sua total destruiçam. Não se podem trazer em doctrina geral sucessos particulares, cuja desposição depende da prudencia dos Principes, & ministros,nem he possiuel, que se limitem,& exceptuem casos infinitos,em que a necessidade & pressa, sabe inuentar remedios,trato do gouerno ordinario,& administrado em tempo que tenham lugar as regras de prudencia,aqual não dispoem a execuçaõ de suas obras com pressa,principalmente quando estas se fundão em queixas, ou informaçoens de terceiras pessoas porque não pode auer mayor erro,que dar credito apressadamente a queixas,& requerimentos de quem fala com paixão,argue isto falta de entendimento.Salamão condena por ignorantes a todos os que se persuadem com facilidade a ter por verdade o que não tem fundamento bastante pera o ser: conselho,que o Poeta Menandro daua ainda aos particulares pera se liuraremdas desordens, que resultão de crer facilmente o que se hade executar com respeito ao credito; que se recebe,rezão ao diante repetida,& neste discurso mui necessaria, cujo fim he atalhar ás resoluçoens, que cada dia vemos menos justas, & conformes com a verdade, como fundadas sobre licerces falsos, & fabricados por animos danados. Mal socedeo a elRey Dom Fernando de Castella a injusta,& apressada resolução, que tomou em mandar despenhar aquelles dous Irmaons Pedro de Carauajal,& Ioam Alfonso de Carauajal por se persuadir,que mataraõ a Gomez de Benauides não auendo mais proua que alguns indicios falsos, sem os querer admitir amostrarem juridicamente sua innocencia, porque indo ambos a padecer ẽprazaraõ a el-

Eccles. 19.

Valer. hist. scol. lib. 6. tit 3. ca. 5.

Rey pera da hy a trinta dias estar com elles a conta diante de Deos,& no mesmo dia em que se acabou o praço, deitandose elRey a dormir a sesta, o acharão morto. Notauel caso, & extraordinario exemplo pera os Principes entrarem em consideração de quam perjudicial cousa he resoluerense por informaçoens, & indicios em materias,que tocão a justiça de terceiro,deuendose estas regular pellos merecimentos, que a tal justiça lhe achar,& não pello gosto, paixão, ou credito a informaçoens extrajudiciaes, & erradas.

DISCVRSO XXIII.

Se he licito aos Principes disfarçarense em respeito de alguma vtilidade.

OVSA he sabida que naõ ha virtude mais necessaria ao gouerno politico,& a que os Principes deuão mais respeito,que a verdade:o Spirito Santo diz,por Salamão,que deuem fugir da mentira naõ so pera a naõ vsarem,mas pera a naõ ouuirem,& como o disfarce he hum genero de mentira cõ que hũa pessoa pretende mostrar o que naõ he, parece mais indecente aos Principes, que aos mais homens, & se consultarmos as historias sagradas naõ acharemos mui acreditada esta rezaõ de estado.Entrou elRey Achab disfarçado na guerra, que teue com elRey de Siria, & nella morreo miserauelmente,& ainda,que alguns dizem, que despira a purpura Real por cortesia, querendo mostrar a elRey Iosaphat q̃ tinha vindo em sua ajuda,que era seu subdito:o certo he,conforme a Lyra que se disfarçou,pera que naõ fosse conhecido, & carregasse os inimigos contra Iosaphat: porque elRey de Siria tinha mandado a seus soldados, que arremetessem ao carro em que hia elRey Achab, encaminhada foi a traça de ir desconhecido, a se liurar da morte,expondo ao perigo o Rey a que deuia todo bom termo,pois o vinha ajudar,mas naõ lhe valeo pera escapar de hũa seta,q̃ lhe atrauessou hũa perna,de que logo morreo. Naõ socedeo bem a elRey Saul o disfarce com que foi consultar huma feiticeira,teue por reposta hauer de morrer breuemente. Ainda acharemos menos autorizado este costume em respeito das molheres:muito hauia,que dizer sobre o descuido, que ha ẽ o prohibir,porque se nos homens he indicente, nas molheres

Prouerb.29.

3.Reg. 22.

1.Reg. 28.

res he mui perjudicial,& occa
sião de grandes males:taparem
o rosto cousa he mui decente,
& mui vsada nos tempos anti-
gos em que a honestidade era
mais respeitada,porem não pe-
ra sairem desconhecidas, & an-
darem pellas ruas á sua vonta-
de,entrando,&saindo õde lhes
parece; cobriãose as mais hone
stas,& graues com hum veo, &
ainda que eraõ conhecidasnão
lhe viaõ o rosto,& por esta re-
Cen. 21 zão deu elRey Abimelech a
Sara dinheiro pera comprar
hum veo,quando,depois que in
tentou casarse com ella achou
que era molher de Abraham,
& a largou á seu marido: não
parece dadiua de Rey em re-
speito do preço,mas era a joya
que mais conuinha á hũa mo-
lher tão graue,& de que mais
se hauia de seruir. Não he o in
tento das molheres taparem o
rosto pera não serem vistas,mas
serem vistas,& não serem co-
nhecidas.Desculpa merecia a
molher delRey Ieroboão em
mudar o trage pera ir saber do
Profeta Ahiás se hauia de mor-
rer seu filho receando, que o
Profeta lhe não quisesse dizer
a verdade,sabendo que era Rai
nha,& com tudo foi reprendi-
da pello Profeta, & castigada
com a morte do mesmo filho:
peor sucedeo a Thamar com
seu disfarçe,infamada ficou sua
honestidade na Escritura. Po-
rem aos Principes decẽte he,&
conforme com a autoridade
disfarçar algumas vezes a pes-
soa em respeito de algum bom
fim,não com tapar o rosto por
respeito de jogos,& entreteni-
mentos,posto que alguns Prin
cipes o usassẽ ;mas mudando o
trage,& nome,ou de noite, ou
em parte,que baste esta mudã-
ça pera se não vir em conheci-
mento da pessoa: assi o fizerão
mui prudentes,& valerosos Prin
cipes com vtilidade do que cõ
esta traça intentauão, & sẽ que
bra de sua autoridade, antes a-
crescentamento de sua reputa-
ção.elRey Dom Pedro quarto
de Aragão depois de tomar aos
Franceses o Reyno de Sicilia
por auer sido de seu sogro el-
Rey Manfredo filho do Empe
rador Dom Fadrique, vendo q̃
elRey Feliphe de França orde
nauahum exercito contra elle,
se foi a França disfarçado em
companhia de tres fidalgos, &
esteue presente ao alardo, que
em Paris se fez da gẽte de guer
ra de que elRey de França se
enfadou muito depois, que o
soube,que foi a tempo, que el-
Rey Dom Pedro ja estaua em
Aragão:não teue a guerra seu
effeito,porque determinarão, q̃
da hi a hum anno se achasse hũ
Rey,& outro no campo de Bur
deos,cada hum com dous ca-

ualleiros perà quepelejassem so bre o direito do Reyno como esta dito. ElRey DomPedro de Portugal sahia de noite embuçado, & conuersando com a gẽte do pouo sabia, quanto passaua na cidade, & como procedião os ministros de justiça, & de si propio ouueria algumas faltas, que por outra via seria impossiuel saber: encargo grande da felicidade humana andar as cegas, & negarselhe a verdade, que aos miseraueis se da de graça. Federico o mayor, Duque de Austria costumaua mudar de vestidos, & desconhecido se metia entre os officiais, & lauradores a trabalhar com elles & perguntandolhe, porque o fazia, daua por reposta, que não podia de outro modo ouuir de si a verdade. Conueniente he que os Principes algumas vezes se disfarcem, & sem mostrarem quem saõ, falem com seus vassallos porque ouuiráõ a verdade mais pura, & sem as cores que os lisongeiros lhes dão, & inteirarsehão em hũa noticia certa dos merecimentos, & partes dos vassallos, que deuem admitir aos cargos, liurandose de hum erro ordinario, & infaliuel em todas as eleiçoens de importancia não se fazer tanto caso das pessoas como da relação, que tem com os priuados o que ordinariamente não nace da afeição dos Principes, q̃ poucos auera queirão errar de proposito por dar gosto a hum priuado, mas do engano, & fingimento dos que costumão assistir á pessoa Real, que se vestẽ das cores do mesmo priuado, falando nas pessoas pella lingoagem, que elle quer, & não pellas, que elles merecem. Pythagoras dizia, que se contentaua mais dos homens, que costumauão arguir as acçoens boas, que daquelles, que ate as más louuauão, porque ainda que huns saõ desabridos, & desconuersaueis saõ verdadeiros, & inimigos de enganos: os outros, posto que na conuersação se mostrem aprazíueis saõ perjudiciaes aos mesmos amigos, & dos primeiros deuem os Principes fazer mais caso estimando sua verdade, & releuando sua condição se por ventura acertarem com quem a tem o que eu duuido muito: porque não ha quem se a treua a descontentar hum Principe, & dizerlhe de cara a cara o que lhe hade dar desgosto. Deliberouse o Profeta Micheas a dizer a elRey Achab algumas verdades de pouco gosto seu, & sem elRey saber, que erão verdades, & que o Profeta era Santo, tal odio lhe cobrou, que confessaua de si não o poder ver: peor socedeo a Iehu filho do Profeta Hanani,

Stob. ser m. 12.

3. Reg. 22.

ni,que foi morto por dizer al-
3.Reg. 16. gumas verdades a elRey Baasa:
& não he de espantar à vista
destes,& outros muitos exem-
plos faltar quem fale aos Prin-
cipes as verdades ainda q̃ del-
las lhe ouuessem de resultar
grandes vtilidades:que cada hũ
trata mais de hũa pequena co-
modidade sua,que de grandes
bens alheos,& se não he hum
Profeta Santo,que estime per-
der a vida pella verdade,não tẽ
os Principes pera que a esperar
de outrem,se não vsar de tra-
ças com que a possão alcançar;
& ainda lhe aconselharei, que
Num. 24. dos mesmos Profetas,& Santos
se receem,que a não dirão: por-
que Balão sendo Profeta se re-
solueo em a não dizer por agra
dar a elRey Balaac, que onde
entra o respeito da pessoa Re-
al acompanhado de interesse
não ha quem se atreua abrir à
boca,& dizerlhe aquillo de q̃
hade receber paixão. Ia que os
Principes conhecem de si grã-
deza,& Magestade procurãn-
do a adoração,& respeito deui
do a ella,não lhe passem por al
to os encargos,& faltas, que a
tal magestade tem,que he estar
sogeita adulação,& ẽganos dos
subditos:& com esta considera
ção solicitarem por todas as vi-
as a verdade,sem aqual he im-
possiuel acertarem, não fazen-
do pouco caso desta traça,vsan
do de algum genero de disfar-
ce pois a vtilidade delle esta ap
prouada por Principes,& Mo-
narchas em differentes idades.

ARTE DEREYNAR

LIVRO TERCEIRO.

Em que se apontão algũas aduertencias necessarias ao Principe.

DISCVRSO I.

A palaura Real se não deue quebrantar, se não em caso que do comprimento della se siga injustiça.

OBRIGA a ley de fidelidade com mais rigor aos Principes, cuja palaura deue ser inuiolauel: so o estado da miseria, nem tem credito, nem perde honra na falta da palaura: q̃ não ha rezão de mayor disculpa, diz Lucano, que a impossibilidade, não se espera fè de quẽ a não pode guardar: esta impossibilidade se não acha nos Principes em respeito do que sam obrigados por promessa, ou por ley a seus vassallos, porque nunca a promessa chega a impossiueis, nem as leys obrigão ao q̃ não conuem: serem necessarios juramentos, podese julgar por desautoridade, assi do juramento, como do Principe, que em rezão de obrigação politica, & primor, deue fazer mais caso de sua palaura, que de acquirir hum

Lucan. 9.

hum Reyno. Dizia elRey Dom Affonso o sabio, que mais deuia valer a palaura de humRey que o juramento dos vassallos: quererem que esta obrigação se estenda a consciencia não he mais que hũa ceremonia, q̃ vem a resultar em menos reputação do juramento, porque como querem, que a consciencia obrigue menos, que a rezão de estado, o que se deuia guardar por respeito da palaura, se quebranta por rezão de juramento, não auendo rezão destado de mais importancia, que a obseruancia de hũa cousa, & outra. Auendo entre os Corinthios, & os Lacedemonios certos encontros, que puderão ter fim so com os Corinthios desistirem da confederação, que tinham feito com os Argiuos, & outros pouos vizinhos, nunca o quiserão fazer, dando por rezão, q̃ o tinhão jurado, & que a primeira cousa, que deuiam fazer era conseruar o juramento. Se hũa republica de gentios tem tanto respeito ao juramento, q̃ o antepoem a toda a outra rezão de estado; tenhão os Principes Christaons por certo, que não podem acertar em vtilidade sua, faltando no que prometerão, tomando por fiador ao mesmo Deos, porque a palaura que se nega aos vassallos, he specie de tirania, conforme, diz Cicero, & a que juntamente se nega a Deos he a mayor ignominia, que hum Principe pode ter. Quando alcançou Iacob de seu irmão Esau, que pello preço de cousa tão limitada como huma iguaria de lentilhas lhe vendesse o morgado, pera o assegurar, a escritura, que lhe pedio foi, que o jurasse. Receaua Bersabe, que reinasse Adonias, & pera obrigar a Dauid, que desse a Coroa a seu filho Salamão, & o constituisse herdeiro de seu trono, o direito, que lhe allegou foi lembrarlhe o juramento, q̃ lhe fizera. Por lanço de prudencia, & valor teue Paulo Iouio o que vsou Pedro de Medices com o Embaixador de Carlos Rey de França, que por mais rogos, & ameaças com que o quis persuadir a deixar a amizade dos Reis de Aragão, o não pode acabar, dando por desculpa o juramento, que tinha feito, que como Christão auia de comprir, & a palaura, que tinha dado, a que como Principe não deuia faltar, ainda que se arriscasse a todos os perigos, que lhe pudessem resultar. E sem juramento entendeo o Emperador Carlos Quinto, que estaua obrigado a guardar a palaura, que tinha dado a Luthero, sendo a causa de a quebrantar tão justa, pois era em materia de fè, superior a todas as politicas, & por

Pano: in lib. de rebus gestis Alphons.

Thucidides.

Cic. de amicitia.

Genes. c. 25.

Lib. 3. regum. c. 1.

Paulo Iouio li. 1. cap. 4.

Guilhelmus Zenocarus. vita Caroli,

& por mais, que muitos Principes de Alemanha o quiseram persuadir; que em tal caso se naõ entendia a ley de fidelidade a naõ quis quebrantar, dizendo, que naõ podia faltar o Emperador com sua palaura, que quando a fidelidade no mundo se naõ achasse, os Principes a deuião ter: & mais quis elRey Dom Ioaõ o 2. de Portugal, por não quebrantar hum aluara, q̃ tinha passado em fauor de quẽ mais merecia castigo pello informar erradamente, & em perjuizo de terceiro, pagar a este de sua fazenda a perda, que lhe deu, que deixar de comprir, o q̃ tinha prometido. Alguns auera que por mais leue causa a desprezem, buscando rezoens apparentes pera aquebrantar; que não saõ muitos os q̃ se leuaõ deste erro de estimarẽ mais as occasioẽs de hõra, q̃ as de proueito, mas acharão poucos exẽplos cõ q̃ se desculpẽ ao menos em pessoas de valor. Bẽ puderão as espias, q̃ forão vigiar a terra de promissaõ negar a Raab a palaura, q̃ lhe derão de lhe naõ fazer mal, & a todos os seus, pois lho prometerão por se liurar das angustias, ẽ q̃ se virão: porẽ pontualmente lhe cõprirão a tal palaura, & o sucesso della foi de grande vtilidade a huns, & outros, porque se contentou Deos muito do bem, que Raab fez, & da fidelidade, que com ella se vsou, cousa mui rara em negocios publicos, quando ha qualquer circunstancia de que se possa lançar maõ, pera negar o prometido: & he este vicio tal, que com ser mui desautorisado se pega a naçoens enteiras, & ás que se prezão de muy politicas. Dos Parthos se dezia, ou fosse praga, ou verdade; que não faziaõ caso de palaura onde se trataua de proueito. Rezão de estado deste tempo: & o mesmo, diz Cicero hauia entre os Gregos, porque nenhum caso fazião de palaura, nem de juramento, quando se encontraua com seu respeito; porem com ser este vicio taõ geral entre elles, naõ deixaua de ser estranhado dos que mais se gouernauão por primor, & rezão, que por interesse: & muitos Principes o abominauão; porque ouue ocasiaõ, em q̃ antes se quiseraõ queimar viuos, q̃ faltarẽ na fidelidade: o q̃ aconteceo naquella mui sabida vitoria de Anibal cõtra os Saguntinos: que quando apaixão chegue a catiuar a võtade, nunca podè chegar a cegar tanto o entendimento, que aja quem duuide ser a obseruancia da palaura mui digna dos Principes, & não somẽte necessaria por authoridade, mas tambem por necessidade. O Duque de Austria Federico

Alex. ab Alex lib. 5. c. 10.

Max. l. 6.

Æne. Syl lib. 3.

hauendo de trauar guerra com Ludouico Baionio sobre a pretensão do Imperio quebroulhe hum Marques de Brandeburg a palaura fauorecendo os inimigos, com tudo Federico lhe mandou certa cantidade de dinheiro, que lhe tinha prometido, mostrando nisto quam differente palaura tinha, pois lhá compria, ainda quando elle menos a tinha merecido, faltando na que tinha dado: E elRey Dom Affonso o Sexto de Castella, & Leão se sentio tanto da Rainha sua molher deitar os Mouros da mesquita mayor de Toledo consagrandoa em Igreja contra a palaura, que tinha dado aos mesmos Mouros, que em tres dias se foi de Leão a Toledo com determinação de matar a Rainha, se os mesmos Mouros não foram ao caminho pedirlhe, que a não matasse; não lhe louuo a determinação, pois era contra huma Rainha zelosa da honra de Deos: porem em outras materias he lanço de Principes mui prudentes, & de grãde primor, não faltarem no que prometeram, & quando o não fazão em rezão de primor & honra basta a rezão de estado, pera hum Principe não quebrantar sua palaura, ainda que seja com grande detrimento de seu interesse: que sempre vem a ser de mais consideração o que se perde em negar a palaura pella pouca confiança com que os vassallos ficam dos Principes a que seruem: esta he a rezão porque não so agente politica, & bem entendida, mas os mesmos barbaros guardaõ a palaura, que daõ em occasioens publicas, & que tocão a todos. Naquella batalha, que na perdição de Hespanha os Mouros deraõ aos cidadoens de Murcia, que com animo, & brio desejosos de sua defensaõ os foram esperar ao caminho, posto, que foram vencidos do exercito dos Mouros, que era muito mayor, alguns pouos, que ficaram, se acolheraõ a cidade, & das torres fizerão grande ostentação de alegria á vista dos Mouros, que estauão vendo tudo: & o Senhor de Murcia se foi aos Mouros dizendo ser Embaixador da cidade, & pediolhe outorgassem algumas condiçoens com as quais se entregaria a cidade, affirmandolhe, que tinha muita gente, & muitos mantimentos pera se defenderem: os Mouros lhes concederaõ as cõdiçoens, que lhes pediam: toda via depois de entrarem na cidade, viraõ ser tudo pello contrario do que tinha dito o Embaixador, porque nem auia gente, nem mantimentos, nem

Valer. hist. scolast. lib. 6. tit. 6. cap. 3.

Valer. hist. scol. lib. 7. c. 4.

nem outro algum remedio pera se defenderem,& estiueram em lhe negar a palaura,que lhe tinhão dado,porem acordarão ser rezaõ de estado,que lha cõprissem,porque faltando nella, não lhe dariaõ credito dahi ẽ diante aquelles que vendose em perigo se quisessem entregar debaixo de concertos, & tomarião por vltimo remedio vender as vidas mais caro; & quando a tal palaura he dada aos vassallos, mais rezoens se consideram de obrigação,pella que os Principes tem de os gouernar em paz,comprindolhes as condiçoens,que lhes prometerão. Toda via deuẽ ter aduertencia, que esta obrigação se não estenda aos casos em que da tal palaura se seguir injustiça,porque a justiça nos Principes he o melhor genero de fidelidade. Apertando hum requerente com elRey Agisilao, que lhe concedesse certa cousa,que lhe tinha prometido, a qual bem considerada era iniustiça,respondeo o Rey:se o que vos pedis he justo eu me obrigo a satisfação da palaura, que vos dey,porem se o não he,não estou obrigado a fazer hũa injustiça aconta de comprir minha palaura;porque neste caso se entende,que ningem promete o que esta impossibilitado a fazer. Não se curou Herodes

Plut. in apoph.

desta rezão pareceolhe que estaua obrigado ao comprimento da promessa ainda que fosse tirando a vida ao Baptista,& q̃ era rezão de estado mostrar aos Principes de seu Reyno,q̃ naquella occasião estauão presentes,quam bem compria sua palaura,pois a antepunha a vida de hum innocente; pensamento barbaro; & indigno de Principe fazer mais caso da execução de hũa palaura dita sẽ consideração,que da satisfação da ley diuina,& natural fũdada na obseruancia da justiça. Não ha primor,nem rezão de estado diz S.Agostinho que mande fazer hũa injustiça em comprimento de hũa palaura,&por que neste presuposto mais se pecca por falta,que por excesso,& mais Principes, & vassallos dissimulão com os encargos do gouerno, que aceitarão, do que se aplicam ao rigor,& execução do que saõ obrigados,& do que prometerão quando se offerece respeito proprio, naõ ha pera que tratar com mais palauras de hum,& outro extremo,que nem as rezoens diuinas,nem ainda as politicas costumão persuadir melhor, que as particulares.

August.

(?)(?)
(?)

DISCVRSO II.

Mui poderoso he o exemplo do Principe, & necessario pera encaminhar os vassallos.

Arist. l. 9. ethic.

Pos Aristoteles à bemauenturança da uida na imitação dos homens em que ha ualor, & virtude: porque nem o pouo pode ter maior bem que gouernarse pellos melhores, nem mayor felicidade, que ter Principe digno de se imitar. Sam Chrisostomo diz, que neste edificio do mundo saõ os Principes as paredes de fora em que todos poem os olhos, que assi como por fora se julga qual he o edeficio se nobre, se humilde, se forte, se fraco, se seguro, se arruinado, no Principe se ve qual he a republica, & em que estado esta. Quiserão alguns politicos fundados nesta rezão ter por mais necessaria a aparencia, do valor, que a realidade delle. E posto que em todas as cousas se antepoem a realidade a aparencia, como a verdade ao engano, saõ taõ necessarios os exteriores do Principe que sem elles por mais prudencia, valor, & partes que haja, serão de mui pouca importancia. Verdade he, que diz Seneca, que o valor, & prudencia do Principe, he aque sustenta os vassallos: & Salustio disse, que mais conuinha a sustancia da virtude pera felicidade do gouerno, que a aparencia della, porem he tão forte a repugnancia dos vassallos contra o Principe, em quem desconhecem as tais partes, que se pode ter por certo ser de mais importancia a aparencia, que a realidade, porque huma peleja so, & a outra tem da sua parte todos os subditos, que de tal maneira veneraõ o Principe, em quem conhecem valor, & prudencia, que não so lhe obedecem com pontualidade nas cousas justas, & de vtilidade da republica, mas ainda naquellas, que claramente parecem más, & indecentes. Não se pode persuadir o pouo, diz Aristoteles, que hum Principe, que conhecem por prudente, & valeroso, possa fazer cousa mal feita. As mesmas acçoens, que claramente parecem más, ficão calificadas, em quem tem da sua parte a opinião. Quando Iosue determinou tomar a cidade de Hai era necessario vsar de hũ ardil de guerra o qual era fugirẽ todos, & como soldados de

Chrysost. in Math. 21. hom. 36.

Seneca in epist.

Sallust. contra Catil.

Arist. l. 5. polit. 11.

Iosue.

de tal Capitão, não tiuessem por costume fugir foise Iosue diante, tendo por certo, que se não enuergonharião os soldados de seguirem hum Capitão, em que reconheciaõ tanto valor. Sendo costume mui ordinario entre os mancebos Athenienses celebrarem suas festas, & recreaçoens com frautas, tanto que virão Alcibiades, que conheciaõ por valeroso, não fazer caso deste instrumento, antes o estranhar, nunca mais os mancebos se atreueraõ vsar delle. O officio do Principe não so he gouernar com poder, & jurisdição, mas com exemplo, & imitação, & mais faz cõ as partes, que os vassallos nelle considerão, que com as que realmẽte tem. Aquelle valeroso Capitão Eleazaro, quis antes perder a vida, que faltar com o exemplo, que deuia dar aos seus: pedindolhe alguns amigos que se liurasse da morte a que estaua condenado fingindo, que comia carne de porco, & que em lugar della lhe trarião outra, o não quis fazer dando por rezão, que podiam os que o vissem comer aquella carne, entẽdendo ser de porco, escandalizarse de hũa pessoa da sua autoridade, & idade ser transgressor da ley: & teue por melhor morrer que dar mao exemplo aos mancebos, que vendoo peccar se facilitarão a fazer o mesmo. O Apostolo S. Paulo quando instruya seus discipulos nas cousas que lhes eraõ necessarias ao officio que auião de ter de pastores, & Principes do pouo Christão, encomendaualhes exemplo, & aparencia exterior, porque assi como he mais graue culpa peccar publicamente pello escandalo, & ocasião, que se da de peccar, assi he mais vtil ao pouo a virtude, que se manifesta, que a que se encobre: pelloque os Principes deuem proceder de maneira, que sua vida possa seruir de regra, & ley aos vassallos. Pera os Hebreos não terem desculpa nos peccados, que cometessem deu lhes Deos duas leys hũa escrita outra viua, deulhes a ley escrita nas taboas, & deulhes por Principe a Moyses, euja vida, & costumes eraõ a mesma ley, que Deos mandaua guardar, porque he tão poderosa com o pouo qualquer acção boa do Principe que basta pera obrigar os animos de todos os vassallos, & assi notou S. Chrisostomo que vsou Deos de rezão de estado em manifestar suas grandezas ao mundo por meyo de hum Rey tão graue como Dauid: porque se o pouo não visse no Rey o que outrem lhe ma-

Paul.

Chrisost.

nifestasse, poria muita duuida no que se lhe dizia. Seneca diz, que he o Principe como o Sol, cujo Eclipse faz mal a todos os viuentes, porque qualquer vicio seu, he perjudicial a todos, por causa da imitação. Todos se conformão nos costumes cõ os que vem no Principe, à que obedecem: porque a melhoria, que a superioridade inclue, obriga a imitação, conforme diz Aristoteles, que em todas as cousas se imita o melhor: & bẽ claro he que todos conhecem o Principe por melhor, & que tem menos culpa os que no procedimento se conformarẽ com elle. S. Thomas notou misterio nas palauras, que el Rey Abimelech disse a Abraham queixandosse delle pella ocasiaõ, que lhe dera de peccar, na qual queixa diz, que o tal peccado não so lhe fizera mal a elle, mas tambem ao seu pouo: falou assi, diz S. Thomas, porque he tão poderoso o exemplo do Principe, que faz peccar a todo o pouo, & basta hũa deshonestidade sua pera todo Reyno se costumar ao mesmo vicio esta parece, que he a rezão, porque Deos castiga algumas vezes aos Reys pellos peccados de seus vassallos como acõteceo a el Rey Oseas que sendo melhor, que todos seus antepassados teue infinitos trabalhos, & foi vencido muitas vezes pellos peccados dos seus, porque ainda, que se ouue melhor que todos os mais Reys, que ate então tinhão reinado em Israel, não chegou sua bondade a dar exemplo a seus vassallos, antes se ouue com tanta frouxidão, que estaua a idolatria em seu vigor: era bondade natural, em respeito dos passados muito pera louuar: porem mais digna de castigo por a não empregar em vtilidade do seu pouo, & assi foi mais castigado, que elles, porque não chegou á obseruancia da fê, que era necessaria pera seus vassallos o imitarem. He grande a dependencia, que os vassallos tem dos costumes, & acçoens de seus Principes. Por mais que Saul quis persuadir ao seu pajem da lança, que o matasse o não pode acabar com elle, mas depois que Saul se matou, fez o pajem o mesmo: de maneira, que sendo menos matar a outrem o não quis fazer, & com o exẽplo de seu Rey se matou assi propio. Christo nosso Senhor verdadeiro Principe, não so quis, que obedecessem os homens ao que elle mandaua, mas que aprendessem do que elle fazia. E notou S. Chrysostomo sobre aquellas palauras, do Euangelista: *aperiens os suum docebat*; que hũa cousa he falar, outra ensinar.

Seneca in simili.

Arist. l. 9.

D. Thom in gen 20.

1. Reg. cap. 31.

Chrysost. super. Math.

nar,& que ambas fazia Christo ensinaua com exemplo,& com palauras. Se o Principe viuer de maneira,que o seu exemplo ensine, não teram os vassallos desculpa no mao procedimento,que tiuerem,nem elle receos de lhe negarem à obediencia,em que consiste à tranquelidade,& felicidade da republica.Hoie que o mundo esta em peor estado, que nunqua he tão necessario o exemplo do Principe,que sera muito mais impossiuel serem os vassallos inclinados à virtude,& obras de valor, quando o Principe for descomposto em seus costumes,& inclinado à vicios: pois vemos,que pera crecerem males,& desordens,não he necessario,que sejão cultiuados, não bastando à industria,& exemplo,de tão catholicos Principes,como Europa tem pera à virtude florecer nos vassallos. Se algũa cousa ha que esteja menos sogeita à exemplo, he o esforço,cujo fundamento consiste mais no valor do animo, & corpo,que do entendimẽto, & vontade,& com tudo pode tanto o exemplo, que faz esforçados, & animosos. Muito grãde Capitão foi Anibal,& muita ventagem leuou à todos os de seu tempo:se perguntarmos à Plutarcho a Rezão disto, acharemos,que não foi tão poderoso o animo, & esforço natural pera lhe dar o nome q̃ tem,como o desejo de imitar à seu pay Hamilcar,que no valor,& brio foi semelhante à seu filho,que he a comparação q̃ mais o acredita.E ainda no pouo he mais importante este remedio,que como animal feroz à nenhuma rezão se sogeita: eo que muitas vezes não pode à rezão,acaba o exemplo principalmente com o pouo.Não basta,que o Principe mande a seus vassallos, & ministros, que não aceitem o que lhe dão, se elle pedir,& tomar o que lhe não dão:nem que sejão verdadeiros,continentes,& esforçados,se elle faltar com à palaura dada aos vassallos,gastar as rendas reais em appetites desordenados,& não tratar do valor digno de sua pessoa.Culpão muitos à Romulo na morte, que deu à seu irmão Remo companheiro com elle na edificação de Roma,por hũa desobediencia,que cometeo em passar os limites da noua cidade contra ordem sua,não o posso liurar de cruel,porem foi rezão de estado necessaria naquella occasião em que à obediencia era fundamento da prosperidade da noua Republica: porque se o pouo visse, que desobedecia Remo,todos pretenderião imitalo,& os que em valor,& brio se

Plut. in apoph.

Macrobius satur. li. 1

se querião igualar com elle, quereriaõ mostrar a mesma liberdade, que tam poderoso he o exemplo dos melhores. Sofreo Deos tão mal o peccado daquelle homem, que peccou com a Madianita, que nenhum outro parece, que foi mais graue diante de sua Diuina Magestade, o que se collige de muitos indicios, hum he que todo o pouo chorou aquelle peccado a porta do tabernaculo. Outro que em vingança delle foraõ mortos vinte, & quatro mil homens, que com elle tinhão algum parentesco. O terceiro que Phinees, que o matou, & á complice com hum punhal, foi mui louuado de Deos, & foi hõrado com o officio sacerdotal. Como tantos excessos por hũ peccado? notarão alguns Doctores, que este homem, & molher eraõ nobres, elle Israelita do tribu de Simeaõ, ella filha de hum Principe Madianita, & como podiaõ seruir de exẽplo pera os de menos calidade os imitarem, teue Deos por necessario acodir com o castigo, que nos mayores se hão de atalhar os peccados pera não crecerem: & esta quer Lyra que seja a rezão porque quando Acham furtou a capa de grã, & regra de ouro do Iosue, não so mandou ao pay, que fez o furto, que fosse leuado ao valle Achor pera ser apedrejado, mas que tambem fossem os filhos, não pera os apedrejarem, como querem os Hebreos referidos por Lyra, mas pera escaramentarem a vista do castigo que se daua a seu pai: que serem peccadores os pais, & inocentes os filhos poucas vezes sucede, mais se pode ter por milagre: Por tal julga a escritura Sagrada, perecer Core, & não perecerem os filhos; pergunta Caetano em que esteue o milagre, & diz, que não esteue tanto em escaparem os filhos do castigo, como em não serem complices no peccado, que o exemplo dos mayores faz peccar aos subditos. Perguntão alguns Doctores porque os Israelitas não quiseraõ cantar quando se acharaõ junto do rio de Babilonia sendo assi, que erão louuores a Deos: responde S. Basilio, & outros Doutores, que porq̃ os Babilonios os naõ vissem quebrantar a ley, que mandaua, q̃ so no templo de Ierusalem se cãtassem as musicas diuinas, não quiseram dar mao exemplo. Naõ se faz caso do que se manda com palauras, diz Aristoteles, mas do que se ensina com obras. Hũa das leys, que Lycurgo ordenou aos Lacedemonios era, que as tais leys senaõ escreuessem, mas que no exercicio dellas se aprendessem, porq̃ redu-

Num. 25.

Ios. 7.

Caiet. in lib. num 26.

Arist. l. 10. c. ethic.

reduzindoas a costume era forçado, que os Reys, & pessoas de mais autoridade as começassẽ a executar, como fonte donde manão todos os costumes, & estando escritas não serião sabidas mais que dos miserauéis pera pagarem a pena, & dos juizes pera os condenarem. Comecem os Principes, & ministros autorizados a executar ẽ si o rigor das leys, porque he impossiuel auer doutra maneira quem as guarde, & quando fizerem as pregmaticas cuidẽ, que hão de ser os primeiros, q̃ as hão de exe cutar: & tenham por infaliuel o Principe, & seus ministros, que serão tais os vassallos, quais elles forem, ou parecerem, pera que executem primeiro em sy as virtudes, que os seus deuem ter, que são tanto mais efficazes os costumes do Principe, que as leys, que se pode esperar repugnancia acõpanhada de perigo na execução das tais leys, quando o rigor dellas não tocar em algũa parte aquem as manda guardar. Perguntandose ao Sabio Solon de que maneira se gouernaria com prosperidade hũa republica: respondeo, que se os vassalos obedecessem ao Principe & o Principe as leys; & de hũa cousa depende a outra, que não ha obediencia de vassallos sem exemplo do Principe.

Stob. ser m. 4.

DISCVRSO III.

Obrigação he do Principe, ouuir promptamente os requerimentos dos vassallos, mas não ser facil em lhes dar credito.

CONSIDEROV Aristoteles a prouidencia da natureza em dar aos viuentes ouuidos que siruão de meyo, & instrumento de se entenderem huns aos outros, ordem tam necessaria pera a comunicação, & trato dos homens, que fora tudo confusão faltando este modo de se entenderem; donde os Egypcios, como refere Pierio Valeriano vieraõ a ter por hieroglifico da deligencia, & cuidado, com que os homens se deuião amar, huã orelha de hũ touro animal mais prõpto no ouuir que todos os outros, porq̃ não ha mayor sinal de beneuolencia, & amor, que folgar o Principe de ouuir seus vassallos, nẽ mais certo indicio, de pouca affeição, que não os querer ouuir, que nisto fundaua Deos a queixa, que tinha do pouo Israelitico pello Propheta Ezechiel, dizendo, que do pouco amor cõ que o tratauão, nacia cerrarem os ouuidos a seus Prophetas. Pagouse tanto a natureza deste instru-

Arist. l. 3. de anima cap. 13.

Pier. Valer. lib. 3. p. 25.

Ezechiel. 3.

instrumento de ouuir, que se não contentou de dar hum ouuido, mas dous, por ventura, q̃ com intento, de que os homens julgaõ as cousas conforme ouuem, & que ouçáo bem o que hão de julgar, ou, como alguns quiserão, pera ouuirem huma parte, & outra, que isso quis dizer Iob: os ouuidos saõ os que julgão, porque dos ouuidos se tira o fundamento do que se ha de julgar: deste costume principiado pella natureza tomarão os Principes occasiaõ pera não julgarem cousa algũa de importancia sem ouuirem as partes interessadas, a imitação do mesmo Deos, que guardou esta ordem na primeira execução de castigo, que no mũdo houue, he obrigação esta, essecial ao mesmo officio de Rey: auisadamente o soube dizer aquella velha, que quis falar ao Emperador Adriano, porque passando elle, & querendo darlhe conta do seu negocio, & respondendo o Emperador, que não tinha tempo pera lhe dar audiencia, disse a velha: poisdeixai de ser Emperador, cujo officio he ouuir os requerimentos dos vassallos, & por mais occupaçoens, que tenha, & impossibilidades que haja, por todas deue cortar. Ia os Antigos pera significarem isto pintarão hũa Topeira tão facil no ouuir, que estando debaixo da terra elemento tam denso, & surdo, q̃ parece impossibilita este sentido, vence todas as difficuldades, & delá esta ouuindo: he mais ordinario este vicio nos ministros que nos Principes, porque alguns ha, que fazem authoridade de se não deixarem ver, & tense feito mal contagioso, que se pega aos mais humildes: & ja não ha official, que naõ esteja recolhido quando as partes vão tratar de seus requerimentos, & quando chegão a falar, a quem espera reposta de seu negocio, he com palauras tão secas, & pezadas, que não ha tomar pè no que ellas signifiquẽ. Dizia certo cortesão mui conhecido por tal, que tinha pera si serem os Oraculos, que se contão dos antigos não palauras de idolos, mas repostas de ministros: & ainda se tem por fauor responderem, & por grãde mimo aplicarense a ouuir. Que o Principe tenha suas ocupaçoens, & recreaçoens a seu tempo, naõ se lhe pode estranhar pois descança seu trabalho sobre os ministros: que estes queiraõ tambem descarregarse, & antepor sua comodidade as obrigaçoens do officio, q̃ pretenderam, & solicitarão, negocio he pera se fazer delle muito caso, porque nenhuma cousa exaspera mais os vassallos que

Iob. 12.

Max. l. 6. apoph

Antonio Peres.

Pier. Valer. l 3. parte 123.

que o discuido do Principe, & dos ministros, em não ouuirem as partes. A principal rezão, cõ que Absalão persuadia aos vassallos de seu pay a se rebelarẽ contra elle, era, que se não dauã audiencia as partes. Não he pera ser Rey quem não ouuir as partes, nem pera gouernar, o que ouuer de ter a porta fechada: parece, que deuião os ministros fazer authoridade de ouuirem partes, & lhe responderẽ a seus negocios, & não de se recolherem quando lher vão falar. He officio de Rey dar audiencia, & este deuia ser o fundamento de se mandarem antigamente furar as orelhas aos captiuos em sinal de que não tinhão authoridade alguma. Todos os Principes, & Monarchas do mundo tiuerão esta obrigação pella mais principal, & necessaria. Alexandre Magno se enfadou muito com os seus por não darem entrada a hũa velha que lhe quis falar. ElRey Dom Affonso de Aragão dizia, que deuião os Principes estar patentes a todos os, que lhe quisessẽ falar, & com este intento não vsaua de guarda: esta foi a rezão de estado com que Ludouico Esforcia começou a grangear os animos dos Lombardos, ouuia promptamente todos os que lhe querião falar, & cobrou tanta autoridade, & reputação com o pouo, que não fazião tanto caso de algumas faltas, que tinha pera o odiar, como desta excellencia pera o amar. Os Principes Catholicos, que nos gouernão não faltão nesta obrigação, antes se mostrão nella tão beneuolos, que se pudera ter por bastante serem tais os ministros particulares no cuidado de ouuir partes, qual he o seu Rey: & era rezão que se enuergonhassem, & corressẽ ministros tão inferiores de fazerem estar em suas salas, & muitas vezes em suas logea pessoas mui authorizadas, & elles dormindo a mayor parte da tarde: so hum Rey achei notado deste vicio, elRey Nino, ou Ninias como alguns lhe chamão filho de Nino, & de Semiramis; o qual pos sua felicidade em estar recolhido, & não dar audiencia as partes, & posto q̃ Diodoro, & Iustino dizem, que este vicio se pegou a seus successores, foi com tanta moderação, que nos não chegarão as queixas de seus vassallos, nem os Scriptores as referem, & são muitas as que hoie ouuimos dos que não são Reys, nem Monarchas: & importará muito ao gouerno da republica, & justiça dos vassallos, que de todas as partes do Reyno acodem a corte a seus negocios, com muito trabalho despesa, & necessidade, que nisto

2. Reg. cap. 15.

Iudicu. 5.

Exod. 21.

Quint. Curc.

Panormit. lib. 2. ac. Alrebus gestis.

Diodorus. Iustinus.

ſto ouuera alguma enmenda,& que os miniſtros ſuperiores, & ocupados,tiueſſem todos os dias hũa hora de audiencia, & os mais ordinarios a porta aberta a toda a hora.Deuem tambem aduirtir os Principes, que ſe naõ ſogeitem tanto ao que ouuirem as partes, que o tenhaõ por infaliuel,por mais aparencia que vejão nas rezoens, que lhes derem, porque he grande deſautoridade crer ligeiramente o que pode ſer falſo. Foi o Emperador Nero mui tachado dos hiſtoriadores por crer facilmente hum aluitre, que certo Cartagines lhe deu de hum rico theſouro,que achara, oqual a Rainha Dido tinha eſcondido em Africa, & naõ eſtando Nero tão inteirado na fidelidade do autor,nem ſe informando com o fundamento,que ſemelhante negocio requeria,de tal maneira o creu, que apreſtou huma armada pera ir buſcar o theſouro,& á conta das muitas riquezas,que delle eſperaua,começou a fazer extraordinarios gaſtos com que naõ ſo ſe empobreceo,mas tambem ſe deſautorizou, achando depois ſer ſonhado o theſouro, que o Carthagines lhe offerecera: q̃ tambem aos Reys ſe dizem ſonhos,& ſe affirmaõ por verdades,imaginaçoens,ou por falta de conſideraçaõ dos que falaõ, ou pella muita malicia do s que tem entrada,& confiança pera dizerem quanto querem,&lhes crerem quanto dizem. Conuẽ ouuir as partes,& ainda aos domeſticos com tanta prudencia & cautela principalmente em negocios de juſtiça,que ſe naõ perſuadaõ facilmente,& o executem logo,que ha homẽs mui liures,& inconſiderados no falar,& ou por ſeguirem ſua condiçaõ,ou por ſatisfazerem a ſeu odio dizem quanto lhes vem a vontade,& ſe o principe for facil em crer ſara couſas mui deſarrezoadas, porque muitas ſe ouuem,que viſtas, & palpadas ſaõ mui differentes. Aduirtio iſto engenhoſamente Filo Iudeo no liuro,que fez pera inſtruir os Iuizes nas obrigaçoẽs de ſeu officio,apontando quam differente credito deue hauer entre o que ſe ouue,& o que ſe ve,porque os olhos direitamente tem por obiecto as meſmas couſas,& os ouuidos as palauras que ſaõ interpretes das tais couſas emque pode hauer engano: ja ſe o negocio toca a differẽtes partes,naõ pode o Principe cometer couſa mais encontrada a ſua obrigaçaõ, que reſoluerſe em fauor,ou diſfauor de hũa,ſem ouuir as rezoens da outra,& muito peor ſe as circunſtancias o fazem parte intereſſada,porque a paixaõ toma os portos

Cornel. Tac. lib. 16. annal.

Phil. Iud. lib. de Iudice.

portos a todo o discurso, & rezão. Grande foi o valor, que elRey Dauid teue em todas as occasioens, que requeriaõ prudencia, & animo, em nenhuma mostrou mais brio, & condição de Rey, que em se applicar a ouuir as rezoens de Saul; constandolhe mui claramente, que o queria matar, & ouuir suas disculpas no mesmo tempo, que o andaua esperando, & espreitando pera lhe tirar a vida, pediolhe Saul audiencia, deu suas desculpas, & ainda que o mesmo Dauid era o Iuiz, & aparte, nem se gouernou pello respeito particular pera tomar vingança, nem deu tanto credito as palauras de Saul que se confiasse delle, ouuio o que então lhe disse pera lhe perdoar, mas dissimulou o conhecimento de seu engano com cautela, pera se não fiar delle, que nem tudo o que se ouue se ha de crer por verdade, nem tudo o que se diz com engano se hade calificar, & publicar por tal, serue a dissimulação a seus tempos com grande vtilidade, & em nenhuma occasião com mais fruto, que quando se ouuem as partes.

2. Reg. cap. 26

****
*****
***
*

DISCVRSO III.

Deue o Principe não so ouuir, mas responder com palauras, & satisfazer com obras.

BASTARA ouuir as partes, ser aporta aberta a todas as horas, fazer representação do semblante com todas as circunstancias que se requerem na audiencia publica pera grangear respeito & amor? não para aqui a obrigação do Principe, importa auer reposta de palaura, & execução de obra: porque o ouuir he hum meyo, & instrumento pera as cousas se virem a executar. Não se tẽ por justos, diz S. Paulo, os que ouuem pregar a ley diuina, mas os que a guardão, & executão por obra: de q̃ serue ouuir o Principe auendo os negocios de naõ passar dos ouuidos. Entre todos os vicios que elRey Demetrio teue nenhum o chegou ao miserauel estado em que acabou a vida se não o pouco caso que fez de responder com alguma satisfação aos requerimentos de seus vassallos: e uendo em fim, que era caminho perigoso o que leuaua, & que se hia odiando cõ os seus, entrou em pensamento de emmenda (difficultosa acção em principes, & pouco vsada delles

Ad Rom. 2.

delles;se não em necessidade extrema)mandou apregoar, q̃ todos os que tiuessem requerimẽto dessem seus memoriaes certo dia que apontou,& que serião despachados,foraõ todos os requerẽtes,& depois de ter hũa grande cantidade de memoriais,se foi com elles passeando ate o rio Axio,& entrando pella ponte,sacudio no rio todos os que leuaua,mostrãdolhes deste modo, que não queria conceder nenhũa cousa das que pedião:o que causou tanto odio nos vassallos,q̃ na primeira ocasiaõ q̃ teue de guerra o desamparaõ,ate vir as maons deSeleuco inimigo seu,ẽ cujo poder morreo,& era rezão, que morresse catiuo,quem nunca soube ser Rey na condição.Primeiramẽte deuem os Principes responder as propostas, requerimẽtos & queixas dos vassallos,& não com palauras taõ comuas, que sendo os negocios differentes sejão as repostas as mesmas, mas acomodandose a sustancia do que se lhes propuser:porque responder com as mesmas palauras a negocios de differentes calidades,he mostrar, que ou não cayem nelles,ou nãofazem caso de os remediar,de hum resultara desautoridade,com outro grangeara desaffeição: que o não entender,ainda que seja falta natural,he nos Principes vicio mui estranhado:& não fazer caso dos requerimentos dos vassallos,he mostrar incapacidade do lugar,pois esta he a principal obrigação dos que gouernão.Nem a Magestade seja tão igual,que deixe de se conformar com as calidades das pessoas,mostrando mais beneuolẽcia aos vassallos de valor,& merecimentos,& dando a entender, que conhece huns, & outros,que a autoridade tambem se sabe humanar,& acomodar ao remedio dos subditos.Quando Moyses descia do monte de falar comDeos,trazia tanta claridade,que ninguem podia falar com elle,& punha hũ veo sobre o rosto pera os seus o poderem tratar,& comunicar:tendo por mais necessario ao officio dePrincipe buscar remedio de os conuersar,que de se lhe mostrar autorizado,sem remedear suas necessidades. He virtude mui propria de Principes, disse Marcial,conhecer seus vassallos,tratar cõ elles,& mostrar nas audiencias,q̃ tẽ noticia dos merecimentos de cada hũ com hũ termo brando,& desejoso de satisfazer os requerimentos, & não he lãço este de q̃ se deuesa zer pouca cõta porq̃ o conhecimẽto dos melhores incita aosq̃ menos valẽ,a desejarẽ por suas obras ser conhecidos :ẽ rezão disto foi muy celebrado Elio

Exod.

Mart. 8.

Adria-

Adriano por ter tanto conhecimento dos seus soldados, que ate os que andauão absentes em diuersas conquistas conhecia, & lhes sabia o nome, não somente aos de mais valor, & merecimento mas a todos os outros, por ventura causa, & fundamento do brio com que defendião sua patria, & cõ q̃ offereciaõ a vida aos perigos por não arriscarẽ a hõra, & gosto de hũ Rey q̃ os conhecia: excellẽcia, q̃ os Scriptores taõbẽ atribuẽ a Lucio Scipião cõ q̃ illustrou, & eternizou seu nome, não somẽte por respeito da hõra, q̃ cõ este genero de prudẽcia acquirio, mas dos animos, q̃ cõ este conhecimẽto grangeou. Segundariamẽte deue satisfazer cõ obras, naõ digo, que a todos conceda o que pedem: cousa he impossiuel aos mayores Monarchas, porem se a vontade se dispuser a querer satisfazer, & agradar aos que merecem, fugira de empregar mal as honras, ou interesses: & fora isto de tanta vtilidade, que ainda faltando de todo as posses não ouuera queixosos, que he o fim, que se pretende: & onde as merces se registassẽ pellos merecimentos não so aueria gosto nos vassallos, mas abundancia nas mesmas merces, que a todos abrangerião: porq̃ a pobreza, & impossibilidade, diz Seneca, não resulta de gastar o necessario, mas de esperdiçar o superfluo: & quando chegasse a tanto aperto, que se não pudesse respõder a todos cõ obras, ou porq̃ a fazenda se esgotou, ou porq̃ os que seruirão forão muitos, bẽ se pode ter por obra, hũa promessa segura cõ a palaura Real, se o cumprimento della for não certo como conuem aos mesmos Principes, de que pouco ha mais largamente tratei: não inculco por melhor este genero de satisfação, mas por remedio a falta de outro, vsar delle por costume sera vicio, por necessidade prudencia: & assi artes desta aduertencia deuẽ ter pera si os Principes, q̃ lhes não conuem vsar com demasia delle, & q̃ são seus thesouros mui bastantes pera ẽcher os pensamentos de seus vassallos; porq̃ os q̃ são ricos sospirão por honras, q̃ nunca se esgotão, se o preço dellas se não perde, ẽpregandose em quem as não merece, & se são pobres pretendem sustentação, remedio facil, se outer cuidado de que se não dẽ a poucos o que pode bastar a muitos, que pera remedear necessidades, & reparar a vida pouco basta, & sam os mais os que com isto se contentaram, & pode ser que os de grandes merecimentos nas armas: de maneira, que não consiste a satisfação

Seneca in benef

fazão dos seruiços em mais thesouros, mas em mais aduertencia ao que conuem: & conforme à isto ouça o Principe seus vassallos com presuposto, que lhes pode responder a seus requerimentos, não com palauras somente, mas com muito do que elles desejão: & vai nisto tanto, que duuido se ha cousa, que mais importe, em rezão de grangear os animos dos subditos, rezão de estado superior a todas as mais. E se os requerimentos se fundarem não em pedir satisfação de seruiços, mas de Iustiça, mais justificados saõ & menos desculpa ha em selhes não dissirir, principalmente se saõ contra gente poderosa, porque pera isto nunca se considera impossibilidade, & todas as outras rezoens, sejaõ de amor, ò dio, ou respeito saõ muy baixas & indignas de pessoa Real, que como independente de respeitos particulares, deue antepor os requerimentos de justiça a todas as outras rezoens: & de todas as excellencias reais a que mais lustra, & com mayor applauso se recebe he a resolução com que os Principes se applicão a satisfazer aos vassallos queixosos, & opprimidos. Foi mui notauel hum lanço, que teue o Emperador Dom Affonso de Espanha em satisfazer as queixas, que hum laurador lhe foi fazer de hum homem poderoso o qual por força lhe tomara huma herdade, que tinha, escreueolhe o Emperador huma carta, em que lhe mandaua, que logo tornasse a herdade a seu dono, não o fez elle assi, antes se agastou contra o laurador, fazendolhe nouas ameaças, o qual logo tornou a corte queixarse da desobediencia, & excesso do homem, sentio o Emperador tanto a violencia feita ao laurador, que determinou ser elle proprio o que a hauia de vingar, & chamando seus priuados, lhes disse, que lhe importaua ir fora em segredo, que fingissem estar em casa mal disposto, & recolhido, & tomando pera o acompanharem alguns criados, se foi a Galiça desconhecido, onde viuia o que tinha tomado a herdade ao laurador, & fazendo cercarlhe a casa o tomaraõ as maons, & o enforcarão a sua porta, o que importou tanto, que não so refreou aquelles pouos, pera da hy a muitos tẽpos se não atreuerem a fazer hum mui leue agrauo a outrẽ, mas grangeou honra, & fama de Principe recto, & amigo de fazer guardar justiça em seus Reynos, & de dar satisfação aos opprimidos: porque não ha acção mais real que

Valer. hist. scol. lib 6, tit 3. c. 4.

que aquella, que se emprega em amparar os subditos, contra os mais poderosos. Foi reposta digna de tal pessoa a que o Emperador Federico deu a alguns vassallos seus, que o persuadiaõ a matar a Ladislao Rey de Vngria, & de Boemia; que por ser minino criaua em sua casa, alegauanlhe os grandes trabalhos, que resultariaõ da vida do minino, os Reynos, & riquezas; que com sua morte acqueria, a que o Emperador respondeo, que folgassem mais de ter hum Emperador amigo de defender, & amparar os que tinha debaixo de sua protecção, que amigo de ajuntar grandes riquezas, & de se liurar de molestias, & trabalhos. E porque os requerimentos, que tocam a pedir justiça pertencem ao discurso, que della trata, pois o mesmo he fazer justiça, que diferir com obras não com paláuras aos requerimentos dos vassallos, que a pedem, não deuo estenderme mais nesta máteria por não cõfundir hũas com outras: baste ter prouado a grande necessidade, que os Principes tem assi em rezão de honra como de obrigação de não darem audiencia por comprimento, & costume, mas com animo, & desejo de responderem pontualmente ás petiçoens, que se lhes fizerem, ou sejão pera pedir satisfação de seruiços, ou comprimento de justiça em que se resoluem os pensamentos, de todos os que requerem diãte dos Principes.

Æneas. Syluius lib. 3. commentationi in resgestas Alphonsi.

DISCVRSO V.

Se he conueniente aos Principes terem priuados.

DVVIDA foi em q̃ alguns politicos muito reparaõ, se he cousa necessaria, ou conueniente aos Principes terẽ priuados; porque de os não terem não se lhes resulta authoridade (que naõ ha cousa mais graue, & de mais brio, que não ter companhia nas acçoens boas, & não mostrar, que nacem doutrem as que saõ peores) mas tambem menos perigo na vida, & honra: q̃ de priuados ambiciosos tẽ nacido casos extraordinarios contra os Principes, & vassallos, & a experiencia tẽ mostrado, q̃ o mais seguro he fiar menos dos mais domesticos. Plutarcho cõta que dissera Antipatro ouuindo contar a morte, que Alexandre Magno deu àquelle seu grande priuado, & amigo: se Parmeniam quis fazer traição a Alexandre, que rezão ha pera

Plut. in apoph.

nenhum Principe se fiar de priuados,& se lha não fez,que mayor miseria,que a do priuado sogeito ao odio dos desfauorecidos, & entregue a imaginação de hum Principe facil de persuadir,nem os priuados viuem com mais felicidade, que a não pode hauer onde o perigo he tão certo,nem o Principe com mais segurança pellos enganos a que está sogeito. He necessario a todo o varão prudente,diz Salamão,andar sempre vigiando, & percatandose dos enganos dos mais familiares,que nesses saõ muitas vezes mais certos.Cleobulo dezia, q̃ a felicidade dos Principes estaua em se naõ fiar dos priuados, cujas resoluçoens,& conselhos de ordinario se encaminhão a vtilidade sua,& dos seus:de que o Emperador Diocleciano como refere Flauio Vopisco, tomou fundamento pera dizer, que,não hauia cousa mais deffi cil,que gouernar bem quem tiuesse priuados,porque se se amassaõ dous,ou tres,& querem tratar de sua conseruação he com grande detrimẽto do Principe, que como naõ tem noticia das cousas,& as hade alcançar por via dos priuados o fazẽ dar em mil erros: por esta rezão houue Principes mui prudentes,que naõ admitião priuados,antes estranhauão a quem os tinha,como foi elRey Dom Ioão o segundo de Portugal, q̃ dezia ser infamia dos Principes terem priuados,& gouernarense por elles:o mesmo parecer teue Phelippe Rey de Macedonia,oqual aconselhaua a seu filho Alexandre, que com igualdade tratasse a todos sem fazer excepção de huns a outros.Toda via bem considerada a materia conueniente he que os Principes tenhão priuados,são estes huns amigos mais humildes,& criados mais superiores:pello que tem de amigos seruem pera comunicar os negocios ordinarios,que não conuem proporense nos conselhos & tribunais:& pello que tem de criados mais superiores, seruem de executar as ordens, & resoluçoens do Principe,& encaminhar as cousas particulares,que por sua calidade naõ tocão a officiais limitados. Nem podem os Principes applicarse a cousas tão meudas:nẽ os criados sem o seu fauor, & autoridade,que dapriuança lhes resulta tem confiança,& brio pera mãdarem , & serem obedecidos dos que lhes saõ iguais.Philo Iudeo tem por cousa necessaria ter o Principe companheiros no gouerno,& posto que estes se possaõ entender pellos conselheiros,muito mais pellos priuados,aquem o nome de companhei-

Eccles. 16.

Stob. ser 46.

Flauius Vopiscus.

Plut. in apoph.

Phil. lib de creat Princ.

panheiros por mais rezoẽs cõpete,& se lançarmos os olhos, a outras rezoens mais particulares,& maneaueis,acharemos, que ha impossibilidade em deixar de ter priuados, quando o não sejaõ na realidade,& affeição ao menos nas aparencias; porque ha certo genero de seruiço que da titulo de priuado ainda a quem estiuer muito fora de o ser na afeição do Princepe:porque ser participante, da autoridade de mandar he o mais aque chega a priuança,& não podem os Principes deixar de ter quem os ajude, ainda aquelles,aquem Deos mais particularmente comunica a capacidade pera gouernarem. Oleastro,& o Abulense perguntão que rezão haueria peraq̃ sendo Aarão,& Maria iguais no crime de murmurarem cõtra Moyses,não castigar Deos com lepra mais,que a Maria?que por molher não merecia ser tão castigada,porque o falar he nellas mais natureza,que vicio:respondem estes Doctores, que como Aaram era companheiro de Moyses no gouerno daquelle pouo,& fazia officio de priuado na administração dos negocios publicos,& por rezão de seu officio era necessario comunicar com o pouo, não quis que ficasse com a lepra inhabil pera o fazer,que quando os priuados saõ como Aarão até Deos os aproua. Alguns quiseram, que a necessidade de priuados se não estendesse mais, que a hum so,não vejo tanta rezão de fazer caso desta calidade como das que deuem ter os mesmos priuados,que naõ ha falta de q̃ mais fè dem os vassallos,& ainda os estrangeiros, que ter o Principe priuados,por suas partes,& calidade indignos de se fazer delles caso:porque a afeição segundo S.Thomas,fundase em alguma comunicação, & participação de inclinaçoens, & naturezas:de sorte, que o ignorante ordinariamente se ajunta com o que lhe he semelhante,&dos prudentes não faz caso,& o virtuoso nunca se deu bem com quem tem vicios encontrados a sua condição: esta querem alguns,que fosse a causa do castigo,que o Profeta Natãõ intimou a Dauid,ou da rezão,em que o fundou, dizendo lhe,que fizera blasfemar o nome de Deos,& que era forçado fazerse hũa demonstraçaõ publica pera, que se soubesse pello mundo quam agrauado estaua Deos do seu peccado.Era Dauid mimoso seu,& de quem o mesmo Senhor disse que era conforme o seu coração,& sendo peccador,& priuado de Deos,não se compadecia sem grande detrimento da sua honra,pois

S.Thom. secunda secundæ q.23. art.1.

is os homens podiaõ cuidar, q̃ era menos recto, pois tinha por particular amigo, & priuado a hum tão publico peccador, pella natural simpatia com que o amor ajunta os que nas virtudes, ou vicios se comunicaõ: & não so he desautoridade dos Principes, mas destruição dos mesmos vassallos, pois os priuados saõ o instrumento por cujo meyo as merces, & castigos se destribuem: & se o priuado for baixo, de ma vontade se hade inclinar a fauorecer os nobres, se for couarde pouco teraõ q̃ esperar as pessoas de valor: de sorte, que os seus vicios se comunicaráõ naõ so aos Principes pera os calificar, & participar delles, mas aos vassallos pera sofrerem os excessos, que costumão causar. Serem os priuados humildes de geração entẽderaõ alguns, que não era defeito, & outros o julgaráõ por necessario, porque se enchem mais facilmente, contentandose com pouco, sem aspirarem ao que outros de mayores brios. O Emperador Sygismundo assi o fazia, tinha por priuados homens mui ordinarios, & ainda que outros Principes lho estranhauão, elle lhe respondia, que fazia caso dos homens, que por suas partes merecião preceder aos mais, prudentemente o fazia, & auisadamente respondia: porem nunca a nobreza pode ser perjudicial, se naõ em caso, que a malicia seja tanta, que ajuntandose com o sangue humilde causasse peores effectos. A este proposito refere S. Thomas o que o Poeta discretamẽte tinha dito, não hauer cousa peor, que hum homem baixo leuantado a lugar superior. Malicia, & baixeza, saõ os peores adjuntos, que os priuados pode ter: porque com a malicia se descobrem as occasioens de fazer mal, & a baixeza lhes tapa o rosto pera se não correrem de o fazer: & desta maneira ficão sem medo, & sem vergonha. Disse Seneca Tragico ser natureza destes tais emprenderem sempre o mais difficil fiados no poder, & fauor, que tem, que com facilitar impossiueis se manifesta mais: perigosa condição de gente cujo procedimento se naõ hade calificar com obras de valor, & virtude, mas cõ ostentaçoens de poder, & grandeza. Procurem os Principes acautelarse delles, e o mais seguro he naõ os admitir ao trato particular de validos, que sera cousa mui rara achar hum ẽ que as obras naõ conformem com o sangue. Escaramentese no que aconteceo ao Papa Leão quinto com hum grande priuado seu chamado Christouão que sendo taõ baixo, que se lhe naõ

S. Thom. de Reg. Princip opusc. 20. c. 6 19.

não sabia pai, teue atreuimento pera pretender ser Papa, & prẽder seu Senhor, que lhe dera a honra, que tinha, resolução extraordinaria, & que raramente se achara em sangue nobre, porque a ingratidão sempre foi vicio de animos baixos. Tambẽ saõ perjudiciaes os ignorantes junto do Principe, que nunca a ignorancia foi de proueito, por mais, que alguns cuidaraõ, serẽ mais fieis, & de melhor seruiço os homens de pouco saber. Pensamento mui errado, que não so resulta em desautoridade, mas em perda consideruel: que os homens desta sorte, diz Socrates, errão os negocios alheios, como os peregrinos os caminhos, & nos de seu particular interesse nunca perdem o tino: & não pode hauer mais nociua condição, que aquella, que prefere a vtilidade particular por pequena, que seja ao bem comum, cujo remedio consiste na prudencia dos que hão de encaminhar as cousas, & na liberdade, com que hão de cortar por sua propria sustancia, quando estiuer de pormeio a honra de seu Principe, & o bem da sua republica: & não he cousa muy rara no mundo hauer nos priuados esta falta, se na eleição delles teue mais lugar o gosto, que a prudencia, por mais que a adoração da gente a encubra

Stob. ser 4.

não deixando ver mais, que mostras de diuindade, que quando esta não passa das apparencias, não so perde o nome, mas fica recebendo outro mui differente na sustancia, & effeitos, o que acontece mais vezes do que imaginamos: porque se entre as obras da natureza ha animais, que parecem aues pellas azas de que os ornou, entre as politicas ha outros mui semelhantes aquem a fortuna deu azas pera mostrarem serem outra cousa differente do que na realidade saõ, porem facilmente se conhecem pellos effeitos, que causaõ, muitas vezes com perda não so dos vassallos, mas dos mesmos Principes: que as azas quando não saõ naturais saõ como as de Icaro, que no melhor faltão, & seruem mais pera deribar, que pera voar. Tem os prudentes mais valor em suas acçoens, mais fundamento pera fidelidade, & mais rezoens pera encaminharem os negocios a felices fins. Saiba o Principe escolher entre os mais nobres os mais prudentes, que se na eleição tiuer mais lugar o entendimento, que o appetite, sogeitos achara em que não faltem as calidades necessarias. Deixo de falar na virtude, porq̃ em outros propositos repito a necessidade, que os ministros, conselheiros, & criados tem della

la em respeito da sua conseruação, da honra do Principe aquẽ seruem, & dos negocios, que tẽ a seu cargo, que não ha cousa humana sem dependencia da ajuda diuina.

DISCVRSO VI.

Continuase a mesma materia aduirtindo aos Principes, que se siruão dos priuados, & não se lhes entreguem.

SVPOSTA a conueniencia, que ha pera os Principes terem priuados, quando estes tiuerem tais partes, & calidades, que nem lhes siruão de afronta, nem aos vassallos de sombra, seguese ver a limitação com que delles se deuem seruir: digo de afronta, porque os vicios tem esta propriedade, que naõ so perjudicão aquem os tem, mas aquem os fauorece, & mais facilmente recebẽ nodoa na honra, ainda os mayores Monarchas, se na opinião do mundo, se tem por complices, ou cõsentidores dos vicios de seus priuados, do que a estes se comunica a excellencia, que a pessoa Real dá aos q̃ fauorece, se pera ella não tem a capacidade necessaria, ou lhes falta o procedimento, em que consiste a honra, & estimação da gente. Tambem he necessario que não assombrem aos vassallos: porque se a cobiça, & ambição de hum priuado se não a quieta nos limites de hũa prudente moderação, & pretende mais do que he rezão, posto q̃ tenha todas as partes, que se podem desejar, perturba ainda aos mui sofridos: porque hum ambicioso com poder, não se contenta de grangear honras pera si, mas de as tirar aos outros: & se a isto se ajunta a insaciauel cobiça com que trata de acrecentar a fazenda, o que raramẽte acontece sem grande detrimento da alhea, saõ vicios de sua natureza odiosos, & não menos perjudiciais aos Principes, que aos priuados pella causa, q̃ daõ, a quẽ sempre se attribuem mais os males, que aquem os tem. Puderão estas duas aduertencias bastar pera acertarem na eleição dos priuados, & escusar tratar de outras, porem falta a principal, que consiste em se lhes não entregarẽ tão absolutamente, que os fazão senhores dos negocios, & consultas, que procedem dos tribunais, deixando em seu parecer a resolução das materias, sobre q̃ os mais ministros ja votarão: porque entre priuado, & ministro ha grande differença, que o priuado ordinariamente he hum so, & não he necessario, q̃

sejão

sejão muitos,& o ministro não pode ser singular,& de o ser resultaraõ mil desordens, porque como he possiuel, que trate as materias de fazenda de estado, de justiça,& de guerra,&as mais de Reynos muytas vezes differentes,gouernados por diuersos vsos,& leys hũa so pessoa: como se hade inteirar o priuado do caso particular do que vem das Indias?& dos merecimentos,& seruiços do soldado, que vem da guerra?Como pode aplicarse as queixas do que he auoxado pello Gouernador, & Iuiz,& outros milhares de negocios,que requerem pessoas infinitas?Que o priuado assista com os mais ministros ao prouimento de cargos notaueis,& que sirua sua valia, pera ẽ igualdade de merecimentos antepor seus chegados, sofriuel cousa fora, mas que não haja ministros,hauendo tantos, porque todos elles se reduzem a hũa so pessoa,& que os tribunais não siruão mais,que de praticarem os negocios como em conuersação, pois a resolução ha de ser conforme a vontade do priuado:que duuida ha, que os desgostos,& descontentamẽtos,as injustiças, & repugnancias deuem ser muitas,& as desordens nos negocios muitas mais Sera o Principe mal respeitado,& peor seruido, porq̃ o respeito seu se conuertera ẽ adulação do priuado,& os seruiços publicos em obsequios particulares. Dezia prudentemente Catão Mayor,que eraõ os priuados a mayor infirmidade,que os Principes podião ter: & por este modo declarou mui proprìamente o que queria dizer.Porque tres effeitos costuma causar a infirmidade,debilita as forças,abate o brio,& dispoem pera a morte. Consistem as forças do Principe na obediencia dos vassallos, & riqueza dos thesouros Reais,hũa,& outra vemos,que se costuma perder por causa dos priuados:porque se estes senhoreão mais o gouerno publico,do que cabe na alçada de vassallo, & distribuem as merces a seu aluedrio: o certo he hauerem de ser obedecidos com o mesmo respeito deuido a pessoa Real: & se as rendas,& tributos, que se deuião enthesourar pera as occasiões do bem comum se distribuem por gosto do priuado, quẽ lhe ha de pedir conta,se for tão prodigo,q̃ as esperdice?& se á conta da fazẽda applicada aos gastos publicos,quiser grangear pessoas particulares,& acquirir reputação com o pouo, ou enriquecer os seus chegados cõ capa de seruiços,quem lhe hade ir amão?O certo he,que hauera mui poucos em que esta

Stob. ser m. 4.

rezão

rezão de estado particular não tenha mais força, que todas as outras, que tocão ao bem comum: por ser natural a todo o homem, como diz Seneca, ante por qualquer respeito proprio a todos os outros por importantes que sejão. Notou Sam Ioão Chrysostomo, que não diz a Escritura, que Sara molher de Thobias o moço se queixasse de lhe morrerem sete maridos, & quando hũa criada de seu pay lhe perdeo o respeito com algumas palauras descõpostas, foi tanto o seu sentimento que se sobio ao mais alto aposento de sua casa pera não falar com ninguem, & acrecentão os setẽta interpretes, que o fez com intento de se enforcar, grandes extremos por hũa so palaura descortes por tocar ao respeito proprio, & grande animo entre tantas mortes, ainda que de maridos; he o costume mais ordinario preceder qualquer peque no interesse particular a todas as outras rezoens por importãtes que sejão: & conuem muito aos Principes aduirtirem nesta natural inclinação dos homens pera se precatarem della entendendo, que não ha de ser mais poderosa a obrigação do seruiço real, nem do bem dos vassallos, que a comodidade de priuado pera desbaratar em vtilidade sua, ainda aquillo que souber ha de fazer falta ao Reyno, ou perjudicar ao Rey. O segundo effeito desta infirmidade he abater o brio, porque se este consiste, ainda em respeito dos inferiores, na liberdade do animo, que sogeita a propria vontade ao vassallo, cujas resoluçoens, nunca podem ser tão vteis á republica, que brio lhe pode ficar? ignominia, & afronta si, ainda com as naçoens estrangeiras, & seculos futuros, qual padece hoje na memoria dos homens o Emperador Claudio, a quem Cornelio Tacito compara a hum tronco tosco, & sem espiritos vitais: porque da mesma maneira que este se leua de huma parte pera a outra sem ordem, ou rezão alguma, mais que a vontade de quem o menea, assi obedecia Claudio ao gosto de seus priuados, sendo este o fundamento principal de todas suas acçoens. Tambẽ dispoem esta infirmidade pera a morte, porque tem contra si sua propria malignidade, & os ruins humores, que aos membros se comunicão, huma, & outra efficazes causas pera derribarem o mais robusto corpo. Que peçonha mais refinada, q̃ o pensamento de hum priuado absoluto, & sem superior no gouerno, seguido do pouo, & fortificado com amizade dos grandes, obrigados com beneficios.

Seneca de benef

Chrysost

Tac. 12 ann.

Bastou

Bastou menos que isto pera Melio Cidadão Romano aspirar a ser Rey, & o pretender com todas suas forças, repartio pello pouo hũa cantidade de trigo ẽ certa occasiaõ de fome, & como a gente ordinaria tenha toda sua felicidade em lhe não faltar paõ, pareceolhe, que não haua pessoa de mais partes, que Melio pera se lhe entregar o Reyno: & sem duuida o alcançara, se logo não fora descuberto, & morto com muita pressa, antes que a pretensaõ se deuulgasse mais, & o pouo o aprouasse publicamente: & não he este o mais perigoso estado a que esta enfermidade chega, porque se comunica a malignidade a todos os membros, & quando estes padecem corrupção, mal pode conseruarse a cabeça. Triste cousa pera hum Principe, chegar a ser desprezado dos seus, vsurpandolhe o priuado a adoração, & respeito da gente, q̃ sempre esta segue aquem mais parte tem em dispensar as mercês. Peor mal de todos entrarem os vassallos em aborrecimento de seu Rey pella ambição, & vicios do priuado: que quando este he odiado, & geralmente aborrecido, impossiuel he ser o Principe amado. Mui excellentes virtudes pessoais teue o Emperador Galba, porem todas ellas ficou escurecendo com obedecer aquelles tres priuados Clito Iunio, Cornelio Laso, & Lyberto Icello, aquem entregou todo o gouerno da republica de que não so lhe resultou muita afronta, mas a propria morte: porque em odio dos priuados, que com seu braço cometião infinitas insolencias, se leuantou o pouo, & o exercito, & o mataram, não sendo menor o aplauso com que festejarão sua morte, que o gosto com que o leuantaraõ por Emperador. Grã de precipicio dos Reys he este de se gouernarem por outrem, difficultosamente escaparão delle os mais prudentes: periga a autoridade, & lança raizes a pusilanimidade nos mais acautelados, se a astucia de quem os sogeita, sabe encaminhar suas traças: he o zelo fingido a principal arma defensiua, com que amparaõ todas as acçoens, que com aparencias de fidelidade executão em vtilidade propria: aduertencia foi de Sam Hyeronimo, que a rezão destado de Amão em mandar matar todos os Hebreos fora na realidade encaminhada a satisfazer seu odio contra Mardocheo, disfarçada nas aparencias com o perjuizo, que o Reyno padecia cõ multiplicarẽ tanto os estrangeiros: justamẽte mereceo o castigo, que padeceo, porque ain-

Hieron.

ainda que não estiuera de permeyo a crueldade com que tratava de dar a morte a tantos, o engano com que dispunha o gouerno do Reyno a executar sua paixão, sem se lembrar do q̃ conuinha ao bem comũ, & vtilidade do Rey a que seruia, bastaua pera o fazer digno da morte: que o peor genero de infedilidade he preferir o appetite proprio a todas as rezoens de justiça, & primor com detrimento do Principe, & do Reyno, de que todos dependem: mais fiel se mostrou o cão, de que conta o Autor fabuloso, que guardando a casa de seu senhor lhe offereceo hum ladrão, que a vinha roubar, hum pedaço de paõ pera que não ladrasse, porẽ elle o naõ quis aceitar, tẽdo por sospeitoso o offerecimento, cõ que ficaua de peor partido, pois era a fim de roubar a casa ẽ que elle se sustentaua. Vtilidade de aparencias, q̃ se encaminhaõ ao intento de quem as propoẽ saõ tão nociuas ao bem comũ, como a autoridade de quem se engana com ellas, & a mayor parte dos enganos domesticos se executaõ com semelhante disfarce. Mostrou certo Autor a sagacidade, ou atreuimento de hum priuado, que tendo prometido hum officio a huma pessoa de sua obrigação, & querendo o Principe fazer merce delle a outro, elle se foi detendo com os despachos, indo entretanto aduertindo com traça ser o prouido de pouco talento, ate que veyo a encaminhar o officio aquem elle queria. Outros ha que espreitando a vontade do valido, ou dos que podem aduertir ao Principe de seus erros, lhe tapam a boca com beneficios, tirando-os a quem os merece, pello que vemos, que padecem desastrados fins que os agrauos feitos a terceiro raramente ficão sẽ castigo, ẽ q̃ se pode cõsiderar outra malicia, q̃ cruelmẽte encõtra a autoridade de quẽ lhe da o poder, q̃ cõformar a võtade cõ as traças, & ẽganos de quẽ os ẽcaminha a seus intẽtos argũe falta de discurso, ou de liberdade, vicio mais estranhado nos Principes: & pera o cõtraminar cõuẽ vsar de hũ genero de sagacidade q̃ o pouo chama malicia, q̃ nestes casos se deue chamar cautela, temerse sẽpre de ẽganos, & sospeitãdo, q̃ os ha nas acçoẽs q̃ se ẽcaminhão aprouimẽtos: & tal vez sera mais importãte q̃ fique prouido o de menos talento, que conseguir o fim de suas traças o que tratou de conueniencias proprias, repugnãdo ao gosto, ou parecer do Principe, q̃ como menos interessado ẽ respeitos injustos, as mais vezes acerta, e cuja autoridade se deue ãte

por

por ao acerto no prouimento quando alguma vez não seja, o que conuem, que de ordinario acontece darem em hũ erro os, que pretendẽ fugir de outro, & a prudencia he fugir dos q̃ costumaõ ser mais certos, & por ventura, que conhecida esta cautela no principio não haja quẽ se atreua com risco certo a armar outra cilada: & quãdo não sirua mais, q̃ de mostrar ao pouo, que saõ os prouimentos do Principe, & não do valido, he de grande importancia buscár todas as traças pera lhe quebrantar os demasiados brios: & naõ se deue persuadir, que estes se sofrem com bõ animo por lhe chegarem poucas vezes ás queixas, antes entaõ se recee mais, que os effeitos da paixão quanto mais repremidos, tãto mais perigosos. Philo Iudeo teue pera si, que a causa de os irmaons de Ioseph rebentarem contra elle, com tão demasiada ira, foi por terem recozido em si a enueja, & se não atreuerem ate então manifestala com palauras, por não indignarem a seu pai: principalmẽte, que quãdo hum vassallo de valor se resolue contra hum priuado não he pera se queixar delle: & ainda menos, se conhece o pouco effeito, que todas as diligencias podem fazer, onde a affeiçam tem criado raizes, & impossibilidade, que a emmenda tem não so da parte dos Principes, mas dos mesmos vassallos, que ou por naõ desgostarem a seu Rey, ou não encorrerẽ na indignação do priuado, lhe aprouam todas suas desordens por perjudiciais, que sejão. Estando elRey Antiocho ouuindo votar em seu conselho de guerra sobre materias de muita importancia a sua Coroa, & apontando hum General de guerra chamado Epigenes o que a elRey conuinha, foi publicamente reprendido, & mal tratado de Hermias seu priuado com animo de o desautorizar; & afrontar por este modo, enuejando seu valor; & receando poder vir a ser companheiro seu na priuança: que os priuados tem esta calidade de Reys não sofrerem companhia, & foi caso de admiraçaõ, & em que os historiadores reparam muito, que conhecendo todos os que estauaõ presentes, quam prudentemente votara Epigenes; & quam errada era a calumnia de Hermias fundada em malicia, & odio; todos se calaraõ aprouando seu voto ẽ perjuizo do mesmo Rey, & da honra de hũ taõ prudẽte, & verdadeiro General: Porem não he de espantar, que a mais ordinaria, & praticada cousa q̃ ha

Phil. Iud. de Ioseph.

nos palacios Reais, he serem irremediaueis os erros dos priuados, antes recebidos, & approuados de todos, & raramente se remedeaõ se não com a ruina do mesmo priuado. Cousa sabida he, & que todos confessão q̃ nos tribunais, & conselhos consiste o gouerno de todo o Reyno, dahi manão as ordens, & regimentos, a eleição de Capitaens pera a guerra, & ministros da republica: quando se vio cõselho, tribunal, ou junta em q̃ os desafeiçoados do priuado tiuessem lugar, ou entrada, por mais prudentes, praticos, & experimentados que fossem, ou em que os parentes, amigos, & conhescidos, não tenhão todo o mando por mais incapazes, q̃ sejão: & quem pode duuidar, q̃ daqui resultaõ todos os descon certos, que vemos. Porque se os conselheiros saõ a cabeça da republica em que as resoluçoens se determinaõ, qual for a deliberação, tal o sucesso dellas. E o que mais he de sẽtir, que por peores, que sejão se haõ de sofrer, & dissimular, por não tocar na estatua do priuado, q̃ se não cair hũa pedra q̃ o derrube, bẽse pode perder o Reyno, q̃ não ha de hauer quẽ abra a boca com risco de tocar ẽ hũ fauorecido, ou cousa sua, antes acreditar suas desordẽs, & aprouar seus erros, não digo, q̃ cõ o entendimẽto, mas cõ a demonstração, que o interesse particular gouerna a seu modo as acçoẽs interiores, & faz muito quẽ de todo se lhe não rende, porque ainda os mais prudentes o fazem, julgando as cousas segundo a parte q̃ nellas tem, ou esperão ter: & se isto he tão natural a todos os homens, conforme o disse Deos a Moyses Principe de seu pouo, importante aduertencia he q̃ os Principes não dem occasiaõ a que o priuado seja senhor de repartir as merces a sua vontade, porque saõ os inconuenientes muitos, & o remedio desficultoso, depois de crecido o mal. *Exod. 2*

DISCVRSO VII.

Aduertencias necessarias aos Priuados.

A PRIMEIRA, & mais necessaria aduertẽcia de que os Priuados tem necessidade he que procurem tratar com fidelidade a quem seruem, que não ha mais honrado titulo, que o de fiel: Platão disse que obrigaua ainda aos menos interessados. Louua muito Plutarcho a hum priuado de Marco Bruto chamado Lucillo, que se offereceo aos inimigos, fingindo ser o mesmo *Plat. de rep. Plut. in Brut. & Bruf lib. 1. c. 3.*

mesmo Bruto aquem elles com grande cuidado buscauão pera o leuarem catiuo a Marco Antonio, oqual o não estimou menos, que se fosse Bruto, não pera o catiuar, mas pera ter em sua companhia, quem sabia ser tão fiel a seu senhor: que semelhantes finezas os mesmos inimigos a approuão. Lãço he grãde de fidelidade offerecer a vida por liurar o Principe de hũ perigo, porem acontecem estes casos raramente, & saõ poucos os que antepoem o primor avida; eu me contentara dos priuados, que com menos custo seu, & mais proueito dos Principes vsassẽ da fidelidade, q̃ o melhor genero della, mais honrado, & por ventura mais vtil, q̃ o q̃ toca a vida, consiste em arriscar a mesma priuança, aduirtindo ao Principe dos negocios errados, & das acçoens indecentes, que algũas vezes he forçado seja cõ desgosto de hum, & perigo do outro: porque as aduertencias, & conselhos costumão obrar o que as medicinas, que por mais vteis, que sejão, nunca saõ gostosas; porẽ os priuados tẽ obrigação de administrarẽ os remedios, q̃ os mais vassallos não podẽ, & não he o perigo tão certo na priuança como o remedio nos Principes, aquẽ os erros não chegão mais q̃ por esta via, & se algũas vezes depẽde sua priuãça de os deixarem caminhar a seu gosto, o mais certo he virẽ elles a pagar as desordẽs, q̃ não quiseraõ remediar, & no fim virẽ os Principes a fazer mais caso, de quẽ lẽbra o q̃ cõuẽ; q̃ nũca apaixão por grande q̃ seja toma os portos ao ẽtẽdimento, pera deixar de julgar por acto de fidelidade as lẽbrãças, q̃ os seus lhe fazẽ. Estaua elRey Phelippe de Macedonia ẽ hũa almoeda assẽtado cõ menos cõpostura do q̃ conuinha a pessoa Real vendo huns poucos de catiuos, q̃ se vẽdiaõ: notou hũ delles, o modo, cõ q̃ elRey estaua, & fingindo, q̃ era conhecido seu, & que lhe queria dizer a orelha, cujo filho era, se chegou a elle, & lhe disse, q̃ largasse mais a põta da capa, porq̃ não estaua assentado cõ a magestáde necessaria: estimou elRey tãto a lẽbrança, q̃ lhe deu liberdade, dizẽdo aos q̃ estauão presentes, q̃ aquelle catiuo fizera cõ elle o officio, q̃ deuia esperar dos mayores priuados, q̃ esta he a principal obrigação sua aduertirẽ os Principes de qualquer acção indecente, lembrando o que vay desencaminhado, pera que se lhe aplique o remedio necessario, & os que disto se esquecem, acrescentando por sua parte as desordens, mais se deuem chamar inimigos, que priuados, & não se fiem em cuidárem que saõ senhores da

Plut. in apoph.

vontade do Principe, que não ha poder mais inconstante, & de menos dura, diz Cornelio Tacito, que o que se funda em cabedal alheo. Depender da võtade de hum Principe nunca foi tão seguro, que se possa fazer pouco caso de merecimentos proprios, que a vontade humana varia a cada passo, & a priuança fundada em merecimentos difficultosamente arrui na. Conselho foi de certo cortesão bem experimentado em ambas as fortunas, que procurassem os priuados misturar no ouro de sua priuança algũa liga de merecimentos, & valor proprio, que resista aos golpes da fortuna, que o ouro ja se sabe não resiste sem liga aos golpes do martello: tambem deuẽ aduertir, que não seja com estrondo, & jactancia os conselhos, que derem, que não so he termo, que faz aborrecido, quẽ o usa, mas tambem serue de fazer o effeito contrario. Dizia Seneca, que o conselho se deuia offerecer ao Principe, como as iguarias, que se lhe poem diante pera aceitar dellas, o q̃ mais conformar com o seu gosto: porem saiba as guisar, que nisto consiste a prudencia, & quando misturar dous dedos de adulação discreta a fim de encaminhar as cousas, não será culpa: que o mantimento sustãcial dase ao enfermo a volta do appetite, posto que persi nociuo a saude. Nos negocios arduos não mostre pouco animo, & desconfiança impossibilitando logo o effeito, quando vir empenhado nelle o gosto do Principe, & ainda que na execuçaõ se lhe represente alguma difficuldade, deixe ao tempo o desengano, se a calidade do intento sofre dilação: que lutar com o appetite de hum Principe he dura empresa, & he vicio este de que muito se descontentam pessoas de valor pella pusilanimidade, que nelle se considera: falo em negocios ordinarios ẽ que naõ entra perigo da honra do Principe, ou bem dos vassallos, porque nestes consiste o brio em acudir ao que conuem cortando pello gosto quando vay desencaminhado: porem ẽ materias ordinarias se saõ facti ueis, facilitalas, & se tem difficuldade, trabalhar de a uencer sem vender caro o cabedal que nisto puser. Agrippa aconselhaua a hum cortesaõ, & ministro que com sua industria facilitasse os negocios graues sem mostrar, que o eraõ: que o encarecimento dos seruiços por grãdes que sejão lhe tira todo o valor. As acçoens erradas cujo successo foi contrario do que se esperaua, não as attribua ao Principe, a conta de se conseruar com

Tacit. lib 3. ann.

Anton. Peres.

Seneca in epist.

Diodor. lib. 49.

com o pouo na opinião de prudente, que he lanço mui pouco honrado, & hum so basta pera causar grande aborrecimento, sendo mui excellente o que toma sobre sy aculpa do ruim sucesso mostrandose autor delle, pera que a honra, & credito do Principe não perigue: assi o fez hum priuado prudente, & nobre delRey Dom Affonso oitauo de Castella chamado Dom Diogo de Biscaya: comunicandolhe elRey hum pensamento que tinha, de por certo tributo, elle lhe representou as difficuldades, que no negocio hauia, & como não conuinha carregar os vassallos: com tudo elRey o quis por em execução: leuantaraõse os nobres, & sairãose da corte atando na ponta da lança o dinheiro, que lhes pediam com resolução, que o não pagariaõ se não por força de armas: desgostouse elRey do sucesso não sabendo o meyo que tomaria pella difficuldade, que achauaem aquistar toda a nobreza de seu Reyno, porem Dom Diogo como prudente, & leal a seu senhor se deu por Autor do q̃ elRey tinha feito, dizendolhe que o desterrasse, & lhe confiscasse toda sua fazenda, como fez, com o que persuadio aos leuantados não ter elRey culpa algũa, & se tornarão a corte padecendo por então Dõ Diogo trabalho, & afronta, posto q̃ depois não so lhe tornou toda sua fazenda, mas tambem lhe deu honras auentejadas: & bastaua saberse o sucesso, que semelhante lanço argue grande valor, & brio. Nem se dè o priuado por achado das acçoens acertadas, & que tiueraõ bom fim, de que os lisongeiros, & pretendentes o quiserem fazer autor, ainda que na verdade o seja: porque posto que com seu conselho se principiassem, sempre se deue o bom sucesso aos Principes, & quererlhes vsurpar esta gloria por acreditar seu entendimento, & abonar sua prudencia, he hum genero de presumpção mui contraria ao gosto do Principe: & ainda entre iguais, diz Seneca, que he prudencia não querer mostrar ventagem; huma auisada historia proua este pensamento, repetida por certo cortesão em semelhante proposito. Seruia hũa dama mui fermosa a huma Rainha fea, perguntoulhe seu pay como andaua tão desconcertada, & quasi fea do demasiado descuido de si mesma; respõdeulhe: senhor porque me não aborreça a Rainha a quẽ siruo, que naõ ha quem sofra ventagem no companheiro, quanto mais no inferior. Notou Demosthenes ser vicio este mui ordinario nos Principes, que como

Valer. hist. scol. lib. 6. tit 2. cap. 5

Senec. in epist.

Demost. orat. ad epist. Philip.

não tem superiores no poder, tambem o recusaõ ter na prudencia,& valor. Tanto se indignaua elRey Felipe de Macedonia de ver seus vassallos emprẽderem obras gloriosas,como se fossem seus inimigos. E Quinto Curcio quer que a mesma condição tiuesse seu filho Alexandre:era tão poderoso o amor proprio,que por não reconhecer ventagem em vassallo, tomara não gozar as vitorias q̃ lhe alcançauão:& se as acçoẽs do Principe forem merces feitas aos vassallos,querer o priuado receber o agradecimẽto dellas,não so pecca contra o Principe,mas contra os mesmos, q̃ as receberão:que ninguem reconhece com gosto muitos acredores,& ja ouue quem disse naõ hauer cousa mais odiosa aos olhos dos homens, que estão postos em lugares altos, q̃ a vista daquelles,aquem he forçado,que reconheção o bem q̃ tem,que nunca os idolos gostarão ver diante de sy o escultor, que os fez. Os fauores particulares do Principe aceiteos sempre com a mesma submissaõ,& os publicos sem ostentação,porque não mostre desprezo de huns,nem grangee enueja, & odio com os outros:que os fauores publicos causaõ enueja aquem os cobiça,& odio aquẽ os merece. Perigoso estado do priuado,chegar a fauores grandes descubertos de seu Principe:ja se a enueja se ajũta o odio justificado com injustiças do Principe,que se lhe possaõ imputar,dificultosamente escapara hum priuado da furia do pouo. Foraõ poderosas semelhantes rezoens pera peruerter, & mudar o animo do Emperador Iustiniano,oqual mandou tirar os olhos ao Capitão Belisario, & confiscar sua fazenda, depois de priuanças, & fauores extraordinarios:semelhante a este na priuãça,& miseria aquelle grande priuado delRey Dõ Affonso onzeno de Castella, Dom Aluaro Nunes de Sarria, a cujo mandado estaua todo o Reyno,porem subio taõ alto q̃ se desconheceo,& intentou casar com a Infanta Dona Leanor Irmã delRey com o que cahio de sua priuança:& pedindo lhe elRey os Castellos,que lhe tinha dado lhos negou,& se leuantou com elles,ausentandose da corte,porem em breue foi morto por hum homem particular,& trazido diante delRey sobre hũa caualgadura que o mandou queimar por traidor, & confiscar sua fazenda, em q̃ teue tantos companheiros que fora erro contalos;raras saõ as idades poucos os Principes, q̃ isto nos não confirmem, que auisadamente disse certo priuado

Quint. Curt. lib 6.

Valer. hist. scol. l. 6. tit. 9. cap. 7

do em tempo que ja o não era, & referindo outro da mesma fortuna, que era prudencia dar hum furo a barca quando nauegasse ao alto, & abaixala o priuado da sua mão: certo que era bom conselho, se se desse caso, que nos priuados ouuesse consideração pera verem seu perigo, & animo pera dimitirẽ a estimação da gente: com mais palauras lhe encarecerei anecessidade que tem de com tempo se retirarem, se apriuança se fundar em gostos, porque de ordinario acaba esta com outros nouos, os quais costumão reduzir o companheiro dos passados a estado de testemunha, de que cada hum foge como de inimigo. Nesta razão fundou Petrarcha a que teue pera aconselhar aos que se afeiçoão, a que o fação com tanta moderação, & prudencia que não cheguẽ a aborrecerse asy de terem em pregado mal sua afeição: porq̃ se a causa com que a principiarão he de calidade, que se acabe com arrependimento o mais certo he que parará este em odio daquillo, que se amou. Tã bem se deuem refrear na ambição, & cobiça, porque de nenhuma cousa se molestão mais os vassallos de valor, que deuerem amontoar as honras, & riquezas em respeito da afeição do Principe estando acantoados os que trabalhaõ, & merecem: lembrense que nunca a priuança combatida de muitos foi mui segura. Ouue quem julgou os priuados por mais arriscados, que volteadores de corda, & sabia muito de priuanças. Em resolução o mais firme porto de fugir a todos os perigos, q̃ as priuanças, consigo trazem, he ter por norte de todas suas acçoens o seruiço de Deos, & bem comum da republica, que não ha mais fortes amarras pera conseruar a graça do Principe, & amizade dos vassallos.

Petrarcha l. 7. epist. 5. ad Urbanũ 5.

DISCVRSO VIII.

Se conuem aos Principes mentir, & enganar por algum fim vtil.

TEVE Platão pera sy, que quando fosse necessario a cõseruação da republica, ou a vtilidade dos vassallos, podião os Principes vsar de mentiras, & enganos: aquem segue Plinio, & parece teue o mesmo parecer Sallustio, fazendo regra geral, de q̃ tudo o que conduz pera bem da republica, he licito: & de alguns modernos Estadistas vemos mui aplaudida esta opinião, deue ser porque a vem priuar com os Principes, que muitos

Plat. 5. de rep.

Plin. lib. 12.

Sallustio

tos julgão com o respeito, não com o entendimento, approuãdo as acçoens mais fauorecidas sem darem fè do que per si merecem: & porque ha algumas mentiras, que somente o saõ na aparencia, as diuidirei em duas classes; na primeira porei o fingimento, & dissimulação, que pertencendo a jurisdiçaõ da mentira he com tanta modera ção, que recebe della o bem, & não participa do mal: na segunda o engano, & mentira no rigor de sua natureza. Quanto à primeira licito he o fingimento, quando se não val da mentira: mostrar huma condição tendo outra: vsar de acçoens, que parecem encaminhadas a hum fim, hauendo de ir parar em outro muito differente: fingir ignorancia do que he sabido, & sciencia do que se não sabe, saõ lanços não so vteis, mas em muitas occasioẽs necessarios. Christo Senhor Nosso fingio com o
Luc. 24 disfarce de peregrino, que caminhaua mais adiante, peraq̃ os discipulos, que se hiaõ agasalhar no castello de Emaus o obrigassem a ficar com elles, & fundar naquella obra de charidade à merce de se lhe manifestar, & quando pello caminho praticauão sobre o que tinha socedido ẽ Hierusalem mostrou que não tinha noticia de ne-
Gen. 27 nhuma cousa. Iacob fingio ser Esau, sem mentir, como diz S. Agostinho, porque foi acção misteriosa, & significauão aquelles dous irmaons os dous pouos Iudaico, & Gentilico, dos quais sendo mais velho o Iudaico, lhe hauia de preceder o Gentilico. Dauid se fingio loco, por se li- 1. Reg.
urar da furia de elRey Achis q̃ 24.
determinaua matalo. Nem Abrahaõ mentio em dizer que era irmão de sua molher Sara, Gen. 20
como querem graues Doctores, fingio que era liure com palauras equiuocas, dizendo que era sua irmã, porque da Escritura consta, que assi se chamauão os parẽtes. Tambem he prudẽcia, como aconselha o Espirito Santo, disfarçar o saber com a ignorancia, a boa condição cõ Eccles.
a seueridade, o desgosto dos sucessos aduersos com a constancia do animo, & a soberba da prosperidade, com aparencias humildes: fingimentos saõ, porẽ louuaueis, & mui necessarios Tac. lib.
ao trato politico. Tiberio Cesar fingia muitas vezes, que entendia os negocios de huã maneira, e entendendoos de outra pera conhecer os animos dos conselheiros: & Agricola, tinha mui afabel condiçaõ na conuersaçaõ ordinaria, & nos conselhos se fingia taõ seuero, que parecia outro. Se Claudio Cesar naõ disfarçara sua pruden- Sueton. c
cia com aparencias de ignoran 38.

cia

cia, confessaua elle, que não chegara a ser Emperador, & deste fingimento, diz Sallustio, que vsaua muitas vezes Lucio Sylla. Porem aduirto aos conselheiros, & ministros, que se vsarem de fingimento em quanto superiores, fujão delle em quanto subditos, porque parecera effeito de malicia, o que for acção de prudencia: que a clarezados ministros acredita sua fidelidade com os Principes, obrigandoos a confiança & tão perigosa he em huns a condição clara, como em outros a fingida: este era o fundamento, que o Emperador Federico tinha, quando entraua em conselho pera aduirtir a seus conselheiros, q̃ duas cousas hauião de deixar fora, fingimento, & dessimulação. E Charondas entre as leys que fez aos Athenienses, ordenou, que se castigasse o fingimẽto comoqualquer outro crime: o que se deue entender nos subditos em respeito dos superiores, não nos Principes ẽ respeito de seus vassallos. A dissimulação he hum genero de paciencia pera não apressar o castigo de crimes, ou a reposta de palauras indecentes. Excellencia, q̃ Cornelio Tacito atribue tambem ao Emperador Tiberio, q̃ ouuindo de si algumas cousas falsas, & contra a authoridade de sua pessoa, se não queria valer do poder pera as castigar, mas do tẽpo pera se justificar. Fazendo Celio menção del Rey Antigono, & de suas proezas, refere por hũa das mayores a paciencia com que dissimulaua o que de si ouuia dizer: & com ser mui valeroso, nunca se vingou, nem ainda respondeo a diuersas calumnias com que em ausencia era tratado. He lanço de grande valor saber dessimular, & hum genero de paciencia, que no gouerno politico se assemelha mais ao gouerno superior de Deos, porem com esta differença, que Deos dissimula o que vè, porque nenhuma cousa se encobre a seus olhos, & os homens o que não vem, porque nos agrauos cometidos em presença, não tem lugar a dissimulação, o sofrimento si: q̃ se he por Deos grangea grande merecimento, & tal vez acrecenta a reputação com os homens se a opinião está em seu fauor, como se vio ẽ Quinto Fabio Maximo, aquem os Romanos fizeraõ infinitos agrauos, quando deuiaõ leuantarlhe estatua, pois bastou elle so pera restaurar o estado da republica destruido pellas insolencias dos Emperadores, porem elle os recebeo com tanta constancia, que mostrou mais valor em sofrer seus cidadoens, que em vencer seus enimigos, & posto que

Sallust.

Celius.

Æneas Syl. lib. 3. in com. de rebus gestis Alph.

Stob. ser m. 42.

Tac. 6. ann.

Cicero. que Cicero o louua em respeito da dissimulação cõ que hia dispondo o remedio da patria sem se dar por achado nas murmuraçoens do pouo: outros agrauos mais patentes o puderaõ inquietar, como foi não lhe leuarem em conta o dinheiro, que deu a Anibal pellos catiuos, & com grande paciencia o sofreo sem falar palaura, tendo os historiadores mais que louuar em seu animo, que reprender na ingratidaõ dos Romanos: permite a prudẽcia louuauelmente este genero de dissimulação nas pessoas particulares, quando a inocẽcia lhes não altera a paixão: porem nos Principes não tem lugar darse por desentendidos de agrauos manifestos, que dessimulados seruẽ de confiança aquem os comete, & de exemplo aquem os vè; dessimulense as murmuraçoens & castiguense os atreuimentos. No segundo lugar pomos o engano, & mentira, que muitos não somente desculpaõ, mas aprouão quando se encaminha a algum bom fim, tendo por ignorancia falar verdade, quando a mentira tem tomado tanta posse do gouerno, & esta se naõ possa vencer sem outra. Se os Reys, como aduirte Aristoteles, se perdem por enganos, diz certo Politico, como não sera licito conseruallos pellos mes-

Arist. l 5. polit. Lyps.

mos meyos? desemparar o bem comum não so he cõtra rezão, mas contra a mesma natureza. Porem naõ admite esta doctrina aquelle Axioma tão celebrado dos Doctores Sagrados: que se naõ hãode cometer cousas más, a conta de hauerem de resultar dellas effeitos bons, o que não so obriga aos Catholicos ẽ rezão de consciencia, mas aos Principes em rezão de gouerno: que não quis o criador das cousas, que a sua conseruaçam dependesse de enganos, & mentiras, vicios, que sendo indecentes nos vassallos, nos Principes se refinaõ mais: porq̃ o que nos particulares em respeito huns de outros he engano, nelles vẽ a ser perfidia, porque a mesma obrigação, que os vassallos tem de guardarem fidelidade a seus Reys tem elles de os gouernarẽ fielmente, & todo o engano, q̃ contra elles vsarem he contra as leys de fidelidade, com os vassallos digo: que com os inimigos não se deuem prohibir os estratagemas, que se encaminhão aos enganar, quando os motiuos da guerra saõ justos. Menos malicia inclue a mentira simplex, porque o engano raramente se acha sem perjuizo de terceiro, & a mentira naõ tira direitamente a este fim, & cõtudo he tão intrinsecamente ma, que sendo o louuor de Deos

os a acção mais ajustada com as leis de rezão, & da conscien cia, se a vsarmos em companhia da mentira, diz Sancto Agostinho, que peccamos contra o mesmo Deos, em cuja presença tem mais lugar a verdade, que seu proprio louuor se se aparta della: pello que nũca he decente aos Principes mentir, nem ha rezão de estado, q̃ permita este vicio, ainda que se encaminhe ao bem comum, pois he forçoso, que seja contra a lei diuina, & contra o credito, & reputação Real.

August Epist. 8

DISCVRSO IX.

São mui perjudiciaes os lisongeiros.

CHAMA Cornelio Tacito a adulação vicio de cati uos, assi por ser vi cio baixo, como porque faz catiuo ao lisongeiro em andar buscando modos de contentar, & tambem abate ao mesmo estado aquem se ren de, & sogeita a palauras, & rezo ens, em que não ha mais, que a parencias. Porem eu pouco cul po a huns, & outros, porque os lisongeiros se saõ miseraueis vsaõ do remedio, que mais facil achaõ, pera se aproueitárem cõ pouco trabalho dos fauores dos grandes: & os que gostão da adulação seguem a inclinação natural, a qual nos faz tão contentes de nos mesmos, que damos credito com muita facilidade a tudo o que resulta em louuor proprio: & ainda que a prudencia seja tanta, que possa julgar por falso o que se ouue, nunqua chega a se descontentar do que se diz. Indo o valeroso Capitaõ Themistocles a hũa tragedia perguntaraõlhe, q̃ voz folgaua de ouuir ao que respõdeo, que so lhe parecião bem as que tratauão louuores seus; miseria grande de que maispar ticipaõ os que mais fauores tẽ da fortuna; gostarem mais de enganos, que de verdades, & terem nas mesmas riquezas a occasião de seu mal. Disse Seneca prudentemente, que sendo os Principes a todos os homens superiores, & auentajados em poder, & bens temporais eram mais pobres, que todos em lhes faltar quem lhes falasse verdade, & quanto mais sobem ao cume da felicidade humana, tanto neste particular padecem mayor miseria: porque alem de terem em si a causa della no gosto com que recebẽ os enganos que resultão de seu louuor, estão cercados de homens cujo officio, & ocupação he grãgear võtades, & pera isto nũca falão o que entendem, mas o

Tac. lib 1. hist.

Senec. l. 6. de benef.

que julgaõ por mais conforme a condição de quem querem enganar. O Philosopho Epicteto lhes chama com muita propriedade coruos por ser seu officio tirar os olhos do entendimento, & fazerem andar ás escuras aquelles contra quem exercitão sua malicia. Bem se pode julgar por causa total da ruina de hum estado a facilidade que os Principes mostrão de ouuirem o q̃ mais gosto lhes dá, não o que mais fundamento, & verdade tem: porque se este genero de preço se ouuer de julgar por equiualente aos seruiços em que se arrisca a vida, mais se hão de inclinar a elle os vassallos: & se por elle se haõ de medir as merces, & officios da republica, fora estão os pretendentes de buscarem outros caminhos mais trabalhosos. Salamão infirio a maldade dos ministros da condição dos Principes inclinada a esta falta: porque quem duuida que se os fauores, & merces se haõ de regular pella mais agradauel lingoagem, ou persuasaõ de quẽ os solicitar com mentiras, que se não haõ de matar os ministros pellas grangearem com bom procedimento: & com rezão teue Seneca pera sy, que todas as brigas entre aquelles que andauão ao baso dos Principes, se fundauão em quem teria melhor maõ pera enganar, porque quando elle não visse que na realidade acontecia isto: bem se pode ter por certo que se os enganos haõ de dar merecimentos, não so seraõ mal ouuidas, & peor recebidas as verdades, mas que se ocuparaõ todos em inuentar modos de enganar: & saõ tantos os que tem este exercicio, que ha pouca esperança de emmenda, que como tem da sua parte nossa propria inclinação, & gosto, nos proprios cerramos os olhos as verdades, se saõ differentes daquillo que desejamos. Não quis Faraò como notou Lyra ouuir os expositores do sonho, porque lhe disseraõ, que lhe morreriaõ sete filhos, & pode mais com elle a paixão pera não dar ouuidos a hũa noua de desgosto seu, que a opiniaõ que tinha dos Sabios, & o desejo de lhe declararem o sonho, que procuraua entender. Ia se as verdades tocarem em falta de pessoa, sera crime grauissimo imaginarse, quanto mais falarse. Chegarão os Macedonios a louuar a Alexandre Magno a morte que deu tomado do vinho ao seu Capitão Clyto, & sendo a mais injusta, & barbara que se pode imaginar, lha cali-

Plut. in opus.

Prouerb. 29.

Seneca de benef.

Lyra. 41.

calificarão dando sentença em que a aprouarão por mui justa, & acrescentando nella que carecesse de sepultura o corpo de Clyto pera que Alexandre imaginasse, que o erro q̃ tinha feito não estaua julgado por tal. São os Principes nisto como hum Idolo, que auia em Alexandria de Egypto, dedicado ao Deos Serapis, o qual pintauão com o dedo na boca, mostrando que todos calassem: & não dissessem, que tinha sido homem mortal: & estaua posto pena de morte aquem nisso falasse. Se os poderosos sogeitos à esta miseria, & costumados à viuer deste engano, pudessem persuadir à todos, que he acertado quanto fazem, & que saõ mais incapazes de errar, que os outros homens, alguma disculpa tinhão: porem a verdade tem seu lugar nos entendimentos humanos, à pezar de todas as penas, serem elles de peor condição, & terem por descortesia aduirtilos das faltas que cometem, sabendoas todos, he quererem imposibilitar o remedio dellas; deue ser este costume nelles mui antigo: porque já os Cretenses pintauaõ à Iupiter sem orelhas, parecendolhes mais conforme à grandeza dos Principes naõ terem orelhas pera ouuirem o que lhes importa, mas o que serue de os destruir, sendo nelles de mais importancia à verdade; pois della depende o gouerno de seus vassallos, o conhecimento dos males, que deue remediar, & à noticia das partes; & merecimentos dos que deue ocupar; & premiar, que ordinariamente contra estes se agução as lingoas dos lisongeiros, trabalhando enterrar merecimentos verdadeiros, & resucitar os que nunca ouue: porque como não pretendem parecer lisongeiros; mas priuados querem mostrar seus poderes no mal que fazem à quem merece fauores, & no bem que grangeam à quem merece castigo. Sancto Agostinho disse, por ventura que lembrado deste effeito da adulação, que mais mataua à lingoa de hum lisongeiro, que a mão de hum facinoroso; porque se hum tira a vida do corpo, outro à dalma; que não fica com ella quem de tal maneira segue a mentira que foge da verdade, & em respeito daquelles que perjudicão com à peçonha de sua lingoa, tirão à honra, porq̃ inclinaõ à võtade do Principe acometer injustiças humas vezes desacreditando os q̃ merecẽ hõrados, outras autorizando os q̃ merecẽ castigados

Rufin. Eccles. hist. lib. 11. cap. 23.

August tom. 8. super ps. 69.

dos,& neste caso tão graue he hum crime como outro, porq o mesmo he prouer em hum officio de reputação a hum incapaz,que regeitar oque merece: & a tudo isto se estendem os poderes de hum lisongeiro,que pinta as cousas como quer. E neste effeito da adulação se verifica bem o que diz Cornelio Tacito, ser felicidade grande dos tempos terem os homens liberdade pera entenderem o que quiserem,& pera falarem o que entenderem: porque como he possiuel que os erros tenhão emmenda se os merecimentos das pessoas não haõ de ter mais valor, que o que lhe quiser dar o que acertou de ter mão pera adular:& se alguem for tão desgraciado que quiser falar contra isto não tem mais que esperar disfauores,& sẽ rezoẽs. Não aprouo hum genero de homens, mais descortesés, que zelosos,que com titulo de se mostrarem verdadeiros dizem pesares pera molestarem; verdades,que irritão,& naõ emmendam, mais conuem,que se calem: poucos saõ os que dão neste extremo,mas conuem ad uirtir delle, que as naturezas saõ differentes: & se ja houue quem fez vaidade da miseria, não sera muito que haja quem a faça de descortesias. Alguns com mais malicia, que com o zelo,se seruem do conselho pera desgostarem, porem a seus inferiores,& quando muito aos iguais:liures estão os Principes destes pesares,que ninguem se quer arriscar aos desgostar,sem alguma vtilidade, mais se deuem precatar dos que lhe aprouarem suas acçoens boas, & más,porque estes saõ os mais ordinarios:mas vejo que me diz alguem não auer tal vicio no mundo,porque tendo todos os mais seus acusadores, so deste se naõ da fè:nunqua se vio priuado castigado por lisongeiro nem vassallo reprendido por falar auontade,& esta he a mais perjudicial circunstancia, que tem,diz Seneca,parecerse com a melhor cousa da vida,que he amizade. Nũca hũ Rey se persuade que os validos o enganão por mais erros,que lhe aprouẽ: cuidaõ, que lhe tem grande amor,& que tratão delhe dar gosto no,que dizem,quando acertão de ver,que lhe não falãoverdade,o q̃ he poucas vezes: porque adulação verdadeira,& bẽ temperada primeiro que tudo tapa os olhos do entendimento,& se senhorea da vontade, não deixando credito mais que aquillo que conforma com o q̃ persuade:estado trabalhoso pera hum Principe em que fica impossibilitado acertar, & sogeito aos trabalhos,& desordẽs

Tac. li. 1 hist.

Seneca in epist.

que

q̃ resultão de naõ ouuir verdades. Em quãto elRey Ioas teue consigo o Sacerdote Iojada, que sem adulação lhe dezia o que lhe conuinha, procedeo como bom Rey; tanto que elle faltou, & os nobres começaraõ a grangear a beneuolencia do Rey com o adorarem, faltou com adoração delRey a que se deuia a Deos: & leuado das fingidas palauras dos lisongeiros de tal maneira se ouue, que mui breuemente foi destruido do exercito dos Syros, & morto com grande ignominia. Notou hum Doutor graue, que a molher, & amigos de Amão o puseram na forca; porque dandolhe conta de como Mardocheo, o não queria adorar, o aconselharam a que mandasse fazer huma, & em auendo licença delRey o dependurasse nella, quiseraõ lisongealo, & fizerão nisto a força pera o por nella. Alguma desculpa tem os grandes, que se pagaõ dos aduladores pello gosto, q̃ lhes dão; porem não vejo, que a tenhaõ os Reys, que de proposito os buscão, pera que nos tribunais lhes aprouem seus erros. Sobre uem hum aperto, ou hũa occasião de gosto, que tambem estas costumão vir sem necessidade, saõ os tributos tantos, que não ha ja de que se tire dinheiro, estremada occasião pera os que viuem de aluitres: offerece se hum, duuidão os conselheiros timoratos, & zelosos de consentirem nelle: entra segundo aluitre sobre a execução, faça se huma junta de pessoas, que costumão como camaleoens a sustentarse do vento da ambição, mudando as cores conforme os lugares; porque estes haõ de aprouar quanto quisermos: he a mayor miseria a que hum Rey pode chegar buscar de proposito conselheiros aduladores, & ministros, que nem temão a Deos; nem reparem em destruir o Reyno, não pera que aconselhem acertos, mas pera que aprouem erros, & desculpem com o pouo as resoluçoens tiranicas, mostrando que não naceraõ de apetite, mas de conselho. Os naturais dizem, que ha hum genero de peçonha, que mata com alegria, & as ansias da morte se conuertem em aparencias de riso: he o mesmo, que os lisongeiros fazem, daõ gosto com a morte que causaõ. O Profeta Oseas diz que os lisongeiros alegrão aos Reys com sua malicia, & dão gosto aos Principes com suas mentiras, saõ apeçonha que mata com riso. Precatense os Principes da adulação, & leuem este presuposto de a buscar entre aquelles, que mais aparencias

2. Para lip. 23.

Perald.

Oseas.

cias de amor lhe mostrão, que as mais vezes não erraraõ, & quanto este vicio se acomoda mais com a sua natureza, & inclinação tanto mayor deue ser a uigilancia, com que deuem viuer, pera, que não sejaõ enganados dos que mais amigos se lhes representaõ: pera o que siruiraõ as aduertencias seguintes.

DISCVRSO X.

Aduertencias contra adulação.

Panorm de reb. gestis Alph.

DITO foi daquelle prudente Rey D. Affonso o Sabio, & antes delle, de Seneca, ser certo genero de felicidade, não ter bens aconta de estar liure de ẽganos, pella continua força que os aduladores com suas traças fazem aos entendimentos, & võtades, que pretendem render: & como os tais enganos sejão mais perjudiciaes, & mais ordinarios nos Principes, sera necessario apontarlhes algum caminho pera delles se poderem liurar, se a prudencia for de calidade, que vença a força da adulação, & incline auontade a aceitar os remedios, que como saõ encontrados ao gosto, algũs hão de ser agros. Teue Aristoteles por meyo mui efficax saber encobrir as paixoens naturais, a afeição, ou odio, assi as pessoas, como as demais cousas: porque se hum lisongeiro acerta de achar nellas rasto, & toma por instrumento de sua maldade a mesma inclinação do Principe, tem o jogo na mão, & fazlhe guerra com as suas mesmas armas, & não ha estado mais perigoso pera hum Principe que ter junto de si quem lhe aproue todas suas acçoens, votãdo nas materias mais graues, não com respeito aos merecimentos dellas, mas do gosto do Principe, que muitas vezes não he conforme ao que lhe conuem. Quando elRey Dom Affonso decimo de Castella tratou com os seus hũa petiçaõ de seu neto Dom Dinis Principe de Portugal, em que lhe pedia lhe leuantasse o tributo, que os Reys de Portugal paganão aos de Castella, por rezão do Reyno do Algarue, que com esta condição tinha dado o mesmo Dom Affonso de Castella em casamento a sua filha com elRey Dom Affonso o terceiro de Portugal: propos elRey a petição aos grandes, & principais de seu Reyno pera nella votarem, & começando Dom Nuno de Lara, pessoa de grande respeito, idade, & autoridade, & que primeiro deuia dar seu voto, disse a elRey, q̃ por nenhũa via conuinha tirar á Coroa de Castel

Senec. epist. 21.

Arist. pol.

Valer. hist. scol. lib. 7. tit 2. cap. 6

Castella aquella preeminencia de que elRey se mostrou descõtente, pello muito, que desejaua dar gosto a seu neto Dom Dinis: os mais que auiam de votar, ainda que tinhaõ o mesmo parecer o encobrirão, aconselhando a elRey, que concedesse o que pedia o Principe Dõ Dinis, do que resultaraõ mais desgostos a elRey do que foi o gosto, que teue em se conformarem seus conselheiros, com o q̃ elle desejaua: porque o Reyno se alterou de sorte que se ausentarão da Corte perto de tres mil os mais nobres, & poderosos: & se forão pera elRey de Granada fazendo guerra a Castella por alguns annos com grande oppressaõ, & detrimento de todo Reyno: tantas saõ as desordens, que resultaõ de hum Rey declarar seu parecer, perante quem lho hade aprouar, ainda que da execução delle hajão de nacer infinitos males a republica. Conuem muito ainda ẽ cousas de menos porte encobrir a afeição, & gosto: que o officio dos lisongeiros he andarem vigiando a vontade dos Principes pera se conformarem com ella. Plutarcho conta, que chegando Platão a Saragoça de Sicilia, onde Reynaua Dionisio Tirano, quis elRey por se aproueitar de tal mestre aprender Philosophia: no mesmo ponto se afeiçoarão todos os cortesens a mesma sciencia; estudandoa com tanto cuidado, que ja não lembraua outro exercicio mais, que o estudo da Philosofia: que este genero de adulação de acompanhar o Principe em suas inclinaçoens, he o mais seguro, & de mais effeito, que todos os outros, porque alem da semelhança, que conforme Aristoteles, he causa de amor, estimão os Principes acharem muitos de seu genio, & muito mais se este participa de alguma imperfeição, porque a desculpa mayor dos vicios, & em que mayor gosto recebem os que saõ dados a elles, he serem imitados de muitos: & da qui nace a total ruina de hũa republica, porque sendo os vicios fauorecidos, & premiados, cada dia crecem sem remedio de se atalharem, & vem a ter a mesma autoridade, que a virtude, & valor. Cornelio Tacito diz, que de tal maneira se forão os Romanos costumando aos vicios no tempo do Emperador Nero pello gosto que nisso lhe dauão que vierão depois a ter aos mesmos vicios mais amor, que á sua propria patria. São milagres da adulação, que obriga a respeitar as faltas, que de sua natureza saõ desprezadas. Diodoro Siculo cõta que era costume muito vsado entre os negros se o seu

Plut. in mord.

Tac. lib. 1. hist.

Diodor. sicul de fabulis antiquorũ c. 4.

Rey tinha algũa falta de pe, ou mão, ou qualquer outro membro corporal cortarem em si o mesmo membro que faltaua ao seu Rey, pera que ace na deformidade separecessem com elle: esta foi a rezão, segũdo diz Plutarcho, pera serem entre os Persas estimados os homens, que tinhão o nariz curuo, virão que elRey Cyro o tinha assi, & fizeraõ disto adulação, estimando geralmente o que por ventura seria nelle falta, & desproporção. Cuidaráõ alguns, que não pode resultar perjuizo, antes vtilidade de se conformarem os vassallos com o Principe de tal maneira, que fação honra de o imitar: saõ grandes os inconuenientes, que deste particular nacem, que se hũa vez vai a afeição bem encaminhada, muitas vezes se desencaminhará, & cõ pouca esperança de remedio, quando se não estranhar por alguma via, antes se receber com aplauso de todos. Se não vejamos que de crueldades executa hum ministro, quando vè, que o Principe he cruel; que de extorsoens faz por roubar os vassallos, quando vè que he auarento; que de torpezas comete a conta de agradar a hum Principe deshonesto: & se o exemplo basta, que fara o desejo de contentarem aquem gosta dos mesmos vicios? O Emperador Caligula se afeiçoou demasiadamente ao jogo a cuja imitação se introduzio, & canonizou aquelle exercicio pello melhor, & mais cortesaõ de talma neira, que parou em roubos, & mentiras, assi dos vassallos como do Emperador, quando lhe foi faltando dinheiro pera o jogo: que tambem as miserias, & afrontas chegaõ aos tronos reais, se nelles falta alembrança da limitação de seu poder; & não bastaraõ os males, que elle causou pera os vassallos se recearẽ doutros semelhantes, que o exẽplo de vicios pegase mui facilmente, & desapegase mui difficultosamente. Ainda tinera por mais sofriuel, seruirse a adulação das inclinaçoens em respeito dos vicios ordinarios, porem que chegue a tanta desauentura o desejo de agradar a hum Principe, que o queiram imitar os vassallos nas materias da fè Catholica, he o mayor excesso a que pode chegar o poder da adulação. Quis elRey Ieroboaõ leuado de certa rezão de estado que seus vassallos fossem idolatras, porque em caso, que o não fossem, era forçado irem a Ierusalem adorar no templo de Deos, & podiaõ com esta ida refrescarse na memoria de seus passados, & desejarem ficar na cidade de Ierusalem, não fez o Rey mais, q mandar

Plut. in apoph.

Man. l. 6. apoph

mandar fazer dous bezerros de ouro,& adoralos,porque no mesmo ponto esqueçeo oDeos verdadeiro de quem tinhão recebido tantas merces,& quiserão antes imitar a seu Rey ainda que fosse na abominação de adorar estatuas de animais, que adorar a Deos, que tantas marauilhas tinha feito por elles.Chegou o Sacerdote Vrias a leuantar altar aos demonios, & sacrificar nelle por dar gosto a elRey Achaz.Que exemplo mais verdadeiro,que a miseria dos vassallos delRey Henrique de Inglaterra pois estimaraõ ẽ mais a imitação de hum Rey estragado em viçios,que a verdade Catholica tão antiga,& veneradadelles.Quasi o mesmo fizeraõ os Hebreos,porque se resoluerão a idolatrar no Ephod vestidura Sacerdotal,que Gedeão tinha feito mui custosa com ouro,que tomara na guerra dos Madianitas,& Amalechitas, so por verem a estimação,que Gedeão della fazia, tendoa posta por cousa de grande preço na sua cidade Ephra. Exemplo pera os Principes considerarem mui deuagar quão grande valor dão aquillo que estimão, & de que fazem caso, pois obrigão a adoração não em respeito do merecimento,& valor q̃ tem,mas da estimação que fazem.Ainda saõ mais ordinarios

Lib.4. reg.cap. 16.

Iudic. 18.

& irremediaueis os males, que nacem de se empregar a afeição em pessoa,que a não merecem,porque os aduladores lhe santificão seus crimes,lhe aprouaõ suas faltas,& lhe louuão seus erros,& ou seja por não repugnar ao gosto do Principe, ou não incitar a furia de hum fauorecido: ficão sem remedio todos os males,que com este fũdamento se cometem. Estando Alexandre Magno pera morrer quis dispor as cousas de seu Reyno,entregandoo aquem o pudesse gouernar,& tendo tantos Capitaens valerosos,& prudentes,veyo a fazer mais caso de seus priuados sem auer quẽ o aduirtisse da incapacidade de alguns,& do talento de outros, que ficauão sem nada:& a Escritura Sagrada da a entender q̃ daqui resultou aquella tão notauel persiguição do pouo Iudaico referida no liuro dos Machabeos,pera que se veja quão grãde incendio se leuanta de hũa tam pequena faisca: porem he mal irremediauel em respeito da ambição dos homens, que pretendem agradar,& tem por mais seguro caminho começar pellos priuados, &. ainda que não possaõ entrar com estes pera os obrigar,não se atreuem com os Prineipes pera os desafeiçoar,porque naõ ha quem se queira arriscar a desgostar hũ Prin-

Mach. b.1.

Principe por mais rezoens, que pera isso haja, nem ainda afeicoado aquem começou a cobrar má vontade. Desgraciado foi o vassallo contra quem o Principe se declarou, a sua inocencia se conuerte em crime, & a sua verdade em mentira. Singular effeito de prudencia he não manifestar a afeição, ou odio, de que possaõ tomar ocasião os que pretendem agradar com engano. Tambem o sera não se dar por achado no gosto ou tristeza do que em seu fauor ou contra sy ouuir, que he cousa mui ordinaria inclinarse o semblante ás mostras de brandura & afeição, que as mais vezes não nacem de virtude, mas de adulaçaõ: porque todos os aduladores, diz Aristoteles, saõ humildes, seruiçais, & amigos de agradarem: & o mais certo he acharse menos verdade, onde os exteriores saõ mais humanos. Necessario he que o Principe tenha hũa condiçaõ taõ igual, que nem se affeiçoe ás aparencias humildes, nem se altere com as asperas, & rigurosas: porque o mesmo he, esfadarse com as verdades, que trazẽ algum desabrimento, que dar licença pera lhe dizerem mentiras, que tragaõ consigo gosto; & he falta grande ẽ hum Principe estimar mentiras gostosas, & desgostarse de verdades, que se nas aparencias mostraõ carranca, no interior saõ proueitosas: nisto se funda o louuor, que aquella prudente molher daua a elRey Dauid, comparandoo com hum Anjo, onde ajunta o Hebreo referido por Abulense: pera ouuir o bẽ, & o mal sem receber por isso paixão; o que naõ costumaõ fazer os homẽs, naõ se acha esta excellencia ẽ gente ordinaria, de manda muito brio, & prudencia: & o que mais importa pera liurar desta cruel peste he naõ dar entrada a homẽs maliciosos, porque ha muitos, que tem particular industria pera de qualquer sucesso tirarem occasião de louuor: & nestes casos está a prudencia, em buscar rezaõ contraria pera destruir a adulaçaõ, como aconteceo ao Emperador Augusto Cesar, ao qual foraõ dizer por grande noua como no altar ẽ que se sacrificaua aos Deoses nacera hũa palma, o que prometia grandes vitorias, porem o Emperador lhe respondeo grauemente, que naõ era prognostico de vitorias antes de reprensaõ dos Deoses, que por aquelle modo mostrauaõ fazerẽ lhes taõ poucos sacrificios, que vinhaõ a nacer hertuas nos altares: de que os aduladores ficaraõ mais enfadados vendo, que pello caminho, que pretendiaõ dar gosto ao Emperador lhe deraõ

Aristot. l 6. ethic.

Abul. in lib. Reg.

Man. 4 apoph. ex Suetonio.

Plut. in Rom. apoph.

rão desgosto, o mesmo aconteceo a Cicero com outro lisonseiro, o qual foi a elle mui compadecido dos priuados de Cesar que andauaõ tristes a que Cicero respondeo: naõ trateis mal aos priuados do Emperador, q̃ dizerdes que andaõ tristes he mostrar, que tem cometido crime contra elle, & que o temem; porque tristeza ẽ priuados poucas vezes se acha por outra causa. He prudencia grande rebater os tiros dos lisongeiros de sorte que fiquem corridos, & enuergonhados de os acharem com o furto nas maons, & bastaráõ mui poucos lanços destes pera hum Principe cobrar fama de brioso, & inimigo de adulaçoens, & não so lhe resultará daqui a honra que consigo tras a prudencia, & valor; mas hum conhecimento claro do que lhe conuem sem as cores q̃ a adulação costuma dar.

DISCVRSO XI.

Deuem os vassallos grande respeito, & obediencia a seus Reys.

NAõ seja tudo fazer aduertencias aos Principes, q̃ suposto serem nelles mais necessarias as desta calidade, pella dificuldade que ha de se lhe representarem de rosto a rosto as que podem causar algum dessabor; importa tambem, que os vassallos conheção a obrigação de seu estado, & o respeito que deuem a seu Rey: porque não bastará o bom procedimẽto do superior se faltar a obediencia dos subditos, & não deue esta fundarse em medo, nem ẽ premio, deue ser o principal motiuo o gosto do Principe. Estando Iacob pera morrer pedio a seu filho Ioseph, que o não enterrasse no Egypto, mas na terra de Canaam com seus auos: pergunta Abulẽse sendo Ioseph seu filho como lho não mandou, se naõ que lho rogou; & responde, que era tanto o respeito, que Ioseph tinha a Iacob, q̃ o mesmo era pedirlho, que mãdarlho: porque o gosto dos Principes quando não he contra o bem comum deue ser ley pera os vassallos, como acõteceo aos soldados de Dauid que bastou verem, que desejaua agoa da cesterna de Belẽ pera se arriscarem a grandes perigos rompendo pellos inimigos por lhe darem gosto. Chamou auisadamẽte Platão ao Princepe Deos humano; porque assi como de Deos causa vniuersal de todo o bẽ depende a conseruação do mũdo; assi do Principe a defensão da republica, & a obseruancia das leis, a vnião, & conformidade

Plato de legib.

de dos vassallos:& em respeito disto lhes communicou o mesmo Deos certa excellencia, & Magestade,que os faz respeitados,& temidos, ainda quando por rezoens particulares puderão ser desprezados. Menino era de poucos dias o Duque de BarbanteGodofre terceiro quãdo os Condes de Grimbergh lhe fizerão guerra com intẽto de lhe tirarem o estado;&podendo seus vassallos liurarse de guerras,& gozar da paz,que se lhe offerecia,& por ventura cõ muita vtilidade dos que gouernauão,que em semelhantes occasioens se grangeão com facilidade honras,& riquezas,qui serão antes defender a posse de seu Duque, antepondoa a todos os outros respeitos; & pera mais se animarem na batalha,o mandarão pòr em hum berço a vista do exercito entendendo,que ainda naquella idade podia esforçar com sua vista aos que pelejauão,& sustentar o respeito,que se lhe deuia:que a vista dos Reys dá valor,& forças aos que defendem sua patria,&tiraas aos que se lhes querem atreuer.Naquellas guerras que ouue entre Carlos Rey de França,& elRey Fernando de Aragão sobre o Reyno de Napoles,viose elRey Fernãdo tão apertado,que se foi fogindo a sua fortaleza de Iscla,onde ja achou o Alcaide,& os mais, que a defendião rebelados, tratando de a entregar a Carlos; pello que se fecharão, & não quiserão recolher aos soldados, so á pessoa Real meteo o Alcaide dentro da fortaleza, depois de alguns rogos,com que o afligido Rey o persuadio,que o recolhesse: que tambem os Reys chegaõ a rogar quando caminhão por onde o appetite os leua sem, differirem a rogos justos,& fundados em rezão; porẽm foi de tánta efficacia esta entrada,que se lhe renderaõ os da fortaleza,sendo muitos os q̃ a defendião,& elRey huã so pessoa:espantase com muita rezão o historiador que escreue o sucesso attribuindoo a que nos olhos dos Reys ha hũa força mais que humãna com que obrigão a respeito,ainda quando a fortuna os tem mais derribados:excellencia grande da Magestade Real perualecer contra a mesma fortuna,& atropelar os infelices sucessos,que della resultão.De duas causas, diz Seneca,que nace a falta de respeito com que os homens saõ tratados;& particularmente os Principes em quem o tal respeito he mais necessario:ou de odio,ou de desprezo:contra hũ, & outro temos apontado os mais efficazes remedios,que a experiencia tem aprouado,que como

Lauret. de Hechet. na Chron. dos Duques de Barbãt.

Paul. Iouio li. 2 cap. 5.

mo se falaua com os Principes tinhão lugar as rezoens de os persuadir a que conseruassem a Magestade: aqui falamos com os vassallos, aos quais conuem mostrar, que quando os Principes faltarem na execução dos meyos proporcionados a grãge arẽ o amor, & respeito dos seus: ou sejaporq̃ naturalmẽte saõ inclinados ao rigor de q̃ nace odio, ou porq̃ as acçoens saõ rasteiras, & ẽ si trazẽ o desprezo não deuẽ attreuerse cõtra a Magestade Real: q̃ nunca podẽ ser mais efficazes as rezoẽs, que resultão do vicio da pessoa, q̃ as q̃ tocão a conseruação do bẽ cõmum. Bastante occasião tinha dado elRey D. Ramiro de Aragão pera ser desprezado: porq̃ sendo frade professo, & tão simplez, q̃ estando os seus pera dar batalha aos Mouros, & pondoo ẽ hũ cauallo com o escudo na mão esquerda, & a espada na direita, tomou a redea do cauallo na boca, & se foi assi contra os Mouros: cõ tudo foi de tãto proueito sua asistẽcia, & tãto mais efficaz apresẽça Real pera animar os soldados, q̃ a simplicidade, & ignorãcia pera os acouardar, q̃ houue vitoria cõtra os Mouros: oq̃ prouauelmente não fora se no exercito faltara sua pessoa a quẽ respeitauão, & temião. Bẽ se pode cuidar, q̃ foi lanço de fieis vassallos sustentarem o tal respeito, aindaque sobre tão fracos fundamentos, pois conuinha assi ao bem commum: porem o mais certo he, que naturalmente se deue este aos Reys; & que não está na mão dos vassallos outra cousa, se não quando Deos os quer tomar por instrumento do castigo que lhes quer dar, o que acontece mui raramente, que como Deos nosso Senhor gouerna este mundo por meyo dos Reys; que como ministros seus assistem em seu lugar, tambem vsa de rezão de estado em não facilitar os vassallos a se leuantarem contra elles, antes muito contra seu gosto lhes sofrem desordens, insolencias, & tyranias, sem se atreuerem a passar os limites do respeito; & obediencia com que a prouidencia diuina os sogeitou à vontade de huma so pessoa da mesma natureza: foi pensamento este de Abulense considerando a paciencia, que Deos teue em sofrer a maldade de Saul dissimulando a ingratidão, que tinha mostrado depois de o leuantar ao throno Real; sendo hum homem ordinario, & que nunca lhe passou, tal pensamento; rezoens mui bastantes pera Deos lhe tirar o cargo que lhe tinha dado encaminhando os

Valer. hist. Scol. lib. 6. ti. 4. cap. 3

Abul. in lib. Reg.

animos dos vassallos a q̃ se leuantassẽ, contra elle, como inca paz do Reyno, & lhe negassem a obediencia em que cõsiste o Reinar; porẽ foi rezão de estado de Deos (diz Abulense) conseruar os vassallos na obediẽcia de seu Rey, peraq̃ tirasse a occasiaõ aos homẽs de terẽ pera si, q̃ vẽdo aos Principes cometerem desordens lhes podiaõ negar a obediẽcia, & depolos do Reyno a imitação do q̃ o mesmo Deos ẽ semelhãte caso tiuesse feito. Seja a maldade de Saul dignade todo o castigo, & mereça q̃ Deos o priue do Reyno, & o torne ao miserauel estado de q̃ o tirou, pois se mostrou ingrato a taõ grande merce: mas naõ sejão os subditos os ministros desta execução, antes se lhes dissimule o crime atè a morte; q̃ não conuẽ facilitar Deos os animos dos vassallos cõtra seus Reys; antes cõseruallos na obediẽcia, & respeito cõ q̃ a natureza os crioupera conseruação das respublicas, & gouerno dos homẽs. A segunda causa de negarẽ os vassallos o respeito a seu Principe he o odio, q̃ lhe tẽ, q̃ sendo este furor, & perturbação do Iuizo, não he muito se attreua cõtra toda arezão: & cõ tudo saõ raros os casos ẽ q̃ achamos q̃ os vassallos claramẽte se attreuessẽ a perder o tal respeito se não ẽ tẽpo q̃ ja tiuessẽ outro principe aquẽ obedecessẽ: q̃ a obediẽcia diuidida nũca causou bons effeitos, antes he mõstruosidade nas materias politicas, como o fora nas naturais, sendo os mẽbros de hũ so corpo gouernado por duas almas; lingoagẽ de q̃ Seneca vsa cõparando o Princepe a alma, & os vassallos a mẽbros, de que bẽ se collige, q̃ postas as cousas ẽ sua perfeição, nẽ hũ corpo admitte duas almas, nem os membros podẽ desobedecer a aquella q̃ os anima, & de q̃ depende sua conseruação. Quẽ mayor exorbitancia cometeo, q̃ Vespasiano pellas quais era geralmente mal quisto, & aborrecido; porẽ tanto q̃ foi leuantado Emperador (conta Suetonio Tranquilo) que de repente se lhe vio, ẽ seu rosto certa magestade, que obrigaua a respeito a todos os que o vião; ja os que antes o aborreciaõ o olhauão cõ outros olhos differentes do que costumauão. Quando Deos nosso Senhor mandou a Moyses que elegesse setenta velhos pera assistirem ao gouerno, mandoulhe duas cousas: a primeira, que repartisse com elles de seu spirito a segunda, que os leuasse a porta do tabernaculo: declarando Lyra este lugar, diz que foi traça, que Deos vsou pera fazer respeitados aquelles velhos, porque lhe não bastaua a idade, & prudencia pera o

Seneca 1. de Clementia.

Sueton. Tranq.

Lyran. in c. 11 num.

pouo

pouo os reuerenciar, importaua que pusesse os olhos nelles, como pessoas de que auia de depender o gouerno; porque nesta relação se fũdaua o respeito, que lhe auião de ter, & o amor com que o auião de tratar. Quando o propheta Samuel vngio a Saul em Rey de Israel por mandado de Deos; deulhe alguns sinais entre os quais era hum, que auia de parecer outra pessoa; & que encontraria dous homens com huns cabritos, paõ, & vinho os quais lhos offerecerião: que como estaua vngido por Rey auia de causar com sua pessoa tal respeito, que lhe auião de offerecer os vassallos tudo o que tiuessem: & daqui se pode mui bem colligir a rezão, porque os Principes vsando de tantas traças pera acrecentarem a Magestade Real, saõ muitas vezes desobedecidos dos vassallos; & sobre irem á guerra, ou não, se poem a regatear no preço, como se a materia fosse de mercancia: tirãolhes a fazenda, & sustancia, & como lhes não fica que offerecer, tratão de conseruar o que têm, ou seja vida, ou fazenda, repugnando á vontade dos Principes, & muitas vezes á necessidade da republica. Consiste tanto a Magestade Real (diz Platão) em fazer merces, como em grangear o temor, & respeito dos vassallos; porque se o temor refrea os delitos, os beneficios incitão os animos a obras de valor. Considerou Abulense grande misterio em mandar Deos a Moyses, que com a mesma vara que lhe tinha seruido de instrumento de conuerter a agoa em sangue tirasse de huma pedra agoa clara pera sustentação de seu exercito. Pera mostrar (diz Abulense) que era Moyses verdadeiro Principe, pois com o mesmo cetro com que castigaua fazia merces, applicando os beneficios, & castigos conforme os casos. Este mesmo pensamento teue Procopio pera comparar o Principe ao fogo, que não lo queima, mas alumia segundo as occasioens, & necessidades a que os homens o applicão. Muito importa, que os vassallos respeitem, & obedeção a seus Principes; porem não menos importa, que a tal obediencia seja fundada em gosto, liberdade, & rezão: porque se a causa for outra não podem os effeitos resultar em vtilidade da Republica, nem em bem dos vassallos.

Abul. in Gen.

Procopius.

****
*****
***
*

DISCVRSO XII.

Continuase a mesma materia aduertindo que o respeito, & obediencia deuida aos Principes seja regulada pella prudencia & não pella ambição.

INDA que a adoração com que os Principes saõ tratados, seja ordinariamẽte effeito da adulação, materia, ja repetida, he muitas vezes causada do amor, & respeito, q̃ se lhes deue: & quando este seja gouernado pella ãbição, & vsado cõ excesso, cõ mais rezão se deue fazer delle caso pera aduertir, assi aos Principes, como aos vassallos, q̃ nẽ admitão, nẽ vsẽ este genero de idolatria, tão ignominiosa a quẽ asofre como aquẽ avsa, deq̃ não resultão mais q̃ incõueniẽtes: porq̃ se o respeito dos Principes chega a ser tão demasiado, q̃ por elle se perca o que se deue a Deos, não so para ẽ afrõta, mas ẽ hũ abismo de confusõẽs, & por mais q̃ á primeira vista mostrẽ zelo os q̃ por estavia pretendẽ mõtar, considerado o effeito de seus seruiços não pode passar das aparencias, porque seruem pera contentar, & não pera aproueitar, tratando de representar seruiços, não de os fazer. Notou Lyra a differença, que hauia entre a vara de Moyses, & as varas dos Magos, que Faraò mandou chamar, que a vara de Moyses se conuerteo em huma serpente verdadeira, naõ so na aparencia, mas na realidade, & as dos Magos eraõ na realidade varas, & so na aparencia representauaõ ser serpentes: & hauendo tanta differença da verdade a representaçaõ, naõ se quis o Rey desenganar, vendo claramente que a serpente verdadeira fazia effeitos do que era, & as outras quando muito enganauaõ a vista: porem não he de espantar, que sempre em os Reys tiueraõ mais lugar os fingimentos, que as verdades, & as aparencias dos seruiços, que a realidade delles, estimando a adoraçaõ, & aplauso dos que procuraõ grangear a vontade, & desestimando a verdade dos que com procedimento, & seruiços conuencem o entendimento, & rezaõ. Perguntado aquelle prudente Rey Dom Affonso de Aragaõ, que vassallos eraõ os de que mais vtilmẽte se seruia respondeo que aquelles que primeiro respeitauaõ á ley de Deos, q̃ ao q̃ elle lhes mãdaua, porq̃ estes seruẽcõ verdade, & naõ cõ aparẽcia, & os q̃ se mostraõ taõ obseruãtes das leys dos Principes, q̃ a cõta, de

Panorm de rebus gestis Alphonsi.

de as guardar,& com mais pontualidade atropelaõ todas as leys diuinas,& ainda,que mostrẽ zelo,& inteireza,nem a causa he tal,nem o fim responde a ella,antes se receem os Principes de semelhante idolatria,poisvemos,que particularmente se applica a prouidencia diuina a destruir,& arrasar as estatuas, que os homens,ou pera melhor dizer a ambiçaõ leuanta pera serem adorados em competẽcia do mesmo Deos:como aconteceo ao Idolo Dagon aquem os Felisteos quiseram igualar na adoraçaõ cõ a arca do testamẽto,o q̃ foi causa de cair do lugar ẽ q̃ estaua,& quebrar a cabeça:foi o mesmo q̃ aconteceo a Simaõ Mago,que pretendendo voár por arte magica, cahio do ar,& quebrou as pernas, castigo bẽ merecido,diz S. Maximo q̃ não tenha pes pera ãdar quẽ se não cõtẽtaua cõ menos, q̃ azas pera voar.Não sofre Deos cõpetẽcia cõ seu poder,cuja liberalidade sẽdo tão larga cõ os homẽs,so a adoraçaõ lhes tirou,reseruãdo pera si esta preeminẽcia,cõcedendo aos Principes,q̃ fossẽ respeitados,seruidos & obedecidos mas não adorados.Quãdo elRey Dauid quis ẽcarecer a grãde excellencia q̃ Deos dera aos Principes do pouo Hebreo,a cuja cõta estaua o sacerdocio diz q̃ lhe deu titulo

1.Reg. 5.

& nome de Deos;porẽ com tal condição,q̃ o gozariaõ cõ os ẽcargos de filhos de Adão, & q̃ estarião sogeitos,a todas as calamidades,& miserias,que os homẽs padecẽ,& q̃ entre as hõras Reais,padeceriaõ os receios delhas tirarem,quando dellas vsassem demasiadamente , querendo mais do que ellas permitẽ: & esta parece,que foi a rezão porq̃ dizendo Deos a Moyses q̃ o hauia de fazer Deos de Faraõ & dandolhe todo o poder, que conuinha pera o parecer, & ser obedecido, com tudo não sofreo que o adorassem,nem ainda depois de morto;& pera atalhar a isto,como notou Abulense,& outros graues Doctores quis que fosse seu corpo sepultado onde nunca fosse visto:dando por este modo doctrina aos Principes,que ainda que no poder sejão diuinos, na adoração o não deuem querer ser,pois se negou esta preeminencia aos mais autorizados,& graues Principes do mundo. Digo que aos Principes se deuem primeiro fazer estas aduertencias,porque se a sua prudencia não for tal,que recuse semelhantes adoraçoens:dos vassallos affirmarei que lhas não negarão, porque sempre fazem mais caso das honras os que as desejaõ que os que as possuem ,& não ha pretendente

Abul. Exod. 7

por calificado,que seja que se despreze de adorar a conta de conseguir sua pretensaõ, costume mui antigo em todas as cortes,& mui bem recebido de todos os poderosos:fundada nelle,começou a may de que trata o Euangelho,que pretendia lugares honrados pera seus filhos a adorar hauendo depedir & não ha duuida,que hia bem encaminhada por aquella via, se o Principe a que pedia fora da condição dos homens, que da adoração fazem merecimento,porem foi reprendida, não por errar o modo que naquella occasião tinha seu lugar, mas pedir o que não entendia,vicio mui certo do que não estriba sua pretensaõ na sustancia de seus merecimentos,mas na adoração com que pretende. Bem sabia o diabo que corria esta moeda no mundo,quando disse a Christo que lhe daria tudo quanto quisesse, mas que primeiro o hauia de adorar: & se elle não conheceo a Christo por verdadeiro Deos, como muitos dizem,não andou mui demasiado em prometer tanto por tam pouco,porque muitos o tinhaõ adorado por esperanças de muito menos porte. A primeira vez, que o diabo se vio adorado em Idolos foi pellos cortesoens ambiciosos. Teue Nino Rey dos Assirios tanto amor a seu pai Bello,que depois de morto lhe mandou fazer huã estatua,& naõ negaua cousa algũa aos que por ella lha pedissem:& como os pretẽdentes eraõ muitos,creceo a romagem de maneira, que lhe vierão a fazer hum templo em Babilonia pera que fosse a estatua adorada,& á ordenarem sacerdotes,que a seruissem: miseria grande, assi do Rey como dos vassallos,posto que irremediauel ainda com os mais prudentes,pello gosto cõ que huns recebem a adoração, & outros a vtilidade della.Não pode Alexandre Magno com todo seu entendimento,& brio liurarse desta fraqueza,& sabendo mui bem que a facilidade, & bom bom termo com que trataua seus soldados o tinhão leuantado a ser Monarcha do mundo,chegou a adulação,& ambição de alguns a conuerter a brandura em soberba,& a afabilidade ẽ arrogancia, de sorte que quis ser adorado,& mandou que se prostrassem em terra os q̃ lhe falassem. Não faltará quem á vista destes exemplos tenhapor felice a nossa idade em que os Principes não vsaõ de tanta arrogancia,nem admitem tanta adoração,& não ha duuida, que a benignidade dos Principes, & a afabilidade com que tratão seus vassallos escusa semelhantes

Math. 20.

Mat. 4

lhantes aduertencias na parte que lhes toca. Porem menos duuida ha, que a malicia nestes tẽpos esta mais em seu ponto do que nunca esteue, porque o q̃ antigamente se negociaua com adoraçoens, que vinhão a custar pouco, jà hoie se não podẽ acabar sem grande força de interesse: & quando os lugares se pretendiaõ por cortesias, & submissoens ainda o pejo de os administrar indiuidamente duraua, porque como os hauião de conseruar com agradarem, não podia ser a adoração taõ poderosa, que escusasse algum bom procedimento; o que se naõ acha no costume, que hoie se tẽ introduzido de se pretenderem & alcançarem per interesse, raiz, & principio assi da incapacidade de quem os administra; como das desordens, que nelles se cometem, que quem vende obrigase a fazer boa a venda: & porque esta materia pertence a outro lugar, basta tratar neste da moderaçaõ com que os Principes deuem admitir a adoração de seus vassallos, por ser a huns, & a outros perjudicial, & ignominiosa, não quero dizer, que os vassallos se ponhaõ em pontos com os Reys, & que sobre mais, ou menos, tenhão duuidas: porque nem Deos o manda, antes quer, que sejão os Reys respeitados, & obedecidos: nem se compadece em rezão de honra, que como esta depende dos Reys, pouco faz quem lhes dà o que he seu. O Apostolo S. Pedro nos aconselha, que temamos a Deos, & honremos aos Reys, porque a honra depẽde do exterior, & o temor do coração: porem o mal esta, que trocamos os termos, porque cõ o exterior somente honramos a Deos, & com todo coração, tememos aos Reys; & a queixa, q̃ Christo nosso Senhor tinha dos Fariseos, que com a boca lhe fazião grandes honras, & com o coração o entregauão à morte. Pera as cousas estarem em seu lugar conuem, que o temor de Deos se aposente no coração, & que as acçoens exteriores se empreguem em respeitar, & hõrar os Principes de que depende o gouerno, & conseruação da republica: nem houue em tempo algum homem tão fora de juizo, que duuidasse serlhes deuida toda a veneração, respeito, & obediencia, porem com esta condição, que se dè a Deos o melhor lugar. & pera que os Principes não cheguem a se desgostar com seus vassallos, não queirão delles o que pode merecer justa repugnancia, quero dizer, q̃ não pretẽdão a sustãcia dos homens, tendo por agrauo não lhes darem quanto desejam, pois a Deos se não costuma

1. Petri cap. 2.

ſtuma fazer iſto, contentenſe com ſerem ſeruidos como Reys, & não adorados como Deos, & trabalhem, que lhe ſeja deuido no procedimento com os vaſſallos o reſpeito, que delles querem, porque aindaque a deſobediencia ordinariamẽte traga conſigo culpa, caſos ha em q̃ hum vaſſallo a não tem ao menos na opinião do pouo, que ſẽpre a lança aos mayores. Deſobedeceo Bernardo del Carpio a elRey Dom Affonſo o terceiro de Leão deſafiandoo, ſendo ſeu vaſſallo, & fazendolhe guerra, & ſendo crime tão atroz, derão a culpa a elRey, porque depois de tantos ſeruiços, quantos tinha recebido de Bernárdo del Carpio, lhe não quis ſoltar ſeu pay da priſaõ tendolho prometido por algumas vezes. Deue hauer alguma proporção entre o reſpeito dos vaſſallos, & beneuolencia dos Principes. Foi mui prudente o conſelho, que elRey Phelippe de Macedonia deu a ſeu filho Alexandre, que de tal maneira trataſſe de ſer reſpeitado, que o naõ foſſe pellos meyos, que as peſtes, & doenças, grandes vſaõ, que a poder de matarem, & deſtruirem ſe ſenhoreaõ de hũa cidade, & de hum Reyno. He mais honrada, de mais goſto, & vtilidade, a obediencia fundada no amor, & cõformidade aſſi da parte dos Principes como dos vaſſallos.

Valer. hſt. ſcol.

Elian. l. 14. de var. hiſt.

DISCVRSO XIII.

Se tem os Principes obrigaçaõ de pagar aos vaſſallos os ſeruiços que lhes fizerem.

AINDA que eſta duuida pertencia mais aos que eſcreuẽ materias de conſciencia, limitalahei aos termos politicos, pello mais breue modo, que for poſſiuel: porque não conuem fazer queſtoens, nem propor os diuerſos caſos, que tocão ao foro interior, & reſtituiçaõ dos Principes que não paguarem o que tẽ obrigaçaõ, mas ſomente os que pertencem a conueniencia politica. Conſiſte a rezaõ de duuidar em que os Reys, & vaſſallos, conforme S. Thomas, & Ariſtoteles, fazem hum corpo, ſaõ elles a cabeça, & eſtes os membros: & aſſi como a natureza obrigou aos membros, que todos ſe occupaſſem em defender a cabeça, como mais neceſſária a conſeruaçaõ de todo o corpo, aſſi deuem os vaſſallos eſtar taõ ſubordinados aos Principes cabeça da republica, que naõ ſeja neceſſario conuidalos com premio, nem obrigalos cõ medo, pera acodirem a defenſaõ do bem comum: porque faltando

D. Thom. de reg. Princ. Ariſt. polit.

tando esta subordinaçaõ, & respeito nos particulares, todos pereceriaõ, quando o interesse não bastasse pera pagamento dos soldados; & a mesma rezão se da nos que seruem a republica no gouerno comum: nesta necessidade se funda o direito, que os Principes tem pera poderem obrigar a seus vassallos aos tributos extraordinarios, quando se temer perigo de inimigos, ou qualquer outro semelhante em que todos forem interessados. Porem como os vassalos pagaõ seus tributos aos Reys com este encargo de os gouernarem, & defenderem, & os podem por nos casos necessarios, tem obrigaçaõ de sustentar aos que seruirem, naõ os obrigando a que seja a sua custa, como alguns impiamente fizeraõ: de maneira que a sustẽtaçaõ necessaria á vida naõ admite duuida algũa: & ainda que o costume tem introduzido, q̃ algumas occupaçoens por serẽ leues escusem salarios, saõ poucas as desta calidade, & nunca conuem dar officio sem porçaõ certa, como em outro lugar digo: porque hauendo em todos por pequenos que sejão occasião de furtar, a desculpa mayor dos que o fazem he que não tẽ salario, & atè pera com Deos se querem valer desta rezão. Outra duuida depende desta: se tem obrigação os Principes de pagarem, aos que seruem, cõ outro premio alem da sustentação necessaria, como as mais pessoas. Duas partes tem esta questão, hũa que toca ao gouernopolitico, outra ao ao militar: ha no politico diuersos generos de officios, huns da casa Real, outros da republica, outros q̃ costumão ganhar a vida por seu trabalho. Quanto aos primeiros obrigação tem os Principes de satisfazer com algum premio alem da sustentação, porq̃ neste caso se considera como particular este genero de seruiço: & a mayor assistencia, & desuelo dos que seruem na casa dá merecimento, porem deue hauer muita cautela, que esta satisfação naõ seja com excesso, porque como pode entrar nella algũa afeição particular, causara scandalo aos que estiuerem fora, & merecerem, & murmuração aos que estiuerem dẽtro ainda que não mereçaõ; nẽ tambem deuem preceder os mais entermetidos, de que sempre nos palacios Reais ha muitos, que com traças, & adulaçoens acquirem os premios que se deuem aos de grandes merecimentos; & nem a prudencia dos Principes fica mais acreditada com esta destribuição, nẽ os de mayores seruiços satisfeitos ainda, que lhes dem o que mere-

merecem vendo outros inferiores auentajados. Os officios do gouerno ordinario da republica todos tem emolumentos bastantes de que viuão, ou nos salarios, assinaturas, & outras gages, que tem os mais graues, ou nos interesses, que tem os mais ordinarios em respeito ao trabalho: & não ha officio por limitado, que seja, que não tenha muitos pretendentes, & a estes tais naõ tem os Principes obrigação de pagar, posto que a ambição, & cobiça tem enterrado esta rezão: & acontece que cõprando hum o officio por muito dinheiro, & possuindoo muitos annos, ou alcançandoo em satisfação de seruiços, ou por fauor, que he o mais ordinario allega depois: que seruio muito tempo, que lhe paguem; aualiando por seruiço o que pretendeo por merce, pera que a titulodelle lhe dem outra mayor. Os letrados, que nas judicaturas e os mais cargos cumprem inteiramente com suas obrigaçoens aspirem so aos melhoramentos de suas ascendencias, ate chegarem ao mais alto premio das letras: & quando fizerem algum singular, & extraordinario seruiço, então parece, que terão lugar as pretensoens dos habitos & comendas. O outro genero de officios saõ os mechanicos, ou quaisquer outros seruis, a estes tem os Principes obrigação de pagar em rigor de justiça, conformandose com os preços ordinarios, ainda que seja ẽ respeito de fortificaçoens ou petrechos de guerra, & outras cousas necessarias ao bem comum: porque quando faltar dinheiro pera pagar a semelhantes officiais, todos os vassallos tem obrigação concorrer com os gastos pera sua defensaõ. Ha outras rezoens de satisfação nos officios militares. São os merecimentos da guerra mais trabalhosos, & de mayor perigo, & hũ so do que arriscou a vida, ou do que alcançou a vitoria importa algũas vezes mais, que outros muitos da republica, & conuẽ que sejão premiados com honras, & com interesse, porque pera este fim se ordenarão os titulos, se instituiraõ as comẽdas, & se fizeraõ os habitos. Tẽ esta rezão contra si, q̃ aos soldados, que vem seruir de fora se paga com seus soldos, & com as presas que tomão, sem esperarem outro genero de satisfação: & os soldados naturaes alem dos mesmos soldos, & presas tem a honra dos seruiços notaueis q̃ fizerem, que he o interesse mayor da milicia. Plutarcho refere de Iphicrates o mais perito na arte militar de todos os Athenienses, que dezia ser perfeiçaõ dos soldados a cobiça, & ambi-

ambição pera pretenderem hõ ras, & despojos, porque estas saõ os mayores stimulos de seu valor, & quando não houuera estas rezoens, he obrigaçãodos naturais anteporem a defensaõ de sua patria a todos os respeitos particulares sem nenhum genero de premio: suposto isto entendo que deuo seguir a rezão mais fauorauel aos que trabalhaõ em defensaõ da republica: pello que deixarei por ora os argumentos que pella parte contraria se podião offerecer, quando quisessemos aueriguar o ponto no rigor da justiça, tratando somente da conueniencia politica, seguida dos que cuidauão com mais vigilancia de sua conseruação, pois este he o fim maisproprio desta materia: & conforme a isto hemos de julgar por necessario dar satisfação aos merecimentos da milicia por todas as vias, assi com honras, como com interesse. Bẽ parece ajustar o premio com os merecimentos; porem se algũa occasiaõ desculpa a prodigalidade he quando se da muito aos soldados; porque nenhum Principe se perdeo por lhes dar mais do que merecia: & todos os que alcançaraõ gloriosas obras com que eternizaraõ seus nomes, foi mais pella liberalidade, que vsauão com seus soldados, que pello valor com que as emprendião. Com a mesma facilidade daua Alexandre Magno cidades do que outros dão muito limitados premios, naõ conquistara o mundo se tiuera outra condição. Dezia Cyro Rey dos Persas, que os soldados eraõ os seus thesouros, porque nelles ẽpregaua todas as rendas, que tinha. Eliano refere de Ptolomeo Filadelfo Rey do Egypto que era tão liberal com os seus soldados que se não contentaua com lhes fazer merces, mas cõ os enriquecer, & dezia que antes os queria ter ricos, & contẽtes que ser elle rico. Suetonio conta do Emperador Tito Vespasiano, que daua quãto tinha: & porque desta liberalidade lhe nacia não ter muitas vezes que dar, prometia, & sendo aduertido de que não era decente a sua grandeza prometer tanto, respondeo, que menos decẽte era irse da sua presença triste quem esperaua que lhe fizesse merce. Que Principes houue que melhor soubessem conseruar seu poder, & engrandecer seu nome? este he o modo com que se pagão os seruiços tão necessarios a conseruaçaõ da republica como saõ os da milicia, & com que se satisfazẽ as acçoens de valor que não estão sogeitas a preço limitado. Os Romanos tinhão tanto cuidado do contentamento dos

Plut. in vita Alexand.

Pontanus de Principe.

Ælian.

Sueton.

soldados,que naõ so lhes paga-
uão com interesse,mas cõ hon-
ras,como em outro lugar apon
to,nem somente quando peleja
uão,mas quando estauão inha-
beis pera a guerra,se tinhaõ em
pregado a vida nella: os solda-
dos velhos,& doentes eraõ su-
stentados do erario publico, &
em nenhuns effeitos se empre-
gauão com mais vtilidade os
tributosque se hiaõ ajuntando:
porque esta sustentação certa
daua confiança, & animo aos
soldados pera pelejarem, saben
do que quando escapassem da
guerra faltos de forças,& inca-
pazespera trabalharemlhesnão
podia faltar o necessario:& hũa
das cousas mais importantes
pera animar os soldados fora
ordenarlhes sustentação,& gasa
Stob.ser lhado pera sua velhice : alguns
m.46: Reys Portugueses o fizeraõ cõ
titulo de mercearias,obras glo
riosas igualmente a alma, que
ao bem dos vassallos, se pude-
rão remedear a mayor nume-
ro estes saõ os trofeos que Xe-
nofonte desejaua deixar depo-
is de sua morte, beneficio-
os empregados em vti
lidade pu-
blica.

****
*****
***
*

DISCVRSO XIIII.

Se tem obrigação os Principes de pagar aos filhos os seruiços de seus pais.

DVVIDA que ma
is difficuldade re-
presenta he, se a
satisfação deuida
aos merecimẽtos
dos pays,se deue dar aos filhos:
& pudera eu recear tocar nesta
materia,porque não ha muitos
annos,que hum ministro supe-
rior quis dizer sobre ella o que
entendia:& diuulgouse sua opi
niaõ entre os pretendentes cõ
scandalo,parecendolhes que e-
ra de parecer se não deuião pa
gar aos filhos os seruiços dospa
is,naõ sendo a sua culpa tam
grande:que as cousas ditas por
mayor parecem mui differen-
tes,que ditas cõ distinção. Mui
ta differença vai do que he pa-
ga ao que he merce,& do que
se deue em rigor de justiça ao
que se costuma dar por fauor:
eu tiuera por bastante, que os
Principes pagassem aos filhos
o que de ordinario ficaõ deuẽ-
do aos pais:que nunca os sala-
rios andão taõ ajustados com
os seruiços,que se não fiquem
deuendo alguns ;& quando as
merces voluntarias, & funda-
das em fauor,& liberalidade ti
uessem menos lugar, desculpa
tinhaõ,

tinhão, que os merecimentos enterrados tem poucos padrinhos,& muitos esquecidos,principalmente estando de pormeio os seruiços dos que actualmente defendem a republica. Ninguem pode duuidar,queos seruiços a que se deue satisfação em rigor de justiça, como esta dito,he obrigação, que se paguem aos filhos; & tambem fora de grande vtilidade que os que se costumão satisfazer a arbitrio do Principe mais por conueniencia,& fauor,que por justiça,se empregassem nos filhos,quando elles o não desmerecessem,& a possibilidade desse lugar a isso:q̃ ha muitos casos ẽ q̃ o fauor,& ventagẽ nas merces se pode reputar por diuida;&porq̃ este he o pōtoprincipal ẽ q̃ o ministro reparaua,estẽdermehei mais nelle ẽ fauor dos filhos,q̃ como orfaõs he rezão,que haja quẽ requeira sua justiça pera o que hemos de presupor q̃ he tão grãde a força cõ q̃ a natureza inclinou os pays ao amor de seus filhos q̃tiuerão muitos pera sy,ser hũ so amor o q̃ se tẽ asi,&o q̃ tẽ aos filhos: deste parecer he Philo Iudeo,o qual diz,q̃ os filhos saõ partes de seus pais,& Aristoteles,q̃ não saõ cousa distincta, mas hũs mẽbros ẽ q̃ os pais viuẽ:& se pusermos de parte o parecer de tão grãdes philosophos & nos quisermos gouernar pella experiẽcia do q̃ os tẽpos nos tẽ ẽsinado,acharemos,q̃ maior he o amor q̃ os pais tẽ a seus filhos,q̃ o q̃ se tẽ asi proprios,porq̃ ouue muitos q̃ offereceraõ a vida,& hõra peraq̃ seus filhos a não perdessẽ.Bẽ sabia Agripina may do Emperador Nero,q̃ elle a auia de matar,porq̃ assi o tinhaõ achado ẽ seu nacimẽto os Astrologos,& pudera anticipar se cõ o remedio q̃ a vida propria por todos os meyos se grãgea: todauia disse,q̃ a não estimaua perder cõ tãto q̃ visse a seu filho gozar do Imperio.Igual resolução foi a da viuua Pherenice may de Eucleo q̃ sabẽdo ser pena de morte assistirẽ molheres aos jogos Olympios,& q̃ auia de ser despenhada,sẽdo cõprendida neste crime,se disfarçou entrage de homẽ pera ver a seu filho jugar:& porq̃ socedeo q̃ elle ficou vẽcedor nos jogos, ella á vista de todos lãçou de si o vestido de homẽ,& o foi abraçar, estimãdo mais o gosto de ver a seu filho vencedor que a propria vida, pois com tanta facilidade a arriscou por esta causa. Quando a Escriptura sagrada faz mẽção daquella extrema necessidade ẽ q̃ o mininoo Ismael se vio, faltandolhe a agoa, & a sua may Agar que o le

Phil.Iud.lib.de Ioseph.

Arist.l 5.ethic. cap.6.

Valer. lib.8.c. 16.

Gen.21

o leuaua em sua companhia, diz que vendose a may então grande aflicção, por não ver morrer o minino, o pos ao pé de huma aruore afastandose de sua vista, & querendo Deos nosso Senhor compadecerse de tão grande necessidade pellos merecimentos de Abrahaõ pai de Ismael mandou hum Anjo peraque o viesse remediar: & notaraõ graue Doctores que sẽdo o menino o que padecia a sede, & por ella estaua em artigos de morte, não foi o Anjo ter com elle, mas com Agar porque entendeo que era mayor a dor que a may padecia em ver seu filho naquelle estado, que a do filho ainda que fosse de morte. E esta he a rezão porq̃ tãtas vezes temos visto assi na Escritura sagrada como nas historias humanas, q̃ se castigauão os pays pellos crimes dos filhos, & se perdoauão os crimes dos filhos por não castigar os pais. Ao sacerdote Heli castigou Deos, como o tinha prometido, pello propheta Samuel, matandolhe seus filhos, por ser este o castigo que elle mais deuia sintir: & esta he a causa daquelle notauel castigo que Deos deu a Oza matandoo supitamente por tocar a arca do testamento, sendo assi, que o crime não pedia tão grande castigo pois hia caindo, & parece que mayor indecencia fora cair no chão, que ter mão nella antes de cair: pera o que hemos de presupor q̃ Aminadab pai do mesmo Oza, em cuja casa a arca estiuera tinha cometido hum graue peccado porq̃ a fez leuar de sua casa em hum carro de bois, deuendo leuala os Leuitas a seus hombros como Deos o tinha mandado na ley: & se este castigo, como querem muitos teue principio no peccado de Aminadab, bem se ve que por castigar o pay matou Deos o filho. Abulense notou, que na destruição de Amalech se mataraõ todos os meninos não porque elles fossem culpados, mas pera que os pays fossem desta maneira mais cruelmente castigados, & esta querem alguns que fosse a rezão, porque o Patriarcha Noe maldiçoou a Canaam sendo Cam o que lhe tinha feito o agrauo, castigou no filho o crime de pay, porque sendo o agrauo de calidade, que chegou a honra, com mais rigor se satisfazia em maldiçoar a Canaam, que a seu pay Cam: & sendo esta força natural tão grande entre os pays, & filhos, bem claro fica quãto importe ao bom gouernoda republica satisfazer aos filhos os seruiços de seus pais: porque

Abul. in Cen.

Perer.

Abul. in 1. Reg.

que muito mais hão de trabalhar os soldados de grangear a comenda, & o lugar em respeito a que seus filhos os lograraõ, que se elles proprios os ouuessẽ de gozar: & com differente animo, & valor se haõ de offerecer aos perigo em que a vida pode correr risco, se tiuerem por certo, que o premio se não ha de acabar cõ sua morte, ãtes em seus filhos ha de continuar a memoria de suas façanhas, & a satisfaçaõ de suas obras. Quãdo o Patriarcha Iacob estaua pera morrer, & seu filho Ioseph lhe foi tomar a bẽçaõ, lhe deu por peça de grande estima a cidade de Sichem, encarecendolhe quanto a estimaua pella ter ganhado ẽ justa guerra parecẽdolhe que em seu filho Ioseph a possuir se lhe renouaua o gosto com q̃ aganhara, & a honra com que a tinha tomado aos inimigos: dizendolhe mais que a não ouuera por herança, pera que Ioseph conhecesse o grande amor que seu pay lhe tinha, não em lhe deixar fazenda, mas em o fazer herdeiro do premio de seus trabalhos; & não so se estima mais este, quando chega aos filhos, mas que quasi se despreza não o auendo elles de lograr. Prometeo Deos ao Patriarcha Abrahão, que lhe auia de fazer grandes merces, & respondeolhe: Senhor que me aueis de dar se eu não tenho filhos: como quem não fazia caso das merces faltandolhe filhos, que as gozassem. Notou Sam Chrysostomo particular prouidencia em Deos tirar a Iob primeiro a fazenda, que os filhos, pera que merecesse na perda della, porque se primeiro morrerão os filhos pera quem desejaua os bens que tinha pouco sentira depois perder toda a fazenda por muita que fosse, & porque o fundamento deste discurso não passe em rezoens, que por efficazes q̃ sejão, sempre os exemplos dos grandes Monarchas persuadem melhor; sera necessario fazer mençaõ do que elles em semelhante caso fizerão, & por quam necessario tinhaõ em respeito de sua conseruaçaõ, & do valor, & fidelidade dos seus, honrar aos filhos, & fazerlhes merces. Depois de Alexandre Magno ter cõquistado a mayor parte do mũdo, sendo ja de muita idade os soldados, que tinhão vindo de Grecia mancebos, & vendoos muy desejosos de se tornarem a suas terras, com que cortaua o fio a seus intentos determinou de os afeiçoar; & obrigar a continuarem em sua companhia, pera o que vsou huma estremada traça, mandou os roubar os pouos vizinhos dos inimigos

D. Chris. de patientia Iob.

pera que em quanto andassem ausentes tiuesse ocasiaõ de fazer merces a suas molheres, & filhos:& pera que vendo elles que Alexandre fazia isto em sua ausencia se persuadissem, q̃ o mesmo faria por sua morte, & que quando acabassem a vida em seu seruiço empregaria o premio de seus merecimentos em honrar,& fazer merce a seus filhos;& foi tão efficaz a traça,que bastou pera os quietar,& pera não auer mais nelles pensamento algum de setornarem pera Grecia. Tambem foi rezão de estado o cuidado
2. Reg. com que elRey Dauid andou por achar algum descendente de Ionathas a que pudesse satisfazer os seruiços, que delle tinha recebido.Era Dauid prudente,& sabia quanto montaua pera grangear os animosdos seus soldados fazer merces aos filhos daquelles,que o tiuessem seruido,lanço de que Deos se contentou tanto que lho quis pagar com outro semelhante fazendo merces, como notou
Lyra. Lyra, a seu filho Salamão pellos seruiços,que do mesmo Dauid tinha recebido.Nẽ as mer-
Abul. ces que Deos fez a Isaac, diz A
Gen. 2. bulense,tiueraõ outro respeito mais que a satisfazer os seruiços de seu pai Abrahaõ: q̃ não ha seruiço feito a Deos em q̃ o premio deixe de se estender aos filhos daquelles que o fizerão.Obrigação he dos Principes imitarem a Deos nas acçoens que puderem,principalmẽte nas que tocão ao bem de seus vassallos,& neste genero de gouerno,tão atado as leys deuinas:porque deixar de lhe pagar os seruiços de seus pais não so he contra a rezão de estado, mas pode ser em muitos casos contra a rezão da consciencia, & o mais seguro he nesta materia cortar pello saõ,& que ãtes se de aos q̃ não merecem,q̃ deixar de pagar aosque merecem: porque não auẽdo duuida,q̃ esta obrigaçãomilita ẽ muitapar te dos seruiços pessoais, tambẽ a não pode auer em que os paisviuem em seus filhos,peralhes pertencer a satisfação de seus merecimentos:&quando se despreze esta obrigação fazendo menos caso della que do interesse particular dos Principes, outros caminhos,& meyos ha ordenados pella prouidẽcia diuina por onde os que merecẽ ficão satisfeitos,& os q̃ não pagão padecẽ perdas mais consideraueis,que como Deos he justiça infinita não sofre que esta falte aos homens principalmente por causa dos Principes instituidos pera autores, & defensores della.Lypomano af- Lypom.
firma seguindo nisto a pratica dos Rabinos, que sairem os

Israe-

Israelitas do Egypto carregados de ouro prata, & vestidos que por mandado de Deos pediram emprestados aos Egypcios foi particular ordem diuina pera se pagarem dos seruiços que elles, & seus pais lhes tinhão feitos: & com esta opinião conforma o texto Sagrado, que dá a Deos por autor desta ordem, & fugida dos Israelitas, que a não ser em respeito da satisfação de seus seruiços, ainda que Deos he Senhor de todos os bens pera os dar, & tirar quando lhe parecer, & aquem quiser, não lemos que em outras ocasioens o fizesse. Porem não se deue considerar esta paga de seruiços tão materialmente, quando o rigor da justiça a não fizer necessaria, que esqueção outras particulares aduertencias de que depende a satisfaçaõ dos que pello tempo forem merecendo, taõ necessaria em rezaõ de esta do como de consciencia: porque ainda que seja tanta a necessidade, & conuenientia de satisfazer aos filhos os merecimentos dos pais, como tenho dito, naõ se deue aualiar esta satisfaçaõ como alguns cuidaõ, q̃ julgando os seruiços de seus pais, & auos por de valor infinito, querem que se estenda a todos seus descendeutes, & que acomenda que seu pai mereceo por seu esforço nas armas, ou prudencia, & valor na paz, & alogrou em quanto viueõ se cõtinue nos que não querem merecer por armas, nem por procedimento: seguirsehia hum gran de inconueniente, que prouidos todos os officios, & comendas de hũa vez, ficariaõ impossibilitados os Principes a prouelos em outros, se não em hum caso raro, quando morressem sem herdeiros; & sendo as possibilidades dos mayores Monarchas tão limitadas em respeito dos muitos que merecem, & seruem, he forçado, que ou faltem com a satisfação aos q̃ de presente trabalhão, ou se tire o nome de herança aos officios, e comendas: & não ha duuida q̃ menos incõuiniẽte heq̃ o filho de quẽ mereceo tenha menos do q̃ seu pai teue, q̃ ficarẽ sẽ premio os q̃ actualmẽte vão seruindo: & por ventura, que de se fazer o contrário hace vermos muitas vezes mẽdigarẽ os q̃ cõ seu valor, & esforço defẽdẽ a republica, & offerecẽ a vida aos perigos, obras dignas de grãde premio cujo esquecimento resulta ẽ não pequena perda dare publica sẽdo causa da couardia dos soldados, & das desordẽs q̃ cometẽ cõtra sua propria patria, não por má vontade, que lhe tenhão, mas por não esperarem galardão, nem ainda sustenta-

ção,& trabalhar ſem premio, he officio que ſo no inferno ſe acha. Pretendam os Principes ſatisfazer os ſeruiços dos paſſados, mas de tal maneira, que não fiquem ſem premio os que actualmente ſeruem: que a prudẽcia ſabe deſtribuir as merces de ſorte que ſem agrauo dos q̃ ja merecerão ſe acuda a neceſſidade que a republica tem de quem adefenda, ampare, & ſuſtente.

DISCVRSO XV.

Continuaſe a meſma materia aduertindo, que ainda faltando filhos ſe deue dar algum genero de premio depois de mortos aos que merecerão.

DVAS couſas diz o Philoſopho Socrates deitão a perder hũa republica ſer o Principe remiſſo em caſtigar crimes, & apertado em premiar ſeruiços: porque os males com a licença crecem, & o valor desfauorecido torna atras. Não tomarei á minha conta fazer os Principes riguroſos: em outros lugares aponto as circunſtancias cõ que deuem vſar da juſtiça, & rigor, & conuem tratar mais da rezão que tem pera premiarẽ ſeruiços, que, como entra niſto particular intereſſe, he ponto ponto de mais difficuldade, poſto que eſta he mayor por parte dos miniſtros, em quem o zelo tem lançado mais raizes, não por terem mais amor a fazenda Real, mas por deſejarem acrecentar a propria, & contentarem aos Principes em inuentarem rezoens contra os que merecem, entendendo que tanto lhes reſultara de intereſſe quanto negarem aos vaſſallos: penſamento verdadeiramente acomodado pera aſſolar hum eſtado por proſpero, que ſeja, q̃ ſe eſte ſe compoem de vaſſallos desfauorecidos, & deſconſolados, que felicidade ſe pode eſperar, onde aquelles, que hão de deſtribuir os premios buſcão rezoens pera aquietarem as cõciencias dos Principes cõ intẽto de deixarem de pagar aos q̃ ſeruira õ: como auera goſto, & animo pera arriſcar a vida por defender a republica, & agradar a ſeu Principe. Lanço he de fidelidade diſſe Platão pagar a quem ſerue; & quando nos taes ſeruiços ſe acha a vtilidade, q̃ a republica grangea ẽ animar os que a defendem, não ſo entra aley defidelidade, mas a rezão de neceſſidade. A primeira jornada, que Alcibiades fez com ſeu meſtre Socrates tãovaleroſo como Philoſopho, arremeteo Alcibiades aos inimigos com

Bruſ. lib 5. ca. 8.

Plato de legibus.

com tanto valor, que foi muy mal ferido, & com muito trabalho o liurou Socrates de entre os inimigos: acabada a batalha quiseraõ os Capitaens dar a coroa da vitoria a Socrates, porẽ elle deu ordem com que se desse a Alcibiades entendendo, q̃ aquelle premio lhe daria brio pera ser tão grande Capitaõ, como depois foi: que pelejar, & merecer sem esperança de premio dificultosamente se acha em gente de rezão. S. Clemente Alexandrino diz, que tinhaõ os Gregos tanto respeito aos seruiços daquelles, que pelejauão em defensão da republica, que os premiauaõ depois de mortos com mais ventagem, q̃ se fossem viuos, buscando os filhos, ou descendentes aquem dessem o premio, que os mortos mereciaõ; deuia este costume ter principio naquella pratica, que o grande Capitaõ Pericles fez aos Athenienses depois de huma grande vitoria q̃ ouuera contra os Lacedemonios, persuadindoos, que honrassẽ & sustentassem por conta da republica os filhos daquelles, que tinhaõ acabado na guerra, porque isto era o que conuinha ao bom gouerno da mesma republica, honra do estado, & augmẽto da milicia. Disse Philolideo ser hum genero de vida mais gloriosa a morte que se padece pella defensaõ da patria; em conformidade disto mãdou elRey Pausanias tresladar a Lacedemonia os ossos do Capitaõ Leonidas, que morrera na guerra, & sobre sua sepultura por huma columna de pedra, escreuendo nella os nomes de trezẽtos soldados, que com elle morrerão, & os nomes de seus pais, pera que o premio, & honra se estendesse aos parentes. A algũs pareçera demasiado fazer tanto caso de pagar os seruiços dos que trabalharão, que empregassem a honra, & premio delles em quem nunca soubesse pelejar, porem he tão honrada cousa merecer, & leua tanto a pos si os pensamentos dos homens a esperança de gozarem o premio acquirido com obras heroicas ainda depois da morte, que não ha rezão mais forte pera hum homem se resoluer a desprezar a vida, & cometer todos os perigos, que alembrança de auerem de gozar o premio dos tais trabalhos, ou por si ou por seus descendentes. Estando Antonino Pio pera morrer disse aos que estauão presentes, q̃ não sentia muito amorte, por estar certo que depois dellalhe naõ negarião a satisfação de seus merecimentos: este genero de honra da animo, & valor aos soldados, & acresenta a fidelidade dos vassallos, incita a emprẽderem

Clem. Alex. li. 4. Strom.

Phil. de legatione ad Caium.

Capitolinus.

derem obras heroicas ainda à quelles,que menos cabedal tẽ de trabalharem,& merecerem & aos que naturalmente saõ inclinados ao descanço,& ociosidade:rezão de tanto porte pera o gouerno da republica,que na Monarchia diuina gouernada pellos incomprensiueis juizos do mesmo Deos por onde a humana se deue regular, não ha outra que com mais pontualidade se guarde, ordenando a Prouidencia Diuina,que todos os seruiços tenhaõ sua satisfação,muitas vezes onde os homens menos cuidão.Ha duuida entre os Doctores se aquella traça com que Iacob fazia conceber as ouelhas os filhos manchados mostrandolhes varas verdes pintadas com a casca fora em partes,fora milagre se cousa natural.S.Agostinho,& Sam Hieronimo dizem,que foi cousa natural,porem S. Chrysostomo diz que foi milagre com q̃ Deos quis pagar a Iacob o seruiço,que tinha feito a seu sogro Labão:que naõ sofre Deos auer trabalho sem premio, nem se da caso nas acçoens de que Deos he autor,ou que os homens fazem em seu seruiço auer merecimento sem satisfação ainda nesta vida:peraque se persuadão os que merecem,& trabalhaõ, que não esquece o premio,& que este não pode faltar estando a conta de Deos,o quanos quer mostrar ser taõ pontual em satisfazer seruiços, que não so os toma a sua conta pera os remunerar com premio,mas pera se justificar com os homẽs; peraque não aja quem se desculpe;que a vista do maõ galardão perdeo o animo pera arriscar a vida,& fazenda por Deos. E se esta rezão de estado he tão importante pera dar animo, & confiança aos que seruem, que o mesmo Deos que he infinitamente justo,& poderoso se aproueita della,vejão os Principẽs,& mayores Monarchas cujo poder he tão limitado, & cuja justiça na destribuição dos premios tão desigual,se tem necessidade de lançarem mão das ocasioens de credito , peraque os vassallos não desanimem, nẽ desconfiem que seraõ remunerados seus seruiços. De sorte q̃ quando as rezoens de concienciа tiuerem tam pouca força, que se esqueção dellas,as de estado os deuem obrigar a ter muita conta com premiar os q̃ seruirão,que não he possiuel hauer felicidade na republica,em que os merecimentos saõ desprezados,&os seruiços esquecidos,que por ser nas materias politicas primeiro principio recebido de todos,he escusado gastar nelle mais tempo. A rezão que os Principes, & ministros costu-

D.Aug in Genes. D.Hieronim. D.Chris

costumão dar he não ser possiuel contentar a todos, porque não chegaõ as rendas a poder dar satisfaçaõ assi aos que seruem como aos que ja seruirão; o remedio desta difficuldade he mui achado na desordem com que a huns se da quanto pedẽ, a outros nenhuma cousa do q̃ merecem: & se este pensamento, ou esta verdade for ja repetida não he rezaõ que enfastie, porque quando amargue por verdade aceitese por murmuração, & sera bem recebida, posto que esta aceitação naõ deuia ser dos vassallos em que o animo sempre esta disposto pera ouuirem com gosto faltas dos que gouernão, mas dos Principes, & ministros a que toca o remedio dos erros perjudiciaes ao bem comum: quanto este o seja mais vezes se experimenta nos effeitos do que se conhece na causa, porque nunca esta se tem por tal, senão quando as desordens tem assolado a republica, desbaratado o valor, & enfraquecido os animos dos que chegarão a desenganarse, que não tem que esperar de merecimentos, mas de valias. Querẽ do Cornelio Tacito dar noticia do miserauel estado a que a republica Romana tinha chegado, com o Imperio de Nero diz, que as merces se naõ dauão a quem as merecia, mas aquem mais traça tinha pera as grangear per acusaçoens, & maldades; & se isto foi encarecimento da sua republica destruida, q̃ muito he seja cousa da ruina de outras menos amparadas, & mais sogeitas aos effeitos de varios vicios que as combatem. Não se queixem os Principes, quando se virem cometidos de inimigos, & faltos de soldados de valor, da pouca possibilidade, a que he mui certo porem culpa, mas de os naõ terem acquiridos, que não consiste tanto nella a satisfação dos seruiços, & contentamento dos vassallos, como na ordem com que deuẽ satisfazer os merecimentos dos que trabalhaõ, & seruem a republica, sem respeito a adulaçoens, ou aseruiços particulares, q̃ se estes hão de dar merecimento aquem nunca seruio, nẽ trabalhou, nunca faltarão queixosos, & agrauados, & sendo estes os de mais valor, & partes, perigoso, & arriscado ficara o estado da republica combatido de inimigos valerosos, & domesticos, & cõposto de gẽte fraca, & couarde, que sempre estes se inclinão mais a buscarem modos extraordinarios de grangearem o que por suas partes desmerecem.

Tac. li. 1 hist.

(?) (?)
(?)

DIS-

DISCVRSO XVI.

Se he conueniente, que os seruiços se paguem com os officios da republica.

TINHA lugar esta proposta, quando se tratar das consideraçoens, que deue hauer na eleição de ministros; porem como he cousa ordinaria pagar aos filhos com os officios dos pais, entendi que este era o seu lugar: se em outro repetir estas aduertencias como tão necessarias ao prouimento dos ministros, não sera culpa dizer muitas vezes o que não basta aduertirse hũa. Muito fauorece o costume as pretensoens dos filhos que esperaõ como proprios os officios de seus pais, & dos que seruindo em algum da republica, pedem em satisfação delle capitanias: mui possiuel he que com o merecimento do pai se ajunte o talento do filho, & q̃ os que seruem a republica tenhão filhos capazes pera o gouerno da milicia, & sera muita rezão que so nestes casos precedão estes à todos os mais: porẽ naõ conuem fazer regra geral de que os filhos sucedão a seus pais nos cargos que requerem talento particular, como conselheiros, Capitaens, & outros semelhantes. Disse Socrates, que fora sem rezão da natureza naõ poderem os pais deixar em herança aos filhos seus talentos, ao menos aquelles, que a mesma natureza lhe não deu, mas o trabalho, & industria: porque saõ os filhos de ordinario taõ differentes de seus pais, que vemos cada dia de homens mui prudentes nacerem filhos ignorantes, de valerosos fracos, & de virtuosos viciosos. Se lançarmos os olhos as Escrituras sagradas aos Patriarchas, & Reys mais conhecidos em virtudes, & valor, acharemos, que quasi todos tiuerão filhos mui encontrados a elles, cheios de mil vicios, & indignos de se chamarẽ filhos de tais pais: o primeiro foi nosso pay Adaõ o qual deu principio a sua geração em hum Caim homicida, traidor, & enuejoso: o mesmo aconteceo a Noe que sendo o mais Santo homẽ que no mundo auia, teue por filho a Cham o mais desenfreado em vicios que muitas idades conhecerão: de Abraham pay da fè naceo Ismael em que teue principio a gente mais viciosa, & errada, que hoie ha, quais saõ os que seguem a pestifera seita de Mafamede: do Sancto Isac naceo Esau reprouado: del Rey Iosaphat o melhor dos Reys Israelitas hum Ioram idolatra, & inimigo de Deos: de Ezechias

Socrates apud Stob.

chias Manasses:& outros muitos tão differentes do zelo, & virtudes de seus pais que não tem numero;& sendo isto hoie tão ordinario, que de milagre se acha hum filho semelhante a seu pay:não conuem, que sejão iguais na honra,pois o não querem ser no procedimento, & em rezão de gouerno sera a mais perjudicial acção que se pode imaginar satisfazer aos taes os seruiços de seus antepassados com os mesmos cargos, q̃ elles tiuerão se os alcançaram com seu esforço, & valor na guerra,ou com sua prudencia, & industria na paz:porque mais injustiça sera prouer em hũa capitania,aquem nunca soube ser soldado,que descontentar a quem não soube merecer: & mayor erro dar hum officio no gouerno da republica, que requere talento,& partes aquem não tem outras mais que ser filho de quem as teue, que deixar de satisfazer alguns seruiços,pois toca esta injustiça a todo o pouo,que pera se gouernar tem tanta necessidade de pessoas,que ainda escolhidas sẽ este respeito não bastaõ a remediar as desordens que cada dia se vem.Era ja queixa de Platão que de se prouerem os cargos, em quem não tem o talento necessario pera os administrar naciaõ todas as ruinas da republica,& he muitas vezes o meyo, que Deos toma pera castigar hum pouo ser gouernado per superiores ignorantes,& incapazes dos lugares que tem. Desejando Dauid tanto de pagar os seruiços,& amizades,que tinha recebido de Ionathas, como a tras tenho dito, não quis prouer a seu filho Miphiboseth em cargo algum da republica, deulhe renda que bastasse pera o sustentar,& autorizar, & como era manco,& pouco capaz pera a guerra,& pera os officios da republica não tinha o talento,& exercicio necessario, não respeitou na satisfação dos tais seruiços os merecimentos, & ventagens,que Ionathas tinha feito na guerra,eraõ lugares, q̃ requeriaõ talẽto comuto ulhos em sustentação. O Emperador Costantino Magno tinha algumas pessoas a que trataua familiarmente antes de ser Emperador,& depois de o ser notaraõ alguns Escritores,que dandandolhe riquezas a nenhum deu officio da republica.ElRey Dom Affonso o Sabio dizia, q̃ não auia cousa mais difficultosa aos Principes,que escolherem ministros iguais aos cargos,que haõ de seruir,porque as aparencias,& exteriores não daõ bastante noticia das pessoas, & se na eleição se acerta com tanta difficuldade,&he necessario tãta

Plat. de rep.

2. Reg. 9.

Panorm. lib. 6. de regest Alph.

ta vigilancia,como he possiuel poder acertarse nella prouendose os officios,como por sorte em quem os pretendeo por merecimentos,& rezoens,mui desproporcionados ao seruiço dos tais officios:que duuida pode auer que resulte daqui a mayor parte dos danos da republica estarem acantoados,& ociosos os que deuiaõ ocuparse,& gouernarem os mais incapazes: permita Deos que estes respeitos se não comuniquem aos lugares ecclesiasticos,que se nelles ouuer mais lembrança dos merecimẽtos dos pays,que dos talentos,& partes dos que se deuem eleger,sera necessario tomar Deos a sua conta o gouerno de sua Igreja pera a gouernar por milagre:nem este perjuizo para na incapacidadedos que gouernão a republica, que sendo taõ grande,& de que se deue fazer tãto caso,ha outros, que não conuem calarense por não serem de menos importancia. Dizia Seneca,que de duas maneiras perjudicaua a ignorãcia,& malicia autorizada,& posta em lugares de gouerno, ou em respeito dos negocios, que tem a sua conta encaminhar, ou das pessoas aque fica superior:& posto que os negocios,ou resoluçoens de gouerno tenhaõ o primeiro lugar nas eleiçoens, não tenho por de menos consideração,o perjuizo, que toca ao descontentamento das pessoas:porque ainda,que as materias de estado,& necessarias ao bom gouerno da republica sejão o fim a que se encaminhaõ todas as leys,traças, conselhos, & preparaçoens dos Principes & vassallos,& perdido o norte da prudencia,& zelo mal se pode chegar ao porto,não depende muitas vezes a resolução do voto de hum ignorante, que facilmente he conhecido, ou de hum malicioso, que não faltaraõ zelosos,que lhe vão a maõ: porem a vista dessa ignorancia, & malicia autorizada,& respeitada quebranta os animos,& dana as vontades de maneira que em huns se conuerte o brio en fraqueza,& em outros o zelo da republica em desejo de sua destruição,parecendolhes que dos sucessos desgraciados, & mortais podera resultar enmẽda na eleição das pessoas,& fazerse caso de talentos, não de respeitos. He muito pera notar que quando Deos nosso Senhor quis por em ordem o gouerno do pouo Hebreo,disse a Moyses,que escolhesse os homens de mais autoridade prudencia, & virtude pera julgarem as causas,& gouernarem o pouo,o q̃ a primeira vista parece ceremonia escusada, & desnecessaria: porque se a capacidade de todos

dos

dos esta na maõ de Deos facilmente podia dar autoridade, & partes a quaisquer, que Moyses por seu mandado elegesse; assi o fez o Senhor a seus Apostolos Sagrados, que prouendoos de seus cargos sendo pera elles inhabeis, & faltos de saber, na mesma eleiçaõ, que delles fez (como cõsiderou S. Agostinho) ficaraõ prudentes, & letrados: porem foi necessario vsar nesta obra de seu poder, naõ só em os doutrinar pessoalmente, mas ẽ lhes purificar suas imperfeiçoens com a vinda do Espirito Sãcto; era differente o gouerno de Moyses porque de tal maneira lhe assistia Deos, que o mandaua caminhar pellos passos ordinarios, & seguir as regras do bom gouerno: & ainda que fizesse hum milagre, habilitando & fazendo prudentes, & sabios os que Moyses elegesse, não bastaua, erão ainda necessarios mais milagres: porque os que o pouo conhecesse por incapazes pera o gouerno darião motiuo a serem tratados com repugnancias, & desprezo, & ficaria a autoridade de Moyses deminuida em deixar os prudentes, escolhendo os peores pera negocio tão importante como o gouerno da republica. De maneira, q̃ não so se deuem atalhar as resoluçoens dos incapazes, mas todos os mais effeitos, que costumão resultar de serem admitidos a officios publicos, preferindoos aos que tem sufficiẽcia, & partes: foraõ rezoens estas, que o Emperador Augusto Cesar prudentemente aduirtio, & em conformidade dellas mandou a todos os ministros de seu Imperio a cuja conta estaua o prouimento, ou nomeação de officios da republica, q̃ a nenhũa cousa respeitassem mais que aos talentos das pessoas que hauiam de prouer; nem este modo de gouerno resulta em agrauo dos que tiuerem pais de merecimẽtos; porque a vtilidade da republica deue preferirse a todos os outros respeitos particulares, principalmente quando estes não ficão defraudados, q̃ outros muitos generos de satisfaçoens ha pera aquelles a que o Principe por alguma via esta obrigado: tambem se deue considerar adiuersidade, de merecimentos pera que se não satisfaçaõ huns com o premio diuido a outros: porque os mesmos inconuiniẽtes resultarão desta desordem; que nem todos os q̃ sabẽ gouernar huã republica poderão gouernar hum exercito; requere hum prudencia, outro valor, & exercicio, nem o soldado, q̃ pela milicia mereceo grãdes vẽtagẽs deue ser pago cõ officio de administrar fazenda q̃ a largueza & liberalidade que por vẽtura

Xiphilin Dion abreuiator in August.

o acreditou, & deu principio ao valor com que seus soldados lhe grangearão a boa fortuna que teue, seruira de o destruir em outro genero de officio, como aconteceo ao valeroso Alcibiades o qual perdeo em hũ officio da republica toda a reputação que tinha acquerido na milicia por ser mais liberal, & gastador do que conuinha, & nẽ os officios ficarão bem seruidos nem as pessoas com vtilidade satisfeitas: que prouer hum vassallo em cargo encontrado a seu talento, he darlhe occasiaõ de se perder. Porem hase de aduirtir que se não deue julgar por talento a sciencia das cousas sem as mais circunstancias, que acomodão a tal sciencia a hum gouerno vtil, & conforme a necessidade dos homens. Dizia Pythagoras, que prouer hũ officio da republica em hum homem sciente, mas falto da brandura, & facilidade com q̃ deue executar seu poder o mesmo era que entregar huma espada a hum esgremidor doudo, em que a sciencia de a menear ainda dura, mas o effeito resulta em matar, & destruir sẽ respeito nem excepção de pessoas. Forão os officios, & cargos publicos ordenados pera conseruação do bem comum, & em respeito disto deuem serpre feridos os mais capazes não so em rezão da sciencia, mas das partes proporcionadas a este fim: & todas as mais rezoens de estado se deuem encaminhar de sorte que fiquem subordinadas a esta, aplicandoselhes outros remedios menos perjudiciaes a republica, que pera tudo ha lugar se auontade se quiser conformar com o entendimento.

Pythagorasapud stob.

DISCVRSO XVII.

Se conuem aos Principes seruirse de traidores em alguma occasião, & fazerlhes honras.

NAõ basta muitas vezes o valor dos Principes, & a prudencia com que gouernão, entre os mesmos vassallos obrigados a conseruação de sua patria, & a defensaõ de seu Rey, porquem offerecem a vida os de mais brio, se acha quem poem o gosto em lha tirar, que dentro de nossas proprias veas se cria a peçonha que nos mata. Difficultoso intento querer remediar com palauras o que os mais valerosos Monarchas não puderam euitar com gloriosas obras: com tudo proporei duas aduertencias, pois pertencem a esta materia

materia a primeira he, como os Principes se hauerão com os traidores de que se aproueitarem: a segunda como se haueraõ com os traidores de que se temerem. Necessario he admitir algumas vezes a traição entre as rezoens de estado: tambem seruem de remedio saudauel as heruas peçonhentas, & os mais venenosos bichos de triaga contra suas mordeduras: não he cousa noua no mundo hauer traidores, & seruirem aos Principes com sua propria peçonha. A cada hum he licito tratar por todas as vias de sua conseruação, & vtilidade, valendose dos meyos mais efficazes; & ha cousas, que se não podem executar pellos caminhos ordinarios, nem por via dos homẽs, mais ajustados a rezão: tambẽ Deos se serue de demonios pera execução de seus diuinos juizos. Não se hade fazer pouco caso dos que nos offerecem comodidades quando a necessidade as pede, & a justiça esta da nossa parte. O Emparador Augusto Cesar dezia, que muitas vezes se valia de traidores, mas que nem por isso deixaua de os abortecer: Mui calificados Principes se aproueitarão da maldade dos que entregaram suas patrias, & seus Reys; porem requere tanta cautela a comunicação desta gente, que vẽ a ser alguãs vezes mais arriscada a vtilidade, que offerecem que o odio dos inimigos. Ninguem pode liurar de pouco aduertido a elRey Dom Sancho segundo de Castella em se fiar do Vellido, hauendose mostrado traidor a sua irmã a Infanta D. Vrraca, aquem elRey tinha cercada em Zamora sahiose da cidade; offerecendose a elRey pera o ajudar, & encaminhar, fiouse delle apressadamente, não considerando, que nunca Vellido podia deixar de ser traidor, ou a sua irmã, ou a elle: leuou o huma noite consigo andando vendo a cidade, & sendolhe necessario apearse, lhe entregou a arma, que leuaua, recebeo a o traidor, & com ella lhe tirou a vida: morte bem merecida pella confiança com que deu armas aquem conhecia por traidor: vtilidade foi ja aproueitar de semelhante gente; porem fiar della nunca socedeo bem, porque quem huma vez se resolueo em fazer traição a sua patria, & a seu Rey, como pode ser fiel aquem não reconhesce outra obrigação mais que a que se funda em seu proprio interesse: & muito menos conuem darlhes honras com q̃ venhão acquirir authoridade & a crecer nelles o atreuimẽto q̃ pella mayor parte executão

contra os melhores. Socrates disse, que a cousa mais odiosa aos homens de peruersa natureza era a vista da felicidade dos bons. Acompanha a Magestade Real hum dos mayores encargos a que Deos sogeitou o tratopolitico, q̃he o descontẽtamẽto dos subditos, nacido muitas vezes de seu proprio natural, mas pella mayor parte da ãbição, & odio, q̃ sendo as mais baixas paixoẽs do homem, tembrio pera se atreuerẽ a cõbater as mais altas torres. Naõ se contenta Pausanias General do exercito dos Lacedemonios com ser a principal pessoa da sua republica, entra em pensamentos de outras mayores honras, começa a cartearse com elRey Xerxes pera o fazer senhor de toda Grecia, intento que pudera ter effeito, se naõ fora descuberta sua traição, & elle entaipado no templo de Minerua, & morto a fome, castigo mui conforme a seu crime; que a ambição he o peor genero de fome, & não tem respeito as mais sagradas leys. A seu proprio payteue o Emperador Henrique quinto em huma trabalhosa, & apretada prisão; & Ludouico Pio filho de Carlos Magno por seus filhos foi preso em hum carcere. Padeceo elRey Thorismundo inhumana morte de hum criado que mayores obrigaçoens lhe tinha sobornado com promessas de seus proprios irmaons, atreuimentos em q̃ a ambição descobre seus poderes, arrastando o mais apertado vinculo da natureza. Que leys mais veneradas de todas as gẽtes que as da amizade? que amigos mais intimos que Vlysses, & Diomedes? concertãose ambos em roubar aquella prodigiosa estatua, de Pallas, que com grande cuidado se guardaua em huma fortaleza de Troia, por terem sabido do oraculo, que quando aquelle fatal simulacro fosse leuado fora dos muros, então seria destruida a cidade: foi a traça machinada, & executada pellos dous amigos, increiuel portento de ambição! naõ sofre Vlysses ter por companheiro na honra o que o foi no trabalho, caminhando de noite ambos, vè Diomedes sobre sua cabeça o alfange do mayor amigo, aquem a ambição tinha conuertido em mais cruel traidor, pode por entam liurarse do perigo, mas pera se segurar o fez ir diante com as maons atadas, & sem espada. Que caso mais inhumano que o que cometeo Theudio sobrinho da Rainha D. Amalecenta molher delRey Halaricodos Godos? vendose a desconsolada Rainha sem marido, & sem filhos manda chamar o sobrinho a

Anton. in Melliß. p. 1. ser. 62.

Suidas in Pauſ.

Rodericus Tolet. lib. 2

Suidas Zenodotus.

Valer. Inst. scol.

Italia

Italia entregoulhe o Reyno; persuadindo aos grandes a que o reconhecesẽ por Rey, em pago desta obra a mandou matar: porem como os juizos de Deos não sofrem semelhantes cruedades, dentro de breue tempo foi morto por hum seu vassallo por vingar a morte da Rainha. Pudera bastar pera aduertencia dos Reys, verem que nẽ filhos, nem irmaons, nem amigos saõ leais, se saõ ambiciosos, como o seraõ os q̃ a natureza naõ atou a tão fortes amarras. Muito importa conhecer os animos, algumas regras gerais estão apontadas a este fim, o certo he que se o animo he ambicioso, por qualquer via que seja ha de seguir seu natural, & quando a traiçam não for de calidade, que se funde em algum respeito comum, em que sejão muitos os conjurados, este he o caminho mais certo de conhecer este perigo: porque a facção de muitos poucas vezes deixa de se descobrir & de se poder euitar. Conjuraraõse os Vngaros contra o Emperador Sigismundo, entrando no paço Real armados, & pode com sua pessoa euitar o perigo, temendo cada hum ser o primeiro, que se atreuesse contra seu Rey natural, & o que tãtos não puderaõ nesta occasiaõ, pode muitas vezes hum so se a ambição lhe da fauor pera se a treuer contra seu proprio Rey, como aconteceo a Zanbri Capitão delRey Ela, que quebrantando a fidelidade, que lhe deuia o matou, leuantandose com o Reyno, posto que sete dias somente possuio o titulo de Rey, que não ha cousa de menos dura, que as honras violentas. Não he so a ambição a que comete semelhantes cruel dades o mesmo atreuimento se acha no odio, culpa menos afrõtosa aquem acomete se a rezão a fauorece, mas igualmente arriscada aquem a ẽprende. Muito importa não dar occasiam; que como as condiçoens saõ differentes, algũs com mui pouca causa se alteraõ concebendo vingança. Pequeno agrauo fez Isboseth filho de Saul a Abner Capitaõ General do seu exercito em o reprender de solicitar huma concubina do mesmo Saul, porem foi bastante pera se voltar a Dauid buscando traças de destruir ao Principe de que se daua por agrauado, posto que hauia outra rezão mais forçosa, que o obrigaua a guardarlhe fidelidade: o mais seguro nesta materia he temerse dos mais remotos indicios, não pera se declarar, mas pera se acautelar, naõ admitindo quem huã vez foi traidor, que não he este o vi-

3. Reg. 16.

3. Reg.

Æneas Syluius lib. 3.

o vicio,que costuma ter emmẽ da. Perdoa elRey Dom Sancho o quarto de Castella ao Infante Dom Ioaõ seu Irmão,& mandao soltar da prisão onde justamente estaua,o agradecimento que lhe deu, tanto que se vio com liberdade,foi ajuntarse cõ os Mouros pera o destruir: pode mais o odio concebido do primeiro agrauo,que o gradecimento deuido a liberdade, que lhe tinha dado. Lembrado estou de quanto encareci a necessidade que os Principes tem da clemencia,porem nestes casos a deuem vsar com muita cautela,que quem he piedoso com hum traidor,vem a ser cruel contra si. A alguns parecerá demasiadamente arremeçada a resolução, que Salamão tomou em mandar matar a seu irmão Adonias,de que em outro proposito faço menção, porque aspiraua a casar com Abisag, molher que tinha sido de Dauid,posto que donzella,porque so seruia de o acompanhar quãdo o calor natural lhe hia ja faltando: tinhase Salamão declarado contra este casamento,& Adonias reconcentrado odio por esta causa,julgouo por traidor: & entendeo que conuinha segurarse delle,& o certo he que o animo de traidor era, porque com intento de se leuantar pretendeo o casamento de Abisag

3. Reg. 2.

pareeendolhe que por este modo ficaua desculpando mais o pensamento de Reynar. Não ha traição sem alguma cor de justiça. Tambem ha traidores de medo,foi hum destes Chusai Arachites,que com capa de amizade enganou Absalão acõselhandolhe que não desse batalha, quando tinha a vitoria certa,pareceolhe,que perualeceria Dauid, & quis antes ser traidor a Absalão, que ter por inimigo Dauid;soube este escolher a parte mais segura pera desculpa, & segurança de sua traição: a outros engana o medo não sabendo atinar, como quem caminha de noite,quehũ tronco lhe parece hum caualleiro,& escolhem o peor com perda da honra,& fazenda: que não ha cousa mais afrontosa, & em que a vida,& interesse corra mais certo risco,que em desprezar a rezão, & justiça por medo,porque aborrecendo todos os Principes valerosos aos traidores, muito mais aos que por couardia o saõ: os que mais interessaõ nelles os costumão castigar;& posto que as historias humanas estão cheas destes casos,apontarei somente o que fez hum Turco. IndoSolimão a judar a Ioaõ Sepucio a recuperar o Reyno de Vngria,sitiando huma fortaleza, que se lhe não queria entregar pello valor

lor do Capitão, que contra von tade dos soldados a defendia, te merosos elles do poder do inimigo ataraõ de pès, & maons ao seu Capitão, & lho entregaraõ, deu Solimaõ liberdade a todos: & sendo ja idos, teue noticia do que acontecera na fortaleza, mandou os buscar ao caminho, & fazer justiça delles, dando ao Capitão liberdade: não he valor, nem prudencia fauorecer a traidores, & fiar delles ignorancia grande a inda q̃ em algũa occasiaõ seja necessario vsar de sua maldade, & pera precatar dos mais domesticos importa aduirtir as tres circunstancias apontadas, se saõ ambiciosos se tem algũa rezão de odio, & se saõ couardes: porque basta qualquer vicio destes pera fazer traidores.

DISCVRSO XVIII.

Deue conseruarse a opinião: principalmente com os estrangeiros, & inimigos.

Arist. l. ethic.

HE a opiniaõ, conforme Aristoteles hum acto de entẽdimento não persuadido com fundamentos infaliueis, mas duuidoso com rezoens de hũa, & outra parte, todos se ajudão della trabalhando combater os pensamentos, quando não com rezoens certas, ao menos, que o pareçaõ, mostrando nos exteriores mais cabedal do que ha, & fingindo nas aparencias o que na realidade não ha; & tense cõuertido este effeito de opiniaõ em honra no trato politico: q̃ quando o erro he geral todos o desculpaõ, & lhe dão o mais honrado nome que podem. E na rezão de estado se tem por fundamento mui necessario de conseruar a honra, & ainda as forças, que a opinião do poder serue algumas vezes mais, que a sustancia delle, & quem a não estima facilmente he combatido do desprezo. De duas maneiras pelleja a opiniaõ, ou em virtude das forças, ou do valor, & pode muitas vezes com qualquer ajuda destas resistir melhor aos inimigos, que os maiores socorros de soldados. Comparauão os Egypcios hum estado, & republica a hũa torre cercada de huã cobra, pera mostrarem que os melhores muros he o medo que os inimigos concebem. Tendo elRey Dom Fernando o terceiro de Castella cercado Cordoua que entaõ era de Mouros veyo em socorro da cidade elRey Abenyud dos Mouros, & tendo seu conselho se cometeria o exercito delRey Dom Fernando, acordou de mãdar por espia a Dom Lourenço

Valer. hist. scol. li. 6. tit. 4. ca. 4.

Soares de Figueiroa,que tinha consigo por o ter desterrado, elRey Dom Fernando,oqual se partio com tres caualleiros, & apartandose delles,se foi a tenda delRey Dom Fernando,& o auisou que mandasse de noite fazer muitos fogos, & buscar muita gente ainda que não fosse de peleja,pera q̃ pudesse certificar a elRey Benyud ser muito mayor o exercito, que estaua sobre Cordoua,& com medo de sua perdição deixasse de o cometer:aqual traça foi bastante pera dar a vitoria,que de outra maneira fora impossiuel, porque vendo oMouro,que podia ser destruido pello exercito dos Christãos,que imaginou ser muito mayor do que era,se deixou estar esperando outra ocasiaõ,& dandolhe recado que elRey Dom Iaime de Aragam tinha cercada a Valença parecendolhe,que com mais facilidade lhe socorreria,se foi,& no caminho foi morto por hum Mouro seu priuado: & elRey Dom Fernando entrou emCordoua,naõ tanto em virtude de seu exercito como do medo q̃ os inimigos delle conceberaõ, os quais sem duuida ficaraõ vitoriosos,se entaõ cometeraõ a pouca gente,que elRey Dom Fernando tinha.Foi traça, que Gedeão Principe dos Israelitas vsou pera defender o seu pequeno exercito da muita copia de inimigos de que estaua cercado mandou por conselho deDeos acender de noite muitas alẽternas,& entrando com ellas pello exercito dos inimigos tocando muitas trombetas foitaõ grande o medo delles, que se matauão huns aos outros sem saberẽ o que fazião. Pintou agudamente Pierio Valeriano por hieroglifico do Principe huma mão apertando huã cobra,retrato que o Emperador Aurelio Cesar mandou esculpir em certa moeda, pera mostrar que deuem os Principes causar tanto temor,como se lãçassem de si serpentes com quẽ se deuem primeiro combater, os que contra elles se quiserem atreuer:& não ha duuida que este medo defende muitas vezes melhor que as muralhas, porque muitos exercitos foraõ destruidos,& desbaratados mais com temor proprio que com força dos inimigos: & conforma com isto chamar Plinio forte ao medo,porque naõ ha cousa que mais fortaleza de aos q̃ estaõ dos muros a dentro que os receos dos que estão de fora que ja Tito Liuio dizia, naõ se persuadirem nunca os temerosos ao bom sucesso do que emprendiaõ.Esta rezão teue o Catholico Rey Dom Philippe segundo depois que vnio a sua co

Pier. Val.li. 15.

Plin.iun lib.8.

Liu.lib. 2.decad 7.

roa o Reyno de Portugal pera mandar a Dom Francisco Mascarenhas pessoa de grande valor,& experiencia,por Visorey a India encarregandolhe que com toda a breuidade fizesse huma grossa armada contra o Turco declarandolhe seu intento,que era mostrar ao Turco quanto crecera em forças com o nouo Reyno,pois o podia combater por taõ remotas, & diuersas partes:prudente pensamento,que ja teue outro Philippe Rey de Macedonia no tẽpo,que sogeitou os Gregos, propos se em seu conselho mandar presidios as cidades de Grecia pera assi ficarem seguros, não foi o Rey de tal parecer: porq̃ como os presidios nunca sejão de mais gente do que saõ os naturais,teue por mais efficaz o medo concebido do seu poder, que os inimigos tinhaõ experimentado,que a força dos presidios,pois sempre he menor que a dos pouos,& nunca os poderosos saõ cometidos com muita liberdade.Entre os conselhos,q̃ Hermocrates varaõ prudente de Saragoça mandou a sua cidade,auisandoa da armada com q̃ os Gregos a pretendiaõ combater,era hum que fizesse outra não tanto pera força como pera ostentaçaõ,& que saissem cõ ella a vista de Tarento õde os inimigos,a pudessem ver:entendendo,que seria grande remedio pera recearem a jornada q̃ aparelhauão;foi quasi semelhãte a esta a traça que os Egestanos vsarão,com que enganaraõ os Embaixadores dos Athenienses,prouerãose de muita cãtidade de baixelas,& peças rica,que mandarão vir de fora com que ornarão as casas principais,& templos,pera que soubessem os Athenienses,que tinhão com que se poder defender delles:& não foi por entaõ de pouco effeito o engano, porque o medo os refreou a se naõ arreuerem acometelos: em casos apertados este he o remedio mais presente,porque ninguem quer arriscar a vida com perigo certo, nem conuem por em balança a honra em occasiens mui duuidosas. Naquella grande perdição de Hespanha quando ja os Mouros estauão apoderados da mayor parte della,estando sobre Murcia, & tendo dado hũa grande batalha aos moradores da cidade,& metidos nella quasi todos,se recolherão ao castello os poucos q̃ ficarão,& mandaraõ por pellos muros as molheres destoucadas com canas nas maons, pera q̃ os Mouros vendoas de longe cuidassem que eraõ homens,& as canas parecessem lanças, & a conta disto receassem cometelos,& pello menos lhe seruio o me-

Plut. in apoph.

Valer. hist. scol. li. 7. tit. 4. cap. 4.

o mẽdo de fazerem concertos a vontade dos moradores da cidade como fizeraõ. Ninguem se atreue, diz Seneca Tragico, acometer facilmente o que ha de mostrar resistencia, porem nem tudo seja opiniaõ, que fiar tudo della he o mesmo que estar prestes pera render as armas aos atreuidos. Consiste outro genero de opiniaõ na noticia do valor, & brio dos Principes: porque como semelhantes virtudes obrem muitas vezes ao longe com igual vtilidade, não so he necessario, que a opiniaõ se valha do poder das armas, mas da excellencia das acçoens, & que não menos os ouuidos dos inimigos sejão atormentados com a fama do brio, que com o estrondo das armas. Bem pudera darme por satisfeito em referir as virtudes que mais necessarias saõ aos Principes pera gouerno de seus vassallos, porque nenhumas ha tão secretas, que possaõ esconderse, como tambem os vicios: mas parece me necessario mostrarlhe que não basta a realidade dellas, mas a noticia, aduertindo, q̃ das ostentaçoens publicas haõ de fazer juizo não so os vassallos mas os inimigos pera inferirem o respeito com que o deuem tratar. Val mais a fama de obras gloriosas que as mayores riquezas, diz Salamão, & ẽtre todas depois do valor das armas tem o primeiro lugar a justiça, & liberdade das acçoens se dependencia de outra vontade, materia repetida em outros lugares, porem nunca bem persuadida, causa de perderem a reputação os mayores Monarchas não se podendo ajudar da opiniaõ de seu valor rezão destado tão necessaria, & de que tão excellentes effeitos tem resultado.

Seneca Tragico.

DISCVRSO XIX.

As rezoens de justiça se deuem antepor a opinião.

MVY desarrezoada, & perigosa he a opiniaõ posta em reputação, & respeito, porque não sendo mais que hum engano com capa de rezão, nem tendo mais lustre, & aparencia, que a que lhe nace da semelhança, q̃ tem com a verdade, entre as quais conforme Santo Thomas ha tanta differença, quanta ha entre o entendimento, & a vontade dos quais procedem, hemais poderosa, que a mesma verdade: & pera mais clareza deste fũdamento hemos de aduirtir cõ Aristoteles, que o entendimento he hum instrumento com q̃ sabemos as cousas, que na realidade

S. Thom secunda secundæ q. 1. art. 4.

Arist. 1 ethic.

dade saõ cujo contrario he avõtade aqual he hum appetite da quillo em que imaginamos alguã rezão de bem,& como o appetite,& vontade se occupem em cousas materiaes,& corporeas,podem receber.Cousas falsas com aparẽcias verdadeiras: & daqui vem,que o que os Philosophos chamão opinião he huã eleição aceitada pella vontade duuidosa de errar,& o que os Politicos commummente chamão opinião he huã eleição de cousas erradas,que os homens quiserão introduzir,& praticar por verdadeiras, sendo a mais cruel peste da republica, porque o Principe,& ministros por conseruarem a opinião tem por rezão de estado cortar por todos os mais respeitos de consciencia,& justiça: se fizeraõ o que não deuião,& depois caiẽ no erro naõ se dão por achados nelle,porque a opinião de rectos,ou de sabios se não arrisque,& á volta disto se disimulla com a restituição:& tanto mais tem de perjuizo este mal,quãto mais semelhança tem com a prudencia,posto que as causas muy differentes,que a malicia depois de entender calla por se não culpar,& a prudencia calla,& dilibera pera vir acertar;q isto quis dizer Aristoteles ser proprio dos prudentes deliberarem,& considerarẽ o que hão de fazer,& vay tanta distancia de huã cousa a outra, que hum dos grandes lanços de prudencia he disimular,o que se hade fazer com risco,& hum dos mayores males, que pode auer he dissimular o que com tempo se pode remediar. S. Chrisostomo tem por muito menos mal cometer hum peccado patente que peccar por opinião disimulando,& fingindo ignorancia. Se este vicio acerta de entrar com hum Principe he dos mais perjudiciaes,que pode ter, porque direitamente encontra sua obrigação,& não podendo ter disculpa na ignorancia verdadeira,na fingida fica cometendo muitas culpas de que o Sacerdote Heli experimentou o castigo pagando na cruel morte que teue o esquecimento q̃ quis ter em vida de castigar as offensas que contra Deos cometerão os de sua casa, & este parece conforme notou S.Agostinho que foi arais do peccado de Herodes, & o principio da morte de Christo, quis conseruar com os Iudeos a opiniaõ de que fazia justiça porque o não odiassem com Cesar,não se dando por achado na innocencia de Christo,& nas rezoens que tinha pera o não tratar mal. Grande culpa he não ter o Principe nõticia das cousas que he obrigado a remediar, pois tem obri

Arist.l. 6.ethic. cap.7.

D.Chrys sup.Math.c.2.

1.Reg.

Aug.in Ioan.

obrigação de as saber,& de as preguntar,mayor mal he não as querer ouuir,se ha quẽ lhas queira dizer,porem se chega a estado,que sabendoas as dissimule arriscando o remedio dos vassallos mostrandose innocente por seu respeito particular, não pode auer crueldade mayor.O coração de Nero,& rosto de Catão he monstro cruel, diz S.Hieronimo,pois encobre com aparencias humanas entranhas de fera aconta de conseruar a opinião com os homens. Quando as ocasioens saõ de calidade,que não admitem remedio,prudencia he não se dar o Principe por achado nellas,que isso quis dizer Salamão auer tẽpo em que he prudencia fingir ignorancia,aqui serue a dissimulação taõ louuada dos politicos de que tenho tratado. Tiberio Cesar como refere Cornelio Tacito escreueo huã carta ao Senado Romano, em que lhe dizia,que se soubera que os vicios de que lhe dauão conta os Edis estauão taõ arraigados que era impossiuel o remedio,antes mostrara,que não sabia delles, que depois de os saber naõ os remediar:porem saõ estes casos muy raros,& as medicinas aplicãose ate o vltimo ponto da vida;nem he desculpa parecerem difficultosos os remedios como se fizer mais caso de cortar pelo respeito das pessoas, que pella sustancia da justiça. Outra opinião ha que se funda em partes naturais,& desejo de as ter, & assi como se não aposenta em gente de muito entendimento he causa de muitos desconcertos,porque se hum homem acertou de lhe parecer bem o esforço,ja quer ter opiniaõ de valente,& naõ podendo chegar a alcançar a realidade, lança mão do que pode que he a aparẽcia, &daqui nacẽ as brigas,& inquietaçoens nas respublicas causadas de semelhante gente:por estes disse o Philosopho Epicteto,que naõ se inquietão os homens por causa de verdades, mas do que elles imaginaõ, & fingem,em que achão semelhãça de verdade.Pareceo bem ao outro a virtude,&se se naõ atreue com os rigores que pera a alcançar saõ necessarios,contẽtase com os exteriores. Abulense notou que castigou Deos a elRey Ozias com lepra offerecendolhe Othimiama, porque o fez por ter opiniaõ de Sãcto. Ha homens,que fazem da virtude negoceaçaõ aproueitandose das aparencias, naõ fazendo caso da sustancia,& he este hũ genero de maldade,que muitas vezes resulta em grande perjuizo da republica,porque se a sagacidade do Principe não chega a dar na verdade,& entrega a hum

Hieron. in quarda epist.

Tacic.li. 3.annal

Epicte-tus.

Abul.c. 15.q. 18.

a hum destes gouerno de importancia, não ha maldade, que não cometa: & quando Deos quer castigar hũ Reyno, ou huã republica, diz Iob, mais aparelho acha em hum homem leuado da opiniaõ de Santo pera seruir de instrumento, que em hũ facinoroso: porque os que claramente saõ conhecidos por maos, ou se precatão delles, ou os não sofrem, porem humfingido com a verdade mata, & com a mentira contenta, & grangea os animos pera seu dano. Outros ha taõ leuados da opiniaõ de nobres, que tudo lhes parece, q̃ lhes he diuido, & naõ resulta pouca inquietaçaõ de semelhãte gente, porque como querem poder tudo, desconsolaõ aos q̃ naõ podem, & inquietaõ aos q̃ podem, & daqui nace, conforme diz Salamaõ, que com ninguem tem conformidade: o remedio que a estes se deuia aplicar se foraõ capazes delle, Deos o ensinou no Leuitico, como taõ necessario aos Iudeos, em quem a soberba sempre reinou: porem se os quereis humilhar, & encaminhar fazense peores: que este genero de opiniaõ he irremediauel, & tem o Principe muita necessidade de prudencia pera se auer nella. Outra opiniaõ ha que não so destroe o Principe, & ministros, mas a todo o pouo, esta se funda em vaidade, & não ha cousa que lhe baste, & tẽdo tão fracos fundamentos de tal maneira cega os entendimentos dos mais auisados, q̃ bastando mui pouco pera hũ homẽ viuer, & se conseruar, quer antes fartar a opiniaõ, q̃ lhe consume quãto tẽ. Se viuerdes segundo as leys, & obrigaçoens da natureza, diz Seneca, sempre sereis ricos, se vos gouernardes pella opiniaõ sempre sereis pobres: quanto melhor fora auendo de fazer caso della, sustentala de desconfianças honradas fundadas em primores, & verdades, porem toda a opinião deste tempo consiste em consumir as vidas, & fazendas, com aparatos fantasticos mais sinificadores de liuiandade que de rezão, & prudencia: ja em tempo do auisado Socrates deuia reinar este vicio de q̃ elle se queixa attribuindoo a ignorancia, & comparando os q̃ delle viuem a odres cheos de vento, & não he mui desarrezoada a comparação, porque não pode auer cousa de menos consideração que gastar hum homem por vaidade quanto tem, nem mais leue que hum entendimento sogeito a huma opinião mal fundada, de q̃ lhe resultão mil desgostos, & trabalhos, que isto quis dizer Seneca occuparense os homẽs não em cousas verdadeiras, & cer-

Iob. 34.

Prou. 13.

Leuit. 26.

Seneca epist. 16.

Senec. in epist.

& certas, mas na falsa opinião dessas cousas, o remedio destes erros, posto que he tão vario quanto o saõ os pensamentos em que elles se fabricão, depende do Principe em respeito de hum genero, & outro de opinião: porque huma das acçoens mais briosas he a que consiste em antepor a justiça a quaisquer outras rezoens, & pera remedio da opiniaõ nacida de vaidade hauerse de maneira ẽ seu trato que tenhaõ os vassallos menos disculpa, que so a autoridade do Principe pode acreditar a confiança humilde, & desauthorizar, a arrogancia, & opinião no estado em que hoie esta entronizada, & seruida de tantos, que sempre as acçoens Reais foraõ o mais efficaz remedio contra os erros, & vicios dos vassallos.

DISCVRSO XX.

Se he conueniente gouernarense os Principes por seu gosto, & appetite no gouerno dos vassallos.

VISADAMENTE dil se Cicero que o brio, & valor de hum Principe não consistia tanto em ser superior aos homens como aos appetites, ser seruido, & obedecido dos vassallos, & seruir a huma paixão, & gosto, desordenado, se algum tempo se compadece, he muy violentamente, que os homens de entendimento sofrem mui mal a superioridade falta de rezão, & gouernada pella vontade absoluta: trato das acçoens publicas, & que tocão ao bem comum, q̃ nas particulares, & secretas, mal seguirão os Principes, & poderosos conselho fundado em mortificação do appetite: em respeito da continencia, que deuem guardar, trato do vicio sensual, porem ha outros não menos perjudiciaes posto que menos nociuos das portas adentro, & quando não saõ em perjuizo de terceiro: aduirtão os Principes que se em humas, & outras quiserem mostrar a mesma liberdade cairão em hum notauel aborrecimento dos seus, & perderaõ o tino a toda a verdade, & rezão em que o gouerno se estriba: digo que cairaõ em aborrecimento, porque a mais natural propriedade do appetite he fazer odioso aquem por elle se gouerna, que assi como se asemelha com os brutos em não difirir ao freio da rezão, assi se fica apartando da comunicação, & trato humano causando os mesmos effeitos que fazem diferença, & desunião

August contra Manicheos.

niaõ entre elles,& os homens. Sancto Agostinho diz,que quãdo hum homem se resolue em seguir o norte de seu gosto,deixando a rezão,he o mesmo,que entrar em hum labarinto de miserias,& cair da felicidade, que Adão gozaua no paraiso terreal: consideremos alguns Principes que forão por este caminho,&seguindo o discurso de suas vidas vejamos onde foram parar,que os exemplos saõ os q̃ ẽ semelhante materia mais cõuencem, muitos forão os que por esta via se perderam. Porẽ como trato de acçoens publicas não me estenderei a outras presupondo,como tenho dito, que nesta palaura appetite se não comprende so o da incontinencia, mas todos q̃ outros que inclinão os homens a se não gouernarem pella rezão,mas a seguirem seu gosto,& natural desejo: destes tais disse Deos pello Profeta Oseas tratando do pouo Iudaico, que seria gente infame desprezada de todas as naçoens,& que seruiria de ludibrio aos homẽs por não quererem reconhescer outra superioridade mais que a de seu gosto,& appetite. Entrou o Emperador Iustiniano de dezaseis annos no Imperio, & como os moços de ordinario não sofrem quẽ lhes vão a mão ás cousas de seu gosto, gouernouse por elle de sorte, resoluendose por si nas materias de importancia sẽ admitir conselho algum, que foi causa dos mayores trabalhos, que o Imperio Romano padeceo, acquirindo por esta via a ignominia com que miserauelmente viueo,& afrontosamente acabou a vida. Ainda hoie dura a memoria dos trabalhos, que o Emperador Nero causou com seus appetites, cujas resoluçoens não pararam em menos,que em destruiçam de sua patria, & morte de sua propria may, perdendo huma, & outra cousa,& sobre tudo a honra não so com os seus, mas com todos os que tiueraõ noticia de hum tão desenfreado appetite. As historias de Espanha fazem menção de hum Rey Godo chamado Dõ Theudiselo, que começando a Reynar em Espanha se persuadio a ser tão absolutamente Rey,que nem a propria rezão auia de obedecer,& que so em executar seu gosto consistia o Reynar, porem dentro de dous annos se fez tão odiado com seus vassallos,que se conjurarão pera o matarem,& estando humdia assentado a mesa jantando ẽ Seuilha, foi morto as punhaladas por seus proprios vassallos. Chamou Seneca ao appetite vicio

Xephilin. in Neronem.

Valer. hist. scol. l. 9. tit. 1. ca. 3.

seruil porque o seu officio he seruir aos sentidos sendo a rezaõ a que os manda,&gouerna: muito deuem os Principes trabalhar por seirem a mão neste vicio naõ o deixando senhorear,& tomar assento,que sera dificultoso de resistir depois de tomar posse da vontade. A Escritura sagrada diz, que pode tanto com elRey Achab o appetite de alcançar hũa vinha,q̃ era apropositо pera certo intento seu,que negandolha seu dono Naboth,adoeceo de desgosto:notauel poder do appetite depois de senhorear hum coração pois não esta segura a propria vida em quanto o naõ fartarem com quanto cobiçar seja proprio ou alheo,justo, ou injusto.He vicio de moços,que sẽ considerarem o que lhesesta bẽ mas oq̃ lhespede o appetite tratão de o executar a olhos cerrados.S.Paulo encomendaua muito a seu discipulo Timotheo, q̃ fugisse com grande cuidado todos os desejos, que costumão acompanhar a idade dos mancebos,porque nunca delles lhe podia resultar mais,que a propria morte. Grande foi o valor, que os soldados de Dauid mostraram em romperempello meio do exercito de seus inimigos por irem buscar agoa a cisterna de Belem vendo o grande desejo,que Dauid della mostraua, porem foi mayor o seu valor em a não querer beber, dando com isto exemplo aos Reys que nem tudo quanto desejam deuem dar a execução:& quando em cousas tão licitas se tem por necessaria a mortificaçam do appetite, que sera nas que de sua natureza saõ indecẽtes: & ha muitos homens de tão depravados desejos,que nunca appetecem se náõ o peor.Os astrologos dizem que os que nacem na constelaçaõ de Saturno desejaõ sempre as cousas peores, os vestidos mais sujos,& que os lugares em que viuerem sejam mais immundos:miserauel constelaçaõ pera hum Principe desejar o peor, & inclinarse ao que lhe naõ pode seruir mais que de abatimento, & destruiçaõ da honra,& da vida: pera estas occasioens nos armou a natureza da rezaõ taõ superior aos appetites. Animais ha de que Plinio faz mençaõ que por mayor sede, que tenhaõ naõ ham de beber se naõ agoa muiclara refreando o appetite, & sofrendo a sede em quanto a naõ acharem: pera que se persuadam os que sẽ o freio da rezam se arremeçarem a executar seus appetites que ficam de peor condiçaõ,que hum animal bruto.Poucadesculpa teraõ os

ad Tim. 2,

Plinio de onagro.

os Principes, que forem desenfreados, porem se houuer ministros, que tambem o sejão, menos desculpa terão, porque não so tem o freio da rezão, mas o dos superiores em cuja presença viuem. Com tudo não gabo a condição de alguns flematicos que não mostraõ gosto, ou paixão de cousa alguma, como as estatuas de que o Propheta Rey fala, que tem olhos com que não vem, boca com que não falão, & maons com que não obraõ, porque estes pella mayor parte executaõ seu poder, & vsaõ de suas acçoens em virtude de quem as menea, & gouerna, vicio com que a cada passo encontramos se bastar ser tantas vezes reprouado pera ser aborrecido: conueniente he que os Reys tenhão algumas vezes seus appetites, & coleras porque tambem o appetite serue de emprender obrás heroicas: appetite foi, não necessidade, a deliberação de Alexandre em se não contentar com o Reinado de Macedonia, mas com o Imperio do mundo. Colera foi a q obrigou a Virgineo matar sua filha pellos amores q cõ ella teue Apio Claudio Gouernador de Roma, porẽ foi louuado pelo zelo q mostrou de sua hõra, & Apio preso ẽ hũ carcere ôde se matou. Mui hõrada acção he mostrarse hum Principe colerico cõtra quẽ o quiser enganar, ou mostrarselhe superior, nẽ a afabilidade tẽ lugar com quẽ quiser ter brio cõtra o respeito de sua pessoa, & talvez cõuẽ q o appetite perualeça cõtra os q sẽ rezão o quiserẽ ẽcõtrar: vicio q se acha nos mais familiares, & acontece quererẽ, por mui leues respeitos seus repugnar a o gosto do Principe, ãtepõdo seus particulares disignios ás resoluçoẽs, q não seruem a seus intentos: & nestes casos tẽ lugar naõ so o appetite, mas a colera, pera q os subditos conheção, q não saõ superiores, por mais fauores, que recebão dos Principes, & q em primeiro lugar deue estar o respeito, que se lhes deue, pera se não opporem sem mui vrgente necessidade a execução de suas acçoens, ou sejão nacidas do appetite, ou do entendimento, & he hum genero de descortesia, que se acha em gente de menos calidade, porq nestes he mais ordinaria a confiança, & em nenhua occasiaõ sera a colera mais justa, & arrezoada. Escreuendo Aristoteles a Alexandre Magno, pera o aplacar de certa paixam que tinha, lhe fazia lembrança, que não deuia vsar da colera com os humildes; mas com os que fossem superiores, ou o quisessem parecer; não conuem admitir semelhante genero

Sueton. in Tiberio c. 2.

Valer. l. 6. cap. 1

Ælian. l. 12. de var. hist

genero de presunção porque desautoriza a quem a não castiga,& da brios a quem a vsa pera querer mostrar, que he Senhor das acçoens do Principe: as occasioens fazem o appetite proueitoso,& a colera hõrada, principalmente sẽdo o fim não somente a autoridade do Principe,mas alguma vtilidade publica,& bem comum circunstãcia de tanto preço,que da valor ao appetite,que de sua natureza he perjudicial,& á colera que custuma perturbar o juizo.

DISCVRSO XXI.

Se he licito vsar dos meyos vteis quando não saõ honestos.

SENDO a conseruação da vida,& fazẽda a mais preuiligiada rezão destado conforme a ley natural em que se fundão,as ciuis,que tambem nos mandão q̃ a defendamos ainda que seja a custa da vida de quem pretender priuarnos da nossa: he de mayor autoridade a conseruação da patria,porque o direito com que podemos defender a propria vida com a morte de outrem,he mayor quando concorre a defensaõ da republica, & nesta rezão se funda a justiça da guerra em que se matão tantos milhares de homẽs, que sendo o motiuo a defensão de todos justamente se arrisca a vida de alguns sem peccado. Daqui tomaraõ ocasiaõ certos Estadistas pera leuantarem tanto de ponto a rezão de conseruar que a antepuseraõ a todas asmais, não fazendo consideraçam das circunstancias,que tocão a honestidade,mas a vtilidade, o que não so acontece quando a conseruaçaõ toca a vida,& honra de todos,mas ainda ao interesse particular de alguns, que as rezoens de comodidade propria vaõ estendendo sua jurisdição de maneira,que fazem honesto tudo o que he vtil: & porque esta materia he a que mais vezes se offerece em todas as rezoens de estado, he necessario que vejamos se he licito vsar dos meyos que sendo vteis a republica saõ encontrados as leys,diuina,ou natural,que algũs querem sejão estas subordinadas a rezão de conseruar,pois o fim da natureza he a conseruaçaõ de suas obras,& a ley diuina a dous fins se encaminha ao sobre natural,que consiste na bemauenturança eterna, & ao natural,que he a conseruaçam das criaturas como meyo do primeiro fim,o que se ve no preceito de naõ matar, que sendo diuino,tem por fim a tal conser

uação

uação,& porque este he o principal fundamento dos que poẽ em primeiro lugar a vtilidade não conuem apontarlhe outros por não dar armas aos que sem as terem se atreuem a rezãomais autorizada que se acha em todo o gouerno politico,que cõsiste em seguir os meyos mais honestos,fugindo os que encõtraõ a ley diuina: & porque tomemos o negocio de seu principio; toda a vtilidade, diz Aristoteles,que se resolue em conseruar,ou acquirir bens, ou em expilir, ou atalhar malles, os q̃ a querem tão materialmente,q̃ lhe apartão a honestidade não podem esperar o fim, que Aristoteles lhe aponta,porque obẽ não se conserua,ou acquire cõ os meyos proporcionados a vtilidade,mas a honestidade: nem os males podem atalharse, ou lançarse sem a entrada de bens como na materia prima huma forma sem que venha outra, & no enfermo a doença sem que entre a saude.Todo o intento dos que gouernão he escolher o melhor,& todos julgão por melhor o honesto por ser mais conforme ao entendimento, & rezão:porem quãdo o negocio chega a eleição,dis Aristoteles sempre se escolhe o vtil,de sorte que o que se costuma he executarse a resolução da vontade,& desprezar a eleição do entendimento,a rezão diz,S.Agostinho,& o mesmo Aristoteles, he porque o entendimento occupase em cousas que os sentidos não percebem,& a vontade de ordinario se emprega nas cousas sensuais,& saõ os homẽs taõ sogeitos a qualquer vtilidade palpauel,& presente, q̃ não reparão em os meyos serem honestos,com tanto,que o fim seja vtil,& cõforme ao gosto. Pretende Cayo Caligula parecer o melhor na gentileza, & nas partes de todos os de seu Imperio, cousa impossiuel busquese remedio,não hauia outro melhor,que matar os que visse cõ ventagem, consigase o intento sejão os meyos quais forem.Deseja Saul conseruar a posse de sua coroa,era o meyo matarquẽ nunca o agrauou,& fazerlhe injusta guerra, vsando nella, não so de ardis de guerra, mas de traiçoens na paz, execute se tudo,tenha effeito o que se pretẽde,& o peor he que se tem calificado de maneira esta rezam de estado,que não so se julgão os fins por bons,mas os meyos por santos,& ha muitos ministros,que tem por justo tudo o que he de proueito pera sua cõseruação,& nenhuma differença fazem entre o vtil, & honesto mais que estarlhe bem, ou mal.Poucos saõ,dizia ja Cornelio Tacito os que fazem distin

Arist. Rhet. ad Alex.

Arist. ethic. c. 14.

August. de sp. & anima.

Arist. 6. ethic.

Sueton.

Tacit. 4. hist.

ção entre as cousas vteis,& honestas: que este erro tiuesse principio em homens,que punham a felicidade nos bens presẽtes, menos era de culpar,que se cõtinue nos que esperaõ outra felicidade,infelicidade he grande dos que a padeçem,& dos que a causaõ,& a destes tenho por peor:que os males presentes tẽ certo genero de bondade que consiste na esperança de se acabarem:os que se esperão,saõ os que atromentão em dous tempos:que Platão por isso disse,q̃ a vtilidade se daua muy bem com o futuro,nem isto severifica somente nos bens,ou males, eternos,que se esperão, bastantes deuião elles ser pera persuadir aos Principes Christãos ao que he justo,não o disse Plataõ por estes,que as cousas naturais & ainda as politicas dentro de sua esfera escusão exemplos sobrenaturais, & vemos muitos Principes desgraciados em o sucesso de suas resoluçoens naõ por falta de conselho,& de poder,mas pello muito que se trata da vtilidade sem respeito ao mais honesto, de que resultam miseraueis fins,que não consiste a vtilidade nas aparencias cõ q̃ muitas vezes nos enganamos. Entra Pharao em conselho que meyo hauera pera atalhar aos inconuenientes,que podem resultar de ter em seus Reynos a gente Hebrea, achaõ que matar todos os que nacem, a traça parecia mui vtil,se fora maishonesta,o sucesso della foi nacer Moyses, & criarse no paço Real de Pharao,& vir a ser açoite do mesmo Rey:eraõ meyos encaminhados com morte de inocentes,& naõ podião ter fins menos trabalhosos. Pretende o Principe fazer huma armada,a prestar tantas naos não lhe esta bem sarcear os gastos superfluos que cõformaõ mais com sua condição, peçase aos vassallos ou com rezão de tributo,ou cõ achaque de emprestimo, pera se naõ pagar, consigase o intento sejão os meyos qvais forem; naõ digo que se vsa este modo de gouerno,querera Deos, que não,porem ja se vsou,& temo q̃ a ambição o resuscite.Hũ Autor mui graue conta,que certo prouedor de hũa armada alegou por seruiço que a proueo de todo o mantimento necessario sem gastar cousa alguã da fazenda Real,& sabido como, tomou todo o mantimento aos lauradores,& mercadores, sem lho pagar, & por este seruiço mereceo ter mais de renda do que tinha de fazenda:& se as demasias se castigaõ nesta forma, bem se podem desenganar os q̃ tiuerem fazenda pera poderẽ emprestar,ou pera dar que cada dia sera peor, porem esperẽ o su-

Plato in Thea.

o sucesso dessas armadas,& avtilidade,que resulta desse dinheiro mal leuado acharaõ que tudo para em naufragios,em perdas,& afrontas,assi dos vassallos como dos Principes:& o peor he que se pode cuidar, que não so castiga Deos os autores deste crime com os sucessos serẽ maos,mas com os cegar pera que não vejão a raiz donde nacem: & se esta he a causa dos trabalhos não cesarem,so a Deos se deue pedir o remedio,porem se he por falta de aduertẽcia mui culpauel desculpa he, porque não ha idade em que claramente não esteja Deos manifestando quão infelices saõ os sucessos dos negocios que se encaminhaõ por meybs injustos, fiando mais nelles que na prouidẽcia com que Deos fauorece o que se dispoem com vontade sua. Quiserão os Iudeos no tempo delRey Antiocho tratar de sua conseruação entendendo,q̃ estauão arriscados pello grande poder delRey,& odio, que lhes tinha: o meyo que tomaraõ pera se conseruar foi desamparar a ley diuina passandose aos ritos,& ceremonias gentilicas cõ o que ficarão taõ longe de se conseruarem,que no mesmo tẽpo se principiou a persiguição mayor que o pouo Iudaico teue,nem tera ate o fim do mundo;não aprenderaõ esta rezão

Macha b. 1.

destado de seu pai Abrahaõ,porque offerecendolhe o Rey de Sodoma grande cantidade de fazenda,quais eraõ os despojos da guerra que tinha alcançado contra os Reys Gentios, entendeo,que poderia resultar a sua vtilidade em menos honra de Deos(que sendo o autor da vitoria aquem pertenciaõ os despojos della,como notou o Abulense)o Rey,lhos queria dar como seus, Abrahão os não quis aceitar dizendolhe que não queria dissesse,que elle o enriquecera,quando Deos era o autor de sua riqueza,& naquella ocasiaõ erão seus os despojos. Não louuo rezoens de honestidade cõ falta de vtilidade,seruem estas mais pera a conseruação da cõsciencia,em que todo o honesto he vtil. No gouernopolitico diz Cornelio Tacito hãose de misturar as resoluçoens encaminhadas ao proueito per caminhos justos,nem bastão aparẽcias fingidas,ou causas remotas,que todo o fundamento falsificado para em ruina do edificio:& se com rezoens justificadas se querem grangear injustiças he vsar da rezão de estado dos Fariseus,que sendo o fim a morte de Christo, a causa aparẽte era a conseruação doRey que tinhão,isto diz Socrates,he como o bogio,que querendo imitar o homem vem a ser o mais tor-

Gen. 14

Tacit.

Xenoph. de dictis & factis Socratis

is torpe de todos os animais: tratar de executar intentos particulares com a sustancia dos vassallos, & pedir pera gastos extra ordinarios, & escusados em todo tempo foi mal aceito, & pouco praticado nas respublicas q̃ souberaõ tratar de seugouerno: porem que pera os gastos ordinarios das armadas, que tẽ particulares rendas, & tributos, seja necessario que os vassallos se desentranhẽ, consumindose ẽ desordens, & demasias, o que derão, & aplicarão pera defensão da republica, & conseruação de seus comercios vejão o fim, que podem ter, que não basta ser o que se pede pera o bem comũ, quando outras circunstancias fazem injusto opetitorio. Aparẽcias fingidas, & rezoens honestadas vem a ser peores que os males claros. Deuem contentarse os Principes com vsarem do poder que tem registado pella rezão, que se naõ he infinito, não deue selo o effeito, porque o mais caminho vay parar em precipicios: & algũas vezes diz, o Philosopho Chilon, he mais seguro ganho perder pouco q̃ ganhar muito aconta de perda mais considerauel: dura cousa sera esta de persuadir, ja Cicero a achaua impossiuel em seutempo, dizia ser cousa natural tratar cada hum de seu proueito sem outro respeito algum, he vicio, que arca com todos, & derriba muitos, que vença a gente do pouo cousa ordinaria he, & que tẽ algũa desculpa, mas q̃ se deixe o Principe vencer delle contra as leys naturais he, & quando os philosophos Gentios o estranharaõ tanto, não deue aprouaio o principe Christão com o exercitar: que he o mais efficaz genero de calificar as cousas o exercicio dellas nos que deuem seruir de exemplo. Muitos Principes, & ministros ouue que leuados do appetite cometeraõ crime contra suas obrigaçoens, podendo mais a fraqueza deque a natureza os não exceptuou, que a força do entendimento, com que estauão vendo o mal, que cometiaõ. Outros houue a que a malicia persuadio ser melhor caminho desprezar a virtude à conta de se empregarem ẽ sua propria conseruação, parecẽdolhe que igualmente se não compadecia tratar de huã, & outra cousa, contra os quais pelejarei cõ suas mesmas armas, não me ajudando das rezoens nacidas da piedade Christã, que sendo as mais solidas, & verdadeiras, por ventura de menos força, com os que a não conhecem: que o Sol tendo por natureza dar luz tambem a tira aos que estam costumados a treuoas, & alguns auera, q̃ se conuençaõ mais com

Laert. l 1. c. 4.

as

Arist. l. 7. mag. mor. ca. 2. as rezoens de Aristoteles, não digo que erradas, porem mui atadas a causas naturais elle he o primeiro que tem a virtude por fundamento de toda a conseruação, & o vicio por causa, & raiz de toda a destruição. Mais *Seneca. epist. 74* specificadamente pos Seneca a felicidade dos estados no empaço da virtude, dizendo que ella he a que os conserua em sua perfeição a que ordena, & faz as leys com que se gouernão, cultiua as amizades, assi entre os cidadoens como estrangeiros, destribue os officios da republica; & dispoem todas as mais cousas em sua perfeiçaõ. Teue este mesmo parecer aquelle grande *Cic. de amicicia* republico Cicero tam vigilante defensor da conseruação de sua patria não menos obseruante das virtudes, que elle julgaua pello mais efficaz instrumento, de se consiguirem effeitos dignos de se desejarem: não depẽdem estes de rezoens destado tiranicas, injustas, & fundadas em vicios posto que mui praticadas, & seguidas dos mais poderosos, por ventura causa do ruim sucesso de suas resoluçoẽs: que entregar o gouerno a quẽ o encaminha por differentes, caminhos do que a virtude ensina, he principio de grandes infelicidades, & a mayor de todas he cuidarem os Principes que onde a malicia he mayor perá inuentarem nouas vexaçoens contra os vassallos, & buscarem extraordinarios meyos de enriquecerẽ atropellando todas as rezoens de piedade, he o gouerno, & prudencia perà elle mais excellente: naõ he cousa noua no mundo que ja Xenophonte conta de Menon Thesalo Capitão Grego, que tinha por homens de entendimento boto os que não, erão grandes velhacos; & a verdade he, que estes saõ os que alcanção ordinariamente os lugares de importancia, porque a malicia tem alguns effeitos de prudencia, & sabe mui bem disfarçar as aparencias do vicio, com que os maliciosos enganão a pessoas de muito entendimento, porem como o fundamento he falso, facilmente arruinam, & caiem na mayor miseria do que antes tinhão, que sobir pellos meyos que se costuma decer he monstruosidade: auisadamente disse a este proposito certo cortesaõ, que auia monstros da fortuna, como da natureza, os da fortuna mais admiraueis como effeitos de causas mui violentas, digo violentas em respeito da disposição, & curso natural, não do costume, & noua ordem, ou desordem, & corrupção das cousas, dispostas pello modo que hoie muitas vezes vemos, encontradas a todas as regras de go-

uerno

uerno, raiz de grandes infortunios, se he certo, como diz. S. Agostinho, que nacem estes de nossos crimes, porem tambem vemos, que de semelhantes desordens resucitão nouas ordens de gentes, & a este exemplo se canoniza por rezão destado vsar de sem rezoens, de enganos, & tiranias como causas de effeitos soberanos, & extraordinarios, raro portento! que nação desordens de appetite estragado cousa he mui ordinaria, porem que se queiraõ euitar desordens com desordens, remediar a pobreza com furtos grãgear reputação com injustiças, liurar de trabalhos com os acrescẽtar nos subditos, & que hum demonio lance outro demonio, ate o mesmo Reyno de Sathanas se não podera conseruar: he o caminho mais errado, & distante da conseruação, & felicidade publica. Sò a virtude, & obras, que mais participaõ dellas, diz Valerio Maximo, tem parentesco não somente com a conseruação, & duração, mas cõ a eternidade, so ella he capaz de os Principes se empregarẽ em a grangear, & solicitar com obras, & com desejo, como fundamento, & licerces de todo seu poder. Não ha armas mais de proua, & de mais resistencia diz o Philosopho Antistenes, que a virtude, so ella pode resistir ao poder do mundo todo.

Valer. Max. l. 5.

Luert. lib. 6.

Ouuindo Agesilao dizer, que hum Rey dos Persas se intitula ua grande, respondeo que se era justo, & temperado em suas obras, com rezão se podia chamar grande: porque não ha grãdeza, & poder, como diz Aristoteles, sem companhia da virtude. O Emperador Alexandre Seuero depois de alcançar o Imperio. disserãolhe que estaua Artaxerxes com grande exercito pera destruir o poder Romano: não importa (disse o prudente Emperador) que se as obras nacidas de appetite saõ gostosas, as que nacem de virtude sam gloriosas; mostrando nisto que nem a vitoria de Artaxerxes, quando a tiuesse o podia honrar sendo grangeada com injustiça, nem ser elle vencido lhe tiraua a gloria quando procedesse justamente, & com valor, que a virtude he a que califica todas as obras, & que lhe dá hõra, & felicidade, eternizando os que as exercitaõ, & sepultando em esquecimento eterno os q̃ empregão a vida em obras ignominiosas. Salamaõ diz que se corrompe o nome dos homẽs impios, & que em suas acçoens se gouernaõ pello appetite naõ pella rezão. Perguntaõ alguns Doctores porque naõ nomea a Escritura sagrada ao pay de Melchisedech, sendo das pessoas

Plut. in Lacon. apoph.

Arist. l. 7. de rep cap. 11

Prouerb.

as mais autorizadas em todo o testamento velho;& achão que por rezão de sua incontinencia era homem que antepunha o appetite a rezão,naõ conuem,q̃ fique perpetuada sua memoria.
Gen.6. Ate os homens perdem seu nome se procedem como brutos: que por esta rezão como notou
Chrysost. hom.24 S. Ioão Chrysostomo, quando Deos quis castigar o mundo cõ o diluuio vniuersal,não disse q̃ estauaõ os homens corruptos, mas a terra,como se os priuasse da honra de o serem porque so a virtude faz homens,& por sua via se grangea o melhor genero de honra,& todas as acçoens em que ella falta perdem seu valor por mais excellentes,
Abul: in 2.Reg.9.32 que sejão.Notou o Abulense,q̃ contando Dauid os homens esforçados que hauia em seu Reyno,naõ nomeou Ioab sẽdo Principe da milicia,& dos mais valerosos de todo o Reyno, & acha que foi a rezão ter morto com odio, & traição os dous Principes de Israel Amação,& Abner,& não merecer por esta causa fazerse menção de seu esforço, nem ser contado entre os homens de valor. Plutarcho
Plut.in apoph. disse que era tão necessario andarem as acçoens humanas sogeitas a virtude,que ate a vingança dos inimigos era afrontosa,se se apartaua della:em respeito disto dezia,que consistindo a perfeição de todas as obras na natural inclinação de quem as exercitaua,so a uingança se exceptuaua desta regra; porque como o animo vingatiuo trazia consigo peccado naõ vinha a ser vingança honrada por se apartar da rezão, & honestidade.Principes houue taõ senhores de suas paixoens, que ate pera se vingarem consultarão a virtude.De Augusto Cesar se conta que tendo noticia, que Cinna neto de Gneo Pompeio tiuera intento de o matar, o maudou vir ante si,& fechandoo em hum aposento lhe disse as rezoens,que tinha contra elle,& com lhe parecer que tinha necessidade de se precatar delle o naõ castigou vsando de beneficios pera o obrigar: muito he que hum Principe gentio tratasse tanto da virtude que a ãtepusesse a rezão de estado de sua segurãça permiteDeos q̃ haja no mundo a tempos alguns Principes de taõ excellentes acçoens pera que siruão de exemplo aos que tem a sua conta gouernarem seus vassallos pois os meyos mais proporcionados a este fim sam os mais honestos, & todos os outros parão em precipicios não menos da honra,& vida que da alma.

ARTE DEREYNAR

LIVRO QVARTO.

Em que se trata da conseruação, & meios proporcionados a ella.

DISCVRSO I.

Se he mais conueniente empregar as forças na propagação do estado se em sua conseruação.

PERA procederemos nesta materia com mais clara noticia della, hemos de presupor ser particular duuida entre os politicos se conuem aos Principes a quietarense em seus estados, se sairem fora de seus limites, pera com gloria de seu valor, & dos seus propagarem as terras, que possuem: porque ainda que he mais seguro, & menos arriscado conseruala sem contenda, não he de tanta magestade pera os Principes briosos, & q̃ tem forças pera engrandecerẽ seu nome. E Cicero difinindo o poder, diz que não so he conseruar o proprio, mas acquirir o alheio, principalmente quando a justiça pode dar alguma desculpa: & os Principes em q̃ falta esta excellencia de estenderem *Cic. l. 1. de offic.*

derem sua jurisdição, parece q̃ mostrão menos brio, se o direito por alguã via os desculpa: & a experiencia tem mostrado, que muitos estados se ennobrecerão, saindo com armadas, & exercitos de suas terras, buscando outras pera conquistarem, em que os Portugueses se podem gloriar leuarem ventagem a todas as naçoens, abrindo caminho pello mar Occeano tantos milhares de legoas, senhoreando as mais remotas gentes do mundo, não tam ambiciosos da honra como do zelo de plantarem entre ellas a fè, titulo mais justificado de todos os que pode hauer entre o direito das gentes, pois a verdade da religião Catholica excede com tanta ventagem a todos os outros interesses particulares, que ficão melhorados, & não defraudados os q̃ pella receber perdẽ quaisquer bens temporais por grandes que sejão. E quando entre as rezoẽs destado se não admitirão as conquistas de outras terras, faltara no mundo a grandeza das Monarchias que tanto o ornaõ, porque se no principio se contentarão os Principes com possuirem as poucas terras, que começaraõ acquirir, nũca poderiaõ chegar a tanta magestade quanta de presente tẽ, o que muitas vezes he necessario aos vizinhos, porque os grandes defendem os pequenos de violencias, & assi como em hũa republica he necessario, que haja grandes o pequenos pera sua conseruaçaõ, assi conuem q̃ haja no mundo differentes generos de estados: & ainda que a herança, & eleiçaõ, & outros varios modos como atras fica dito tem ẽgrandecido muito as Monarchias, a conquista he a que mais as tem propagado, como se vé em quasi todas as que de presente vemos, & de que pellas historias antigas temos noticia: çõ tudo hemos de dar o primeiro lugar a rezaõ destado, q̃ consiste ẽ sua conseruaçaõ, assi ẽ respeito de seu fim, como dos meyos de que se serue: pera o q̃ deuemos considerar dous respeitos hum da pessoa Real, & estado particular, outro da republica, das leys, & felicidade dos vassallos, porque muitos Principes se naõ puderaõ conseruar nos estados q̃ acquiriraõ, ouherdaraõ, & toda via os tais estados foraõ sustẽtando sua perfeiçaõ crecendo em felicidades: & houue outros que tendo prudencia pera se conseruarem, taõ descuidadamẽte se houueraõ no gouerno de seus vassallos, q̃ lhes derão occasiaõ a se irẽ perdẽdo cõ os vicios, & dissoluções, & posto q̃ o ordinario he seguir a republica a fortuna do Principe q̃ a gouerna, & ser de hum a ruina

do

do outro, alguãs vezes acontece perderse hum ficãdo outro, pelloque iremos vendo assi neste como nos mais discursos que se seguem, a necessidade, q̃ os Principes tem de se saberem conseruar no gouerno que huã vez chegarão a possuir, e quãto mais val atal conseruação, que os felices sucessos com que muitos chegarão a alcançar os estados de que ignominiosamente forão priuados, & logo o que mais conuem aos tais estados em rezão de sua conseruação, q̃ he o fim principal desta materia a que se encaminhaõ todos os remedios que nella se apontão, ou sejão em respeito da pessoa do Principe, ou dos estados, nem encontra esta conclusão o parecer de Cicero q̃ se julga por mais poderoso o que acquire, não lhe da o titulo mais honrado, porque pode hauer poder sem valor, sem justiça, & sẽ prudencia, attributos mais dignos de hum Principe perfeito: não nego ser, mui gloriosa a propagação quando sem risco se pode conseguir, & os meyos della são honestos executados com valor, & justiça, porem he mais necessaria a conseruação, pois he o fim a q̃ seruẽ todas as mais rezoens destado. He o augmẽto hũ accidente, q̃ se alguãs vezes resulta em honra, & vtilidade, outras vezes pode ser perjudicial se o poder de acquirir não he bastantepera conseruar; & se a grãdeza demasiada corre mais risco, conforme a opinião dos q̃ tẽ por mais seguros os estados meaons, q̃ os grandes. E se nos houuermos de gouernar pella difficuldade pois esta costuma muitas vezes darvalor as acçoens, q̃ per si o não tem: mais difficultosos saõ os meyos de conseruar, que de acquirir, porque a conseruação naõ somẽte depende de prudencia, mas de valor, & pera acquirir basta força somente, & muitas vezes, nẽ esta he necessaria, quando está de permeyo a falta de brio, ou desgraça de hum, & aboa fortuna de outro, sendo esta a q̃ mais lugar tem em semelhantes sucessos. Ouuindo Augusto Cesar contar as vitorias, q̃ Alexandre Magno tinha alcançado sendo de trinta, & dous annos, & como se pusera a cuidar em q̃ gastaria o restãte da vida quando naquella idade hia acabãdo de sogeitar a sua obediẽcia o mundo todo, respõdeo: eu me espanto muito sẽdo Alexandre Magno tão valeroso terpera si q̃ fez mais em conquistar essas terras do q̃ fara ẽ as cõseruar. E a este proposito acõselhaua M. Catão aos Principes poderosos, q̃ quãdo se vissem no trono de seu gouerno naõ fossem prodigos do poder, que tiuessẽ, porq̃ he mui ordi-

Plut: in Rom. apoph:

ordinario se a querem empregar em mais do que as forças podem, ou a fortuna quer, não so ficarem frustrados em seus intentos, mas debilitados, & ariscados a perderem o que tem. Deuem os prudentes, diz Sallustio, por limite a suas forças, & naõ entregar todas aos sucessos da fortuna, que o mercador prudente, & experimentado, naõ arrisca todo o cabedal em huã viage. A muitos tẽ sucedido mal a falta desta cautela, de que temos exemplos mui notorios, & vizinhos; & se os antigos nos ensinarão a conquistar com valor no que emprenderam, & alcançarão, muito melhor a conseruar, pois muitos o não puderão fazer, tendo mais esforço pera conquistar, ou ventura pera alcançar, que prudencia pera conseruar. Seja o primeiro q̃ nos sirua de exemplo o Emperador Maximino, que tendo valor, & esforço pera chegar a ser Emperador, seu proprio descuido o derribou perdendo o imperio, & com elle a honra com que o tinha acquirido. Aconteceo o mesmo a elRey Dom Ordonho de Leão, que tendo industria, & manha pera se leuantar com o Reyno em ocasiaõ, q̃ elRey Dom Sancho seu primo, & ligitimo Rey estaua em Cordoua onde se tinha ido curar da infirmidade q̃ a gordura demasiada lhe tinha causado, foi tão pusilanime na conseruação do Reyno, que tão manhosamẽte alcançara, que naõ se atreuẽdo a sustentarse nelle, fugio pera os Mouros, onde afrontosamente viueo ate que miserauelmẽte acabou a vida: foilhe mui semelhante o Emperador Philippe primeiro tão sagaz em se fazer reconhecer por Emperador, como desgraciado, ou descuidado em perder breuemente o Imperio, que vio possuir a outro em sua vida, recebendo mayor afronta em o perder, q̃ honra em o acquirir, descobrindo sua incapacidade depois de leuantado a mayor grandeza, ou fosse causada de couardia, ou de malicia, que igualmente inhabilita huã, que outra: aduertencia mui necessaria aos Monarchas que não somente a couardia, mas o esforço tiraõ os Reynos, se assi se deue chamar quando he acompanhado de insolencias, & desordens. Cornelio Tacito faz menção de hum Rey dos Sueuos chamado Vannio, o qual sendo mui estimado, & amado de seus vassallos nos primeiros annos de seu gouerno, veyo depois a ser lançado do Reyno pella demasiada insolencia com que gouernaua, acompanhada da natural fraqueza, que raramente se acha hũa sem outra, & igualmente perjudicaõ

Tacit. ann. nal. lib. 12.

dicão,porque agente mais liure & acomodada a cometer maldades he a que menos brio,& valor tem,causando tantos males asi,& a suas respublicas, com a demasiada soberba,como com a falta de valor: de que tambẽ nacem as dilicias,& vicios sensuais,que tantos Reys tem derribado, & tantas Monarchias destruido:& porque são varias as causas de sua ruina,as irei apontando em differẽtes discursos,aduirtindoprimeiro aosPrincipes que fação mais fundamento das rezoens de conseruar,q̃ de acquirir,pois he mayor a afronta de perder o acquirido q̃ a honra de acquirir o que não tinhão,& são mais as causas q̃ apressão a ruina,porque não somente são as violentas, mas aquellas, que intrinsecamente se criaõ na mesma acçãode acquirir,como he a falta de fundamẽto bastante,em que a conseruação se sustente. Se lançarmos os olhos as vitorias dos Godos, & triunfos que gozarão, ao valor dos Tartaros quando senhorearão as prouincias de Armenia, Siria,& Egypto,as proezas dos Franceses,que chegarão a pisar tão estranhas terras com quatro centos mil soldados por se senhorearem da Santa cidade de Hierusalem, acharemos, que as conquistas,& modo dellas forão de animo,& brio extraordinario,porem durarão tão pouco que não ha ja mais que huã remota lembrança destas obras por faltar o fundamento necessario pera a cõseruação das terras,que se conquistauão. Não nego,que as mais honradas acçoens dos homens são as vitorias que alcanção dos inimigos; porque ainda que os successos dellas dependem muitas vezes mais de ventura,que de valor, ou prudencia,sempre a prospera fortuna tras consigo honra, & esta de ser vitorioso he a que deu principio a toda a nobreza de que os homens mais se jactão. Não sofria Alcibiades sendo ainda de pouca idade, que nos jogos particulares, que naquella idade se costumauão fosse outrẽ vitorioso,brio,que sempre conseruou aproueitandose delle pera empresas de mayor importancia. Lycurgo mandaua em suas leys,que ainda que os inimigos fugissem,os fossem seguindo atè que de todo se segurasse a vitoria,não se contentando com a vtilidade de ficarem liures,mas com a honra de ficarem vitoriosos:por este modo se auentejarão as familias, daqui naceo a nobreza das geraçoens differençandose huãs das outras com brazoens,& diuisas de escudos de varias empresas significadores de feitos valerosos,o que igualmente se

obserua nas Monarchias mais famosas trabalhando de perpetuar na memoria dos homens ás vitorias que de outras gentes alcançarão. Esta he a rezão, como notou Pierio Valeriano, porque os Athenienses tomarão por armas, & brasaõ a curuia, simbolo da vitoria, querendo por este modo dar a entender que a grandeza de sua republica se acquirira por meyo das vitorias que contra seus inimigos alcançarão: & os Romanos se prezauão tanto de vitoriosos, que se obrigauão a defẽsaõ dos estados, & respublicas, q̃ se lhes rendião, estimando todo genero de sogeição, ou fosse per força de armas, ou pella opinião de seu poder. Alexandre Magno dezia, que nũca era grande o trabalho que se empregaua ẽ alcançar hũa vitoria: aconselhaualhe Parmeniaõ, & outros Capitaens que desse de noite sobre o exercito de Dario, porq̃ com muita facilidade o destruiria, porem nunca o puderão persuadir, dezia que antes queria arriscar a vida por acquirir huã vitoria incerta, que alcançala com segurança sendo menos honrada. Tão mal sofria faltarẽlhe inimigos contra quem exercitasse seu valor, & terselhe acabado a occasiaõ de ter vitorias, que desejaua houuesse outro mundo pera o poder cõquistar.

Pier. Valer. l. 1.

Era brio de que os antigos muito se prezauão, & quanto mais graues, & prudentes mais ambiciosos deste genero de honra. Estaua Catão em estado depois de ver a sua republica destruida, & assolado tudo pello exercito de Cesar que ja lhe não ficaua outro remedio mais que valerse da clemencia do Emperador, a que seus amigos o aconselhauão: mas nunca puderaõ acabar com elle que se lhe rendesse, dezia que naõ podia Cataõ ser vencido. Mui gloriosas saõ as vitorias contra os inimigos, principalmẽte quando não somente o saõ da patria, mas da religião, mui valerosos os Principes cuja occupação se emprega em semelhantes exercicios, sofrendo mal ás vexaçoens, que recebem seus vassallos, a perda de seus exercitos, o mao sucesso de suas armadas: & quando o natural brio os inclinar a semelhantes exercicios, desejando eternizar seu nome, & estender seu poder com nouas conquistas, deue ser presupondo primeiro a conseruação do que tẽ, que tratar de acquirir por hũa parte, & perder por outra, ainda que a fortuna os fauoreça com algumas vitorias naõ se deuem chamar vitoriosos, mas demasiadamente ambiciosos. Primeiro se deue conseruar o proprio, que acquirir o alheio, & esta

esta he a rezão de estado, que mais hõra dá aos Principes por que se considera nella não somente o valor com que sustentão seus estados, em respeito da honra, & vtilidade, que delles lhes resulta, mas a fidelidade, & primor com que tratão de defẽder seus vassallos, assi dos inimigos como das mais causas, que dos muros a dentro costumão descompor, & corromper aperfeição do gouerno politico como adiante se ira vendo.

DISCVRSO II.

Se he mais vtil ao gouerno, & conseruação de estado o engenho grande, se aprudencia.

TEMOS visto q̃o põto mais essencial de toda a rezão destado: & o fundamento principal de todas as traças, & discursos humanos se inclue na rezão de conseruar o que não so se verifica nos estados, & Principes mais ainda nos subditos, & vassallos, porque huns pretendem sustentar a gloria de superiores, outros a honra vida, & fazenda; & não ha homem por falto que seja de entendimento que naturalmente não deseje perpetuar se nos bens que della recebeo, ou por via da fortuna acquirio. E sendo este desejo natural, os meyos de se alcançar o fim não saõ fora dos limites, & forças humanas, nem saõ especulaçoẽs mui ocultas aos entendimentos dos homens: & he engano grande cuidarem alguns que a rezaõ destado he alguãquinta essencia sem aqual os Reynos se não podem gouernar, nem o mundo conseruar, sendo rezoens mui praticadas, & ensinadas a todos pella mesma natureza, verdade seja que os poderosos, & que viuem de opinião querem muitas vezes palear seu erro com a rezão de estado, mostrando q̃ forão rezoens mui leuantadas o que foi paixaõ, ou ignorancia. Casouse Alexandre Magno cõ huã filha do Satrapa Oxiarthes da qual se namorou em hum bãquete que lhe deu o mesmo Satrapa, & porque entendeo que os seus lhe estranharião casarse com a filha de hum homem rẽdido, & de menos calidade auẽdo tantas Princesas, & senhoras que podia receber por molheres, disfarçou seu erro, & paixão com dizer, que conuinha por rezão destado casar naquella terra, mandando aos Capitaens que fizessem o mesmo; & destas chimeras acontecem muitas pera remedio da opinião, & capa da paixão dos que nos effeitos saõ homens, posto que no poder se tem por diuinos. Agudamente

mente respondeo certo cortesaõ a hum amigo seu que lhepedia lhe declarasse que cousa era rezão destado: ser o exercicio de hum officio como qualquer dos outros em que os homens se occupão,& não daquelles que se acquirem por meyo da arte,& trabalho,mas dosque mais facilidade tem em se aprẽderem;hehum officio depastor, semelhança que Philo Iudeo lhe achou mui propria: porque não ha homem por rude que seja,que sendolhe entregue hum rebanho de gado,não saiba como o deue conseruar, & guardar dos perigos;primeiramente trabalha de o ter junto por não ser necessario atẽder a diuersas partes,com risco de faltar em hũa,quando se occupar em outra:em que se ve a vtilidade de serem os estados vnidos rezão tão praticada entre as destados busca o melhor pasto, & mais seguro dos assaltos dos lobos, q̃ grangear o bem dos vassallos, & defendellos do inimigos naturalmente se aprende. Iulgarão outros por mui semelhante ao officio do Principe o do Laurador,cujo exercicio a natureza ensina,& com pouca arte se aprende. Bem sabe o rustico laurador que pera o seu campo acodir com trigo he necessario ser a terra ajudada com o trabalho de seu braço,& confiar della os interesses da semente que lhe entregar:que a industria do Principe deue ocuparse em adoçar,& facilitar os animos dos vassallos,honrandoos com merces,& beneficios porque os fruitos,& bons sucessos do gouerno todos dependem destas preuençoens,vigia sua sementeira pera que o gado a não pise, & destrua,obrigação por mais circunstancias propria do Principe:que a uigilancia aplicada a liurar os subditos de vexaçoens virtude he real,& encargos do officio. Tambem,monda as heruas peçonhentas,& que podem ser impedimento a crecer a ceara porem de sorte que juntamente se não arranque o trigo: que extirpar os vicios, & castigar os crimes deue ser ocupação mais continua de hum verdadeiro Principe,mas com tanta cautela que a volta dos culpados naõpaguẽ os inhocentes, rezão de estado com que Deos nos gouerna,& conserua, como elle mesmo nos significou na parabolada ceara chea de joyo, onde sofreo que assi o trigo como as mais heruas fossem igualmente crecendo,pera que arrãcando as que eraõ perjudiciaes naõ fossem a volta dellas as que eraõ necessarias:porque algũas vezes conuem dissimular com crimes por atalhar mayores males. Outros achaõ muita semelhança

Phil. Iud. lib. de Ioseph.

lhança,& propriedade entre o Principe,& hortelão:porque pera huã horta dar proueito a seu dono he necessario que a caue mui bem,& a regue de ordinario pera que as heruas se não se quem,& as aruores se naõ fação brauias:que aprouidencia com que os Principes deuem exercitar,& ensinar seus vassallos em exercicios de virtude,he a fonte de que mana o saber, & valor tão vtil a conseruação das respublicas como á honra,& felicidade dos mesmosPrincipes. Vese tambem a variedade de talentos na diuersidade de aruores porque huãs saõ pera darem fruito, & estas se deuem guardar,regar,& esmoutar,apartandoas do mato,& cultiuando as:que os vassallos prudentes,& valerosos hão de ser regados cõ beneficios pera que dem fruito & apartados da confusão da gẽte do pouo que acanha os talẽtos,& os não deixa crecer:aosq̃ na republica saõ aruores silueſtres;sem proueito sera empregar nelles beneficios,&merces, mas acomodalos ao trabalho pera que forão criados,& honralos segundo o fruito que derem.Não menos se ve na calida de da vinha ō que cada dia acõtece entre os Principes,& vassallos,que se querem delles demasiado fruito,& o tirão, de huma vez ficão impossibilitados pera dar mais:que se o hortelão se não contenta com o fruito ordinario da parreira,& lhe deixa ficar todos os ramos,a conta de colher mais fruito , tiralhe a sustancia pera os annos seguintes o não darem: & esta semelhança da vinha he a que mais propriedade tem com a republica como nos consta das sagradas Escrituras, & nella nos mostra Deos nosso Senhor os beneficios,& bem feiturias que tinha feito ao pouo Iudaico vinha sua,posto q̃ deu roim fruito,que como era terra de macasta não aproueitarão os beneficios que se lhe fizeraõ. De maneira que consideradas bem todas as mais circunstancias do officio de laurador,do pastor,& hortelão se aplicão com muita propriedade ao do Principe,& gouernador de hũa republica: & não se pode dizer saõ necessarios engenhos mui superiores pera estes officios,pois saõ mui conformes com a disposição,& instinto,que a natureza deu aos viuentes pera sua conseruação, & mui fora de especulaçoens, & caminhos extraordinarios,& nisto mui semelhantes ao modo de gouernar que executado ordinariamente,seguindo nelle as regras naturais,&estrada corrente do entendimento humano,sucede mais felizmente,que caminhando por atalhos,& vsã

do

do de traças mais fundadas no engenho de quem as inuenta, que na verdade,& sustancia das cousas: esta he a estrada mais corrente, posto que tal vez conuem em casos raros,& particulares alguns lanços nacidos de engenho, quando o caminho ordinario se não pode seguir; prudencia he lãçar mão de huã taboa quando o nauio vay ao fundo, so reprouo querer no gouerno ordinario seguir sempre atalhos fazendo força ao entendimento a que se acomode a nouidades, pera admiração do pouo, quando não seja na sustãcia ao menos no modo de dispor os negocios, certo genero de ambição muy nociuo, querer ser singular,& fazer experiencias,& ostentação de engenho a custa do bem publico. E pera que proceda mos nesta materia com mais distinção hemos de presupor que tres modos ha de falar mui differentes hum do outro, em que de ordinario ha muita confusaõ, porq̃ igualmente se pratica hum por outro, saõ estes engenho, prudẽcia,& discrição, no falar: & homens de mui bom entendimento se deixão leuar com facilidade deste erro, julgando por prudente o que he discreto,& por discreto o que tem bom engenho,& não vem a montar isto pouco, em respeito da necessida de, que o principe tem de conformar os cargos com os talentos, não menos importante pera a conseruaçaõ da republica, & estado, que pera a saude do corpo aplicar as medicinas as infirmidades. Muy bom he o engenho, porque he hũa força do entendimento, porem natural sem industria, ou arte algũa: Aristoteles o califica ou reproua em respeito do seu fim, mostrando que a perfeição sua cõsiste na calidade de seu effeito que he muitas vezes mao, sendo per si bom o vigor natural do tal engenho. Plutarcho cõpara os engenhos a terra fertil que se se naõ cultiua facilmente se corrompe, & lança de si bichos peçonhentos, que naõ ha cousa mais perjudicial que hum bom engenho estragado, & dado a vicios, & desordens. He differente a prudencia, diz Aristoteles, não se compadecẽ em sua jurisdiçaõ desordens, nũca se ocupa em cousas indecentes,& illicitas, todas suas acçoens saõ encaminhadas a bem: nem faz contra isto a difinição que Cicero lhe deu chamando lhe sciencia de cousas boas, & mas, porque não tratou do vso, mas do conhecimento, que o mal esta em vsar dos vicios,& a prudencia em os conhecer. Cõsiste a eloquencia, & descrição em saber compor as palauras,& vsar

Arist. l. 6. ethic. cap. 12

Plut. in moral.

Arist. l. lib. 6. ethic.

Cic. li. 2. Rethor.

vsar dellas concertadamente, & com tempo, sabendo na pratica apartar o bom do mao, que por isso se chama discriçaõ. S. Thomas diz que he huma especia de prudencia, porem naõ tẽ mais della, no estado em que hoie corre, que as apparencias: isto quis dizer Quintiliano, que ha muitos homens que pretendem mais parecer discretos que bons, fazendo oposiçaõ entre a discriçaõ, & bõdade, & ainda q̃ muitas vezes se ajuda da prudẽcia, & engenho pera ordenar as palauras, & lhes dar fundamento, o ordinario he ter menos de prudencia o que tem mais de discriçaõ no falar: que nunca o exercicio da lingoa se germanou bem com o do entendimẽto. Ouui muitas cousas, falaõ mui poucas, diz o Sabio Bias: & esta foi a rezaõ, diz Demosthenes, porque a natureza deu duas orelhas, & hũa so lingoa peraq̃ se naõ fale tanto, quanto se ouue; muitos ha que falão mais do que ouuem, & disfarção a murmuração com a discrição, seruindose da honra dos mais inocentes: & pera gente semelhante se fizeraõ os degredos, & Ilhas desertas, porque a murmuração he doença contagiosa, que se pega mui facilmente. Deue ter o Principe grande cuidado em conhecer, & distinguir o engenhoso, o prudente, & o discreto, porque o que serue pera huma cousa deitara a perder a outra. O engenho serue pera inuentar não pera deliberar. Euripides teue por danoso o demasiado engenho, por ser mui amigo de nouidades, & raramente se aquietar com resoluçoens prudentes. Cicero dezia de Iulio Cesar que todas as vezes que via sua muita habilidade pronosticaua vir a ser tirano; & do Emperador Nero conta Suetonio, que de menino foi sempre julgado por de gran de engenho fundamento de todas suas tiranias. Perdense muitas vezes os homens, diz Santo Agostinho por seu engenho, & deitão a perder quanto lhe entregão: pera os conselhos sam perjudiciaes, porque se ocupão mais em inuentar argumentos aparentes que em se conformarem com rezoens verdadeiras. Importa muitas vezes, diz Cornelio Tacito, á autoridade, & reputação do Principe, que se não fauoreçam os engenhos, antes se castiguem como perjudiciaes, porque a presunção com que alguns querem acreditar seu erro, & sustentar sua opinião he causa de se desuiarem da verdade, & com a emulação que ẽ todas as juntas a costuma auer com argumentos engenhosos

S. Thom 3. sententiar. dist. 33. q 2. art. 5

Quintil. l. 12.

Bias. Laert. l 5. ca. 2.

Euripid

Laert. l. 6. apoph.

August ad mace d. epist. 1.

Tacit.

ſos ſe perde o tino à juſtiça & ſe ſegue muitasvezes o peor. O que importa ao gouerno publico, diz Platão, he procurar acertar nas materias graues, & de peſo, não por via de argumentos engenholos, & delicados aquem os ouue, mas com conſideração, & madureza aplicada ao acerto do que ſe trata. Tambem ſe tem por perjudicial a muita fecundidade de engenho pella inconſtancia q̃ delle naçe, & não tomar porto em lugar ſeguro achando pera tudo rezoens encontradas humas a outras, de que reſulta grã de confuſaõ, cujo effeito não pode ſer outro mais que deſordens: rezão que deuia ter Santo Thomas pera julgar por mais neceſſario, & excellente o juizo que o engenho, quando trata de hum, & outro. Ariſtoteles faz differença entre o engenho & prudencia dando a eſta melhor lugar, & julgando ſeus effeitos por mais vteis ao gouerno: todauia caſos ha em que a neceſſidade, & aperto grande requere hum remedio extraordinario, & nacido de grande engenho, como eſta dito, qual foi o que vſou elRey Dom Pedro o quarto de Aragão tendo elRey Felipe de França cercada a cidade de Girona, aqual era delRey Dom Pedro, & tendo feito huma groſſa armada pera acodir com mantimentos ao ſeu exercito, elRey de Aragão, que o ſoube fez outra armada, vendo porem que não era de conſideração a reſpeito da Frãceſa, valeoſe de ſeu engenho, acordou de buſcar homens mui bons nadadores, que foſſem de noite a armada Franceſa, & furaſſem os nauios com muita quietação, depois diſto feito, tãto que amanhece o começou a parecer com os ſeus poucos nauios aos Franceſes os quais os quiſerão ſeguir, porem pouco, & pouco hiaõ ficando atras, & dando ſobre elles a armada Aragoneſa os desbaratou, & faltando com mantimentos ao exercito que ſuſtentaua o cerco da cidade, forão morrendo de fome, de que ſe leuantou huã grande peſte de que morreo el Rey de França, & o exercito todo: ſuceſſo em que claramente ſe vio quanto mais poderoſa he algumas vezes huã traça nacida de engenho que todo o poder, & ventagem dos inimigos. Certo corteſão diſſe que ſe auia de vſar do engenho grande em hum caſo apertado, particularmente em materias militares, onde os eſtratagemas ſam de muita importancia, porem no gouerno ordinario mais vezes he perjudicial que vtil

Plato de legibus. l. 1.

Valer. hiſt. ſcol li. 7. tit. 4. ca. 7.

til, porque os meyos mais naturais, & faceis encaminhados com prudencia saõ os que trazem melhores sucessos: acha se nella mais assento pera encaminhar todas as acçoens a felices fins. Com tudo conuem aduirtir que se não aplica facilmente a negocios humildes, & de pouca consideraçam a prudencia de quilates: nem o entendimento brioso, & graue se acomoda a negocios rasteiros, porque muitos ha que dependem mais de agencia, que de conselho, & outros em que seruira mais parte de discrição q̃ de prudencia: & por ventura q̃ destes dèmelhor rezão hũa pessoa particular, que outra de mais autoridade, & brio, circunstãcias que em outro particular se repetem. Não importa menos conhecer a natureza, & calidade da discrição no falar, em que ha mais engano que ẽ outra cousa, pois a natureza quis que a pratica fosse imagẽ do conceito fabricado pello entendimento: mas he tão poderosa a arte, & costume que vence muitas vezes a natureza, & faz, que hum fale sem o entendimento, & consideração ter seu lugar, como hum passaro ensinado a dizer palauras bem concertadas; resulta daqui grã de confusaõ nos que ouuem, ẽ não saberem distinguir a prudencia da discrição, por se seruirem ambos por hũa porta: & vemos que ordinariamente falão mais, & com mais concerto os que menos entendem, de que resultão desordens grandes nos negocios cujo sucesso não tem dependencia alguma de falar. Plutarcho conta que indo huns Embaixadores dos Samios a Cleomenes pedindolhe fizesse guerra a Policrato, determinaram persuadilo com mais palauras, & concerto dellas, que fundamento, & rezaõ, depois que acabarão a sua proluxa embaixada, lhes respondeo Cleomenes: o que disestes no principio ja me naõ lembra, & por isso naõ entendo o que dissestes no meyo, a vltima rezão naõ me esta bem; & assi os despedio dandolhe a entender que nos negocios de importancia naõ serue o concẽrto de palauras, mas a sustancia dellas, & as que muitas vezes parecem mais elegantes, & sentenciosas; apertadas bem saõ fundadas no ar: & ha homens que todo o seu cabedal metem nesta mercadoria. Indo Theocrio a Bizancio, & achando a mayor parte dos homens com este deffeito disse que vi a hum genero de gente mui extraordinaria pois todas suas alfayas tinhão na boca, estes tais diz Salamam sam per-

Plut. in lacon. apoph.

Stob. in serm.

judiciaês ao gouerno da republica. Deue o Principe aduirtir muito adifferença que ha entre o falar, & obrar, porque he o mais certo caminho de conhecer os talentos, & não se enganar com as pessoas.

DISCVRSO III.

Se conuem aos Principes a vnião dos vassallos.

TRATEI do amor q̃ deue hauer entre o Principe, & seus vassallos, porẽ não basta se elles forem entre si desunidos, que da diuisaõ dos subditos resulta a ruina de todos sem excepção de superiores contra os quais este vicio se arma mais furiosamente: necessaria he a vniaõ porem tambem tem suas fezes, como a diante veremos, tratando por ora de suas virtudes. Foi marauilhosa a ordem com que a natureza dispos todas as cousas, subordinando humas a outras concordando as que entre si erão desiguais, & conformando-as, que erão desproporcionadas. Plutarcho considerou que dependia a vida humana, & sustẽtação do mundo da concordia entre quatro inimigos tão contrarios, como seco, & humido, frio, & quente: pera que a vnião ciuil imite a mesma natureza, & se entenda que se a conseruação do corpo natural cõsiste na conformidade de inimigos, não pode o corpo mistico da republica conseruarse entre discordias, & descõcertos dos mesmos cidadoens, que se saõ desiguais na nobreza, entendimento, & bens da fortuna, & naturais, dessa desigualdade deue resultar huã consonancia mui igual. S. Agostinho notou a armonia que a arte ensinada pella mesma natureza fez, que resultasse de vozes altas, & baixas & por esta causa, diz Pierio Valeriano, que tinhão os Romanos a viola por hieroglifico da concordia pera mostrarem que a conformidade fundada sobre cousas desiguais, causaua mayor consonancia, & concerto. Plutarcho conta que indo hum sofista a Athenas com intento de persuadir aos cidadoens que naquella ocasião andauaõ mui differentes, a que se conformassem huns com os outros, era elle mui pequeno do corpo, & saindo a publico pera fazer sua pratica, foi o riso do pouo tanto, que não auia aquietalo, & dà qui mesmo tomou ocasiaõ pera persuadir seu intento, dizendo, que sua molher era muito mais pequena, & cõ tudo não cabião ẽ toda a casa o dia q̃ discordauão & en-

Plut. in mor.

August. lib. 1. de ciuitate Dei cap 21.

Pier. Valer. l 24.

Plut. in apoph.

& em quanto estauaõ concordes;hum lugar muito mais pequeno lhes sobeja;homens desunidos,& amigos de discordias não ha cidade,nem Reyno em que caibão. Os Historiadores antigos dizem que nunca em Roma ouue mayor desconsolação dos moradores que em vida de Romulo que como admitio muitos estrangeiros, & que antes tinhaõ sido inimigos dos Romanos não auia remedio pera se vnirem, & conformarem em amizade,morto Romulo,& começando a Reynar Pompilio que com os poucos fauores os obrigou a se conformarem, começou a florecer Roma em prosperidade,& grandeza. São Gregorio Nazianzeno colligio a necessidade que as respublicas tem de vniaõ,& conformidade,da que tem esta republica pequena do homem:nella se achaõ Principe,& vassallos com differentes officios, o entendimento manda os pes vão pera ô de saõ mãdados,os olhos guiaõ, a lingoa forma as palauras pera as pronũciar,os ouuidos recolhẽ o som,os narizes o cheiro, as maõs saõ os ministros, que tẽ a sua conta distribuir,& aceitar o q̃ he necessario pera sustentação de todo o corpo, se faltara nestes a concordia em q̃ a natureza os criou,& quisessẽ hũs ter os officios dos outros,mal se puderão conseruar,porque nem a lingoa he capaz para andar, nẽ os ouuidos pera ver, nẽ os pes pera falar,nẽ as maõs pera entẽder:foi esta mesma cõsideração de Seneca;cõformanse os membros,diz elle,cada hũ com o officio q̃ a natureza lhe deu,se faltara isto,resultara huã confusaõ q̃ ẽ breue acabara tudo.Fazendo S.Gregorio mençaõ da vestidura sacerdotal de q̃ vsaua o Sũmo Sacerdote da ley velha quãdo hia fazer sacrificio aqual estaua cercada pellas pontas de romãs,diz q̃ significaõ estas os pouos dos fieis,q̃assi como estão os graõs vnidos debaixo da mesma casca,assi deuẽ ser os pouos Christãos na conformidade, & vniaõ que deuem entre si guardar,de que Deos se contentou tanto por ser o meyo mais proporcionado a conseruação dos homens,que notou Sam Hieronimo ser esta a rezão,porque Deos não quis deitar a benção ao segundo dia,deitando a todas as mais obras:como o segũdo dia se diuidio do primeiro interrompeo a perfeição da vniaõ que Deos quer em suas criaturas.Se os que viuem juntos na mesma republica se contentarão com o lugar,q̃a sorte lhes deu,naõ tiuerão entre sy discordias fundadas em odio,& ambição com q̃ se consumẽ por querer cada hum ter officio,&lugar

Seneca. lib. 2. de ira cap. 51.

Greg. past. cap. 4 & li. 1 registri epist. 24

desproporcionado a sua capacidade,& não sofrer ventagẽ no lugár ao que o tem no talento. Os que saõ inferiores, naõ tem paciencia pera o serem(diz Aristoteles)& os que saõ iguais não se contentaõ com serem tão bons como os outros, ainda que todos sejão irmaons. Sciluro teue oitenta filhos, estando pera morrer os mandou ajuntar todos,pera os persuadir a q̃ tiuessẽ conformidade entre sy, mandou fazer oitenta varas, & atandoas todas juntas as deu ao mayor que as quebrasse recusou elle fazelo pella imposibilidade que via,& pello cõseguinte os mais:essa mesma impossibilidade, respondeo o auisado pay,teraõ todos os que vos quiserem destruir,& conquistar ẽ quanto estiuerdes vnidos, & cõformes:o dia que entre vos ouuer discordia,se acabara vossa prosperidade.Desta traça vsou aquelle prudente Rey Mycipsa estando no fim de sua vida pera persuadir a seus filhos a serẽ amigos:eu vos dou hum Reyno mui firme,se fordes amigos & virtuosos,lhes disse o Rey,porem mui fraco se for o contrario disto, porque a concordia he a que sustenta , & fortalece os Reynos.Não lhe parecia q̃ deixaua Reyno permanente, se lhe faltasse amizade, & vniaõ. Não tem a discordia, & ambição respeito as leys de irmandade,nem de amizade, igualmente inquieta a altos,& baixos,amigos,& inimigos. Não repara disse o Poeta Silio,em descõpor & inquietar os que mais entronizados estão,antes com os mais nobres,& ricos,mostra seu poder,se conforme Aristoteles a nobreza,& riqueza saõ o principio de todas as discordias. As inquietaçoens,& guerras ciuis dos Romanos continuadas por tantos annos,no poder dos mayores com o fogo da ambição se foraõ ateando. ElRey Dom Affonso o sabio dizia,que se viuera naquelle tempo, hauia de edificar hum templo a Iupiter, offerecendolhe a composição das discordias,& que nelle se auiaõ de ajuntar primeiro os que quisessem tratar de algum negocio publico,porque todos os males da republica,ou a mayor parte delles nacem de pareceres encontrados, fundados em ambição,ou odio.Entre Roma, & Carthago ouue muitas guerras,que puderão ter remedio sẽ quebra antes em vtilidade de ambas as partes,falando a Anibal em pazes,& em se acabarẽ aquelles odios, respondeo, que quando se acabasse huã das partes:& não tendo muitos annos, tinha tanto odio aos Romanos, que não trataua tanto da quietação de sua patria,como da satisfa-

Arist.l 8.Polit

Silius.9

Arist.l. 5.polit.

Panorm.de rebus gestis Alph.

Plut.in moral.

Plut.in Anibalis vita

tisfação de seu odio, menos per judicial em differentes respublicas, porque quando este se atea entre os mesmos cidadoens he o mais perigoso estado a que a republica pode chegar. Bem o experimentou a Monarchia de Babilonia figurada nos pes de ferro, & barro da estatua de Nabucodonosor, em que a pedra auia de dar pera a por por terra: porque as vontades encõtradas dos cidadoens de que a republica se compunha não admitindo vniaõ como o ferro, & barro, forão causa de se acabar: tambem o experimentou Espanha no tempo que estaua sogeita aos Romanos, rebelandose contra o Imperio, & padecendo infinitos trabalhos por discordias que ẽtre o pouo, & Principes houue. Foi mui prudẽte a resoluçaõ que os Athenienses tomarão quando viraõ que el-Rey Xerxes vinha com huma mui grossa armada contra Grecia, começou aleuantarse duuida sobre o Generalato da armada dos Gregos entre os Lacedemonios, & Athenienses, & posto que os Athenienses erão neste tẽpo mais poderosos, & tinhão muitas vezes triumphado dos Lacedemonios sofreraõ que elles tiuessem o Generalato da armada por escusarem as discordias, & competencias, que podião ser de muito perigo, em tempo que estauão em vesporas de prouar forças com os inimigos: foi grande prudencia, & louuada dos historiadores por de parte o ponto de hõra com aquelles cuja amizade, & vniaõ era de tanta importancia: & se entre differentes naçoens he de tanta importancia a conformidade quando está de permeio a defensão da republica como pode deixar de ser prejudicial a desuniaõ entre os mesmos naturais, muitas vezes por mui leues causas, & por respeitos particulares, de que ordinariamente nacem as mayores calamidades da republica. Não achou Frederico mais efficaz remedio pera destruir a Roma, & o estado da Igreja, que semear discordias, fazendo differença nos trages, & appellidos entre os mesmos naturais: & de tal maneira foraõ crecendo, que naõ houue tempo em que o estado Ecclesiastico estiuesse mais arriscado. Não pode conseruarse a republica entre discordias dos mesmos cidadoens. Nem pera o bõ Principe ha cousa de mais desgosto, nem mais perigosa: tendo os Principes tiranos seu valhacouto nas dissensoens. He a concordia tão justa, diz Seneca, que se receaõ della os que se cõseruão com desordens, & injustiças, serue de fortaleza, & muros aos Principes verdadeiros, & re

Monarch. Eccles. 2. p

Seneca epist.

ctos,& de temor,& espanto aos que saõ tiranos,& inimigos do bem comum. Pergũtado aquelle auisado Rey Agesilao porque rezão naõ daua ordem pera q̃ a cidade de Esparta se cercasse de muros, disse que não auia mais fortes muros que aconformidade,& vniaõ dos cidadoẽs, & que nisto empregaua o tempo não em leuantar muros de pedra,& cal. Lycurgo diuidio, & repartio as terras dos Lacedemonios entre os cidadoens os quais tinhaõ largado todas suas propriedades pera que igualmẽte se fizessem sortes,& ficassem taõ ricos huns como outros, & ausentandose por largo tempo quando voltou a Lacedemonia, & vio os campos cheios de feixes de trigo ja segado,& posto em ordem, disse com grande gosto aos que o acompanhauam: vede que cousa taõ alegre parece Lacedemonia huã fazenda de muitos irmaons q̃ ha pouco a diuidiraõ entre sy: & nisto diz o philosopho Antisthenes consiste muito mais a fortaleza de huã cidade,& de hum estado q̃ nos muros,& baluartes. Tendo Deos nosso Senhor a sua conta o gouerno do pouo Hebreo, & podendoo conseruar,& augmẽtar em virtude de seu poder sẽ outra alguma ajuda em todas as obras de consideração quis que precedesse a conformidade, & vniaõ do pouo, quando se ouue de reedificar o templo de Hierusalem destruido por elRey de Babilonia, diz o Sagrado Texto que se ajuntou todo o pouo, como se fosse hũa so pessoa; & quando se ouue de vngir Dauid por Rey de Israel todos os tribus se ajuntarão, & pera que em huã obra de tanta consideraçaõ naõ ouuesse alguns queixosos,& desunidos, que a desautorizasse,& fizessem menos airosa, ordenou Deos que o mesmo Dauid declarasse,& certificasse a pouca culpa, que tiuera na morte daquelles dous Capitaens Abner,& Isboseth, que como hauião de ter amigos,& sequazes era prouauel que o desgosto,& paixão desunisse estes dos mais amigos de Dauid: & fora desar de hum tão solemne acto hauer nelle variedade de vontades, o que bastara pera Deos naõ asistir nelle, pello odio que causa a desuniaõ. No Exodo conta a Escritura sagrada, q̃ passados tres meses que os Israelitas tinhaõ saido da terra de promissaõ, indo Moyses a hum monte falar com Deos lhe disse, que da sua parte auisasse o pouo, que se queria receber fauores seus guardasse sua ley, & ouuisse sua doctrina, a que o pouo todo respondeo a huã voz, q̃ assi o fariaõ: pergunta Lyra delicadamente se Deos nosso Senhor

Plut. in apoph.

Man. l. 1. apoph

Laert. l. 1. ca. 1.

1. Esdr 3.

2. Reg. 5.

Exod. 19.

nhor sabia mui bem se hauiaõ estes homens de guardar sua ley,ou naõ:que necessidade tinha de lho mandar dizer, & de querer o seu sim,a rezão era diz Lyra,porque gostaua Deos tanto da vniaõ,& conformidade do pouo,que ainda que depois lhe viesse a desobedecer, & fazer o contrario do que prometia,queria por então ver entre todos aquella mesma vontade,que era o mais efficax meyo de se conseruarem , & motiuo mui certo de terem por si a ajuda diuina.Bem longe estaua Põpeio de entrar a cidade de Hierusalem se os Capitaens de Aristobolo,& de Ircano se naõ diuidiraõ,& com elles os soldados,& gente de sua facção, no mesmo ponto que faltou nelles a vnião que antes tinhaõ,começou a cidade a renderse a Pompeio,sem bastarem os muros,& fortalezas pera sua defensão de maneira que não ha duuida ser a cõcordia,& amizade dos mesmos cidadoens a mais inexpugnauel fortaleza,que os homẽs podem fabricar,pello que deue o Principe pòr todas suas forças em aconseruar,& grangear, & quando o mal estiuer taõ apoderado,qne naõ bastem remedios leues deue cortarse pelo saõ,como se faz em chagas, que comunicão sua corrupção que em respeito da paz vniuersal,& quietaçaõ da republica, não ha rezão particular que seja de consideraçaõ alguã.

DISCVRSO IIII.

Continuase a mesma materia aduirtindo que nem em todos os casos he vtil a vnião.

SVPOSTO q̃temos visto quam necessaria he a vniaõ , & conformidade dos vassallos conuẽ aduertir que se entende quando os animos são puros,& inclinados ao bem,que vnir pera o mal he vicio não virtude , nem se chama vnião,mas conjuraçaõ, aqual de duas maneiras costuma alterar,& descompor a republica,ou extrinsecamente cõ os ventos,& tempestades dos elementos vizinhos(que a republica muitas calidades tem de mar) ou intrinsecamente com os vapores, que dentro em si cria,de que muitas vezes nacẽ as mayores tormentas:a esta semelhança apontarei dous generos de conjuraçoens. A primeira quando alguns Reynos se vnem contra outros. A segunda quando os vassallos contra seu Principe,não tratãdo da que se acha entre os mesmos vassallos huns contra outros,porque ainda que o dano he igual o sucesso

ſo não he taõ ordinario onde ha Principe,que lhe atalhe. E vindo ao primeiro ponto, ainda que ſempre ſe teue por couſa perigoſa grángear o odio dos vizinhos,he o perigo mais certo,ſe ao odio ſe ajunta ſerem os tais entre ſi vnidos, & conformes,o que não acontece poucas vezes ſe ſe temem,& receão por não ter cada hum per ſi baſtante forças,ou concebem odio á ſoberba,ou demaſiada fortuna do vezinho:porque deſta ſorte não ſo ſe ficão ſeguran do,& lançando o temor,mas abatendo os brios,que aborrecẽ & temem,que nunca entre vizinhos foraõ bem aceitos. Ten do elRey Carlos de França entrado por força de armas a cidade de Napoles, & eſtando ẽ bella paz gozando dos regalos, &paſſatempos daquella dilicioſa cidade mui ſoberbo com a vitoria,que com mui pouco cuſto tinha alcançado,ſoube que elRey Fernando de Aragão pretendente ao meſmo Reyno de Napoles fazia huã groſſa armada,& que os Venezianos armauão mais de quarenta galès, & o Emperador Maximiliano ſe fazia preſtes com grande copia de Tudeſcos,foi tão grande a turbação de Carlos, que baſtou eſta noua pera lhe abater a ſoberba da paſſada vitoria, & lhe agoar o goſto das recreaçoens,que gozaua,tendo por certo,que a conformidade com q̃ aquelles Principes ſe hião apreſtãdo, era cõjuração cõtra elle: & lançaua mui boas contas, q̃ a proſperidade dos eſtados,principalmente quando he repentina,& com acrecentamento de poder,deſgoſta,& deſanima os que ſe ſentem com menos reſiſtencia,& como eſtes procurẽ ſua conſeruação pellos mais faceis,& ſeguros meyos, claro he que ſempre eſtes foraõ quebrãtar o poder,& forças,de que os receyos nacem.He neſte particular neceſſario aduertir o eſtado dos vezinhos,& ſe eſtam em paz hũs com os outros, procurar a meſma amizade, & ſe diſcordarem telo a boa fortuna que a diſcordia entre os vezinhos ſegura a paz dos que podem menos.De Catão eſcreue Plutarcho que de propoſito, & com deſtreza ſemeaua alguãs pendencias entre ſeus criados, temendoſe de ſua muita conformidade porque ſe eſta acerta de ter alguma peçonha, o ſenhor da caſa o paga. O ſegundo genero de coujuração ſe cõta entre as cauſas intrinſecas da corrupção do eſtado,porque ſe acha entre os vaſſallos,& ſeu Principe, & cria dos muros adẽtro,como os roins humores no corpo humano principio das infirmidades,& da meſma morte, tanto

Plut. in vita Cath.

tanto mais perjudiciaes quanto a raiz do mal esta mais de dentro. Tito Liuio tem por muito mais perigoso este segundo genero de conjuração, & mais arriscado a destruir o estado, que as guerras dos inimigos, porque estas seruem muitas vezes de exercitar, & de acautelar, & quãdo chegão a fazer todo mal, q̃ podem prouão as forças a arca partida, & em praça publica: porem a conjuração, que se cria das portas a dentro, com capa de amizade, & sem se imaginar tal, pare monstros extraordinarios. Cornelio Tacito considerou que a primeira rudimenta em que os tiranos fundão os males que fazem á republica he acquirirem asi os animos de alguns poderosos, pera que fauoreção seus intentos: por esta via começou Lucio Catilina a pretender o principado da republica Romana, & Marco Bruto, & Cayo Cassio se vnirão pera matarem a Cesar, persuadindo a este seu intento outros muitos com esperanças de melhor gouerno, & mais liberdade: que todo o crime deliberado se funda em alguma vtilidade, porem deste vemos poucas vezes resultar bem algum, porque a republica padece as discordias, & alteraçoens que se achão em zelos differentes, & encontrados, que se saõ em poderosos, parão em grãdes males, & os que daõ ocasiaõ a elles ordinariamente pagão por todos, ou porque a prouidẽcia diuina naõ permite que perualeção autores de discordias, ou porque como semelhantes zelos saõ pella mayor parte fũdados em ambiçaõ, & paixaõ, poucas vezes se effeituaõ como se imaginaõ, que estes vicios de sua natureza cegaõ o entendimento, & sem considerarem o fim se arremeção ao que lhes parece. Contra Moyses Principe do pouo Hebreo se vniram aquelles tres traidores Chore, Dathan, & Abiron, leuando apos si muita gente, que ainda q̃ Moyses era o melhor Principe que elles podião ter pois era dado por Deos, & por sua ordem gouernaua, como os subditos se descontentão por natureza, & não por rezaõ, houue muitos, q̃ consentirão na conjuração: o remedio que Deos aplicou a este caso foi mãdar apartar aos tres autores della da conuersação do pouo como gente apestada, & que a terra os tragasse: & este remedio de os diuidir, & apartar da comunicação he o mais efficaz pera semelhante mal pella facilidade com que se pega. Desta traça vsou o Papa Leão decimo na conjuração q̃ contra elle fizerão alguns Cardeais, ao autor, & causa principal mandou justiçar afrontosamente

Liuius. 3.

Tacit. lib 2. ann.

Sabell. l. 5. enn. 6.

Plut. in Brut.

Num. 16.

Paul. Io n. li. 19 cap. 1.

mente, & aos mais complices na conjuração mandou desterrar, reformando o consistorio de outros Cardeais pessoas em virtude, & letras eminẽtes. Não ha duuida que com mui pouca culpa dos Principes se alterão muitas vezes os mares, & se leuantão grandes tẽpestades principiadas na malicia dos que per ambição, & inueja não sofrem ver ventagem ainda naquelles que a natureza quis auentajar em valor, & partes, por mais rezoens de sangue, & amizade q̃ de permeyo haja. Espantase Plutarcho da fortuna do Capitam Sertorio, & da excellencia de suas empresas, & vitorias, escapando de seus inimigos que por diuersas vezes o pretenderão matar, & vir acabar a vida as maons de seus proprios amigos vnidos, & conjurados contra elle em odio de seu grande valor. E da Escritura sagrada nos consta quão pouco bastou pera entre os irmaons de Ioseph hauer outra semelhante conjuração leuados da inueja, não do que vião, mas do que sospeitauão, q̃ ate sospeitas, diz Philo Iudeo quando saõ fundadas nos merecimentos da pessoa, bastão pera matar hum enuejoso: porem tratem os Principes de não darem da sua parte ocasião a que os vassallos se alterem atalhando ao odio, porque quando este nasça de ambição dos que nunca saõ contentes, leuara poucos apos si, mas quando se justificar com os excessos que cometer, terão mais disculpa os que se atreuerem. Conjuraraõse os Israelitas contra el Rey Roboaõ, & como a causa era justificada pella cobiça, & crueldade com q̃ o Rey trataua seus vassallos, diz a Escritura sagrada, que nẽ hũa so pessoa seguio a Roboaõ de todos os onze tribus, so o tribu de Iuda ficou em sua obediencia, tinhão desculpa, & geralmẽte bons, & maos se rebelaram. Triste estado, pera hum Rey ser julgado ainda das naçoens estranhas por digno da desobediencia, & rebeliaõ dos seus, & desgraciado se despende de sua beneuolencia, & fauores, empregandoos com taõ pouca cautela que de ocasiaõ de desprezo, que os fauores em animos baixos, & enuejosos os mesmos effeitos causaõ, que a crueldade. Não bastou ao Emperador Tiberio Cesar ser o mais felice Principe, que aquelles seculos conhecerão pello amor com q̃ dos seus foi tratado, merecido na prudencia, valor, & brandura com que os gouernou pera escapar das traiçoens de Sciano, & outros, que conjurados contra elle o pretenderaõ matar, não por ser odiado, mas por que os fauores, & merces, que de

Plut. in vita Sertorij.

3. *Reg.* 12.

Cornel. Tac. l. 5. hist.

Dio. Cassius in Trayano

de Tra jano tinhão recebido lhe tinha criado mais brios do necessario,& porque semelhan tes sucessos pella mayor parte nacem do aplauso com que o pouo respeitá alguns grandes, ou do poder demasiado que os Principes lhe comunicaõ conuem aduirtilos da cautela com que neste particular se deuem hauer.

DISCVRSO V.

Se conuem fazer vassallos demasiadamente poderosos.

ENTRE as virtudes que apontei por necessarias aos Prĩcipes he a liberalidade por ser a que mais lustra,& melhores effeitos causa nos animos dos vassallos,quando a prudencia a limitar aos termos conuenientes pera que o excesso lhe não tire o valor,dando tanto que fique faltando ao necessario,& pedindo o que justamente se lhe pode negar.Outro genero de liberalidade se acha em Principes de grandes brios,& se exercita mais ordinariamente com os domesticos,em grandecendoos algũas vezes tanto,que excedẽ sua capacidade,& neste caso esta a duuida se conuẽ honrar,& enriquecer com demasia os vassallos,quãdo o q̃ se lhes der não fizer falta:muitos tem esta acção pella mais generosa,& que se não acha se não nos mayores Monarchas,porq̃ a excellencia que nos homens se a semelha mais a Deos,he fazerem bẽ, & leuantarem a mais alta fortuna os que a natureza criou na mais inferior,& a ventagem de mais estimação que os Principes fazem aos vassallos he terem este poder,pelloque conuem aduirtilos pondolhe diante dos olhós a quantos custou a vida,& honra vsarem delle inconsideradamente,porque o atreuimento com que alguns se resoluerão a aspirarem aos lugares que nunca imaginarão,& as desgraças,que outros padecerão daquelles mesmos que honrarão, & leuantarão em beins da fortuna,effeitos foraõ da liberalidade absoluta,& sem o freio da prudencia,donde se deue colligir outra mais certa rezão de estado opposta a que ensina a boa condição,q̃ não conuẽ encher tanto ainda os de grandes merecimentos que fiquem trasbordando,porque tudo o q̃ excederem os termos de sua capacidade se conuertera em armas ofensiuas contra aquelles mesmos,que os hõrarão,& acrecentarão,porq̃ são raros os q̃ se sa-

bem moderar na prosperidade se esta acerta de assentar sobre fracos fundamentos de valor,& fidelidade,& muitos os q̃ se desconhecem assi,& áquelles que os subirão aos lugares q̃ tẽ; o q̃ não menos ꝓporta a paz,& felicidade da republica q̃ aos Principes,porq̃ os demasiadamente poderosos saõ como aruores grãdes,q̃ não dando fruito a sõbrão & não deixão crecer as pequenas. Tenhão os Principes por cõselho verdadeiro o de Baldo, q̃ o melhor presidio da republica he não deixar crecer alguẽ cõ demasia. Entrou a seruir ẽ casa do Emperador Comodo, Cleandro natural de Frigia,& de geração tão baixa q̃ os melhores parentes seus erão regatoens, & tinhão per officio andar vendendo pellas ruas, porẽ não bastou isto pera lhe abater os fumos q̃ juntamẽte cõ as riquezas,& mãdo hião crecẽdo q̃ como assẽtauaõ sobre principios humildes de tal maneira lhe cegaraõ o ẽtendimẽto,& lhe tiraraõ a memoria do q̃ tinha sido,q̃ se atreueo a pretender o Imperio por meyo do dinheiro q̃ do mesmo Emperador tinha recebido: & cõ o fauor dos soldados de q̃ elle o tinha feito Capitaõ General,de sorte q̃ foi necessario tratar o Emperador de sua cõseruação, & por vltimo remedio matar a Cleandro,& seus descẽdentes quando ja pudera ser morto,se o segredo da maldade se não rõpera por algũas dissẽsoẽs q̃ entre o pouo se leuantaram: ou pera melhor dizer se a justiça Diuina naõ atalhara a q̃ perualeceſſe a maldade de hũ traidor nacida dos mesmos fauores & merces que costumaõ obrigar os animos mais liures,& tirar todo odio, & rancor: que quando a malicia he tanta q̃ atropela todas as rezoens naturais vem a causar effeitos violẽtos,que ou persi se desbarataõ, ou por castigo de Deos se acabaõ. Estando os Felisteos combatendo a Ceila deraõ nouas a Dauid deste sucesso,& posto q̃ a Saul pertencia acodir a elle como Rey que entaõ era de Israel,toda via como Dauid estaua ja vngido & tinha amizade com os Israelitas determinou a codirlhe como de effeito fez liurandoos das maons dos Felisteos, o agradecimento que por isto lhe deraõ foi tratarem de o entregar a Saul. porem foi mui differente a traça com que Deos desfez estes pensamentos pois naõ somente liurou a Dauid,mas então parece que lhe segurou a coroa real porque logo se foi ter com elle Ionatas filho do mesmo Saul,& lhe affirmou que sem duuida seria Rey de Israel: altissimo juiso de Deos que quando Saul quer

Bald. ad § cõuenticula de pace juramento firman. in feudis.

Petr. Greg. de rep. lib. 22. c. 9

1. Reg. 23.

quer tomar por instrumento de matar a Dauid aquelles mesmos que tinhão obrigaçaõ de o amparar,& defender, não sò lhe fique frustrado seu pensamẽto,mas ẽtão fique mais incapaz do Reyno,& mais certa sua destruição, denunciada por seu mesmo filho,aquem o sangue, & amor natural obrigaua pelejar por seu pai, de sorte que a malicia do crime com que se quis conseruar se armou pera o destruir,& a diuida natural,que quis peruerter nos Israelitas obrigados a Dauid achou voltada contra si em seu proprio filho: que não sofre Deos vsarem os homens mal,& tomarem occasiaõ pera perjudicar,dos meyos que a natureza ordenou pera obrigar. Porem tratamos rezoens politicas em que não hemos de recorrer aos juizos Diuinos,particularmente neste assumpto em que conuem persuadir aos Principes a que dispensem de seus beins com tanta cautela,que não dem armas pera a ambição se desenfrear,& sair de seu curso, cortando por todas as rezoens de obrigação pois a experiencia tem mostrado que tanto se atea a malicia de hum ambicioso quanta he a lenha de poder, & mando, que se lhe aplica,& he necessario escaramentar em cabeça alhea,que não basta valor proprio pera resistir à semelhante genero de male: antes acontece muitas vezes que onde este he mayor se crião mayores monstruosidades, que tambem o sol com os mesmos rayos cria o ouro,& pedras preciosas,& as eruas peçonhentas, segundo as disposiçoens da materia. Valeroso foi o Emperador Seuero Antonino porem não se pode liurar de dar armas contra si à hum vassallo seu fauorecido, q̃ o amor nunca presume mal: chegou a leuantalo de mui humilde fortuna,& a fazerlhe tantas merces, que depois de lhe dar grandes riquezas casou o Principe seu filho com hũa filha sua,crecerão as honras, & com ellas o poder,& mando de sorte que intentou matar o Emperador,& ainda seu genro, posto,que no mesmo tempo em que a traição se hauia de executar foi descuberta, pagando o autor della o esquecimento q̃ teue de agradecer a sorte que lograua em pretender, o que não merecia. A duuida, que aqui mais se representa he, se o tal poder,& mando for crecendo com menos culpa do Principe,& chegar a competir com a pessoa Real, que remedio se lhe applicara porq̃ a reputação, & amor q̃ muitos acquirem no pouo,ou por fazerẽ boas obras ou pella astucia com que sabẽ

Herodian. in 7

fingir seu procedimento não depende da vontade dos Principes,& o mesmo acontece nas riquezas,que por varios modos se acquirem,& com ellas a authoridade,que o pouo nunca soube a valiar as honras,& sempre deu o melhor lugar as riquezas.Ocaminho mais seguro he por de parte a força, & vsar da manha, porque a alteração do pouo nunca foi segura,principalmente em respeito de hũ, ou de outro Principe em que pelejão a obrigação, ou amor de hum com as esperanças de melhor fortuna,& o odio do outro,que pera o ter basta desejarẽ mudanças,& qualquer desunião do pouo he pouco segura,antes mui arriscada.Quẽ mais prudente,& amado dos seus,que o Emperador Tiberio, ninguem com mais confiança pudera vsar de seupoder,& authoridade: contra hum inimigo poderoso que se lhe quis atreuer,diz Suetonio que se valeo de manha pera o destruir,& que não quis arriscar o sucesso vsando de poder Real,porque a autoridade do inimigo,o amor, & aplauso com que o pouo o respeitaua era tanto q̃ ja lhe celebrauam publicamente seu nacimento, & lhe fazião estatuas de ouro, & era impossiuel naõ hauer grãdes desordens no pouo, se este se persuadisse,a que podia dar vida,& conseruar em seu estado aquem tanto respeito tinha. Muito se receou elRey Antigono de Python Capitaõ General de seu exercito, porque como fosse crecendo em authoridade.& poder entrou em pensamentos de ser Rey, & pera isto começou a fazer gente cõ o mayor segredo,que pode,chegou a noticia disto a elRey, o qual dando a entender que sabia o que se dezia,tambem mostraua,& affirmaua,que não podia caber tal na fidelidade de Python,& que eraõ inimigos os que isto lhe leuantauaõ, antes fiaua tanto de seu procedimento que aparelhaua soldados, & gente de guarda pera lhe mandar:soube isto Python, & teue por sem duuida, que estaua em graça delRey, porque a ser o contrario trataria de lhe tirar a gente de guerra, em que elle se fiaua,& naõ de lha acrecentar,& vindose a elRey cõ muita confiança,foi morto mui quietamente sem os tumultos que de qualquer outro meyo resultarão:porque o certo he q̃ se os culpados chegaõ a tirar a mascara,& se publicão,he o maispe rigoso estado que pode hauer pera o Principe:& assi Cornelio Tacito tratando de apontar remedios em semelhante genero de mal,aduirte que se lhe appli que quando começar a crecer que

Sueton. in vita Tiber.c. 65.

Dolianus l.4 strategematon.

Tacit. 1. hist.

que os inconuenientes podem ser depois tantos, que seja impossiuel romper por elles. Mal socedeo ao Emperador Gordiano descuidarse de atalhar com tempo a reputação,& authoridade que Phelippe por suas traças foi grangeando com o pouo,com animo de lhes vsurpar o imperio como fez,& naõ se dando por seguro,tratou de lhe tirar a vida,que a ambição nos grandes nunca tem fim, & naõ se contenta com alcançar quanto deseja, mas com se segurar dos que podem fazer resistencia a seu poder.Outro remedio he ir diminuindo a jurisdiçam & mando dos que vaõ crecendo de sorte que possaõ fazer sombra,ou diuidilo por outros mais confidentes, ou limitandoo a tempos,porque he experiencia certa em que os Gregos,& Romanos se perderaõ: que a grandeza dos officios,& extensaõ do tempo dauaõ tantos brios aos que os tinham,& com o pouo tanta reputaçam, que se vinhaõ a fazer senhores da republica. Aduirtio prudentemente Iulio Cesar esta rezaõ de estado do sucesso que elle teue em chegar a ser Emperador, de homem particular pello poder,& mando que foi acquirindo,& querendo atalhar a que lhe não socedesse com algũ poderoso o q̃ entre elle,& a republica tinha socedido,ordenou q̃ os officios se limitassẽ a muitos tẽpos,pera q̃ nẽ o pouo chegasse a respeitar com demasia a algũa pessoa particular,nẽ as riquezas fossẽ crecendo cõ os interesses dos officios de sorte,que dessem azas aquem nateo sem ellas.He mais importante este remedio se a autoridade consiste na milicia,porque como nella se resolue todo o poder real: depender este de hũa so pessoa he perigo grande ainda nos mais fieis pella natural inquietação com que a ambição, & poder trata de se melhorar:Quando o Emperador Commodo se vio liure da traição que lhe intentou hum General do seu exercito,achou por remedio mais presente diuidir o mando,& fazer dous Generais da guerra q̃ o poder repartido defficultosamẽte pode aspirar,a coroa,porq̃ de hũa parte faltão as forças,da outra se offerece o temor de cõprar com taõ certo risco outro Principe,que ainda que obrigado sempre se deue temer de quem hũa vez soube fazer traição:& sobre todos os remedios o mais efficaz he ir conhecendo os animos, & inclinaçoens dos vassallos, & não admitir a cargos os que forem de consciencia liure, & de costumes baixos, que a fidelidade, & primor em que muitos fazẽ habi-

Iulius Capitolinus in Cordiano.

Dio. Cas l. 43.

Herod. in 1.

habito por nenhum respeito nẽ interesse se persuade acometer traição, nem outro genero de vicio tão encontrado a honra, & quando a virtude he antiga, & approuada em diuersas ocasiões seguramente se podem os Principes fiar della, que cobiça & virtude nunca se conformarão bem.

DISCVRSO VI.

Quam importante he a criação dos moços ao bem comum da republica.

VAMOS apontando em particular alguãs circunstancias necessarias a cõseruação da republica, & pudera ser a primeira a criação dos moços, porque della depende a mayor parte dos sucessos que vemos, ou sejão effeitos de valor, ou de fraqueza, por em esta mesma rezão hapera se tratar a sustancia della em outros muitos discursos, & ainda que me pudera contentar com o que nelles se diz, principalmente sendo quasi primeiro principio nas materias politicas a criação dos vassallos, seruirá este de perfeição da obra, ou de lembrança, pera que se faça mais caso, desta rezão destado, pois o tempo, & malicia delle a tem desbaratado de sorte que ja se tem por honra o q̃ se deuia julgar por afronta, criarense os homens em dilicias, & mimos que ate nas molheres se estranhão. O remedio que isto tinha mais efficaz era que os moços se não criassem em casa de seus pays ate serem homens, porquè ainda que nos Principes como atras esta dito seja vtil, irense criando em cõpanhia dos seus, grangeando nelles o amor, & respeito que naquella idade com mais facilidade se acquire, mais vtil fora aos vassallos criarense fora do baso de seus pais, com o rigor, & trabalho que entre os estranhos se padece, assi o fazião os Persas, & os Franceses em tempo que o seu valor era conhecido no mundo não admitiaõ a sua presença os filhos, se não depois deserem homens barbados, quando o sofrimento dos trabalhos, & o rigor das incomodidades lhes tiuessẽ mortificado os appetites a que a idade dos moços este sogeita & a noticia, dos costumes estrãgeiros, & experiencia de varios casos lhes tiuessem grangeado a prudencia, & madureza que na muita idade se acha. A duuida que podia encontrar este costume, he que os pais como mais interessados nos bons costumes de seus filhos, tratarão de os doctrinar com cuidado, quando não

Alex. ab Alex l. 2. genialium dierum c. 25.

não seja com todo o rigor, ao menos com amor, & diligencia, impedindolhes o exercicio dos vicios, & encaminhandoos ás virtudes não lhes permitindo ruins conuersaçoens, ponto de mais importancia do que se pode cuidar, porque a liberdade, que os pais dão aos filhos, & o pouco cuidado que tem de os vigiar he causa de terem depois tãtos trabalhos por seu respeito. Plutarcho diz, que ha pais, q̃ assi amão seus filhos como se os aborrecerão, permitindolhes o que serue de os destruir: & o q̃ se podia com facilidade remediar quando saõ de pouca idade, vem com o descuido a ser irremediauel. Os desgostos, que o patriarcha Iacob padeceo por causa de seus filhos, entenderaõ alguns, que tiuerão principio na pouca vigilancia de sua criação, que como erão muitos cõ menos culpa sua se desencaminharião. Caetano notou q̃ quãdo a Escritura faz menção de como Ioseph acusou a seus irmaons de hum graue crime não forão complices nelle mais q̃ os filhos das escrauas com cuja criação o pai não tinha tanta conta o que se infere do Texto Sagrado, porque dizendo que estaua Ioseph com os filhos de Bale, & Zelfe que assi se chamauão as escrauas, logo acrecenta a acusação que fez, como se so estes fossem complices nella. Pegãose os vicios com grande facilidade, & não basta muitas vezes a vigilancia dos pais, porque a vista delles, nos que deuẽ dar exemplo, facilita os moços aos cometerem. Perguntão alguns doctores que rezão haueria pera que de seiscentos mil homẽs que sairão do Egypto naõ ẽtrassem mais que dous na terra de promissaõ; S. Ioaõ Chrysostomo diz que teuẽ Deos respeito a q̃ os costumes peruersos dos Egypcios se não arraigassem na terra de promissaõ o que era prouauel fosse; porque os que se tinhão criado no Egypto tinhaõ visto idolatrar os melhores, & ja se tinhão costumado a fazer o mesmo, & os moços que vissem a seus pais este vicio, & que lho não estranhauaõ, se iriaõ costumando a elle: & a boa criação dos filhos nace ordinariamente do cuidado dos pais, & do rigor com que os tratão não lhes sofrendo os mais leues peccados, porque he abrirlhes caminho pera os mayores: & he grãde lastima, que o mesmo amor que os pais tem a seus filhos os cegue de maneira que lhes permitam quanto fazem, tendopor trauesuras de moços as desordens, que cometem, & desculpãdo com a idade os vicios a que com a licença se vão habituando, no que se ve o acerto dos antigos

Plut. de liberis educãdis

Caet. in Gen.

Chrysost. in Gen.

gos em mandarem seus filhos a outras terras pera se costumarẽ a trabalhos,& ao exercicio das virtudes,porque o rigor da criação que entre os estranhos se padece,menos ocasião dá aos vicios,pois estes quasi todos nacẽ da ociosidade,& os que não saõ pais,nem chegados tem o animo mais liure pera notarem as faltas,pera apontarem os erros, & ainda pera os imaginarem sẽ os hauer,ou leuados da paixão ou da inueja,o que tudo resulta em vtilidade dos que saõ arguidos:que em semelhantes ocasiões,diz Seneca,saõ os inimigos de mais proueito que os amigos.Porem quando isto se não vse nesta nossa idade, porque o costume impossibilita as mais proueitosas rezoens se não estão introduzidas,& recebidas do pouo,& neste caso se haja de nauegar muito contra agoa por estar de permeyo o exemplo dos mayores, que á imitação dos Principes,& obrigados do amor de seus filhos os querẽ ter sempre cõsigo,aquem a mais gente popular quer seguir: ao menos conuem,que a criaçam seja fora de todo o regalo, & delicias,porque nella consiste todo o procedimento da vida,& a felicidade da republica: que impossiuel he conseruarse entre vicios affeminados,& faltarem estes,onde a criação for deliciosa.Querendo Lycurgo persuadir aos Lacedemonios a que dotrinassem seus filhos com grande cuidado,& lhes prohibissem todo genero de mimo,& regalo,criou em sua casa dous caens filhos do mesmo ventre hũ delles ordenou,que se ensinasse a caçar,o outro ficaua em casa comendo as espinhas,& lambendo os pratos,& mostrandoos hũ dia em publico,mandou largar huma lebre,& juntamente trazer hum prato de espinhas de pescado,& no mesmo ponto ẽ que hum se foi a lebre,o outro remeteo ao prato, traça com q̃ Lycurgo prudentemente, & sẽ muitas palauras mostrou a força da criação de que não so depende o valor,& exercicio,mas ainda a inclinação, & afeiçaõ, em que parece tem a natureza mais parte. Compara Plinio a criaçaõ ao ẽxerto que faz dar fruito as aruores que naturalmente saõ infructiferas: & naõ ha duuida que se nos quisermos gouernar por exemplos de casos admiraueis,& que mais parecem miraculosos que obrados naturalmente veremos ser mais poderoso o costume,& criaçaõ,que a propria força natural.Pierio affirma,que ouue quẽ foi criando hum bogio ensinãdoo a jugar o enxadres,& que ẽ effeito o jugaua,& que hũ rato naturalmente boliçoso,& fugitiuo,

Seneca. de tranquilit.

Man.l. 1.apoph

Plut.in lacon.

Bruf.lib 2.c.38

Plin.li. 17.cap. 14.

Pier.lib 7.hiero-glif.

tiuo teue mão em hũa vela em huã cea, pello costumarẽ a isso, o que proua com Plinio, & Alberto Magno. Não he menos marauilha o que conta Eliano de hum Elefante que sabia escreuer com o pè, casos increiueis, & mui repugnantes ao entendimento porem se assi foi, saõ milagres da creação em q̃ se acha tudo aquillo que se emprende, & prodigios, que Deos muitas vezes permite pera documento dos Principes a cuja conta esta a creaçaõ de seus vassallos; & a obrigaçaõ de lhes aplicar os remedios necessarios pera se irem costumando ao exercicio das virtudes, & habituando a emprenderem obras de valor de que tanto depende o bem comum. Sem duuida posso affirmar que de todas as materias, que nestes liuros se tratão a que mais desejo persuadir aos Principes, & áquelles aquẽ toca o gouerno da republica, he a criação dos vassallos, em quanto a idade esta capaz de imprimirem nella a doctrina, q̃ lhe he necessaria pera o procedimento ser o que conuem. Porque se considerarmos o valor dos passados, & os feitos heroicos, que emprendião, & o que vemos, & sentimos, a que causa poderemos attribuir tão notauel mudança não a variedade de estrellas, que sempre saõ as mesmas, nem a influencias algumas de planetas, nem creceo nos inimigos o valor, ou poder, tudo esta no estado, que de antes, so a criação he differente, de que parece nacem todos os trabalhos, & desordens. Naõ se conhecião antiguamente as diuersidades de regalos que hoje se vsaõ, porque entre nos faltauão os açucares do Brasil, as especiarias, & cheiros das Indias, as sedas de Espanha, os coches não se tinhão visto, os vestidos erão de pano, os comeres ordinarios, os exercicios de cauallo, & de guerra, os vicios carnais estauão mais reprimidos. Hoie ẽ nacendo hum minino, a primeira cousa, que se lhe ensina, he q̃ a fidalguia está em se saber bẽ enseitar, em andar cheiroso, em fazer descortesias, em saber mais jogos, & em outros semelhantes, & peores vicios, causa dos fins, que vemos: & se passarmos de nos a consideração as naçoens estrangeiras, & virmos o q̃ hoie saõ, & o que antigamente foraõ, mais claramente nos constara donde lhe nace tanta differença de costumes, & de valor; lance cada hum os olhos as que conhece, que sem as apontar podera achar bastante noticia do que vamos tratando. Ordenou Platão em suas leys a republica hum particular officio que não entendesse em outra cousa

Ælian. l. 11. de hist. animal.

Plato de Rep.

cousa mais que em andar vigiando os costumes,& exercicios dos moços,aduirtindo todas as acçoens,conuersaçoens, & passadas que dessem, pera dellas dar conta,& se applicar remedio ao que delle tiuesse necessidade:porem podiasse isto fazer com os moços nobres cuja criação he de mais importancia á republica,que pera os mais forão necessarios infinitos officios.Os Romanos antigos em nenhuã cousa empregauão mais o cuidado,& diligència, que no modo da criação que se hauia de dar aos moços, costumando os ao rigor,& disciplina militar industriandoos no respeito,& obediencia que deuião aos mais velhos,& prohibindolhes todo genero de vicio,& ociosidade. Os Persas forão nisto singulares porque alem de não admitirem seus filhos em casa se naõ depois de homens como esta dito naõ lhes dauão de comer mais que pão,& agoa, & algũas horuas.Os Irlandezes trasiaõ os filhos de mui pouca idade entre as guerras,& brigas que tinhão pera os costumarẽ a não temer perigos semelhantes, & as maens lhe não dauaõ de comer se não na ponta de huã espada.Os Cretenses,& Alemaẽs obrigauão seus filhos a sofrerẽ calmas,& frios,& com o mesmo vestido andauão de veram, & inuerno,por mais nobres, & ricos que fosse,& nenhum outro exercicio lhe permitiaõ mais que o de esgrimir,& jugar as pancadas com o que se faziam tão destros,& robustos,como testemunhão as ocasioens em q̃ mostrarão brio,& valor. Os Egypcios conforme escreuem alguns Autores criauão seus filhos com tanto rigor,costumandoos a tanto trabalho, que lhe não dauaõ de comer se não depois de terem caminhado duas legoas.Os Lucanos pouos de Italia tãto que os meninos tinhão idade pera poderẽ cõ o rigor & trabalho do campo sem vestido os mandauão fora de suas casas,& naõ comião mais que o que caçauão,& grangeauam com sua industria,nem isto era effeito de necessidade, mas rezão destado necessaria a sua cõseruação,porque viaõ quam impossiuel era poderem sustentar suas respublicas,se a criação dos moços fosse regalada,& mimosa:isto se vio mais claramente nas leys que Lycurgo fez praticadas entre os Espartanos,mãdaua que em nacendo os meninos fossem metidos em agoa mui fria peraque se começassẽ habituar ao rigor, & trabalho, & dahi em diante lhes não permitiaõ cousa alguã que tiuesse semelhança de dilicia,& ẽ quãto se criarão desta sorte conseruarão

Alex. ab Alex l. 2. genialium dierum c. 25.

Refert. Alex. ab Alex vbi supra.

uarão seu nome, suas respublicas,& o brio com que emprendiaõ obras de grande valor:tanto que as dilicias começaraõ a ser respeitadas,& buscadas, despresando por ellas os rigores antigos,começou a descair a disciplina militar,& esquecer o zelo do bem comum,& a entrar nas mais poderosas cidades a couardia,& ignominia,& a total ruina naõ so das respublicas, mas da honra,& fama, que ate entaõ tinhaõ.Os historiadores antigos affirmaõ q̃ ẽtaõ começou Roma a perder seu antigovalor quando nella ẽtraraõ muitas riquezas depois de acabada a guerra Asiatica.E tanto que ẽ Athenas se perdeo o zelo da pobreza,& miseria em que se hiaõ criando os moços,com as muitas riquezas que tomaraõ aos Persas,começou a entrar aquella tão florente republica em tãtos trabalhos,& afrontas ate q̃ de todo se acabou como se acabarão outras muitas Monarchias pella mesma causa sem lhe ficar mais que o arrependimento de não atalharem a tão grande mal,como se contrahe na dilicioſa criação dos moços. Os Thebanos sendo em algum tẽpo mui valerosos,vierão a cair de sua felicidade no tempo de elRey Menis, que começou a permitir o trato mais dilicioso, & brando origem de todos os vicios que de sua natureza costumão crecer por serem conformes com a condição dos homens,& depois delle morto mãdarão esculpir em hũa columna de hum templo muitas pragas,& maldiçoens cõtra o mesmo Rey Menis de quem lhes resultou tão grande mal, & tinhão rezão em darem por autor de sua destruição a hũ Rey delicioso,& que em seu tempo permitio differẽte trato daquelle com que seus antepassados se conseruarão porquẽ sendo as dilicias tão amigas da natureza & conseruação do corpo, claro esta que he necessario muita força de leys,& braço Real pera se prohibir o vso dellas, & quando o tempo chegar a estado que estas se autorizem com o exercicio dos Principes, que as deuiaõ euitar,ou se forem tolerando nos mayores de cujo exemplo depende o procedimẽto da gente popular, que duuida ha que se afeiçoaraõ a ellas todos aquelles que seguindo a olhos cerrados a confusa, & inconsiderada condição do pouo costumão a prouar o peor regeitando o que mais vtilidade tras. Escaramentense os Principes em cabeça alhea,& vendo o rigor dos passados a que a companhaua o brio,& valor cõ que se conseruarão, & estendiaõ seu nome, & a fraqueza, & couar

Lucan. lib. 1.

Alex. ab Alex lib. 3. c. 11.

couardia dos que conhecemos acompanhada de tanta diuersidade de regalos, dilicias, & superfluidades tenhaõ por sem duuida que todos os trabalhos, & miserias que experimentamos, & vemos nacem desta causa, & que em quanto se permitir a criação dos moços ser a que de prezente he não tem que esperar em seus Reynos,& respublicas obras gloriosas, antes miserias,& afrontas,não digo que se ja tal o trabalho que sirua de acanhar o corpo,& animo, hade ser com prudencia,& a medida das forças,& idades,& encaminhado não so ao exercicio dos membros,mas a algum fim cõueniente ao bem comum,segũdo as calidades das pessoas, & necessidade da republica, de q̃ depende a aprouação dos officios,& occupaçoens,quero dizer,que se não exercitẽ os moços nobres ẽ caminharẽ muitas legoas como fazião os Egypcios,nem em saberẽ gouernar hũ coche como os Siginos,mas em saberem ser caualleiros, jugar as armas,& naõ se costumarem a enfeites cheiros, & comeres mimosos,& o que mais importa he encaminhar os moços a obras de virtude de que não so resulta o mayor bem que consiste na saluaçaõ dalma mas averdade,a fidelidade, & amor do *Principe*,& temor das leys porque com a liberdade da vida se acquire todos os vicios inimigos da honra,& do bem comũ.

DISCVRSO VII.

Trata da justiça,& da necessidade que della tem o gouerno politico.

PARESERA desnecessario gastar o tempo em dizer quam imporrante he a justiça pera conserua çaõ das respublicas, ja houue quem entendeo que era mais conueniente determinarense as cousas ao arbitrio dos Principes, costume praticado entre muitos barbaros,parecendolhe que as aueriguaçoens de direito vinhaõ a ser traças de dilatar,& ceremonias encaminhadas aos juizes fazerem o que quisessem,cujas resoluçoens saõ muitas vezes mais fundadas ẽ respeitos que nos merecimentos da justiça. Mas naõ he rezaõ que as faltas das pessoas se attribuaõ ás virtudes,nẽ se lhe achaquem os vicios dos que as administraõ, as mais excellentes toma a malicia por instrumento de seus intentos,que atê dos beneficios diuinos encaminhados ao fim sobre natural se seruem os peccadores pera execuçaõ de suas maldades. He a justi-

justiça a mais importante virtude assi aos Principes como aos vassallos, tão louuada de todos, como mal tratada de muitos. Os antigos fingiaõ que perseguida dos homens se fora fugindo pera o Ceo, onde Iupiter a recolheo; porque ninguem a quer em sua casa, & todos a desejaõ na de seu vizinho, querem seruirse della pera seus respeitos, mas naõ reconhecerlhe superioridade. Porem os Principes tem differente obrigação, & naõ somente a deuem estimar por instrumento de castigo, & ẽmenda de seus vassallos, mas por se honrarem, & autorizarem com sua companhia: porque se dos vassallos recebẽ o poder, & jurisdição pera os gouernar, da justiça o talẽto, & capacidade: & naõ somente a deuẽ fazer respeitar, & obedecer em seus estados, mas em sua propria casa, porq̃ ella he a que dá illustre fama, & nome eterno as respublicas, & aos Principes, aos quais não menos eternizão, & engrandecem as acçoens reguladas pella justiça, que as vitorias admiraueis: & raramente se acha hũa cousa sem outra, q̃ onde ha valor pera obedecer a justiça, ha brio pera senhorear o mundo. Conhecido he o de Alexandre Magno, em hũa, & outra cousa, o mundo todo lhe obedecia, & não reconhecendo superioridade, nem ainda igualdade a homem nacido, só aos ministros da justiça se sogeitaua: Derão huns juizes sentença contra elle em hũa causa que trazia com certos criados, seus; naõ somente se conformou com a sentença, mas dahi em diante fez mais caso dos juizes, honrandoos com fauores, & merces. Estando certo dia mui desgostoso por hũa injustiça que tinha cometido, & com grande excesso sentido della, entendeo o Sophista Anaxarcho que o desgosto podia perjudicar a saude de Alexandre, pello que se pos de proposito ao persuadir que naõ errara, alegandolhe pera isto, que pintarem os antigos a justiça junto de Iupiter era pera mostrar que sempre esta costuma acompanhar os Principes em suas acçoens; a interpretação foi sofistica, porem vese nella o animo de Alexandre, & quanto desejava que o tiuessem por justo pello descredito que do contrario se lhe seguia, & tinha rezão, q̃ os Principes valerosos, dezia o Philosopho Antisthenes não deuem estimar menos obedecerem a justiça, que serem obedecidos de seus vassallos; nem menos terem em seu seruiço ministros rectos que soldados esforçados: huns, & outros ajudão a denfensam

Ouid. 1 Meram

Plut. in apoph.

Laert. 7. apoph.

da republica,& com mais vtilidade os que tratão da justiça, porque pelejão contra inimigos domesticos, & tem a sua conta a conseruação da paz,& vnião,pera o que se requere grã de valor,pois he conformar, & vnir condiçoens differentes,& sustentar sem corrupção hum corpo composto de varias calidades,& sogeitos a diuersas infirmidades,conseruãdo em hũa mesma republica cousas tam distinctas,como saõ os homens prudentes,& ignorantes, soberbos,& humildes, criminosos,& pacificos, que esta excellencia achaua Cicero mais propria da justiça, não poderem viuer sem ella, ainda os mais criminosos,porque tendo por officio castigar os que peccão, tambẽ tem a sua conta darlhes vida,& defendellos de mayores injurias,& remediando os crimes, conseruar as pessoas: & quando os mesmos culpados deuem estimar a justiça,os inocentes a deuem venerar como vnico amparo,& fortaleza com que se defendem das tiranias, & desordens dos mais poderosos. Diuidise a justiça em punitiua,& destributiua,de que tratarемos em particular, apontando somente as rezoens, que pertencem ao gouerno da republica, por não misturar as que tocão a consciencia, materia differente,& que deuia ser tratada por outro estilo. Consiste a justiça punitiua em castigar os crimes, ajustando a pena com a culpa sem respeito algum;porque sendo a justiça rainha de todas as virtudes, como diz Aristoteles,& dependendo della todas as que pertencem a conseruação dos homens, não pode ser gouernada pellos vicios encontrados a sua perfeição. Principalmente he perjudicial o respeito;pois delle resulta calificarense todos os crimes, por exorbitantes que sejão, hauendo calidade nos autores delles, o que he tão ordinario, que se Deos não acodira a remediar esta desordem dos homens não se pudera,conseruar o mundo entre insolencias dos poderosos, que Deos costuma abater com a justiça de sua omnipotencia. Cometeo o pouo de Israel hũ grauissimo peccado,ajuntandose com molheres Moabitas, & adorando por as comprazer os mesmos idolos que ellas adorauão,a sentença que Deos mandou intimar a tão graue crime por via de Moyses Principe daquelle pouo, foi que padecessem morte natural, & fossem publicamente enforcados todos os grandes,& poderosos de Israel.Reparão muitos neste modo de castigo, & com muita rezão,

Cicero l. 1. de offic.

Arist. l. 3. de Rep.

rezão, porque se todo o pouo peccou, como se limitou a pena aos principaes: a rezão foi conforme o parecer de Lyra, que suposto serem todos culpados, ficaua o exemplo de mais efficacia, & a justiça mais acreditada executada nos grandes, contra quem os pequenos naõ podião. Era Deos o autor della, & não respeitou a autoridade das pessoas, mas as circunstancias do crime, que sempre nos poderosos saõ mayores, & ao credito da justiça que hauendo de parar o rigor della nos pequenos, não parecera justiça de Deos, mas dos homens que nunca castigaõ os grandes, mas os pobres, & miseraueis. O Sabio Solon dezia que erão as leys, como teas de aranha que se armauaõ pera tomar huma mosca, & os bichos mayores as rompiaõ, & desfaziaõ. Aquelle grande Principe, & Rey de Israel Dauid determinou dar satisfaçaõ aos Gabaenitas de hũa grande perda que tinhaõ recebido del Rey Saul (porque a satisfaçaõ ainda depois de morte tem lugar se os agrauados virem) foi esta mandar crucificar seus filhos, & netos: & naõ parou a qui o castigo, antes dispondo a ley que os padecentes fossem tirados no mesmo dia da Cruz, seis dias ficaram estes Principes crucificados a vista de todos: Abulense inquirindo a rezaõ de taõ notauel crueldade, acha que foi rezaõ de estado de Dauid mostrar aos Gentios quanta justiça se guardaua no pouo de Israel, pois a executauaõ nos Principes, & grandes sem respeito a calidade de suas pessoas, o que seria bastante motiuo pera se ajuntarem, & vnirem com o pouo de Deos: porque não pode deixar de ser bemauenturada a republica em que a justiça se cõforma cõ os merecimentos, & não cõ os respeitos. Pierio Valeriano entre seus hieroglificos poẽ o rio Eufratres por simbolo da justiça, & juntamente da fertilidade, tendo por cousas inseparaueis prosperidade, & justiça. Bem vejo que foi algumas vezes rezão de estado perdoar algum crime a huma pessoa de importancia, quando conuem á republica. Sallustio diz que á Crasso varaõ poderoso se dissimulou certo crime, porq̃ conuinha aquietação da republica. E os Atheniẽses dissimularão ao Capitão Alcibiades hum graue sacrilegio, que cometeo contra os idolos, estaua de caminho pera a guerra contra Sicilia, & por então importaua a republica o seruiço de Alcibiades, & em caso semelhante que o bem comum dependa de hũ culpado, conueniente he

Lyra in num.

Solon apud Stob

Abul. 2. Reg. cap. 21 & 31.

Pier. Valer. l. 21.

algũa dissimulaçaõ, porem que contra o bem comum,& pello respeito particular de hum, se não faça caso de crimes,& insolẽcias, he o principio cõ q̃ mui prosperas Monarchias começarão arruinarse. S. Agostinho tem pera si que a falta de justiça foi grande parte de acabar o Imperio Romano,cuja prosperidade com ella se conseruaua: e se a prudencia,& conselho da quella republica acompanhada do exercicio militar, & confederação de quasi o mundo todo não pode perualecer contra os effeitos das injustiças, bem se pode cuidar que por milagre conserua Deos os estados em que o valor, & forças naõ saõ tantas como as injustiças, pois vemos q̃ não ha rico que seja castigado,nem pobre, q̃ deixe de ser auexado,& o q̃ mais he pera sentir q̃ o respeito q̃ costuma atar as maõs aos ministros de justiça, pella mayor parte não nace da autoridade das pessoas,mas da soberba com q̃ alguns se costumão vingar,de sorte q̃ mais se deue chamar medo que respeito. Estado miserauel da republica serem soberbos os subditos,& medrosos os superiores, castigo com que Deos costuma descõpor,& abater os estados quando por seus peccados os quer castigar:com elle ameaçou pello Profeta Esaias ao pouo Hebreo, prometendolhe q̃ serião gouernados por superiores tão acanhados que pà recessem molheres,& quãdo à isto se ajuntaua a soberba natural naquella gente, claro estaua q̃ se acabaria,como acabaraõ, não por causa de males extrinsecos,&nacidos de guerras,mas por sua propria causa. Desculpaõse alguns que não temẽ por serem fracos,& couardes, porq̃ lhe não falta brio pera fazerẽ justiça,mas que depende o seu remedio de contentarem aos grandes,que como gouernão a republica,na sua maõ esta serem despachados,ou não. Confesso que he desgraça grande serem os ministros de justiça dependentes em seus despachos daquelles,que em seus crimes, & causas vem a ser reos diante delles,porem tem mais nome de desordem q̃ de desgraça naõ serẽ sempre os juizes superiores no estado,& independencia aquelles cujas cousas haõ de julgar,ou como em algumas partes se faz,tão separados da comunicação da gente, que não tenhaõ noticia de cujas saõ as causas que julgaõ, que suposto pareca modo desabrido,&agro saõ mayores os inconuenientes que a justiça padece meneada por ministros depẽdentes;&por q̃ faltão outras circunstancias necessarias a perfeiçaõ comque deue

August. de ciuita. Dei.

Esa. ca. 3.

deue ser administrada sera rezaõ tratar dellas.

DISCVRSO VIII.

Continuase a mesma materia sobre a inteiresa com que a justiça deue ser administrada.

IMPORTANCIA, q̃ os estados, & Principes que os gouernaõ tem desta virtude me obriga a que me naõ de por satisfeito com o discurso passado, mas q̃ continue neste a mesma materia, que repetir o que esta dito ainda que cause fastio, mostra a necessidade que há de se multiplicarem os remedios, & nenhumas aduertencias se deuiaõ tratar em toda esta materia mais que as que tocaõ a obseruancia da justiça, porque he a mais desprezada, sendo a mais necessaria: & de todos os vicios intrinsecos, que dos muros a dentro destroem os estados o mais perjudicial he a pouca estimaçaõ que della se faz, porque com a mesma acçaõ se offende a Deos & aos proximos, ficando de peor condiçaõ os que a administraõ indiuidamente pella difficuldade que a restituiçaõ consigo tras, materia que se naõ ha de persuadir com rezoens de estado mas com a lembrança do perigo da saluação em q̃ se deuião cançar os que escreuem pera a consciencia pois se tem visto algũas vezes quantas anciãs padecẽ na hora da morte os que se lembraõ das injustiças q̃ fizeraõ por respeitos. Izẽtou Deos a justiça de todos os affectos humanos por mais justos, & santos que sejão, q̃ os respeitos particulares saõ os mayores inimigos seus: q̃ couza mais vtil a cõseruaçaõ, & pas da republica, q̃ o amor cõ q̃ os homens se deuẽ tratar? se este se quizer intrometer ẽ julgar bastara pera arruinar o mundo. Assi aconteceo ao primeiro Principe, & Monarcha nosso pay Adão, por se gouernar pello amor q̃ tinha a sua mulher cometeo a mayor, & mais perjudicial injustiça, & naõ bastou ser o amor justo, & bem ẽpregado pera deixar de lhe cegar o entendimẽto. Quemais sãta acçaõ q̃ a piedade, & misericordia cõ os pobres? o mesmo Deos que a ensinou tomando a sua conta o que a elles se fizesse, como se fosse feito a sua pessoa, manda que em materia de justiça se não tenha piedade cõ elles, pera nos ensinar quam independente deue ser a justiça, pois os pobres figura sua, & amigos seus, não haõ de ter della melhor quinhaõ que os

outros homens. Argumento bastante pera ficarmos obrigados a não repartirmos melhor com nossos amigos do que Deos repartio com os seus, pois a sua liberalidade, & amor com que trata os homens he infinito, & o nosso limitado. Acto he de justiça o rigor com que deuemos sogeitar os appetites sensuais, & Christo Senhor Nosso o disse a seus discipolos trazendolhe por exemplo os Farizeos, & dizendolhe que os não imitassem na justiça, porque a soberba, & prezunção que tiuhão os fazia cometerem injustiça contra suas obrigaçoens, porem se a tal acção de encaminhar os appetites for gouernada por qualquer pequeno amor bastara pera condenar a alma, & apor no mais miserauel estado que se pode imaginar, como o disse o mesmo Senhor, de sorte que se não cõpadece justiça com amor, verificase isto mais, se o tal amor he impuro porque não so repugna a justiça em quanto amor, mas em quanto vicio. Tirou a vida ao mais innocente homem que o mundo teue, o deshonesto amor delRey Herodes, podendo mais a cegueira do seu vicio q̃ a justiça que como Rey tinha obrigação guardar, pois as mesmas rezoens que tinha pera a fazer que era ter presentes os principais de seus vassallos, lhe seruio de cõdenar a morte quẽ merecia ser honrado em vida. Mais prudentemente julgou o pouo de Babilonia aquelles dous jnizes, cuja deshonestidade tão encontrada ao officio que tinhão lhe cegou o entendimẽto pera pretenderem macular a honra da quella Santa Matrona Susana, pello que forão apedrejados, & miserauelmẽte mortos. Digno castigo que o pouo tirase a vida & honra aquem aquis tirar com o poder da justiça, & malicia do vicio carnal: q̃ a affeição bem ordenada incline algũa coula a justiça sofriuel mal he, porque nunca sera com demasia, pois o amor licito empregado com moderação não costuma cegar o entendimento porem que se diga que sendo os homens os juizes, as molheres dão as sentenças, & que a satisfação dos seruiços, de quem vem da guerra cheio de feridas se haja de pretender por vias semelhantes he miseria grande do tempo. Bastou pera desautorizar o credito, & reputação q̃ tiuha com o pouo o Emperador Tiberio Cesar porse huma noite a cear com Pomponio Flaco, & Lucio Pizão, Senadores Romanos, porem de perdidos costumes, & em companhia de moças que seruião, & ministrauão á mesa, destribuindo os mais graues officios da republica, cujo

Math. cap. 5.

Dani. c. 13.

cujo prouimento deuia respeitar aos merecimentos dos vassallos,& não a laciuia dos conuidados,porque da justiça quãdo se emprega em premiar as partes,& merecimentos dos vassallos,não somente resulta a vtilidade da republica,gouernada por pessoas capazes,mas a satisfação dos seruiços,materia por tantas vias importante,& em q̃ os Principes ordinariamente se achão sem forças,porque as empregão em respeito do appetite ou do gosto particular, não da rezão,& nisto se verefica o que Aristoteles diz,que tambem se acha injustiça em a justiça ser mui abundante,porque não he boa rezão dizer que fez o Principe huã grande merce,ao soldado,ou ministro ainda que tenha merecimentos,se della nace deixar de satisfazer ao que tambem merecia,que o excesso de hum perjudica ao outro, & a destribuição das merces tambem hade ser com medida, não menos em rezão de gouerno que de consciẽcia. Quando Deos mandou repartir a terra de promissaõ por Iosue poslhe primeiro diante a lembrança da morte, & disselhe que era muito muito velho, de que alguns tomarão occasiaõ pera dizer que fora necessario guardar Deos esta repartiçaõ pera tempo em que Iosue com o temor da morte a fizese igualmente sẽ fazer caso de respeitos particulares, & esta foi a rezão porq̃ Moyses,como dizem alguns autores,quando deceo do monte cobrio o rosto com hum veo, pera que quando mais glorioso não olhase com mais particularidade a hum que a outro,custume que guardauão muitas gentes como refere S.Basilio,& Clẽmente Romano,cobrirem o rosto os juizes quando hauião de dar algũa sentença,& Diodoro Siculo diz,ser este costume muiyzado entre os Egypcios,& Plutarcho o refere tambem dos Thebanos,querião nesta acção mostrar quãto cuidado punhaõ em que os juizes fizesem seu officio sem respeito, porque não ha duuida que o interese he o que gouerna a affeição pera se inclinar a hũa parte,ou a outra sem a justiça ter lugar, não bastando muitas vezes o valor de Iosue,& a santidade de Moyses. Santos eraõ Isaac,& Rebeca,elle queria bem a Esau,& ella a Iacob, elle porque comia do que Esau caçaua,& ella porque Iacob a acompanhaua mais,como diz S.Ioão Chrysostomo,& S.Cyrilo,& cada hũ queria dar o morgado conforme a sua afeição, & por aqui veremos,diz S.Cyrilo,que se a affeição torce a justiça ainda com os Santos que fara com os que o não

Arist.l. lib.5.ethic.cap 5.

Basili.epist.79. ad.Eustachiũ. Clement.Rom.l 2.const. Diodor. sic.de fabulis antiq.

S.Ioaõ Chrysost 1.Cyril. in Gen. 25.

o não saõ. E porque as injustiças não so nacem de amor, mas de odio, ou paixão sera rezão ver o perjuizo que delle resulta a justiça. Diferem o odio, & ira somente em respeito da duração do tempo; porque a ira, segundo Aristoteles he hũa inflamação ou feruor do sangue q̃ esta junto ao coração, & o odio he a mesma ira, porem, enuelhecida, & de muito tempo, & por esta rezão mais perjudicial, porque todos os vicios com o tempo se refinão mais, & quando no principio se puderão atalhar, dissimulados, & sofridos se impofibilita seu remedio, & se acẽde sua malicia, de sorte que aquilo que chamamos odio, paixão, ou ira, tudo vẽ a ser o mesmo vicio, mais ou menos refinado segundo o tempo de sua duração, vicios opostos ao amor, porem igualmente inimigos da igualdade que a justiça requere, porque se o amor corta por todas as rezoens por satisfazer a sem rezão com que muitas vezes pretende agradar, o odio ou paixão atropella todas as leys por santas, & justas que sejão, que como causa perturbação no juizo, não fica lugar de escolher o mais vtil, & aprouar o mais justo. Marco Catão dezia que hum homem leuado da paixão não diferia de hum doudo mais que na breuidade do tempo, & facilidade com que se remediaua, grande vicio he nos ministros que hao de administrar justiça não terem tanto brio q̃ saibão atropelar todos os respeitos, que costumão descompor a quietação do juizo, & perturbar o entendimẽto, chamolhe brio, porque he acção de grande valor, & digno de Principes quais deuem ser todos aquelesque no julgar tem suas vezes: he contra a obrigação de Iuizes, & authoridade de superiores sogeitar a rezaõ, & justiça a sem rezaõ da colera, ou odio, porque o entendimento cego mal pode julgar, & a autoridade sogeita a taõ baixos vicios mal pode mandar, & ser obedecida de animos liures, & que costumão gouernarse por rezaõ. Dezia o Philosopho Democrito a hum homem que estaua com grande paixaõ asoutando hum escrauo seu, que se naõ empregase naquele officio por naõ ficar no estado de seu escrauo obedecendo, & seruindo como elle, & ainda com mais afronta a hum taõ desarrezoado, & baixo vicio, como a ira, & paixaõ. He muito pera notar, & Seneca refere cõ espanto a constancia de Socrates izenta de toda a paixaõ, hauendo de castigar hum criado seu que cometera hum crime digno de castigo agastouseo filosofo, & determinou de o asoutar

Arist. l. 1. de anima.

Plut. & stob. serm. 18.

Man. l. 8. aphoph.

Seneca lib. 1. de ira.

tar,vendo com tudo que estaua colerico voltouse pera o criado,&disselhe,que agradecesse á colera com que estaua o largalo por entaõ,porque se estiuera mais desapaixonado lho hauia de pagar mui bem. Certo que era reposta mui digna de que todos os ministros de justiça a trouxessem na memoria pera saberem que he obrigação de humanidade,& prudencia quanto mais de justiça,nam medir a pena pella colera,paixaõ,ou odio,mas pellas leys interpretadas com hum animo mui liure & desapaixonado,porem receio que sendo estas inuentadas pera defender os inocentes,desafrontar os perseguidos,& premiar os que seruem a republica, se empregue em contrarios effeitos,condenando os inocentes,perseguindo os miseraueis, & repartindo os premios segundo as particulares paixoens de amor,ou odio, de sorte que naõ siruaõ as leys mais que de hum instrumento pera perseguir cõ capa de justiça os inimigos, ou autorizar os parentes, & amigos. Dezia Cicero que naõ gostaua muito de ler por Persio sendo o mais docto homẽ daquelle tempo,& que antes gostaua de Lelio homem de boa consciẽcia,não de tantas letras: querendo mostrar que eraõ mais perjudiciais as leys,quando a condição,& natureza de quem as vsa so se inclinasse a satisfazer com ellas suas paixoens,antes menos letras,& mais virtude,por ventura que não importe tão pouco este pensamento, que não resulte delle a satisfação das queixas que a cada passo ouuimos,chorando huns assem rezoens que padecem dos poderosos, sem hauer superior que as atalhe,& outros a pouca satisfação dos seruiços que fizerão,arriscando a vida,& gastando a fazenda,& o peor he que apontão com o dedo quem he premiado sem seruir,& quẽ gouerna sem merecer,& a estes attribuem suas desgraças, porem saõ mayores as que a republica padece,não em respeito dos particulares,mas da justiça com q̃ Deos abate,& persegue os Reynos que em si permite semelhãte praga. Prometia Deos aos Iudeos que lhes hauia de dar a terra de promissaõ,& todas as felicidades,que nella esperauão cõ hũa condição,que hauião de vsar da justiça em sua perfeição, não perseguindo sem causa, nẽ premiando sem merecimentos. Não entendo que quis Deos dar aos Iudeos a terra de promissaõ em satisfação de vsarem desta virtude pois lha tinha prometido por tantas vezes,& hauia tantos tempos aos Patriarchas Santos Abraham, & seus filhos

Cicero l. 2. de orat.

Deut. 16.

filhos,porem quislhe dizer que gozarião della se fossem rectos na administração da justiça, porque a falta della naturalmẽte acaba,& desbarata os Reynos:& ainda que Deos os mete se de posse por milagre, os não conseruaria senão pellos meyos naturais com que os mais Reynos se conseruão,& se faltando por hũa parte estes meyos naturais que consistem em dar a cada hum o seu,por outra crece a malicia por tantas vias. Vejão os Principes a cuja conta esta a conseruação de seus Reynos quam impossiuel he esperarem nelles felicidade em quanto a raiz do mal durar.

DISCVRSO IX.

Da necessidade que as respublicas tem de justas leys pera seu gouerno.

SVSTENTASE a justiça na perfeição das leys,& no zelo dos ministros que as hão de executar. Tratarei das leys, & modo de as fazer guardar,& logo dos ministros sobre que caie esta obrigação. Chama S.Thomas as leys regra,& medida das cousas que se deuem fazer, ou prohibir,porque todas as acçoens humanas de qualquer calidade q sejão tem sua conformidade,ou deformidade em respeito das leys ou sejão diuinas,ou humanas,como a diante direi. E assi como a perfeição da republica consiste na obseruancia,& obediencia das tais leys,assi a descõposição,& desordem dos vassallos no esquecimento,ou desprezo dellas,esta era a queixa que Aristoteles tinha dos Athenienses, que sendo inuentores das mais necessarias duas cousas q a vida humana tinha,que erão o trigo,& as leys,destas se esquecerão mui breuemente, & do trigo vsarão sempre,crime que em respeito dos particulares tẽ muita desculpa pella facilidade & natural affeição com que todos nos inclinamos a qualquer vtilidade do corpo, porem em respeito dos Principes mui culpauel, pella particular obrigação que tem de gouernarem seus vassallos,o que he impossiuel sem leys,porque como estas tenhão a sua conta fazer o officio de olhos,ensinão os caminhos bons,& mostraõ os despenhadeiros de que se deue fugir. Isto quis dizer S.Paulo, que depois de os homens terem ley, então conheceraõ o peccado,porque a ley lhes mostrou oque hauião de fazer,& de que hauiaõ de fugir,o que está taõ longe de se chamar occasião de peccar como alguns quiseraõ,que foi hũa das

S.Thom. prima se cundæ q 90.art. 1.

ad Rom 3.

das mayores merces que Deos fez aos homens. Tratando Filo Iudeo da ley que Deos nosso Senhor deu aos Israelitas, & das merces que lhes fez em os sustẽtar quarenta annos no deserto, dandolhes por mantimento o suauissimo Mana iguaria guisada por maons de Anjos, diz q̃ muito mayor mercelhes fez em lhes dar a ley que ẽ lhes dar o Mana: porque ainda que com este se sustentauão pera poderẽ viuer, com a ley sabiaõ caminhar pera outra vida de mais importancia, contentando a Deos em que consiste todo bem, o que não podiaõ fazer antes de a terem, & por esta rezão lhes mandaua Deos que a trouxessẽ sempre escrita sobre o coração sobre a testa, nas maons, & no lumear da casa, pera que ainda que quisessem se naõ pudessem esquecer. Deuiaõ aprender deste preceito, & da necessidade delle os Romanos aquelle estremado costume referido por Cicero de ensinarem aos mininos as leys das doze taboas compostas por tal arteque as pudessẽ aprender cantando: & daqui naceo, diz Aristoteles chamarem as leys cantigas, pello costume, que os moços tinhaõ de as cantarem quando as aprendião, pera que assi lhes ficassem melhor na memoria, o que neste tempo fora de mayor vtilidade, porque não so se soubessem as leys, mas esquecessem as deshonestas, & perjudiciais cantigas com que os vicios se lembraõ, & as pessoas se infamão, cujas faltas se as ha, & ainda as que não ha, nas cantigas dos moços vemos serẽ repetidas com mais afrõta, que vtilidade. E porque antes de tratar da obseruancia das leys, & dos ministros de sua execução, se deuem considerar a este respeito algũas circunstancias necessarias, hemos de presupor pera fundamento dellas, tres generos de leys, hũa natural que Deos nosso Senhor imprimio nos entendimentos humanos pera saberem escolher o bem, & desuiarse do mal, & esta he tão efficaz, que não tem desculpa quẽ aquebranta, porque não ha gẽte tão barbara, & tão isenta de leys, que naturalmente não conheça a deformidade do mal pera o fugir, & a perfeição do bem pera o seguir. Sua propria consciencia, diz S. Paulo lhes ensina tudo o que a ley lhes pode ensinar. Donde Aristoteles, lhe chamou vigor, & força da natureza, porque não ha ley mais viua, & que mais força faça aos ẽtendimentos, que a ensinada pella natureza. A segunda ley he diuina fundada sobre a natural em hum tempo escrita por Moyses em taboas de pedra, & reformada depois por Christo

Phil. Iud.

Deut. 6

Cicero 2 de legibus.

ad Rom 2.

Nosso

Nosso Senhor,& seus Apostolos,& sucessores pera saluaçaõ dos homens,& de que neste lugar não farei mais menção, porque sendo a de mais importancia não pertence a este proposito. O terceiro genero de ley chamamos humana ou ciuil,ordenada pèra conseruação dos homens,& vtilidade das respublicas,que he o intento particular deste discurso. Aristoteles a diuide em comum,& particular,porque ha certo genero de leys quasi naturais, pello natural consentimento com que todos os homens entre si as vsaõ, outras particulares, ordenadas pellas pessoas mais prudentes, segundo as naturezas, sitios, & calidades das respublicas:porq̃ o que em humas sera vtil, & necessario,em outras sera perjudicial,& encontrado ao bom gouerno, ou pella repugnancia dos cidadoens,ou por outras circunstancias,que muitas vezes impossibilitão as mais proueitosas leys. Bem conforme com a rezão,& bom gouerno erão as que Lycurgo ordenou aos Espartanos,que todos fossẽ iguais em fazenda, que os moços se criassem nocampo ate serem homens,as molheres casassem sem dote,comessem oscidadoens todos juntos,& mui limitados comeres,&que não ouuessedinheiro entre elles,cousas santamente ordenadas ẽ respeito da boa criação,& valor militar, porem impossiueisem cidades populosas,& mui repugnantes ao estado em que hoje estão todas as cousas. Mui prudentes,& consideradas forão as leys, que Numa Pompilio ordenou aos Romanos,porem como elle foi o primeiro Principe Romano depois de Romulo,& a cidade começaua então a leuantar cabeça,erão as tais leys proporcionadas ao estado em que então estaua,tanto que a propriedade foi mayor,& a cidade teue mais gente,com a mudança que houue ẽ respeito da cãtidade se vio alteração,& variedade nas condiçoens de todos, pelloque foi necessario que tambem a ouuesse nas leys:& assi escolheraõ doze homens que trasladassem em latim as que Solon ordenou,& as escreuessem em doze taboas pera por ellas se gouernar o pouo Romano. Hão de conformar as leys com a natureza daquelles que as hão de guardar,porque doutra sorte seruirão mais de descompor, que de remedear. Esta deuia ser a causa porque hauendo Deos de dar ley aos Iudeos quis que fossem escritas por mão deMoyses,pera que entendessem os q̃ as hauiao de guardar que não erão repugnantes a sua naturesa,pois Moyses consentira nellas

Isid.lib. 5.ethim & habet.dist.

las,& as escreuera com suas proprias maons,sendo hum dos que mais inteiramente as hauiaõ de comprir.Donde deuem os Principes aprender que quando fizerem leys,que toquem agente popular,naõ deue ser somente pello parecer dos nobres, porq̃ não experimẽtẽ mayor cõtradição, do que pode ser a vtilidade que pretendem, que sendo natureza de todas as leys nouas causarem alteração nos animos muito mais se vè isto se o rigor dellas caie nos que se consideraõ por menos fauorecidos em respeito de sua calidade, & hũ pouo todo desconsolado não pode causar bons esseitos.Tambẽ se deue procurar que as leys sejão fundadas em justiça:porque se á paixão tem parte nellas vẽ a parar em ruina dos proprios que as fazem,como aconteceo ao priuado Amão que veyo á ser enforcado,na forca que pera Mardocheo tinha ordenado. Cairão na coua que pera outrẽ fizerão,como diz Dauid, porq̃ he permisaõ diuina que não fiquem sem castigo os crimes q̃ se cometem com capa de justiça,& poder do officio que se da pera gouernar a republica, & naõ pera destruir os vassallos. Não importa menos que as leys sejão claras,&disposta; por tal modo que se entenda facilmente o sentido dellas, porque a experiencia tem mostrado q̃ a diuersidade de sentidos com que hũa ley se interpreta he ocasião de se cometerem muitas injustiças,acomodandose cada hum ao parecer que mais conforma com o seu intento: foi vicio que os antigos estranharão muito nas leys que Solon fez, darem ocasiaõ a duuidas inimigas da verdade,& justiça. O numero dellas deue ser tão ajustado com as materias que pedirẽ remedio,que nem se fação leys pera homens imaginarios, como fez Plataõ,reprouado neste particular,por gastar o tempo em ordenar leys que nunca se hauião de executar: nem se fação pera cousas taõ leues,&pouco importantes que se possaõ deixar ao arbitrio dos julgadores,porque a multidaõ das leys serue de confundir os entendimentos,& de dar ocasiaõ a que se trate menos das que importão,essensialmente ao bem comum. Agesilao costumaua dizer,que os muitos medicos eraõ causa de muitas doenças, & as muitas leys de muitas maldades, porque as medecinas mui continuadas debilitaõ a saude,& as leys demasiadas tiraõ a força aquellas q̃ se deuẽ executar. Alguns forão de parecer q̃ conuinha sẽpre terem as

Plut. in vita Solonis.

Laert. l 4. c. 6.

Max. serm. 58.

leys mais de rigor,que de brandura,porque o medo encaminha alguãs vezes mais que o castigo:porem he opinião errada, que o seu intento principal,diz Cicero não consiste em destruir,& fazer mal,mas em conseruar,& defender,& se as rigurosas se dão a execução vão fora deste intẽto,& se deixaõ dese e xecutar mayor perjuizo causaõ que se as naõ houuera, porque não ha vicio mais perigoso na republica que o desprezo das leys. Demosthenes dezia que na obseruancia dellas consistia a perfeição de hũa republica,& em as desprezar sua destruiçaõ. Pelloque conuem que naõ seja o rigor tanto,que siruaõ maispera ameaçar que pera executar, pois este naõ he o seu fim.Nem se faça menos caso dos generos de castigo,que se haõ de aplicar aos crimes, porque alguns ha que requerem prisaõ, & se naõ remedeaõ com desterro,como he o furtar,que vemos refinarse mais fora da propria patria,onde a vergonha dos parentes,& conhecidos serue de refrear:& se hum ladraõ se desterra por sua vontade pera em terras estranhas exercitar seu vicio como se ha de castigar com desterro,antes nelle se lhe da ocasiaõ pera mais a sua vontade executar sua inclinaçaõ,nem cõ a prisaõ se deue castigar ao q he ocioso(vicio em outro tempo mais rigurosamente castigado)porque se este tal tiuer na prisaõ o necessario que pena se lhe fica dando.E o q mais cuidado requere he o castigo em que se considera infamia, porq̃ sendo a vergonha,& pejo natural taõ importante na republica pera retrear de desordens principalmente daquellas que de sua natureza saõ infames, se os homens chegaõ a estado que naõ tem honra que perder, nẽ cousa de que se poder enuergonhar,he o mais infelice estado da republica,& muito mais se esta depende de valor,que onde falta honra naõ pode hauer acçaõ de proueito. Trato do modo com que as leys se deuẽ ordenar quando a necessidade as pedir que naõ hauendo causa mui vrgente o mais seguro he conseruar as antigas como no discurso seguinte se vera.

Cicer. in orat.

Demosthenes in orat. 1. cõtra Aristog.

DISCVRSO X.

Se conuem vsar das leys, & costumes antigos se variar nelles conformes os tempos.

Cõdiçaõ he de muitos homens de natureza inquieta,& ãbiciosa desejarẽ ver

ver mudanças; & nouidades na republica; algumas vezes por particular gosto, & natural inclinação, outros porque das voltas, & reuoluçoeis das cousas esperão ter melhor sorte da fortuna: que sempre houue quẽ della sequeixasse a vista dos merecimentos, que cada hum em si imagina: erro grande querer esperar igual satisfação de quẽ nunca soube ter respeito ao talento, partes, & seruiços; mas a varia condição com que reparte seus bens amontoando os nos mais humildes valles, que muitas vezes vemos igualados com os mais altos montes, sem outro mais fundamento, & rezão que a liberdade de seu querer, a que todas as cousas humanas estaõ sogeitas. Porem mayor erro he querer reduzir a jurisdiçaõ da fortuna aos limites da justiça, obrigandoa a que tenha respeito, a merecimentos, & muito peor em caso que isto fosse possiuel, querer cada hum ser juiz de si proprio, & avaliar a satisfaçaõ que se lhe deue dar, de que nace o descontentamento que em muitos vemos, & a alteraçaõ que muitas vezes causaõ nas leys, & costumes da republica, ou com poder, se o tem, ou por qualquer outra via que lhe seja possiuel, de que se possa esperar alguma nouidade encaminhada a vtilidade propria. Aquella noua ley que elRey Dario ordenou a instancia dos grãdes do seu Reyno, rezão foi de estado dos mesmos que a persuadirão, não ordenada pera vtilidade do bem comum, mas pera fazer mal ao Profeta Daniel aquem pretendião consumir, & izentandose da companhia, & jurisdição de hum tam grande ministro, peccarem mais a seu salvo: persuadiram a elRey que obrigasse com penas aos vassallos, se não valessẽ de Deos; nem lhe pedissem remedio pera suas necessidades; ley tão noua como injusta, & cõtudo a alcançarão: porque quãdo os que gouernão saõ os interessados sempre se differe a suas rezoens, pella industria, & efficacia com que as ẽcaminhão a terẽ effeito. Procurem os Principes resistir aos cõselhos, & cõbates. q̃ de ordinario terão dos que pretendem acomodar o gouerno comũ a seu respeito particular, presupõdo por cõclusaõ infaliuel, q̃ saõ mui poucos os casos em q̃ o bẽ comũ fique interessando ẽ nouidades, & q̃ mais depẽde ácõseruação da republica da obseruãcia das leys, & costumes recebidos, & praticados q̃ de se admitirẽ outros, ainda q̃ á primeira vista pareção mais proueitosos, porq̃ a mudãça de nouas leys, & costumes descõpõẽ o corpo da rep. como os nouos

timentos,& não vsados ao corpo humano. Comparação de q̃ Plutarcho vsa falando nestepar ticular. Quis o Papa Vrbano sexto, tanto que entrou no Pontificado reformar o collegio dos Cardeais, limitar seus gastos,& darlhes nouo modo de vida: o zelo com que isto intentou foi mui santo, porem faltou lhe a prudencia necessaria, & não aduertio q̃ eraõ costumes mui arraigados os q̃ queria prohibir,& de q̃ necessariamente se hauiaõ de seguir alteraçoens & desordens: forão ellas taõ grãdes, que os Cardeais molestados com esta nouidade se resolueraõ em eleger outro Papa, buscando rezoens pera julgarem por nulla a eleição de Vrbano, principio daquelle grande cisma que a Igreja de Deos padeceo trinta,& noue annos. Foi mui notauel, porem não mal fundado o costume que os Turcos vsauão, quando se trataua de algũa noua ley, aquelle que a queria, & pedia, sahia a publico com hum baraço na garganta, no qual o enforcauão se a ley que pedia se não aprouaua, por se temer que fosse de algum perjuizo. Não basta muitas vezes serem os fundamentos justificados, & os entendimentos dos Legisladores mui leuantados pera acertarem cõ o sucesso do que pretendem, principalmente se he materia que toque a todos: porque a cõdição do pouo, he de sua natureza inquieta,& de tudo se descontenta não fazendo tanto caso da rezão, com que as cousas se encaminhão, como da sem rezão que nas nouidades considerão, tendo por principio, & causa de grandes males, deixarem os costumes dos passados, que algũas vezes prouão com sucessos infelices, principiados em mudanças de costumes, que pera tudo se achão exemplos: & neste particular não faltarão muitos que isto mostrem, alguns fundados em imaginação,& muitos ẽ realidade. Esta foi hũa das rezoens, que em outro lugar me obrigarão a encostarme a opiniaõ daquelles que tem o demasiado engenho por perjudicial nos que gouernaõ, por ser costume seu não se conformar com rezoens achadas, & costumes velhos, mas tratar sempre de nouidades, de que resulta não so mudança de costumes,& leys, mas do mesmo estado. Certo politico notou, q̃ os Athenienses em menos de cem annos viraõ mudanças no gouerno,& estado de sua republica, sinco vezes: & os Florẽtinos sete vezes, sẽdo no ẽgenho auentajados a outras muitas naçoens, não com melhoria sua, q̃ raramente acontece ficar a republi-

Plut. in simil.

Diod. sicul. lib. 12.

publica de melhor condiçaõ entre mudanças,& variedades, ainda de leys, & costumes,que em respeito de outras de mais consideração se podem ter por particulares: Foi consideração do Emperador Augusto Cesar aduirtindo ao Senado que se conformasse com as leys praticadas, & recebidas, ainda que lhes parecessẽ de menos vigor, porque os deffeitos que elles lhes imaginauão,se remediauão com o discurso do tempo, & a perfeiçaõ das leys nouas era de pouco effeito,antes perjudicial hauendo repugnancia nos que as deuiaõ guardar: pensamento daquelle grande Senador Romano Cayo Cassio referido por Cornelio Tacito,cujo voto se encaminhaua sempre no Senado a conseruação das leys antigas,tendo pera si que sempre as nouas erão perjudiciais, & contra o bem comum,pratica muito ordinaria entre todos aquelles que tiueraõ algũa experiencia de semelhantes mudanças.Plutarcho conta que sendo Pausanias perguntado porque rezão tinhão os Espartanos por taõ graue crime o variar qualquer ley das antigas, respondeo, que era de mais importancia a autoridade das leys,que consiste em serem conseruadas de muito tẽpo,que a autoridade dos homens em quererem dispor dellas a seu modo,ou pera se honrarem,deixando nome de Legisladores;ou por se desconten tarem das antigas, por serem menos conformes com seus respeitos particulares;que sempre estes forão mais poderosos que o bem comum.Notarão algũs Escriptores entre as excellencias do grande Alexandre, que conquistando taõ diuersas naçoens,& gouernadas cada hũa por differentes leys, nunca as quis obrigar a variar em cousa algũa nellas,antes os deixaua viuer á seu modo, parecendolhe que na conseruação de seus antigos costumes, consistia a da mesma Republica,que ja tinha a sua conta,como Principe, & Senhor seu.E por ventura que foi esta rezão,porque a Escritura sagrada tratando daquelles valerosos,& prudentes Capitaens Iudas Machabeo,& seus irmaons,fazendo menção do valor com que recuperarão o templo de Hierusalem,& liuraram a cidade de seus inimigos acrecenta que tambem restituiram as leys antigas que ja estauam esquecidas:porque tanto brio, & prudẽcia era necessario pera se acomodarem, & sogeitarem as leys q̃ os passados tinhaõ ordenado,como pera defenderẽ, & libertarem a cidade:mostraraõ

Ex Dio n. 52.

Tac. 4. ann.

Plut. in lacon.

Machab. l. 2. c. 2.

rão nisto que tratauão do bem comum,& não de respeitos particulares com que cada hum quer fazer leys a seu gosto, ou por ser autor do que outros deuem seguir,ou por se não sogeitar ao que os passados fizeraõ, & lhes não reconhecerem esta ventagem, ou o que he mais certo,porque considerão rezoens de vtilidade propria: que a ambição,& interesse em todas as materias pretende executar seus intentos.Porem poucas vezes se vera socederem bem os pensamentos daquellesque procuraõ nouidades na republica, & muitos arrependerense com pouco remedio, ou seja pella difficuldade com que se recebẽ, ou por ser tal a condiçaõ humana que sempre suspira pello passado, ainda quando menos rezão ha.Cornelio Tacito conta,que depois de morto o Emperador Vitelio cessando o poder,& crueldade dos seus taõ aborrecida na republica Romana,que de qualquer outro estado por mao que fosse esperauão mais liberdade, & gosto, chegarão ater saudades das desordens, & insolencias de que antes com tanta ansia tinhaõ procurado liurarse,aquelles mesmos,que mais aborrecimento lhe tinhão.Pois que remedio? sofrer desordens continuar, & conformar com erros que não tem mais de bem, que serem antigos,& de tal calidade podẽ ser que importe mais dissimulalos,que arrancalos com perigo, ou incerteza de outros mayores.Alcibiades dezia,que se deuiaõ tolerar as leys antigas, ainda que naõ fossem muiboas pello perigo, & perturbaçaõ que podião causar as nouas, trabalhando sofrer alguns descuidos, por não arriscar a mayores males:conselho mui prudente, porem entendese quando as tais leys saõ menos boas,não quando saõ injustas,& quando o costume he menos vtil, não quando he perjudicial,&quando das nouidades se esperaõ alteraçoens,não quando os entendimentos se podem conformar facilmente com ellas, aquem podẽ contentar certas antiguidades, que sem causa,nem fundamento algum se forão praticando, & introduzindo,a que o direito não chama costume,mas erro inueterado. Não acertaraõ os antigos em tudo, diz Cornelio Tacito,nem todas as cousas acertadas,& dignas de louuor se reseruaraõ pera a sua idade, tambem nesta pode hauer acçoens que os vindouros deuem imitar, quando as nouidades saõ euidentemente vteis,& recebidas com aplauso dos que consi-

Tac.li.6

Tac.li.3 ann.

Tacit.l. 4.hist.

consideraõ as cousas com madureza,& zelo do bem comum, rezão he que se admitão,& esqueção antiguidades,que a não ser isto,mal se pudera gouernar o mundo na idade presente cõ os costumes,& modo de gouerno vsados em seu principio. Filo Iudeo diz,que he o Principe & gouernador de hũa republica,como o marinheiro que nẽ sempre hade leuar a nao por hum rumo,nem o leme no mesmo lugar,mas de diuersas maneiras,segundo os tempos,& vẽtos que correm. Muito tempo se passou em que o pouo Romano se gouernaua pello arbitrio,& vontade dos Reys: & sendo elles os que se deuião dar por interessados neste costume pera o conseruarem, pois era mayor o seu poder, dependendo de sua resoluçaõ todos os generos de negocios,& justiça das partes,quiserão antes variar nelle,& admitir nouas leys, pera q̃ conforme a ellas se julgassem todas as cousas que houuesse, q̃ conseruar costumes velhos encontrados ao bem comum sem fundamento algum de leys.Gouernouse Espanha algum tempo pello aluidrio,& parecer das pessoas a que se cometiaõ os negocios. Vio elRey Dom Henri que dos Godos,que não conuinha este modo de gouerno, & que hauia nelle muitas contrariedades,& desordens;determinou que se vsasse de leys certas pera todos os casos, & logo as mandou ordenar por hum Prelado docto,& temente a Deos; a imitação das que Solon tinha feito aos Athenienses,Lycurgo aos Lacedemonios,Numa Põpilio aos Romanos,& o Emperador Iustiniano a mayor parte do mundo,que antes se gouernaua por mui differentes costumes,então vsados, porem com imperfeiçoens pelloque quando as occasioens forem de sorte que com euidencia se vejaõ inconuenientes nos costumes presentes,& vtilidade nos que se querem admitir,não seguirei o antigo a conta de variar, porem seja com tanta cautela, q̃ o risco de se alterarem as cousas não venha a ser de mayor importancia que os erros que se pretendem atalhar, presupondo hauerense de seguir varios sucessos,&nouas ordens nos negocios graues, & publicos, como disse o Poeta Cornelio Gallo,& ẽ casos duuidosos he mais prudencia padecer males toleraueis que buscar o remedio delles com risco de dar em outros mayores.

Phil. Iud. l. de Ioseph.

Pomponius l. 2 de origine juris l. 1. tit. 2.

****
*****
***

DISCVRSO XI.

Se são de alguã vtilidade os termos judiciais com que as causas se dilatão.

SAõ os entendimentos humanos muy limitados,& as vontades muy inclinadas ao mal, de que nace na administração da justiça hum grande inconuiniente, que he poder a vontade depraua da acomodar ao seu proposito a execução do entendimento,mostrando ser rezão de zelo o que he effeito de malicia, & que se faz por respeito da justiça.o que he puramente injustiça.Tem este mal seu valhacouto nos termos judiciaes, & na grande cantidade de leys, & muitas,& varias interpretaçoẽs dellas:não sei se se deue repitir com riso,se com lagrimas, que sobre a mesma ley haja tão differentes pareceres,que se possaõ os Iuizes acomodar a opinião de que mais gosto tiuerem,achando fundamentos no mesmo texto pera todo intento, & os aduogados rezoens mui aparentes pera falsificarem a justiça por seus particulares respeitos.Depois que o Emperador Vespasiano sevio liure das guerras ciuis tratou de reformar o modo de litigar abreuiando as dilaçoens que auia nas causas ordenando que estas se comẽtessem a pessoas de prudencia, & virtude pera que fora dos termos judiciais as resoluessem.E de Iulio Cesar conta Suetonio que desejou muito reduzir a hũ numero mui limitado a grande cantidade que hauia de leys de que os litigantes tomauão ocasiaõ pera perpetuarem suas causas com tanto perjuizo da justiça,seruindolhes as proprias leys de desculparem sua maldade. Não aprouo o dito daquelles q̃ fundados nesta rezão, chamão as letras peste vniuersal da republica,necessarias saõ ao gouerno politico,como tenho mostrado porem muitas vezes per judicial o exercicio dellas naquelles que as tomaõ por instrumento de suas paixoens, inclinando o sentido das leys a tudo o que querem,de que resultaõ as injustiças,& dilaçoens sem fim nas causas em que a justiça mais clara esta. Auiladamẽte chamou certo politico a este modo de administrar justiça laroice permetida,pois das mesmas leys tomão forças, os que as querem encontrar: & pode mais a industria dos aduogados, que,como os medicos nas enfermidades,tem seu ganho nas cõtendas,& dilaçoens,do que pode a mesma justiça,& verdade: & sendo esta a mais ordinaria queixa

Iust. Li. ps. polit.

queixa de todo o pouo, he aque menos remedio tem, porque os que a deuião remediar, saõ os mais interessados, que com as dilaçoens das causas, se dilata o poder dos ministros, & entre a variedade de termos judiciaes se achão caminhos de fazer eternas as causas que puderaõ durar mui poucos dias. Ia el-Rey de França Luis duodecimo chamaua çapateiros aos ministros de justiça, dizendo que estendiaõ as causas como os çapateiros o couro com os dentes. Apliquemse os Principes a destruir esta praga, que he a que empobrece, & consume os vassallos, & não permitão; que as leys ordenadas pera defẽsão dos innocentes, castigo dos malfeitores, & obseruãcia da justiça sirvão de persiguir os que não deuem absoluer os que merecem castigo: & destruir a mesma justiça, que não he possiuel, disse Platão, deixar de auer muitas desordens, onde as demandas se permitem, & sofrem sem limitação a todos os que as querem fazer com causa, & sem ella. Andou prudentemente o Duque de Milão Galeacio, que ouuindo dizer de certo letrado muy sagaz, & agudo em dilatar demandas, o mandou chamar dizendolhe, que deuia cantidade de dinheiro a hum criado seu, & que lho não queria pagar, se se atreuia a dilatar a causa muito tempo; respondeolhe o auogado, que quanto tempo elle quisesse: porem socedeulhe mal a habilidade, & confissaõ della, porque depois de reprendido com palauras o mandou enforcar publicamente, pera ensinar aos mais a não impedirẽ a execução da justiça em materias claras, que se he crime dos mais graues julgar injustamente tambem he injustiça ser causa das dilaçoens, & traças com que a justiça deixa de se administrar: mas como os vicios tem qualquer desculpa, nunca lhes faltaõ padrinhos: & como o tẽpo esteja tão cheo de litigios, q̃ não ha quem lhes escape, & os mais poderosos mais ordinariamente, todos dessimulão o que pudera ter remedio, se as queixas não cessarão, quando não fora com força, ao menos com reprensaõ, ou outros castigos mais leues: que nunca os males sogeitos á pena andarão mui desẽbuçados. ElRey Iacobo de Aragão ouuio queixar a alguãs pessoas das dilaçoens, & molestias que recebião, pella agudeza de hum grande Iurisconsulto, & bastou isto pera o desterrar de seu Reyno como perturbador da paz, & justiça de seus vassallos. Procurem os Principes imitar aos passados ẽ acçoens tão Reais pois dellas depende a obseruancia

Ann. Franc.

Plato de legibus.

Iust. Lips. in monit.

uancia da justiça, & conseruação das leys, em que se deue empregar todo o cuidado, pois saõ mais perjudiciais os males que nacem das injustiças, que os q̃ resultão dos proprios inimigos, & não he o remedio tão dificultoso de achar, que por falta delle se dissimulem quantas sem rezoens neste particular se padecem: queirão os Principes remediallas, que não faltarão caminhos, pois saõ mui naturaes, & achados os que tocão a administrar justiça sem dilaçoens, & mais speculatiuos, & defficultosos de achar os que se buscão pera estender as causas.

DISCVRSO XII.

Continuasse a materia do discurso passado apontando alguns remedios necessarios a administração da justiça, & obseruancia das leys.

PARECEOME necessario em respeito da materia que tratamos, apontar breuemente algũas aduertencias por ventura sabidas de muitos porẽ praticadas de mui poucos, sendo o fim dellas o põto mais essencial, & necessario ao gouerno da republica, que he atalhar as injustiças, & remediar as dilaçoens das causas em que se occupa a mayor parte da republica com grande detrimẽto dalma, & da vida, huns sendo reos, outros autores, huns juizes, outros aduogados: & acontece muitas vezes ser mayor o interesse dos officiaes, que o daquelles que vem a ter sentença em seu fauor. Cada dia se inuẽtão diuersos modos de estilos, se acrescentão nouas pregmaticas, se emmendão ordenaçoens, os professores das sciencias são premiados com honras, & interesses extraordinarios, & sendo este o principal cuidado dos Principes, em que se não descuidão, & estando as letras no mais alto ponto a que podem chegar, hoie se achão mais injustiças, do que nunca ouue: donde consta que não resulta este mal da falta das leys, mas do vicio das pessoas, & que aqui se deue aplicar todo o remedio. Sendo perguntado aquelle grande Legislador dos Athenienses Lycurgo no principio de seu gouerno, porque rezão não vsaua de leys escritas, certas, & infaliueis, que seruissem de regra pera se castigarem os crimes, & se dar a cada hum o seu, respondeo que não dependia o gouerno da republica de melhores leys, mas de melhores homens, & por esta rezão naõ fazia tanto cabedal dellas como daquelles que as deuiaõ executar de que seruem

Plut. in Lacon.

seruem serem as leys mui boas & serem nellas mui praticos os Iuizes, se por essa mesma causa cometem injustiças tomando o casiaõ da sciencia pera authorizarem sua paixaõ, & seruindose dos textos pera os interpretarẽ conforme o seu gosto, & naõ cõforme a justiça das partes. De que importa examinar os aduogados na sciencia, se haõ de vsar della pera defenderem injustiças, & roubarem o alheio. Grande mal he a ignorancia dos que haõ de julgar, & dar a cada hum o que he seu, porem sem comparaçaõ nenhũa he mayor mal o vicio das pessoas, porque a falta de saber remedease com o zelo de acertar, & o vicio refinase mais com a sciencia. He muito pera notar aquella pratica qve Deos teue com Salamaõ no principio, de seu Reinado, & o sucesso della, apareceolhe o Senhor de noite offerecendolhe grandes merces, & que elle pedisse o que quisese: considerou Salamaõ o que mais lhe conuinha pedir, & achou que hum coraçaõ brando & desejoso de acertar, parece que pera julgar o pouo deuia pedir muitas letras, & muita sciencia, & não hum coração facil: foi mui prudente sua petição, porque se pedira saber podia tello em tão ruim vaso, & gouernado por hum coração tão peçonhento que fosse melhor não ter saber algum. E em respeito desta explicação se entẽdera a reposta q̃ Deos lhe deu, que por pedir sabedoria pera fazer justiça, lhe daua tudo quanto lhe pedia: he pera perguntar como diz que pedio saber, se não pedio mais que hum coraçaõ brando, & inclinado a acertar? porque o verdadeiro saber depende do animo não das letras, podia Salamão ter a sciencia que teue em respeito de conhecer as cousas naturais, & ver claramente todas as resoluções conuenientes ao gouerno de seus vassallos, & administração de sua justiça, mas não querer vsar dellas, & não seria o primeiro q̃ á vista do bem seguisse o peor caminho, leuado do gosto não da rezão. Não consiste a justiça dos vassallos, dezia o prudente Rey Dom Affonso o sabio na sciencia dos que a administraõ, mas na consciencia, & zelo de acertarem. Aja exame nas pessoas, & auera justiça, busquese nos Iuizes virtude, & inteireza, que estas saõ as calidades de mais importancia, sem virtude não pode auer justiça, pois a justiça he specie da virtude, & se a sciencia humana pode a justiça dar a cada hum o seu, porq̃ o entendimento donde nacerão, essas regras gerais, & leys ciuis pera o gouerno dos homens, pode

Lib. 3. Reg. c. 3

Panormit. de rebus gestis Alph.

podem muitas vezes mais por si so, que a memoria das tais leys, & quando he ajudado de fauor que Deos comunica aos q̃ desejão acertar, & do zello de comprir com a obrigação do officio que tem, que duuida ha que sera quasi impossiuel errar. E porque estas circunstancias saõ repetidas em outros muitos lugares, em respeito dos ministros em geral, tratarei de outras. Tambem sera conueniente que se prouejão os lugares por tempo mui limitado, assi o fazião os Romanos, todos os officios prouião por hum anno, so o de Censor duraua sinco annos por particulares rezoens, q̃ pera isso tinhão, & ainda no tẽpo de Marco Æmilio dictador se limitou o tempo, a anno & meyo, entendendo que não cõuinha ao bom gouerno durarẽ tanto os officios da republica, o que depois tornou a sua primeira origem. O mesmo costume introduzio em seu Reyno el-Rey Nino louuado de todos neste modo de gouerno, posto que noutros particulares reprouado. Verdade seja que Petro Gregorio reproua esta limitação de tempo nos ministros de justiça assi pellas nouidades que querem introduzir quando de nouo entrão, como pella autoridade que os ministros perpetuos em seus officios grangeão, com que se defendem das violencias dos poderosos, & fala como experimentado na condição dos homens, que cõ qualquer poder, & jurisdição que acquirem se querem mostrar diferentes de seus antecessores, nem se enganou em ter por necessario aplicar remedio a violencia com que os poderosos querem tratar os ministros de justiça, porem mais facilmente se remedeão estes inconuenientes que os que resultão de ministros que em seus officios saõ prepetuos, & independentes do tempo. Tiberio Cesar tambem foi deste voto parecendolhe q̃ os ministros nouos começauão com noua cede a tirar do pouo o que os velhos, por estarem ja fartos não fazem, não considerando a calidade das riquezas que quanto mais saõ, mais cede causaõ, & o freio com que os ministros temporais se acomodão a fazerem seus officios a cõta de tornarem a elles, ou os melhorarem a outros: por sem duuida tenho que fora de mais vtilidade serem annuaes, todos os da republica como saõ de prezente os de justiça, em que os inconuenientes apontados tinhão mais lugar, mas não seja taõ preciso o tempo de anno q̃ quando os merecimentos, & bom procedimento o pedir não seja licito prorogar mais tempo

Alex. ab Alex genialiũ dierum l. 3. cap. 13.

Diodor.

Petr. Greg. lib 4. ca. 5.

era

Alex. ab Alex lib. 2. genialium dierum cap. 2.

era isto mui ordinario entre os Romanos em cujas historias lemos que prorogaraõ o tempo de Questor a algũas pessoas ate tres annos por dar a ley a isso licença: Tambem conuem que se não guarde a residencia pera o fim do tempo, & esta se estenda aos ministros de justiça, mais superiores, que nestes ha mais necessidade, pois nelles fenecem as causas, & a autoridade, & reputação que tem, fas os males que cometem irremediaueis, porque nem as queixas q̃ os pequenos fazem dos grandes se admitem, nem ainda se ouuẽ & quer muitas vezes mais hum pobre homem perder quanto tem que ter contra si hum ministro poderoso. Não importa menos que aja desferente ordẽ, da que hoje se guarda nos aduogados seria de grande vtilidade q̃ fossem eleitos pello Principe que não fossem pagos pellas partes, ãtes se lhe prohibisse cõ rigor aceitarem: ja vejo que hauia esta reformação de ser mui mal recebida delles, & dos escriuaens cujo ganho consiste nas muitas causas, & que acharião contra ella infinitos inconuenientes que em tudo os ha, & se pera requererem contra a mais clara justiça nunca lhe faltam rezoens, & fundamentos autorizados com textos, nem houue homẽ por desarrezoado q̃ fosse em seus requerimentos, q̃ não achase muitos aduogados por si; que sera pera encontrar hum costume nouo, que sempre as nouidades representaõ difficuldade quando a vtilidade naõ he mui praticada. Porem as infirmidades grandes não se remedeaõ com medicinas suaues, & de todas as que padece a republica he a mais perjudicial o costume de se permitirem as contendas com que os homens se perseguem por meyo de litigios mais fundados em teima, que em rezão, destruindose huns aos outros sem outra vtilidade mais que a que resulta aos auogados, & escriuaens; & se a rezão ensina, que se dissimulem os inconuenientes menores porque não preualeçam os mayores, este he o que mais auulta na republica, & com mais cuidado se deue atalhar porq̃ de nenhũ outro vicio resultam tãtos males. Platão disse q̃ onde os letigios erão muitos não podia deixar de hauer muitas injurias, & por causa dellas muitas inimizades de q̃ se colligie quãto importa atalhar este vicio, & em quanto se faz pouco caso de remediar a rais, não pode elle cesar: de sorte nas pessoas mais que nas sciencias se deuẽ fazer os exames, & nos aduogados tanto como nos juizes, principalmente ẽ respeito das

Plato de legibus dial. 5.

causas ciueis que defender as q̃ claramente saõ injustas he afõte donde manaõ todas as contendas odios, & discordias dos vassallos, & não pode auer em todo o gouerno politico, mais intolerauel sem rezão que depender da vontade dos aduogados, pello seu parsicular interesse, aquietação de hũa republica. Achaga que esta na perna se procede de inflamaçaõ do figado, nelle se a le curar, & todos as mais curas seraõ de mui pouco effeito, queixasse o pouo q̃ as injustiças saõ muitas, & os litigios tantos, & taõ largos que duraõ mais que a vida, & vemos que aquelle se tem por melhor aduogado, que mais reparos sabe pera dilatar o que se deue, & mais pontas pera pedir o alheio, se esta he a rais de todos os males, & injustiças, que a republica padece, porque se não aplicara aqui o remedio, & quãdo este naõ seja de effeito, tratar de outros, & não paresa difficultoso auer deser a paga da fazenda real, que das mesmas partes pode sair per ordem mais conforme a inteireza da justiça, & vtilidade dos que nella saõ interesados, & quando ouuesse de custar ao Principe, não ficaua liure deste encargo, que em caminhar a justiça dos vassallos, & aplicar os remedios necessarios a execuçaõ das leys, he a principal obrigação sua. Esta he a significação da Coroa que lhe poem na cabeça, como notou Pierio Valeriano, porem esquecem os encargos, & so lembraõ os interesses, não deuendo ser assi em materia taõ importante que o interese mayor que os Principes podẽ ter he conseruarem seus vassallos ẽ pas, & vnião, & mal se podera esta conseguir por meyo de injustiças.

DISCVRSO XIII.

Importa muito ao bõ gouerno dos vassallos, a virtude, & prudencia dos Prelados.

ASTANTE rezaõ era pera mostrar a necessidade que a republicá tem de Prelados insignes em letras, & virtudes, serem instituidos pera intercederem a Deos por seus subditos, & lhes ẽsinarẽ a ley diuina; como Moyses primeiro Prelado da ley escrita que de continuo clamaua a Deos pello seu pouo, delle diz a scritura que desejaua, & trabalhaua por ver todos seus subditos sanctos, ainda q̃ fosse a cõta de seu credito, & hõra: & o mesmo faziaõ muitos Prelados da ley da graça, q̃ cõ suas vidas, & doutrina ẽsinaraõ aos q̃ depois lhe hauião de soceder no oficio

Exod. 15.

Num. 11.

porem

porem naõ me gouernarei tãto nesta materia pellas rezoens q̃ resultaõ em vtilidade do spirito como pellas que seruem ao estado, pois este he o meu principal intento, cuja prosperidade sera facil de mostrar, quãto dependa do bom gouerno, & exẽplo dos Prelados: porq̃ como a sua conta esta extirpar os vicios, & estes saõ os que mais corrompem a republica, & descompoem o gouerno della, qual for o seu cuidado tal a prosperidade, & vniaõ dos subditos, & cõ muita rezão se permite aos Principes que nomeem os Bispos de seus estados, pois elles saõ os mais interessados no bem de seus vassallos, que mais depende dos Bispos, que de todos os mais ministros. S. Ioaõ Chrisostomo cõ para a republica a hũa aruore cujas raizes saõ os Prelados, dõde se comunica a todos os ramos, & folhas a verdura, & graça, porq̃ se elles se descuidaõ ẽ seu officio naõ podem os subditos florecer. Como pode ser diz S. Hieronimo, que castigũe nos subditos a auareza o Prelado q̃ for conhecido por auarento, & como podem os subditos deixar de imitar, & ainda se venerar os proprios vicios q̃ virẽ autorisados ẽ seus Prelados: q̃ por esta rezão, notou S. Agostinho, particularizou a escritura a virtude do pouo Hebreo emquãto

Chrysost in Math 21. homl. 38.

August

foi gouernado por Iusue, a cuja imitação procedeo o pouo como deuia, & a mesma felicidade attribue ẽ outro lugar ao bõ gouerno do Sũmo sacerdote Onias: q̃ se o Prelado puser todas as forças, ẽ doutrinar suas ouelhas cõ exẽplo, & cuidado resultara ẽ tãta vtilidade da republica, ainda tẽporal, ẽ tãta paz, & vniaõ, q̃ pareção todos irmaõs: porq̃ esta força tẽ aley Euangelica quãdo he respeitada, & seguida perfeitamẽte, & não he isto nouo na ley q̃ professamos pois ẽ outra menos perfeita vimos q̃ o grande sacerdote Eleachim cõ o cuidado q̃ tinha de exortar, & encaminhar o seu pouo, causou tal vniaõ, & irmandade entre todos os moradores de Hierusalem, que dis o profeta Isaias os gouernaua como pay a seus filhos: que Deos particularmente concorresse cõ estes, & outros muitos Prelados, pera com tanta felicidade gouernarem seus subditos, bem se pode affirmar, porque ja Aristoteles se espantou de se poderem conseruar em amor, & vniaõ tam varias condiçoens, como se ajũtaõ em hũa republica, de que nacem discordias ainda entre os mayores amigos: porem tambẽ se pode atribuir a causas humanas, q̃ aley natural em que se fundão asq̃ seruem ao gouerno da republica, & cõseruação

Iõsue: 24.

2. Mac 3.

Esai: 22.

Arist. l. 1. Oeconom. cap. 4

dos homens, hẽ principio mui sabido na ley diuina,& quando os vassallos forem tais,que procedão com virtude,& que com rezão se possaõ chamar filhos, & discipulos de hum Prelado prudente,& sancto,estejão seguros os Principes q̃ os gouernarão com muita suauidade:& de Prelados pouco aprouados na virtude,não esperẽ bõs effeitos, que facilmente seraõ imitados nos vicios,q̃ tiuerẽ,&suas faltase comunicarão a todos não só vassallos,mas aos mesmos Principes:não posso deixar de refirir neste lugar posto que se apontase,em outro quão poderosa foi a virtude,& exemplo do Pontifice Ioiada pera não somente conseruar em paz,& obseruancia da ley diuina ao seu pouo,mas ao mesmo Rey Ioas, de quem a Escritura Sagrada diz,que foi bom Rey em quãto viueo o Pontifice Ioada,&depois de sua morte se desẽfreou ẽ mil vicios,a maldade dos Bispos inficionados com erros no tempo de Rotharis Rey dos Longobardos bastou pera preuerter,& desencaminhar da obediencia Romana a todo o pouo: achou este Rey sendo mui sagas,& manhoso, que não auia melhor remedio pera destruir os vassallos do Papa,que então era Ioão quarto que terem os Bispos erros,que por exemplo, ou doctrina, se comunicassem ao pouo, a imitaçaõ do Pontifice Iason,que depois de comprar o Summo sacerdocio a el-Rey Anthioco,peruerteo com seu mao exemplo, & doutrina a mayor parte de seus parentes & naturais:de sorte que he impossiuel serem os vassallos bons quando os Prelados forem mamaos,& hauer felicidade na republica em que faltar o exemplo dos bõs,& pera que os Principes,a cuja conta esta anomeação delles,& o gouerno dos vassallos possaõ eleger os que mais conuenientes forem pera com sua vida,& exemplo doctrinarem o pouo,apontarei alguns fũdamentos não imaginados por mi,mas collegidos dos que nesta materia melhor voto tiueraõ.E se estas aduertencias parecerem mais encaminhadas aos Prelados,naõ he o meu intento offerecellas mais que aos Principes, por lhes serem tão necessarias , porque , das obrigaçoens dos Prelados deuem colligir o cuidado cõ que os deuem elleger, & não se lhes podẽ representar melhor por outro modo.

4.Reg. 12.

2.Mac 4.

*****
***
*

DIS-

DISCVRSO XIIII.

Apontanse as calidades que se deuem considerar na eleição dos Prelados.

QVANDO S. Paulo quis apontar as calidades que os Prelados deuẽ ter diz q̃ não auera nelles cousa digna de reprẽsaõ, & logo reparte a perfeiçaõ de vida que deuem ter em varias virtudes, pos no primeiro lugar a sobriedade, como virtude poderosa contra a magestade, & soberba, que as riquezas consigo trazem, aduirtindo, que podião os Prelados então pobres, & desprezados, chegar a tempo que fossem nas rendas, & honras superiores aos mais; & que seria grande falta empregarem em grandezas, & dilicias as rendas que se lhes derão pera despenderem. S. Hieronimo os amoesta que não tenhaõ pera si, lhes derão officio de mandar, mas de despender, porque com o Bispado se dá ocasião de humildade, & não de soberba; de trabalho, não de dilicias; & notou auisadamente hum Doctor graue, q̃ não disse Christo a S. Pedro, q̃ trasquiasse, ou matasse as ouelhas, mas q̃ as apasẽtasse: porq̃ o interesse da Prelazia cõsiste no merecimẽto, naõ nas rẽdas: & quãdo aja estas, deuẽ ser as q̃ bastẽ pera viuer, & não sobejẽ pera superfluidades; aduertencias mais necessarias aos Principes pera q̃ não prouejão prelazias ẽ pessoas costumadas a gastos superfluos, porq̃ he dar a hum frenetico armas cõ q̃ se mate: & pera acertarem nesta eleição, não lancẽ os olhos aos respeitos humanos, que officios instituidos pera gouerno do Espirito, não fundão bem sobre carne, & sangue: dar o Principe officios no gouerno de seu estado, aos q̃ honrou com titulos, & merces, cousa he que se pode permitir; entregar o gouerno das almas, & o patrimonio de Christo aquem não tem mais merecimento, que ser filho de hum ministro, ou parente de hũ titulo, he querer prouer a pessoa da renda, & não o lugar da pessoa, & não se pode esperar, q̃ os tais prelados procedão como conuẽ, porq̃ os merecimentos dos pais podẽ hõrar os filhos, mas não darlhes talẽto pera ogouerno da Igreja, q̃ depẽde decir cũstãcias mais spirituaes. Querer ẽ q̃ se pratique como ley prouerẽse as prelazias, como capitanias com respeito ás familias; & aos seruiços dos passados, & que possa mais esta rezam de estado, que a realidade, & fundamento das rezoens, & clausulas q̃o Senhor, & instituidor dos mesmos officios apõtou, não

Hieron. super epist. Paul.

Peral. Episc. lugdun.

pode resultar em vtilidade dos vassallos do Principe, & ouelhas dos prelados, antes em destruição sua: que as rezoens de authoridade, oude appetite hão de gastar o que se ordenou pera remedio das ouelhas necessitadas; & posto que o meu intento não seja aduirtir aos Prelados, mas aos que os deuem eleger, só hũa lembrança me daraõ licença que lhes faça, permitira Deos que não aja ocasiaõ pera que seja necessaria: que considerem quãto suor de suas ouelhas custaõ os dizimos que comem, porque por ventura que se moderem nos gastos, & os empreguem nos pobres, & necessitados. Passando Pisistrato Rey tirano de Athenas, por hum campo, vio hum velho que andaua semeando entre humas pedras, perguntoulhe o Rey q̃ esperaua colher de tão má terra respondeo o velho q̃ angustias, & espinhas, & q̃ ate disso auia depagar dizimo a Pisistrato, de maneira penetrarão estas palauras ao Rey tirano que nũca mais quis gozar dos dizimos, parecendolhe crueldade gastar em faustos o que tanto trabalho custaua, pensamento mais digno de hũ Prelado Catholico, que de hũ Rey gentio, & que por tirania tinha entrado no Reyno. Não se atreueo Moyses estando no fim de sua vida, a nomear Prelado sucessor seu, pedio a Deos q̃ elle o elegesse. porque entẽdeo que podia algum respeito inclinalo ao que não fosse mais digno, & vio o perjuizo que resultaua de eleger o que tratasse mais de recolher a renda que de se lembrar dos encargos. Deuem os ministros diuinos elegerse sem respeitos humanos, q̃ seruem estes de cõsumir as rendas, & destruir os subditos; & tenhão os Principes por sem duuida que se fizerem pouco caso desta aduertencia, cortando pello respeito deuido a Deos, & antepondolhe as rezoens temporais, hão de experimentar infelicidades sem darem fè da causa dellas, tanto mayores quanto mais participarẽ da carne, & sangue, de que pudera apontar exẽplos domesticos se fora permitido nomear pessoas. A sobriedade ajunta S. Paulo. castidade, prudẽcia, & sciencia, virtudes mais proprias dos Prelados, que com exemplo, & bom gouerno, deuem encaminhar os subditos, circunstancias que os Principes deuem muito considerar, porq̃ a vida pouco honesta do Prelado authoriza os vicios, & a falta de prudencia desauthoriza os remedios, & a sciẽcia desprezada da confiança, & atreuimẽto aos que se temem della, estas tres circunstancias considerou S. Chrysostomo serem mui pro

ad Tim.

Chrisost.

prias

prias dos Anjos em quem a pureza tem sua prefeição, a prudẽcia, & sciencia seu assento, & posto que nelles per natureza, nos Prelados por necessidade, que sem estas virtudes sera impossiuel apacentarem suas ouelhas. Com muita propriedade comparou o Bispo Chromancio os Prelados aos olhos, que sendo partes do corpo, saõ na nobreza, & calidade tãodifferentes de todas as mais, que exercitão seu officio, como diz Ficino, cõmodo spiritual, & differente dos mais membros. Deuem os Prelados, a imitação dos olhos, executar a obrigaçãode seu officio vigiando sobre suas ouelhas, não com respeitos temporais, mas com rezoens spirituaes, nẽ tratando de sua comodidade, mas da vtilidade daquelles, que tem a seu cargo. Quando Deos quis na ley velha eleger o Summo sacerdote não fiando esta elleição dos Hebreos, mandou que cada tribu trouxesse sua vara seca, & daquelle tribo seria eleito por seu Pontifice cuja vara no dia seguinte se achasse que estaua verde, & com flores. S. Ambrosio achou que quis Deos declarar nesta ceremonia a pureza, & sobriedade significada nas flores: fazendo o Abulense menção destas varas pergunta se a vara do summo sacerdote Aaraõ q̃ hũa vez floreceo, & se guardaua no tabernaculo perdeo as flores, ou se as conseruou, & respõde que sempre ficou verde, & com flores, pera que fosse testemunha da eleição feita por Deos: quis o Senhor ensinar aos q̃ tem a sua conta eleger os Prelados que se hão de justificar, & mostrar ao mundo a excellencia de suas vidas, pois não so os presentes, mas os vẽdouros haõ de dar fẽ da tal eleição. Tambẽ perguntão alguns curiosos de q̃ era a tal vara, & responde Origenes, Philo, Procopio, Oleastro & outros que era de amendoeira, & o prouão com o mesmo Texto sagrado: he á amendoeira simbolo da vigilancia, virtude mais necessaria nos Prelados que os descuidados, & froxos não saõ pera officio de tãto trabalho, nem a vigilancia deue ser em respeito das pretensoẽs, ou negocios seculares, que hauera alguns pera elles vigilantissimos, & nas que tocão ao pastodas ouelhas mui remissos: Deos se queixaua dos Prelados Israelitas, que empregauão o cuidado em cobrar as rendas, & a comodar as pessoas esquecendosse das ouelhas, he o nome de Prelado deriuado de hũa palaura Grega, que quer dizer vigiar, porque esta deue ser a principal ocupação sua não se contentando com terem abertas as

Chromãtij Epis c. in cap 6. Math.

Fic. in Plat.

Num. 17.

Ambr.

Abul. q 11. in nu. 17.

Origen. Phil. Procop. Oleaster

Num. 17.

Ezechiel 33. & 34.

portas a toda a hora, mas com buscarem os necessitados, & os que saõ mais amigos de seu descanso, que do remedio dos subditos, não tem nomes de pastores, mas de mercenarios como o Senhor lhe chama. A Escritura santa conta pera exemplo dos Prelados o cuidado com q̃ Samuel Pōtifice do pouo Israelitico se cansaua por suas ouelhas, não somente estando patẽte a quantos o querião ver, mas correndo pessoalmente todos os lugares de sua jurisdição pera com menos trabalho dos subditos ouuir seus requerimentos & remedear suas necessidades: que não se compadecem com o officio de pastor comodidade propria, & descanso; em respeito disto mandaua Deos que o Summo sacerdote trouxesse os nomes dos doze filhos de Israel esculpidos no racional que andaua sobre o peito em doze pedras preciosas, & juntamente sobre os hombros ẽ duas pedras, seis em cada hũa, pera que se entendesse que não so era obrigação dos Pontifices trazerem aos hombros seus subditos, & remediarem com o trabalho corporal suas necessidades, mas tambem no peito sobre o coração pera que se soubese que o cuidado que delles tinhaõ não era por comprimẽto, & a caso, mas procedido do amor com que os

1. Reg. 7.

trataua, que essa deuia de ser a rezão pera o mesmo Deos mãdar que a vestidura sacerdotal fosse aberta ate o peito, que as entranhas cerradas, & peito mimoso, & escondido ao trabalho não he de ministros eleitos por Deos. E posto que estas aduertẽcias siruão aos Prelados, com mais rezão se deuem lembrar aos Principes que os nomeaõ, porque mais facil sera acautelar o Principe na eleição que fizer, que refrear a hum Prelado o appetite, & costume a que estiuer habituado, & se a eleiçaõ se não gouernar mais por rezão, q̃ por gosto, mal podera o eleito desprezar o gosto pella rezão. Tambem S. Paulo lembra por circunstancia mui necessaria, o gouerno da propria casa, porq̃ he impossiuel tratar da reformaçaõ das ouelhas o Prelado q̃ primeiro naõ tratar de sua casa, conclusaõ he esta taõ aueriguada, que quando hum criado del Rey Ioram lhe quis gabar muito a virtude de Eliseu, se contentou com dizer que era criado de Elias: & notou Caetano que era sinal este mui bastante pera conhecer à santidade de Eliseu, que naõ he possiuel, disse Menandro serem viciosos os q̃ seruem a virtuosos; de sorte que o caminho mais certo de o Principe conhecer os que hade prouer nas prelazias, he certificarse

Caet. in lib. Reg.

Menander.

no

no procedimento dos que o ser uem, que quem sofre desordens em sua propria casa, melhor as sofrera nas alheas: rezão que o Emperador Alexandre seuero consideraua na eleição de quaesquer ministros, que auia de admitir ao gouerno da republica; informauase como gouernauão suas casas, & daqui infiria como gouernarião a republica; He remedio este que suple a falta de outro, posto que a experiencia do gouerno de casa he menos certa que a que se tem dos tribunais, em que não so seuem os talentos, mas se aprendem os estilos, & caminhos de proceder nos negoceos de consideração: & assi como pera os cargos superiores deue preceder esta ocupação, pera a eleição de Prelados, não he menos necessaria outra semelhante, em tribunais ecclesiasticos. Muito importa a liberdade nos Prelados, pois he obrigação sua offerecerem a vida pello remedio de suas ouelhas, parecera impossiuel respeitarse esta circunstancia nas eleiçoens porque nas ocasioens a mostrão aquelles de que menos se espera: o remedio esta ẽ fugir da auareza, & ambição, vicios de que os Principes facilmente podem ter noticia, porq̃ nas mesmas ocasioens de pretẽder se descobrem. Saõ Paulo se não esqueceo de as apontar lẽbrando aos Prelados que naõ se jaõ cobiçosos, porque he impossiuel terem brio contra os Principes, & ministros, se delles dependerem. Hão de ter brio pera resistirem, & valor pera reprenderem quando a necessidade spiritual o pedir porque nisto seruem aos mesmos Principes, lembrandose do que vsou S. Ambrosio com o Emperador Theodosio. Mayor profeta era Dauid que Natão, & com tudo teue Natão brio pera o reprender, antepondo a necessidade ao respeito. A Escritura santa faz menção de dous lanços q̃ Moyses teue, que a primeira vista parece se encontrão, porque em hum mostrou animo, em outro falta delle, o primeiro foi resistir a Farao em defensaõ de seupouo, o outro não querer aceitar o gouerno de outra prelazia mayor quando Deos lha offereceo: porem não ha duuida, que hum lanço, & outro naceo de lhe faltar ambição porque se Moyses a tiuera pera aceitar, & pretender melhor lugar, naõ tiuera brio pera resistir, & encontrar o gosto de hum Rey tão poderoso como Pharao; & esta foi a rezão porque na eleição que depois fez de Prelados inferiores, se não lembrou de outro vicio, mais que da auareza, porque Prelados sogeitos a interese não podem comprir cõ sua

Hist. in p.

Exod. 14.

Num. 18.

August de verb. Domini

sua obrigaçaõ. S. Agostinho cõsiderou grande deficuldade em achar hum bom Prelado, queixa que elle repete com grande sentimento, & se já em seu tempo, tinha pera sy era cousa mui difficultosa, crecendo a malicia do tempo cada dia mais, merce sera grande de Deos perseruar della aos Prelados de sua Igreja: não he o meu intento tratar delles, mas somente lembrar aos Principes as rezoens que deuem considerar nas tais eleiçoens, porque a elles seruẽ mais estas aduertências na occasiam ẽ que hão de melhorar de hũs Bispados a outros em que a cautela deue ser mayor, posto que hauia mais rezoens pera se reprouar este costume, de que deuia fazer particular discurso, pellos incouuenientes que delle resultão, & de se ter entrodu zido de modo que se queixam os Bispos, quãdo os não melhoraõ por antiguidade, tẽdoo por grande agrauo, como se as prelazias attendessem mais aos annos que aos merecimentos, de que se segue estarẽ muitos nos Bispados como de passagẽ, naõ gastando com os pobres, & obras necessariasas rendas que delles gozão, & sendo toda a vida pretendentes, empregando nas bullas dos Bispados, o dinheiro que pertencia mais aos necessitados, porem costumes, q̃ tem acquirido tanta autoridade he crime falar nelles: o que por ora aduirto he que as tais promoçoens naõ deuem ser com respeito ao tempo, mas aos merecimentos, nem se deuem regular pellos muitos annos, mas pella muita virtude, nem por seruiços temporais, mas por rezoens spirituais, porque so estas deuẽ ter lugar no prouimento de officios taõ superiores a todos os outros da republica.

DISCVRSO XV.

Se conuem hauer igualdade em todos conforme a ley de Lycurgo, ou que a desigualdade se mostre nos trages conforme o costume dos Romanos.

ALGVNS pareceo que as respublicas se gouernariaõ melhor sendo todos iguais na condição & sorte sem auer distinção entre altos, & baixos, nobres, & plebreos, dando por rezão que assi se podiaõ conseruar mais facilmente acupandose todos nos officios que aprendessem liures das ociosidades, & vicios q̃ nos mais nobres por causa de seu poder, & riquezas costumão ser mais certos, ajuntando a isto a vexaçaõ que os menores recebem dos que acertaraõ melhor

qui-

quinhão da fortuna, com quẽ se dà mui bem a soberba,& todos os vicios,que della nacem: que esta disse Plauto sempre acompanha a prosperidade,& aqui entra o gouerno de Lycurgo praticado entre os Lacedemonios, de que poucoha fiz mẽção,que reduzio os seus cidadoens a hum modo de viuer igual entre todos, não auendo hum mais rico que outro a cuja imitaçaõ,dizem alguns Historiadores,que se resolueraõ os Esguisaros em matarem todos os nobres ficando so aquelles que em calidade eraõ inferiores, & assi se conseruaraõ muito tempo,ate que por bandos,& parcialidades se perderaõ. Porem tem esta opinião contra si, não somente as rezoens politicas, mas ainda as diuinas em cuja imitação consiste a melhor, policia:porque não criou Deos genero algum de cousas em que não fizesse differença, & desigualdade,entre hũas, & outras, nos animais da terra huns grandes outros piquenos,huns mansos outros brauos,huns fermosos outros feos;nas plantas humas de hũa sorte outras de outra,& assi em todas as mais criaturas,& ainda na gloria emque parece cessauão todos os inconuenientes, que podião resultar da desigualdade,podẽdo o mesmo Deos,sem custo algum seu, igualar na nobreza,& fermosura a todos os spiritos que o auião de seruir,quis que huns fossem superiores aos outros, & auentejados nas excellencias, & com muito mais rezoens nos homens,cujas imperfeiçoens tẽ tanta necessidade deste remedio,pera conseruação das respublicas,& estados,como he facil de considerar, porque igualdade de fortuna,com desigualdade de condiçoens,& humores, he impossiuel conseruarse a si, nem apaz,& felicidade da republica. As rezoens politicas, ainda que necessariamente se não ouuessem de conformar cõ as diuinas,tem mostrado muito ao claro,que a nobreza he a q̃ sustenta os estados,& respublicas com seu conselho,& valor, & onde ella falta tudo he confusaõ.Quando em Roma ouue certa discordia entre os nobres & plebeyos sobre que os officios todos de importancia se dauão aos nobres,& sobre não permitirem casarem nobres com plebeyos,fauoreceo o Tribuno Canuleyo tanto a parte do pouo,que veyo a alcançar que pera os officios pudessem ser eleitos assi plebeyos como nobres, porem o pouo andou tam auisado,que fazendose então eleição de tribunos os elegeo nobres, entendendo que isto era o que mais conuinha ao gouerno da repu-

Plauto in sticho

Paulo Iouio. 1. p. lib. 11.

republica,quando estes saõ os que deuem ser:que faltando o zelo,& virtude não faltarão insolencias,& soberba, com que ficaraõ de peor condiçaõ pera gouernar que os que não tem talento,nem calidade. Quando Moyses quis por em ordem o gouerno do pouo Israelitico, escolheo pera Gouernadores, & Iuizes os mais nobres,porque a estes entendeo que teria o pouo respeito,& particularmente os melhores delle.O grande republico Marco Tullio assi o disse: todos os que tratamos do bẽ comum fauorecemos a nobreza,porque isto he o que conuẽ a republica, nem he somente proueito seu respeitar aos mais nobres,mas necessidade, que as alteraçoen ,& desmanchos do pouo, forão irremediaueis, faltando aquẽ obedecessem Quãdo Sexto Tarquinio por conselho de seu pai Tarquinio soberbo se foi aos Gabios, fingindo ir fugido,& queixoso de seu pai cobrou tanta authoridade,&poder na republica que podia ja dispor della,como lhe parecesse,auisou ao pai do estado em q̃ estaua,oqual entrando em hũ jardim foi dando nas dormideiras com o bordão descabeçando as mais altas, & despedio o Embaixador sem reposta:entendeo o filho o que lhe queria dizer,& no mesmo ponto deu ordem com que se degolassem os mais nobres,a huns com poder a outros,com testemunhos que lhe leuantou,& deste modo acabou de destruir tudo,porq̃ faltando os nobres,não ouue quẽ falasse mais palaura:nem he bastãte o poder executado por gẽte humilde,cujo respeito,& authoridade he mui inferior, cujos animos, & entendimentos raramente acontece serem leuantados, & emprenderem obras de muita consideração.Bẽ auenturada terra diz Salamão, cujo Rey he nobre porque atè o Rey de quem depende toda a nobreza,he necessario que a tenha de sua natureza, pera cõ valor, & prudencia gouernar seu estado,que so estas calidades se achaõ em peitos nobres. Cornelio Tacito diz dos Germanos,que aos Reys elegaõ do melhor sangue,& aos Capitaẽs os mais virtuosos porque a virtude tambem ajuda ao brio pera as empresas de importancia, &a nobreza incita á obras magnificas,& gloriosas. Nos jogos olympios taõ celebrados entre os Romanos não podião entrar homẽs,baixos oubarbarosde nação,tẽdo por impossiuel fazerẽ estes feitos dignos de memoria. Não nego ser agente humilde & plebeya a que com seu trabalho,cultiua as terras,& se ocupa em todos os officios necessarios

Deut. 1

Cic. pro. Sestio.

Eccles. 10.

Tac. de moribus germanorum.

Calius l. 29. c. 8

sarios a vida humana, porẽ se a estes tais faltassem superiores a quẽ respeitassẽ fora mayor acõfusaõ, q̃ o interesse de seus trabalhos, & mais facil sera inclinar os nobres ao trabalho, q̃ persuadir os plebeyos a paz, & quietaçaõ, faltando aquẽ respeitẽ, por se gouernarẽ mais por medo q̃ por rezaõ: & daqui nace q̃ o risco mayor q̃ as respublicas costumaõ padecer he quando os nobres faltaõ, porq̃ tudo se conuerte ẽ cõfusaõ. Começãdo Cornelio Tacito à fazer mẽçaõ do miserauel estado ẽ q̃ a cidade de Roma estaua sẽdo destruida cõ incẽdios, arruinados os templos, violadas as ceremonias, desterrados os cidadoẽs, veio a cõcluir q̃ estas, & outras mayores crueldades se cometiaõ dentro de Roma, onde a nobreza se tinha por crime, & a virtude por peccado: bastante occasiaõ pera todos os males, q̃ onde a nobreza for desprezada naõ se podẽ esperar obras gloriosas; raras vezes acontece acharse no pouo hum brio deliberado pera materias de honra, quando estaja de custar sangue: & o que hum pouo inteiro naõ faz, temos visto diuersas vezes em hum so nobre. Estando o Cid Ruy Dias sobre Valença que então estaua sem Rey, vendose os da cidade mui apertados de fome se forão ao Cid pedindolhe as vidas, & que lhe entregarião a cidade; elle aceitou o offerecimento, porem com condição que primeiro lhe aujaõ de entregar a Abemafa que era o Mouro de mais calidade q̃ hauia naquella cidade, parecendolhe que em quanto nella estiuesse bastaua pera a defender com sua autoridade, pello respeito que os mais lhe tinhaõ, & assi foi que tanto que lho entregarão, facilmente se rendeo a cidade que doutra maneira custara muito trabalho. Os Historiadores dos Romanos dizem que achandose Tarquinio soberbo odiado, & mal quisto cõ seus vassallos pellas crueldades de que vsaua trabalhou muito de enfraquecer o poder, & autoridade dos nobres, parecendolhe que so elles poderiaõ repugnar as tiranias q̃ fazia, & não sofrer as vexaçoens do pouo, & em seu tempo se deminuio o numero dos Senadores, que como era a gente mais principal & poderosa, não pode acabar consigo que os ouuesse, pois elle se não podia refrear na terribel condição com que cometia mil crimes, & insultos; de sorte que o exemplo, & prudencia na paz, o esforço, & valor na guerra em que os nobres se auẽtajão saõ as mais necessarias

ajudas do gouerno,& conserua ção da republica como a experiencia tem mostrado, & sem ellas sera impossiuel deixar de hauer grande confusaõ em todas as materias,& se os Lacedemonios se conseruarão algum tempo com igualdade de bens: nos lugares de gouerno, & calidade de sangue auia differença, porque a lem do Rey,& Principes, auia vinte & oito pessoas das mais autorizadas em calidade,& prudencia q julgauão as contendas,& determinauão cõ o Rey os negocios de mais importancia:entendendo que era impossiuel poder em hũa republica auer gouerno,& conserua ção da paz,& bem comum, sendo todos da mesma sorte. Porẽ não presumão os nobres a conta da necessidade que a republica delles tem,mostrar mais poder do q conuẽ,& fazer injurias á gente do pouo q ẽ varias ocasioens se tem visto poder o pouo muito, & leuantarse contra os nobres fazendo per si gouerno;assi aconteceo aos Genoueses no anno de mil,& quinhentos & sete,q leuantandose contra os nobres os lançarão do gouerno:E em Vngria no anno de mil,& quinhentos,& quatorze vendose sopeados,& mal tratados os homens plebeyos,& lauradores se leuantarão contra os nobres,donde ficou aduirtido elRey de Polonia Casimiro pera prohibir com grande rigor aos nobres que não fizessẽ genero algum de afrõta, ou molestia a gente do pouo, receoso do q daqui podia resultar. Que a calidade das pessoas se mostre na differença dos trages he a duuida de mais consideração, porque os nobres podem muitas vezes menos que os que o não saõ:& se ouuer de ser encargo da nobreza, o vestido mais custoso,ou mais cantidade de criados, muitos não chegaraõ aparecerem o que saõ,&se a differença hade ser em cousas de menos porte,alẽ de ser cõtra o lustre,& ornato das respublicas & cortes dos Principes,virão os de menos condição ficar tão abatidos,& desprezados q resulte ẽ menos honra do estado, & ainda ẽ perda grande,que os animos quebrantados ocupão,& naõ aproueitaõ:por esta causa se costumaõ entre os soldados tantas galas sẽ nelles terẽ força as pramaticas,porq não siruaõ os trages humildes de lhe abater os animos. Augusto Cesar mui inimigo era deq̃notrage se reparasse.E elRey D.Affonso o sabio de Aragaõ dezia que adiferença,que os Prineipes, & nobres deuiam fazer aos mais,naõ deuia ser em vestidos, mas em costumes,& virtudes,& isto era o que mais cõuinha,porẽ as leys

Man.l. 4.apoph Panorm l. 1.de rebus gestis Alph.

leys,& pragmaticas naõ tem jurisdiçam sobre os interiores, & pellos exteriores se gouernão. Os Romanos que melhor acertarão em todos os particulares do bẽ publico, tinhaõ suas differenças de vestido conforme as calidades das pessoas. Os nobres trazião a toga quẽ era vestido comprido atê baixo, donde as outras naçoens os chamauão os togatos, porem com differençaque os moços nobres atè os dezoito annos as traziam de grã, que chamauaõ pretextas,& dahi em diante as trazião brancas,os soldados trazião hũ modo de vestir que chamauão Saga,os magistrados traziaõ a toga pretexta, a palmata se vsaua nos triumphos, toga pueril era o trage ordinario dos moços,que quando mayores se vestiaõ de outro modo: & desta maneira se conheciaõ huns, & outros,& obseruauaõ tãto estes costumes que naõ consentio o Senado Romano a Menavaraõ mui rico,& poderoso q̃ trouxesse hũa toga por auer sido escrauo de Pompeyo, mandoulhe q̃ a naõtrouxesse:&com muita rezaõ se deuia praticar esta differença de vestidos, porque a liberdade de cada hum trazer o que melhor lhe parece,he causa de que se naõ saibaõquaissaõ huns,& outros,& desta confusaõ naõ resultaõ poucos enganos,fingindo cada hum o quẽ não he,& cometendo o q̃ não deue,ocasião dos ardis cõ quẽ vemos cada dia enganarensedõzellas, roubarense fazendas, & cometerense outros crimes perjudiciaes ao bẽ comum, & não pode desta ordem resultar afrõta algũa,se não for aquelles,quẽ pera fazerem o que não deuẽ, querem fingir o que não saõ.

DISCVRSO XVI.

Em que consiste a nobreza se no sangue se nas obras.

TRES modos, & differẽças de nobreza se deuem considerar, huã que procede dos antẽpassados,outra que osPrincipes dão aquem querem, outra que se acquire por valor,&obras heroicas.Muitos tiuerão pera si q̃ so a nobreza contraida dos pais,& auos era verdadeira,& natural,assi o disse Aristoteles difinindo a nobreza,que era certo lustre recebido dos passados,& mostra algũa rezão:porque he tão poderoso o sangue bom q̃ dá brio, & valor ainda aquelles que não tem noticia de sua calidade,nẽ conhecerão seus pais como diuersas vezes tẽ acõtecido.Não sabião Romulo,& Remo,q̃ eraõ netos deReysquãdo o brio de mãdar, & senhorear

Arist. l. 2. Rhet.

a outros lhe não consentia ver cousas mal feitas entre os pastores que elles tinhaõ por seus iguais: delles conta Plutarcho q̃ quãdo eraõ moços arremetiam aos ladroens, & lhes fazião tornar os furtos, vingauão as injurias q̃ se fazião a seus naturais, cõpunhaõ as discordias, & faziaõ outras semelhãtes obras ẽ q̃ mostrauão o Real sangue q̃ tinhão, fazendo differença dos mais pastores q̃ na criação, & posses lhes eraõ iguais. E Salamão disse q̃ a nobreza consistia na descẽdẽcia depais nobres como quẽ sabia a excellẽcia, & valor q̃ a natureza costuma comunicar por meyo do sangue cõtraido de antepassados nobres. Outro genero de nobreza daõ os Principes á quẽ querẽ, porq̃ o podẽ fazer, & he erro cuidar que naõ ha nelles este poder, segundo dizem os Emperadores, Theodosio, Archadio, & Honorio, referidos por Petro Gregorio: porq̃ os q̃ de presente saõ nobres tambẽ descendem de homens q̃ o não foraõ, & tiueraõ principio de nobreza dada pello Principe, & doutra sorte seria necessario cõfessarmos nos tais hũa nobreza eterna, & sem principio, ou caida do Ceo, & por ventura q̃ algũs destes o cuidẽ de si, porque não so querẽ esconder a memoria de seus auos, mas de tal maneira a pretendem enterrar, q̃ nem a càso se lhes a de falar nelles, querendo mostrar que tem outro genero de nobreza mais superior, & fazendo pouca conta dos que nouamẽte começão alcançar alguns graos de nobreza, que o Principe lhes dá; q̃ todos os nobres (diz Seneca) tem filhos q̃ o naõ saõ, & naõ ha plebeyo cujos filhos, ou netos não venhaõ a ser nobres. Plutarcho conta que priuando Alexandre Magno da coroa a elRey Papho procurou buscar algum descendente da linha Real, & achou q̃ hũ hortelão era o parẽte mais chegado a q̃ por direito pertencia o Reyno pello que o meteo de posse delle. Ninguem se engane consigo (diz Plataõ) q̃ o tempo faz grandes misturas de gerações, os ãtepassados dos q̃ hoje saõ Reys, foraõ ja seruos, & os ãtepassados dos q̃ saõ seruos, foraõ ja Reys: & nestas voltas, & reuoluçoẽs, se vai sustẽtãdo o tẽpo, fazẽdo a fortuna seu officio, amontoando as honras, & riquezas a hũa, & outra parte, sem pera isso buscar rezaõ, ou fũdamẽto mais q̃ auontade cõ q̃ as distribue, & o q̃ hoie começa a ser nobre por rezoẽs q̃ o Principe teue pera o fazer, ainda q̃ immediatamẽte proceda dequẽ onaõ foi: se os homẽs alcãçaraõ ascoussas passadas cõ algũ genero de memoria mais perspicaz viraõ que esses que naõ foraõ nobres proce-

Plut. in vita Romuli.

Petr. Greg. Tolos. l. 4. c. 2. de rep.

Seneca in epist. 44.

Plut. in oratione 2. de fortuna Alexãdri

Plat. refert.

Petr. Greg. vlt. supra.

procedem de outros que o forão,& he prouidencia da natureza pera perfeição, & conseruação de suas cousas que vão recebendo differentes calidades, como a materia prima diuersas formas:& taõbem tem introduzido a ordem de gouerno,& necessidade com que os homens obedecem a hũa cabeça q̃ della dependa a nobreza que cada hum deue ter,porque não fique na vontade do pouo,ou no poder dos ambiciosos a medida da honra com q̃ deuẽ ser tratados,q̃ o Principe deue regular segundo as obras, procedimentos,& seruiços que â republica fizerem.O terceiro genero de nobreza se grangea com obras heroicas,& esta disse Platão, q̃ era a mais verdadeira,& legitima,porque as mais consistẽ na opinião dos homens,esta na realidade.Muitos decendem de pais illustres,&valerosos,q̃ por suas obras saõ baixos,& indignos de todo respeito,& nobreza, como foi Cham filho de Noe,por seu pai o melhor do mũdo, por seus vicios desprezado,& seruo de seus proprios irmãos; outros sendo de humilde nacimento vẽ a ser mui illustres,por suas obras.Pastor foi ẽ moço ẽ cõpanhia de seu pai q̃ tinha o mesmo officio o valeroso Portugues Viriato cuja nobreza acquirida nas armas se comunicou á

Plato

Gen.9.

sua patria,naõ menos excellẽte cõ a memoria da pobreza de seus pais.Que parte ouue tão remota a q̃ naõ chegasse a noticia das virtudes,& heroicas obras do Emperador Aureliano, não menos illustre cõ ser filho de hũ homẽ taõ desconhecido,q̃ cançandose muitos Scriptores por lhe darẽ nome,& patria; nenhũ cõ certeza se afirma quẽ foi; nẽ donde natural: pelloque cõ muita rezão infirio o poeta Ouidio,q̃ o genero de nobreza mais excellente cõsistia nas obras não no sangue,porq̃ ellas derão nobreza aos progenitores dos q̃ hoje saõ nobres,& cõ o mesmo modo o podem ainda hoie dar aos q̃ nacẽ de pais,& auos desconhecidos. Ouue antigamẽte contenda entre Cicero,& Appio Pulchro,qual era de mais estima se a nobreza grangeada com obras,se a que vinha dos pais,& auos,jactauase Appio da antiguidade de sua geração não conformando com ella nos costumes,a que Cicero respondeo, q̃ deuia lembrarse daquella opiniaõ tão seguida, & verdadeira do Stoico Athenodoro,q̃ podia hũ homẽ ter pais,&auos nobres & elle não o ser:porq̃ os vicios, &costumes baixos abatẽ os q̃ de seus ãtepasados saõ mui ilustres, & o certo he que sendo o sangue entre todos igual,&da mesma calidade não consiste a nobreza

Ouid.de ponto.lib 1.

breza mais que em hũa opinião dos homens, faltando esta, não ha nobreza,&o mais certo he que faltara quando os vicios & desordens forem de calidade que fação esquecer à memoria das excellencias dos auos, ou ẽ caso que lembrem, resultẽ em mayor afronta de quem não respõde à ellas,porque não se chama nobre quem se vè tão falto de proprios merecimentos,que se acolhe aos dos pais,mas aquẽ os tẽ acquiridos,& grangeados por seu valor: Plutarcho compara a gente desta sorte que so trata da honra dos auos,a homẽ fugitiuo quedepois de reuoluer as igrejas,& altares não acha õde se esconder senão na sepultura de hum morto; acolher á nobreza dos mortos,fazer alarde das heroicas obras com que a grangearão,mui bem parece, quando o procedimento, & costumes dos descendentes conformão com ellas,porem quanto os merecimentos dos passados saõ mayores,tanto mais enuergonhão aquelles que tinhão obrigação de os imitar,& onão fazem:foi pensamento este daquelle prudente legislador Lycurgo oqual fez hũa pratica aos seus Cidadoens com intento de os persuadir a hum modo de uida mui reformada,& differente da que tinhão, & pera isto lhes pos diante dos olhos a nobreza,& valor de seus auos, & quanta rezão tinhão de os imitar,afirmandolhes que não lhes aproueitaria pera serem honrados,serem de seu sangue,se não mostrassem nas obras o valor q̃ elles tiuerão:porque a nobreza assi como começa em tempo,assi em tempo acaba, reuerdece com a virtude,secase com o vicio,nem basta a antiguidade de muitos annos quando chega o seu fim. Muitas aruores costumamos ver criadas por discurso de muitos annos,& em hũ instante com a força do vento,ou de hum rayo se arrancão,& hũ homem depois de muitos annos,ainda que criado:& acrecẽtado cõ trabalhos, vem huã hora em que se torna em terra cõ ausencia da alma. Ninguem duuida ser a virtude a alma da nobreza,faltando ella, segue se a corrupção. Resucitar merecimentos de auos,& enterrar os propios por não serem pera aparecer,não so he acçaõ poucohõrada,mas afrontosa,porque alẽ de ser tanto mayor o parentesco que ha entre as obras,& quẽ as faz,que entre os descendentes,& ascendentes,tem mais outra circunstancia as obras que não nacem a caso, como os filhos,com inclinaçoens,& condiçoens differentes aos pais, antes saõ voluntarias,& nellas se ve mais ao natural quem as faz

Plut. in mor.

Plut. in lacon.

que

que em sua propria pessoa, se conforme ao Euangelho, das obras se conhece quem cada hum he. Louuando hum homẽ a elRey Dom Affonso o sabio de Aragaõ da excellencia de seu sangue dizendo que era filho, & descendente de Reys, elle lhe respondeo, que o não afrontasse com o gabar pellos merecimentos de seus passados; que a elle lhe tocaua somente comprir com a obrigação de bom Rey, administrar justiça, & proceder como delle se esperaua, que nos merecimentos pessoais estaua o louuor não no sãgue, & a verdadeira nobreza nelles cõsistiá. Sendo o philosopho Bion pessoa de tantas partes, & merecimentos ouue quẽ o quis desautorizar com elRey Antigono, o qual o mãdou chamar pera se informar delle dõde era, & de que familia descendia, depois de o Philosopho ouuir a elRey lhe respõdeo, se quãdo auia mister homens que sou bessembem tirar, os examinaua pondolhe hum aluo à que tiras sem pera escolher os que melhor nelle acertassem, quando buscaua pessoas pera com sua prudencia, & saber acertarem os negocios de importancia, & presidirem aos mais como se não informaua das partes, mas da geração, sendo a nobreza do sangue hũa cousa accidental, & de mui pouco momento que com qualquer fumo acaba, & a que depende de valor, & obras sustancial, & propia. Perguntão os Doutores porq̃ na geração de Samuel que se refere no primeiro liuro dos Reys, se não faz menção mais que de quatro auos seus, sendo assi que no liuro do Paralipomenon se nomeam outros muitos; respondẽ, que Samuel foi o autor deste liuro, & não quis por mais auos que aquelles que eraõ necessários pera o dar à conhescer, parecendolhe mais honra sua o procedimento das obras, que a calidade do sangue dos auos: o liuro de Paralipomenon teue outro autor, & como lhe pareceo que ficaua Samuel mais honrado com a calidade dos auos os nomea mais por extenso. He ignorãcia (diz Ouidio) jactarnos muito daquillo ẽ q̃ não merecemos, & dos auos cujas virtudes não imitamos. S. Ioão Chrysostomo diz que a rezão porque Christo se quis nomear sempre por filho da Virgem, foi pera confundir os Iudeos, que toda a sua honra punhão em ser filhos de Abrahaõ, não tratando tanto das obras como dos auos, posto que ja nesta idade se acha raramente este genero de nobreza, porque os de baixo nacimento como trazem consigo a desculpa, de se exercitarem ẽ

Panorm. de rebus gest. Aphs. 2.

Ouid.

Chrysost

obras humildes, ou por falta de criaçaõ, ou porque o serem desconhecidos, lhes tira o pejo, q̃ muitas vezes he o principal motiuo de se emprenderem obras gloriosas, contentaõse com hũ genero de vida apagada entre os de sua calidade, & raramente aspiraõ a outra, senaõ obrigados da necessidade, & os que descendem de nobres, querem parecelo em gozarem, & pretẽderem os titulos, & comendas, & nestas ocasioẽs procurão ser lembrados, & tomão em caso de honra não fazerem conta delles, porem naquellas emque lhes toca defenderem a patria, armaremse contra os inimigos, & offerecerem a vida aos perigos, tem por agrauo falarse nelles: de maneira que pera o trabálho querem ser desconhecidos, & baixos, & pera o premio mui conhecidos, & honrados: deuem estes tais ter algũ parentesco com os morcegos, de que fingem os poetas, que quando se achauão onde lhes fosse necessario parecer aues mostrauão as azas, & quando lhes importaua ser animaes, mostrauão as tetas com que criauão seus filhos como os mais animais: & desta casta (diz hum autor graue) que eraõ os Samaritanos. Em tempo que Alexandre Magno quis conceder aos Iudeos o preuilegio do septimo anno em que não semeauaõ, nẽ colhiaõ cousa algũa deque lhes resultaua padecerem grandes necessidades, alegaraõ que tambem eraõ Iudeos, & em tempo de lRey Antiocho Epiphanes por ser inimigo dos Iudeos, & os perseguir, negarão ter parentesco algum com elles, de sorte que as ocasioens deproueito, os fazião ter parentesco ou não. Que trate cada hũ do q̃ melhor lhe esta cousa he a que naturalmente nos inclinamos todos, porem que os principes se persuadão a satisfazer merecimentos de sangue, esquecẽdose dos que as obras costumão dar, he causa de que nas ocasioens faltem homens: que o valor daspessoas, & não a antiguidade do sãgue he a que defende a republica, & nisto consiste o fundamẽto de toda a nobreza. Outro genero de nobreza tem o tempo introduzido, ou a cobiça dos homens inuentado, que so se tem por nobre o que he rico, & não he erro de qualquer gente, mas dos que melhor lugar tem na republica, sendo estes os q̃ mais deuião atalhar a esta abusão porque he mui perjudicial gouerno o que consiste em autorizar o dinheiro, & desautorizar os merecimentos, materia repetida em outro lugar, pelloq̃ conuem passar a outra, concluindo esta com ser mais excellen

te

te a nobreza,acquerida por obras proprias posto q̃ quãdo a estas se ajunta o lustre que o sãgue,& valor dos auos comunicaõ,mais se deue estimar, porq̃ ainda que hum diamante, com paração do glorioso S. Bernardo,sempre tem seu valor melhor parece quando está engastado em ouro,que ẽ qualquer outro metal.

S.Bern in epist.

DISCVRSO XVII.

Se consiste na mayor felicidade o melhor estado da republica.

TODAS as occupaçoens dos homẽs se resoluem ẽ grãgear,não tanto,o que he necessario pera viuer,como pera viuer cõ largueza,&prosperidade,quepera o necessario mui pouco basta:&como este pensamento he o que mais obriga a todos a arriscarem a vida,& fazerem excessos pellas riquezas,vem a julgar a muita cantidade dellas pella mayor felicidade, entendendo que na mayor abundancia de ouro,& prata,na fertilidade do sitio,& dilicias dos moradores consiste o mais felice estado a que póde chegar a republica-Porem hei de ir por outro caminho nesta materia, se parecer a alguns opiniaõ noua,nas materias,que não saõ de se pode cada hum julgar como lhe parecer.Em tres conclusoens hei de diuidir este assumpto que repartirei em tres discursos na primeira mostrarei que a demasiada prosperidade não he causa da conseruação, antes da ruina dos estados:na segunda q̃ a superfluidade nos gastos he o mayor inimigo da republica: na terceira que os vassallos ociosos,principalmente os mancebos,perjudicão mais que todos os outros males intrinsecos.Entrarei na proua da primeira conclusaõ apadrinhado do Filosofo Epicteto oqual dezia que todas as cousas da vida tinhaõ o crecimento,& mingua ante,que tem a lua,& por esta rezão pintão a fortuna cõ hũa roda,em que sobe, & dece as cousas de sua jurisdição ao mais alto,& baixo estado, & mais facilmente decem estando altos do que sobem do lugar baixo em que estão.Em nenhuma cousa experimentamos mais esta verdade, que nas respublicas,& Monarchias grandes,que cada dia vemos mudadas ẽ differentes estados cõ varios Principes,com nouas leys,& gouernos,& aquelles que mais felicidade parece que mostrauaõ,mais se hiaõ apressando â sua ruina.O auisado Platão foi rogado com muita instancia dos Cyrenenses

Epictetus.

Laert. lib:5.

nenses que lhes ordenasse algumas leys,com que se gouernassem,& o estado da republica se compusesse, Platão se escusou de o fazer,dando por razão que a felicidade em que viuiaõ seria causa de acabarem breuemente,& que terião pera si que podiaõ ter alguã culpa as leys que elle fizesse:em respeito disto dezia Scipiaõ o mayor que eraõ os animos dos vassallos como cauallos,que enfreados saõ de proueito,& desenfreados de muito perigo.Quando a republica se queixa,q̃ padece guerras,que he oprimida com leys rigurosas,entaõ está no melhor estado de sua conseruação, & quando mais leuantada no cume da vaidade, & nas dilicias de sua prosperidade,então mais perto de cair,& acabar.Compara Alciato em hum emblema a felicidade grande á rama dehũa aboba ra,que crecendo sobre o mais alto ramo de hum pinheiro,& vendose en tão leuantado lugar,se julgou por mui venturosa,parecendolhe que aquella verdura seria eterna. Mas o pinheiro,ainda que com menos verdura lhe respondeo,que antes queria a asperezá de suas folhas,cuja constancia resistia aos rigores do inuerno,& veraõ:& com este fundamento teue Pierio Valeriano á vide por hieroglificoda felicidade,q̃quãto mais cortão de seus ramos, mais proueito dá. As Monarchias famosas de que temos noticia tãto durarão,quanto estiuerão entre o estrondo das armas,& rigor das leys,quando as dilicias começarão a ẽtrar, começarão ellas acabar.Perguntão os Doutores porque liurando Deos aos Hebreos do catiueiro do Egipto os meteo em terra tão apertada,& cercada de tantos inimigos,porque conforme Abulense toda a terra de promissaõ não chegaua a ter nouenta legoas de comprido,nem chegaua a trinta de largo,& todas as mais terras erão de enimigos,& achão que foi rezão de estado de Deos pera que os Hebreos se não descuidassem,& andassẽ sempre occupados,& pera se lẽbrarem de Deos de quẽ mais dependia sua conseruação. Os Historiadores antigos dizem, que a modestia,& temperança dos Romanos,de que nacia obrio,& valor com que senhoreauão o mundo,se começou a perder com a entrada de muitas riquezas nacidade de Roma depois de acabada a guerra Asiatica:como tambem em Athenas afrouxou o zelo,& valor cõ as muitas riquezas, que tomarão aos Persas na guerra ẽ que desbaratarão,& puseraõ em fugida a Mardonio,daqui procederão todos os vicios comocho

Plut. in apoph.

Pier. Valer. l. 35.

Abul. in c. 13 num. 9. 39.

ra

Lucan. lib. 1. ra Lucano no primeiro liuro, & de maneira se apoderarão elles, crecendo a demasia de dilicias nos comeres, nos trages, & edificios, que foi necessario fazerẽse muitas leys que limitassem o que se auia de gastar: & chegou o excesso a estado, que não eraõ poderosas leys, pera o refrearem: de modo que querẽdo o Emperador Tiberio Cesar acodir a este mal não pode; & deixou de publicar hũa ley que cõtra os gastos demasiados tinha feito, dizẽdo que melhor era desistir do que não podia remediar, que intentar cousa que não auia de ter effeito; de maneira que forão tão poderosas as desordens nacidas da abundancia das riquezas, & prosperidades que chegarão a ser irremediaueis: donde vierão os politicos a julgar prudentemente por causa necessaria auer algumas guerras, que siruão de exercitar, & acautelar, não dando ẽtrada aos vicios. Fazendo S. Augostinho menção da vitoria q̃ os Romanos ouueraõ cõtra os Cartaginenses, diz que nella esteue toda a destruição do Imperio Romano, porque em quãto tinhão enimigos exercitauãse nas armas, & viuião com cautela, faltando elles, entrarão as dilicias, & a ociosidade, males muito mais perjudiciaes. Fazemos guerra, diz Aristoteles, pera viuermos em paz, porque esta se grangea não so com destruir os inimigos, mas com sogeitar, & render os vicios que se costumão criar entre as prosperidades, & bens da fortuna. Certo cortesaõ dizia ao Filosopho Antisthenes que nunca se podião escusar guerras, ainda q̃ não ouuesse necessidade dellas; pera morrerem os pobres, & miseraueis, & foi pensamento este que teue outro politico de nossos tempos, eu o tenho por impio, em quanto o fim de acabarem os pobres, porque o mais certo he, como respõdeo o mesmo Antisthenes, que mais pobres vem da guerra do que forão: a rezão de se ocuparem os cidadoens, he mui importante pera que o valor, & brio se não entorpeça, & em lugar delle entre a cruel peste das dilicias sẽsuais, que tantas Monarchias tẽ destruido. Muito desejou Lycurgo de introduzir em seus cidadoens mais pobreza que riqueza, tirou o valor ao ouro, & prata, pondo pena de morte a q̃ tiuesse em sua casa peças destes metais, mandando bater moeda de ferro, e fazẽdo extraordinarias reformaçoẽs sobre o comer. He verdade que Aristoteles o reproua nisto, porem do rigor a q̃ encaminhaua suas leys nacia tanto brio, & valor nos cidadoens, que diz Plutarcho, não

Alex. ab Alex lib. 3. c. 11.

Stob. in serm. 48.

Arist. 2. polit. c. 78.

auer

auer homens tão affeiçoados a guerra,como os Lacedemonios, assi se arremeçauão as occasioẽs de trabalho,& perigo,como outros agrandés delicias;dizem alguns que por se liurarem da ruim vida que tinhão em sua patria,querião antes andar por terras estranhas, ainda que fosse com as armas as costas:não enculco este gouerno dos Lacedemonios pera hoie se praticar, porque ainda entre religiosos se acha mais liberdade do que elles tinhaõ:& no estado em que a natureza dos homens hoie esta, ou seja peruertida com o mao costume,ou impossibilitada com os achaques, & outras causas tem este rigor muitos inconuenientes,& naõ admitem semelhante gouerno,principalmente em lugares de muita gẽte,onde cada homem tem seu officio,& exercicio differente: porem da felicidade com que aquelle Reyno se conseruou quinhentos annos poderemos coligir naõ serem as riquezas, & prosperidades demasiadas as q̃ seruem pera honra,& augmento das respublicas, antes dellas nacem pella mayorparte os meyos de sua destruiçaõ. E se nas respublicas,& estados se consideraõ estas rezoens cuja conseruaçaõ depende muito de hauer thesouros,& riquezas,naõ pera mayor comodidade,& descanço dos particulares, mas pera defensão, & sustentaçaõ de toda a republica,que sera nas religioens cuja conseruaçaõ,& augmento depende da pobreza,& humildade:que sendo estes os fundamentos principais com que começaraõ a multiplicar, & estenderse pello mũdo, estes deuem ser os meyos de se conseruarem;porque como he possiuel que se plantem as virtudes,& em respeito dellas se acquira a pia afeiçaõ dos homens com a pobreza, & humildade, e que desprezando esta causa se queira lançar maõ da riqueza,& presunçaõ pera se conseruarem:sendo assi,que ate as respublicas temporais se perdem por esta via,naõ digo que ha isto na realidade, porque como he taõ encontrado a rezaõ poucas vezes acontecera,mas conuem apontar os remedios ainda em respeito de casos imaginados,& aduirtir quam grande ẽgano sera pretender conseruar com abundancia de bens temporais o que se plantou, & regou com a falta,& odio delles; o certo he que a deuaçaõ se perderá por mais arraigada que esteja,os animos dos desinteressados se desafeiçoaráõ, & dos q̃ receberem algum dano se exasperaráõ,de sorte que com a riqueza grangeem sua propria destruiçaõ.Mui varias saõ as causas

S. Antoninus. Sabellicus. Ioan. Boccac. Paulus Emylius.

ſas que Hiſtoriadores daõ a deſtruiçaõ dos templarios a que mais conforma cõ a verdade colligida de autores graues, & do meſmo tempo he que da ſua muita proſperidade lhes naceo todo o mal, porque ſendo o ſeu principio fundado em honra, & defenſaõ da religiaõ Catholica, vieraõ atratar tanto de ſuas riquezas, que ſe fizeraõ odiados com o pouo, & incitaraõ a cobiça delRey Felippe de França autor de ſua deſtruiçaõ, poſto que com o braço do Papa Clemente quinto, & aos Principes ſe deuem fazer eſtas lembranças naõ pello intereſſe que lhes reſultara de terem menos as religioens, cujo fauor, & augmento honra os Principes, & lhes grangea diante de Deos felices ſucesſos, mas pella neceſſidade, que as meſmas religioens tem pera ſua conſeruação de ſe moderarem, pondo termo ao modo de acquirir, & ſe eſte não depender dos q̃ tẽ a ſua cõta o gouerno de toda a republica, mal ſe poderão limitar nelle os meſmos intereſſados, principalmẽte ſe ſe perſuadirẽ a q̃ ſe podẽ conſeruar per via de riquezas achãdo nellas o remedio, & de inclinarẽ aſi os miniſtros cõquẽ tratarẽ ſuas cauſas, porẽ ſaõ rezoẽs deſtado violentas, & como tais de mui pouca dura, ainda ẽ gente cuja profiſſão as naõ prohibe. O certo he q̃ o meyo mais proporcionado a cõſeruaçaõ das republicas, & comodidades, he a moderação has riquezas, & vſo dellas porq̃ he tal a natureza dos homẽs, que ſe não ſabẽ ir a mão pera deixarẽ de as ẽpregar em ſatisfação dos appetites deſtruidores de todas as Monarchias, & porq̃ as ſuperfluidades nos comeres, & outras delicias ſemelhantes ſaõ os mayores inimigos da republica darão materia a ſegunda concluſaõ.

DISCVRSO XVIII.

Continuaſe a meſma materia em reſpeito dos comeres delicioſos, & ſuperfluidades dos banquetes.

NAõ ordenou a natureza o comer pera delicia, ou oſtentação, mas pera remedio da vida. Diogenes dezia que aſſi como ſe não buſcaua ſabor nas medecinas, & vnguentos, que ſe aplicauão as infirmidades do corpo aſſi deuia ſer nos mãtimẽtos: falaua com o ẽcarecimento daquella ſua auſteridade deſprezadora de todo genero de delicia. Tambem o goſto tem ſua vtilidade: Ariſtoteles diz que he

Diogenes apud Stob.

importante o gosto pera a sustentaçaõ,que a este fim o pos a natureza em todos os mantimentos;em huns mais que em outros:naõ se respeitar mais q̃ ao sabor,& appetite sem aduertir a sustancia, & calidade do comer he o mal que Diogenes lhe achaua,causa de muitos trabalhos nacidos dos gastos demastados,& das muitas infirmidades,que cada dia se descobrem.Naõ he meu intento dar remedio a saude do corpo, he esta obrigação dos medicos, & não faltara quem diga ser encõtrada ao officio dos politicos, porque alguns ouue q̃ disserão serem alguãs vezes necessarias as doenças pera alimparem a terra da gente ordinaria,& pobre,opinião mais impia que necessaria,com que se admitem todos os males que tem o mesmo effeito,sendo a principal obrigação dos Principes, & dos que em seu nome gouernão as respublicas atalhar, & remediar todas as cousas, que podem perjudicar a vida , & saude de seus vassallos:que nesta obrigação deuia fundar a rezão de sua desculpa o que não quis aceitar o principado de que fala o propheta Isaias,dezia que não tinha com que sustentar seus vassallos,nem ainda habilidade pera os curar, & remedear em suas infirmidades: Busque cada hum o mantimento de que mais gostar,que desobrigado está o Principe de executar o officio de medico,& os vassallos de lhe obedecerem em mortificação de gosto:he esta obediencia mais propria de religiosos, que quiserão restringir sua liberdade,& entregar a ordem de seu gosto aos superiores,& Prelados,que lhes assistem em lugar de Deos;& não so lhes obedecem com as acçoens exteriores,mas interiores, porem as delicias, & superfluidades, não em quanto perjudicaõ a saude, mas em quanto encontrão o valor,& brio,dando ocasião aos animos se habituarem a exercicios affeminados, & as rendas se empenharem sem necessidade,se deuem atalhar por todos os caminhos que for possiuel, como vicio inimigo da honra, & fazenda.Depois que Alexandre Magno entrou a cidade de Babilonia detendose nella por espaço de trinta, & quatro dias, pera gozar do triumpho que tanto trabalho lhe tinha custado, forão tantos os regalos,& delicias da cidade que os soldados ficaraõ inhabilitados pera a guerra, & incapazes de tomarem armas; como tambem aconteceo aos de Anibal quando se deteue

Isai. 3.

em

em Capua. Prudentemente se ouue elRey Dom Affonso o sexto de Castella o qual depois de tomar a Toledo aos Mouros vendo seus soldados,&caualleiros principais afeiçoados aos banhos,& outras delicias de q̃ os Mouros costumauão vsar, & que isto era causa de se irem enfraquecendo nas forças, & perdendo o brio que tinhão; mandou derribar todos os banhos de suas terras,pera tirar toda a occasiaõ de se ocuparem seus vassallos em semelhantes delicias. Perguntado Liotychidas valeroso Capitão Esparta-no porque rezão erão os de Esparta tão moderados no comer & beber: respondeo, que querião gouernar sua republica, & não que outrem a gouernasse; mostrando,que não he capaz de gouernar,nem tem brio, & valor pera isso,quem se costuma a delicias,& comeres superfluos. Alguns auera que não tenhão por homens de consideração os que não forem dados a semelhantes gastos; que tem chegado a miseria dos homens a tão grande ignorancia,& deue ser isto mui antigo nelles; porque ja elRey Nabucodonosor dezia do seu Deos Bel que era mui poderoso,& mui grande Deos,porque comia muito ao seu parecer,de que o Prophe ta Daniel o desenganou, mostrandolhe que não era o idolo o que comia,mas os seus criados que per hũa porta falsa entrauão no templo a comer o que se deixaua nelle. Ha entendimentos tão limitados que se persuadem consistir toda a grãdeza,& excellencia em comer muito, & fazer grandes gastos de iguarias extraordinarias, & comeres exquisitos, não considerando que no contrario consiste o brio,& grandeza do animo. Mandou elRey de Persia por seus Embaixadores offerecer a Epaminondas muita cantidade de ouro,com pensamento de o solicitar, & persuadir a certo intento seu, chegados os Embaixadores,mandou Epaminondas por a mesa mui humilde,& darlhes de cear na forma em que elle o costumaua fazer; que era com a mayor limitaçaõ possiuel,& estando á mesa lhes mandou propor a Embaixada aqual ouuida,lhes respondeo o valeroso Capitão: dizey ao vosso Rey,que quem cea desta maneira,não vende a honra por dinheiro; & era particular lanço de valerosos Capitaens receberem Embaixadores com representaçaõ de gasto humilde, & moderado, entendendo que os Embaixadores prudentes julgariaõ por valerosos os que vissem moderados no comer,& gasto: esta foi a causa,

Valer. hist. scolastica.

Plut. in apoph.

porque Elio Cataõ ſendo Cõſul recebeo os Embaixadores de Etolia comendo em louça debarro, & não caindo elles na rezaõ entendendo nacer de pobreza, lhe quiſeraõ dar hũa baixela de ouro, porem elle a naõ quis aceitar, tendo por mais ſeguro ſeu brio em barro que ẽ ouro. A Curio Dentato acharaõ os Embaixadores dos Samnites concertando huns nabos pera cear; & de Marco Cataõ ſe eſcreue que naõ tinha mais que tres criados em ſeu ſeruiço ſendo a mais graue peſſoa que auia no Imperio Romano: naõ eraõ por iſſo menos authorizados, antes mais prudentes, mais valeroſos, & honrados. Se os Principes eſcolherem pera o gouerno da republica, & adminiſtraçaõ de ſua fazenda, & Capitaens de ſeus exercitos, & fortalezas homens temperados, & inimigos de delicias, & ſuperfluidades, eſtejaõ ſeguros que faraõ o que deuem, & que terem outro procedimento differente do que os paſſados tiueraõ, & do que a hora lhes enſina, he pella força cõ que o mao coſtume os obriga a degenerarem do que deuiaõ. Indo elRey Cyro de caminho, ſe agaſalhou em hũa caſa particular: & querẽdo o hoſpede fazer lhe grande gaſto, & agaſſalhalo cõ muito cuſto, lhe diſſe elRey, q̃ por nenhũa maneira auia de ſer tratado naquella forma, & ſentandoſe junto de hũ rio, ahi a viſta de todos comeo do paõ, & bebeo da agoa do meſmo rio, pera ẽſinar a ſeus ſoldados anaõ ſe empregarem en comeres delicioſos de que reſultaria perderem as forças, & brio pera pelejarem. Eſtremadamente entendeo iſto Eumenes Capitaõ de Alexãdre Magno q̃ por morte ſua ficou cõquiſtando algũas terras q̃ lhe cõuberaõ ẽ repartiçaõ, dãdo ſobre a recamara del Rey Antigono, & entendendo q̃ ẽbaraçandoſe ſeus ſoldados ẽ tanto genero de riquezas, & de mantimentos, perdiriaõ o rigor militar, & ſeria embaraço pera naõ continuarem com a conquiſta que emprendia, mandou dar ceuada, dizendo q̃ deſcanſados, & comidos dariaõ melhor ſobre a empreſa, & entre tanto mandou recado mui ẽ ſegredo a Menandro Capitaõ de Antigono que ſe auſentaſſe cõ muita preſa, & ſe puſeſſe ẽ ſaluo, o q̃ o Capitaõ inimigo cõprio a riſca, de maneira q̃ quãdo foraõ ja onaõ acharaõ, exẽplo mais efficaz q̃ podia auer neſte particular pois chega eſte Capitaõ a fazer mais caſo da moderaçaõ de ſeus ſoldados, q̃ da vitoria q̃ infaliuelmẽte alcançaria de ſeus inimigos, parecẽdolhe q̃ ficando ricos com hum taõ grande deſpojo, de força ſe poriaõ a gozar do

Alex. ab Alex lib. 3. c. 11.

Xenoph

Plut. in lumine.

do que tomassem, & se inhabilitariaõ pera mores empresas. O Espirito Sancto, chama miserauel ao Reyno cujo Principe almoça-parece que he muito apertar, naõ dar licença a hum Principe q̃ pella menhã coma algũa cousa: naõ ẽtẽdo q̃ se quis prohibir o comer, o excesso, & delicias nelle sy; leuantarse hum Rey pella menhaã, & ser a primeira ocupaçaõ sua comer, tendo tantas a q̃ acudir, he tratar mais de sua delicia q̃ de cõprir cõ a obrigaçaõ do officio, q̃ tẽ: Naõ conuem aos Principes, nẽ ainda aos vassallos anteporem a recreaçaõ do corpo á obrigaçaõ do officio; porque o excesso de huns, & outros, redundara ẽ descredito, & destruiçaõ sua, & de suas respublicas. Plataõ dezia dos Agregentinos que comiaõ, & bebiaõ como se nelles acabasse o mundo, que riadizer, que se apressauão em gastar tudo como se não tiuessẽ filhos a que deixar seus bens, & o mundo se acabasse nelles: se disseraõ comiaõ, & bebiaõ como se a sua republica se acabara delles, falaua mais ao certo, porq̃ não podia durar republica de tal gẽte. Pythagoras diz que o primeiro vicio com que as cidades começarão ir de cabeça a baixo foraõ as delicias: este foi o principio, diz o propheta Ezechiel, da maldade dos Sodomitas, de-

Eccles. 10.

Plat.

Laert. l.7.c.1

Ezech.

raõ em deliciosos vsando mal da abundancia de bens que tinhão, & de tal maneira foraõ crecendo em vicios que chegarão a mayor abominação que se pode imaginar. De todos os vicios perjudiciaes á republica, este he o que com mais aplauso se recebe, & com mais difficuldade se despede, sendo o mais perigoso & q̃ mais Reynos tẽ destruido, porq̃ sendo praga he permitida, sendo inimigo he amado, & sẽdo peste he busca da & solicitada de todos; & pera vsarẽ de mais delicias se arriscão os homẽs a mil trabalhos, & perigos da vida, & ainda da hõra & cõsciẽcia, & o cuidado q̃ deuiaõ ẽpregar ẽ se izentar de tão perjudicial vicio ẽprẽgio em o acquirir; menos culpaponho ao pouo q̃ como animal rude, & costumado a gouernarse por aparencias de bẽ mal considerado, de qualquer semelhãça de felicidade lança mão, desejando izentarse das miserias, & rigores ordinarios tendo por bẽauenturança qualquer genero de delicias particularmẽte na calidade de comeres, porẽ os Principes cujo brio, & entẽdimẽto he taõ differẽte q̃ como medicos da hõra, & bẽ comũ de seus vassallos tẽ a seu cargo remediarse os erros, & refrealos nos appetites de q̃ pode resultar sua perdição, deuem ocuparse mui de

proposito em atalhar esta praga, por todas vias possiueis, que não ha obra mais digna de hũ bom Principe: não esperẽ bons effeitos do que nunca os causou bons, & ainda que tenhão por impossiuel poderse guardar semelhante pregmatica, por ser das portas á dentro de cada hum o exercicio deste vicio, apliquem todos os remedios necessarios, que as cousas prohibidas quando siruão ao appetite, não podem seruir a ostentação, & muitos erros se admitem, & praticaõ por necessidade, & costume contra gosto dos mesmos que os vsaõ, como saõ os banquetes em ocasião de festas em que os homens contra sua vontade empenhão as fazendas, & estragão os estamagos, & comẽtem outros mil generos de vicios mais conhecidos pella experiencia de cada dia q̃ pella nòticia que aqui posso dar delles. A mayor parte dos banquetes que a Escritura refere pararão em casos desastrados. Absalaõ ẽ hum banquete deu morte a seu irmão Amão; elRey Baltassar no que deu aos grandes de seu Reyno, teue por remate sua propria destruição; os filhos de Iob em outro pereceraõ todos; elRey Herodes em outro cometeo a exacrauel morte do Baptista: & sendo tantos os que derão ocasião á desgraças, foram mui poucos os que trouxessem vtilidade algũa: os Senadores Carthaginenses o experimẽtarão, vendose em perigo de morte com as vodas que Hanõ varaõ poderoso ẽ Carthago, quis fazer ao casamento de huma filha sua, nas quais achaua ocasião acomodada pera os matar, & se fazer Senhor da cidade: pello que se fez ley em Carthago que não ouuesse semelhãtes vodas, assi pellos perigos que dellas resultauão, como pellos gastos desnecessarios, & despropositados que nellas se costumão fazer: de que os Principes deuem dar fè pera os prohibir, antes que o effeito delles seja irremediauel, & que os homens se costumem a não poder viuer doutra sorte com tanto detrimento da honra, & da fazenda, que o costume mão de tal maneira se conuerte em natureza que vem a ser impossiuel o remedio. Os Romanos tiueraõ particular cuidado de atalhar a estes gastos demasiados, & por ley determinauão o que auião de gastar. Caio Fannio sendo Consul fez ley antes da terceira guerra Punica em que mandaua se não comesse mais de huma so iguaria de carne, & na cea se não pudesse gastar mais de quarenta reis, & era costume não se leuantar a mesa sem nella ficar algum comer, ainda que

fosse

fosse mui pouco o que nella se tiuesse posto:& não podia hum cidadão Romano ter em seu seruiço prata que chegasse a dez libras,nem possuir campos que passassem de sete geiras de maneira que o que tinha fazenda que chegasse a valor de cẽ mil reis era mui rico: este costume se foi pegando as naçoens vizinhas por verem quã necessario era pera bom gouerno da republica,& valor dos cidadoens: pello que Lycurgo fez ley aos Lacedemonios em que lhes limitaua os gastos que auião de ter;&dos Athenienses se escreue serem tão moderados que fazendo hum banquete publico a honra de Castor,& Polux era de azeitonas,queijo, & porros; & Platão nos banquetes de mayor aparato mandaua por verças queijo,& azeitonas; a mesma moderação tinhão os Thebanos os quais querião taõ grãde mal as delicias,& riquezas,q̃ tinhão esculpidas em hũa columna de hum templo muitas pragas,& maldiçoens contra el Rey Menis,que foi o que iuuẽtou o trato mais brando do que antes costumauão;& o seu valeroso Capitão Epaminondas se prezaua tanto de pobre q̃ não tinha de seu mais que hum so vestido,& quando lho remendauão estaua em casa,& não sahiara fo. Parecerão estes costumes ignorancias,estas leys desproposito; porem vemos que quando os Capitaẽs isto fazião, & os cidadoens viuião cõ esta limitação senhoreauão o mundo,tanto que as delicias,&superfluidades começarão a serem buscadas,& fazerem dellas hõra,& ostentação,a mesma honra se acabou,& obrio seperdeo: & o tempo irá descubrindo mayores males se ainda os pode auer mayores? porque comer por delicia,& ostentação de honra; não tem limite,& nisto se consume a mayor parte das fazendas,porque se persuadem os grãdes,&os que o querem parecer; que o seu comer ade responder à sua grandeza,& quando os estamagos não saõ auentajados querem que o seja o gasto. Entra Helio Gabalo em pensamẽto de se ter pello mais poderoso Emperador de todos seus antecessores,& que se deuia tratar com differente aparato,& magestade,& depois de inuentar o mayor excesso a que podião chegar asdelicias humanas,vendo que o comer não podia ser de differente specie, nem as iguarias podião crecer na calidade,nem na cantidade, dá ordẽ que creção no preço;& que o seu comer se compre por muito mais daquillo que val. Quer Cleopatra Rainha do Egypto dar hum banquete a Marco Antonio

Alex. ab Alex lib. 3. c. 11.

Lampri

Man. l. 6. apoph

tonio,não lhe parece que conforma com sua grãdeza darlhe a comer o que os outros Principes comem, empregou em hũa só iguaria duzentos,& sincoenta mil cruzados,não por ser auentajada no gosto, mas singular no preço. Acha Caligula q̃ o comer ordinario não he pera tão graue Emperador como elle,manda que lhe desfação em vinagre pedras preciosas, não por mais saborosas,mas por mais custosas.Se estas vaidades, & excessos pararão em hum Emperador,& em huã Rainha, mais sofriueis forão, porem os gastos que hoie se vsaõ,saõ mui auentajados em respeito da possibilidade de quem os faz,porq̃ se gasta a renda que ha,&a que não ha,& as fazendas,& morgados se empenhão pera satisfazer a semelhantes excessos, que algumas vezes se tem por necessarios,pois o costume os aproua,& os Principes os não reprouão,nem com ley,nem com exemplo,deuendo auer grandissimo cuidado em atalhar este mal,por quantos delle resultão.

DISCVRSO XIX.

Continuase a mesma materia em respeito dos vassallos ociosos.

GENTE que mais inquieta,& reuolue hũa republica, & hum estado,he a ociosa,porq̃ o vicio da ociosidade rebenta em mil variedades de vicios, não ha atreuimento que não cometa,nem maldade que não intente.Dizendo alguns a Scipião,que estaua Roma em felicidade,por lhe faltar o odio dos Carthaginenses, & as guerras dos Gregos:este he o tempo, ẽ que mais arriscados estamos,disse Scipião,depois que nos faltão inimigos de que nos receemos;porque menos mal nos faz o odio dos inimigos,que a ociosidade dos proprios cidadoens. Em quanto Dauid teue guerras, diz a Escriptura,foi Santo, depois que ficou quieto em Hierusalem, cometeo o adulterio, & homicidio.Em quãto elRey Xerxes teue guerra com os Gregos,não se contão delle historias que o desauthorizem,depois que se aquietou em sua corte, & se liurou de guerras,se deu a amores torpes com tãta dissolução,que teue por amiga hũa sua sobrinha,& casada com seu filho,de maneira que era sobrinha,amiga,& nora,& daqui lhe resultou a morte entre mil afrontas,& desgostos,sendo mais poderosa a vida ociosa,& descõsada que a força,& odio dos inimigos com que em tantas, & taõ arriscadas ocasioens pretenderaõ tirarlhe a vida : receosos deste vicio,& dos effeitos delle diz

Plut.li. 6.apoph

Samuel 11.

diz hum Autor graue, pintauão os Lacedemonios todos os seus Deoses armados, tendo por rezaõ de estado, mostrarem aos mancebos o trage de q̃ os Deoses se vestião, pera que elles esquecidos da vida ociosa, se offerecessem ás armas, & trabalho. Determinou elRey Dario depois que os Babilonios se lhe rebelarão de os inhabilitar pera a guerra, & fez que se costumassẽ a leuar boa vida, & que vsassẽ instrumentos de tanger, & cantar, parecendolhe que este era o mais certo caminho de os destruir, & desbaratar: & foi o cõselho que Cresso tinha dado a elRey Cyro, que se pretendia destruir a Lydia, & segurar os receos que tinha daquella gente lhes mandasse, que vestissem, & calçassem regaladamente ao vso Persiano, & que se não ocupassem em exercicios bellicos, mas em leuar boa vida; a traça foi taõ efficaz que, diz Herodoto, se tornárão breuemente em gente infame, sem saberem mais que comer, & beber, sendo antes deste sucesso mui bõs soldados. Não ha peste mais perjudicial, que a ociosidade de todos os vicios inimigos da honra & felicidade da republica, este he o principal porque direitamente encontra a quietação do Principe, & brio dos vassallos: he peçonha que corrompe tudo o que a ella chega. S. Lourẽço Iustiniano compara os homens ociosos a charco de agoa que por estar sempre em hum lugar, se vem acorromper de mane ira, que cria bichos peçonhentos, destes nacem os furtos os homicidios, as traiçoens, os vicios graues, & perjudiciaes cõtra o Principe, & vassallos, porque a muita malicia, & licença com o pouco medo, & pejo, faz cometer todo o genero de males. Dezia Pompeio querendo reprender a Lucio Luculo, que depois de ter exercitado algum tempo o officio de Capitão se pusera a viuer ociosamente, que não auia cousa mais indecente a hum velho, que viuer sem trabalhar, porque se arriscaua a perder a gloria que com seus feitos tiuesse merecido: & se em hum velho prudente, & esforçado he tão poderosa a ociosidade, que nem o seu credito, nem a republica esta segura, que fara hum mancebo, & muitos mãcebos ociosos, & atreuidos? Ore medio deste mal esta, ou em castigo, ou em ocupação: os Athenienses de hum, & outro vsauão & com tanto rigor, que condenauão a morte por crime de ociosidade conformandose com as leys que Dracão lhes ordenou posto que rigurosas demasiadamente, procurando por outras vias occupar todo genero de pessoa

Charilaus.

Plut. in apoph.

Herodotus.

Laurẽt. li. 6. de perfectionis gradibus c. 9.

Man. l. 4. apoph

pessoa cõforme suas calidades, huns na guerra, outros nos officios da republica; & ainda que o perjuizo destevicio he mayor nos homens, não deixa de ser mui grande, & mais ordinario nas molheres porque das que tẽ por vida parecerem bem, & sustentarena com a sensualidade dos homens, nacem tão grãdes males, que estimara eu ser mais rara a experiencia delles, & ter custado menos ao mundo. He mais difficultoso o remedio da ociosidade nos homens mancebos pobres, & honrados, sendo estes os principais autores das solturas, & atreuimẽtos: porque a pobreza faz hum homẽ estrangeiro, & quando não tem que perder, nem em que se ocupar, nem lhe falta liberdade, nẽ tempo pera vsar della; & gente desta sorte não se appliça a officios de trabalho, & não tem outra saida, nem outro remedio, mais que fazelos andar sempre cõ as armas as costas. Pergunta do Cleomenes Capitão Atheniense, porque rezão vencendo os Athenienses tantas vezes aos Lacedemonios não acabarão de os desbaratar, respondeo auisadamente: pera termos quẽ nos exercite em quanto moços; tinha por cousa tão perjudicial a ociosidade nos mancebos, que lhe parecia necessario auer inimigos, que os espertassem, & exercitassẽ. Atreuome affirmar, q̃ se os Principes aplicassem algũ cuidado em emparar esta idade defendendoa dos perigos a que por falta de consideração he tão sogeita, escusarão depois mayores cuidados em remediar, & atalhar a tantos generos de vicios que não ha saberlhes o nome, & castigar os crimes q̃ tão soltamente vemos cada dia cometerense pellas praças. He mui sogeita a idade de mancebo, diz S. Ambrosio, a cair em mil erros, & desconcertos, que dissimulados crecem, & se comunicão, & não so erros particulares, mas publicos. Contando Iustino os sucessos de Dionisio tirano diz, que como se visse com hum bom exercito não tẽ do ocasião de guerra, & parecẽdolhe que veria a ser perjuizo dos soldados estarem ociosos, & se poderião enfraquecer, & inhabilitar com vicios, passou o exercito contra huns pouos de Italia pera que com a conquista de nouas terras, se fossem os mancebos ocupando, & exercitando na milicia liures de ociosidade: porque ainda que lhe sucedesse mal a empresa como elle receaua sempre ficaua ganhãdo na ocupação dos soldados. Os Escritores antigos affirmão que mais destruio Lisandro a Lacedemonia leuando a ella muitos despojos, & muita canti

Plut. in lacon.

Ambr. de virginibus.

dade

dade de dinheiro que tinha rou bado em Athenas do que destruio a Athenas deixandoa sẽ fazenda,& sem armas, porque com a necessidade se esforçou a ganhar o perdido,& Lacedemonia começou a darse á boa vida, esquecendose dos trabalhos da guerra com que tanto se tinhão auentájado,de sorte q̃ a vitoria lhe seruio de abatimẽto,& de principio de hũa grande ruina:taõ poderosa he a ocio sidade pera destruir hũa republica,& tão honrado,& prouei toso o exercicio das armas. Se os Principes pretenderem com cuidado atalhar este vicio,o remedio não he muy difficultoso se com tempo se buscar porque aquelles que por algum respei to se não aplicarem ao exercicio da guerra,por serem morgados,ou terem pouca saude, ou por faltar ocasião em que se ocupem,deuem ser remediados pello modo de que os Romanos vsauão,os quais elegião dous homens de mais idade,& au toridade,a que chamauão Cen sores,a cujo cargo estaua emmẽ dar,reprender,& castigar toda a sorte de gente, de quaisquer faltas que soubessem,em particular os mancebos,pera que se fossem criando em temor do Principe,& bons costumes. Esta eleição se fazia cada sinco annos,dando tão amplos poderes aos tais Censores que diz Plutarcho terem jurisdição naõ so no que tocaua a emmenda dos costumes,mas em todas as mais cousas,com tanta superiorida de,como se fossem Principes ab solutos,& sendo o cargo, & dignidade de Senador tão preeminente,diz Fenestella q̃ priuou o Censor Caio Fabricio da dignidade de Senador a Publio Cornelio Rufino da geração dos Patricios por se seruir em certo banquete com mais fausto do que conuinha:& era cousa mui ordinaria entre os Romanos castigarem os Censores a todo genero de pessoa porgraue,& preeminente que fosse se cometessem os vicios,ou faltas que elles conforme o seu regimento podião castigar:aqui entrauão os juramentos, as palauras deshonestas,& descompostas,o descuido de grangear a fazenda,os gastos desnecessarios,as diuidas demasiadas,& todo outro genero de vicio, não permetindo auer cousa malfeita na republica ; dauão ordem a que os mancebos sendo de idade se casassem,& sendo capazes de ir a guerra,os obrigauão a ir,& quando o não fazião os condenauão tão cruelmente q̃ lhesborrauão seus nomes de sua geração,& ficauão infames, & incapazes pera todo o cargo,& officio da republica, & os que

Plut. in apoph.

Alex. ab Alex lib. 3. c. 13.

na

na guerra o fizessem valerosamente, ou despedilos, & quando ouuesse culpa castigalos ainda com pena de morte: de maneira que a seu cargo estaua. toda a reformação dos vassallos premiando, & castigando, como lhes parecia: costume fundado em muita prudencia, & piedade, pois he claro que o officio principal do Principe he emmendar, & reprender os vicios, & desconcertos do seu pouo: dõde veio a dizer Plinio, que a vida do Principe não era outra cousa mais que hum officio de Censor, porque a superioridade deue mais fundarse no zelo de emmendar que na ambição de gouernar. Isto quis dizer S. Gregorio que não hade ser o cetro do que ha de gouernar os vassallos meneado com a vontade, mas com a rezão, & prudencia, pois os Principes não saõ senhores das pessoas, mas medicos, & reformadores das vidas, & costumes, tem poder pera emmendarem, & castigarem faltas nos subditos, não pera premiarem, & castigarem indignamente cõforme o seu gosto. O Emperador Adriano costumaua a dizer no Senado, que de tal maneira se auia no gouerno de seu Imperio, como se elle não tiuesse cousa algũa nelle, mais q̃ ser hum ministro, & official do Senado: porque com negar em si a liberdade de gouernar a seu gosto, ficaua mostrando quam inteiro era, & quam justamente fazia o officio não de senhor, mas de mestre, & de pai. Sendo perguntado o prudente Agesilao Rey dos Lacedemonios, de que maneira poderia hum Principe gouernar com prospe ridade, & quietação, respondeo: se gouernar seus vassallos como se fossem filhos; porque o gouerno de pai consiste naõ so em sustentar os filhos, mas em lhes não permitir vicios. Pisistrato Rey Atheniense ordenou que cada certo tempo dessem todos seus vassallos rezão do seu modo de vida, em que se ocupauaõ & de que viuiaõ; pode ser que desta maneira se escusassẽ muitos generos de roubos, & de outros semelhantes vicios que resultaõ daquelles que viuem a vontade sem ocupaçaõ, nem officio algum, fazendo vida dos vicios, & tendo por exercicio ordinario buscar traças de enganar, de roubar, & inquietar os que viuem bem. Refere Marco Aurelio ser Cataõ Censorino taõ enimigo de gente ociosa, que quando algum se queria fazer vezinho de Roma naõ perguntaua donde era, nem de que geraçaõ, mas somente lhe apalpaua as maons se as tinha brandas, logo o despedia, & se cheas de calos o aceitaua, & quãdo.

Plinus in paneg

Greg. mor. 11

Hist. Imp. in eius vita.

Plut. in apoph.

do lhe traziaõ algũ criminoso pera ser castigado se tinha as maõs brandas ainda q̃ o crime me fosse pequeno era o castigo riguroso, & se as tinha calejadas ainda q̃ o crime fosse grãde lhe diminuia o castigo: quando hia por Roma era taõ temido q̃ todos os officiaes se punhaõ a trabalhar. Entre os Carthaginẽses auia hum Magistrado presidẽte & mestre da vida, & costumes a cuja cõta estaua vigiar sobre os exercicios, & conuersaçoens dos mãcebos obrigandoos a viuerẽ de hũ, ou de outro modo; e o mesmo vso hauia na cidade de Argos. Em Athenas estaua a cõta dos Areopagitas tirarẽ de uaça cõ muita diligẽcia como cada hũ viuia, dõde, & de q̃ se sustentaua: & certo q̃ he muito pera espãtar sẽdo este costume fũdado ẽ tãta rezão, & remedio de tão grandes desordens, prãticar se taõ pouco ẽ taõ politicas, & bẽ gouernadas respublicas ẽ outros particulares: porq̃ vendose claramẽte a pouca rẽda q̃ muitas pessoas tem, & o muito q̃ gastão, não ha quẽ disto de sẽ pera o remediar, sabẽdoo todos pera o estranhar. Amassis Rey de Egypto ẽtre as ordenaçoẽs de seu Reyno fez hũa ley ẽ q̃ mandaua q̃ o Pretor inquirisse, & deuaçasse de como cada hum viuia, & se se sustentaua sem ter renda pera isso, fosse castigado como facinoroso, porq̃ era certo que roubaua. E posto q̃ nos estados Catholicos so os prelados tem a sua conta atalhar os vicios, & maos costumes, muitos ha que não pertẽcẽ aos Prelados, como he a couardia dos q̃ fogẽ da guerra, o temor dos que não querẽ ir a ella, & outros semelhantes vicios, cujo remedio tocaua ao officio de Censor: & muitos ha q̃ de rigor de justiça não merecẽ castigo, porẽ saõ perjudiciaes, principalmẽte nos mãcebos nobres de quẽ se esperaq̃ venhaõ a ter cargos de importãcia, porq̃ os vicios a q̃ quãdo moços se começarẽ a habituar, haõ de cõtinuar quãdo homẽs & os q̃ elles aprouarem, ha de exercitar o mais pouo, q̃ a efficacia mayor da persuasaõ, diz S. Bernardo, naõ cõsiste tanto na virtude das palauras por mais elegantes q̃ sejaõ, como na vista das obras, quãdo estas se autorizaõ cõ o exercicio dos que por sua calidade costumão seruir de exẽplo, & perjudicar ao mais pouo. Plutarcho cõta de Pericles Capitaõ Atheniense, q̃ dezia por Alcibiades mãcebo criado a võtade q̃ era ignorãcia criar dẽtro da cidade hũ leão, & mayor ignorãcia pretẽder, remediar os effeitos da ruim criaçaõ q̃ se for permitindo nos mãcebos de mais calidade a q̃ depois he necessario sofrer: pelloq̃ se deuẽ ir

Alex. ab Alex l. 3. gen al. dierũ cap. 13.

Bernar. serm. 2. de resurrect.

Plut. in vita Pericl.

Valer. Max. l. 1.

ir criando ẽ exercicios hõrados não lhe sofrendo ociosidade,& desordẽs ainda que sejão leues, porq̃ o q̃ nos moços he descuido leue,se cõ tẽpo se não atalha vẽ a ser depois de homẽs crime graue principalmente nos nobres q̃ deuẽ dar exẽplo,q̃ se estes tais forẽ viciosos não se pode esperar,q̃ opouo seja melhor costumado,nẽ q̃ a republica floreça entre vicios.

DISCVRSO XX.

Em que se trata da necessidade que ha de se criarem as molheres em recolhimento, & occupação.

NInguẽ pode duuidar serẽ as molheres grande parte do augmento ou ruinados estados: porq̃ ainda q̃ ja houue tẽpos, & ocasioens ẽ q̃ puderão cõ seu valor defẽder a republica,& desbaratar inimigos houue muitas mais ẽ q̃ cõ seus vicios destruirão,& assolarão mui prosperas Monarchias:&assi como he mais certo nellas terẽ ocasião de perjudicar q̃ como genero mais fraco menos repugnãcia mostrão aos vicios,assi fica mayor obrigação de aduirtir os meyos acomodados a preseruar a republica dos effeitos de sua natureza,& o mais efficaz he, começar atalharlhe na criação em q̃ tem remedio ainda os vicios q̃ mais naturais lhes saõ. A primeira,& mais importante doctrina pera as molheres he a honestidade,& recolhimento, de cuja falta resultão os mayores males que a republica padece,porque todos os vicios inimigos da hõra,& valor nacẽ do trato, & familiaridade de homens com as molheres,daqui procedẽ as delicias assi no comer como no vestir,que tantas Monarchias tẽ destruido,as forças se dibilitão, os animos se acanhão,& as infermidades se senhoreãodo corpo:& sendo estes os males que mais se representão â primeira vista, bem considerados todos os outros,que a cada passo vemos,de molheres resultão,as discordias,os odios,as mortes,a perdiçaõ da fazenda,& outros infinitos trabalhos,assi dos particulares, como das respublicas a quem não perdoa esta cruel peste da sensualidade; se quiseremos considerar o principio da destruição daquella prospera Monarchia dos Gregos tão victoriosa nos tempos passados,acharemos que naceo de tres molheres,pouco honestas, hũa amiga de Piricles,& duas criadas suas por respeito das quais fez Pericles hum edicto contra os Magarenses que naõ comunicassem

Athenaeus l. 23 c. 9. & 21 & Suidas in Phidia, & in Aspacia.

nicassem com os Athenienses de que resultaraõ dissensoens q̃ assolaraõ,& cõsumiraõ toda Grecia,sendo mais poderosas pera causarem tanto mal tres molheres desordenadas,do que foi o valor,& brio cõ q̃ os Gregos se nhoreauão tanta parte do mundo pera preseruar delle. Quãdo elRey Cyro quis destruir aos Lidios entendeo q̃ por via de molheres pouco honestas podia cõsiguir cõ mais facilidade seu intento,mãdou ir de fora muitas desta laya,& não lhe montou tão pouco q̃ não alcançasse por esta via o q̃ pretendeo,mais breuemẽte q̃ se vsasse de outras quaisquer preparaçoens: tambẽ foi pensamento este mui prudentemente aduertido por elRey Dario depois q̃ tomou a cidade de Babilonia por traição,vio q̃ hũa tão extraordinaria cidade em grandeza,ẽ muros,& copia de gẽte,senão poderia rẽder,& sogeitar a seu Imperio ẽ quanto a gente fosse continuando cõ hũ modo de vida tão regulada pella rezão,& virtude, buscou traça cõ q̃ se dessẽ a vicios carnais tratando,& conuersando cõ molheres,remedio mais a proposito pera irẽ perdendo o brio & valor cõ q̃ se defẽdiaõ,& cõseruauão,& de sorte se ateou esta infirmidade ẽ Babilonia q̃ sẽdo a mais nobre do mundo veyo a seruir de exẽplo de toda a abominação. A necessidade q̃ estes Principes tinhão de verem assolladas cõ vicios,& inhabilitadas pera leuant arẽ cabeças cidades de q̃ se temiaõ, tem os Principes Catholicos de procurar cõtrarios effeitos nas respublicas q̃ gouernão: porque a perpetuidade,& duração de suas coroas depende do brio, valor, & virtude dos seus,de q̃ os Principes tiranos se temem,& se estes fazião seu negocio, cõ buscarẽ meyos de entregarẽ as gentes q̃ senhoreauão a vicios carnais pera cujo intento não so permitião a disolução,& soltura das molheres,antes de fora mandauão ir as q̃ mais deshonestas parecião,claro fica quão necessario se ja aos Priucipes q̃ gouernaõ seus vassallos cõ prudencia zelo, & verdade,tratarẽ da reformação das molheres, & q̃ de sua criação se comecẽ habituar ao recolhimento,& trato honesto, pois dellas depẽde tãto o brio, valor,& procedimẽto dos vassallos:& como nos primeiros annos se aprendẽ mais os vicios,& virtudes,q̃ toda a vida durão,nestes se deuẽ aplicar cõ mais cuidado os remedios,não permitindo as molheres de calidade q̃ comuniquẽ cõ as q̃ não forẽ muibẽ costumadas,q̃ as conuersaçoẽs das mesmas molheres saõ as q̃ mais estragaõ,se na honestidade tẽ algũa falta. Lypomano nõ

Monarch. eccles. 1. p. lib.

que quando o Anjo perguntou a Agar donde vinha,& pera on de hia,lhe não respondeo mais que á primeira pergunta, que vinha de casadeSara,porq̃como se criara com tão honesta conuersação,correose de dizer, que deixandoa,se hia viuer no Egypto em que hauia de pejorar tãto na virtude,&recolhimento. Os Romanos tinhão mui particular cuidado do recolhimento,& criação de suas filhas, & que não tratassem senaõ com molheres mui honestas,& estaua à conta dos Censores castigarem qualquer genero de liuiandade que soubessem com tãto rigor,que não perdoou Hieron a Epicharmo Poeta comico o descuido que teue em recitar perante hũa filha sua alguns versos pouco honestos,foi por isto castigado mui grauemente,aduirtindo á que podia ser causa de sua filha se afeiçoar aos amores de que os versos tratauaõ; & Cataõ Censorino diz de si que tinha particular cuidado,& aduertencia em tratar com sua propria molher a vista de seus filhos, & affirma que nunca mostrou genero algum de descompostura de que pudessẽ recebermao exẽplo:neste zelo com que os Romanos tratauão do recolhimento das molheres se fundaua huma ley inuiolauelmente guardada entre elles,que nenhuma molher podesse ir ao Senado ainda que fosse por ocasião de negocio mui importante,tendo por menos mal perderse o tal negocio que costumar as molheres a se acharem em lugares publicos, cõ perjuizo de seu recolhimento,& honestidade:& ainda em conuersaçoens mais particulares erão os Romanos tão enimigos de que as molheres se achassem com gente estranha que tinhaõ por causa bastante pera o marido repudiar sua molher,se sem licença sua fosse a casa em que ouuesse algum bãquete, & festa: prohibião lhes com graõ rigor o vso do vinho, & hoie se tem ateado a liberdade deste vicio de maneira em muitas q̃ cedo se comunicara a todas,pois vemos o que antigamente naõ hauia, beberem as molheres igualmente com seus maridos sem elles lho impidirem,nem ellas se enuergonharem.Por taõ grande crime se tinha entre as Romanas beber vinho como cometer adulterio,& a mesma pena auia pera hũ,& outro crime: Valerio Maximo diz q̃ ouue muito tẽpo ẽ q̃ as molheres não sabião q̃ cousa era & ãdauão os Romanos tãto de vigia pera que neste vicio não fossem comprendidas suas parentas que tinhão por costume chegarense a ellas de tam perto

Alex. ab Alex li. 2. genialium dierum cap. 25.

Alex. ab Alex l. 5. cap. 21.

Valer. Max. l. 2. c. 1.

perto que pudessem tomarlhes o baso,& ainda que este costume não durou mais que até tẽpo de Tiberio Cesar, porque elle o tirou por ley particular q̃ pera isso fez,fundado em algũs inconuinientes nacidos da malicia dos homens;nunca o costume de se prohibir o vinho nas molheres se acabou entre elles,antes forão taõ demasiados nisto,que a molher que abria as portas da adega, & entraua nella,sendo de mayor idade encorria em pena de morte, & não lhe valia a rezão de achaque,porque Cneo Domicio condenou hũa molher em confiscação de seus bens por beber vinho com achaque de indisposição.E Egnacio Metello matou sua molher porque o bebeo.Terão alguns por demasia do este rigor pellos poucos inconuenientes que consideram no vso do vinho,porem se os effeitos delle saõ os que diz S. Paulo,pouca culpa se pode dar aquem tanto cuidado punha na honestidade das molheres que atalhaua a todas as circunstancias que lhes podião perjudicar:posto que nos casos de necessidade tenho por imprudente,& contra todas as leys de rezão tanto rigor, porque vsado por medicina he virtude, & se seruira somente nas ocasioens necessarias a saude, poucos inconueuientes podião delle resultar:mas desculpemos os antigos que o desejo de liurar de erros os fazia dar em extremos.Tambem se deuem prohibir os enfeites,& trages descõpostos,que alem de serem de grande perjuizo á honra,& honestidade das molheres, são ocasiaõ de gastos extraordinarios,& he hum genero de vaidade que mais introduzido esta hoie que todos os outros, porque fazem os homens honra dos trages de suas molheres,sẽdo causa mais certa de sua infamia:& o costume tem autorizado de sorte esta vaidade que deixão os homens de comer,& andão na praça âvista de todos com menos capa do que conuem a seu estado a conta de q̃ suas molheres tenhão diuersas galas comque se compor,oudescompor;não vejo de que causa se tenha leuantado tão grande dissolução,porque não he do exemplo dos passados, que doutro differente modo nos ensinarão,nem de sobejarem as rendas que todos confessaõ serem hoie menos do que nunca forão:o mais certo he que a causa total do desconcerto com que as molheres se concertaõ he a malicia q̃ nũca esteue mais ẽ seu ponto,sẽ auer quẽ lhe vá

Alex. ab Alex lib. 3. c. 11.

à mão,nem com exemplo, nem com castigo,antes se tem hoje tanto respeito as molheres mais vãns,& descõpostas,que quasi vem a ser especie de idolatria o modo com que saõ tratadas, & veneradas,não por suas partes,fundadas em virtude, honestidade,& valor, mas pella desenuoltura com que salão,&pella liberdade com que obraõ;& de sorte se vão criando, fazendo habito,& costume deste trato,que a primeira oração que aprendem he o modo de se enfeitar & de contentar. Muitos annos se conseruou o mundo cõ molheres varonis, & sem que vsassem de genero algum de enfeite ate o tempo do septimo Rey dos Assirios:& diz Valerio Maximo que por seu muito recolhimento, &virtude lhes derão os maridos licença pera que vsassem da purpura,&ouro, vendo assegurança de sua honestidade. As donzellas criense, não como as Lacedemonias, a quem os pais mandauão exercitar de mui tenra idade em jugar a barra,em correr,& em outros actos militares,o que não pareceo mal a Platão,mas pello que estes exercicios, repugnão a sua natureza,bastaque se a costumem aos honestos, das portas a dentro,ocupandose sẽpre ẽ algum genero de vtilidade,porque do contrario nacem as mayores desauenturas que as respublicas padecem.

LIVRO

ARTE DEREYNAR

LIVRO QVINTO.

Em que se trata dos conselheiros, & mais ministros do gouerno, & das calidades, que deuem ter.

DISCVRSO I.

Se deue o Principe sogeitarse ao conselho de seus vassallos.

ENTRAMOS na mais difficultosa materia, & mais necessaria a todo o gouerno politico, porque das pessoas mais que das leys depende a felicidade da republica, & por mayores q̃ sejão as peruençoens, edeligencias, nunca podem ser bastantes pera de todo arrancar os affectos humanos, de que depende a difficuldade que sempre houuede acertar assi na eleição de ministros, como dos meyos mais vteis ao bem comum: porque a malicia, & deprauada inclinação dos homens tem preuertido, & peçonhentado as mais excellentes virtudes morais, de que muitas vezes resulta enganarẽse os mais prudentes. A crueldade tem conuertido a justiça em tirania, a presunção

vsa da temeridade por fortaleza, a cobiça quer que a auareza seja temperança; & assi vemos muitas virtudes falsificadas, & adulteradas pella variedade de vicios mais poderosos com a inclinação dos homens, que a excellencia de tais virtudes em sua perfeição, o que nos da motiuo a termos por questão difficultosa, & por duuida digna de se apurar, se deue o Principe sogeitarse ao conselho de seus vassallos, o que tomado simplezmẽte nos termos ordinarios, & naturais, sem specularmos o estado em que de presente estão todas as cousas, & a malicia que muitas vezes se encobre cõ o conselho, parece não hauer duuida, porque os entendimentos saõ desiguais, & muitas vezes os dos vassallos auentejados ao do Principe: que a experiencia dos trabalhos, a comunicação mais particular com a gente do pouo, a necessidade das cousas pertencentes a vida, o estudo mais continuo, & laborioso, saõ causa de se apurar muito o entendimento, rezoens de q Aristoteles em diuersos lugares vsa, & ainda que não houuera outra mais que serem muitos os que a cõselhão, & o Principe hum so: esta daua Paulo Emilio pera mostrar que importaua pouco ser o Principe de pouca idade, se se gouernase cõ o conselho de muitos: porque mais facilmente acertaria sendo mancebo, aconselhandose com muitos velhos, que gouernandose por seu parecer ainda que fosse velho. Porem os varios casos, & extraordinarios sucessos nacidos de conselhos falsos, com que muitos Principes se perderão, nos dão occasião de duuida, porque mostrão ser muitas vezes perjudicial o conselho, que de sua natuteza era bom, & proueitoso, & hauerse de receber mui poucos, & com muita cautela: porque ha homens que tomão o conselho por instrumento de sua vingança, & com palauras cheas de amor encobrem o coração cheio de odio: & acontece muitas vezes que aquelles de quem o Principe mais se fia, lhe dão cõselhos com que se perde. Se Sergio Galba não seguira o conselho de alguns dos seus, que lhe persuadirão saisse ao campo, affirmandolhe ser morto seu inimigo Othon, não fora preso; & miserauelmente morto. O Emperador Claudio, por conselho, & ordẽ de sua propria molher foi preso, & morto por seus inimigos. ElRey Dom Affonso onzeno de Castella começãdo a Reynar de pouca idade se sogeitou ao conselho dos q lhe assistião, os quais por seus particulares respeitos lhe fizerão

Arist. l. 1 ethic.

Max. l. 7 apoph

Hist. in p.

rão vsar, notaueis crueldades, matando as mais graues pessoas de seu Reyno, depois que foi de idade madura, & se gouernou por si, foi mui bom Rey; mui pacifico, & prudente. Na Scritura sagrada temos alguns casos que nos dão ocasiaõ a termos por perjudicial o conselho dos vassallos, & ainda dos amigos, & parentes. Se elRey Dauid seguira o conselho dos seus quando lhe persuadião que matasse a Saul em hũa occasião q̃ teue, allegandolhe pera o fazer ser vontade de Deos, pera se cõprir hũa promessa que lhe tinha feito, que mataria seu inimigo: não ha duuida que ficaria de peor condição, & que seguir seu proprio parecer contentandose de cortar huã ponta da capa de Saul foi causa de Deos mais o ajudar, & fazer digno da Coroa Real. Que cousa mais conforme á rezão que hũa donzella moça seguir o conselho de sua irmam mais velha, o que deu á filha de Lot á sua irmã foi cheio de maldade. Autores graues affirmão que as crueldades de Nero naõ naceraõ tanto de seu mao animo como da crueldade, & malicia dos seus conselheiros. De casos semelhantes estão cheas as historias que parece dão licença ao Principe pera ter por melhor gouerno seguir seu parecer, & recearse de todo outro; como fazia Baiazeto sexto Emperador dos Turcos de quem se escreue que nunca seguio conselho algum, principalmente em materias de guerra, & não ha duuida, se nos houuessemos de temer de conselhos fundados em respeitos particulares que era escusado por esta materia em questão: porque o primeiro pensamento de todos os que aconselhão, he o proueito, ou perda, que lhes pode resultar do tal conselho, & naõ so antepoem a todos os outros respeitos o seu interesse particular; mas o gosto de auentejarem seus chegados, vicio mais ordinario nos que mais fidelidade deuem ao Principe, de que tomão confiança pera desencaminhar seus acertos por mui leues respeitos com aparencias de zelo, naõ tendo por crime as acçoẽs que resultão em vtilidade dos seus ainda que seja em detrimẽto do credito, ou fazenda Real ou da justiça das partes, introduzindo nos officios de que os vassallos mais dependencia tem os menos capazes, se estes conformão mais com seus desenhos: materia a que os Principes deuem aplicar grande vigilancia & com toda ella escaparaõ mal dos mais domesticos. Ia ouui reparar a algumas pessoas em q̃ os mayores validos dos Reys q̃ conhecemos cujas casas pareciam

Reg. 14

Cen. 19

Xiphil. in Neron.

Calchocondilas hist. dos Turcos l. 3.

ciaõ eternas e cuja decendencia era tão dilatada, que mostrava hauer de durar ate o fim do mundo, viessem em mui poucos annos a não hauer memoria de seus descendentes, nem de suas riquezas. Mostra Deos com euidencia aos homens que obram seus juizos diuinos em derribar edificios, que a uista do mundo parecião eternos, porque foraõ leuantados com perjuizo naõ so dos vassallos, mas dos Reys a que desencaminharaõ com seu conselho: & ainda nos mais moderados conselheiros se costuma achar este vicio de não darem fè de outros merecimentos mais que dos que por algũa via lhes tocão. Disse auisadamẽte Seneca, ser o particular interesse o fim de todas as resoluçoens, & pensamentos dos homẽs a que naturalmente se inclinaõ & cada hum experimentara ẽ si quãto mais o moue qualquer pequeno interesse seu, que grãdes vtilidades alheas: porem sẽ embargo disto he mui importãte rezão destado aconselharse o Principe com seus vassallos: porque o conselho, conforme S. Thomas naõ he outra cousa que hum instrumento de buscar remedios conuenientes pera suceder felizmente o que se pretende executar, o que mais conuem ao Principe que a todos os mais homẽs, porque nelle he precisa à necessidade de acertar, como no corpo humano a cabeça estar em suaperfeiçaõ pera cõseruaçaõ dos membros. Em rezaõ disto costumauaõ os Romanos depois de os mininos nobres terem idade pera lhes vestirem a vestidura chamada pretexta, lançarenlhe ao pescoço hũa medalha de ouro da figura de hum coraçaõ, que era insignia de nobreza. E diz hum autor graue referindo este lugar que pretendiaõ os Romanos mostrar que os Principes, & nobres de quem o mais pouo depende em imitaçaõ, & gouerno, tinhaõ mais obrigaçam de trazerem o coraçaõ à vista, pera poder ser gouernado, & encaminhado por outrem, porque o conselho das pessoas particulares naõ respeita mais que ao interesse de cadahum, do conselho do Principe depende o bẽ comum de seus vassallos, cuja felicidade consiste em elle acertar, resultando os erros em destruiçaõ sua, & de seu estado. El Rey Sigeberto de Inglaterra, se começou a querer izentar de seus conselheiros, & gouernarse por seu gosto, & pera que se cõformassem com elle, & lhe naõ fossem a mão a suas resoluçoẽs, determinou intimidar os vassallos com matar hum daquelles que costumauaõ assistir em seu conselho, & resistir a seu gosto de

Seneca in epist.

S. Thom de regim. Princip.

Alex. ab Alex l. 2. gem al. dierũ cap. 25.

de que resultou conjurarense contra elRey, oqual vendose apertado, fugio pera o mato, onde foi morto por hum criado do conselheiro aquem tinha dado a morte: sucesso nacido da repugnancia a hũa taõ necessaria, & real virtude, como he a promptidão com que se deue aceitar, & procurar o conselho daquelles que por idade, letras, & saber o podem dar. Bem experimentou elRey Dom Fernãdo de Portugal quam grande erro era arriscar a reputaçaõ, & honra propria, & vida dos vassallos, contra o conselho dos seus: cercado de trabalhos passou a vida sendo iguais as afrontas, que atropellaraõ a honra, á liberdade com que se izentoude obedecer ao conselho dos seus. Quando Deos queria mostrar o miserauel estado a que tinha chegado o pouo Hebreo por seus peccados, dezia que era gẽte em que naõ hauia conselho, nem delle se fazia caso. Sendo Moyses tão grande Propheta, & taõ prudente Capitão, a cujas resoluçoens assistia Deos cõ particular fauor, naõ se desprezaua de receber conselho de seu sogro Ietro. Dauid se em hũa ocasião andou bem ẽ senão aconselhar com os seus, em outra lhe socedeo mal naõ receber o conselho de Ioab. A soberba com que Holofernes desprezou o conselho de Achior foi causa de perder a vida com miserauel destruição de seu exercito. A Escritura sagrada diz que desejando elRey Artaxerxes estender a jurisdiçaõ de seu poder se vaseo do conselho de hum seu vassallo, que assi como o ruim conselho de hum he bastante pera destruir hum Reyno, he poderoso o bom pera o fazer prospero. O Emperador Gordiano foi hum dos melhores Emperadores que teue o Imperio Romano, os Historiadores daquelle tempo dizem que a rezão de o ser foi, porque teue hum sogro de tantas letras, & entendimento que bastou o seu conselho pera Gordiano gouernar felizmente; & não faltou quem dissesse que as vitorias de Scipião se deuião a Lelio; & era pratica, ou fundada em inueja, ou em verdade, que Scipiam não era mais que hum representante do que Lelio ordenaua: de que se infere que era mais poderoso o conselho de hum amigo prudente pera lhe grangear as vitorias, que alcançou, que o valor de seus soldados; & não ha duuida que muitas vezes pode mais hum so conselho que hum exercito. Viose isto no que aconteceo a elRey Dõ Affonso o decimo de Castella: tendo cercada Niebla, hauia dez meses, sobreueio tão grande

Det. 12.

Mach. 1.

Hist. imp.

Plut. in l. 6. apoph.

Valer. hist. scolastica. l. 7. tit. 2. cap. 5

de praga de moſcas,que não podião os ſoldados comer nem falar.Reſolueoſe elRey a leuantar o cerco por naõ ver remedio algum de o poder continuar,o que lhe daua grande pena: porque perdida aquella ocaſiaõ não ſeria poſſiuel hauer outra tão facilmente,& os Mouros ſe prouerião de mantimentos,que ja lhe hiaõ faltando. Souberam da determinação delRey dous religioſos da ordem de Saõ Domingos,foraõſe ter com elle aconſelhandoo que não leuantaſe o cerco,porque pera a praga das moſcas tinhão achado hum remedio que ſe bem parecia facil era o mais efficaz, diſſeraõ a elRey que deſſe dous realespor cada almude de moſcas,& que aſſi o mandaſſe apregoar no exercito,executouſe,& em mui poucos dias faltaraõ as moſcas, & a cidade ſe tomou aos Mouros,mais em virtude do conſelho dos religioſos que das armas dos ſoldados. Tenho moſtrado a vtilidade do conſelho, & a neceſſidade delle,ainda nos mais prudentes;pudera dizer outro tanto contra a cegueira dos que tem por authoridade naõ ſe aconſelharem,porque he erro que ſe acha em noſſos tempos,não tanto nos Principes como nos miniſtros ſuperiores de quem mais depende o gouerno da republica, & de toda a Monarchia:& quando iſto fora em negocios particulares ſofriuel mal era,porem que o gouerno da republica pague a deſconfiança do miniſtro; & que os remedios ſe não apliquem nos mayores perigos, porque os que gouernaõ ſe correm de perguntar aquem ſabe:& que os inimigos perualeção, naõ por mais poderoſos, mas pellas armas que lhes da a deſconfiança ou preſunção de quẽ não quis ſaber os meyos de lhes atalhar, a conta de que ſe não ſoubeſſe que ſogeitou ſeu entendimento ao ſoldado experimentado: he mal que ſo ſe pode attribuir a grande caſtigo de Deos,que pellos muitos peccados cega os olhos da rezão, offerecendo o bem publico a diſpoſição do tẽpo em pena da deſconfiança cõ que o conſelho ſe deſpreza.Preſumão quanto quiſerem os que na calidade ſe tem por mais ſuperiores parecẽdolhes que não neceſſita o ſeu voto de outra ajuda,que em diuerſas ocaſioens tem moſtrado o tempoſer a preſunçaõ o mayor inimigo do acerto,& quando o Principe ſe enganar com as aparencias dos que ſe ſabem vender, os ſuceſſos errados coſtumaõ trazer o deſengano,quando naõ he de proueito.Os antigos fingiaõ q̃ Iupiter ſe aconſelhaua com Prometheo,& ſe as fabulas tinhaõ

ſempre

sempre fundamento em algũa vtilidade grande, como muitos dizem, bem se ve quão necessario foi mostrar aos homens, que o proprio Deos que adorauam se sogeitaua ao conselho de hũa sua creatura, pera desenganar ainda aos que se tem por mais diuinos, que o não ficão sendo em se izentarem de receber cõselho, dosque lhe saõ inferiores, antes he a mais perjudicial specie de presunção, ou de ignorãcia que podem ter. Os males q̃ do conselho costumão resultar ou nacem de malicia, ou de falta de entendimento, & peraque o Principe, liure dos inconuenientes que da tãl malicia, ou ignorancia se seguem, possa receber o conselho puro, deue fazer muito caso, assi das pessoas com que se hade aconselhar, como das materias em que o ha de receber, como adiante se vera.

DISCVRSO II.

Apontãose algũas aduertencias em respeito das occasioens em que o conselho se hade pedir, ou regeitar.

EMOS visto quam necessario he o conselho, porem não se ha de vsar delle tão absoluta mente, q̃ se desprezem as circũstancias que o fazem vtil, ou no ciuo. Primeiramente importa conhecer os casos em que o conselho se deue pedir, porque algũas vezes não conuem á Magestade Real obrar por ordem de conselheiros, & nem em todas as cousas, & em todos os tẽpos he o conselho vtil, antes em muitos desnecessario, & encontrado assi ao bom sucesso como a authoridade; porque pedir cõselho em cousas mui leues he mostrar pouco brio, & muita sogeição a vontade daquelles aquem se pede: Seneca diz que todo o pedir tras desautoridade & quando desta regra geral se exceptue o conselho não he ẽ todos os casos, nem quando se pede a pessoas particulares, nas quais mais facilmente se achão respeitos interessados que nos tribunais: seruem estes de conferir os negocios com mais vtilidade, & acerto quando os conselheiros saõ escolhidos por experiencia, talento, ou letras, que semelhante genero de officios so por estes tres caminhos deuem ter entrada com os Principes, porque nem podem cabalmente satisfazer com elles seruiços, nem elles vtilmente grangear merces; & pera mayor claridade desta materia, a reduziremos a tres pontos

Seneca epist.

mais principais todos os que comumente se tratão nos tribunais,& sobre que os Principes se aconselhão. O primeiro he a conseruação, & propagação do estado,o que se faz por meyo da milicia,ou seja ordenada a defender,ou a conquistar. O segundo a administração da justiça publica aqual depende de prudencia,& letras.O terceiro, posto que muitas vezes se lhe da o primeiro lugar,he a authoridade particular, & conseruação da honra,vida,& gosto: & conforme a isto apontarei os particulares em que o Principe deue gouernarse por conselheiros,& sogeitarse a determinação de seus vassallos. Antonino Pio dezia que nas materias de guerra nunca fizera cousa alguma sem o parecer dos seus, & que isto fora a causa principal de lhe socederem bem todas as empresas que cometera. E he tão impossiuel hauer bom sucesso na guerra,que sem conselho se emprende, que o mesmo valor dos soldados aquem se atribue muita parte da vitoria,se perjudica asi proprio, como aconteceo aos valerosos Machabeos na ocasião em que os sacerdotes morrerão na batalha, pois a scritura aponta por causa de sua perdição, o muito valor,&pouco conselho.

Plut in apoph.

Lib. 1. Mach. cap. 5.

Dezia o famoso Capitão Agamenon que desejaua sempre ter nos seus arrayaes mais Nestores que Achiles, mostrando ser mais necessario o conselho de Nestor que o esforço de Achiles.E posto que Iulio Cesar costumaua dizer a seus soldados,que so erão dignas de louuor as fazanhas que se empren dião sem conselho, queria louuar o animo daquelles que cõ presteza,& resolução entrauão nos perigos da guerra,sem precederem vagarosas deliberaçoens, o que nos soldados com quem Cesar falaua argue valor & esforço,mas não no Principe,& Capitão de cujas resoluçoens depende a vida de todos: pudera bastar por proua desta verdade o lamentauel sucesso delRey Dom Sebastião, causa dos miseraueis trabalhos q̃ este Reyno padeceo por espaço de sessenta annos,não porque faltasse nelle o valor que de hum tão grande Principe se podia esperar,mas porque lhe faltou a obediencia que deuia ter ao conselho dos seus,que os vassallos tambem tem seu genero de superioridade com os Reys em rezão de conselho, & aduertimento, & não he falta na pessoa Real mostrar obediencia aos que lhe saõ inferiores, quando tratam do

Caes. in com.

bem

bem comum, antes obrigação sogeitar o gosto â vtilidade de todos,& conformar seu parecer com o dos seus,porque sempre se deue presumir que trataõ do bem comum com menos paixão:& assi como de hũa acçaõ desencaminhada, ou gouernada pello appetite dos Principes tem resultado a ruina de muitas respublicas,o remedio,& restauração se naõ conseguio nunca sem ajuda do conselho. Euripedes dezia que hum so conselho bastaua pera destruir muitos exercitos:mostrando quanto mais importante he muitas vezes na guerra fundar o bom sucesso da vitoria na ordem, & conselho dos Capitaens experimentados que na cantidade, & esforço dos soldados. Determinando Phelippe pai de Alexandre Magno destruir a Athenas,a primeira cousa que intentou foi hauer a mão os homens mais sabios daquella cidade,parecendolhe que fazia mais em lhe tirar aquelles,que com seu conselho a defendiaõ que em lhe arrasar os muros,& que era difficultosa empresa querer conquistar Athenas em quanto tiuesse dentro de si tantos homens sabios. Era adagio entre os antigos,que os Romanos estando assentados venciaõ, pera mostrarem que era tam poderoso o conselho com que ordenauão seus exercitos,& com que encaminhauão as cousas pertencentes a milicia,que sempre ficauão vitoriosos,naõ tanto em virtude de suas forças como de seu conselho. E se nas materias de guerra está tão aueriguada a necessidade que ha de preceder sempre conselho: no gouerno politico de que depende a justiça,& administração da republica, que he a segunda materia em que os Principes se occupão, se deue fazer delle muito caso, porque não so ha mais tempo, & ocasião de se deliberarem,& descutirem as difficuldades,mas tambem saõ mayores as que se offerecem no gouerno da republica,que na milicia,porque aqui peleja o esforço, & valor dos soldados,& na paz so o conselho tem a sua conta o peso da republica,& mais facil he render inimigos, que aquietar, & sogeitar animos differentes; porque os appetites dos homens (que todos os tem) sam os que pelejão,como diz Aristoteles,contra o conselho do Principe,a cuja conta está atalhar os vicios dos vassallos,&cõseruallos ẽ justiça,& vniaõ.Pelloq̃ cõuem ser tanta a cautela, & preuenção,nas materias graues,que se não tenha por infaliuel

Eurip.

Plut. in apoph.

Arist. 3. ethic. cap. 2.

liuel o effeito do conſelho por mais puro que ſeja, porque ſe aduertirmos as fezes, que na mais concertada republica ſe coſtumão criar, acharemos que ſaõ mayores as difficuldades, mais ordinarios os deſacertos que todo o genero de remedio aplicado com todas as circunſtancias de hum perfeito conſelho, perualecendo de ordinario a malicia contra as leys, & o deſcuido de ſe atalharem cõ tempo os ſuceſſos, contra a vigilancia dos que na adminiſtração da republica empregão todas ſuas forças, que como ſam humanas não podem anteuer o que ha de reſultar das acçoens, que em reſpeito da ocaſião preſente moſtram grande acerto, parando muitas vezes em ruina do eſtado, ſeruindo mais vezes os remedios de deſcompor que de melhorar. Quem ſe hauia de perſuadir que de acrecẽtar a fazenda Real auentajãdo em fauores, & merces os que pera eſte effeito mais talento tinhão, hauia de reſultar a ruina de Eſpanha? E quando materias que tanta aparencia tem de vteis, & tão autorizadas ſão com o conſelho dos mais prudentes, não trazem muitas o ſuceſſo q̃ ſe pretende; que ſe deue eſperar quando ſe entregão a fortuna, ou quando a confiança dos conſelheiros não conſidera o fim dos negocios ſobre que votão? & muito peor quando o tal fim não he o bem publico, mas o intereſſe particular, materia por tantas vias ocaſionada a ruinas publicas, em que os ſucceſſos deſgraciados tem dado baſtantes liçoens aos Principes pera que vigiem, & examinem as circunſtancias do conſelho, & ſe por algũa via pode tocar aos que nelle hão de darſeu voto: & naõ ſo ſofrerei; antes acõſelharei dous dedos de deſconfiança que ſirua de vigia pera deſcobrir os enganos, que a cõfiança demaſiada coſtuma cauſar mui ruins effeitos. A terceira couſa em que o Principe ſe occupa he nos particulares que tocão a conſeruação de ſua peſſoa, authoridade, & goſto, & poſto que eſtas, quando não entra perjuizo de terceiro, ſe deuem ajuſtar com a condição, & vontade do Principe, ſe com tudo ſaõ publicas, & podem offẽder ao pouo por exemplo, ou por reſpeito de intereſſe comq̃ ordinariamẽte ſe coſtuma alterar, ou por qualquer outra via, ainda que as materias á primeira viſta pareção leues por tocarẽ ſomente ao Principe em reſpeito de recreaçoens, ou de outras acçoens peſſoais, ſera prudẽcia ſogeitar ao cõſelho, de homẽs ſabios

bios,& zelosos,porq̃ as condiçoens,& inclinaçoens são varias,& algũas indecentes ao Principe,& costumão cegar de maneira o entendimento,que não da fè do dano,que consigo trazem,& ficara com muita ventagem quando se quiser regular mais pelloq̃ lhe conuem,q̃ pello q̃ lhe dictar o appetite,acõselhandose ainda nas materias desta calidade,porẽ de tal maneira q̃ não mostre a liberdade catiua,parecendo statua, que representando homem o naõ he, nem por si tem acção algũa: antes quando a natural froxidão o obrigar a ser gouernado por outrem,deue mostrar em publico algũas acçoens de liberdade,pera que esta não pareca sogeita, sobre que os poucos afeiçoados possaõ lançar os juizos que quiserem, tirando desprezo do conselho,que se faz pera atalhar males, & atribuindo a ignorancia o que muitas vezes nacerá de zelo:& se o tal cõselho,ou sogeiçaõ he a hũa so pessoa,vem a ser muito mais perjudicial,porque chegando a noticia das naçoens estrangeiras, resultara em desestimação mui arriscada,pella confiança q̃ os inimigos recebẽ contra o Principe que não vsa de acçoens proprias:& porque a mayor parte destes inconuenientes naõ depende tanto das ocasioens, & circunstancias do tal conselho como das calidades dos cõselheiros sera rezão tratar delles.

DISCVRSO III.

Das calidades que se deuem considerar na eleição de conselheiros.

INDA que em diuersos lugares apõto as calidades que os Principes deuẽ considerar naquelles de que se hão de seruir,naõ me dou por desobrigado de tratar de algũas,que mais pertencẽ aos conselheiros,que sendo estes os olhos,& os mais ministros as maons do Principe, como lhe chama Platão,mais circunstancias saõ necessarias em huns que em outros. Vigiaõ os olhos,& as maons se ocupaõ no trabalho pera q̃ foraõ criadas, & da confusaõ que algũas vezes ha entre o exercicio dosque nacerão pera trabalhar,& pera aconselhar,nacem as desordens que as republicas padecem: que quando os que prestão pera aconselhar seruem,& os que a natureza fez pera seruir aconselham, não se podem esperar resoluçoens acertadas: acontece isto onde os conselheiros

Plut. de Rep.

não saõ ouuidos,& onde os criados particulares tem mais voto que os ministros publicos; que naõ deu Deos aos Principes poder pera apurarem os entendimentos daquelles que melhor os seruem, reseruou esta excellencia pera si de fazer dignos de todos os cargos aquelles q̃ antes de entrarem em seu seruiço eraõ incapazes delles: nem recebaõ conselho dequem so tẽ bom modo pera seruir,que vai muito de hũa cousa a outra,consiste o bom seruiço em saber agradar,& o bom conselho em saber acertar. Nunca aconselheis a vontade de quem recebe o conselho,dezia o Sabio Solon,porque a sustancia do conselho não esta em ser agradauel mas proueitoso:& em respeito disto dizia o prudente Senador Emilio falando com o Emperador Trajano, que importaua pouco ser o Principe bom, se os conselheiros o naõ fossem,q̃ tratando de aconselharem o q̃ der mais gosto,deixaráõ o que for mais importante; & nunca as resoluçoens nacidas de gosto foraõ acertadas.Porem difficultosa cousa sera querer persuadir aos Principes criados em serẽ adorados,& seruidos em seus pẽsamentos,& em lhe adiuinharẽ seu gosto,que se acomodem à fazerem caso de quem lhe repugnar a elle,& mais difficultoso persuadir aos vassallos que se auenturem a perder a graça do Principe,ainda que se arrisque o mundo todo, mas houue ja quem o fez:& suposto ser possiuel,conuem que os Principes se persuadaõ,que he lanço real, & de grande valor fazerem caso de hum conselho ainda que pareça agro,& estimarem o cõselheiro que antepoem à vtilidade da republica ao receio q̃ deue ter de desgostar a seu Principe,porque da estimaçaõ que fizerem das pessoas verdadeiras & zelosas nace falarem verdade,& com mais fidelidade que temor.ElRey Dom Affonso o sabio dizia que estimaua os cõselheiros que lhe naõ falauaõ à vontade;& ocasiaõ ouue em q̃ hum velho teue liberdade pera o reprender,& elle prudencia pera lhe mostrar bom semblante.E pera se inteirarem dos que saõ zelosos,& verdadeiros ha mui boas traças,que os conselheiros aduladores,& que andaõ a vontade do Principe sempre mostraõ que he justo,& cõuiniente o que julgaõ ser conforme ao seu gosto,& em se declarando em qualquer materia por injusta que seja logo veraõ inclinarenselhe os conselheiros que tem esta natureza. Paulo Iouio conta ser taõ prudente o Summo Pontifice Paulo terceiro & taõ amigo de conhecer os animos

Solon apud stob.

Ant. Panorm. li. 1. de rebus Alph.

Paulus Iouius l. 43.

animos,& condiçoens dos que votauaõ nos tribunais que propunha alguns negocios sem necessidade,não pera os aueriguar mas pera conhecer os animos dos votantes,& saber os que se gouernauão por zelo,ou respeitos. Algum politico quis que fosse calidade necessaria aos conselheiros serem desunidos nas afeiçoens, pera que receandose huns dos outros,aconselhem sẽ fingimento o que melhor estiuer ao Principe:porem não he cousa segura impugnar rezoens com mais paixaõ que fundamẽto:foi notado deste vicio Agesilao Rey de Lacedemonia, que de proposito contradizia o voto de Lisandro por diminuir seu credito,ficariaõ de mais vẽtagem as rezoens apparentes, & bem encaminhadas com palauras,que aquellas em que a verdade tiuesse mais lugar. Isto foi o que deitou a perder Absalão, quando quis de noite dar sobre o exercito deDauid,tinha dous conselheiros hum delles verdadeiro,& outro resolhado que sabia muy bem fingir, & praticar o que dezia: acertou Absalaõ de seguir o parecer deste pellas aparentes rezoens cõ que o ornou,& nisto se perdeo. Verdadeiramente tenho este pello mais perigoso passo que os Principes tem em todo o gouerno politico pella malicia,& ambiçaõ com que os conselheiros trataõ de contentar cõ seu conselho, trabalhando que se não admita o alheio por mais verdadeiro que seja. Quando Nabucodonosor mandou chamar os Magos, & adiuinhadores,pera lhe explicarem o sonho sendo assi que elles se não atreuerão ao declarar,& sabiaõ mui bem que Daniel o podia fazer,se calarão,& naõ quiseraõ dar noticia delle ao Rey,sofrendo antes serem condenados à morte:eu me não persuadira q̃ era tão poderosa a emulação, se o glorioso Saõ Hieronymo não dissera,que calarense estes Magos,& naõ nomearem a Daniel,fora inueja,&naõ esquecimẽto:não podiaõ sofrer ventagem a Daniel nas honras que elRey lhe auia de fazer por lhe declarar o sonho:he mui natural esta emulaçaõ,& mui necessario saber liurar dos effeitos della: o remedio aduertio o auisado, & Santo velho Tobias estando pera morrer dizendo a seu filho, que nas ocasioens em que lhe fosse necessario conselho buscasse os prudentes, & virtuosos, porque com a virtude seguraua os inconuenientes que resultão da enueja com que muitos conselheiros dão seu parecer mais encaminhados a seus intentos que ao que conuem, & com a prudencia se atalhão os effeitos

S. Hier.

da ignorancia, calidades em q̃ parecia escusado gastar tempo, porque esta claro q̃ em respeito de conselheiros, saõ primeiros principios que não admitẽ duuida: porem suposto auer de tratar de outras, rezão he que não passe taõ de passagem por estas ao menos o que se permitir nos termos da breuidade deste discurso: lembrandome que há muitos taõ sogeitos a seguirem em tudo o parecer daquelles a que saõ affeiçoados, q̃ não respeitaõ se saõ prudentes ou ignorantes, virtuosos, ou viciosos: a estes tais diz Salamão não ha quem melhor os encaminhe q̃ o arrependimento do ruim sucesso que experimentão em suas cousas: porque o que se faz com ruim cõselho não tras mais que o sentimento de errar. O conselho dos prudentes, diz Aristoteles, aos olhos cerrados se ha de seguir sem pedir rezão delle, porque ainda que algũas vezes se considerem nelle circunstancias que o desdourem, esta excellencia tem os homens sabios, & experimentados, que sempre se presume delles aduirtirem a todas as particularidades do conselho, & lançarem mão do que menos inconuenientes tem: & he grande descanso de hum Principe ter tais cõselheiros, que possa com confiança deixar de examinar todas as circunstancias de suas rezoens, posto que sempre seja necessario dar fé dellas, & repetir as que mostrarem alguã repugnãcia, ou parecerem mal encaminhadas, ao menos pera a cautelar os mesmos conselheiros, q̃ trabalhem de acertar nos conselhos, & fundamento delles: porem os varios negocios dos Principes não daõ lugar a tanto, & sempre he mais acertado dar credito as resoluçoens dos tribunais em que as materias de estado se ventilaõ; pera o que importa serem tais os conselheiros que possa o Principe descançar sobre elles. Notauel foi o sentimento que elRey Dauid teue em ver que Achitophel o desẽparaua, & se passaua a seus inimigos, sem duuida se teue por perdido vendo que lhe faltaua o conselho de pessoa tão prudẽte, & que seus inimigos se gouernarião por elle, chegou isto a darlhe tanto em que entender, q̃ se valeo de Deos, desesperado dos meyos humanos, & cõ grande instancia lhe pedio que cegasse a seus inimigos pera q̃ não admitissem o conselho de Achitophel; & com muita rezão lhe deu isto cuidado, porq̃ importa mais hum conselheiro prudente que muitos Capitaẽs valerosos. Não he menos necessario que os tais conselheiros sejão virtuosos porque o vicio não

Eccles. 32.

Arist. l 6. ethic.

so

so tira o entendimento, mas da liberdade de conciencia pera naõ respeitar a rezão, & justiça: & faltando o respeito deuido a ley diuina, & a vtilidade dos proximos, que ella nos ensina, todos os cõselhos pararaõ em ruina, & destruição, naõ so das respublicas, mas dos mesmos Principes. Em quanto elRey Pharao teue junto de si a Ioseph gouernou de maneira a seu Reyno que no tempo de mayor necessidade gozou de mayores prosperidades, que todos os Reys passados. Os conselheiros virtuosos tem zelo pera desejarem acertar, fundamento principal de encaminharem os negocios: porque hum dos encargos do peccado he cegar o entendimẽto, & o primeiro effeito da virtude he abrir os olhos dalma, & encaminhar suas potenciás. E ainda que em outro discurso tenho mostrado que algũas vezes se acha virtude sem prudencia humana, porque os filhos deste seculo, como Christo Senhor nosso diz, tem mais prudẽcia humana pera disporem as materias destado da que tem os Santos cuja ocupação se emprega em cousas mais leuantadas: poucas vezes se acha a prudencia em sua perfeição sem a juda da virtude, a rezão he porque a prudencia humana discursa sobre fundamentos incertos, quais saõ as rezoens temporais cuja inconstancia, & variedade não pode formar hũa sciẽcia certa, & infaliuel: porem a virtude, & zelo da honra de Deos, & do proximo fundado na doctrina diuina, & causas sobre naturais encaminha a tal prudencia pera que se não desuie do caminho da rezão, leuada de algum respeito, ou paixão natural: veremos claramente huma representação disto naquellas vacas que leuauão a arca do Testamento de casa de Aminadab que obrigadas de sua natural inclinação pretendião desuiarse do caminho direito, & como leuauão sobre sy a ley de Deos q̃ as guiaua ainda que o appetite natural as fazia mugir, & desejarem tornar atras, era mais poderosa a virtude diuina que as guiaua, que a força de sua natureza, violentada então, & reprimida de outra causa mais superior. Ajũtase a esta rezão a protecção diuina com que Deos nosso Senhor por particular prouidencia sua, ampara, & fauorece com felices sucessos as resoluçoens encaminhadas segundo sua ley Santissima, de q̃ as historias diuinas, & humanas estão cheas, & alguns apontei no discurso que trata da affeição, que os Principes deuẽ mostrar a religião diuina que me escusão estender esta materia

1. Reg. 6.

com

com mais continuandoa em respeito de outras calidades necessarias aos conselheiros.

DISCVRSO IIII.

Na eleição de ministros se deue fazer mais caso das partes naturais que das calidades, & bens da fortuna.

MVI poucas vezes se costumão achar juntos os fauores da natureza com os da fortuna, pretende ordinariamente encontrar hũa o q̃ a outra faz. Cicero entendeo, que era da fortuna a culpa desta desordẽ, por ser a que se deuia conformar com o que a natureza tinha feito, empregando seus fauores nos que mais partes tiuessem, porem como he cega reparte seus bens cegamente, dandoos aos mais incapazes. Experiencia he mui ordinaria saberem menos os que maispodem, & terem mais os que menos sabem: de que se deue colligir q̃ não he o caminho de acertar nas eleiçoens dos cargos escolher os mais poderosos, mas os mais prudentes, que do entendimento, não da sorte depende o gouerno da republica: & não so he causa de infelicidades, mas ja effeito dellas, chegar hũ Reyno a tanta miseria que despreze os talentos criados pella natureza pera conseruação de suas obras, fazendo caso dos q̃ a fortuna sem consideração, & cegamente leuantou a prosperidades. Os Carthaginenses leuados do particular respeito com que muitas vezes pretendem os ambiciosos conformar a rezão destado, fizerão ley, que so os ricos seruissem os officios da republica, injusta, & arriscada pella confiança, que da riqueza fazião, antepondoa a todas as mais partes: breuemente lhes mostrou o tempo, que se enganarão, escaramentados com a experiencia dos inconueniẽtes que a sua custa padecerão neste genero de gouerno. Aristoteles reprouou esta ley com muito fundamento, porque ainda que os mais ricos pareção menos sogeitos ao interesse, não nace a ambição da pobreza, mas da cõdição: antes vemos que muitos empobrecerão, por fazerem mais caso da honra que do interesse, & muitos enriquecerão com roubos, & tiranias. Petro Gregorio Tollosano impugna esta ley, pello inconueniente de se estimarem em mais as riquezas, que a virtude: porque não ha duuida, que se os officios se derem aos mais ricos, não aos de mais partes, que trabalharão todos de enriquecer não de merecer.

Cic. de amic.

Arist. l. 2. polit. cap. 9.

Petr. Greg. de rep. lib. 4. ca. 5.

recer. E a gente mais inutil a republica he a que so trata de ajuntar fazenda,& a mais proueitosa a que emprega todas su as forças em merecer, porque a honra grangease com obras de valor,& a fazenda ordinariamẽte se acquire com perjuizo de muitos. ElRey Dom Affonso o sabio dezia, que deuião os Principes em todas as eleiçoens, assi de ministros, pera os cargos como de conselheiros pera os tribunais, fazer mais caso das partes naturais,& acquiridas com o bom procedimento, que das que dependem da fortuna: porque estas podem elles remediar facilmente, que os fauores dos Principes os mesmos effeitos tem que os da fortuna, leuantão quem querem, porem algumas vezes tão cegamente como a mesma fortuna. De outra calidade são as partes que a natureza dá, naõ podem reconhecer outro autor posto que podẽ lustrar mais com os tais fauores recebendo naõ na sustancia, mas na aparencia o ser que todas as criaturas recebem com a presença do sol, liures das treuas da noite, que nas materias politicas muita semelhança tẽ a pobreza com a escuridão da noite: excelencia grande dos Principes poderem auentajar seu poder ao da fortuna, se vsarem delle com mais consideração, que paixão, dando vida as obras que a natureza fez de morta cor, se assi se deuem chamar os bons talentos encantoados. Considerou certo politico em Phelippe segundo hum dos prudentes Principes de Espanha, q̃ escolhia as partes naturais pera todos os cargos, & ainda pera priuados, em que a affeição & respeitos particulares parece que tem mais lugar: effeito de grande valor, e prudencia desprezar as rezoens nacidas do amor natural, por seguir o verdadeiro caminho de hum bom Principe,& executar com justiça o cargo, que Deos lhe entregou, cousa impossiuel entre priuados,& cõselheiros mais dotados de bens da fortuna que de partes naturais. O mesmo Deos em cuja mão esta toda a capacidade dos homens, pois elle he o que a da aquem quer,& quando lhe parece, não faz caso pera os negocios de importancia dos que mais ricos são de bens temporais, mas dos que mais partes naturais tem. Quando no Exodo mandou a Moyses que fizesse o tabernaculo, juntamente lhe mandou que comunicasse a traça com os mais prudentes, não fazendo caso dos ricos, & poderosos, mas dos que mais entendimento,& prudencia tiuessem. Reparou certo cortesaõ na pergunta que

Panorm. de rebusgestis Alph.

Exod.

que o velho Thobias fez ao Anjo disfarçado em mancebo, cõ quem se concertaua pera encaminhar seu filho, perguntoulhe de que Tribu era, como se acalidade do sangue fosse de mais importancia que as mais partes que nelle tinha visto. Mais auãte vou neste pensamento, por me parecer acertado o de algũs politicos que julgarão por tão necessarias as partes naturais, que não so as admitem sem as da fortuna, antes tem estas por oppostas em caso que hũas, & outras se achem juntas: fundão sua rezão em ser mais laborioso, & mais vtil o seruiço dos q̃ a natureza fauoreceo sem ajuda da fortuna, a satisfação delle menos custosa, o amor mais fũdado em beneficios, de que os ricos fazem menos caso: e o mayor de todos, disse Seneca, he dar honras, & fazer conhecido aquem naceo humildemente, & a fidelidade mais segura: que quando a lembrança da obrigação, & força do amor não baste, faltão as rezoens de atreuimento, onde as forças saõ menores. Porem aduirto aos Principes, se não deixem leuar tanto deste pensamento, que sem mais cautela admitão os de mui humilde nacimento. Não aprouo extremos, & neste particular os tenho por perjudiciaes, que nũca o sangue baixo causou effeitos generosos. Certo politico conhecido por seu bom gouerno dezia, que os honrados pobres erão os sogeitos mais a proposito, assi pera o gouerno da republica como dos Principes. Socrates disse da nobreza ser hum temperamento entre os bens da alma, & do corpo, onde este falta sobrepojão os ruins humores a todos os outros respeitos. Muito caso se deue fazer de fundamentos honrados, porem presupondo as partes naturais, que sem estas não ha capacidade, nem talento pera gouernar; aduirtindo que chamo partes naturais todas aquellas que tẽ seu fundamento nas potencias da alma, ou se fundem em acçoens do entendimento, ou em obras da vontade, de que se não excluem as que tocão ao valor, & brio, pois he certo que nellas tem mais parte o vigor do animo que a fortaleza dos membros. Porem como a materia he de ministros politicos não trato destas, sem embargo de que as pudera julgar por igualmente necessarias: porque as acçoẽs de valor tambem seruem, & cõ muita vtilidade nas resoluçoẽs de estado, onde se requere animo pera conseruar, & brio pera emprender. Dezia o valeroso Capitão Epaminondas que erão os animos acanhados como homens enfermos, que não so care-

Seneca de benef

Stob. in serm. 84.

Apud Stob.

carecem de acçoens, mas occupaõ os companheiros em os alentar, & em tal genero de gente se pode dar esta infirmidade que tenha effeitos de contagiosa. Que duuida ha que de hum Principe acanhado se pega a todos os vassallos fraqueza, & couardia, & de conselheiros pusilanimes, & couardes resulta medo aos que a natureza mais valerosos fez: que hauendo tanta distancia do seruir ao mandar; & sendo tanto mais descançado o estado do que aconselhaõ, ou mandaõ, que o trabalho dos que pelejão, & seruem, se não occuparaõ estes tanto a sua custa, se nos outros faltar brio pera os animarem, & ainda exemplo pera os incitarem: de sorte que he necessario serem tais os ministros de que o Principe se seruir, naõ menos nas materias da paz, que nas de guerra, nem so na execuçaõ das resoluçoens mas na deliberaçaõ, & conselho dellas, q̃ por si tenhaõ partes dignas de se imitarem, & talento natural, ou acquirido pello exercicio de obras valerosas proporcionado ao particular dos officios que se lhe encarregarem. E quando o Principe sobre estes licerces quiser edificar honras, & riquezas, entaõ ficarão em seu lugar lustrando mais com o esmalte q̃ os bens da fortuna costumão dar ao ouro do valor, & excellencia pessoal. Quiserão alguns fazer distinção entre ministros de justiça, & de fazenda fundados na ocasião, que se dá aos pobres pera á custa da fazenda Real se leuantarem a mayor fortuna; entregandolhe o meneyo della. Porem he igual á rezão de huns, & outros, & mais efficaz nos ministros de justiça, cujo furto he mais difficil de manifestar por não depender de cõtas, & de mayor perjuizo, porq̃ vendendo a justiça, com ella se furta á honra, vida, & fazenda; em que fora menor á culpa se a uẽda se fizera ao que tem por si a justiça, porem o mais ordinario he ser a confiança causa de sua perdição, & fazerse a uenda ao que mais desconfia de sua justiça. Não consiste o remedio destes inconuenientes em fazer juizes ricos; se a liberdade da consciencia, & a cobiça de acquirirem for nelles mais poderosa que a honra, & temor de Deos, que em muitos pobres he mais ordinario: & assi deue preceder á aprouação da vida ás calidades da fortuna, pois não leuanta, ou abate em respeito de merecimentos, mas de sua condição injusta, & cega.

DISCVRSO V.

Se conuem que os Bispos sejão gouernadores, & Visorreys.

TEM os Principes introduzido hum costume ẽ q̃ lhes parece se mostraõ mui zelosos das cousas ecclesiasticas dando aos Prelados os officios mais preeminẽtes quais saõ os de gouernadores, & Visorreys, átepõdoos ás pessoas mais authorizadas de seus Reynos: & parece q̃ se conformão nisto cõ o gouerno de Deos N.S. q̃ na ley velha, quando elle nomeaua os Reys, & Gouernadores, ajũtou a Coroa Real a mitra Põtifical, andãdo unido o gouerno spiritual, & tẽporal ate o tẽpo de Samuel: & deste modo de gouerno vsarão algũ tẽpo outras naçoẽs, como forão os Egypcios, os Gregos, & os Romanos, como refere Aristoteles; e de presente se cõsidera vtilidade por tauza da jurisdiçaõ ecclesiastica, porq̃ se lhes tera mais respeito estando a cõta do Prelado que gouerna: & pera mayor distinção da materia a diuidirei em quatro rezoens, & conueniencias: a primeira toca aos Principes em cujo lugar gouernão: a segunda aos vassallos sobre que exercitão jurisdiçaõ: a terceira a sua propria pessoa: a quarta aos subditos, que tem a sua conta pera lhes administrar o pasto spiritual. Quanto a primeira conueniencia muito se conformão com o intento de acertar os Principes, que pera o gouerno de seus estados se aproueitaõ dos Prelados: porque adifferença que os Doctores fazem entre o poder ecclesiastico, & secular he que o ecclesiastico foi instituido por Christo sobrenaturalmente pera gouernar os fieis segundo a ley Euangelica nas cousas sobrenaturais; e o poder temporal foi instituido por Deos pera os homens se gouernarem nas cousas naturais, pera viuerem rectamente segundo a rezão natural, & como esta se conforme tanto com a sobrenatural da qual dependem mais todas as regras de bem viuer, melhor gouernara quem mais della souber, & quem mais obrigação tiuer de ajustar com ella suas acçoens, o que mais se acha nos Prelados ecclesiasticos que nos senhores seculares: e pella mesma rezão ficão os vassallos de melhor partido, sendo gouernados por hũ Prelado que por hum homem secular, porque as mesmas calidades q̃ se requerẽ em hum Prelado, quadraõ a hũ gouer-

Arist. l. 3. polit. cap. 10 & 11.

guuernador,& se houuermos de formar hum Principe,& gouernador perfeito,o que sera difficultoso,pellas muitas calidades q̃ nelle deuem concorrer entaõ o ser a quando nelle se achẽ as partes q̃ S. Paulo quer q̃ hajam em hum Prelado,como saõ sabedoria,valor,e sobriedade,nas quais se incluem todas as mais perfeiçoens,q̃ se podem desejar com o q̃ se fica calificando por acertada a eleiçaõ,q̃ os Principes fazem dos Prelados,q̃ todos se deue presumir,tem estas calidades em mais perfeito grao q̃ os ministros seculares,alem do particular interesse q̃ lhes resulta de se seruirem de ecclesiasticos,porque nem esperão que os melhorem de officio, nem que os prouejão em comendas, nẽ ficão obrigados a pagar aos filhos os seruiços q̃ os pais fizeraõ:& taõbẽ ficão de vẽtagẽ os vassallos gouernados por Prelados,pella certeza q̃ deuẽ ter de q̃ lhes administrarão justiça cõ mais zelo. Este he o fũdamento cõ q̃ S. Paulo aconselhaua aos Corinthios,q̃ escolhessẽ por juizes de suas causas os mais humildes,&desprezados da Igreja,que rẽdo dizer,q̃ ẽ respeito dos seculares ainda aquelles ecclesiasticos,de q̃ menos caso se fazia, erão melhores pera juizes. & cõ muito mais rezão pera gouernadores,pella indepẽdẽcia,& valor cõ q̃ tratão as materias graues:assi o fizerão,&fazẽ cada dia mui prudẽtes Principes. A Rainha D. Ioana depois de viuua recolhẽdose ẽ Tordosilhas ẽcarregou o gouerno de seus Reynos ao Arcebispo de Toledo D. Fr. Frãcisco Ximenez,& sendo de humilde nacimẽto foi mais valeroso,& brioso q̃ os melhores de seu tẽpo,como se vio em tomar Orão aos Mouros,& ẽ outras acções não de menos brio, a q̃ deu ocasião a inquietaçam de algũs grãdes. Porẽ deuese aduirtir q̃ nẽ todos os Prelados tẽ o talẽto necessario pera o gouerno tẽporal,ãtes pella mayor parte os mais virtuosos saõ os q̃ menos se ocupão nas materias destado:& quãdo possaõ ser de vtilidade pera a administraçaõ da justiça,não o serão pera as materias militares,& cõseruação da republica encaminhada pellos meyos q̃ a rezão destado ẽsina; nẽ cõuẽ q̃ os Principes se siruão dos Prelados se não ẽ hũ caso mui preciso quãdo o talẽto for singular,& não houuer seculares ẽ q̃ se achẽ as partes necessarias. As duas rezões,q̃ tocão aos Prelados,& ás ouelhas q̃ estão a sua cõta saõ mui differẽtes porq̃ o perjuizo dos subditos he o mayor ẽcargo dos Prelados, & ainda que a authoridade, & respeito, que na opiniaõ do pouo, que julga as cousas pellas appa-

Ad Corinth.

apparencias crece com o poder temporal: crecẽ mais os encargos da alma, & corpo; & ainda que o poder ecclesiastico, & secular se deuem ajudar hum ao outro, como escreueo o Papa Nicolao ao Emperador Miguel, tem mui differentes exercicios he o poder ecclesiastico mui superior na realidade, & ocupação ao temporal, & depende de circunstancias que requerem mayor applicação, & ainda que se pode ajudar por via de differentes ministros, não se podem germanar de modo que a capacidade de hũa so pessoa, possa perfeitamente empregarse em hũ, & outro, & pella mayor parte o gouerno espiritual he o q̃ padece a falta de aplicação, pella que todos tem ao seruiço do Principe de quem dependem. E quanto mais graues forem os negocios temporais, tanto mayor falta farão aos que saõ mais proprios do Prelado, & em que tem obrigação de se empregar todo com o mayor cuidado q̃ lhe for possiuel, não fazendo excepção de grandes, & pequenos pera o pasto spiritual, porque estendendose a obrigação igualmente a todos, he nos pequenos mayor a necessidade, & em respeito della crece a tal obrigação. Parece que falaua neste particular o prophetaleremias quãdo choraua a miseria a q̃ a cidade de Hierusalẽ tinha chegado por falta dos superiores: os mininos (diz elle) pedirão pão, & não houue quẽ lho partisse; fala o Profeta metaforicamẽte ẽ todas estas lamẽtaçoẽs, & declara nesta outra mayor miseria, q̃ aq̃ padece hũ menino por falta de quẽ lhe parta pão, porq̃ as ouelhas aquẽ o Prelado não ministra o pasto spiritual he o mayor trabalho q̃ podẽ padecer, porq̃ se arrisca nelle a vida dalma. E se a causa de faltar a esta obrigação he ẽpregarse no gouerno tẽporal, he lastima digna de muitas lagrimas. Vemos q̃os Prelados das rendas de seus Bispados se sustentão cõ tãta abundancia, q̃ nenhũ sendo secular podia ter a renda q̃ tẽ sendo ecclesiastico, & tambẽ q̃ os interesses do gouerno temporal saõ mui limitados, & cõ tudo a primeira aplicação he ao gouerno tẽporal, & o q̃ toca a suas ouelhas he como accidẽtal, & se occupão nelle como de passagem: cuidei ja muito de vagar na rezão q̃ isto podia ter, & parece me q̃ Seneca deu nella dizẽdo, q̃ sempre fazemos mais caso do interesse que esperamos, que do que possuimos. A pretensaõ da melhoria do despacho cega (que todo o interesse tem este effeito) & não deixa ver a vtilidade presente, nem lembrar do esta do passado, mas somente da espe-

Nicolaus Papa 1. ad Michaele Imperat. epist 7.

Ierem.

esperança futura que as mais vezes engana. Muitos Prelados houue que conhecendo em si falta de forças pera gouernarẽ suas ouelhas, renunciarão os Bispados, outros se tem por tão capazes, que tomaõ sobre seus hõbros hũ, & outro gouerno, mas he com de todo largarẽ, & não fazerem caso do q̃ mais lhes toca, do q̃ mayor interesse recebẽ, & do que mayor conta hão de dar. S. Agostinho diz, que não ha cousa mais agradauel aos hõmens que o officio de Bispo, & nenhũa mais miserauel, & mais arriscada a saluação, pellos encargos de q̃ está acompanhado, & descuido que ha em tratar delles: donde se deue colligir a vltima resolução desta materia que a rezão de estado de fazer aos Bispos Gouernadores em quanto toca aos Principes he mui conforme ao bom gouerno, & administração da justiça, & em quanto aos Prelados mui arriscada, & occasionada a sua condenação.

DISCVRSO VI.

Qual importa mais experiencia, ou natural.

SVPOSTO irmos apõtando as calidades que os ministros deuem ter, conuem muito q̃ se faça menção de hũa questão altercada entre alguns curiosos; por ser a resolução della o fundamento principal em que estriba o conhecimento das calidades mais necessarias aos ministros superiores, que como planetas mais nobres deste orbe inferior, quais forem as calidades que tiuerem, tais serão as influencias que causarão: & por ventura que daqui alcançaremos a rezão dos sucessos que cadia experimentamos, que suposto procederem de causas mais particulares, & immediatas, todas ellas tem sua origẽ de outra causa mais superior; quero dizer dos Principes, ou ministros, que assistem em seu lugar como as causas segundas da primeira causa que as moue. He a questão, se a capacidade, & talento dos tais ministros depende mais do entendimento, & engenho natural, se do exercicio, & experiencia, que saõ as duas fontes principais, de que mana a conseruação do bẽ publico: quanto esta depende de hum natural esperto no conhecimento das materias que os varios sucessos do tempo offerecem cousa he sabida: porque a jurisdição do entendimẽto, & engenho he infinita, & não se pode limitar a particulares sucessos, dõde tomou ocasião o Philosopho Socrates pera

Marc. Tullius l de claris oratoribus.

chamar filhos dos deoses aos q̃ tem o engenho claro,& que cõ facilidade entendem a sustancia dos negocios,& se resoluem nelles,parecendolhes que neste conhecimento comum a todas as materias,participão do attributo com que Deos assiste a todo genero de cousas sem da parte dellas,nem do mesmo Deos auer circunstancia algũa que possa limitar o tal conhecimento. Tambem foi do mesmo parecer Sallustio,dizendo,que tinhamos certo parentesco com Deos segundo a parte intellectual em que com elle comunicamos:no que não falarão como gentios,& sem lume da fè com aqual conhecemos a immortalidade da alma racional, & de suas potencias, nas quais retratou Deos sua imagem, & semelhança,fazendo os homẽs participantes dos attributos diuinos que nelle reconhecemos; & se abaixarmos mais a consideração ás materias politicas, em que os pensamentos mais nobres se occupão,& o entendimento mais se exercita, com mais euidencia nos constarâ ser particular dom de Deos participar delle,& serem mais florẽtes os estados,& respublicas,em que a natureza produz entendimentos mais claros: porque a força natural do entendimento segundo o parecer de Cicero,he mais poderosa que todos os mais remedios com que os homens se fazem capazes pera o gouerno da republica. Quando elRey Dauid pedia a Deos as calidades que mais importãtes lhe pareciaõ pera gouernar seus vassallos,& se punha a fazer resenha dellas,achaua que duas cousas auia de receber de Deos,entendimento pera saber distinguir as materias do estado & da consciencia, & instruçaõ bastante pera não so as saber ẽtender,mas executar, começando pello entendimento por cõsistir nelle todo o fundamento do gouerno,& sem elle não poder auer acção bem encaminhada. Porem he opinião recebida de todos os que nas materias politicas tiuerão voto que da experiencia depende a mayor parte do gouerno, assi politico como militar: porque ainda q̃ o discurso,& rezão natural seja o leme que gouerna,& encaminha todas as acçoens, se estas não saõ ajudadas da experiencia muitas vezes causão mayor perjuizo que vtilidade; porque o entendimento discursa somẽte nas materias,suposto os fundamentos naturais,& a experiencia presupoem a malicia dos homens,& os varios casos em que por ella as mais prudentes respublicas se perderaõ, & os mais prosperos exercitos se destruiraõ

Sallust.

Cic. 3. de finibus.

ſtruiraõ,colligindo o bom ſuceſſo que terão as reſoluçoens deſtado,não ſomente das rezoens que a natureza enſina, mas do que em ſemelhantes caſos ſocedeo. Indo Paulo Emilio marchando com ſeu exercito contra Macedonia, encontrou no caminho o exercito dos inimigos,ocaſião que alguns tiuerão por mui venturoſa, porque desbaratandoos naquelle encõtro,que moſtraua pouca difficuldade,podia mais a ſeu ſaluo continuar a jornada que fazia ſem temer,que no fim della lhe impediſſem os inimigos a entrada,& lhe acrecentaſſem o trabalho;& riſco que coſtuma aũer nos cercos das cidades,quãdo de dentro, & de fora tem quem as defenda:porem as boas rezoens de quem o pretendeo perſuadir fizeraõ nelle pouco effeito,antes lhe reſpondeo, que ſe não gouernaua tantopor rezoens,que algũas vezes erão aparentes,como pella larga experiencia que tinha,da qual alcançaua,que lhe não conuinha empregar naquella ocaſião a força de ſeu exercito, porque no fim da jornada eſperaua melhor ſuceſſo,& cõ mais gloria. Semelhante a iſto aconteceo a elRey Pirrho ao qual ſe foi hũ homem de mui bom entendimento,& que com ſeu engenho tinha inuentado certa traça pera gouernar perfeitamente hũ exercito,querendo que elRey ſe aproueitaſſe della:informouſe Pirrho da calidade do homẽ & da ſua vida, & ocupação, achou que ſem embargo de ſer bem entendido,& naturalmente engenhoſo,não fora ſoldado, nem ſe achara em batalha algũa,pello que naõ aceitou a inſtrução que lhe daua, antes lhe deu por repoſta,que não queria foſſe ſeu exercito ordenado por peſſoa a que faltaua experiencia,ainda que tiueſſe todas as mais partes que ſe podeſſem deſejar.Conforma com iſto o que ja o poeta Grego Menandro dezia,ſer tão excellente a experiencia que não conhece ſuperioridade mais que aſi meſma porque hũa experiencia pode ſogeitarſe a outra,mas não as rezoẽs naturais,que ſem ella ſam mais pera praticar,que pera executar.Vejão os Principes quais ſaõ os miniſtros de que ſe ſeruem nos tribunaes ſuperiores, & de que dependem as reſoluçoens deſtado,em que tribunais ſeruirão,& em que ocaſioens ſe acharão, de que pudeſſem aprender a remediar os varios caſos que ſucedem,que não baſta ſerem bem entendidos,nem terem outras calidades de ſangue letras, & authoridade. O bom entendimento ſem experiencia não poem o pè ſeguro, nem ſe

Plut in apoph.

Stob.ſerm. 52.

pode resoluer com plenaria deliberação doque conuem. A calidade de sangue,& nobreza dá valor as acçoens; quando saõ boas,porem tambem desautoriza as que o não saõ, porque as faz mais publicas, & estranhadas. As letras seruem de julgar os crimes dos que delinquirão, & as contendas dos que se não conformão,& a autoridade só contra o desprezo tem virtude. Se o cargo de que depende o gouerno da republica,das armadas,& exercitos se ouuer deprouer em quem todo o cabedal poem na autoridade,& representação da pessoa,ou no que estudou mais textos, ou teue auos mais honrados, quem hade acodir a contraminar os desenhos dos inimigos? a remediar os assaltos que fazem?a compor as desordens dos muros a dentro?pera oque não bastão letras, sangue,autoridade, nem ainda entendimento natural. Sendo perguntado o prudente Athenienſe Demades com que mestre aprendera o concerto, & ordem com que trataua os negocios da republica assi nos particulares,que tocauão ao gouerno militar, como ao politico; respondeo, que na larga experiencia dos tais negocios,assistindo nos tribunais de Athenas por discurso de muitos annos. Que os ministros sejão autorizados,nobres,& letrados segundo os tribunais,& materias que nelles se trataõ,não pode parecer mal,antes muy necessario, mas por tal ordem que primeiro se vão exercitando em officios menores,& naõ subão devoò a presidentes,& gouernadores: assi o fazião os Romanos, occupauão os mancebos que mostrauão talento,& partes pera o seruiço dá republica,encargos de pouca importancia,& desses os hiaõ acrescentando a outros mayores,de maneira que quando erão homens maduros, & capazes pera gouernar hũa prouincia,ou hũa cidade ja tinhaõ corrido todos os tribunais, & aprendido nelles todo o genero de negocios que lhes podião ir a mão. Philo Iudeo entendeo q̃ fora particular prouidencia diuina exercitarse Ioseph no gouerno da casa de seu Senhor porque importaua preceder algũa experiencia ao officio de gouernador que hauia de ter, & que podia ser inconueniente grande começar a gouernar hum Reyno sem ter algum genero de exercicio,ainda que não fosse mais que no gouerno de huma familia: Isto faz Deos,cujo poder he infinito, cuja eleiçaõ dá a capacidade,& talento necessario. Cuidarem os Principes que podem com todo seu poder fazer ministros, enganãose

Stob. ser m. 27.

Alex. ab Alex l. 2. genial. dierũ cap. 2.

Phil. li. de Ioseph.

se,& o mal he que naõ vem o engano,mas os effeitos delle,na ruina dos Reys, quando querẽ dar por respeitos os officios que se não podem exercitar sem experiencia : Aconteceo a hum Arcebispo de Bredamburg que se lhe foi offerecer pera secretario hum clerigo de que elle naõ tinha muita noticia, fechou o em hum aposento dizẽdolhe,q̃ lhe era necessario propor ao Papa certas rezoens pertencentes a eleição do Emperador Ludouico sobre que avia grandes duuidas, dizendolhe a sustancia do que hauia de escreuer:mostrou o clerigo seu pouco talento pello que o despedio, conhecendo o erro de ter pretendido o officio de que não tinha experiencia. Aristoteles dezia,que tres cousas fazião hum homem perfeito,natureza arte,& exercicio,falaua dosOradores,mas com mais rezão dos ministros:porque sendo o tal exercicio fundado sobre licerces naturais,& encaminhado com as regras,& documentos que a arte tem inuentado, então poẽ hũa pessoa em estado de poder gouernar perfeitamente, & cõ segurança que as resoluçoens se jão as que conuem a republica; mas auendo algũa destas tres cousas de admitirse sem ajuda das mais so a experiencia, porq̃ della temos visto que pode suprir todas as mais faltas ainda da mesma natureza.O philosopho Demosthenes naceo sem pronunciação,&o exercicio lha deu,& com mais rezão supre a falta da arte,porq̃ segundo diz o mesmo Aristoteles,da experiencia,&exercicio naceo a arte; & mui bem pode a experiencia escusar ajuda da arte, mas não a arte ser independente da experiencia:& sendo esta necessidade tão precisa em respeito dos ministros,claro fica quanto mayor he em respeito dos conselheiros,nos quais esta he a primeira,& mais importante calidade que deuẽ ter : mostrase isto bem na idade dos velhos q̃ sendo naturalmente froxa timida, & incapaz pera todas as cousas,como atras tenho dito, he tão estimada,& respeitada,q̃ não ha conselho sem velhos,podendo mais a rezão de experimentados que todas as mais circunstancias que os inhabilitão. Os Romanos costumauão mandar chamar ao Senado alguns homens antigos que tiuessem seruido a republica em officios particulares,ainda que não fossem capazes por suas pessoas pera assistirem em tão supremo tribunal,porem tendo respesto á experiencia,& a estes comunicauão os negocios mais graues buuindo seus pareceres sobre elles,& depois de os mandarẽ trata-

Laert.l. 5.ca. 1.

Arist.l. 1.Metaph.ca. 1.

Aulus. Gelius l. 3.c. 18 noctium atticarũ

tratauão doque mais conuinha, seguindo muitas vezes o voto de hum homem ordinario em materias de muito porte, entendendo que nisto consistia a felicidade de seu gouerno, oqual ẽ materia de conselho não deue respeitar a calidade de sangue, mas aprudencia, & experiencia, circunstancias de que Aristoteles mais caso faz em respeito do tal conselho. Querendo o poeta Homero formar hum varaõ perfeito, & capaz pera o gouerno fingio que Vlysses, & Eneas se foraõ perigrinando pello mũdo, & não se contentando com isto, forão tambem ao inferno, & viraõ, & conheceraõ os que la estauão, & as rezoens de seus tormentos, de maneira que da noticia de varias terras, & experiencia de diuersos costumes, leis, & sucessos tirarão hum conhecimento com que ficaram prudentes, valerosos, & capazes pera gouernar. Compara Plutarcho os animos dos homens ao ferro de sua natureza tosco, & sem lustre algum, com o exercicio se torna tão resplandecente que parece outro metal, & vay tanta differença, diz Boecio de hum homem experimẽtado em varios sucessos prospẽros, & aduersos a outro que sempre passou a vida quietamente sem ocupaçaõ nem trabalho algum, quanto vai de hum corpo animado a outro que esta sem alma, porque se não deue chamar vida aque somente participa da que gozão todos os animais brutos sem outra alguma differença que o exercicio lhe da. Estimem os Principes os homens experimentados, que estes saõ os que honrão as respublicas com suas pessoas, & as defẽdem com seu conselho: tendo por sem duuida que em respeito de saber encaminhar negocios de importancia, assi na paz como na guerra he a primeira calidade que deuem considerar a experiencia das materias, & a noticia pratica dellas, posto que quando o juizo, & natural engenho se ajuntar ao exercicio bastara menos, & acontecera que pouco tempo do que for ajudado da natureza perualeça contra o muito do que não tiuer mais que o exercicio. Disse que em respeito de saber encaminhar os negocios, não de os por ẽ execução, porque muitos sabem o que naõ obraõ, & não bastara experiencia, nem quaisquer outros meyos por efficazes que sejão, se auontade naõ concorrer com elles, & se a malicia se seruir dos instrumẽtos de acertar pera não errar seus desenhos. Plutarcho dezia dos Athenienses, que eraõ bons & maos em grao superlatiuo, porque lhes seruia seu saber igual-

Arist. l. 1. Reth.

Homer.

Plutin moral.

Boet. de consolat.

Plut. in Dione.

gualmente pera fazerem obras boas,& pera emprenderem crimes extraordinarios,de maneira que nem a experiencia, nem o saber,ou seja natural, ou acquirido com a arte pode persiobrar vtilmente sem ajuda de outras virtudes como iremos vendo,apontando os baixos em que nesta materia se perderam muitos.

DISCVRSO VII.

Se sera conueniente eleger pera o gouerno os que na feição do corpo forem mui disformes.

De todos os bens da natureza o de que menos caso se deue fazer he da fermosura corporal:Boecio tem pera si que não he cousa existente,mas hũ engano causado da fraqueza da vista:o mesmo parecer tinha Seneca quando aconselhaua a hũ seu amigo que se não occupasse na fermosura exterior do corpo,que por mais que fizesse acharia muitos animais que nella lhe leuassem ventagem. Diogenes dizia que se faltaua a hũa pessoa prudencia,& virtude por mais fermosura que tiuesse era hum vaso de alabastro cheo de ruim cor:& vendo hum homẽ bem apessoado,mas pouco entendido disse,que era fermosa casa,se tiuesse bom hospede.Cõ tudo falarão os politicos cõmuita consideração,vendo muypar ticularmente a necessidade que as respublicas,& estados tẽ de ser o Principe em sua pessoa digno de respeito,& muito mais os ministros,que como tem o poder emprestado,se a natureza os não ajuda com os exteriores,seruirão mais de desautorizar os cargos, & descompor a republica que de se authorizarẽ asi,ou gouernarem a outros: fundados nesta rezão tinhão os Lacedemonios por ley,& costume que as crianças mal conformes na feição do corpo,& rosto se leuassem a parte, em que acabassem a vida,pera o que deputauão Iuizes que determinassem o bom,ou mao parecer, q̃ ẽ tão tenra idade se podia aueriguar,tendo por sem duuida q̃ não podião ser de proueito, antes perjudiciaes ao gouerno da republica os homens que a natureza desfauoreceo: nem vão contra este presuposto os prudentes antigos que nomeey, os quais mostrão fazer pouco caso da fermosura corporal, porque somente lhe dão menos lugar em respeito da prudencia, & virtudes,partes tão essenciaes em todo o homem,& tão necessarias aquemhade gouernar, não foi o seu intento desgabar o que

Boet.lib 3.proz. 8.
Seneca epist. 125.
Laert. Diogenes de vita, & moribus philosoph
Plut.in vita Lycurgi.

o que a natureza fez pera mostrar sua perfeição,& a differença que deue auer de huns homens a outros. S. Agostinho affirma que he particular dom de Deos o bem exterior, participarem delle os maos rezão he de estado da mesma natureza, peraque nem elles tragão tanto aos olhos de todos a sentença de sua comendação,nẽ hũs, & outros cuidem, como muy graues philosophos ja cuidaraõ, que o fim de toda a felicidade consittia na fermosura corporal,que cousa tão sogeita as mudanças do tempo,não pode dar felicidade:basta pera o meu intento,que este gouerno politico,que tambem depende das mudanças do mesmo tempo,dependa de bons exteriores, pois o vulgo se gouerna mais por elles que pella realidade das cousas. Fazendo Cornelio Tacito mençaõ do Emperador Galba diz que hũa das cousas q̃ muito o desautorizou com o pouo, foi a falta de desposição que a idade lhe causaua,& como socedera a Nero Mancebo,& gentil homem,fazia o pouo comparaçaõ do talhe de Nero ao de Galba, gouernandose mais pello exterior da pessoa que pella prudencia, & valor, calidades mais necessarias ao gouerno da republica:porem muitas vezes se não engana o pouo, porque dos exteriores se infere o que interiormente a natureza obra, que ja Aristoteles entendeo q̃ não podiaõ ser de proueito á republica os desfauorecidos da natureza:daqui deuião tomar os antigos ocasiaõ pera se recearem ter por Principes os que a natureza desprezou,repartindo menos com elles que com os mais homens:foraõ desta opinião os Macrobios habitadores do Meroe Ilha do Nilo,que por nenhum modo querião conhecer por Principe o que no corpo fosse mal conforme: foram semelhantes a estes os Persas q̃ por costume muy antigo, entre elles inuiolauel não podiaõ admitir ao gouerno homem que fosse torto,dizendo que não podiaõ nacer bons effeitos de gẽte tão aborrecida da natureza. Os Ethiopes costumauão a eleger por Rey o que era mais gẽtil homem em caso que faltasse a geraçaõ Real, parecendolhes que a estes dera a natureza o direito do Reyno,& aos outros a fortuna,porque nem afermosura foi criada pera seruir, nem a fealdade pera mandar. Vendo Diogenes hum tangedor de que todos zombauão por saber muy mal tanger, elle o louuou muito, & perguntandolhe os que estauão presentes como gabaua taõ mao tangedor, respondeo,que a má feição do

August de ciuitate Dei l. 19.

Tacit. l. 1. hist.

Arist. l. 1. ethic.

Procop.

Niculaus. de moribus gentium

Laert. l. 6.

do corpo,& cara mostrau a que a natureza o criara pera ladraõ & facinoroso,& não pera tangedor,& que se lhe podia gabar qualquer tanger por pouco q̃ fosse:nem isto e raõ superstiçoens mal fundadas,que S.Gregorio Naziazeno quando vio Iuliano Apostata,da lealdade do seu corpo, & rosto julgou os males que causaria em seu Imperio.Vatinio,diz Cornelio Tacito,era tão torpe na feição do corpo,como nos costumes,porque em todos os vicios foi o mais deprauado homem que houue em Roma,& de tão torpe rosto,& corpo q̃ parece andauão a porfia qual hauia de ser peor, se o corpo,se os costumes. E do mesmo modo diz o mesmo Cornelio Tacito foi Peligno cuja souardia,& baixeza de animo conformarão com a ma feição de que a natureza o dotou; fundados nestes exemplos julgauão os antigos que os homens a que a natureza faltou com a proporção do corpo, & rosto serião causadores de infelicidades & inquietaçoens nas respublicas,& não com pouco fundamento,& rezoens Philosophicas,de que Galleno em diuersas partes faz menção,& a conta disto eraõ desprezados os que tinhão algũa imperfeiçaõ notauel: este foi o fundamento

Cregor. Naz. ôrat. 2. contra Iulianũ.

Tac. lib. 15. ann

Tac. lib. 12. ann

Galen. l. 2. de tẽper. l. 1. tom. 2. de vtre part.

daquella antiga,& sabida fabula que Brotheo filho de Minerua,& Vulcano,ẽfadado dopouco caso que delle fazião por ter mao rosto,se queimou viuo tendo por melhor sorte morrer abrasado em fogo que seruir de ludibrio, & zombaria aos homens. Criou a natureza pera Principes os que dotou de bẽs exteriores porque o respeito do pouo tão necessario ao gouerno da republica leuase muito da authoridade,& pessoa do Principe,& esta diz Cornelio Tacito que fez mais digno do Imperio a Tito,sendo por outras muitas tão benemerito: a quem neste particular igualou Trajano,de cuja felicidade enuejada de todos os seculos,quer Plinio,que se deuá a mayor parte a afabilidade de seu semblante:que os exteriores dos Principes saõ muitas vezes a mais eloquente rethorica,& de mayor força pera persuadir,& obrigar os vassallos que toda a ustancia de seu poder,& mando; assi o quis a natureza,& reseruou a rezão deste misterio como de outros muitos em o copiosissimo thesouro de seus segredos. Aristoteles sendo tam fauorecido seu,& prezandose tanto de não ignorar em nenhũa materia as causas naturaes,quãdo lhe pergũtaraõ por esta não se arre

Ouid. in Ibin.

Tacit. l. 2. hist.

Plin. in panegyrico.

ueo a consultar a natureza, remeteo a reposta aos olhos: julge cada hum per si, diz Aristoteles, que perguntar isto, so os cegos que o não podem experimentar o deuem fazer. Porem não deue á tal gentileza ser effeminada que, quando obriga á amor pella mayor parte tras desprezo, ha de ser varonil, pera que o amor não tire o respeito qual foi a de Scipiaõ Africano de quem diz Titoliuio que quãdo sogeitou a Espanha causou com sua presença nos Espanhoes amor, & admiração de sorte que nem a muita gentileza o representou menos valeroso, nẽ o valor acompanhado de tal sẽblante lhe tirou o amor, q̃ poucas vezes se acha em rendidos. Os Historiadores Gregos contaõ varias ocasioens em que o valeroso Capitão Alcibiades mostrou sua boa fortuna assi em sogeitar inimigos com seu esforço, como em render a sua amizade todos os Principes com q̃ trataua por ser notauelmente agradauel em seu rosto, não affeminado, mas varonil; & quando os Principes tem necessidade desta authoridade exterior, deuendoselhe respeito de justiça pella superioridade que tem a seus vassallos, não se pode duuidar ser isto mais necessario aos ministros que de ordinario não gouernão com felicidade em virtude do seu poder, mas do aplauso, com que saõ recebidos do pouo. Não ver Cicero em Cayo Fanio exteriores dignos de afeiçaõ, antes as feiçoens do corpo, & rosto com differente concerto doque a natureza costuma, coniecturaua os enganos, que delle naceriaõ, & as desgraças que por seu respeito resultariaõ a republica: que não he possiuel que de causas sem ordem possaõ resultar sucessos ordenados: daqui tomarão ocasiaõ os Indios, os Ethiopes, & outras muitas naçoens pera escolherem por seu Principe o que tinha melhor pessoa & semblante, & S. Basilio Magno cõsidera a este proposito q̃ as abelhas ensinadas da mesma natureza obedecem âquella q̃ na forma exterior leua ventagem ás mais: verdade seja que falta muitas vezes esta regra geral, porque homẽs de muy boa presença tem partes mui humildes, & em outros de exteriores mui maos se acha muito valor & prudencia. A Agesilao Rey de Lacedemonia aconteceo ser desprezado delRey Thaco do Egypto, mas breuemente lhe mostrou quanto mais valor se encerraua naquelle corpo de humilde presença que em outros de grandes exteriores

Tit. Liu l. 3. dec.

Cic. orat pro Rosc. Comodo.

Strab. l. 17.

Apoll. Athen.

& de

& de Alexandre Magno se escreue que era pequeno do corpo sendo no esforço, & brio mais que gigante. Casos ha em que da presença se ha de fazer pouca consideração, se as partes forem tão conhecidas que mereção anteporse a todas as mais rezoens, porque a prudencia, & valor dão authoridade a quem de sua natureza à não tẽ, & este genero de authoridade ainda que seja acompanhado de hũa pessoa pouco lustrosa he de mais vtilidade, que a representação exterior sem outras circunstancias, pelo menos com os prudentes que sabẽ deuerse mais respeito as excellencias da alma que do corpo, porem quando a experiencia da pessoa, & de suas partes for menos conhecida, mui importante he que se repare na representação exterior, porque esta suple muitas vezes as rezoens de respeito se a natureza as negou com as calidades ẽ que o valor se funda.

DISCVRSO VIII.

Se deuem calificarse as pessoas por fugirem dos cargos, & regeitarse os que os pretenderem.

VI encontradas rezoens se offerecem nesta materia por hũa, & outra parte; propolas hei com a breuidade dos mais discursos colligindo dellas o que parecer mais conforme à rezão, porque nem sempre as pretençoens de sautorizão, nem o fugir dellas a credita. Cousa he natural desejar honras, & presidir aos mais, & se estas vem acompanhadas com o interesse, que ordinariamente trazem os lugares de gouerno, mayor desculpa merece; que as comodidades da vida cõformão muito com a natureza, & sempre se deue presumir, que ninguem pretendera os officios pera que não tiuer talento, que desejar mayor carga do que os hombros podem sustentar he ignorancia: & se nos houuermos de gouernar pello extremo a que a ambição, ou malicia dos pretendentes tem chegado, acharemos que saõ mais moderados os que publicamente pretendem, porque muitos mostraõ que não desejão os lugares pellos quais fazem extraordinarias diligencias, & huns com sobornos, outros com desfazerem nos competidores, no segredo liurão a principal diligencia pera alcançarem os lugares deuidos aos merecimentos alheios: pelloq̃ nas respublicas melhor gouernadas se não hiam buscar pera os lugares mais preeminentes

nentes os que estauão retirados & não hauiá noticia pratica de seu talento, mas aquelles que na experiencia dos negocios, & na prudencia com que á vista de todos procediaõ eraõ julgados por mais capases, ainda que desejassem, & pretendessem publicamente os cargos de que se tinhaõ por dignos; esta era á pratica obseruada entre os Romanos cujo gouerno confessamos por melhor: nunca entre elles houue ley, ou costume que inhabilitasse os pretendentes, nem ainda os desautorizasse, ou tiuesse em menos conta, antes era tão ordinario pretenderem publicamente todos os lugares do gouerno da republica que pella mayor parte se haõ dauaõ á outros, se não aquelles que os pretendiaõ, escolhendo entre todos os de mais merecimentos se os elleitores fazião oq̃ eraõ obrigados, não ficando menos airosos osq̃ por esta viá os leuauão. Alguns escriptores contaõ daquelle grãde varaõ Catão Vticense, tam notauel por seu valor, prudencia, & pella authoridade com que gouernou á republica Romana que pretendeo em huma ocasiaõ o cargo de pretor, & sendolhe mui inferior, & elle de tanto mayores merecimentos que diz Valerio Maximo, receber o officio muita honra em elle o querer seruir, lho negaraõ, & o deraõ a Vatinio pessoa de muito menos partes, por ventura por respeitos particulares, que sempre nas eleiçoens tiueraõ muito lugar: mas naõ se deu Cataõ por taõ afrontado, que deixasse de procurar outras ocasioens de seruir a republica, como depois fez nos melhores cargos della: o mesmo aconteceo a Cecilio metelo pessoa de tanta authoridade que tinha alcançado dous triunfos, pretendeo o Consulado, & lho negaraõ, dandoo a outro, sendo assi que dahi a muy pouco tempo triunfou de Macedonia, & quasi leuou ao cabo á guerra de Acaya, negocio de muita importancia com que vnio ao Imperio Romano muy poderosas prouincias: desmereciaõ estes os lugares porque os pretendiaõ, ou se enuergonhauão de tratar delles em competencia de outros: antes algumas vezes ficauão mais honrados se a injustiça de quem lhos negaua era publica, & seu valor conhecido, & auentajado ao de seus competidores. E quando naõ houuera outra rezão mais que afoalharem os pretendentes seus merecimẽtos á vista de todo o pouo, dando cada hũ seu voto sobre o talento, & partes que tinhaõ pera os lugares q̃ pretẽdiaõ, naõ ha duuida q̃ seria de mais vtilidade que

Alex. ab Alex l. 3. cap. 17.

Valer. Max. l. 7. cap. 5

q̃ sairem de repente prouidos ẽ lugares mui graues, pessoas de que nunca se imaginou talento pera elles, porque lhes foi de mais proueito terem pessoa q̃ os chegasse, que partes com q̃ seruissem, & merecessem. E por este modo se não publicarião por pretendentes muitos incapazes, porque se correriaõ de os conhecerem por tão atreuidos que pretendessem os lugares q̃ não merecião, & quando o não fizessem por vergonha, seria pella repulsa, que se aos de merecimentos não he afrontosa, aos q̃ notoriamente saõ conhecidos por incapazes seria causa de se moderarem, & desenganarem, que o pouo diz as verdades sẽ enfeites, & sem respeito ao gosto, ou desprazer que se dá aos Principes, & ministros superiores, notando a boa, ou ma eleição de suas feituras, cujos merecimentos se referem com mais liberdade antes de autorizados com os cargos, & officios. Muito tempo se vsou em Roma como escreuem graues autores andarem os pretendentes sem capa, ou fosse pera que debaixo della não pudessem trazer cousa com que poder peitâr, como alguns aduirtirão, ou pera que de todos fossem conhecidos por pretendentes, por ser este o melhor remedio de aprouarem suas partes, ou conhecerem seus desseitos, o que se via no aplauso do pouo, & seguimento da gente, & de sorte se foi este costume autorizando que vierão os pretendentes a trazer a pos si muita cantidade de gente o que deu ocasião a se promulgar a ley sabia, que determinaua o numero das pessoas que era licito acompanharem, & seguirem aos tais pretendentes, a qual ley confirmou Mario no tempo que foi Tribuno: o mesmo costume, de se publicarem os pretendentes, tinhaõ os Espartanos, os quais ordenaraõ que o pouo tiuesse noticia das pessoas, que querião seruir os officios da republica, tendo este pello melhor meyo de virem em conhecimento de suas partes, & merecimentos. O Emperador Seuero tinha por tam necessario este costume, que ainda o apuraua mais, & costumaua antes, que mandasse gouernadores as prouincias sogeitas a seu Imperio fazer com que se diuulgassem seus nomes como a caso, pera saber o que o pouo delles dezia, & se inteirasse se os ministros que elegia serião recebidos com aplauso, & satisfação, & por esta via tinha com mais facilidade noticia da capacidade, & partes dos que hauião de gouernar

Alex. ab Alex lib. 3. c. 17.

Alex. vbi sup.

que se o pouo dera nelles seu voto,menos vezes se erraria no prouimento dos ministros,porque se não occuparião tanto os pretendentes em buscarem valias,como em grangearem merecimentos, tratando do bem comum: estas saõ as rezoens q̃ os pretendentes tem; porẽ não tenho por inferiores as daquelles que se não acomodão a pretender,porque a sem rezão dos ambiciosos,& dos que os fauorecem tem desacreditado de maneira as pretensoens justas, que tem por afronta qualquer pessoa de merecimentos saber se que pretendeo o lugar,em q̃ outro sem fundamento algum saie prouido por valias:& quando não houuera outra rezam, mui bastante era esta pera todo homem de brio escusar ser pretendente,& muito mais quãdo seu talento for mais conhecido,porque o mayor merecimento lhe seruira de mayor desgosto;& se alguns antigos tiueraõ confiança, ou paciencia pera sofrerem ser auentajados em algũa ocasiaõ como foi Catão Vticense ser precedido de Vatinio, não deixauão algũas rezoens, perjudicar a honra, nem ao gosto,porque hauia publicidade em hum,& outro pretendente,como se costuma nos que requerem os lugares de justiça pera que estudaraõ,& como nas scholas as opposiçoens das cathedras em que não periga o credito,& quando os votos se inclinauão por respeitos, ou negociaçaõ,suplia o aplauso do pouo a sem rezão dosvotantes, fazendo mais estimação da pessoa que do officio, como socedeo ao mesmo Catão,cujos merecimentos eraõ tão conhecidos do pouo,que lustraraõ mais com a injustiça que se lhe fez, & deu ocasiaõ aos Scriptores a louuarem sua confiança. Muitos ha que sem darem fè de inconuenientes,saõ tão liures de ambição,& cobiça,que nenhũ caso fazemdos mayores cargos, & estes saõ os que mais pontualmente fazem seus officios sẽ dependencia,nem respeitos, & os que os Principes deuem buscar pera os tribunais,& cargos mayores da republica, porque os que se não leuão da ambição,ou cobiça, nenhum outro respeito os pode obrigar a fazerem o que não deuem: porque a experiencia mostra que os q̃ ambiciosamente pretendem,cegamente executão seus officios, não tendo outro norte de suas acçoens mais que o gosto de quem os pode melhorar, importunando os ministros superiores com tantas valias,& por tãtos modos que os mais isentos se não podem liurar.Chega hũ filho de hum cozinheiro a pedir

Brusl. 1.c.15 dir a Cicero o seu voto pera hũ officio do gouerno da republica,& não lho poder negar hũa pessoa de tanta authoridade, & tão independente: & quando a ambiçaõ he taõ atreuida, que pessoa de brio se ha de querer arriscar a competir com quem na calidade,& merecimẽto lhe for mui inferior?& sendo estas rezoens de tanta consideraçaõ pera os Principes differirem mais aos que menos pretenderem (não trato dos officios de letras que tem suas ascendenciás, & poucas vezes se dão sem se solicitarem) muitas mais rezoens ha pera que no prouimento das prelazias,& lugares ecclesiasticos se naõ faça caso dos que os pretenderem,porque naõ ha vicio mais opposto ao gouerno spiritual que a ambiçaõ.S. Gregorio tem por regra infaliuel, Greg or. in epist. hauerense de offerecer os lugares ecclesiasticos aquem os foge,& negarse aquem os pretende, propriedade mui ordinaria de todas as honras, fugirem a quem as persegue,& buscarem aquem as foge.Perguntaõ algũs Doctores sendo Moyses,& Aarão irmaons,& tres annos mais velho Aarão,darDeos a Moyses o gouerno auentejandoo a seu irmão mais velho; & dam por rezão,que Moyses foi sempre desprezador das honras:quãdo era minino, conta Iosepho, que o criaua a filha delRey Pharao com grande amor,& o Rey lhe punha a Coroa Real na cabeça,aqual elle com desprezo, como vsando da simplicidade de minino,lançaua no chaõ: & depois sendo homem,dizS.Paulo,negou ser filho da filha deFarao sendo de todos tido,& hauido por tal;& quando de mais idade recusou ser Principe de outro mayor pouo,&S.Ambrosio entendeo que merecera nesta acção todas as ventagens, q̃ teue;& S. Hieronimo falando de Nepociano que recusaua a honra sacerdotal,diz que quanto mais repugnaua,tanto se mostraua mais digno della,& sem recorrermos aos Santos antigos, acharemos em Espanha hum Frei Francisco Ximenez deq̃ falei no discurso quinto pobre por seus pais,& por sua profissaõ recusar o Arcebispado de Toledo,& depois de o aceitar proceder de maneira que não so foi santo,mas valeroso;& entre nos Frei Bertholameu dos Martires religioso de S.Domingos,que pera aceitar o Arcebispado de Braga foi necessario obrigalo seu Prelado com todas as forças, & quam santamente administrasse o officio de Prelado bem notorio he.Equem duuida que se cada hum destes Prelados pretendesse os lugares q̃ tiuerão os não hauião de administrar

Ioseph. l.2.antiquit.ca. 9.

ad Hebr 11.

Ambr. lib.35. moral. cap.13.

Hieron. epist.3. ad Heliod.

niſtrar com tanta perfeição,por que ninguem faz diligẽcia por acquirir renda pera a gaſtar cõ os pobres,nem anhela por honras pera deixar de ſe lograr delas;& quem ambicioſamente procura alcançar lugares de gouerno fora eſta de gaſtar os intereſes delles com os ſubditos: porem tem eſta rezão deſtado hũa replica que a impoſſibilita, & he que ſaõ tão poucos os q̃ ſe eſcondem as honras,que não hauendo de ſe dar as prelazias a outros,ficarão ſem ſe prouerem:o intento do que eſta dito he que ſe buſquem os menos ãbicioſos, & os que menos diligencias fizerem pellos lugares eccleſiaſticos,& pera os officios da republica,não os que os pretenderem por valias,mas os que no procedimento da vida, ou de officios inferiores tiuerem moſtrado ſeu talento,de que os Principes deuem fazer particular informação por peſſoas tão deſintereſſadas que tenha mais lugar a verdade que o reſpeito.

DISCVRSO IX.

Se os miniſtros de juſtiça ſe deuem caſtigar por terem mais de riguroſos que de brandos.

INDA que em reſpeito dos Principes trato da clemẽcia que deuem ter,& a materia deſte diſcurſo lhe pareça em algũa couſa ſemelhante,mui diffe rente he,aſſi na ſuſtancia, como no intento,porque nem os miniſtros de juſtiça tem authoridade pera perdoarem crimes, nem eu pretendo delles o tal perdão,ſe a juſtiça eſta de permeyo,que tanta injuſtiça heperdoar ſem cauſa, como caſtigar com exceſſo.Conſiſte a virtude da juſtiça na moderação não no rigor,nem remiſſaõ.Entre os Philoſophos antigos,& eſtadiſtas modernos houue muitos,que tiuerão pera ſi ſer o rigor na execução da juſtiça o leme com que a republica ſe gouerna,porque he tal a malicia dos homens que não baſtaõ os caſtigos que as leys tem inuentado pera ceſſarem osvarios crimes que cada dia vemos. Outros julgarão por mais conforme as leys de humanidade,& ainda a emmenda de coſtumes a limitação com que os remedios mais fauoraueis ſe deuem aplicar aos crimes,o que ſera a materia deſte diſcurſo ſupoſto ter dito em reſpeito da adminiſtração da juſtiça as circunſtancias que aqui deuem faltar por não vſar de repitiçoens.Opinião foi mui recebida,& obſeruada dos Romanos no tempo de ſua proſperidade,a pontualidade na execução da juſtiça, & caſtigo de

de crimes sem moderação, nem respeito algum, & os que mais brio, & valor tinhão, o pretendiaõ mostrar em não terem carne, nem sangue nas ocasioens ẽ que a justiça tinha lugar. Em hũa batalha que os mesmos Romanos tiuerão contra os Latinos, estando os exercitos a vista hum de outro antè, de pelejarẽ se desafiarão dous soldados, Geminio, & Manlio filho de Manlio Consul, morreo no desafio Geminio, ficando vitorioso Mãlio o qual indo com grande alvoroço dar a noua a seu pay entendendo que a festejaria muito, o mandou ir ao Pretorio, onde a vista de todos lhe disse. q̃ tinha quebrantado a disciplina & rigor da milicia Romana, & que aquelle excesso não corria entre pay, & filho, mas entre Iuis, & culpado, & que pois elle tinha a suprema jurisdição não podia faltar com a execução do que a justiça em tal caso dispunha, & logo entregou o filho ao algos, que despindoo o asoutou muy cruelmente conforme o costume Romano, & depois de asoutado o degolou, & não foi este so o que teue coração pera em seu proprio filho executar tão rigurosa justiça, porq̃ o Dictador Posthumio conforme escreue Valerio Maximo matou a seu filho Aulo Posthumio por outro semelhante caso, & de Bruto se conta o mesmo. Crueldades indignas de homens de rezão, & mais encontradas as leys de humanidade, que conformes as leys de justiça em que se podia achar hum meyo, que escusase a hum pay ser algos de seu filho, sem encõtrar sua obrigação. Não faltou quem a vista destes excessos duuidase do parentesco, pello grãde amor com que os pais amão seus filhos, & poem a vida por elles, mas bem merece que tenha nota na honra quem a pretende grangear com derramar seu proprio sangue: porque o q̃ estes, & outros em semelhantes casos fizerão pella grande veneração, & respeito que tinhaõ a justiça, não foi effeito de virtude, mas da ambição da honra, com que os diabos os persuadiaõ acometerem semelhantes monstruosidades, & não se pode duuidar que foi esta a causa, pois vemos que pella obseruancia das leys com que se gouernatão, naõ somente matauão a seus filhos, mas asi proprios. Entre muitos casos de que as historias humanas fazem mençaõ ẽ conformidade deste pensamento, he mui notauel o que aconteceo a Diocles homem principal do gouerno de Saragoça, o qual rogado dos Cidadoens fes algũas leys pera gouerno da republica, entre as quais era hũa

Valer. Max.

que

que morresse quem fosse a praça com espada, saindo o mesmo Diocles, depois de promulgada a ley; contra huns inimigos que roubauão os termos da cidade; ouuio na praça hum grande reboliço, foise a elle leuando descuidadamente a espada, não faltou quem lhe lembrase a ley q̃ elle mesmo tinha feito, oqual caindo no que fizera, disse que queria se executase o rigor della em sua pessoa, como nos mais, & tirando a espada se matou nella. Bem claramente se ve q̃ não foi esta acçaõ de virtude, mas do vicio da ambiçaõ com que Satanas queria segurar as desauenturadas almas daquelles miseraueis: & bem se pode cuidar que assi como foi autor de crueldades semelhantes cõ achaque da obseruancia da justiça, asi o sera hoie das q̃ muitas vezes se cometem com capa de zelo, tendo outra mui diferente causa: Não consiste a excellencia da justiça, diz Seneca, na demasiada execução della: he mais justo, mais conueniente, & seguro o modo de a executar com respeito a fraqueza dos homens, & emmenda de vicio; que não consiste no vltimo rigor da vida. Foi ponderaçaõ de Theophilo Antioche no q̃ a sentença que Deos deu contra Adão, o Verbo Eterno foi o que a pronunciou porque como hauia de ser homem teria mais respeito a natureza humana pera de todo a não acabar: & ainda que a pena que estaua promulgada contra a culpa de Adão era de morte, sendo Iuis hum Deos que hauia de ser homem, & experimentar a fraqueza dos homens, parece que mais se deuia compadecer, & dar hum talhe com que elles não morresem na mesma hora, que era o rigor da ley, bastaua que na mesma hora ficasem sogeitos a morte, & padecendo as miserias della. Donde deuiaõ aprender os ministros a considerar muito as rezoens que tem pera em materia de morte se não apreçarem muito com a execução de rigor da ley, podendose esta interpretar com hũa morte ciuil, folgando de imitar a Deos neste modo de julgar pois he a mayor perfeição a que se pode chegar. Que mayor crime pode hum homem cometer pera ser condenado a morte que matar seu proprio irmão; & com tudo não matou Deos a Caim, estando então o castigo a sua conta, & sendo elle o Iuis competente, antes o condenou á morte ciuil, dandolhe hũa doença de perlezia, como quer o glorioso S. Ioão Chrysostomo, & S. Athanasio, & com esta doença viueo noue centos, & des annos, conforme o parecer do Abu-

Seneca in epist.

Theophilus l. 2. ad Aut

Chrisost. ho. 19. & 20. in genes.

Abul. in gen. Abulense posto que a Escritura o não declara. De maneira que com aquelle genero de morte castigou Deos o crime de Caim, ficando seruindo de escaramento aos que o vissem padecer, & de manifestar à piedade diuina que busca traças de não tirar a hum peccador a vida, q̃ durandolhe mais pode seruir de se arrepender, & emmendar: & he muito de ponderar, que não quis Deos no principio do mundo fazer execução algũa de morte, nem os homens a imitação de Deos a fizeraõ ẽ muitos seculos: a primeira foi naquelle tribunal dos Athenienses chamado Areopago, tantos tempos depois da creação do mundo que ja esquecia a memoria de Deos verdadeiro. Não he o meu intento persuadir aos ministros da justiça que sejão remissos em castigar os crimes. Tambem Deos na ley antiga condenaua a morte os que quebrantauão seus preceitos, & por diuersas vezes mostrou o rigor de sua diuina justiça contra os que desprezáuão sua misericordia; casos ha em que o rigor tẽ lugar, & em que a piedade sera crueldade, porem os que nacẽ de fraqueza, & miseria requerẽ muita consideração, & mui vagarosa execução: aponto o caminho mais seguro, presupondo que he tal a natureza de algũs homens que tem por recreação perseguir com capa de justiça, & por inteireza condenar com facilidade a morte; & conuem aduirtir aos Principes que os não califiquem pello demasiado rigor, porque ha alguns ministros, que se não tem por tais se não mostraõ ao mundo, seus poderes a custa do sangue dos que acolhem debaixo de sua jurisdição, por ventura que em alguns naça isto de zelo, & que o rigor demasiado se funde no desejo de se conformarẽ pontualmente com as leys, mas receio muito, que entre neste zelo algũa carne, & sangue, & que o rigor demasiado, ou seja natural condição, ou desejo de se mostrarem rectos pera serẽ melhorados de lugar, inclinandoos a ambição não a virtude a serem mais justos do necessario: que o desejo de contentarẽ aos Principes parecendo ministros inteiros faz algumas vezes cometer injustiças, & não he de espantar, que seja isto, quando a malicia esta tanto em seu ponto, pois ja em tempos menos infelices reinaua este genero de ambição. Entre os Doctores Sagrados ha duuida se Balam foi feiticeiro, se Profeta, S. Hieronimo diz, que foi Propheta, & Santo, contra a opinião de outros muitos, mas que desobedeceo a Deos por dar gosto a elRey Balach,

Hieron. in 9. Hebræ super Cen.

lach,que lhe mandaua maldiçoar o pouo Hebreo:& he mui to pera recear se os Santos se desencaminhão,& resoluem a tratar mal os inocentes leuados da opiniaõ que desejão ter cõ o Rey,& interesse que delle esperão,que fação muito peor os que sabemos que nenhũa cousa tem de santos;& menos mal fora este,se parara nos receios, mas se as queixas do pouo não saõ mal fundadas com menos que promessas de Reys se perseguẽ inocentes,& se castigão com morte crimes,quepuderaõ ser perdoados com mais obseruancia da justiça.Doctrina he esta mui importante aos mesmos ministros,porem como os respeitos da vtilidade propria costumem cegar o entendimẽto,& alguns se persuadão que por este caminho hão de montar,mais cabedal deuem fazer della os Principes,peraque não admitão á administração da justiça homens ambiciosos,& amigo de agradar. m demasiadam te aos que lhe podẽ dar a mão em suas pretensoens, q̃ se o respeito destes vai interessado,mal pella justiça do que me nos pode.Seneca diz que não ha mayores inimigos que a cobiça,& valor, nunca se costumão achar juntos. Que de baixezas comete hum cobiçoso, & que de grandezas despreza hũ homem de valor,atropela coroas,& cetros por não torcer hũ ponto da justiça:porẽ saõ poucos os que isto fazem,&muitos os que a vista de qualquer respeito se inclinaõ principalmẽte pera fazerem mal. Fora isto mais sofriuel em materias de pouco porte,mas que dependa a vida,& honra de hum homẽ, de outro,por ventura mais miserauel,& que não repare em cometer homicidios com o braço da justiça,conuertendo esta em vingança do poderoso, hè caso digno de grande lastima, & por ventura que não aconteceo poucas vezes no mundo se hemos de crer as historias antigas,& dar fè dos sucessos presẽtes.Ninguem sabe melhor a cõdição dos homens que o Deos que os criou,& vemos que tendo tanta confiança daquelles dous Principes do seu pouo Moyses,& Aarão,quãdo muito fiou delles que castigassem a Farao com algũas pragas, porque a Aaraõ cometeo que conuertesse a agoa em sangue,que fizesse rans,& mosquitos,a Moyses cometeo a destruição das vinhas, & arvores, castigar com moscas,& gafanhotos,treuas,& chagas interiores, porem quando foi necessario hauer mortes,comete este officio a hum Anjo, porque como consideron S. Agostinho sobre este lugar, he cousa

Seneca. de benef

August.

cousa tão notauel, & de tanto momento apartarse a alma do corpo, que não tem Deos os homens por capazes de os fazer ministros desta execução, pello risco de que com qualquer paixão, ou afeição excederão no modo da justiça. Santa cousa he castigar os crimes, mas o excesso se deue fugir, por ventura q̃ ha castigos mais rigurosos, & exemplares que a mesma morte não bastão estes, está a malicia em seu ponto, he força que haja sangue, não se fie este de homẽs mas de Anjos, na condição digo, & no saber, áduertindo que não ha lobo mais feroz que hum homem pera outro, quando a consciencia o não refrea a vista de qualquer leue respeito corta pella honra, pella vida, & pella fazenda alhea, como pudera fazer o mesmo Deos criador, & Senhor de todas as cousas; he a queixa que Iob tinha dos homens, perseguirem-no com tanta superioridade, como se tiuessem o poder infinito de Deos. He necessario que os ministros de justiça tenhaõ assi o saber como a bondade de hũ Anjo, pera que castiguem com os fundamentos da justiça, & com a piedade, & compaixão da natureza: & o remedio mais efficaz pera este intento he não cometer os casos graues da vida, & honra dos homens a ministros que começaõ a seruir, mas aos que saõ cursados em varios negocios, & experimentados em diuersas ocasioens, & que tenhão seruido em tribunais inferiores, & demais disto tenhão authoridade brio, & prudencia pera se não cuidar delles que pretenderão sobir por se mostrarem crueis, fazendo ostentação de zelo, a custa da vida alhea, & pretendendo agradar aquem não trata tanto da emmenda como da vingança. Deixo de falar na virtude primeiro norte do acerto de todas as acçoens, porque he materia repetida em diuersos lugares, sem cuja ajuda não pode hauer justiça, & se os ministros se gouernarem por ella, nẽ serão injustos quando ao parecer de algũs forẽ julgados por crueis, nẽ errarão o caminho mais seguro de acertar em.

Iob. 19.

DISCVRSO X.

Se conuem venderense os officios, & honras.

A mayor defficuldade das materias destado cõsiste nos remedios ẽcõtrados como acontece no corpo humano, quando padece

infirmidades de humores differentes, que as medicinas aplicadas a huma perjudicaõ a outra. Ninguem pode duuidar que he o dinheiro hũa das mais necessarias cousas a conseruaçaõ do estado, principalmente quando algumas calidades o fazem sogeito a força ou enueja dos inimigos, porque elle he o neruo da guerra, sem oqual, nem pode hauer soldados, nem os materiais necessarios a defensaõ, o que se experimenta mais nos estados desunidos que constão de diffe rentes portos, & de varias conquistas, a que conuem estar sem pre acodindo com gente, com armas, muniçoens, & mantimẽtos, o que requere grande despeza: isto deu ocasiaõ a fazerẽ alguns Principes tanto caso do dinheiro que o anteposeraõ a todas as mais rezoens destado parecendolhes que nos thesouros estaua a segurança de suas terras, & que sem esta preuenção era impossiuel conserualos. Chegou o desejo de ajuntarem a por em leilão as honras & officios da republica mais authorizados, não falando em outros meyos mais arriscados de acquirir dinheiro, por não pertencerem a estediscurso, cerrando os olhos aos inconuenientes que de semelhantes vendas resultauão: & porque esta materia tem as melhores, & mais lustrosas aparencias, que todas as que se offerecem na administraçaõ do gouerno de hũa republica, sera rezão tirarlhe o rebuço, & ver o valor que tem, o que se deue julgar dos effeitos que causa. Não ha duuida que sendo o dinheiro tão necessario, & sendo força que se tire dos vassallos, causa sempre gran de violencia, & desgosto vniuersal de todos a execuçaõ com que se lhes pede, ou seja por via de tributos, ou de pedidos, & ainda de emprestimos, o que não acontece nas vendas dos officios, & honras, que todos daõ odinheiro com muita vontade ficando em obrigaçaõ aos que seruiraõ de meyo de o darem, & se a uenda he de honras ainda com mayor vontade o offerecem: porque ninguem as compra se não quando o dinheiro lhe sobeja, & quando lhe fica o cabedal necessario pera as sustentar; e como não saõ bens naturaes, mas da fortuna, pois consistem na opiniaõ dos homens, & os Reys as podem dar aquem quiserem, parece que não fazem agrauo ao bem comum, nem aos q̃ ja saõ nobres, hõrando aos q̃ não saõ: antes acharaõ muitos que he authoridade da republica

& for-

& fortaleza do Reyno hauer nelle muitos nobres, pois estes foraõ sempre de mais proueito nas ocasioens militares, & em todas as que dependem de valor, & brio. E porque alguem me arguira, que a honra se hade contar entre os bens naturais, porque não quereraõ os que naceraõ de pais nobres que dependa a sua honra de hũa causa taõ incõstãte, & injusta como he a fortuna; & porq̃ esta que staõ naõ pertence a este descurso, me remeto ao que trata da nobreza, onde se pode ver se depende esta do sangue dos passados, se das obras de valor, ou merce do Principe em que a fortuna tem mais lugar. O certo he que os Reys saõ a fonte da honra, & a podem comunicar aquem quiserem como resolue Cassaneo, & que esta he hum bem accidental, que não tem consistencia na realidade, mas na opiniaõ. E suposto que temos visto a vtilidade do dinheiro junto por via destas vendas, seguese vermos se pode resultar dellas perjuizo algum: não trato em respeito dos que os compraõ porque sempre serei de parecer que a venda lhes tira a mayor parte do valor, mas do bom gouerno da republica, que parece fica de melhor condição, enchendose por esta via de dinheiro, escusando outros meyos mais penosos aos vassallos, & trato juntamente de honras, & officios, porque ainda que ha honras sem officios como se ve nos foros da casa Real que neste Reyno se praticaõ, & outras semelhantes nos mays Reynos, o mais ordinario he andarem vnidos officios, & honras. Não acho rezoens, nem exemplos que me dem motiuo a julgar por acertado este genero de gouerno, nem Principe algum prudente que delle vsasse, nem republica bem gouernada que o permitisse: porque o dinheiro junto serue de sustentar os soldados, & as honras vendidas de lhe tirar o valor, que nem os soldados que so seruem pello soldo saõ os que emprendem obras gloriosas, nẽ o dinheiro das honras, & officios causa melhores effeitos do que elles costumão causar, nem pode remediar os inconuenientes que resultaõ de se abater este genero de satisfação com que se pagaõ os soldados de mais brio, & vassallos de mayores seruiços, & merecimentos. A honra, diz Quintiliano, não tẽ preço por sua grande excellencia, no ponto em que se da por dinheiro fica na altura de todas as mais cousas venais. O Emperador Iustiniano dezia que não

Cassan. in catha l. gloriæ mundi.

Quintili lib. 12. cap. 7.

Iustinianus.

não hauia mais pernicioso mal; & de que mayores inconuenientes resultassem a republica que de dar officios por dinheiro: porque nem das leys se faz caso, nem os nobres sam respeitados, nem os ministros obedecidos. Aristoteles lhe chama cousa torpe, & que he indigno de gente de rezão este genero de gouerno. Platam lhe chama absurdo que saõ os nomes com que mais se encarece o erro dos que por esta via pretendem ajuntar dinheiro, sendo o caminho mais certo de destruir a republica que de a enriquecer. O Cardeal Caietano em sua summa, diz que he experiencia infaliuel ser a total ruina da republica a uenda dos officios, naõ somente por ser encontrada a todas as regras politicas, mas por ser juizo de Deos castigar este genero de gouerno, como roubo feito aos merecimentos, despre zando seu valor pello interesse de dinheiro. Prouidencia de Deos foi o que aconteceo a Lysias procurador delRey Antiocho indo com seu exercito contra os valerosos Machabeos com intento de fazer venais os officios mais authorizados, assi ecclesiasticos, como seculares; mandou Deos hum Anjo em figura humana que sobre hum brioso cauallo pos em fugida o seu exercito. Porem sem recorrermos a prodigios, nem a ordem diuina, acharemos que sendo o dinheiro dos tributos mui perjudicial, tem mais perjudiciais effeitos o que se tira dos officios, & honras vendidas. Todas as naçoens pagam tributos a seus Reys pera sustentaçaõ sua, & defensão dos Reynos, ninguem os teue por injustos em quanto tributos, mas em quanto demasiados, ou mal empregados: porem o dinheiro das honras, & officios por melhor empregado que seja sempre he perjudicial. Não houue republica no mundo, trato das que floreceraõ em prosperidade pello valor das armas, & pello bom gouerno da paz que não tiuesse a honra pella mais necessaria cousa a sua conseruação, & propagação. Os triunfos publicos, as estatuas de bronze, as Coroas de louro eraõ os que venciam os exercitos. Se faltara este premio, & as honras se houuessem de comprar, nem ellas teriaõ valor, nem os homens se empregariaõ em as merecer com obras em que a vida se arrisca, mas em ajuntar dinheiro, ainda que fosse por meyos mui pouco honrados, que onde a authoridade consiste em dinheiro se tẽ

Arist. l. 2. polit. cap. 9.

Plat. lib. 8. de rep.

Caet. in sum.

Lib. 2. Mach. cap. 3.

por

por honrados todos os caminhos de o ajuntar. Fez aquelle grande orador Sallustio hũa oraçaõ a Iulio Cesar em que lhe daua documentos pera gouernar bem o seu Imperio, & entre os principaes era hum que ao dinheiro não desse o lugar que se deuia a honra, porque naõ podia hauer cousa mais opposta ao bom gouerno que desprezar as honras, & honrar o dinheiro. Começaua o Imperio Romano a ir descaindo, não porque os officios, & honras se vendessem publicamente, mas porque se daua lugar, aindaque com segredo, a se comprarem os votos. Entrou o Emperador Nero no Senado, sendo mancebo, quando com as esperanças de exceder na prudencia, & valor a seus antecessores era amado de todos, & prometeo que hauia de remediar os inconuenientes que nesta materia se hiaõ experimentando, buscando modo com que nem em publico, nem em particular se vendessem os officios da republica, posto que como mudou de vida desenfreandose em varios vicios, mudou tambem de intento: & de tal maneira se foi ateando esta peste que veio a destruir aquella tão florente Monarchia, verificandose nella hum axioma dos politicos, que os estados se hão de conseruar pellos meios com que se acquirem, ou principiaõ, & como Romulo entre as principaes leys que fez mandou que por nenhum modo se vendessem as honras, sendo este hum dos meios que o primeiro Legislador aplicou á conseruaçaõ da sua cidade não foi muito que ella acabasse quando se admitio o gouerno contrario: & que com a venda dos officios se vendesse a justiça, & se antepusesse o dinheiro aos merecimentos em que consiste a mayor firmeza da republica, que nem esta pode ter mayor felicidade que honrar aos que merecem, nem mayor risco que anteporlhe qualquer genero de interesse.

Sallust. in oratione ad Cæsarem de rep. ordinanda.

Tac. lib. 3. ann.

Dionysius Halicarnas. Rom. antiquit.

DISCVRSO XI.

Se he conueniente que os ministros superiores no prouimento, & consultas dos officios anteponhão as pessoas de sua obrigação aos que tem mayores merecimentos.

NVNCA me pareceo sem rezão que os validos, & ministros superiores fauoreção os que por alguma via lhes saõ chegados, fazendoos participantes do premio de seus seruiços

porque como estes não so tenhão o trabalho mayor, mas o valor auentajados rezão parece que possaõ aplicar parte de seus merecimentos aos que por outra via tiuerem alguns; que a não se poder isto permitir aos q̃ tem o peso do gouerno, fora insoportauel seu trabalho, & se puderão ter por mais miserauels que os mais inferiores, ficando obrigados aos encargos de consciencia dos que administrão justiça indiuidamente, sẽ o interesse de fauorecerem aos seus: porem o costume, ou amor proprio tem conuertido de maneira em si o direito de destribuir a sua vontade os officios, & merces que os Principes deuem regular pellos merecimentos, que sera necessario mostrar me mais apertado do q̃ a algũs parecera justo, porque se não tenha por conueniente vsarem os ministros superiores tão absolutamente de sua vontade, que venhaõ a conuertela em ley, praticando por licito não so ãtepor os seus a todos os mais, mas resuscitar pera os premios, & ainda pera os officios que requerem talento os que pera elles se puderão ter por mortos, fazendo mais ostentação de seu poder com auentajar os mais incapazes, & esta he a queixa mayor de todos os zelosos, que as honras, & lugares se dão aquem menos os merece: donde parece deuia Aristoteles inferir aquelle seu tão sabido axioma, terem menos fauores da fortuna os q̃ mais partes tem da natureza, de maneira que os meyos que deuiaõ seruir de honra, grangeaõ miseria, & desauthoridade: que as cousas repartidas pella fortuna, se dessem a caso, sofriuel mal era, porque os bons, & maos, prudẽtes, & ignorantes igualmente entrariaõ a partilha, mas que se faça rezão de estado de escolher os peores, & que os poderosos mostrem sua grandeza em leuantar hũa estatua, pera que a huns sirua de espanto seu poder, semelhante ao de Deos que de pedras pode leuantar filhos de Abrahaõ, & a outros de magoa em ver derribados os que deuiaõ occupar os mais altos lugares, he o mayor mal a que a ambição pode chegar, & o mayor perjuizo q̃ a republica pode receber, porque se os peores forem auentajados tendo a valia pello mayor merecimento, claro esta q̃ haõ de ser mui poucos os que queiraõ merecer por outra via mais custosa, & menos proueitosa, & he mais difficultoso o remedio deste vicio, por se conformar mais com a condiçaõ dos poderosos, porque se naõ tẽ por tal quem naõ leuanta homens de pedras, & quem naõ

Arist. l. de bon. fort.

faz

faz de homens pedras! Sendo perguntado Esopo em que gastauaõ os Deoses o tempo, respondeo que em leuantar huns, & derribar outros; inferio a occupaçaõ dos Deoses do Ceo, pella que tem os que se prezaõ de Deoses da terra, que todo seu trabalho he resuscitarem os seus em virtude dos merecimẽtos que elles lhes querem achar, & enterrar os que podem fazerlhes sombra, ou mostrar repugnancia a seu poder. Esta foi a causa de aquelle poderoso priuado Amão pretender tirar a vida, & hõra a Mardocheo não se conformar com sua grandeza, & repugnar a soberbade seus pensamentos. Se os poderosos se quisessem contentar de honrarem os seus sem perjuizo da republica, & dos particulares, desculpa tinhaõ, porem querem fazelos capazes do lugar pera que não naceraõ, & do gouerno pera que não tem talento, he edificar hũa torre sem licerces, & fundar hũa estatua de ouro, & prata sobre pes de barro, que com qualquer leue ocasiaõ se derriba, & com ella toda a Monarchia, como acabou a dos Babilonios figurada em outra semelhante. Saõ azas fingidas que se bastaõ pera sobir, depois seruem de derribar, que nũca fundamentos falsos puderão sustentar edificio verdadeiro.

Stob. in serm. 103.

Passarem adiante, & quererem sustentar seu erro, & fartar sua ambiçaõ à custa dos que merecem, he iniquidade grande, que da seu fruito quando menos se espera. Muito chegarão a fazer as molheres Hebreas, que a custa do ouro comque se ornauaõ, quiseraõ fabricar idolo, pera ellas mesmas adorarem; mas que a conta, não do ouro proprio, mas da honra, & merecimẽtos alheios se queira fazer idolo, & obrigar a todos que o adorem, he vicio que só a ambiçaõ podia inuentar. E de todos os crimes que os ministros poderosos cometem contra o gouerno da republica, não sei outro mais graue: porque se a mais heroica obra de todas, he derramar o sãgue em defensaõ do bem publico, desprezar este, & arriscar o bem dos vassallos, & felicidade do gouerno administrado pellos peores pello particular interesse, & gosto, he crime contra todas as leys de rezão, de obrigaçaõ, & de primor. Não só interesse, & gosto mas os proprios filhos, diz Horacio, se haõ de desprezar pello bem comum; e esta obrigaçaõ não toca somente aos particulares, antes com mais rezão aos Principes, & aquelles que tem suas vezes, que por esta rezão os compara Saõ Bernardo ao coração em que se aposentão todos os gostos, & traba-

Horat. 1. car.

Bern. in moralibus.

trabalhos do corpo. Não estranho aos grandes prezarense de ter feituras honradas, cousa he mui antiga no mundo, & mui arraigada nos coraçoens dos mais briosos. O sentimento que Michas teue por lhe furtarem os idolos, fundouse em serẽ feitos pella sua mão, que os esculptores estimão muito ver adorada das suas obras. Acção he de grãde excellencia leuantar outros a grandes lugares, porem ser isto a custa de republica, ou da honra dos vassallos benemeritos he o que se condena: receoso disto, diz Lyra, que não quis Abraham aceitar o que lhe offerecia o Rey de Sodoma, porque entendeo que ser feitura de hum mao Principe era cousa mui arriscada á consciencia, & honra, & que as riquezas seriaõ acquiridas com injustiças dos vassallos, & a custa do remedio da Republica: que mais dá de honra do que aceita de interesse quem se sogeita a ser feitura de quém da o que rouba a justiça, & merecimentos alheios. Quando esta rezão naõ bastara a conuencer os que tem menos conta com a honra que cõ o interese, experiencia mui antiga he, que mais vezes se perdẽ do que se ganhaõ os que por esta via sobem, que triunfar do suor alheio nunca Deos o soffreo pera aduertimento nosso!

Lyra c. 14. in gen.

O Abulense notou ser esta a causa porque Dauid mandou ẽ seu testamento que dessem a morte a Ioab, andaua mui prospero parecendolhe que sua felicidade se grangeara cõ as mortes, que injustamente tinha dado, não quis Deos que este crime se reseruase pera o tribunal diuino sem preceder o castigo da terra, por entrar nelle injustiça feita a terceiro. Mui cheios de prudencia, & santidade foraõ todos os lanços que o Santo Moyses teue em rezão do gouerno que administraua, entre todos foi muicelebre aquella notauel resoluçaõ com que recusou ser Principe de outra muito melhor Monarchia em tempo que com a promessa da melhoria do lugar lhe denunciauaõ destruiçaõ dos subditos que entaõ tinha. Pareceolhe cõtra a obrigaçaõ de Principe, & ministro nomeado por Deos pera gouerno do seu pouo aceitar honras com perda dos vassallos: de sorte que fez tanto caso da vtilidade dos seus que a antepos aos fauores, & amizade do mesmo Deos, porque sabia q̃ nisto o agradaua, & que consistia a obrigaçaõ de seu officio em naõ querer cousa algũa de seu proueito, se a esta cõta houuessem de ficar de peor condiçaõ os que, como Principe, deuia honrar, & ajudar. Dezia Diogenes

Abul. in lib. Reg.

genes de hum homem que por roubos tinha grangeado muita fazenda viuendo em prosperidade, que este tal leuantaua testemunho à Deos em durar tanto sem castigo, porque sente Deos muito pretenderem os homens sobir em honras, ou fazẽda à custa de outrem: & saõ tão manifestos seus juizos em não deixar lograr o que se acquire com injuria de terceiro, & por meyos injustos que vem a ser ley infaliuel: & a que não vemos executada, não he por ficar sem castigo, mas pera este ser mayor depois da paciencia desprezada: porem mui poucas vezes se vera nestes casos a dissimulação com que Deos nos sofre outros na sustancia mais graues, em que parece quer mostrar que faz mais caso dos agrauos que os homens fazem huns aos outros pera os castigar, que dos que fazem à sua infinita Magestade, & que sente mais o perjuizo nosso, do que estima à honra, que pode receber dos homens obrigados cõ o medo. De que se infere naõ so amor infinito com que nos ama, mas o exemplo com q̃ nos quer obrigar a que naõ tratemos de vtilidades nossas com detrimẽto de nossos proximos.

Phil. in antiquit Byblia. Notou Philo Iudeo que quando Moyses deceo do monte cõ as taboas da ley, as quais quebrou por achar o pouo idolatrãdo, que à rezão de as quebrar foi porque desapareceraõ naquelle ponto as letras que Deos nellas tinha escrito: & à rezão de desaparecerem foi, porq̃ como nellas se continhão os preceitos que os Iudeus hauiaõ de guardar, & os castigos que hauião de ter os transgressores, quis Deos antes cortar pella honra que grangeaua em ser seruido, & adorado na conformidade daquella ley nouamente escrita, que pella vida dos q̃ ja entãocomeçauão a delinquir, offendendo à Deos com suas idolatrias, nos quais se hauia de começar a executar o rigor da ley. Esquecese Deos das ocasiõens de sua honra, se à volta dellas entra algum dispendio nosso: & he engano grande cuidarem os ministros poderosos q̃ lhes podem sucederbem as traças em que de ordinario occupão o pensamento, pera auentajarem na honra, & lugar o parente, & amigo: abatendo pera isto as partes, & merecimentos dos que lhe podem fazer sombra, porque sendo vicio tão estranhado de Deos não se deue esperar que o acrecente concorrendo com seus fauores. Não he o meu intento persuadilos à que disistão deste costume, porque o gosto que nelle achaõ tẽ mais força que o receio dos males

les que ainda não experimentaraõ. Porem necessario sera encarecer esta aduertencia aos Principes, que como menos interessados nos particulares respeitos dos que gouernão deuẽ vigiar, & especular as rezoens, & fundamentos que os ministros superiores tem nas consultas que lhes fazem, aduertindo os merecimentos, & talentos dos que se lhe nomeaõ, & os caminhos por onde entrão, que a mayor parte das desordens da republica nacem de ministros incapazes, & de cargos mal prouidos, principalmente nas materias de guerra, ou de justiça em que a ignorancia he mais perjudicial, & he hũa das mais intoleraueis maldades que hum ministro pode cometer, não so em respeito das pessoas particulares, mas do gouerno da republica desprezarem os merecimentos, & talentos das pessoas a cõta do gosto, ou ambição com q̃ querem mostrar quanto podẽ a custa dos que merecem, & com destruição de sua propria patria assi por ser gouernada com os peores, como por se desprezarẽ os que deuiaõ ser buscados, & honrados: que de talentos desfauorecidos, & agrauados tem resultado na republica muitos generos de trabalhos quasi irremediaueis: Hespanha os chora com mais arrependimento que remedio, se os trabalhos que experimentaõ nacidos desta desordem forem bastantes pera se persuadirem os ministros superiores sobre cujos hombros descarrega a mayor parte do gouerno, que so Deos he poderoso pera criar talentos, & q̃ não podem os homens por mais poderosos que sejão fazer mais q̃ concorrer com seus fauores pera que sejão preferidos aos que não tem merecimentos. Toca mais esta vigilancia aos Principes como mais interessados na conseruação de seus estados, & menos neste genero de ambiçaõ com que os ministros, & priuados procuraõ ter feituras poderosas em que se veja quanto podem, entendendo que tanto mayor sera a ostentaçaõ que faraõ de seu poder, & valia quãto mais incapazes forem os que por sua industria, & meyo chegarem a lugares autorizados tẽdo por certo, que tanto ira descaindo o valor, & brio nas empresas, a prudencia, & conselho no gouerno politico, as letras, & exercicios honrados na republica quãto mayor for a ambição dos ministros, & descuido do Principe.

****
*****
***
*

DIS-

DISCVRSO XII.

Se he mais vtil publicar os negocios pera cada hum dar nelles seu parecer, se guardar nelles segredo.

SALAMAÕ diz, que na lingoa esta a morte, & a vida, porque hũa das mais naturais acçoens dos homens he o falar, & huã das mais difficultosas cousas he o calar, que como as palauras saõ semelhança dos conceitos fabricados no entendimento, & estes se não podem manifestar por outro modo, causa tormento a difficuldade de o fazer, & gosto o exercicio de falar: donde Aristoteles definio ao homẽ animal sociauel, porque a comunicação, & comuersação que os homens tem entre si, he propria da sua natureza, cõ nenhũs outros animais se da; de que nace que naõ ha cousa mais penosa que a falta della pera homẽs entendidos, tendo por tormento faltarenlhe pessoas iguais aquem possaõ comunicar seus pensamentos. Tambem he necessaria a comunicação, & pratica dos homens ao trato politico, porque sem ella viueraõ em hũa triste confusaõ sem se poderem remediar em suas necessidades, nem viuer em cõpanhia, porque à malicia em que se auẽtajaõ aos mais animais, se cõuerteria ẽ tiranias, roubos, & homicidios, faltando o remedio que com a fala se aplica por meyo das leys, castigos, & conselhos; & pera os negocios de mayor importancia se tem achado pello mayor remedio dar parte delles aquem os possa encaminhar com seu conselho, manifestandoos a todos, pera que cada hum possa dar seu parecer: porque de muitos homens de que na opiniaõ dos que gouernão ha menos noticia, & de que se faz menos caso, nacem muitas vezes conselhos de mais vtilidade que dos tribunais mais superiores, pello que algumas gentes se gouernarão mui prudentemente diuulgando ao pouo as materias de gouerno pera cada hum poder dar seu voto, & este era o melhor modo de acertarem. Porem tambem depende a morte da lingoa, porque muita parte dos sucessos infelices nacem de se dizer o que comuem calarse, & de se publicar o que importa não se dizer. Bem custou a Sansaõ dizer a Dalila donde dependia sua força, todos os trabalhos que padeceo, & a propria morte resultarão de falar o que deuia calar. Esopo dezia, que a melhor cousa, & a peor que os homens tinhão era a lingoa, porque sendo tam necessario falar

Arist. de anima.

he mais vezes necessario calar, & saõ mayores os inconuenientes que resultão de falar que de calar: & em muitas ocasioens não so prejudicaõ as palauras q̃ saõ mâs conhecidamente, mas ainda aquellas que sendo em si boas podem tomar dellas ocasião os de natureza deprauada: que as mesmas flores, de que as abelhas tirão mel, se conuertẽ em peçonha no estamago de hum bicho peçonhento, & não esta so o mal em se descubrirẽ as cousas que sendo verdadeiras podem diuulgadas perjudicar, mas em se não atalhar a malicia dos homens, q̃ ha muitos de tal natureza q̃ das mais puras acçoens tomão ocasiaõ pera refinar mais sua maldade principalmente se nellas se descobre algum perjuizo particular por remoto que seja, ou alguã vtilidade de seus inimigos que a alguns dá tanta pena o bem alheio como o mal proprio. Cõsiderando Philo Iudeo o sonho que Ioseph descubrio a seus irmaõs faz muito caso da innocẽte simplicidade com que desconheceo o odio que lhe tinhão, parecendolhe que bastaua serẽ irmaons pera lhe não enuejarẽ os fauores de seu pay, & assi tambem as circunstâncias do que lhe disse, & o certo he que em dua cousas lhe faltou aduertẽcia, em tratar seus irmaons como amigos dandolhes conta de prosperidades, & em lhes declarar hum sonho em que elles ficauão de peor condição, pois o hauiam de adorar. De maneira que naõ somente manda o segredo refrear de palauras demasiadas, indecentes, & perjudiciaes, mas ainda daquellas que sendo justas, & arrezoadas podem por algũa via perjudicar em respeito da malicia de quem as houue, nem somente vigiar de palauras, mas de obras, que o segredo tanto se manifesta com huã cousa, como com outra. E alguãs vezes certificam mais as obras o que se pretende encobrir, que as mesmas palauras. Cicero disse que era cousa mui enganosa o sẽblante, os olhos, & o rosto, porem que auia mayor engano nas palauras. Porque o rosto pretende muitas vezes encobrir a paixão interior, & não pode, & as palauras com muita facilidade se acomodão aqualquer fingimento. E não consiste a prudencia somente em saber encaminhar as palauras de sorte que não dem noticia do que se pretende ocultar, mas em dispor as acçoens de maneira q̃ não publiquem o que as palauras negam. Não tinha Saul acabado de jurar, que era amigo de Dauid, & que nunca maistrataria de lhe fazer mal, quando o odio lhe rebentaua a vista de todos

Phil. de Ioseph.

Cicer.

Reg.

todos com acçoens que contradeziaõ o q̃ tinha affirmado,& ẽ ocasiaõ que lhe pudera seruir de lhe fazer merces pois tinha posto em fugida os Filisteos, de sorte que o odio que com as palauras pretendia encobrir, manifestou com obras. Parte he de Capitaõ experimentado alcançar os desenhos dos enimigos,naõ em rezaõ do que sediz, que as mais vezes he incerto: mas vendo suas acçoens,& procedimento de que inferem resoluçoens mui verdadeiras, & a mesma rezão ha pera ser perfeição assi no gouerno militar, como no politico, saber compor todas as acçoens de maneira que se não possa inferir algũa noticia perjudicial a republica. Aristoteles dezia que a mais difficultosa cousa era saber encobrir o que não conuinha saber se: hũa,& outra cautella assi de palauras como de obras, importa a todo o homem,não so pera saber gouernar mas pera poder viuer,& muitas vezes não basta nada, que ha homens tão amigos de censurarem as vidas alheas,que não somente lhe reprendem o que fazem, mas tãbem lhe arguem o que não imaginarão,& quando das palauras não podem colligir cousa algũa por serem poucas, tambem achã que dizer em não serem muitas,porque nunca falta materia aos juizos ociosos, ou maliciosos: estaua Eraclyto mui calado cuidando no que lhe importaua,chegarãose a elle huns amigos seus,perguntandolhe porque rezão estaua tão calado,ao que elle respondeo estou assi peraque vos tenhais que falar,porque he tal a condiçaõ dos maliciosos que se falais vos censurão as palauras, & se calais a falta dellas,& ja agora não consiste a prudencia em saber conseruar o segredo do que se faz, ou pretende fazer, mas em atalhar a ocasião de se publicar o que nunca houue, que a malicia nas mais calificadas acçoens acha de que fazer pesonha. Mui bõ fora que os Principes,& ministros se soubessem precatar de maneira, que nem de suas palauras se pudesse vsar com excesso,estendendo sua significação,nem em suas obras se pudese tomar pe infirindo o que ellas não soaõ;requere isto grande cabedal,que muitas veses calando se publica mais o segredo que falando,& toca este remedio a dissimulação, assi nas obras como nas palauras,rezão destado mui vniuersal,& antidoto mais efficas contra todos os pensamentos temerarios, & falços,ouverdadeiros,&ocultos quãdo pera isto houuer repugnãcia natural,q̃ alguãs vezes acontece não se poder acomodar a condição ao que lhe dita o entendimento, tenhão os

Laert.l. 1.c.1.

Brus. cent.l.6 c.6.exẽpl.

Principes,& ministros por cousa mui aueriguada, que lhe he forçado pera gouernarem com prudencia seus estados,naõ se apartarem hum ponto,pello menos dos primeiros principios do segredo,que consistem em não dar conta dos negocios que tratão,ou determinaõ tratar. Conselho que daua a elRey Lysimacho,hum grande priuado seu, por ventura mais amigo da hõra de seu Rey q̃ de seu proprio gosto,termo bem pouco vzado de priuados: disselhe elRey q̃ lhe pedisse alguã merce porq̃ desejaua fazerlha,& que tiuesse por certo que lhe não negaria cousa que lhe pedisse: a merce que peço a vossaMagesta de respondeo o priuado he que não fie de mim segredo algum, quis por este modo aduertir a seu Rey da falta que nelle hauia,& da necessidade que tinha de tratar os negocios com tanta cautela,& segredo,que nem os mayores priuados tiuesem noticia do que se fazia,porque estes costumão ter outros,& quãdo menos se cuida se publica na praça o q̃ cõ grande segredo se tratou,& ainda q̃ na continuação de negocios ordinarios,q̃ depẽdẽ de consultas,& de varios ministros cõ q̃ se tratão,seja necessario hauer algũa comunicação entre elles,deue ser esta tão oculta q̃ não passe dos tais ministros,porq̃ as noticias q̃ os pretendentes temdas consultas lhe abre caminho pera vsarem de traças,& sobornos cõ q̃ os ambiciosos fazem seu negocio, & saõ preferidos aos que tem merecimẽtos,& se os negocios saõ de outra calidade,ainda o perjuizo costuma ser mayor, porq̃ a faltade segredo chega muitas vezes à hõra,& a vida.Se o Emperador Domiciano se não descobrira tãto a seu priuado Stephano não tiuera elle atreuimẽto cõtra sua pessoa.E do pouco segredo cõ q̃ Ionathas trataua os desenhos de seu pai Saul, resultou não poder nũca cõseguir seu intẽto cõtra Dauid. Não cõuẽ comunicar o Priucipe tudo aos seus,q̃ os mayores priuados & mais obrigados cõ merces se conuertẽ muitas vezes ẽ inimigos.O Emperador Basiano pella demasiada facilidade q̃ tinha ẽ comunicar seus segredos a hũ seu priuado morreo a suas maõs miserauelmente.Deraõlhe hũa carta ẽ q̃ o auizauão como Macrino de quẽ elle mais se fiaua, trataua de lhe tirar a vida ẽtregou a carta serrada ao mesmo Macrino,oqual a abrio,& vendo que era descuberta sua traição determinou de lhe naõ dilatar mais a morte. Perguntado o Philosopho Chilon que couza lhe parecia de mayor perigo,& difficuldade disse que saber

Hist. Imper. in vita Bas.

saber guardar hum segredo: porque requere grande valor, & prudencia mayor, & se o negocio, ou perjuizo delle toca a terceira pessoa mais cabedal requere, que fazer força a natureza por não perjudicar a outrem, he cousa q̃ acontece poucas vezes, & esta rezaõ deue escarramentar aos que tiuerem negocio em cujo segredo estiuerẽ interesados pera que o naõ comuniquem. Plutarcho diz que he ignoraucia querer que lhe guardem segredo, quem o naõ sonbe guardar no que lhe importaua. Parece que fica desobrigado quem o soube dá mesma pessoa a que tocaua. Deue o Principe aduertir muito se os ministros superiores tem esta calidade, & fazer muito caso dos que a tiuerem, porque os antigos o faziaõ assi estimando com grande excesso todo o lanço de segredo, ainda em gente ordinaria, & em materias particulares. Cayo Cesar fez grandes merces a hũa molher por ser de tanto segredo, que com grandes tormentos não quis cõfesar hum crime, que certo homem de quem tinha sido criada, hauia cometido, quis dar exemplo aos seus, & mostrarlhe quanta estimação fazia do segredo ainda em materias que lhe não tocauão, pera os ensinar ao guardarem com pontualidade nas ocasioens que tocasem a seu seruiço, ou da republica. Os Athenienses leuantarão hũa estatua de bronze que era a mayor honra que entre elles hauia a huã molher que com tormentos não descobrio hum segredo de importancia: & a honra que os Romanos derão a Papirio sẽdo moço, per não dizer o que ouuira tratar no Senado, mostra bem a veneração em que tinhão o segredo, & a necessidade que delle ha no gouerno politico. He virtude esta ensinada pella mesma natureza cujas obras saõ cheas de infinitos segredos, & nunca perde por excesso, porque se o falar sem outra circunstancia não tem bondade, ou malicia, mas em respeito da materia, ou demazia, o segredo nunca perde por muito, nem ha materia alguma que delle desobrigue, se não as da fè, por serem de differente genero. Anaxarcho Philosopho sendo atormentado que descobrise certo segredo sofreo constantemente todo o tormẽto, & vendo que continuaua, & que podia hauer perigo de descobrir o que delle se queria saber, com seus proprios dentes cortou a lingoa cospindo com ella a quem o atormentaua, estimando mais morrer com intoleraueis tormentos q̃ falar oq̃ não cõuinha. Seneca dezia q̃ era inca-

Plut. in mor.

Sueton.

Alex. ab Alex lib. 1. c. 30.

Laert. l. 9. c. 10

Seneca. de sent. orat.

incapas de falar com os homẽs quem não soubese calar, o que era necessario não se dizer. Falaua em respeito da honra, se lhe perguntarmos seu parecer em rezão de gouerno, dirnosha como tambem disserão outros muitos politicos que a mayor parte das desgraças que tem acontecido no mundo, principalmente aos Principes, & Capitaens, tiuerão seu principio na falta de segredo.

DISCVRSO XIII.

Trata dos ministros da fazenda.

POSTO que a mayor parte das aduertencias que temos apõtando pertencem aos ministros de justiça, tambem conuem que digamos algumás em respeito dos que hão de menear a fazenda Real, que como estes se não haõ de escolher por letras, nem por valor, calidades de que ordinariamente dão fè os menos praticos, todas as outras sam mui ocultas, ainda aos mais prudentes, em que se funda a necessidade que os Principes tem de cautela pera acertarem na tal eleição, porque os que muitas vezes parecem mais moderados, saõ mais cobicozos, & os que mais fidelidade mostrão saõ os mais intereseiros, trabalhando cada hum disfarças as paixoens interiores com aparencias acomodadas a seus intentos, não tendo semelhança algũa os effeitos com suas cauzas de que nace a grande difficuldade q̃ ha na eleição deste genero de ministros. Abrahão, & Sara diz o texto Sagrado, q̃ ambos se rirão quando o Anjo lhe deu conta do filho, q̃ hauiaõ de ter, & a primeira vista parece q̃ ãbos se deuiaõ rir pella mesma causa, porẽ não foi assi, diz S. Agostinho, porq̃ Sara riose zõbando de ouuir hũa cousa tão impossiuel ao seu parecer como ter filho, sẽdo steril, & Abrahaõ crendo o q̃ ouuia, riose de espanto, & alegria quẽ hauia de cuidar q̃ o mesmo riso, & pello mesmo respeito hauia de nacer de taõ differentes causas. Muitos homẽs vemos rir igualmente, mas huns o fazem com gosto, outros com malicia: muitos chorar huns de tristeza, outros de alegria, & alguns de colera: mui santa cousa he a sobriedade, mas se vemos jejuarem muitos por virtude, tambem o fazem alguns por auareza, & como as operaçoens sao as mesmas, & as causas differentes, facilmente se engana qualquer entendimento julgando por bom, ou mao o que

Aug. in glos. cap. 8.

o que he mui differente, mas pe ra que aconta da difficuldade desta materia, naõ fiquem mais de ganho os engauos que nella pode hauer, irei apontando as rezoens que mais conueniencia mostraõ pera se escolher hũ bom ministro que com verdade, & inteireza menee a fazenda real. A fidelidade he a que â primeira vista se nos offerece, porque faltando ella todas as mais calidades seruem nesta materia de dar forças aos modos de furtar, & como estes saõ taõ varios defficultosamente se lhe podem aplicar remedios ge rais, porque alguns parecem fie is pella limitaçaõ com que viuem o que muitas vezes nace de auareza, outros se costumaõ acreditar com executarem rigu rosamente os deuedores, traça mais ordinaria dos que querem parecer bons ministros, com a qual mais facilmente enganão, pella utilidade que mostrão grã gear, aproueitandose do rigor pera seus interesses: & como pel la mayor parte estes ministros saõ subordinados a outros supe riores não costumão os Princi pes ter delles conhecimento se não quãdo as queixas os publi cão, & muitas vezes, nẽ estas che gão a ser ouuidas se os tais mi nistros saõ da obrigação dos q̃ gouernão q̃ he mui ordinario o cuparẽ seus criados ẽ officios de menearẽ fazẽda pera por suaviá se aproueitarẽ, & fora de grãdẽ vtilidade aplicarẽse os Princi pes a tomar algũa informação dos q̃ se dão por mais seguros, ou fia dos no poder dos q̃ os fi zerão, ou por serẽ officios de q̃ tẽ pouca noticia, porq̃ nestes se começa adesẽcaminhar a fazen da, como a agoa q̃ por diuersos canos corre pera hũa fõte, se ẽ cada hũ se perder hũa pouca, mal pode chegar â fõte a cãtida de de sua origẽ. E ẽ primeiro lu gar se deue aduirtir nos mini stros superiores de q̃ depẽde os mais, porq̃ se estes forẽ pouco a plicados atratar de fazẽda, não só seruira o seu descuido de dar cõfiãça aos q̃ a tẽ a sua cõta pe ra mais a seu saluo se aproueitá rẽ, mas a necessidade ẽ q̃ ordina riamẽte caiẽ os q̃ tẽ este descui do, por mais ricos q̃ sejão, os o briga a se aproueitarẽ por todas as vias. Indo certa pessoa de ca lidade offerecerse a hũ Princi pe pera o seruir de veador alle gãdolhe q̃ sẽdo rico se achaua alcãçado, respõdeolhe auizada mẽte q̃ mal vos fez a minha fa zẽda pera a quererdes por no e stado da vossa: não pode darboa conta da fazenda alhea quem a não der da sua. Porem suposto que estas aduertencias saõ as q̃ mais ordinariamente se costu mão cõsiderar na elleição dos ministros da fazenda, conuem

mostrão que não são bastantes por mais que pareça que so estas seruem ao acrecentamento da fazenda Real,que as rezoẽs de acquirir,ou conseruar fazenda,saõ mui differentes das que se requerem pera conseruação dos Principes,& muitas vezes acontece que quando os ministros se tem por mais pontuais, & deligentes em seus officios,ẽtão os executão contra o que conuem,& quando mais ostentação fazem do seu zelo cortando pella vtilidade dos vassallos por acrecẽtarẽ a fazenda Real, & com ella a graça dos Principes,então perdem huã cousa,& outra,que o fauor dos Reys depende muitas vezes de causas mais que naturais,& a experiencia mostra que não basta o zelo se passa os limites do que conuem.E porque estas aduertencias farão nelles menos abalo como mais sogeiros ao interesse,he rezão que se façam aos Principes:a primeira seja que não julguem por melhores ministros os que forem demasiados em acrecentarem a fazenda Real contra os vassallos que o rigor demasiado em cobrar não acrecenta tanto a fazenda como deminue os animos,& algũas vezes chega a mais que de excessos de ministros tem nacidos casos extraordinarios com perda dos estados,& miserauel fim dos Principes, experimentou o bẽ a sua custa o Emperador Maximino, oqual tinha na prouincia de Africa hũ ministro, & procurador que cobraua suas rendas,& direitos,o que fazia com tam grande poder, & violencia,que se resolueram os naturais em o matar,& com effeito o fizerão,socedeo daqui q̃ receandose os homicidas fazerlhe mal o Emperador,& castigallos pello que tinhão cometido,se rebelarão contra elle,elegendo por Emperador a Gordiano oqual gouernou algũ tempo,sendo viuo Maximino,q̃ furiosamente daua com a cabeça pellas paredes,com sentimẽto de perder o Imperio,por huma tão facil cousa como fazer erradamente elleição de hum ministro.O Emperador Valente foi queimado pellos Godos em huã casa palhisa por causa de dous ministros, que por seu mandado partião as terras de Missia pera os Godos habitarẽ, aqual repartição fazião tão cruelmente que enfadados os Godos destruirão toda Missia,& passarão a Tracia, & a sogigarão não so com miserauel fim do Emperador, mas com grande tribulação de todo Imperio bastando dous ministros, desarrezoados pera causarem tantos males.Que os Principes dessimulem as injustiças,& tiranias de ministros

Hist.Imper.

Hist.pontif.

ministros contra o pouo cousa he que ja se tem visto, mas poucas vezes sem castigo de huns, & outros. Seruindo entre os Athenienses deuedor da fazẽda Periandro foi acusado por fazer certa repartição de trigo pello pouo com mais respeito, & menos largueza do que conuinha oq̃ bastou pera ser apedrejado, & miserauelmente morto. Se fora cousa ordinaria deserirẽ as queixas do pouo não faltarão apedrejados, ou se saraõ as desordens, & com ellas as queixas, porem quando estas se naõ aplacaõ com castigo, mal podẽ ter emmenda os excessos, nem o Principe tem desculpa nas desordens que os ministros cometem quando naõ saõ mui aprouados, antes se mostra complice em seus males que entre Principe, & ministros ha certa relaçaõ que quando se não funde em semelhança, ao menos a denota, que os ministros diz o Esperito Sancto, saõ retrato do seu gouernador, & isto parece q̃ quis dizer S. Paulo quando aconselhaua aos naturais de Corintho a serem taõ perfeitos nas obras de virtude que mostrassem ser ministros de tal Principe como era Christo pera o imitarẽ, porque ou ministros haõ de imitar ao Principe, ou o Principe se ade conformar cõ as obras dos ministros. E naõ ha duuida que

Alex. ab Alex l. 2. geni a'um di erum c. 2.

Eccles. 10.

1. ad Corint. 4.

muita parte das desordens da republica, & dos ministros que a gouernão tem dependencia da condição do Principe com quem se pretendem conformar, & que as vexaçoens que se fazem aos pouos se desculpaõ com o mandado dos superiores, & ao menos se ocasionaõ com permição sua, porem não duuido que tal vez possa ser a crueldade dos mesmos executores, que de tal maneira se encarnição no sangue de seus proprios companheiros que tẽ por gosto destruilos ainda que se arrisquem a serem castigados posto que ja se tem conuertido esta paixão em rezaõ destado, de grangear reputação, & fama ẽ que os Principes se mostrão culpados porque a vista de hũ que montou por cruel, & presiguidor, querem todos seguir o mesmo caminho, estimando mais qualquer respeito proprio por piqueno que seja que o bem, & quietação de toda a republica. Perguntão alguns se o desgosto que o profeta Ionas tinha de se não destruir a cidade de Niuiue como elle tinha profetizado nacia de zelo de ver comprida a palaura de Deos, se de receo de o terem por profeta falço, não duuido que algum zelo teria da honra de Deos, porem o interesse particular de conseruar opinião, & credito he taõ

poderoso,que não me espanto querer antes Ionas ver destruida huã taõ grande Cidade que verse defraudando de qualquer piquena de reputação,que opri meiro intento de todas as acçoens,he o interesse particular ainda que custe o sangue de hũ Reyno,não digo que he malicia natural nos homens,porque alguns auera que a não tenhão, porem digo que he doença cõtagiosa de ministros, com pouca esperãça de saude,se os Principes naõ aplicarem os remedios necessarios,que em semelhãtes doenças se ve a necessidade que ha de serem medicos, & naõ se persuadaõ a que he de pouco porte a crueldadedos ministros por descarregar somente sobre o pouo, sendo raros os casos em que os Principes cheguem a participar dos inconuenientes,que quando naõ ouuesse outro mayor, que a desafeição do pouo,naõ vejo cousa de mayor consideração pera hum Principe vigiar muito sobre o procedimento dos ministros,& est a he a rezaõ destado cõ que a Rainha Hester persuadio a el Rey Asuero a castigar a Amaõ dizendolhe ser tal a sua crueldade que redundaua no mesmo Rey,naõ porque Amaõ pudesse ser cruel com o Rey,nẽ porque fosse consentidor das desordens,& execusoens de Amaõ contra os Iudeos, mas chegaua a crueldade a pessoa Real pello odio,& má vontade que o pouo auexado,& perseguido cõcebia contra o Rey q̃ tal sofria,& vẽ isto amontar tanto ẽ respeito do amor que os vassallos deuẽ ter a seu Principe;que naõ saõ de nenhum momento todos os interesses q̃ dos tais ministros, & suas execusoens podem resultar.Os Romanos tinhaõ certos ministros de fazenda a que chamauaõ questores acuja conta estaua cobrar as rendas,& as cõdenaçoens pecuniarias,& fazer os pagamentos necessarios a gẽte de guerra,officios no principio de sua criaçaõ mui ordinarios,porem vieraõ pello tempo a ser de tanto porte que Tito Quinctio Capitolino tendo sido tres vezes Consul naõ pos duuida em seruir os officios de Questor,& Cataõ depois deter alcansado triumpho, & depois de velho seruio o officio de Questor,& foi taõ poderosa a necessidade que a republica teue de serem estes ministros de fazenda pessoas de prudencia, & zelo,que naõ so lhe deraõ authoridade em materias de fazẽda mas podiaõ os Questores ẽ auzencia dos Consules ajuntar o pouo pera em cortes determinarem por votos o que fosse necessario.Outros Questores auia que por decreto do Senado alcansa-

ab Alex lib. 2. c. 2.

cansauão prouincias pera as gouernarem, & podião determinar todas as causas juidiciaes, terem Lictores, & trazerem por toda a prouincia as insignias de Magistrado, & outras prehemineneias, & poderes semelhãtes, com que naõ so a fazenda era milhor administrada, mas o pouo mais satisfeito, & menos auexado que naõ ha duuida depender muito dos ministros de fazenda a consolaçaõ da gente plebea, & pello conseguinte a paz, & felicidade da republica; & assi deuem os Principes fazer muito caso de eleger pessoas de authoridade, & virtude, naõ tanto por serem mais fieis como por importar a consolaçaõ, & satisfaçaõ dos vassallos naõ serem auexados pellos ministros, que os mais crueis saõ os que menos calidades, & jurisdiçaõ tem.

DISCVRSO XIIII.

Trata dos Embaixadores.

HE costume antigo & necessario vsado em todas as naçoens, & praticado em todas as idades communicarense os Principes por Embaixadores q̃ com sua prudencia, & authoridade tratem as materias de importãcia a que elles pessoalmẽte não podem assistir, & como he tão ordinario mandar, como receber Embaixadores, não so conuem dizer, como se hão de escolher os que se mandão, mas como se hão de asseitar os q̃ se recebem pera o que hemos de presupor que de tres couzas costumão seruir os Embaixadores ou de honrarem a pessoa a que saõ mandados, ou de espantarẽ & meterem temor, ou de tratarem materias graues, & de qualidade que por cartas se não podem com facilidade effectuar; & posto que o custume tem introduzido tantos aparatos, & fausto, que so se buscão os Embaixadores que mais cabedal tem pera gastarem, sera rezam particularizar as qualidades, & partes que nelles se deuem escolher conforme as Embaixadas que ouuerem de tratar, porque huns terão necessidade de ostentação somente; outros bastara terem prudencia sem mais outro cabedal, outros teram necessidade de huã, & outra couza. Quando o Principe quer hõrar, & autorizar outro Principe ainda que seja inferior he mui necessario o gasto, & ostentação, como fez elRey de Babilonia, oqual vendo que elRey Ezechias, posto que seu desigual no poder tinha tanta virtude, q̃ fazia parar o sol, a que os Babilonios adorauão por Deos determinou

terminou mandarlhe hũa Embaixada mui autoriza,& custosa pera desta maneira mostrar reconhecimento,& amisade a quem o seu Deos obedecia.Outras Embaixadas se mandão pera espantar, & meter medo a quem se mandão,& estas saõ mais ordinarias na guerra, que na paz,& requerem mais entendimento,& menos aparato,porque os gastos demasiados mostrão menos confiança, & que se faz muito caso da pessoa a q̃ se mandão. Os Lacedemonios mandarão a elRey Demetrio hum so embaixador contra o costume que tinhão de mandarem dous,& tres,querendoo assi afrontar por ter os Embaixadores de Athenas dous annos em sua corte sem tomar resolução com elles,elRey se deu por agrauado mostrandose mui sentido de lhe mandarem semelhãte embaixada porem como o embaixador não hia mais que vingar os Athenienses da afronta que os seus tinhão recebido, respondeolhe,que a hum so homem se não mandaua mais que hum so embaixador, mostrando o pouco caso que delle fazião os Lacedemonios, & como o não tinhão em mais conta q̃ que qualquer pessoa particular.Outras embaixadas requerem aparato, & entendimento como saõ pera tratarem, casamentos,pazes, & outras semelhantes cousas,onde o aparato serue de manifestar o gosto cõ que se fazem,& o entendimento de segurar as condiçoens cõ que se confirmão,&o mais acertado he cortar pello aparato q̃ pello entendimento,como fazião os Romanos que ordinariamente pera suas embaixadas escolhião os melhores entendimentos,ainda que nas mais cousas exteriores ouuesse falta, & nisto erão tão demasiados que chegou Marco Catão azõbar das embaixadas dos Romanos dizendo que não tinhão pes,nẽ cabeça,nem corpo, vendo tres embaixadores hum doente da cabeça outro dos pes,outro do estamago,porem não andauão pouco auizados porque mostrauão a confiança que com muita rezão tinhão,& quando isto não fora nas materias de importancia mais necessario he muito entendimento com pouco aparato,que falta delle com faustos exteriores,deste parecer era o auizado Rey de Aragão Dom Affonso tam conhecido por sua prudencia oqual ouuin do dizer que alguns Reys de Europa mandauão ao Concilio Basilense Embaixadores mui illustres, & poderosos, escolheo pera mandar ao tal Concilio hum homẽ mui ordinario, mas o melhor Iurisconsulto daquelle

Panorm. de rebus gestis Alph.

se tempo,& o Arcebispo Panormitiano grande canonista dizẽ do que em ocasião de letras se naõ auiaõ de escolher embaixadores nobres, & ricos mas letrados. Importa tambem muito principalmente nas materias de guerra buscarse no Embaixador, naõ so entendimento mas esforço,& valor, porque as couzas presentes mouem mais que as auzentes,& como o embaixador reprezenta a pessoa do Principe,& do estado se he valeroso mostra terem o mesmo valor os que o mandaõ. O brio que Pompilio mostrou em hũa embaixada que leuou do Senado delRey Antiocho lhe alcansou o que pretendia com muita facilidade, sendo cousa taõ ardua que dificultosamente a pudera acabar qualquer outro embaixador por rezoens, o que fez sem mais aparato, nem discurso que dizer a elRey cõ grande animo que se naõ moueria do lugar em que estaua a te lhe responder com resoluçaõ a embaixada que leuaua do Senado Romano. Os embaixadores q̃ se recebẽ se saõ de Principes superiores, ou iguais se deuem a gasalhar com cortezia,& gasto porque nenhũa cousa exaspera mais aos Principes que o mao trato com que se recebem os seus embaixadores: as guerras q̃ Dauid fez a elRey Amaõ taõ trabalhosas,& continuas naceraõ de naõ agasalhar bem os seus embaixadores,& a morte q̃ elRey Toluno deu aos tres embaixadores Romanos foi causa de que se não aquietassem os Romanos atè o matarem,& desbaratarem o seu exercito, e menos que isto bastou pera os Athenienses terem grandes trabalhos,& padecerem infinitas guerras, não aceitarem por conselho de Deucles, hum embaixador dos Lacedemonios. He materia de muita consideraçaõ o tratamento dos embaixadores: não se atreueo o Xarife de Marrocos tratar mal o embaixador do grão Turquo dezejãdoo muito, quando lhe pedia q̃ soltasse a elRey de Fez,& com o embaixador lhe fazer muitas descortesias o despedio sem lhe fazer mal algum contentandose com lhe não dar reposta a sua embaixada,& assi he de muita estima,& credito do Principe a honra que faz aos embaixadoros; & o mais ordinario meyo que ha pera se fazer bẽ quisto com os estrangeiros he o gasalhado que lhe faz, ainda que sejão mandados de estados ou Principes inferiores quando verdadeiramente saõ senhores a que compita poder mandar embaixadas, porque em caso diferente se pode fazer o que fez o Duque Dalua o qual estando

com

com seu campo junto a Lutemburg mandandolhe os rebeldes hum embaixador, a reposta q̃ lhe deu foi mandalo enforcar, porque ainda que os priuilegios dos embaixadores saõ taõ ãplos não deuem vsar delles, nẽ merecem nome de embaixadores os que não saõ mandados por Principes, ou estados liures: & os que saõ mandados por rebeldes quais estes erão merecẽ castigados como complices na rebelião. Alguns aprouão o que Lycurgo mandaua em suas leys que os embaixadores fossem sẽpre dous, & entre si enimigos, porque temẽdosse hũ do outro não fizesem traição a republica, & hum descubrise a falta do outro. E posto que Santo Thomas reproua este costume era fundado no ruim sucesso que tinhão os embaixadores, o que tambem poderia nacer de outras causas, & assi moderando a ley de Lycurgo parece que quãdo os embaixadores sejão dous sera bastante não serem mui parentes, ou amigos, & não absolutamente inimigos porque condiçoens differentes dificultosamente se cõformão, & raramẽte se confião, & assi ficão sesando os inconuenientes que podem resultar do odio que se tiuerem de que nunca nacerão bons effeitos. A primeira consideração & fundamento do embaixador deue ser tratar verdade cõ muita pontualidade, assi na embaixada que der, como em relatar a reposta, que receber, porque alguãs vezes saõ tão poderosos respeitos particulares que fazẽ acresentar, ou deminuir o que pode desgostar o Principe, & de mui pequenas causas vemos que se ateão guerras mui continuas, se arrazão, cidades, & Reynos, & se destroem muitos vassallos, & se quisermos buscar o Principio acharemos que o particular respeito de hum vassallo encobrindo o que deuia declarar, ou manifestando com differentes cores o que lhe estaua mil hor, foi causa de tantos males. Platão quando quis determinar em suas leys a pena que merecia quẽ cometece semelhante crime não se atreueo a declarala parecendolhe que podia ser menos do que meresessẽ os malles que deste resultassem, & assi diz, que os Iuizes arbitrarão o castigo que neste caso parecer justo segundo o perjuizo q̃ delle resultar: donde bem se infere o grande crime que comete o embaixador que por paixão, ou particular respeito forcauza de desgostos ẽtre os Principes ainda que a primeira vista pareção de pouco momento: asi o entendeo Aristoteles quando quis ensinar aos embaixadores a claridade com que deuiaõ relatar

Plat. de legibus dial. 12

Arist. Rhet, & Ale c. 29.

latar suas embaixadas,& quando o Spirito Sancto por Salamão fala nesta materia parece que poem a saluação, & felicidade de hum Reyno na fidelidade do embaixador: nem he de menos consideração o cuidado com que deue vigiar as materias que tocarem ao seruiço do Principe: porque(como dezia certo politico falando dos embaixadores)se o Principe deue empregar os olhos, & ouuidos em tudo aquillo,q̃ cõuẽ ao bẽ,& cõseruação do seu estado,& estes sẽtidos saõ tão limitados q̃ não pode sua virtude estẽderse a Reynos estranhos,mãda outros olhos,& ouuidos quasi proprios quais saõ os ẽbaixadores,peraq̃ vejão,ouçaõ,&palpẽ aquillo aq̃ o Principe pessoalmẽte não pode asistir,& assi como a autoridade do officio he tão grãde o ẽcargo naõ pode ser pequeno,nẽ se deue ter por pequeno o merecimẽto dos q̃ cõ prefeiçaõ comprirem com a obrigaçaõ deste officio.

DISCVRSO XV.

Apontãose algũas aduertencias em respeito dos ministros.

Epende tãto a felicidade da republica do procedimento dos ministros q̃ me parece pouco tudo o q̃ esta dito ẽ respeito da necessidade q̃ ha de se elegerẽ cõ grãde cautela,& de se vigiarẽ cõ grãde cuidado,por q̃ quais forẽ os ministros,tal sera o Principe,& tais os vassallos q̃ nẽ os Principes podem ser justos,se suas resoluções forẽ executadas por ministros injustos, nẽ as leys podẽ ser de efeito algũ sẽdo executadas porquẽ se naõ cõformar cõ ellas ẽ todas suas acçoẽs: pello q̃ recopilarei neste vltimo discurso as aduertẽcias q̃ me parecẽ mais necessarias por não gastar ẽ cada hũa,dellas hũ discurso,se nos passados tiuer dito algũa a outro proposito naõ perjudicara a repetiçaõ mais q̃ ao gosto,porq̃ não pode deixar de ser vtil ẽ carecer muitas vezes o q̃ he tão difficultoso de executar por mais vezes q̃ se diga. A primeira aduertẽcia seja a cõstancia,& valor q̃ os ministros deuẽ ter,principalmẽte os q̃ tiuerẽ a sua cõta o julgarẽ os vassallos,& acõselharẽ os Principes,cõformãdose cõ ajustiça não cõ o gosto,excelencia de q̃ Plinio louua ao Emperador Traiano ter tais ministros q̃ se atreuiaõ dizerlhe as verdades,& darẽ cõtra elle sẽtẽças sẽ serẽ por essa causa desfauorecidos. Cassaneo refere dos Reys do Egypto q̃ costumauão quando prouiaõ algũ cargo de justiça mandar ir ãte si o prouido, & jurar solemnemẽte de não quebrãtar hum ponto da justiça,& ainda

Plin. in panegyr.

Cassan. in Cath gloriæ mundi. 1 p. con. s. 24.

que a mesma pessoa Real o mãdase, remediando por este modo a fraquesa de alguns ministros tão pusilanimes que ja cuidão que os priuão de seus cargos se dão hũa sentença contra a fazenda Real, com o que se uão ao inferno, & roubão as partes, sem gosarem por esta causa de interese algum neste mundo, q̃ neste particular se manifestão os juizos de Deos ordinariamẽte pera escaramento nosso: & he lastima ver alguns ministros, naturalmente tão leues, que com qualquer vento de fauor, ou medo mudão de parecer em materias mui pesadas, & perjudiciais às partes, em que eu cuido que tem mais parte a ignorancia q̃ a maldade, porque o Spirito Sãcto diz, que tem o ignorante a condição da lua em não estar sẽpre no mesmo estado: de certo ministro se assirmou, & se achou ser certo que conhecendo a justiça de hum pleiteante se encarregou muito de lha fazer guardar, & porque hum ministro poderoso tomou a sua cõta a parte contraria por ser de sua obrigação elle se volt ou ẽ seu fauor contra o q̃ tinha por si a justiça. Falando Origenes de Elcana pai de Samuel repara ẽ lhe chamar a Escritura hum varão, & acha q̃ foi particular louuor seu querendo mostrar q̃ era hum so na constancia, & valor, porque ha alguns que no mesmo indiuiduo se pode dizer que saõ muitos pella variedade & inconstancia com que se inclinão a qualquer respeito de temor, ou de interese, não tendo cor propria, mas participada como o vidro, que a toma do q̃ esta mais chegado a elle; & esta querem alguns que sejã a rezão porque Deos não quis que no templo de Salamão houuese vasos de vidro, hauendo muitos de ouro, prata, & metal: não cõuem que no templo, nem na republica siruão vasos de vidro, nem homens vidrentos que cõ qualquer ocasião se alterão, & mudão de cor, ou descompondose com as partes, ou variando nas acçoens sem respeito a justiça, & rezão, mas á natural incõstancia de sua condição. S. Hieronimo louua em Socrates ser tão senhor de si que não daua fè mais que da justiça sem se inclinar a respeito algum, nem aìnda as paixoens naturais: conta delle o S. q̃ deshonrandoo de palauras, sua molher Xanthipa, & dizendolhe grandes afrontas, vltimamente lhe arremeçou hum jarro de agoa com q̃ o molhou todo, porem elle lhe tirou o chapeo dizendolhe, bẽ me parecia a my que depois de tantos trouoens não podia deixar de vir chuua: he mui de homens briosos esta igualdade

Eccles. 27.

1. Reg.

dade de animo; & mui necessaria nos ministros, & pello contrario mui perjudicial assi a authoridade da pessoa como a justiça das partes a condiçam que com qualquer respeito varia. Procopio achou ser particular excellencia de Dauid não mostrar alteração com os louuores de Ionathas, nem perder o brio com as afrontas de Saul, & Saõ Ioaõ Chrysostomo notou a este proposito, que no dia d a mayor gloria sua, quando foi leuantado por Rey se confessou por seruo de Saul, fazendo nelle tão pouco abalo as afrontas, como a grandesa do estado: assi o aconselhaua Sam Bernardo a Eugenio Papa quãdo de frade sobio a dignidade Pontifical que mudando de estado não mudasse de condição, & que fosse o mesmo em huma, & outra fortuna, o que acontece poucas vezes, principalmente nos ministros de baixa sorte que com qualquer jurisdição se desconhecem. Que por esta rezão ordenou o Sabio Solõ nas leys que fez aos Athenienses que a gente do pouo prouese os officios de justiça, mas que os não pudese prouer se não em homens nobres parecendolhe que o valor, & constancia era nelles mais certa. Porem tambem esta regra geral tem sua excepção que se a constancia passa os lemites de virtude, dá em pertinacia vicio mui inimigo da justiça, & de que os Principes, & ministros deuem fugir não se gouernando pella primeira informação, nem pella opiniaõ que hũa vez conceberão, que cometeram mil injustiças se se amarrarem a seu parecer sem admitirem as rezoens das partes. Notou Hugo, que foi este peccado del Rey Pharao endurecerse de maneira em sua opinião que não bastarão as rezoens de Moyses, nem ainda a vista de milagres pera cesar sua cõtumacia: ministros ha mui superiores em que este vicio tem lançado grandes raizes com muito detrimento dos que dependem de sua jurisdição, & com pouca esperança de rem edio. Tambem importa que os ministros, não gastem demasiadamente porque he impossiuel não venderem a justiça se a renda lhe não bastar que a vaidade não tem termo, nem repara ẽ inconuenientes, mas somente em se encher, & posto que vemos muitos particulares empenhados, & destruidos por esta causa, nenhum ministro por mais que gaste vemos necessitado, que como esta na sua mão a fazenda alhea pera a darẽ aquẽ quiserẽ remedeão com ella sua necessidade, & sua vaidade: erão os Romanos

Procop.

Bern. epist. ad Eug.

Arist. l. 2. polit. cap. 9.

August. de 12. abusionibus.

tão vigilantes neste particular, que bastou fazer o Senador Rufino ostentação em hum banquete de mais prata do que se esperaua da sua renda, pera o priuarem do lugar que tinha, sendo o mais preeminente da republica: considerem os Reys o que considera o pouo, se he rezão que se permita hum coche, que custa a sustentar duzentos mil reis aquem tem outros tantos de renda, & não pare a consideração no entendimento, mas no remedio, pois he certo que os vassallos hão de pagar as demasias dos ministros, & suposto que faley em coches, pera que se estranhem nos ministros, não sera rezão q̃ deixe de dizer quam perjudicial he o vso delles nos que onão saõ, & quanto necessita de remedio, assi pera que creça o valor, como pera que cessem os empenhos, que muitos fazem semelhantes gastos quasi forçados, tendo por afronta, não vsarem deste genero de vaidade pera não pareserem inferiores a seus vezinhos, & folgarão muito cõ algũa escusa que os desculpe: pegouse este costume de Castella onde a desculpa he mayor por ser menor o gasto, & as inclemẽcias do tempo mayores; nunca em Portugal se teue este trage por necessario nem ainda por conueniente, & não so os vassallos, mas os Reys andauam a cauallo, & as Raynhas em mulas: & quando no tempo prezente se permitise algum coche deuia ser com grandes causas, porque a liberdade de cada hum o vsar sem limitação tem causado muitos males. Outro vicio ha que a primeira vista não parece perjudicial, nem eu reparara nelle se Platão naõ tiuera primeiro reparado, que he o so no demasiado inhabilitando em suas leys pera todos os officios da republica os homens que fossem mui sogeitos a esta paixão, porque com o sono, como aduertio o mesmo Platão, nem se pode estudar o que he necessario, nem remediar o que he perjudicial. Aristoteles lhe chama prizão de todos os sentidos, & semelhança da mesma morte, nos particulares menos nociuo he, porem nos Principes, & menistros pode ser tanto o excesso que os inhabilite, quem aduirtir nas vidas dos mais excellentes Principes, achara que vzauão de mui moderado sono. Alexandre Magno não se podendo liurar de outros vicios deste fugia tanto, que ate do sono moderado se enuergonhaua parecẽdolhe falta ẽ pessoa de tanto valor, chamandolhe os lisongeiros filho de Deos, respondeo que não era se não homem como todos

Alex ab Alex l. 3. cap. 13.

Plat. lib 7. de legibus.

Arist. de somno, & vigilia.

pois

pois tinha hũa taõ grande imperfeiçaõ como era dormir. Plutarcho conta de seu pay Philippe que acordando de hũ grande sono se achou tam alcançado de o verem, que se desculpou com a vigilancia de Antipatro a cuja conta estaua muita parte do gouerno, quando os Principes sejaõ naturalmente dados ao sono, naõ sejaõ de maneira que o peguem aos ministros que se todos dormirem, vigiaraõ os inimigos. Outro vicio mui encontrado ao officio de ministro publico, he o jogo em que se achaõ peores, effeitos que nos gastos demasiados; porque mais fazenda gastaõ os jugadores em pouco tempo, q̃ os mais esperdiçados em muito; & naõ so consomem a fazenda, mas o tempo, & quando hũ tasul chega a empenhar a fazẽda, & a vender as joyas de sua molher, como pode a justiça deixar de padecer, & ainda he peor se hum ministro da casa de jogo, porque tem achado alguns que he hũa traça de furtar mui authorizada. Que hum Principe tenha hũa hora de pasatempo se a certou de se inclinar ao jogo, bem se lhe pode permitir quando o excesso naõ for grande, que os mais ricos naõ escapaõ de necessidades se o jogo passa as balizas de interenimento. O Emperador Caligula por jugar mais do que cõuinha se desautorizou, & arriscou, podendo mais o vicio do jogo que sua propria grandeza; delle contaõ que tendo hum dia jugado mais do necessario encontrando dous homens mui ricos lhe mandou confiscar sua fazenda sem outra causa mais que remediar a perda do jogo. Os Romanos por escusarem este genero de pasatempo, ordenaraõ outros publicos pera recrear o pouo. Suetonio aponta por grandeza, & felicidade de Augusto Cesar hauer em seu tempo mais generos de jogos, que em tempo dos mais Emperadores, porque era sinal que estaua em paz, & liure de guerras, & os Gregos tinhaõ diuersos generos de jogos publicos, como eraõ Olympios, Pythios, Nemeos, & Isthnios quasi semelhantes aos que vsauaõ os Romanos, & naõ so eraõ de vtilidade pera exercicio das forças, & destreza dos membros, como entre nos o jogo da pelota, & espada negra, mas em algumas ocasioens foraõ necessarios. Plutarcho, & Herodoto cõtaõ que quando Dardano Rey tyrano passou a Lydia por aliuiar os soldados da grande fome q̃ hauia algũs annos padeciaõ inuentou muitos generos de jogos

Plut. in apoph.

Man. l. 6. apoph.

Sueton.

Plut. lib de sanitate tuenda Herod. l. 1.

& se hũ dia tinhão que comer o outro passauão em jogos,&recreaçoens o que durou dezoito annos;mui vteis são os jogos publicos,& mui perjudiciais os particulares.Poderá alguem nõ tarme se apontar por vicio digno de se prohibir nos ministros o demasiado vso do vinho?se Salamão o reproua,como poderei eu deixar de falar nelle: & se Platão fes particular ley que os ministros do gouerno da republica não bebessem nenhum genero de vinho,como podera ser licito,não so que o bebaõ com demasia,mas q̃ se lhe permita julgarem os vassallos,&gouernarem a republica, porque ainda que não chegem a padecer todo o mal que o vinho causa,basta qualquer effeito seu, q̃ por esta rezão fizerão os Athenienses ley que não so os ministros,mas nem os soldados bebesem vinho,porque ainda que costuma acrecentar as forças,q̃ he a rezão porque nas batalhas se manda dar com abundancia, achauão elles,que os actos furiosos,& desordenados perjudicauão mais que a falta de forças,& o mesmo costume guardauão os Persas não permitindo aos soldados vinho mais q̃ hũa vez cada anno.Se os Scytas tiuerão esta ley não forão destruidos por elReyCyrio,oqual estando pera lhe dar batalha, vendo que erão muitos em cantidade,& que não tinha com elles partido,entendendo que erão afeiçoados a vinho cobrou confiança de os desbaratar,fingio retirarse apreçadamente deixando o campo cheio de mantimentos,& vinho,os soldados Sytas tanto que virão o exercito dos Persas leuantado se foraõ com grande preça ao vinho,& de sorte se meterão nelle que ficarão incapazes de pelejar,& voltando Cyro com os seus os desbaratou: stratagema de que tambem vsou Anibal contra os Africanos.TendoDe os determinado que Sansaõ fosse Capitão do pouo Hebreo cõtra os Felisteos,lhe prohibio cõ grande rigor o vso de vinho,& sem embargo que as forças corporais eraõ as que mais lustrauão nelle,sabia o Senhor que estas lhe perjudicarião mais cõ o vinho do que lhe seriaõ de proueito,& se as forças não seruem acompanhadas deste vicio que fara o entendimento contra oqual elle mais se arma. A Escretura sagrada faz menção daquelle castigo que Deos deu a Nadab, & Abiu matandoos por offerecerem a Deos fogo alheio,& logo do preceito que pos aos sacerdotes que não bebessem vinho.S.Pedro Chrysologo,Oleaster,& outros conformandose com a opinião dos Rabinos

Alex. ab Alex l. 3.ca. 11.

Iud. 13

Leuit. 10.

binos, dizem que peccarem estes foi por terem bebido vinho, & por esta rezão mandou Deos aos sacerdotes que o não bebesem, por se não arriscarem a outro tanto: & porque esta materia he mui ampla, & não conuem referir as muitas, & rigurosas leys que os antigos promulgaraõ contra este vicio, baste por aduertencia que conuẽ se estranhe nos ministros. Esperarão os que lerem este discurso que tambem aponte os incõuenientes que resultão de serẽ os ministros dados ao vicio da sensualidade, & porque tenho tratado largamente delle em respeito dos Principes não conuem repetir os males, que elle costuma causar, eu me contentarei que as molheres não dem as sentenças, nem gouernem a republica. Porem lembro aos Principes que se houuer ministros em quem se não achem estes defeitos deuem fazer delles muita estimação, peraque escusem pretenderem por valias os lugares que elles procurão merecer por procedimento, & porque os de letras que tem suas ascendencias, saõ os que mais dependem de despachos pois saõ promouidos cada tres annos sera de grande importancia que quando acabaõ se lhe naõ dilatem, & que as residencias se lemitem a poucos dias, porque como muitos naõ tem outra rẽda mais que a do officio, he necessario que se aproueitem no seu trienio pera terem de que se sustentar em quanto naõ saõ despachados, & não se pode ter por conueniente dilatar semelhantes despachos muito tempo, nem fazer os ministros inferiores taõ dependentes dos mayores que os andem cortejando annos inteiros, porque saõ tantos os inconuenientes desta dilaçaõ que naõ he rezaõ apontallos neste lugar:

FINIS

INDEX DOS SINCO LIVROS DA arte de Reynar.

LIVRO PRIMEIRO.

DISCVRSO I.

SE he necessario hauer Principes que gouernem as respublicas, & estados.

Discurso 2.

Qual gouerno seja mais politico, & aprouado, o da Monarchia, ou da aristocracia, ou democracia.

Discurso 3.

Das cousas legitimas, & politicas de possuir os estados.

Discurso 4.

Continuase a mesma materia tratando da successão gouerno mais politico, & aprouado.

Discurso 5.

Se he mais perfeito o gouerno dos homens, & se as molheres tem natural incapacidade pera gouernar.

Discurso 6.

Que idade he mais capas pera o gouerno a do velho, ou a do moço.

Discurso 7.

Trata da criação dos Principes antes que comecem a ter vzo de rezão.

Discurso 8.

Tratase da criação dos Principes depois que começão a ter vzo de rezão.

Discurso 9.

Se he conueniente ao Principe ter noticia das sciencias, & saber em particular alguãs.

Discurso 10.

Se he conueniente aos Principes o exercicio da musica, & necessario na republica.

Discurso 11.

Se he decente a Magestade Real vzar da arte de dançar, & conueniente aos vassallos o exercicio della.

Discurso 12.

Se he de alguã vtilidade a eloquencia

na

na republica.

Discurso 13.

Se conuem aos Principes serem eloquẽtes.

Discurso 14.

Se o exercicio da poesia he conueniente aos Principes, & de algũa vtilidade aos vassallos.

Discurso 15.

Se encontra a authoridade dos Principes occuparense algũas vezes em officios mecanicos por seu passatempo

Discurso 16.

Se o exercicio da caça he conueniente aos Principes.

Discurso 17.

Se os Principes deuem ser destros em todo o exercicio de cauallaria.

Discurso 18.

De outros exercicios a que conuem aplicar os Principes em quanto moços.

Discurso 19.

Se he conueniente que os Principes cazem fora do gremio da Igreja Catholica.

Discurso 20.

A obseruancia da religião, & piedade he o mais efficaz meyo pera o Principe gouernar felixmente.

Discurso 21.

Conuem fugir da superstição, & impiedade extremos da piedade, & religião.

Discurso 22.

Conuem muito aos Principes honrarẽ os sacerdotes, & ministros ecclesiasticos.

Discurso 23.

Continuase a mesma materia lembrando aos Principes que as liberdades & rendas ecclesiasticas deuem com mais cuidado defender que as proprias.

Discurso 24.

Deue o Principe ser continente, não so por rezão de consciencia, mas de estado.

Discurso 25.

Do brio, & valor necessario aos Principes.

Discurso 26.

Continuase a mesma materia do discurso passado, sobre a Magestade dos Principes, & authoridade dos ministros com sua limitação.

Discurso 27.

Apontãose os meyos de conseruar a authoridade.

Discurso 28.

Não se deue conseruar authoridade cõ quebra da justiça.

LIVRO II.

Discurso 1.

Se he mais conueniente aos Principes que se fação temidos se amados.

Discurso 2.

Continuase a mesma materia, mostrando ser o amor dos vassallos o mais efficas meyo de os gouernar.

Discurso 3.

Apontãose os meyos de grangear o amor dos vassallos.

Discurso 4.

O segundo meyo de acquirir o amor dos vassallos

vassallos, he a liberalidade cõ prudencia.

Discurso 5.

Continuase a mesma materia apontando algumas aduertencias necessarias a liberalidade.

Discurso 6.

Em que se apontão outras aduertencias necessarias a liberalidade.

Discurso 7.

Deuem fugirse as causas de odio a primeira das quais he a crueldade.

Discurso 8.

A segunda causa do odio dos vassallos, he a cobiça do Principe tratase de perjuizo dos tributos quando são demasiados.

Discurso 9.

Tratase da clemencia, & da necessidade que os Principes della tem.

Discurso 10.

Limitação com que o Principe deue de exercitar a virtude da clemencia.

Discurso 11.

Tratase da prudencia, e da necessidade que della ha no gouerno politico, & de suas species.

Discurso 12.

Para os negocios arduos serue a astucia specie da prudencia de que se pode vsar sem vicio, & com vtilidade em muitas ocasioens.

Discurso 13.

He parte da prudencia a promptidão da memoria, & necessaria aos Principes, & ministros.

Discurso 14.

A prouidencia he specie da prudencia & necessaria a conseruação das republicas, & vida dos homens.

Discurso 15.

Continuase a materia da prouidencia em respeito dos thesouros publicos.

Discurso 16.

Tambem pertencem a jurisdição da prouidencia os meyos de segurar dos inimigos.

Discurso 17.

Deue estenderse a prouidencia aos costumes, & vsages dos vassallos.

Discurso 18.

Continuase a mesma materia do perjuizo que resulta a republica dos gastos superfluos.

Discurso 19.

Tambem he effeito de prudencia mui necessario ao gouerno saber conjecturar as cousas ocultas das que são conhecidas.

Discurso 20.

Não he effeito de prudencia vsar de extremos aiuda em acçoens boas.

Discurso 21.

Se he effeito de prudencia a confiança demaziada.

Discurso 22.

Se são mais vteis as acçoens aceleradas que as vagarosas.

Discurso 23.

Se he licito aos Principes disfarçarem se em respeito de alguã vtilidade.

LIVRO III.

Discurso 1.

A palaura Real se não deue quebrantar se não em caso que do comprimento

mento della se siga injustiça.

Discurso 2.

Mui poderoso he o exemplo do Principe, & necessario pera encaminhar os vaßallos.

Discurso 3.

Obrigação he do Principe ouuir prõptamente os requerimentos dos vaßallos, mas não ser facil em lhes dar credito.

Discurso 4.

Deue o Principe não so ouuir, mas respõder com palauras, & satisfazer cõ obras.

Discurso 5.

Se he conueniente aos Principes terem priuados.

Discurso 6.

Continuase a mesma materia aduertindo aos Principes que se seruão de priuados, & não se lhe entreguem.

Discurso 7.

Aduertencias necessarias aos Priuados.

Discurso 8.

Se conuem aos Principes mentir, & enganar por algum fim vtil.

Discurso 9.

São mui perjudiciais os lisongeiros.

Discurso 10.

Aduertencias contra a adulação.

Discurso 11.

Deuem os vaßallos grande respeito & obediencia a seus Reys.

Discurso 12.

Continuase a mesma materia, aduertindo que o respeito, & obediencia deuida aos Principes seja regulada pella prudencia, & não pella ambição.

Discurso 13.

Se tem os Principes obrigação de pagar aos vaßallos os seruiços que lhes fizerem.

Discurso 14.

Se tem obrigação os Principes de pagar aos filhos os seruiços de seus pais.

Discurso 15.

Continuase a mesma materia, aduirtindo que ainda faltando filhos se deue dar algum genero de premio depois de mortos aos que merecerão.

Discurso 16.

Se he conueniente que os seruiços se paguem com os officios da republica.

Discurso 17.

Se conuem aos Principes seruirse de traidores em algũa ocasião, & fazerlhes honras.

Discurso 18.

Deue conseruarse a opinião principalmente com os estrangeiros, & inimigos.

Discurso 19.

As rezoens de justiça se deuem antepor a opinião.

Discurso 20.

Se he conueniente gouernarense os Principes por seu gosto, & appetite no gouerno dos vaßallos.

Discurso 21.

Se he licito vsar dos meyos vteis quando não são honestos.

LIVRO IIII.

Discurso 1.

Se he mais conuiemente empregar as forças

forças na propagação do estado se em sua conseruação.

Discurso 2.

Se he mais vtil ao gouerno, & conseruação de estado o engenho grande se a prudencia.

Discurso 3.

Se conuem aos Principes a vnião dos vassallos.

Discurso 4.

Continuase a mesma materia aduirtindo que nem em todos os casos he vtil a vnião.

Discurso 5.

Se conuem fazer vassallos demasiadamente poderosos.

Discurso 6.

Quam importante he a criação dos moços ao bem comum da republica

Discurso 7.

Trata da justiça, & da necessidade que della tem o gouerno politico.

Discurso 8.

Continuase a mesma materia sobre a inteireza com que a justiça deue ser administrada.

Discurso 9.

Da necessidade que as respublicas tem de justas leys pera seu gouerno.

Discurso 10.

Se conuem vsar das leys, & costumes antigos, se variar nelles conforme os tempos.

Discurso 11.

Se são de alguma vtilidade os termos judiciais com que as causas se dilatão.

Discurso 12.

Continuase a materia do discurso passado apontando alguns remedios necessarios a administração da justiça, & obseruancia das leys.

Discurso 13.

Importa muito ao bom gouerno dos vassallos a virtude, & prudencia dos prelados.

Discurso 14.

Apontãose as calidades que se deuem considerar na eleição dos Prelados.

Discurso 15.

Se conuem hauer igualdade em todos conforme a ley de Lycurgo, ou que a desigualdade se mostre nos trages conforme o costume dos Romanos.

Discurso 16.

Em que consiste a nobreza se no sangue, se nas obras.

Discurso 17.

Se consiste na mayor felicidade o melhor estado da republica.

Discurso 18.

Continuase a mesma materia em respeito dos comeres deliciosos, & superfluidades dos banquetes.

Discurso 19.

Continuase a mesma materia em respeito dos vassallos ociosos.

Discurso 20.

Em que se trata da necessidade que ha de se criarem as molheres em recolhimento, & occupação.

LIVRO V.

Discurso 1.

Se deue o Principe sogeitarse ao conse-

lho de seus vassallos.

Discurso 2.

Apontãose algumas aduertencias em respeito das occasioens em que o cõselho se hade pedir, ou regeitar.

Discurso 3.

Das calidades que se deuem considerar na eleição de conselheiros.

Discurso 4.

Na eleição de ministros se deue fazer mais caso das partes naturais que das calidades, & bens da fortuna.

Discurso 5.

Se conuem que os Bispos sejão gouernadores, & Visorreys.

Discurso 6.

Qual importa mais experiencia, ou natural.

Discurso 7.

Se sera conueniente eleger pera o gouerno os que na feição do corpo forẽ mui disformes.

Discurso 8.

Se deuem calificarse as pessoas por fugirem dos cargos, & regeitarse os que os pretenderem.

Discurso 9.

Se os ministros de justiça se deuem calificar por terem mais de rigurosos que de brandos.

Discurso 10.

Se conuem venderense os officios, & honras.

Discurso 11.

Se he conueniente que os ministros superiores, no prouimento, & consultas dos officios anteponhão as pessoas de sua obrigação aos que tem mayores merecimentos.

Discurso 12.

Se he mais util publicar os negocios pera cada hum dar nelles seu parecer, se guardar nelles segredo.

Discurso 13.

Trata dos ministros da fazenda.

Discurso 14.

Trata dos Embaixadores.

Discurso 15.

Apontãose algumas aduertencias em respeito dos ministros.

INDEX DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS destes sinco liuros da arte de Reynar.

F. significa folha C. coluna V. volta da folha.

A

Aarão, & Maria mumurarão igualmente de Moyses, & so elle foi castigado, & porq f. 130.c. 1

Aanon Cartaginense sendoper doado de hũa traiçaõ, intentou outra f. 91.c. 1

Abelha hieroglifico dos poetas f. 33.c. 1

Abeneyud Mouro foi morto por hũ seupriuado f. 160.v.c. 1

Abias, diz Iosepho, que no 1. ẽcontro venceo com 40U. homẽs a Ieroboaõ leuãdo 800U & porque f. 46.c. 2

Abimelech filho bastardo succede na casa de Gedeão f. 10.c. 1

Abimelech matou setenta, & hum irmãos seus, & acabou a vida nas mãos de hũa molher f. 82.v.c. 2

Abimelec deu a Sara dinheiro pera hum veo f. 118.c. 1

Abimelec queixauase de Abrahaõ, porq com o fazer peccar, fez mal a todo seupouo. f. 123 v.c. 1

Abner Capitão General de Saul por hũ pequeno agrauo q lhe fez Isboseth, se passou a Dauid f. 159.c. 2

Abrahão não quer q Isaac vá pormolher a Mesopotamia porq se não affeiçoase a algũa Idolatra f. 43.v.c. 2

Abrahaõ por leuãtar o cutello contra seu filho, foi pai de todos os fieis f. 61.c. 2

Abrahaõ quãdo fez doação de seus bẽs, o q deu aos outros filhos, não quis que o visse Isaac f. 77.v.c. 1

Abrahaõ não mẽtio ẽ dizer q era irmão de Sara sua molher, & porque f. 137.v.c. 2

Abrahão não tẽdo filhos, não estimaua os bens f. 152 c. 1

Abrahão não quis aceitar del Rey de Sodoma os despojos q lhe offerecia f. 167.c. 2

Abrahaõ, & Sara ãbos se riraõ quando o Anjo lhes deu conta do filho que auião de ter f. 248.v.c. 2

Absalão persuadia aos vassallos de seupai q se rebellassẽ, porq não dáua audiẽcia f. 126.c. 1

Absalão quando quis de noite dar sobre o exercito de Dauid, seguio de 2. cõselheiros o mais resolhado, & o mais verboso pelloq se perdeo f. 226 c. 1

Acab ẽuergonhouse de zõbarẽ delle os gẽtios, & por isso idolatrou com elles fol. 62. v.

c.2
Acçoens nacidas de ignorãcia desautorizão f. 79.v.c.1
Achãopor furtar a capa de grã, & regra de ouro de Iosue foi leuado ao valle Achor cõ seus filhos,elle pera ser apedrejado,elles pera escaramentarẽ f.124.v.c.1
Achitophel passoule de Absalão,& porque f.59.c.2
Achitophel Capitão de Absalão porque vio o premio de seus merecimentos empregado em Chusai sem o ter merecido,se enforcou f.77.c.2
Adão gouernaua como pay a filhos f.1
Adagio he dos Gregos: conhecer o panopella ourella f.110 c.2
Adonias pretendeo por via de Bersabe a Sunamites companheira de Dauid na velhice f. 110.v.c.1
Adonibezec se jactaua de q̃ debaixo da sua mesa comião 60. Reys cõ os pes,& maõs cortadas,& Iudas,& Simeão lhe fizerão o mesmo f.83.v.c.1
Adriano Emperador leuantou às cidades,todos os tributos q̃ pagauão f.80 v.c.2
Adriano Emperador disse a hũa velha q̃ lhe pedia audiencia,q̃ lha não podiadar, aoq̃ ella respondeo pois deixai de ser Emperador f.125 v.c.1
Adriano gouernaua o Imperio como se não tiuera nelle nada f.216.v.c.1
Adulação chamada de Cornelio Tacito vicio de catiuos,& porque f.139.c.1
Aduladores chamados coruos por Epicteto f.139.v.c.1.
Adulação a circũstãcia q̃ tẽ mais perjudicial he parecerse cõ a melhor cousa da vida q̃ he a amizade diz Sen. f.140.v.c.2
Adulares saõ como hũ genero de peçonha q̃ mata com alegria f.141.c.2
Oseas,diz que alegraõ aos Reys ibidem.
Aduladores todos saõhumildes seruiçais diz Arist.f.143.v.c.1
Afeição fundada em comunicação,& participação de inclinaçoens f.130.c.2
Afõso o sabio o q̃ disse sobre as discordias f.177.v.c.2
Afõso Emperador o q̃ fez porq̃ hũ poderoso tomou huã herdade a hũ laurador f.128.v.c.2
Afõso 6.de Castella quis matar a Rainha,porq̃ consagrou huã mesquita ẽ jgreja cõtra a palaura que tinha dado aos Mouros f.121.v.c.1.
Afõso o sabio de Aragaõ disse q̃ na pessoa,& não na purpura cõsistia a autoridade Real f.108 c.2
Afõso o Sabio dizia,q̃ se o saber se vẽdera fora elle o mais pobre do mundo f.92.v.11
D.Afõso o sabio de Aragaõ estranhaua o dançar, & na vinda do Emperador Frederico dançou f.27.c.1

Afonso o Sabio de Aragão dezia que o Principe auia de ser obedecido com huã so palaura f. 31 c. 1
Afõso de Castella o 2. dado muito a caça f. 38. c. 1
Afonso 4. de Portugal nas feras se ensayou pera os Mouros f. 38. c. 1
Afõso o Sabio dezia q̃ so os Reys amigos da Iustiça se auião de venerar f. 39. v. c. 1
D. Afõso Hẽriquez lia as guerras dos Machabeos a noite antes da batalha f. 42. c. 2
Afonso o Sabio de Aragaõ lendo a Q. Curcio sarou de huã infirmidade ibidem.
Afõso 5. de Leão casou a Teresa sua irmã com Audalla Rey Mouro de Toledo, & ãbos os Reys foraõ castigados por Deos f. 43. c. 1
Afõso estãdo namorado de Zaida filha delRey de Seuilha a não quis receber ate se fazer Christã f. 44 c. 1
Afõso Rey de Aragão tomou o ouro das jgrejas por violencia, mas morreo miserauelmente f. 55. v. c. 1
D. Afõso Perez de Guzmão tẽdolhe os Mouros cercado a Tarifa, lhe tomarão hũ filho, elhe disserão q̃ o auião de degolar, se a não ẽtregaua, & elle lhes lançou o cutello: & este he o tronco da excellẽtissima casa dos Duques de Medinasidonia f. 61. c. 2
Afonso o Sabio foi de sorte a fauel que não perdeo o brio da Magestade f. 63. v. c. 2
Afõso 10. de Castella desejaua desentranharse, pera os vassallos, & assi mãdou q̃ o seu corpo fosse enterrado ẽ Seuilha; & o coração leuado a Murcia f. 71. v. c. 2
Afõso 11. de Castella era benigno, por se fazer amauel, e seu filho D. Pedro cruel, por se fazer temido f. 73 v. c. 1
Afõso 8. de Castella repartio o despojo da vitoria das Nauas cõ todos sẽ tomar pera si mais que a honra f. 75. v. c. 2
Afõso 10. de Castella vsou hũ lãço de graõ liberalidade cõ a Emperatriz de Constantinopla f. 76 c 1
Afonso 8 de Castella quis por cinco marauidis de tributo pera o cerco de Cuenca, & lhos não quiseraõ cõsẽtir f. 86. c. 1
Afõso Rey de Napoles por ser gastador, chegou a deuer mais do q̃ podia pagar f. 108. v. c. 2
Afõso 10. de Castella o q̃ fez sobre hũa petição do Principe D. Dinis de Portugal seu neto f. 141. v. c. 1
Afõso o Sabio de Aragaõ gabãdoo de sua descendencia o q̃ respondeo f. 208 c. 1
Afonso 11 de Castella reinando de pouca idade, seguia o cõselho dos seus vsando crueldades, depois que gouernou por si foi bom Rey f. 221. c. 1

Afonso 10.de Castella leuantaua o cerco a Niebla pella perseguição de hũa praga de moscas,&com o conselho de dous religiosos o continuou, & rendeo a cidade f.222.v.c.1.

Afonso o Sabio dezia que estimaua os conselheiros q̃ não lhe falauão a vontade f.225 v.c.2.

Agamenon dezia que desejaua ter nos seus exercitos mais Nestores que Achiles f.223.v.c.2.

Agathocles Capitão valeroso de Sicilia foi reprouado em queimar a sua armada estando sobre Cartago porque os soldados vendessẽ bem as vidas f.104.v.c.1.

Agesilao o que disse da constãcia de hum mal feitor f. 65.c.2.

Agesilao não queria que os vassallos o tiuessem por superior,mas por amigo f.72.v.c.1

Agesilao dezia que queria mais fazer ricos aos seus soldados que selo elle f.75.v.c.1.

Agesilao o que respondeo a hũ pretendente sobre certa promessa f.122.c.1.

Agesilao perguntado porq̃ não cercaua a Esparta com muros,respondeo, que os mais fortes erão a concordia dos cidadoens f.178.v.c.1

Agesilao disse que hum Principe pera gouernar bem auia de tratar os vassallos como filhos f.216.v.c.1

Agesilao por deminuir o credito de Lisandro sempre contradezia seu voto f.226.c.1

Agesilao teue humilde presença f.235.v.c.2

S.Agostinho estranha aos ecclesiasticos que gastem cõ passaros,& caens o patrimonio de Christo f.39.c.1

Agouro desprezado por Lucio Iunio Consul foi causa de naufragar a armada de que elle era general f.49.c.2

Agouro desprezado por Lucullo,que em hum dia infausto quis dar huã batalha, dizendo que com a vitoria auia de tirar o agouro daquelle dia f.49.v.c.1.

Agouros,finge Homero,que os escarnecia Hector,& que os mais certos saõ obedecer a Deos e pelejar com valor f.49.v.c.2

Agouros desprezados do Conde Fernão Gonçalues em hũ caso notauel f.50.c.1

Agregentinos comião,& bebião como se nelles se acabasse o mundo dizPlatão f.213 c.1.

Agricula na conuersação era afabel nos conselhos seuero. f.137.v.c.2

Agripina mai de Nero sabia por hum astrologo que elle a auia

a auia de matar, ao que respondeo, que como visse Emperador a seu filho pouco importaua perder a uida f. f. 151.c.2

Alberto Emperador dezia que a caça era exercicio de homens, & á dança de molheres f.27.c.1

Alcibiades ẽ hũ officio da republica perdeo a reputação que tinha na milicia f.157. v.c.1

Alcibiades querendoo ensinar a cantar, respondeo que não era exercicio de Athenienses f.24.c.1

Alemaens não consentião que seus filhos fossem criados se não aos peitos das maens f. 18.c.1

Alemaens tinhão por costume não dar com esperanças de remuneração f.76.c.2

Alcioneo castigou a seu filho Antigono por lhe leuar a cabeça de Pyrro f.91.v.c.2

Alcibiades Capitão cõ traças se conseruou em Athenas cõtra o odio dos cidadoens f. 95.v.c.1.& dellas se valeo pera defender sua patria de hũa grande armada ibidem.

Alcibiades não sofria ainda sẽdo de pouca idade ver outro mais brioso f.172.c.2

Alexandre Magno diz que ao mundo todo auia de gouernar hum so Principe f.5.c.2

Alexandre dezia que mais conquistara o mundo com as letras aprendidas de Aristoteles que com as riquezas herdadas de seu pai f.22.c.1

Alexandre Magno (conta Plutarcho) que sendo ja mancebo aprendeo a tanger viola f.25.c.1

Alexandre nas obras de Homero se ensayaua pera as batalhas f.42.c.2

Alexandre Magno louuado por saber vencer hum appetite, & o que lhe sucedeo com hũa molher f.57.v.c.1

Alexandre vestiose ao modo Persiano depois de ser Monarcha da Persia, & obrigou aos seus ao mesmo f.72.v.c.2

Alexandre Magno repartindo gram copia de ouro pellos soldados, o que disse f.75.c. 1

Alexandre Magno dando huã cidade a hum que a recusaua, lhe disse: eu não respeito a vossa calidade, mas a minha conueniencia f.78.c.2

Alexandre Magno foi notado, porque deu hũa coroa de ouro a hum homem que bebia muito vinho f.79.v.c.c.1

Alexãdre Magno matou a Clyto Capitão seu, & depois sentio com estremo sua morte f 82.v.c.2

Alexandre Magno sobre os tributos disse, que sempre abor

recera os horteloens que arrincauão a ortaliça podendo deixar as raizes f. 87.c. 1
Alexandre foi notado de colerico f. 116.c. 2
Alexandre Mag. se enfadou por que os seus não derão entrada a hũa velha que lhe quis falar f. 126.c. 1
Alexandre Mag. estando pera morrer deixou seus Reynos aos priuados f. 143.c. 2
Alexandre Mag. quis ser adorado f. 147.v.c. 2
Alexandre daua cidades como outros limitados premios f. 150.c. 2
Alexandre Mag. por conseruar os seus soldados fazia mercer a suas molheres em sua ausencia f. 152.c. 2
Alexandre o que respondeo, a conselhandoo que desse de noite sobre o exercito de Dario f. 172, v.c. 1
Alexandre dezia que não era grande o trabalho que se ẽpregaua em alcançar hũa victoria f. 172.v.c. 1
Alex. Mag. casouse com hũa filha de hum Satrapa, & o que vsou porque lho não notasse f. 173.c. 2
Alexandre so a ministros de justiça se sogeitaua, & o que sucedeo estãdo desgostoso por huã injustiça sua f. 187.c. 2
Alexandre priuou da Coroa a Papho, & achou que hũ hortelão era o parente mais chegado aquem deu o Reyno f. 206 v.c. 2
Alexandre Mag. era pequeno de corpo f. 236.v.c. 1
Alexandre Seuero Emperador sendo gentio não consentio que huns tauerneiros se seruissem de hum campo em q̃ orauão os Christãos f. 56. v. c. 1
Alexandre Seuero estimaua q̃ lhe pedissem, por ter ocasião de dar f. 75.c. 2
Alexandre Seuero, não passaua dia em que não fizesse alguma merce f. 79 .c. 1
Alexandre Seuero mandou vẽder todas as joyas de seus antecessores, dizendo que eraõ alfayas de molheres f. 106.v c. 1
Alexandre Seuero disse que a autoridade dos Principes não consistia no trage, mas no valor f. 108.c. 2
Aluaro Nunez de Sarria por priuar com D. Afonso 11. de Castella intentou casar com a Infanta D. Leonor sua irmã, & veio a morrer por traidor f. 136.v.c. 2
Amão dizfarçou o odio de Mardocheo com o zelo, do perjuizo do Reyno f. 133.c. 2
Amassis Rey de Egypto fez huma ley que mandaua que o pretor inquirisse como cada hum viuia, & se algum se sustenta-

ſtentaua ſem ter donde,foſſe caſtigado f.217.c.2
Ambição disfarçada de modo que o que parece zelo he interesse,& o que parece justiça he tirania f.113.c.2
Ambicioſos não ſaõ leais f.159 c.1
Ambição vicio o mais oppoſto ao gouerno eſpiritual diz S. Gregorio f.238.c.1
Ambição,& enueja não ſofre ventagem.f.180.v.c.1
Amizades quis fazer o Papa,& Felippe 6.de Frãça entre el-Rey D. Afonſo de Caſtella 11 & o 4 de Portugal,& o q̃ elles não alcançarão,acabou a rezão deſtado f.103.c.1
Ammonitas deſtruidos por fazerem dos amigos inimigos f.105.v.c.1
Amnon atropella as leys da natureza pella execuçaõ deſeu inceſto f.57.c.2
Amor iguala aos deſiguais f. 57.v.c.2
Amor deſordenado que teue Sichen a Dina o matou,& deſtruio as ſuas terras f.59.c.2
Amor não he o que gouerna as acçoens dos Principes, mas a rezão deſtado de ſua conſeruação f.69.v.c.2
Amor tem não ſo os racionais mas todos os viuentes, & os que o não ſão, diz Ariſtoteles f.71.c.1
Amor dos vaſſallos importa mais pera a defenſão que os exercitos,diz Saluſtio f.72.v. c.1
Amor por natural ſimpatia ajũta os que nas virtudes,ou vicios ſe comunicão f.130.v. c.1.
Anaxarcho ſendo atormentado por hum ſegredo, pello não deſcobrir ſe cortou com ſeus proprios dentes a lingoa f. 248.c.2.
Aneis erão inſignia de nobreza em Roma f.78.c.1
Anibal nas guerras entre Roma,& Cartago o que reſpõdeo falandolhe em pazes f. 177.v.c.2
Anibal ſe inhabilitou com as delicias de Capua f.211.v. c.2
Anibal ſe recreaua com eſpectaculos crueis f.70.v.c.2
Animais tem diſtinto pera conhecer a alteração dos elemẽtos,& ſciencia pera ſe deſuiarẽ dos encontros f.110.c.2
Animais ha que não bebem agoa ſe não mui clara f.164. v.c.2
Animos dos homens,diz Plinio, que ſaõ como perolas, que a inda que ſe crião nas ondas do mar neceſſitão das influencias do ceo f.45.v.c.2
Animo conſtante ha de ter o varão prudente que pareça hũa eſtatua diz Socrates f. 65.c.1

Animos

Animos dos vassallos saõ como cauallos enfreados diz Scipião o mayor f. 209.v.c. 1
Animos achanhados são como homens enfermos f. 228.v. c. 2
Animos dos homens saõ como ferro tosco que com o exercicio se torna resplandecente, diz Plutarcho f. 233.v.c. 1
Anjo quis matar a Moyses por não ter circuncidado a seu filho, & porque f. 109.c. 1
Anjo castiga a S. Hieronymo por se recrear com a eloquẽcia de Cicero f. 30.c. 2
Anjos foraõ os primeiros que cantarão f. 25.v.c. 1
Anjo lutando com Iacob pedio que o largasse, & porque f. 25.v.c. 1
Anjos ministrão a Deos no Ceo, os Sacerdotes na terra f. 52. c. 2
Antiocho Rey demasiadamente inclinado a caça, & o que hum laurador lhe disse f. 38 c. 1
Antiocho comido dos bichos f. 1
Antiocho 3. se ausentou de Epheso por não dar a execução hum desejo de huã Sacerdotissa de Vesta f. 58.v.
Antigono Rey disse que o melhor Capitaõ que tinha era Pirrho, se fora velho f. 14.c. 1.
Antigono Rey dissimulaua o q̃ de si ouuia dizer f. 138.c. 2
Antigono sabendo que Pythõ General seu queria tirarlhe o Reyno, o modo que vsou pera o matar f. 182.v.c. 2
Antipatro o que disse dos priuados sobre a morte que deu Alexandre a Parmeniaõ f. 129.c. 2
Antisthenes filosofo o que disse a Plataõ por ser arrogante f. 64.c. 2
Antonio Pio o que disse estando pera morrer sobre o premio de seus merecimentos f. 154.c. 2
Antonino Pio dezia que nunca nas materias de guerra fizera cousa sem parecer dos seus f. 223.v.c. 1
Apelles o que disse a hum pintor que lhe encareceo a presteza com que fizera huã obra f. 115.c. 1
Appetites preuertem a justiça, abatem a authoridade, consumem a fazenda, debilitaõ o valor, abreuiaõ a vida, diz Philo f. 57.c. 2
Appetite obrigou a Dauid a grãgear a morte de vassallos, & destruir seus exercitos f. 57. c. 2
Appetite sensual acutta a vida, diz Aristoteles f. 57.v.c. 1
Appetitosos conuertem a justiça em crime f. 58.v.c. 2
Appetite de Achab pella vinha de Naboth o fez adoecer. f. 164.

164.v c. 1
Appetite vicio de moços ibidẽ.
Appio Claudio dançaua f. 26. v.c. 1
Appio Claudio se jactaua de q̃ a todos os Romanos diria se us nomes f.97.c. 1
Arachites com capa de amizade enganou a Absalão por cuidar que perualeceria Dauid f. 159.v.c. 2
Areopago tribunal dos Athenienses em que por justiça se executou a primeira morte no mundo f. 240.c. 1
Aristoteles disse que auia semelhança no gouerno da casa; & da rep.f. 1
Aristoteles disse que não podẽ as cousas naturais gouernarse sem imperio, & obediencia f. 2
Aristoteles reproua o gouerno de molheres f. 10.v. c. 1
Aristoteles chama a sciencia medida das cousas f. 23.c. 1
Aristoteles sendo perguntado se a musica era exercicio de Principes, respondeo, que Iupiter não sabia cantar f. 24. c. 1
Aristoteles, que mayor prudencia se requere pera saber calar que pera saber falar f. 31. c. 2
Aristoteles diz, que tres cousas fazem a hum homem perfeito, natureza, arte, & exercicio f. 233.c. 1
Armas dão as vezes justo titulo de Reynar f. 6.v.c. 1
Artaxerxes Rey por perdoar a seu irmão Cyro hũa treição esteue a perigo seu Reyno; porque se leuantou segunda vez f. 91.c. 1
Artaxerxes Rey aborrecido foi morto por hum eunuco de seu seruiço, & lançado aos gatos f. 83.c. 2
A arte nasceo da experiencia, & exercicio, diz Aristoteles f. 233.c. 2
Artemisia chamada por Xerxes ao seu cõselho f. 12.v.c. 2
Aruores criadas de muitos annos com a força de hum vẽto, ou rigor de hum rayo se arrancão em hum instante f. 207.v.c. 2
Asa desterrou de Ierusalem todos os homens affeminados f. 13 c. 2
Asa roubou o templo pera cõprar a amizade de Benadad Rey de Siria f. 42.v.c. 2
Asa padeceo grandes males por se valer de Benadad Rey pagano contra Baasa f. 45.c. 1
A astucia vsa de meyos simulados, & apparentes diz S. Thomas f. 94.c. 2
Astucia, & resolho differem f. 94. v.c. 1
A astucia não differe da prudẽcia mais que em quanto genero, & especie f. 94.v.c. 2
Astuto vê o perigo, & precatase delle

delle diz o Spirito Sancto f. 95.c.1
Astuto se chamou Saõ Paulo pera instruir na fè aos de Corintho ibidem
Astuto no que differe do prudente he que hum ordena com madureza, outro executa com cautela f.95.c.2
A astucia de Iulio Ces. o ajudou pera se fazer senhor dos animos, mais que o valor f. 95.v.c.2.
A astucia do Papa Alexandre VI acabou negocios mui arduos ibidem.
A astucia delRey Dom Pedro 3.de Aragão lhe deo a coroa de Sicilia, & o que lhe sucedeo sobre hum desafio f. 96.c.1
A astucia de Iosaba liurou da morte alRey Ioas escondendoo de idade dehum anno f. 96.c.1.
A astucia de Rebecca deu o morgado a Iacob ibidem
Athalia gouernou tiranicamente f.10.c.1
Athenas começou a perderse cõ as riquezas que tomarão aos Persas f.186.c.1
Athenienses ordenão por ley q̃ não more estrangeiro junto a elles f.9.v.c.1
Athenienses gouernados por dous Reys com vinte oito velhos, e cinco Ephoros f.4.c.2
Athenienses pera se defender dos Lacedemonios se valerão dos vizinhos f.102.v.c.2
Este conselho deu Hermocrates a Saragoça ibidem.
O mesmo seguio Xerxes contra os Gregos ibidem.
Athenienses como virão que o valeroso Alcibiades não fazia caso das frautas com q̃ tangião, nunca mais as vsarão f.123.c.1
Athenienses tomarão por armas a coruja simbolo da vitoria f.172.v.c.1
Athenienses o que fizeraõ quãdo Xerxes hia com hũa grossa armada contra Grecia f. 178.c.1
Athenienses dissimularão hum sacrilegio a Alcibiades, porq̃ estaua de caminho pera a guerra de Sicilia f.188.c.2
Athenienses inuentores do trigo, & das leys f.191 v.c.2
Athenienses eraõ tão moderados, que fazendo hum banquete á honra de Castor, & Polux foi de azeitonas queixo, & porros f.214.c.1
Athenienses cõdenauão a morte por crime de ociosidade, conformandose com as leys de Dragão f.215.c.2
Athenienses diz Plutarcho q̃ erão bons, & maos porque igualmente ẽprẽdião obras boas que crimes graues f. 233 v.c.2
Athenienses leuantaraõ huma estatua

estatua a hũa molher, porque com tormentos não descubrio hum segredo de importancia f.248.c.2
Auareza na muita idade reuerdece mais f.15.c.1.
A aue pello canto se conhece, & o homem pelloque fala, diz Homero f.110.v.c.1
Augusto Ces. não castigou a Diomedes escrauo por se descuidar em ter preso hũ porco montes que arremeteo cõ elle f.91.c.2
Augusto não quis que em comedias se tratassẽ cousas suas senão com muita grauidade; & a huns mancebos nobres, que se não queriaõ aquietar disse: mancebos ouui a hum velho, aquem os velhos sendo mancebo ouuiraõ sẽpre f.67.v.c.1
Augusto Cesar o que disse a huns mancebos que vio sem aquelle trage dos Romanos f.106.v.c.1
Augusto o que disse de Alexandre sobre o adquirir, & conseruar f.171.c.2
Augusto pera grangear o amor de dous mininos que perfilhou, os criou em casa f.19.c.1.
Augusto como se ouue na vingança de Cinna f.169.c.2
Augusto Cesar fez hum tesouro so pera pagamento dos soldados f.101.c.1
A Augusto Cesar disseraõlhe q̃ no altar do sacrificio nacera hũa palma sinal de vitorias, & elle respondeo, que era reprensaõ dos Deoses por se lhes fazerem poucos sacrifificios, pois nacião heruas nos altares f.143.v.c.2
Augusto Cesar era inimigo de que se reparasse na distinção do trage f.205.v.c.2
Aureliano Emperador nunca pode ser persuadido a trazer capa de seda f.106.v.c.1
Aureliano Emperador filho de hum homem desconhecido f.207.c.2
A autoridade aconselhaua Saõ Paulo a Tito que a cõseruasse pera gouernar f.63.c.2
Autoridade, diz Cicero, que he huã exortação q̃ obriga suauemente f.63.v.c.1
Autoridade consiste na constãcia do animo, aprouaçaõ dos costumes, grauidade das palauras, & modestia do aspecto, diz Seneca f.65.c.1
Azas que não saõ naturais faltão no melhor, como as de Icaro f.131.c.2

B

BAgoas Eunuco priuado de Alexandre fez matar por odio a Orsines com testemunhas falsas f.13.v.c.1
Bayazeto 6. Emperador dos

Turcos nunca seguio em materias da guerra conselho f.221.c.2
Balança falsa diz o Espirito Sãto he abominação diante de Deos f.77.c.2
Balam aconselha aos Moabitas,& Madianitas que se querem vencer aos Hebreos, os misturem com molheres forasteiras f.43.v.c.2
Balam ha duuida se foi feiticeiro, se Propheta f.240.c.2
Balthassar foi castigado de Deos por vsar dos vasos sagrados no banquete,& não Nabucodonosor que os furtou no templo de Ierusalem, & porque f.47.v.c.1
Banquetes da Escritura a mayor parte pararaõ em casos desastrados,Absalão em hũ matou a Amão,Baltassar em outro teue sua destruição,os filhos de Iob perecerão em outro,Herodes em outro cometeo a morte do Baptista f.213.v.c.1
Banquetes de Platão os mais apparatosos erão de verças, & queijo f.214.c.1
Basiano Emperador por comunicar seus segredos a hum priuado perdeo a vida f.247 v.c.2
Bello Rey idolatra f.1
Bello adorado em huma estatua de pedra deu principio aos idolos f.2
Bem exterior he particular dom de Deos,diz S.Agostinho f.234 v.c.1
Beneuolencia he a perfeição de hum Principe, dezia elRey Agesilao f.74.c.1
Bermudo segundo de Leam prendeo a Dom Iuste Bispo de Ouiedo,& ate que o soltou padeceo aquelle Reyno grande esterilidade f.52. v.c.1
Bernardo del Carpio desafiou a seu Rey Dom Afonso terceiro de Leão,porque depois de muitos seruiços lhe não soltou a seu pay f.148. v.c.1
Frey Bertholameu dos Martires pera aceitar o Arcebispado de Braga o obrigou seu prelado f.238.c.2
Bibora sendo pequena basta pera matar hum grande touro f.72.c.2
Bichos peçonhentos nacem da corrupçam dos elementos f. 84.c.2
Bion filosofo o que passou com elRey Antigono sobre perguntarlhe de que familia era f.208.c.1
Bispos inficionados com erros no tempo de Rotharis Rey dos Longobardos preuerterão a todo o pouo f.200.v. c.1

Bran-

Brandura he (diz S. Thomas) hum trato, & comunicaçaõ igual f.88.c.1
Brandura culpauel he tão danosa, como a crueldade sem rezão f.90.c.1
Brandura de Sardanapalo acabou a Monarchia dos Assirios ibidem.
Bremo Capitão Frances querendo roubar o templo de Apollo se matou com suas mãos f.50 v.c.2
Brigas entre os que andão ao bafo do Principe, se fundão em quem melhor ade enganar, diz Seneca f.139.v.c.1
Brio participa da colera, diz Seneca f.117.c.1.
Brotheo enfadado do pouco caso que delle faziaõ por ter mao rosto, se queimou f.235 c.2

C

CAça começou em matar feras, depois em catiuar homens f.37.c.2
Caça diuide Platão em violenta, & natural f.37.v.c.1
Caça natural he montaria, volataria, & pescaria. f.37.v.c.2
Caim o primeiro Rey que houue no mundo conforme S. Agostinho f.1
Caim homicida f.1
Caim o sinal que Deos pos nelle foi huma doença de parlezia, com que andaua tremendo, & temendo que o matassem, porque depois da morte de Abel ficou parecendo bruto, & não homem f.83.v.c.2
O cam vendo a carne que tinha na boca em huma fonte, soltou a por lhe parecer a outra mayor: Alciato f.98. v.c.2
Cayo Graccho aplicaua a sua eloquencia a perturbar a republica f.29.c.1
Cayo Fannio fez ley que se não comesse mais que huma iguaria de carne, & não se gastasse na cea mais de quarenta reis f.213.v.c.2
Cayo Cesar fez merce a huma molher, porque não confessou com grandes tormentos hum delito de hum amo seu f.248.c.1
Calaure compoense de muitos fios, cada hum fraco, depois de vnidos fortes f.74.c.1
Caligula Emperador mandaua chamar os conselheiros de noite pera os fazer dançar f.27.v.c.1
Caligula dezia que os Romanos auião de ter hum so pescoço pera os leuar todos de hum golpe f.84.c.2
Caligula obrigou os vassallos que morrião, que o deixassẽ por herdeiro f.109.c.1

caligula pello jogo lhe veo muito dano,& a seus vassallos f. 142.v.c. 2
caligula quis parecer na gentileza,& mais partes o melhor de seu Imperio f. 166. c. 2
caligula mandaua desfazer pedras preciosas,que lhas deitassem no comer f. 214.v.c. 1
cambyses por desmentir a opiniaõ que tinha de beber demasiado,o que fez f. 68.v.c. 1
caminho direito pera a ruina he a luxuria,diz Properciõ f. 59.c. 1
capitão hum poeta coxo de hũa perna f. 33.c. 1
capitaens hão de desprezar agouros f. 50.c. 1
capitaens não se sugeitem tanto a rezoens humanas que desprezem os meyos diuinos f. 50.v.c. 1
carlos de França se persuade facilmente ao conselho de hũs adeuinhadores f. 31.v.c. 1
Carlos de França gozando as delicias de Napoles o perturbou a noua dos Principes que se conjurauaõ contra elle f. 179.v.c. 1
cartaginenses tinhão hum magistrado presidente da vida & costumes f. 217.c. 1
Cartaginenses fizeraõ ley que so os ricos seruissem os officios da rep. mas Aristoteles a reproua f. 227.v.c. 2
casa de Abrahaõ fundada nas esperanças do Messias prometido f. 44.c. 1
casa de Austria honrada de Deos por huã cortesia feita a hum sacerdote f. 53.c. 2
Castidade,prudencia,& sciencia virtudes proprias dos Prelados f. 201.v.c. 2
castigo que Deos deu a molher de Loth pella desobediencia perpetuada na estatua de sal f. 89.v.c. 2
Castigos rigorosos endurecem o animo de quem os recebe, & não emmendão o vicio f. 88.c. 2
castigo que Natão Profeta intimou a Dauid,& porque f. 130.c. 2
catão nunca apartou de si a seus filhos f. 19.c. 2
catão priuou a Manlio de Senador,& porque f. 21.c. 1
catão censorino cantaua sem instrumento f. 25.c. 1
Catão Censorino porque ouuio huã elegante oração a Carneades que o lançassẽ de Roma f. 28.c. 2
catão não quis dar sua filha a Pompeyo por ter no procedimento alguma falta f. 44. v.c. 2
catão não quis receber em seu

ser

seruiço hum mancebo por falar muito f. 65. v. c. 2
catão mayor era mui graue, & demasiado seuero; hum criado seu por não chegar a ser reprendido delle se enforcou f. 112. v. c. 2
catão nunca se quis sugeitar a ualerse da clemencia de cesar f. 176. c. 2
Catão semeaua discordias entre os criados f. 178. v. c. 2
Catão sendo consul recebeo os embaixadores de Etolia, comendo em louça de barro; & offerecendolhe elles hũa baixella de ouro anão quis f. 212. v. c. 1
cataõ não tinha mais que tres criados f. 212. v. c. 1
catão Vticense pretendeo o officio de Pretor merecendo outro mayor, & lho negaraõ f. 236. v. c. 1
cauallo se he aperta do com demasia procura lançar de si ao caualleiro f. 86. c. 1
Cecilio Metelo depois de alcançar dous triunfos pretendeo o consulado, & lho negarão f. 236 v. c. 2
censores Romanos tinhaõ cargo de reprender, & castigar qualquer falta que soubessem, & dos rigores que vsatão f. 216. c. 1
censor era cayo Fabricio quando priuou da dignidade de Senador à P. cornelio da geração dos Patricios f. 216. c. 2
cetro do que gouerna hade ser meneado com a rezão, & não com a vontade, diz, S. Gregorio f. 216. v. c. 1
Chaõ seruo de seus proprios irmãos f. 207. c. 1
Chilperico Rey de França pos em seu Reyno, que pagasse cada pessoa certa medida de vinho, pello que muitos desempararaõ o Reyno f. 86. c. 2
christo antepos ás cans de Sam Pedro ao amor de Sam Ioam para o gouerno f. 14. v. c. 1.
christo disse aos discipulos que auião de ser pescadores de homens, & não caçadores f. 38. v. c. 2
christo nos mayores milagres que fez, primeiro quis se vsasse da industria dos homẽs f. 48. c. 2
christo pera resucitar a Lazaro mandou que primeiro tirassem a pedra da sepultura f. 48. c. 2
christo remeteo ao sacerdote o leproso, & porque f. 52. col. 1.
Christo aduertio aos discipulos que tinhaõ necessidade de espadas f. 54. v. c. 1
Christo disse a Saõ Pedro q

nas entranhas de hum peixe acharia a moeda com que a uia de pagar o tributo, & peraque f.86.v.c.1
Christo com o que padecia, & com o q̃ perdoaua, daua bastante argumento pera que os Iudeos o conhecessem por Messias f.89.c.1
Christo deu poder a S.Pedro pera fazer bem, pois lhe entregou as chaues do paraiso, & não do inferno f.89.v.c.1
Christo quis que aprendessem não so do que ensinaua mas do que fazia f.123.v.c.2
Christo na mesma eleição que fez de seus Apostolos, ficaraõ prudentes, & letrados sẽdo inhabeis f.157.c.1
Christo não disse a S. Pedro q̃ trosquiasse as ouelhas, mas q̃ as apacentasse f.201.c.1
Christo porque se quis nomear sempre filho da Virgem f.207.c.2
Cicero disse que tiuera o mũdo fim faltando o gouerno f.2
Cicero, & Appio contendem sobre qual nobreza he de mais estima f.207.c.2
Cid sobre Valença pede que lhe entreguem a Abemafa Mouro, & porque f.205.c.2
Cidadoens de Antiochia enforcarão aos executores de hũ tributo que pos o Emperador Theodosio, & arrastaraõ a estatua de sua molher f.86 c.2
Cyro encomenda ao Principe que se sirua daquelles com quem se criou pella noticia dos talentos f.19.v.c.1
Cyro por afabel com o pouo lhe deu hum laurador huã romã, & outro hum vaso de agua, & a ambos deu ricas dadiuas f.74.v.c.1
Cyro por mostrarse grandioso mandou a Ierusalem cinco mil, & quatrocentos vasos de ouro, & prata que tinha Nabucodonosor roubado no tẽplo f.75.v.c.2
Cyro tinha o nariz curuo, pello q̃ estimauaõ muito os homẽs desta sorte os Persas f.142.v.c.1
Cyro sendo hospede de hum Particular não quis comer mais que pão, & agoa f.212.c.1
Claudio Emperador foi louuado por se não vingar de Aurelio tirano f.91.v.c.1
Claudio comparado de Cornelio Tacito a hum tronco, por obedecer ao gosto de seus priuados f.132.v.c.2
Claudio Cesar se não disfarçara sua prudencia com apparencias de ignorancia não chegara a ser Emperador f.137.v.c.2
Claudio por conselho, & ordẽ

de

de sua molher foi preso f. 220. v.c. 2
Cleandro homem baixo criado do Emperador Comodo chegando a ser General fiado nos soldados, se atreueo a pretender o Imperio f. 181. v.c. 1
Clemencia dase em hum animo superior inclinado a cõpaixão, & perdão de crimes f. 88. c. 2
Clemencia necessaria aos Principes, nella se firma o trono Real diz Salamão f. 88. c. 2
Clemencia he castigo de honrados f. 88. c. 2
Clemencia de Deos so se acha ẽ seu diuino peito f. 88. v.c. 2
Cleomenes o que respondeo a huns embaixadores que se fũdaraõ so na eloquencia de palauras f. 176. c. 2
Cleomenes Capitão dos Athenienses perguntado, porque não acabaua de desbaratar os Lacedemonios, respõdeo: por termos quem nos exercite em quanto moços f. 215. v c. 1
Cleopatra sabia sete lingoas f. 41. v.c. 2
Cleopatra deu hum banquete a Marco Antonio, & em huã so iguaria duzentos, & cinco enta mil cruzados f. 214. v. c. 1
Cleoples Rey de Egipto chegou a tanta miseria por ser gastador que pos huã filha agãnhar a quantos a quisessem f. 80 v c. 2
Clisthenes tendo escolhido pera hũa filha a Hipoclides, lha não deu, porque o uio dãçar mui bem f. 27. c. 1
Cobiça diz Aristoteles, não tẽ limite f. 85. v.c. 1
Cobiça, & ambiçaõ he perfeição nos soldados pera estimulo de seu valor f. 150. c. 1
Colera diz Aristoteles que he doudice f. 116. c. 2
Colericos castigados dos Romanos, abrindolhes as veas pera mostrarẽ q̃ os curauaõ do furor nacido dosobejo sãgue f. 116. v.c. 1
Colera de Virgineo que matou sua filha por ter amores cõ Appio Claudio gouernador de Roma f. 165 c. 1
Colera não se hade ter com os humildes, dezia Aristoteles a Alexandre Mag f. 165. c. 2
Comodo Emperador por dinheiro daua licença pera q̃ hum homem matasse a outro f. 100. c. 1
Concordia serue de muro aos bons Principes f. 178. c. 2
Acõdição dos homẽs se conhece por conjecturas, & os tẽpos por sciencias f. 110. c. 1
A confiança que teue Demetrio na multidão de cauallos q̃ tinha foi causa de ser vencido diz a Escritura f. 114. v c. 2

Confiança demasiada causa ruins effeitos f.224.v.c.2
Confiança de Dauid pera dançar diante da arca foi deRey valeroso f.62 v.c.2
Confiãças de Xerxes foraõ causa de ser desbaratado muitas vezes f.114.c.2
Confiãças delRey D.Fernando de Portugal nos encontros q̃ teue com elRey Henrique de Castella,causaraõ desgraciados sucessos f.114.c.2
Confianças que tiuerão de seu valor os Athenienses, foram causa de se acabarem f.114. v.c.1
A conformidade dos q̃ viuem com hũas leis, & sugeitos a hum Principe,conserua em perfeiçaõ o gouerno politico,& ciuil f.71.c.2
Conjecturar he de homem prudente dizCic.f.110.c.1
Conjecturarão os irmaõs de Ioseph q̃ auia de ser seu Rey f.110.v.c.2
Conjecturas de Menon adeuinharão a perdiçaõ de Dario f.111.v.c.2
Conjuraçaõ dos irmãos de Ioseph leuados da enueja f. 180.v.c.1
Conjurãose os Israelitas contra Roboaõ,& não o seguio mais que o tribu de Iuda f.180 v.c.2
Conselho de Anibal alRey de Prusia sobre dar credito aos agouros f.50.c.2
Conselho de Procleres alRey Theodoberto sobre hũ tributo foi causa que o pouo o apedrejasse f.87.v.c.2
Conselho basta hum so pera destruir grandes exercitos f.93 c.1
conselho requere vagar,a execução pressa, diz Seneca f. 115.v.c.2
conselho de Felipe a Alexandre seu filho, que tratasse a a todos cõ igualdade f.129. v.c.2
conselhos obraõ o mesmo que as medicinas,que por vteis que sejão nunca saõ gostosas f.135 c.1
conselhos se haõ de offerecer aos Principes como as iguarias,que aceite os que quiser f.135 v.c.1
conselheiros que como camaleoens sustentados do vento da ambiçaõ mudaõ as cores conforme os lugares, aprouão quanto se pertende f. 141.c.2
O conselho tomão muitos por instrumento de vingança f. 220 v.c.2
conselheiros(dizem alguns Auctores)fizeraõ cruel a Nero f.221.c.1
conselho,diz S.Thomas,he instrumento de buscar remedios f.221.v.c.1
conselho pouco,& valor muito aponta

aponta a Escritura por causa da perdição dos Machabeos na batalha em q̃ morrerão os sacerdotes f.223.v.c.1.
Conselheiros saõ os olhos do Principe,&os mais ministros as maõs diz Plataõ f.225.c.2
Conselho não hade ser a vontade de quem o recebe,diz Solon f.225.v.c.1
Conselho não o ha sem velhos 233.c.2
Conseruação dos Principes consiste na obediencia que tem a Deos f.44.c.1
Conseruar o necessario he prudencia,ajuntar o superfluo a nareza f.100.c.1
A costa que Deos tirou a Adão pera formar a Eua lha tinha dado de mais, & porque f. 87.c.2
Constancia hade auer no que se emprende, diz Chylon f. 65.c.2
Constante Emperador com o roubo que fez em Roma se empobreceo,& com os tributos que pos em Sicilia se destruio f.86.v.c.2
Constantino Emperador se assentou no concilio Calcedonense abaixo dos sacerdotes f.52.c.2
Constantino 6 Emperador foi morto por sua may,& lhe arrancou os olhos f.82 v.c.1
Constantino Mag.o que fez depois de Emperador com os que trataua familiarmente f.156.c.2
Contentar a grandes he necessidade f.74 c.1
Continencia consiste em huã repugnancia com que aparte superior do homem atropella os appetites sensuais f. 56.v.c.2
Continentes,proua Socrates, q̃ tem mais gosto que os deliciosos,&,porque f.57.v.c.1
Conuersaçoens de molheres honestas com as que o não saõ he o que mais as estraga f. 218.c.2
O coração auia de estar aonde se visse,diz Socrates, & que errou a natureza em o esconder f.109.v.c.2
Coraçaõ de Nero, & rosto de Catão he monstro que encobre entranhas de fera diz S. Hyeronimo f.162.v.c.1
Cornelia da familia dos Scipioẽs deu no leite a seus filhos o valor,& eloquencia deque era dotada f.18.c.2
Cornelio Sylla tomou do templo de Iupiter, & Apollo o dinheiro,mas restituio com grande ventagem f.56.c.2.
Cornelio Tacito o que diz do Emperador Claudio sobre a astucia f.95.v.c.1
Cornelio Tacito dando noticia da miseria dos Romanos no Imperio de Nero, diz q̃ não se dauão as merces aquẽ

as

as merecia f. 155.c. 1
Coroa gozada indignamente, & com violencia, com violẽcia se tira f. 73.v.c. 2
Coroa tirada a Saul por Deos, porque á sua obediencia antepos quatro despojos f. 61. v.c. 1
Corinthios por conseruar o juramento padeceraõ alguns encontros com os Lacedemonios f. 120.v.c. 2
Corpo gouernado de duas almas fora monstrosidade f. 145.v.c.2
Cortes de Alexandre Magno em que assistiraõ embaixadores da mayor parte do mũdo f.47.c.2
Costumes os primeiros se senhoreão da natureza f. 19.v. c. 1.
Costumes justificados merecẽ mais que as calidades do sangue, diz Antisthenes f. 65.c. 2
Costume era entre os negros, se elRey tinha alguã falta de pè, ou mão, cortarem em si o mesmo membro, por se parecerem com elle, diz Diodoro Siculo f. 142 v.c. 1
Costume dos antigos não se leuantar a mesa, sem ficar nella algũa cousa f, 213.v.c. 2
Couardia so hum acto della basta pera tirar coroas f. 61.v. c. 1.
Cousas da vida tem o crecimẽto, & minguante que a lua, diz Epicteto f. 209.c. 2
Crer sonhos he contra o bom gouerno f. 51.c. 2
Crer ligeiramente he especie de ignorancia, diz Salamão f. 113.v.c. 2
Crer a poucos, aconselhou Apollonio a hum Rey de Babilonia pera gouernar bem f. 113.v.c. 2
Cresso aconselhou a Cyro pera destruir aos de Lidia q̃ mandasse, que se dessem aos regalos f. 215.c. 1
Cretenses pintauão a Iupiter sẽ orelhas f. 140.c. 1
Cretenses, & Alemaens costumauão os filhos ás calmas & frios pera serem robustos f. 185.v.c. 1
Criação comparada ao enxerto que faz dar fruito ás aruores infructiferas f. 184.v.c. 2
Criação de hum bugio ensinado a jugar o enjadrez ibidẽ.
Criaçaõ de hum rato a ter hũa vela, & hum Elefante que escreuia com o pè ibidem.
Crime manifesta o no rosto o facinoroso f. 111.c. 1
Crime dissimulado a Crasso por poderoso f. 188.c. 2
A crueldade faz a hum Principe incapaz f. 73.v.c. 2
Crueldade he effeito de fraqueza, diz Seneca f. 82.c. 2
Crueldade faz temer aos quẽ a padecem, & aos que a executão, diz Seneca f. 83.v.c. 2

Culpa

Culpa de Adão aggrauada por se gouernar por sua molher f. 62. c. 2
Cultiuar a terra esteril he trabalho perdido f. 19. v. c. 2

D

DAmaso Pōtifice Portugues poeta f. 34. c. 1
Dançar julgaua Homero que era necessario pera a desenuoltura na guerra f. 26. v. c. 1
Dançarem homens de authoridade he estranhado de Scipião, & de Cicero f. 27. c. 1
Dar he mais honrado, que receber, diz o Espirito Santo f. 67. v. c. 2
Dar he cousa honrada, diz Cicero f. 79. c. 1
Dar por vaidade, luxuria, ou ignorancia desautoriza mais que a auareza ibidem
Dar officios por dinheiro he o mal mais pernicioso da rep. f. 242. v. c. 1
Dario sendo cariuo de Alexan Mag se obrigou muito do termo que com elle vsou f. 69. v. c. 1
Dario Longimano Rey dos Persas conforme as riquezas de 24 prouincias em que repartio o Reyno, pedia pera os gastos comuns f. 84. v. c. 2
Dario trazendolhe a cabeça de hum grande inimigo seu a mandou sepultar honradamente f. 91. v. c. 2
Dario por enfraquecer os Bablonios fez que vsassem de instrumentos de tanger, & cantar f. 215. c. 1
Dario pera destruir aos Babloniōs fez que se dessem aos vicios carnais f. 218. c. 1
Dauid falando nas vitorias dos Hebreos, diz que pelejauão os louuores de Deos em suas gargantas, como as agudas espadas nas suas maōs f. 26. c. 1
Dauid dançou diante da arca f. 26. c. 2
Dauid compos em verso suas profecias f. 33. v. c. 2
Dauid todos os trabalhos que teue, foraõ pello peccado q̃ cometeo com Bersabe f. 59. c. 2
Dauid menino ja despedaçaua Leoens f. 62. v. c. 2
Dauid manda que os filhos menores precedão aos mayores na herança, & porq̃ f. 74. c. 2
Dauid não quis beber a agoa da cisterna de Belem, porq̃ se tinha comprado com o risco dos seus f. 86. v. c. 2
Dauid sendo tão clemente, não perdoou aos traidores que matarão a Isbozet f. 90. v. c. 1
Dauid não se desprezou de por hum moço manco a sua meza f. 91. v. c. 1
Dauid não so se não alegrou cō a morte de Saul, mas fez graõ

gram sentimento f.91.v.c.2
Dauid em nenhuma cousa mostrou mais brio que em ouuir as rezoens de Saul, constãdolhe que o queria matar f.127.c.1
Dauid comparado com hũ Anjo f.143.v.c.2
Dauid procurou achar algum descendente de Ionathas pera lhe satisfazer seus seruiços.f.152.v.c.1
Dauid não quis prouer em cargo algum a Miphiboseth por ser incapaz,mas pagoulhe os seruiços de seu pay dãdolhe renda com que se sustentasse f.156.v.c.2
Dauid contando os homens esforçados de seu Reyno,não nomeou a Ioab,& porque f.169.c.1
Dauid quando foi vngido por Rey,todos os tribus se ajuntarão f.178.v.c.2
Dauid liurou a Ceila dos Felisteos,& o agradecimento q̃ lhe derão,foi querelo entregar a Saul 181.v.c.2
Dauid por satisfazer aos Gabaonitas da perda que receberão de Saul mandou crucificar a seus filhos,& netos, & porque f.188.c.1
Dauid em quanto teue guerras foi Santo, depois que ficou quieto cometeo o adulterio, & homicidio f.214.v.c.2
Dauid se tomara o conselho de matar a Saul, allegandolhe ser vontade de Deos, ficara de peor condição,& cõ cortarlhe a capa mereceo a coroa f.221.c.1
A Dauid não lhe foi bem em não receber o conselho de Ioab f.222.c.1
Dauid sentio muito que Achitofel se passasse aos inimigos pella prudencia de seu conselho f.226.v.c.2
Dauid pedia a Deos entendimẽto pera destinguir,& iustrucção pera executar f.231.v.c.2
Dauid não se alterou cõ os louuores de Ionathas,nem perdeo o brio com as afrontas de Saul f.254.c.1
Deffeitos dos Principes saõ como os do sol a todos perjudicão,diz Plinio f.60.c.2
Delicias de Babilonia no triumpho de Alexandre inhabilitarão seus soldados pera a guerra f.211.v.c.2
Delicias o primeiro vicio que destruio as cidades f.213.c.1
Delicias o principio da maldade dos Sodomitas, diz Ezechiel f.213.c.1
Delicias se recebem com aplauso,& se despedem com difficuldade f.213.c.2
Demades Atheniense perguntado como aprendera a gouernar a rep.respondeo, que com a esperiencia dos negocios

cios f. 232. v. c. 1
Demetrio foi aceito por Rey dos Macedonios por huma praticaque lhes fez f. 31. c. 2.
Demetrio Rey o pouco caso que fez dos requerimentos dos vassallos, deitando hum dia todos os seus memoriais no rio Axio, foi causa de que morresse nas mãos de Seleuco seu inimigo f. 127. v. c. 1
Democrito o que disse a hum homem apaixonado f. 190. v. c. 2
Demosthenes não consentio a huns Embaixadores que louuassem a Felippe Rey de Macedonia de eloquente, se não de outras excellencias f. 31. c. 1
Demosthenes filosofo naceo sem pronunciação, & o exercicio lha deu f. 233. c. 2
Deos estranha os casamentos dos Principes, não fundados na fè f. 43. c. 2
Deos não gosta de confederaçoens de Principes Catholicos com os que o não sam f. 44. v. c. 2
Deos mandou aos filhos de Israel que se circuncidassem, estando pera entrar a terra de promissaõ, & porque f. 46. c. 1
Deos pelejou muitas vezes por Moyses, Iosue, Gedeão, & outros Capitaens f. 46. c. 2
Deos mandaua, que quando os Reys se coroassem, lhes pusessem com a coroa a ley f. 47. c. 1
Deos permite que não so tenha força a piedade da religião entre Catholicos, mas ainda entre gentios em respeito de seus idolos f. 47. v. c. 1
Deos nunca deixa sem algum premio quaisquer obras boas f. 47. v. c. 2
Deos castiga aos Israelitas, por seguirem a idolatria de Ieroboão, com os lançar das suas terras f. 56. c. 2
Deos não se desautorizaua de falar com Moyses, como hum homem com hum seu amigo f. 66. c. 2
Deos tirou a costa a Adão estando dormindo, porque senão queixasse de que lhe tirauão a elle pera dar a outrem f. 77. v. c. 2
Deos mandou que ouuesse no seu pouo lugares de refugio pera os delinquentes f. 81. v. c. 1
Deos castigou a Dauid com experimentar em sua casa os fios da espada, com que fez matar a Vrias, & porque cõforme S. Chris. f. 83. v. c. 1
Deos mandaua vngir os Reys porque o olio he simbolo de clemencia diz S. Gregorio f. 88. c. 2

Deos sofre a Saul que persiga a Dauid,& castiga o, porque se houue com brandura, & dar vida ao gado melhor na guerra dos Amalechitas, & peraque f. 89. c. 1

Deos a ley que deu a primeira vez a Moyses, escreueoa cõ a sua mão,& a segunda vez disse a Moyses,que elle a escreuesse, & porque f. 89. c. 2

Deos limitou a Moyses, ainda que era benigno,os generos de castigo que auia de dar a Faraò f. 89. v. c. 1

Deos tinha consigo as chaues do inferno.diz Sam Ioão no Apocalypse,& porque f. 89. v. c. 2

Deos mandou fazer a arca por tempo de quarenta annos pera nelles se emmendarem os homens f. 90. c. 1

Deos pera remir aos homens vinha saltando montes, como pinta a esposa. ibidem.

Deos mandou que os Reys não tiuessem muita cantidade de ouro em respeito da auareza f. 102. c. 2

Deos Castigou o Egypcios por serem precipitados em seus conselhos f. 115. v. c. 2

Deos deu aos Hebreos duas leys,a escrita nas taboas, & a viua ẽ Moyses f 123. c. 2

Deos sofreo a maldade, & ingratidaõ de Saul depois de o fazer Rey,pera ensinar aos vassallos o mesmo,diz Abulense f. 145. v. c. 1

Deos quando disse a Moyses que elegesse settenta velhos, mandou que repartisse com elles do seu espirito,& porque f. 145. v. c. 2

Deos mandou a Moyses que com a mesma vara que conuerteo a agoa em sangue, tirasse agoa de huma pedra,& porque. fol. 146. c. 2.

Deos (diz Dauid) deu aos Principes do Pouo Hebreo titulo de Deos,mas como filhos de Adam f. 146. c. 1

Deos disse a Moyses que o hauia de fazer Deos de Faraò,mas não quis que o adorassem f. 147. c. 2

Deos tirou primeiro a fazenda a Iob,que os filhos, & porque f. 152. c. 2

Deos ordena que se crie Moyses ao proprio peito de sua may,& porque f. 18. c. 1

Deos deu o gouerno a Moyses sendo mais moço que Aaraõ por desprezador das honras f. 238. c. 1

Deos só pode fazer o officio de perdoar,& castigar com perfeição, dezia Aristoteles a Alexandre f. 90. v. c. 2

Deos fez merces a Salamão pel

los

los seruiços de Dauid f. 152. v.c. 1
Deos fez merces a Isaac pellos seruiços de Abrahão ibidẽ.
Deos seruese de Demonios pera a execução de seus juizos f. 158.c. 1
Deos quando quis castigar o mundo não disse que estauão os homens corruptos, mas a terra,& porque f. 169. c. 1
Deos não quis deitar a bençaõ ao segundo dia,& porque f. 277.c. 2
Deos pera conseruar o pouo Hebreo quis que sempre precedesse a conformidade em as obras de consideração f. 178.v.c. 1
Deos, porque o pouo de Israel se ajuntou com as Moabitas, mandou que fossem enforcados os grandes,& porque f. 187.v.c. 2
Deos quando mandou a Iosue repartir a terra de promissaõ lembroulhe a morte f. 190. c. 1.
Deos prometia aos Iudeos a terra de promissaõ, se vsassem da justiça em sua perfeição f 191.c. 2
Deos fez mayor merce aos Israelitas em lhes dar a ley que em lhes dar o mana f. 192.c. 1
Deos mandaua que trouxessem aley escrita sobre o coraçãd sobre a testa,nas maos,& no lumiar da casa ibidem
Deos pera eleger o Summo sacerdote mandou que cada tribu trouxesse sua vara, & aquelle aquem reuerdecesse, fosse eleito,& porque f. 202. c. 1
Deos em todas as cousas que criou fez differenças entre humas,& outras f. 204.c. 1
Deos mandou a Moyses que fizesse o tabernaculo,& comunicasse a traça com os mais prudentes f. 228.c. 2
Deos na ley velha ajuntou a coroa Real á mitra Pontifical atè o tempo de Samuel f. 229.v.c. 1
Deos não matou a Caim por matar a seu irmão,sendo seu juiz competente, castigou o com huã doença de perlezia f. 239.v.c. 2
Deos fiou de Moyses, & Aarão que castigasse com pragas a Faraò,mas quando foi necessario auer mortes comete este officio a hum Anjo f. 240.v.c. 2
Deos prohibio o vso do vinho a Sansão Capitão do pouo Hebreo f. 255.v.c. 2
Deos prohibio aos Leuitas qué não bebessem vinho ibidem
Desconfiança he argumento de ignorancia f. 63.c. 1

Desordens nacidas de imprudẽcia destruiraõ as mais prosperas Monarchias f.93.c.1
Destruiçaõ foi dos Romanos a vitoria q̃ alcançaraõ contra os Cartaginenses, diz Agostinho,& porque f.210.c.1
Diabos por meyo dos agouros deziaõ aos Romanos huma verdade pera que lhes cressem muitos ẽganos f.49 c.2
Diabos adorados nos idolos, vendose desprezados fazião grande mal, Agostinho f.51 c.1
Diabo tentou a Christo com lhe offerecer tudo, a Iob em lhe não deixar nada f.78. v. c.2
Diabo disse a Christo que lhe daria quanto quisesse que o adorasse f.147.v.c.1
Dimno quis matar a Alexandre Mag.& a clemencia que vsou com elle f.88.v.c.1
Dinheiro necessario a conservação do estado f.241.v.c.1
Dom Dinis de Portugal sendo liberalissimo teue grandes tesouros sem vexar vassallos f. 79.c.1
Diocles quebrantando huma ley das que tinha feito aos Cidadoens de Saragoça, elle mesmo se castigou matando se cõ a sua espada f.239. v. c.1
Diogenes disse a hum moço, sensual que auia de gozar tãto menos de vida quanto tinha de deleites f.57.v.c.1
Diogenes o que disse a hum q̃ hia vestido custosamente a fazerlhe certa pergunta fol. 106.v.c.1
Diogenes estando catiuo o que respondeo a hum que lhe perguntou, que partes tinha f.109.c.1
Diogenes dezia que assim como nas medecinas aplicadas as enfermidades se não busca ua sabor assi deuia ser nos mantimentos f.211.c.2
Dionisio tirano quis que Platão dançasse em huã festa sua, mas não acabou com elle f. 26.v.c.2
Dionisio tirano mais se receaua, dezia elle, dos homens sabios que dos esforçados f.111.v. c.2
Dionisio tirano, chegando a Saragoça de Sicilia, Plataõ quis aprender com elle filosofia, & todos os Cortesoens fizeraõ o mesmo f.142.c.1
Dionisio tirano estando com hum bom exercito o leuou contra huns pouos de Italia por não ter ociosos os soldados f.215.v.c.2
Dionisio Mayor vendo muitas peças de ouro a seu filho o Principe lhe disse: não tendes animo de Rey, pois com

estas

estas não comprais amigos f.75.c.1
Discretos de ordinario tem menos de prudentes f.175.c.1
Discrição,& eloquencia consiste em saber compor as palauras,& apartar o bõ do mao f.174.v.c.2
Disfarçado Acab Rey na guerra,que teue com o de Siria, foi morto miserauelmente f. 117.v.c.2
Disfarçauase de noite elRey D. Pedro de Portugal para saber o q̃ passaua f.118.v.c.1.
Disfarçauase Frederico Duque de Austria,& se punha a trabalhar entre os officiaes,porque dezia que so desta sorte podia saber de si a verdade f.118.v.c.1
Disfarce de Saul consultando hũa feiticeira f.117.v.c.1
Disfarce da molher delRey Ieroboaõ reprehendido, ainda que foi pera saber se seu filho auia de morrer f.118.c.1.
Disfarce de Thamar infamou sua honestidade f.ibidem
Disfarces nos Principes pera vtilidade saõ licitos ibidem & f.118.v.c.1
Disfarce de Dom Pedro quarto de Aragaõ indose a França pera ver a gente de guerra que nelle auia f.ibidem
Disfarçar o saber cõ a ignorancia,a brãdura cõ a seuerida-de ,& o desgosto com a constancia he prudencia, diz o Spirito Santo f.137.v.c.2
Domiciano sendo Censor deitou do Senado a hum Cidadaõ por ser muy dado a dançar f.27.c.1
Domiciano desconheceose tanto,que dezia que elle dera a seu pay,& irmão o Imperio, & que elles lho tornaraõ a dar f.60.v.c.2
Domiciano quis que o chamassem Deos f.63.v.c.1
Donzellas Lacedemonias se exercitauão a jugar a barra, & ẽ outros exercicios militares f.219.v.c.2

E

Eclipse do sol foi causa de que se desmayasse hum piloto, embarcandose pera a guerra,pello ter por mao agouro,& o que lhe disse Pericles f.50.c.1
Eduardo Rey de Inglaterra vio hum diabo que estaua brincando com o dinheiro que lhe trouxeraõ de huns tributos,& o mandou restituir f. 87.v.c.2
Effeitos de paixão quanto mais repremidos tanto mais perigosos f.134.c.1
Egypcios reprouão o dançar f. 26.v.c.2
Egypcios pagauão a elRey a-

quinta parte dos fruitos por lhes auer dado os cãpos cõprados com a industria delo seph f. 85.c. 1
Egypcios não dauaõ de comer aos filhos senaõ depois de terem caminhado duas legoas f. 185.v.c. 2
Elamorreo com toda sua geração breuemente por ensinar aos Israelitas a idolatria f. 50 v.c. 2
A Eleazar tirou a vida hum Elefante morto, caindo sobre elle, não lha podendo tirar exercitos de inimigos viuos f. 58.c. 2
Eleazaro quis antes perder a vida que faltar cõ o exemplo aos seus f. 113.c. 1
Eleição dos Archiduques de Corintho não se podia fazer se não por lauradores f. 7.c. 1
Eleição coartada auia entre os Israelitas, os quais não podiàs eleger Principe se não natural f. 7.c. 2
Eleição dos Thebanos a seus gouernadores por tempo limitado com pena de morte f. 7.c. 2
Eleição dos Carthaginenses annual de dous Reys f. 7.c. 2
Eleição he fauorecida de Plinio f. 7.c. 2
Eleição da Monarchia ecclesiastica pello Espirito Santo f. 7.c. 1
Eleição dos Emperadores quasi todos maos f. 8.v.c. 1
Eleiçoens saõ causa de muitas mortes f. 8.v c. 2
Eleição dos Emperadores pello exercito f. 9.c. 1
Eleição de ministros iguais aos cargos dezia elRey Dom Afonso o sabio ser mui difficil f. 156.c. 2
Elementos perdem a sua força com os Principes que reconhecem a Deos, diz S. Chrisostomo f. 46.v.c. 2
Eli castigado, que nunca teria em sua descendencia homẽ velho pella mâ criação que deu a seu filho f. 14.c. 1
Eli por velho, era remisso em castigar os sacrilegios de seus filhos f. 15.v.c. 2
Elias estando impossibilitado de remedio, mandalhe Deos hum coruo f. 100.c. 1
Eliseu pedio a Elias o seu espirito dobrado f. 54.v.c. 2
Eliseu julgou que pera resistir ao gosto dos Reys auia mister o espirito de Elias f. 55. c. 1
Eliseu pera socorrer a viuua mãdoulhe fazer resenha do q̃ auia em casa, & achandose so hum pouco de azeite, nelle fez o milagre f. 99.v.c. 2
Eloquencia dana muito aos de limitado saber f. 28.v.c. 2
Eloquencia de Alcibiades descompos

compos o gouerno da sua patria f. 29.c.1
Eloquencia comparada com o fingido canto com que os caçadores enganão as aues f. 29.c.2
Eloquencia segundo Cicero, he vtil a repub. f. 29.c. 2
Eloquencia louuada de Aristoteles f. 29.v.c.2
Eloquēcia causao effeito que os caualleiros armados conforme Felippe Rey de Macedonia f. 29.v.c.1
Eloquencia de Cicero liurou a muitos da morte f. 29.v.c.2
Eloquencia de Epaminondas persuadio aos Gregos a se rebelarem f. 31.c.2
Eloquencia de Cineo vnio mais terras alRey Pirrho, do q̃ as armas dos seus soldados f. 30.v.c.1
Eloquencia não he necessaria aos Principes em respeito do gouerno f. 32.v.c.1
Embaixadores que vieraõ dos Samnitas a C. Dentato, o acharão concertando huns nabos pera cear f. 212.v.c.1
Embaixadores dos Romanos, escolhidos mais pella excellencia dos entendimentos q̃ pello apparato das pessoas, & o que M. Catão disse de huns f. 251.v.c.2
Emilio Senador falando com Trajano, dezia que importaua pouco ser bom o Principe, se os conselheiros o não fossem f. 225.v.c.1
P. Emilio indo com o seu exercito encontrou o dos inimigos, & o que fez f. 232.v.c.1
Emperadores demitiraõ de si a juridiçaõ que deraõ aos Papas f. 55.c.1
Emperadores Nero, Caligula, Vespasiano, & Domiciano vieraõ a graõ pobreza por esgotarem os tesouros em superfluidades f. 87.v.c.1
O encarecimento de seruiços tiralhes o valor f. 135.v.c.2
O engenho califica, ou reproua Aristoteles conforme o seu fim f. 174.v.c.2
Engenhos comparados a terra fertil ibidem.
Engenho, & prudencia differē ibidem
Engenho he pera inuentar, & não deliberar f. 175.c.2
Engenho demasiado Euripides o teue por danoso ibidem.
O engenho de Iulio Ces. pronosticaua vir a ser tirano ibidē
Engenho grāde teue Nero desde minino ibidem
Por seu engenho se perdē muitos, & os conselhos destes saõ perjudiciais ibidem
O engenho delRey Dom Pedro 4. de Aragaõ no cerco de Girona desbaratou alRey Felippe deFrāça f. 175.v.c.1
Engenhos grandes saõ vteis em casos apertados ibidem

Ensinada pella natureza he a piedade com que reuerẽciamos a Deos, diz Quintiliano f.46.c.1
Entendimento he o com que sabemos as cousas, vontade he appetite daquillo em que imaginamos algum bẽ, diz Aristoteles f.161.v.c.2
O entendimento sem experiencia não poem o pè seguro f. 232 c.2
Enueja recozida dos irmãos de Ioseph foi causa de rebentarem contra elle f.134.c.1.
Epaminondas sabia dançar f. 26.v.c.2
Epaminondas aos embaixadores de Persia, que lhe offereciaõ muito ouro, dandolhes acear com limitaçaõ, lhes disse: dizei ao vosso Rey q̃ quẽ assi cea, naõ vende a honra por dinheiro f.212.c.2
Epaminondas se prezaua tanto de pobre que naõ tinha mais que hum vestido f.214.c.2
Ephoros officios annuais tinhaõ jurisdiçaõ sobre os Reys f.4 c.2
Epicharmo poeta por recitar huns versos pouco honestos diante de hũa filha de Hierõ foi castigado f.218.v.c.1
Eraclio Emperador vendose oppimido de Cosdroe Rey dos Persas entrou com hũa imagem de nossa Senhora nas mãos por Constantinopla pera que o valesse f.46.c.2
Eraclito o que disse sobre a cõdição dos maliciosos f.247. c.2
Erros que não se atalhão nos principios saõ difficultosos de arrancar f.107.v.c.1
Esguizaros mataraõ os nobres, & se conseruarão viuendo com igualdade muito tempo f. 204.c.1
Esopo disse, que os Deoses gastauão o tempo em leuantar a huns, & derribar a outros f.244 c.1
Espanha perdeose por hũ appetite f.59.c.2
Espanha rebelouse aos Romanos por discordias f.78.c.1
Espartanos moderados no comer, & beber, porque querião gouernar sua rep. & não que a gouernasse outrem f. 212.c.1
Espias que forão a terra de promissaõ, comprirão a palaura a Raab f.12.c.1
O Espirito Sancto chama miserauel o Reyno cujo Principe almoça, & o que entendo quis dizer f.213.c.1
O espirito dobrado que pedio Eliseo entendo que era pera seruir a Deos f.55.c.1
Estatuas de que fala Dauid que tem olhos, & não vẽ f.165. c.1
Esther persuadio a Assuero q̃ castigasse a Amão f.250. v.c.1

Estre-

Estremos do mayor gosto paraõ nos de mayor desgosto, diz Salamaõ; & fugir delles diz Aristoteles, he difficultoso f. 112. c. 1
Ethiopes elegiaõ por Rey o q̃ era mais gentilhomem, faltã do geraçaõ Real f. 234. v. c. 2
Eu a tirada da costa de Adão, & porque f. 4. v. c. 2
Eufratres rio simbolo da justiça & fertilidade f 188. c. 2
Eumenes Rey de Pergamo era muy aspero, & o que dezia a seus irmãos f. 70. c. 1
Eumenes Capitaõ de Alexandre o que fez, porque os seus soldados não perdessem o brio militar com as riquezas de Antigono f. 212. v c. 1
Exemplo encomendaua S. Paulo a seus discipulos f. 123. c. 1
Exercicios mais Reais saõ os das armas, & cauallos f. 39. v. c. 2
Exercitos destruidos mais com temor proprio qve com força de inimigos f. 160. v. c. 2
Experiencia não conhece superioridade mais que asi mesma, dezia Menandro f. 232. c. 2
Ezechias estando em perigo de morte o mandou Deos curar com hum emprasto de figos passados, sendo elles contrarios aó mal que tinha, & porque f. 45. v c. 2
Ezechias ate ser de quarenta annos guardou castidade, & o que diz Abulense lhe resoltou della f. 59. c. 1
Ezechias Rey fez parar o sol, & os Babilonios o adorauão por Deos f. 251. c. 2
Ezechiel vio quatro animais figura das quatro Monarchias, & vio que se mouião por hũ homem que estaua sobre hũ trono, & peraque f. 28. c. 1

F

Fabula da diuersa criação de dous caens de hum parto f. 20. v c 1
Fabula do mosquito com as abelhas f. 24. c. 2
Fabula do jumento, & as rans f. 60. v. c. 2
Fabula do Leaõ, bezerra, cabra & ovelha f. 70. c. 1
Fabula do cão, & o ladraõ f. 133. v. c 1
Falar muito he contra a autoridade dos Principes f. 66. c. 1.
Faltas mais desairosas saõ as q̃ deslustraõ o entendimento f. 99 v c. 1
Fama igualmente se grangea com armas, que com letras f. 22. c. 1
Fama das obras gloriosas val mais que as mayores riquezas, diz Salamão f. 161. v. c. 1
Faraò não quis que os seus sacerdotes lhe ficassem tributarios f. 56. v. c. 1.
Faraò não quis ouuir os expositores

tores do sonho, porque disse rão, que lhe morreriaõ sete filhos f. 139.v.v.c.2
Faraò manda matar os filhos dos Hebreos, quando nace Moyses criado no seu proprio paço pera seu açoite f. 166.v.c.1
Fariseos com a boca faziaõ grãdes honras a Christo, & com o coraçaõ o ẽtregauaõ a morte f. 148.c.2
Fariseos sendo o seu fim a morte de Christo, as apparẽcias eraõ sua conseruaçaõ f. 167.c.2
Fauores a poderosos não saõ dignos de louuor, diz Horacio f. 74.c.1
Fauores atè entre filhos se haõ de repartir com prudencia, diz S. Ambrosio f. 77.v.c.1
Fauor, que fez ao filho prodigo o pay, deu ocasiaõ q̃ se queixasse o outro ibidem
Fausto, diz que não tem animo pera sofrer os golpes da fortuna aduersa, quem não o teue pera lograr a prospera f. 60 v.c.1
Fazanhas que se emprẽdem sẽ conselho, so eraõ dignas de louuor, dezia Iulio Ces. mas falaua dos soldados, não dos Principes, & Capitaens fol. 223.v.c.2
Filhos haõ se de desprezar pello bem commum f. 244.c.2
Felicidade da rep. não esta em ter muitas riquezas, mãs muitos amigos, diz Bion f. 72.c.1
Felicidade he não ter bens por estar liure de enganos, diz Seneca f. 141.v.c.1
Felicidades dos bõs odiosa aos maos, diz Socrat. f. 158.v.c.1
Felicidade dos estados estâ no amparo da virtude f. 168.c.1
Felicidade comparada de Alciato á rama da abobara crecendo sobre os ramos de hũ pinheiro f. 209.v.c.1
A felicidade da rep. depende mais das pessoas que das leys f. 220.c.1
Felippe mata a Gordiano Emperador, por chegar a selo f. 9. c.2
Felippe Rey de Macedonia estando descompostamente, foi aduertido de hum escrauo que soltasse a ponta da capa, pello que lhe deu liberdade f. 135.c.2
Felippe Rey de Macedonia se indignaua contra os vassallos que emprendiaõ obras heroicas, porque o não auentajassem f. 136.v.c.1
E a mesma condição tinha seu filho Alexandre ibidem.
Felippe aconselhou a seu filho Alexandre que não fosse respeitado pellos meyos que as pestes vsaõ, que a poder de matarem, se senhoreão de hũ Reyno f. 148.v.c.1
Felippe de Macedonia teue por mais

mais effieaz pera assegurida-
de o medo concebido de seu
poder que os presidios f. 161
c. 1

Felippe de Macedonia pera de
struir a Athenas procurou a
uer os Sabios daquella Cida
de as maõs f. 224 c. 1

Felipe 1. Emperador sagaz em
adquirir o Imperio, & desgra
ciado em o perder f. 171. v.
c. 2

Felippe 2. de Castella o que or
denou a D. Francisco Masca
renhas indo por Visorrei a
India f. 160. v. c. 2

Fermosura de hũa molher gá-
bada a Cyro, & o que respõ-
deo f. 58, c. 1

Fermosura, diz Boecio, que he
hum engano causado da fra-
queza da vista f. 234. c. 1

Fermosura sem prudencia, de-
zia Diogenes, que era hum
vaso de alabastro cheio de
ruim licor f. 234. c. 1

E vendo a hum homem bem a
pessoado disse, que era fer-
mosa casa, se tiuera bom hos
pede. ibidem.

D. Fernando de Portugal, & el-
Rey D. Henrique de Castel-
la, tendo antes guerras, se a-
feiçoarão tanto de verse que
disse D. Fernando, que da-
quella vez ficaua Henrique
nho f. 69. v. c. 1

Fernão Gonçaluez Conde de
Castella matando ao de To
losa, & prendendo aos seus,
os mandou ir liures, & que
leuassem o corpo do Conde
com 500 tochas ẽ hum atau
de de brocado f. 92. c. 1

Fernando Rey de Aragão o q̃
fez indo fugindo a Carlos
Rey de França f. 144. v. c. 1

Fernando 3. de Castella tendo
cercada a Cordoua, o que
lhe aconselhou Dom Lourẽ
ço Soares espia dos mesmos
Mouros f. 160. c. 2.

Fernando Rey de Portugal pa-
deceo grandes trabalhos por
não obedecer ao conselho f.
222. c. 1

Fidelidade he pagar aquem ser
ue, diz Platão f. 153. v. c. 2

Filha mais moça de Loth segue
o cõselho da mais velha cheo
de maldade f. 221. c. 1

Filhos com o leite recebem as
inclinaçoens f. 17. c. 1

Filhos dos Principes eleitores a
prendião a lingoa latina, Ita-
liana, & Ilirica ordenado na
bulla aurea f. 41. v. c. 1

Filhos (diz Philo) que saõ parte
dos pais; & Aristoteles que
não saõ cousa distinta, mas
huns membros emque os pa
is viuẽ f. 151. c. 1

Filhos differentes dos pais, Ca-
im de Adão, Cham de Noe,
Ismael de Abrahaõ, Esau de
Isaac, Iorão de Iosaphat, Ma-
nasses de Ezechias f. 155. v.
c. 2

Filhos

Filhos comidos dos pais no cerco de Samaria f.43.v.c.1
Filosophos auião de ser Reys, ou os Reys filosophos f. 21. v.c.2
Fingimento he licito ao Principe, quando se não val da mẽtira f. 137.v.c.1
Fingio Christo com o disfarçe de peregrino, que hia a outro parte ibidem.
Fingimento se vsarem delle ministros, & conselheiros em quanto superiores, fujão delle em quanto subditos f. 138 c.1
Fingimento castigado pellos Athenienses, como qualquer outro crime. ibidem.
Fisica he o conhecimento das causas naturais f.23.c.1
Flauio sendo baixo de geração, anteposto a grandes merecimentos teue o Magistrado, Edil pello pouo Romano, mas com sentimento da nobreza f.78.c.1
Folhas de figueira cobritaõ as faltas da desobediencia de Adão f.28.c.2
Fontes, & rios dão suas agoas ao mar, & elle lhas torna f. 75. c.2
Foros da casa Real não cõstão mais que de preuilegios f.81 c.1
Forças não se haõ de entregar todas aos sucessos da fortuna f.171.c.1
Fortaleza a mais inexpugnauel, diz Antisthenes, he a virtude, & piedade com que obedecemos alei diuina f.46.v. c.2
Fortaleza de hũa cidade consiste na vnião, diz Antisthenes f.178.v.c.1
Franceses consideraõ grande misterio nas palauras, & acçoens dos Reys f.31.v.c.1
Franceses foraõ com 400U. soldados a senhorear Ierusalem f.172.c.1
Frederico Emperador dezia q̃ mais quisera ter hũa febre q̃ dançar f.27.c.2
Frederico Emperador o que respondeo a seus vassallos, persuadindoo que matasse a Ladisladao minino f.129.c.1
Frederico Emperador entrando no conselho dezia, q̃ deixassem fora fingimento, & dissimulação.ibidem
rederico pera destruir a Roma semeou discordias f.178 c.2
Frederico Duque de Austria, quebrandolhe o Marquesde Brandaburg a palaura, lhe não quis elle faltar cõ a sua f.121.v.c.1
D.Fruela Rey de Castella deposto doReyno por incapaz & nomeados em seu lugar dous juizes Nuno Rasura, & Laim Caluo f.61.v.c.2
Fugir da guerra justa he acção afrontosa

afrontosa f. 60. c. 1
Fugindo hum soldado da guerra, & deixando lá o cauallo, disse Cicero, que melhor o fizera elle com o seu cauallo, que consigo f. 60 c. 2
Fulgas Rey dos Godos reinou sendo moço, & em dous annos fez mais, que outros em muitos f. 14. v. c. 2

G

GAbaonitas com astucia alcançarão a amizade dos Israelitas f. 95. c. 1
Gabou hum criado delRey Iorão a virtude de Eliseu com dizer que era criado de Elias f. 202. v. c. 2
Galba Emperador se perdeo por ser velho f. 15. v. c. 1
Galba Emperador sendo digno do Imperio, o perdeo por auarento f. 68. c. 1
Galba por obedecer a seus priuados foi morto f. 133. c. 1
Galba se não seguira o conselho de que seu inimigo Othon era morto, não o fora elle f. 220. v. c. 2
A Galba desautorizou o com o pouo a falta de desposiçam f. 234. v. c. 1
Galieno Emperador por vaidade daua quanto tinha, de q̃ foi tachado f. 79. v. c. 1
Galieno foi amigo de trazer preciosas vestiduras mais que de ser valeroso f. 108 c. 2
Gedeaõ não quis aceitar titulo de Rey f. 7. c. 1
Gedeão castiga por hũa descortesia dos de Soccoth primeiro aos velhos f. 15. v. c. 2
Gedeaõ mandou acender de noite muitas alenternas, & tocar trombetas pera atemorizar os inimigos f. 160. v. c. 1
General apertado mais perjudica que hũ couarde f. 78. c. 2
Genoueses lançarão os nobres do gouerno f. 205. v. c. 1
Gente popular, & pobre he o obiecto verdadeiro da brandura, diz Seneca f. 74. c. 2
Gentios postos nas terras dos Israelitas forão mortos por Leoens, que Deos mandou, porque erão aquellas terras da Igreja, diz Abulense f. 56 v. c. 1
Gerion fingio ter tres corpos, & tres coraçoens, porque falaua tres lingoas f. 41. v. c. 2
Germanos gouernados por molheres f. 12. v. c. 1
Germanos tiueraõ as molheres por diuinas f. 12. v. c. 1
Germanos elegiaõ os Reys do melhor sangue, & os Capitaens de mayor virtude f. 204. v. c. 2
Giselayco Rey Godo andou sempre fugindo de seus inimigos por couarde, & assi morreo com afronta f. 59. v. c. 3

Godofre 3. Duque de Brabante, sendo minino o puseraõ os vassallos em hũ berço a uista do seu exercito, pera se anima contra os Condes de Grimbert f. 144.v.c.1
Gordiano perdeo o Imperio por não atalhar com tempo a autoridade de Felippe grangeada com o pouo f. 183. c.1
Gordiano foi hum dos melhores Emperadores, porque teue hum sogro de grande entendimento,& letras, que o aconselhaua f.222.c.2
Gouerno de hum so Principe he o melhor f.4.v.c.1
Gouerno de molheres he imperfeito f.13.c.1
Gouerno de homens affeminados he peor que o das molheres f.13.v.c.1
Gouerno da casa toca a molher, e ate nelle se conhece o valor do marido f.13.v.c.2
Gouernar com justiça depende de hum animo puro,& mortificado, diz Seneca f.57 c.1
O gouernar a Rainha depos al-Rey Dom Sancho f.62.c.2
Gouernar bem não ha cousa mais difficil, disse Deocleciano f.129.v.c.1
Gouernará mal a republica quem assi gouernar sua casa, isto consideraua Alexandre Seuero f.203.c.1
Graue cousa he não ter companhia nas acçoens boas f.129 c.2
Grauidade ornamento da velhice, disse Cicero f.63.c.2
S. Gregorio Nazianceno da fealdade de rosto,& corpo de Iusiano apostata Iulgou os males, que causaria em seu imperio f.235.c.1
Gregos dezião q̃ue o mesmo era ser musico que sabio f.24. v.c.1
Gregos,& Persas estimauão o dançar f.26.v.c.1
Gregos nenhum caso faziaõ de palauras f.121.c.2
Gregos premiauão os seruiços dos mortos com mayor ventagem f.154.c.1
Guerras ciuis dos Romanos pella ambição f.12.v.c.1
Guerra fazemos pera viuer em paz, diz Aristoteles f.210. c.1
Guerras não se haõ de escusar ainda que não aja necessidade dellas f.210.c.2

H

HAnõ mãdou rapar meyas barbas aos ẽbaixadores de Dauid, que o hiaõ a visitar pella morte de seu pai, pello q̃ foi destruido f.105.v.c.1
Hebreos vencedores em quanto

to Moyses tinha as mãos leuantadas ao Ceo, & vencidos quando as abaixaua, & porque f.47.c.2
Hebreos idolatraraõ no Ephod vestidura sacerdotal que Gedeaõ tinha feito, por verem o muito que a estimaua fol. 143.c.1
Hebreos na terra de promissaõ, que não tinha nouenta legoas de comprido, nem trinta de largo, toda cercada de inimigos, & porque f.209.v.c.2
AHeli sacerdote castigou Deos matãdolhe seus filhos f.151.v.c.1
Heli pagou com a morte o descuido de castigar as offensas cometidas contra Deos f.162.c.2
Heliogabalo Emperador foi amigo de se ornar f.108.c.2
Heliogabalo Emperador mandaua que se comprasse o seu comer por mais do que valia f.214.c.2
Henrique terceiro não pos tributo algum, & foi mui rico f 14.v.c.2
Henrique 6. Emperador era muito dado a caça f.38.c.1
Henrique 8. de Inglaterra, depois que se apartou da Igreja tratou mal a Rainha Dona Anna f.44.v.c.1
Henrique 5. Emperador teuê a seu pai preso f.158.v.c.1
Herodes por compfir a palaura matou ao Baptista f.122.c.2
Herodes por conseruar a opiniaõ de que fazia justiça, deu principio a morte de Christo conforme S. Agostinho f.162.c.2
Heruas peçonhentas, & bichos venenosos tambem saõ remedio saudauel f.158.c.1
Hesegias foi mandado por Ptolomeo que não orasse pella efficacia com que representaua o que queria f.29.v.c.2
Hieroglifico de Pierio Valeriano, que faz aos homens carnais semelhantes ao porco enlodado f.58.c.2
Hieroglifico da pusilanimidade he o jumento f.60.v.c.1
Hieroglifico de hum Rey he a cobra com o pescoço leuantado, & os olhos abertos f.97.v.c.2
Hieroglifico entre os Egypcios do cuidado com que os homens se auiaõ de amar, foi huma orelha de hum touro f.125.c.2
Hierolifico do Principe, huma maõ apertando hũa cobra, pintou Pierio Valeriano, & porque f.160.v.c.2
Hieroglifico da concordia he a viola, & porque f.176.ver.c.2
Hieroglifico da felicidade he a vide f.209.v.c.1

Historia testemunha dos têmpos, luz da verdade, & verdade da memoria, diz Quintiliano f. 42. c. 2

Holofernes por desprezar o cõselho de Achior perdeo a vida f. 222. c. 2

Homem nenhum deixa de ter algum officio conforme Cicero f. 34 v. c. 1

Homem nenhũ ha q̃ naõ tenha obrigação de se ocupar no officio que lhe cõmpete segundo Sancto Anselmo f. 34 v. c. 2

Homens mais ditosos os que se sustentão de seu trabalho, diz Anagoras f. 36. c. 2

Bemauenturados os chama Dauid. ibidem.

Homens comparados de Plutarcho as plantas, & os trabalhos corporais a agoa que as rega f. 36. v. c. 1

Homens sogeitos a paixão, ou alegria varião de rosto a cada ocasiaõ f. 66. c. 2

Homens ha que em suas casas saõ algozes, fora dellas ouelhas, diz Seneca f. 82. c. 2

Homem resolhado a todos he odioso, diz Salamão f. 94. v. c. 1

Homem baixo leuantado a lugar alto não ha cousa peor, refere Sãcto Thomas f. 130. v. c. 2

Homens em lugares altos enfadaõse de ver aquêm os pos nelles, como os idolos, ao escultor que os fez f. 136 v. c. 1

Os homẽs não se inquietaõ por causa de verdades, mas do que imaginaõ, diz Epicteto f. 162. v. c. 2

Homem leuado da opiniaõ de Santo, he mais aparelhado pera a destruição de hum Reyno que hum facinoroso f. 163. c. 1

Homem resoluto a seguir seu gosto entra em hum labarinto de miserias, diz Agostinho f. 164. c. 1

Destes disse Oseas, que seruiriaõ de ludibrio aos homens. ibidem.

Homens que nacem na constelaçaõ de Saturno sempre desejão o mais sujo, & o peor f. 164. v. c. 2

Homens ha que querem mais parecer discretos, que bons f. 175. c. 1

Homens seis centos mil sairaõ de Egypto, & lo dous entraraõ na terra de promissaõ, & porque f. 184. c. 2

Homem leuado da paixão não differe de hum doudo mais que na breuidade do tempo, dezia Catão f. 190. v. c. 1

Homens baixos, ou barbaros não entrauão nos jogos Olimpios f. 204. v. c. 2

Homens

Homens fazem honra dos trages de suas molheres, sendo causa de sua infamia f. 291. c. 2
Honestidade, & recolhimento doctrina principal pera as molheres f. 217. v. c. 2
Honorio Emperador pella confiança que tinha em Deos foi liure de muitos perigos f. 46. v. c. 1
A honra não fica em seu lugar, quando se perde o respeito a Deos f. 56. v. c. 1
Honra mayor das molheres na ley velha era terem filhos, pella esperança de terem parte no Messias f. 62. v. c. 2.
Honra não se quer forçada f. 64 v. c. 2
Honrar a Deos, & temer aos Reys, aconselha S. Pedro. f. 148. c. 2
Honra não tẽ preço, diz Quintiliano f. 242. c. 2

I

IAcob mancebo fugio de seu irmão, & casado o foi buscar com toda sua familia f. 71. v. c. 2
Iacob por dar a tunica polimita a Ioseph padeceo tantos desgostos f. 77. v. c. 1.
Iacob que enganasse a seu pai não era muito, mas Dauid a Vrias foi traça que parece deste tempo f. 111. c. 2
Iacob fingio ser Esau sem mentir, diz S. Agostinho, porque foi acçaõ misteriosa, & significauão estes dous irmãos os dous pouos Iudaico, & Gentilico f. 137. v. c. 1
Iacob estando pera morrer pedio a seu filho Ioseph que o naõ enterrasse no Egypto, & porque o não mandou f. 144. c. 2
Iacob deu a Cidade de Sichem a Ioseph, & porque f. 152. c. 1
Iacob quando fez conceber as ouelhas os filhos manchados, se foi milagre, & porque f. 154. v. c. 1
Iacob os desgostos que padeceo com seus filhos, foi pella pouca vigilancia de sua criação f. 184, c. 1
Iactarse dos auos, cujas virtudes não se imitão, he ignorancia f. 208, c. 2
Iado vestido de Pontifical aplacou a Alexandre Magno f. 51. c. 2
Iason depois de comprar o summo sacerdocio preuerteo com o mao exemplo a parentes, & naturais f. 200. v. c. 2
Idade dos moços sogeita a mil erros, diz S. Amb. f. 215. v. c. 2
Idolo do Deos Serapis pintauão os Egypcios com o dedo na boca, aduertindo que ninguem dissesse que era mor-

tal,& era prohibido com pena de morte f. 140.c. 1
IdoloDagon quebrou a cabeça, porque os Filisteos o quiseraõ igualar com a arca do testamento f. 147.c. 1
Iehu Rey mandou despenhar a Iesabel,& depois a mãdou enterrar honradamente f. 91.v.c. 1
Iehu filho do profeta Hanani foi morto por dizer verdades alRey Baasa f. 118.c. 2
Ieremias em verso compos as lamentaçoens f. 34.c. 1
Ieremias choraua a miseria a q̃ chegou Hierusalem por falta de superiores f. 23.v.c. 1
Ieroboaõ Rey pera fazer seus vassallos idolatras,bastou adorar elle dous bezerros de ouro f. 142.v.c. 2
Iesabel persuadio a Acab que tomasse a vinha a Naboth pelloq̃ foi comida dos caens f. 67.c. 2
Ignorancia he apartarse da piedade,& religião, diz Plutarcho f. 49.c. 1
Ignorantes errão os negocios alheyos,como os peregrinos os caminhos,& nos seus nũca perdem tino f. 131.c. 1
Ignorantes comparados de Socrates a odres cheos f. 163.c. 2
Ignorantes tem a condição da lua,diz o Espirito Santo f. 253.v.c. 1
Imitar os homens de valor he bemauẽturança da vida ,diz Aristoteles f. 123.v.c. 1
Imitase o melhor em todas as cousas.diz Aristoteles f. 123 v.c. 1
Imitar Anibal a seu pai Hamilcar o fez tão valeroso f. 124.c. 1
Imperio,& obediencia saõ ospolos do mundo f. 2.v.c. 1
Imperio merecem aquelles, dizia o Emperador Segilmundo,que com a prosperidade saõ humildes,& com a aduersidade briosos f. 61.c. 1
Impiedade de Oseas o fez catiuo,e a seu pouo f. 50.v.c. 1
Inclinaçoens vense no semblante,& lhe chama porta da alma Cicero f. 111.c. 1
Infelices saõ os sucessos que se encaminhão por meyos injustos f. 167.c. 1
Inferiores não tem paciencia pera o serem f. 177.v.c. 1
Inimigo da justiça, chama Saõ Bernardo a hum mancebo, por se ocupar so na eloquencia f. 30.c. 2
Inimigos saõ mais proueitosos que os amigos, pera aduirtir de faltas,diz Seneca.f. 184.v.c. 1
Instrumentos musicos com q̃ se louua a Deos saõ as melhores armas contra os inimigos, diz

diz S.Chrisost.f.26.c.1
Interesse particular, diz Seneca he o fim de todas as resoluçoens f.221.v.c.1
Intitulauase hum Rey dos Persas grande,& disse Agesilao, q̃ se era justo se podia chamar grande f.168.v.c.2
S.Ioaõ quis adorar aquelle Anjo do Apocalypse, & elle o não consentio, & porque f. 52.c.2
D.Ioaõ 2.de Portugal por não dar credito à Christouão Colon,naõ goza este Reyno hoje as riquezas occidentais f. 114.c.1
D.Ioaõ o 2.de Portugal por não quebrantar hum aluara satisfez da sua fazenda a perda ao terceiro f.121.c.1
D.Ioaõ o 2. de Portugal,dezia ser infamia de Principes ter priuados f.129.v,c.2
D. Ioana Rainha de Castella fez gouernador de seus Reynos ao Arcebispo de Toledo D.Frei Francisco Ximenes,& sendo humilde foi tão valeroso que tomou Oram aos Mouros f.230.c.2
Ioas por se liurar de Asael Rey de Siria lhe deu as peças do templo,mas dahi a breue tẽpo foi morto as maõs de seus criados f.55.v.c.1
Ioas como lhe faltou Iojada sacerdote que lhe falaua sem adulaçaõ,admitio a de outros cõ que se perdeo f.141.c.1
Ioraõ Rey amigo do culto diuino,& depois que casou com Athalia idolatra,não so fez o que ella,mas tẽplos aos idolos f.43.v.c.1
Ioraõ morreo deitando as entranhas.ibidem.
Iosaphat Rey,diz a Escritura,q̃ encomendou muito aos Iuizes o cuidado do pouo f.74. c.2
Iosaphat castigado por Deos na perda de hũa armada, por se valer pera ella da ajuda de Ochozias Rey idolatra f.44 v.c.2
Ioseph exercitouse no gouerno da casa de seu senhor, pera preceder algũa experiencia ao que auia de ter,diz Philo f.232.v c.2
Ioseph descobrio o sonho a seus irmãos,porque pello serẽ cuidou que o não enuejassẽ f.246.v.c.1
Iosias moço gouernou melhor que os Reys mais velhos f. 14.v.c.1
Iosue encomenda aos seus vassallos que não casem cõ molheres que não adorem a Deos de Israel f.43.c.2
Iosue vio dous homens ordinarios quererem profetizar, & se queixou disto à Moyses f. 77.v.c.2

Iosue pera tomar a cidade de Hai vsou do ardil de fugir cõ os seus soldados f. 122.v.c.2
Irlandeses traziaõ os meninos na guerra, peraque não temessẽ os perigos f. 185.v.c.1
Isaac,& Rebecca,cada hum cõ forme sua affeiçaõ queria dar o morgado f. 190.c.2
Isaac afeiçoado a Esau, porque gostaua de comer o que caçaua f. 37.c.2
Ismael quando padeceo sendo minino aquella sede, foi o Anjo Primeiro ter com sua mai Agar f. 151.c.2
Israelitas sairão armados do Egypto,diz a escriptura, colligese della que armas eraõ estas f. 15.v.c.2
Israelitas não quiserão cantar jũto do rio de Babilonia,sendo louuores a Deos; & porque f. 124.v.c.2
Israelitas sairem do Egypto carregados de ouro,prata,& vestidos,foi ordem diuina,pera se pagarem dos seruiços feitos f. 153.c.1
Israelitas auisados por Moyses que guardassem a ley,respondeirão todos a huã voz, que assi o fariaõ f. 178.v.c.2
Iudeos queriaõ mais ter huma pedra por Deos,aquem elles fizessem, que ao verdadeiro f. 8.c.1
Iudeos o meyo de se conseruarem no tempo de Antiocho, foi deixarem a ley diuina f. 167.c.1
Iuizo he mais excellente que o engenho f. 175.v.c.1
Iuizes cobriaõ o rosto quando auião de dar alguma sentença f. 190.c.2
Iuizes aconselhaua S.Paulo aos Corinthios,que os escolhessem dos mais humildes da Igreja,& porque f. 230.c.1
Iulia filha de Augusto era soberba,& seu pai benigno,& dizendoselhe que o imitasse, respondeo:meu pai esquecese que he Emperador, & eu não me esqueço que sou sua filha f. 64.c.2
Iuliano comprou o Imperio cõ a morte de Pertinaz seu antecessor f. 5.c.1
Iuliano apostata era chamado de S.Atanasio, nuue pequena,& porque f. 65.c.1
Iulio Cesar limitou os officios a breue tempo, porque ninguem se fizesse tam poderoso como elle f. 183.c.1
Iupiter sendo tido por Deos,fingião que se aconselhaua cõ Promotheo f. 222.v.c.2
Iuramento foi a escritura que quis Iacob que lhe fizesse Esau pera assegurar o morgado f. 120.v.c.2
Iuramento que fez Dauid de dar o Reyno a Salamão lhe foi

foi lembrar Bersabe.ibidem.
Iuramento feito aos Reys de Aragaõ não quis quebrantar Pedro de Medices por rogos,nem ameaças do embaixador de Carlos Rey de Frãça f.120.v.c.2
Iustas,& torneos recreaçaõ emprestada da arte militar f.41 c.1
Iustiça he hum habito pello qual os homens executão as cousas justas,diz Aristoteles f.39.v.c.2
Iustiça não ha de ser desprezada por nenhum respeito f. 68.c.2
A Iustiça pintauão ao lado de Iupiter, porque as desordens della aos Reys se atribuem f.77.c.2
Iustiça executada com rigor he crueldade f.88.c.2
Iustiça demasiada he injustiça, diz Salamão f.113.c.2
Iustiça perseguida dos homens fingiraõ os antigos que se fora ao Ceo, porque ninguem aquer em sua casa,& todos a desejão na do vizinho f.187. c.1
Iustiça Rainha das virtudes f. 187.v.c.2
Iustiça,nem os mais criminosos podem viuer sem ella,diz Cicero f.187.v.c.1
Iustiniano Emperador mandou tirar os olhos a seu priuado, & Capitão Belisario f.136. v.c.2
Iustiniano Emperador por se gouernar por seu gosto, acabou a vida afrontosamẽte f.164. c.1.

L

LAcedemonios admitẽao gouerno molheres f.10.v.c.2.
Lacedemonias so pariaõ homens f.18.v.c.1
Lacedemonios inimigos das letras f.22.c.2
Lacedemonios aprendiaõ a dãçar, pera andar com brio f. 26.v.c.2.
Lacedemonios mandaraõ escreuer em lugares publicos os nomes daquelles que morreraõ na batalha que tiueraõ cõ el Rey Xerxes f.76.v.c.1
Lacedemonios se conseruaraõ algum tempo com igualdade de bens,mas nos postos,& calidade auia differença f. 205.v.c.1
Lacedemonios eraõ os mais afeiçoados á guerra f.210.v. c.1
Lacedemonios pintauão os seus Deoses armados f.215.c.1
Lacedemonios tinhaõ por ley que as crianças mal conformes no corpo.& rosto se leuassem aonde morressem f. 234.c.2
Lacedemonios mandaraõ a Demetrio hum so embaixador por afronta, sendo costume manda-

mandarem dous, & tres f. 251.v.c.1
Leão Papa, dezia dos Romanos em respeito da religiaõ, que não auia erros de outras gentes que não admitissem f.106.c.2
Leão Papa teue hum priuado Chamado Christouão, homem baixo, q̃ o quis prender para ser Papa f.130.v.c.2
Leaõ 10. Papa mandou justiçar ao autor de huã conjuraçaõ, que fizeraõ cõtra elle algũs Cardeais, & aos cõplices desterrou f.180 c.2
Leys dos Athenienses não daõ pena aquem matar o pai, & porque f.11.c.1
Ley Plagiaria promulgada antigamente contra os furtos q̃ se fazião com titulo de caça f.37.c.2
Leys ainda que sejão as mais justas, haõ de ser meneadas cõ prudencia f.93.v.c.1
Leys saõ como teas de aranha que tomão as moscas, mas os bichos grandes as rompem, diz Solon f.188.c.1
Letrados admitia Alexandre Mag. aos conselhos de guerra f.22.c.1
Leuitas nos exercitos cantando o que esta no psalmo 135. f. 26, c.1
Liberdade sempre foi gostosa pera vso dos vicios f.51.c.1.
Liberdade he a cousa que mais estimão os homẽs, diz Diogenes f.80.c.2
Liberalidade he o meyo mais efficaz pera obrigar f.75.c.2
Liberalidade dos Principes hade ser cõ prudencia f.79.v.c.2
Liberalidade demasiada de Cornelio Sylla enfraqueceo seus soldados f 113.c.1
Licinio Crasso se prezaua de dançar f.26.v.c.1
Licino Emperador não sabia fazer o seu final f.21.v.c.2
Lycurgo mandaua que aos ido los offerecessem pouco, porque lho não tornassem a tomar f.55.v.c.2
Lycurgo sendo tão prudente, foi tachado de falar muito f.66.c.1
Lycurgo gloriaua se de ser notado de dar, & não de receber f.67.v.c.2
Lycurgo persuadio aos Lacedemonios que os bens fossem comuns f.78.v.c.2
Lycurgo mandaua que se não pelejasse muitas vezes com os inimigos pellos não ensinar f.105.c.1
Lycurgo limitou os trages aos Lacedemonios nas suas leys, & os Romanos se conformaraõ com muitas dellas f.106 c.2
Lycurgo mandaua que nos tectos das casas se pudessem por lauores, & nas portas não & porque f.112.c.2

Lycur

Lycurgo depois de diuidir as terras dos Lacedemonios entre os Cidadoens, o que disse pellos ver vnidos f. 178. v.c. 1

Lycurgo criou em sua casa dous caens filhos de hum ventre, & peraque f. 184. v.c. 2

Lycurgo mandaua que em nacendo os mininos, fossem metidos em agoa fria, pera se habituarem aos rigores f. 185. v.c. 2

Lycurgo ordenou aos Espartanos que todos fossem iguais em fazenda, & que as molheres casassem sem dote f. 192 v.c. 1

Lycurgo quis mais em os seus Cidadoens introduzir pobreza, que riqueza f. 210. c. 2

Lycurgo limitaua os gastos aos cidadoens f. 214. c. 1

Alingoa disse Isopo que era boa & má f. 65. v.c. 2

Lingoa de lisongeiro mata mais, que a espada do facinoroso, diz S. Agost. f. 140. c. 2

Lipomano o que notou, quando Agar respondeo ao Anjo, que vinha de casa de Sara f. 218. v.c. 1

Lisandro Capitão, porque se vio posposto aquem menos merecia, quis tirar o Reyno a Agesilao, aquem antes oderа com seu valor f. 78. v.c. 1

Lisandro não destruio tanto Athenas com as riquezas que lhe roubou, como a Lacedemonia leuãdoas a ella f. 215 v.c. 2

Lisias por ir contra os Machabeos, com intento de vender os officios, mandou Deos hũ Anjo sobre hum cauallo q̃ o pos em fugida f. 242. v.c. 2

Lisimaco Rey por matar seu filho impiamente, se lhe passaraõ seus Capitaens a Seleuco, que o houue as mãos, & o matou f. 84. c. 1

Liuros saõ os melhores mestres f. 22. v.c. 1

Liuros cõdenaua Socrates, porque escusaõ o exercicio da memoria f. 97. c. 1

Lucanos não permitiaõ que seus filhos comessem senaõ o que caçauaõ f. 181. v.c. 2

Luciano em hum dialogo nota com hũa introducçaõ o descuido dos Principes f. 36. c. 1

Lucillo priuado de Marco Bruto se offereceo aos inimigos do mesmo M. Bruto, fingindo ser elle f. 134. v.c. 2

Ludouico Sforcia apartase da liga dos Principes de Italia cõtra Venecianos, & os fauorece f. 104. c. 1

Ludouico pio foi preso de seus filhos f. 158. v.c. 1

Luis 11. de França, porque hũ medico lhe disse que o auia de fazer immortal, lhe obedecia f. 62. c. 1

Ma-

M

MAcheo Capitão valeroso de Cartago, pella desgraça de perderselhe hum exercito, foi desterrado, mas elle em vingança teue cercados aos mesmos naturais f. 104. c. 2

Macrobio gaba a musica f. 25. c. 1

Macrobios não conheciaõ por Principe o que no corpo fosse mal cõforme f. 234. v. c. 2

Magestade Real consiste em fazer merces, & adquirir o respeito dos vassallos, diz Platão f. 146. c. 1

Magnanimos saõ (diz Cicero) não so os que se conhecem nas prosperidades; mas os q̃ não se abatem aos golpes da fortuna f. 60. v. c. 2

Magos antes quiseraõ ser condenados a morte que dizer a Nabucodonosor que Daniel lhe explicaria o sonho f. 226. c. 2

A Mai daquelles filhos, de que fala o Euangelho, auendo de pedir, adorou f. 147. v. c. 1

O mal esta em vsar dos vicios, a prudencia em os conhecer f. 174. v. c. 2

Manasses foi entregue aos Assirios por desprezar o culto do verdadeiro Deos f. 50. v. c. 1

Manasses por se prezar de prudente, se mandou retratar cõ sincorostos a imitaçaõ de Iano com tres f. 92. v. c. 1

M. Bruto, & Cayo Cassio se vnirão pera matarem a Cesar f. 180. c. 1

Mardocheo sentira que Assuero lhe antepusera a Amão, se não vira que se esquecia de seus seruiços f. 97. v. c. 1

Manchas da pessoa a vista do ouro se descobrem mais f. 108. v. c. 1

D. Manoel Rey de Portugal moço emprendeo a conquista da India f. 14. v. c. 2

Manlio Consul, porque seu filho Manlio quebrou a ordẽ militar saindo a hum desafio, de que tornou vitorioso, o mandou degolar. Posthumio dictador matou a hum filho por outro semelhante, & de Bruto se conta o mesmo f. 239. c. 1

Mauregato Rey de Leaõ filho bastardo delRey D. Affonso o Catholico por se confederar com os Mouros, morreo miserauelmente f. 45. c. 2

Maximino Emperador queria que lhe beijassem seus vassallos os pés f. 63. v. c. 1

Maximino teue valor pera chegar a ser Emperador, & naõ pera se cõseruar f. 171. v. c. 1

Medecina nenhuma ha que faça mais reuoluçoens em hũ estamago de valor que a vista das merces empregadas ẽ quem

quem as não merece f.77.c.1
Melio Romano por ter distribuido pello pouo muito trigo,o quiseraõ a clamar pòr Rey,mas foi logo morto fol. 133.c.1
Memoria grande de ordinario se acha sem capacidade, por que onde ha mais della, ha menos de entendimento fol. 97.v.c.1
Memoria guarda,& repete, diz Cicero f.96.v.c.2
Memoria exercitada nos sucessos pera vsar da prudencia f. 97.c.1
Memoria vtil ao Principe pera o conhecimento f.97.c.1
Memoria felice de Metridates Rey que falaua 22. lingoas f.97.c.2
Menandro disse que os que seruem a virtuosos,não podem ser viciosos f.202.v.c.2
Menon Thesalo tinha por homens de entendimento boto os que não eraõ velhacos f.168.c.2
Mentira deuem os Principes fugir della,diz Salamão f.117. v.c1.
Mentiras pera vtilidade dos vassallos(diz Platão)que as pode vsar o Principe f.137.c.2
Mentiras,& enganos saõ indecentes nos vassallos, quanto mais nos Principes f.138. v.c.2
Mentira vsada a inda nos louuores de Deos(diz Sancto Agostinho]que he peccado fol. 138.v.c.2
Mercearias,obras gloriosas dos Reys Portugueses f.150.v. c.1
Hum Mester disse alRey Dom Afonso 4.de Portugal por se dar muito a caça, que Deos não lhe auia de pedir conta das feras que mataua; mas dos vassallos que não despachaua f.38.c.1
Mestres,& ayos haõ de doctrinar com liberdade os Principes f.19.v.c.2
Mestres interessados deixão caminhar os Principes a redea solta f.20.c.2
Mestres tudo o que fizerem, & disserem diante dos Principes seja digno de imitarse f. 20.v.c.2
Michas sentio furtaremlhe os idolos, por serem feitos de sua mão f.244.v.c.1
Micheas profeta disse alRey Achab algũas verdades de q̃ lhe cobrou odio f.118.v.c.2
Myeipsa como persuadio a seus filhos a vniaõ f.177.v.c.1
Michol de ver alRey seu marido dançãdo,se enuergonhou f.62.v.c.2
Mininos de Bethel por chamarem caluo a Eliseo,foraõ despedaçados de dous vrsos f. 52.v.c.1
Mininos mortos na destruiçam

de Amalech por mais cruel castigo dos pais f. 151.v.c. 2
Meninos nobres em Roma trazião ao pescoço huma medalha de ouro da forma de hũ coraçaõ por insignia de nobreza f. 221.v.c. 2
Ministros, pera se naõ descuidarem, haõ de cuidar que suas acçoens saõ presentes aos Principes f. 97.v.c. 2
Hum ministro mao, fez perder o Imperio a Maximino fol. 249.v.c. 2
Moços naõ se criem em casa de seus pays, que assi o faziaõ os Persas, & franceses f. 183. v.c. 2
Moyses leuaua á historia de Iob quando foi a Egypto a negociar com elRey, diz Origenes f. 22.v.c. 2
Moyses quando quis morrer, so o Tribu de Simeaõ naõ o mandou vir por mais culpado na venda de Ioseph. f. 83 v.c. 2
Moyses quando deceo do Monte com tanta claridade, que ninguem lhe podia falar, punha hum veo sobre o rosto pera o tratarem f. 127.v.c. 2
Moyses naõ se atreueo no fim da vida a nomear Prelado sucessor seu, pedio a Deos que o elegesse f. 201.v.c. 1
Moyses teue dous lanços encõtrados, resistir a Faraò em defensaõ do pouo, & não querer aceitar o gouerno de outra prelazia f. 203.c. 2
Moyses recebia conselho de seu sogro Ietro f. 222.c. 1
Moyses quando era minino, deitaua a coroa de Faraò no chaõ, pondolha elle na cabeça. ibidem.
E negou depois de homem, ser filho da filha de Faraò, sendo tido por tal. ibidem.
Moyses quebrou as taboas porque desapareceraõ as letras dellas, diz Philo f. 245.c. 1
Molheres incapazes de accusasoens f. 111.c. 1
Molher viuua quando tiuer o Imperio da terra, acabarse ha o mundo f. 11.c. 2
Molher criada pera companheira do homem f. 11.v.c. 1
Molheres de valor, & capazes pera o gouerno f. 12.c. 1
Molheres nobres haõ de criar seus filhos com seu proprio leite, & porque f. 17.c. 2
Molher de Iob correo se de ver a seu marido abatido f. 62.v. c. 2
Molher delRey Cyro recebia visitas de molheres ordinarias, honrandoas f. 74.v.c. 1
Molheres Romanas vendo esgotados os thesouros publicos, puseraõ nelles tantas joyas que o tornaraõ a reformar f. 101.c. 2
Molher, & amigos de Amão o o puserão na forca, pello lison-

lisongear, aconselhando o que pusesse nella a Mardocheo f.141.c.1
Molheres entre os Romanos nenhũa podia ir ao Senado f.218.v.c.2
Molheres Romanas beberem vinho, era o mesmo crime q̃ adulterio f.218.v.c.2
Molher Romana que entraua na adega encorria em pena de morte f.219.c.1
A huma condenou Cneo Domicio em confiscação de bẽs por beber vinho f.219.c.1
E Egnacio Metello matou a sua porque o bebeo. ibidem.
Molheres não vsaraõ de enfeites ate o septimo Rey dos Assirios f.219.v.c.1
Monarchia dos Iudeos continuada em varoens, & porq̃ f.11.v.c.2
Monarchia de Babilonia figurada nos pes de ferro, & barro da estatua de Nabucodonosor f.178.c.1
Monarchia dos Gregos destruida por tres molheres, huma amiga de Pericles, & duas criadas suas f.217.v.c.2
Monstros ha da fortuna, como da natureza f.168.c.2
Morcegos fingem os poetas, que quando lhes he necessario parecer aues mostram as azas, & quando animais as tetas, assi erão os Samaritanos f.208.c.1
A morte fugio Moyses como homem particular, & depois de Principe se offereceo a ella, diz Sam Ioaõ Chrisostomo f.71.v.c.1
Morte de Clyto dada por Alexãdre Magno, e sendo injusta lha louuarão os Macedonios f.139.v.c.2
Morte padecida pella patria he hum genero de vida mais gloriosa, diz Philo f.154.c.1
Mouros guardaraõ a palaura aos Cidadoens de Murcia, conhecendo que os embaixadores della os informaraõ cautelosamente f.121.v.c.2
Muciano Gouernador de Siria era de igual animo nas prosperidades que na aduersidade f.60.v.c.1
Murmuração he doença contagiosa f.175.c.1
Musica em quanto parte da Mathematica he digna de Principes f.24.v.c.1
Musica louuada de Aristoteles pella recreação. f.28.v.c.1

N

NAbucodonosor, dezia do seu Deos Bel que era mui poderoso porque comia muito, de que Daniel o desenganou f.212.c.1.

Naçoens todas tiuerão alguma sciencia pera o seu gouerno, diz Seneca f. 22. v. c. 2
Natão teue brio pera reprender a Dauid f. 203. v. c. 2
Natureza comparada de Seneca a terra fertil f. 19. vers. c. 2
Natural he dos homens terem odio aos que na lei lhes saõ differentes, diz Philo. f. 44. v. c. 1
Natural he a todo homem antepor qualquer respeito proprio a todos os outros, diz Seneca f. 132. v. c. 1
Necessidades, & trabalhos dos homens saõ effeitos ira diuina f. 56. c. 2
Nembroth edificou a torre de Babel f. 1. v. c. 1
Nembroth quis conquistar os Ceos f. 2. c. 1
Nembroth bisneto de Noe foi o primeiro caçador f. 37. c. 1
Nembroth da caça começou a fazerse tiranicamente senhor dos homens f. 37. v. c. 1
Nero teue bons principios em seu gouerno f. 81. c. 2
Nero cantou em publico f. 24. v. c. 1
Nero se prezaua de grande musico f. 25. c. 2
Nero desautorizado por gostar muito de balhes, comedias, & recreaçoens semelhantes f. 80. c. 2
Nero enuejaua a Priamo por ver perdido o Reino, & patria f. 84. c. 2
Nero tachado de crer a hum Cartagines, que lhe prometeo hum thesouro pera o q̃ fez huma armada sem nenhum proueito f. 126. v. c. 1
Nero foi Gentil homem f. 234 v. c. 1
Nilo rio, diz Plinio, que rega, & semea os campos por donde passa f. 113. c. 1
Nino Rey idolatra f. 1
Nino filho de Semiramis foi notado de não dar audiencia as partes f. 126. c. 2
Nino Rey dos Assirios fez huma estatua de seu pay Bello, & tudo quanto lhe pediam, por ella concedia, pelloque foi adorado f. 147. v. c. 2
Nobreza, & riqueza principio das discordias, diz Aristoteles f. 177. v. c. 2
Nobreza fauorecida de Cicero f. 204. v. c. 1
Nobreza desprezada foi causa de grandes males em Roma f. 205. c. 1
Nobreza procede dos antepassados, dos Principes, ou das obras de valor f. 206. c. 2
Nobreza he certo lustre recebido dos passados, diz Aristoteles f. 206. c. 2
Nobreza consiste na descendencia de pais nobres, diz

Salamaõ

Salamão o f. 206.v.c.1
Nobres tem filhos que o não saõ, & não ha plebeyo cujo filho, ou neto o naõ venha a ser, diz Seneca f. 206.v.c.2
Nobreza grangeada com obras heroicas, & esta diz Platão he a mais verdadeira f. 207.c.1
Nobreza a melhor, diz Ouuidio, consiste nas obras, naõ no sangue f. 207.c.2
Nobres sem merecimentos saõ como os que se escondem da justiça nas sepulturas dos mortos f. 207.c.1
Noe, pera Deos o saluar do diluuio, custoulhe fazer a arca 40. annos f. 48.c.2
Noe quando maldiçoou a Canaam, castigou no filho o delito do pai f. 151.v.c.2
Numa deu principio ao culto diuino, aos Flamines Sacerdotes, & as Virgens Vestais f. 47.c.1
Numa gouernou aos Romanos com a beneuolencia de pai, tirou todas as guardas da pessoa Real f. 72.c.2
Numa deu Leys aos Romanos, & fez escreuer em doze taboas as de Solon f. 192.v.c.2

O

OBediencia necessaria a conseruação do mundo f. 11.v.c.1
Obediencia deuida por justiça aos sacerdotes da ley velha f. 52.v.c.2
Obediencia como era fundamento de noua republica de Romulo parece que o disculpa em matar a seu irmão, Remopor faltar a ella f. 124.c.2
Obediencia diuidida nunca causou bons effeitos f. 145.vers. c.2
Obras ensinão mais do que palauras, diz Aristoteles f. 124 v.c.2
Obras nacidas do appetite se saõ gostosas, saõ as da virtude gloriosas, dezia Alexandre Seuero f. 168.v.c.2
Obrigaçoens de Principes resumense na conseruação da paz, & prosperidade dos vassallos f. 19.c.1
Obseruancia da religiaõ (diz S. Agostinho) he hũa obediencia a ley deuina f. 48.c.1
Ociosidade he peste f. 215.c.1
Ociosos comparados de Sam Loureço Iustiniano ao charco de agoa, que por estar sẽpre em hum lugar se corrõpe f. 215.c.2
Ociosidade he indecencia em hum velho f. 215.c.2
Octauio honrando a hum inimigo, & fazendoo amigo seu, lhe pagou com hũa traiçaõ f. 90.v.c.2

Odio justificado não tem reparo, diz Plataõ f. 86 c. 1
Odio de hum pouo comete o q nũca se imaginou f. 87. v. c. 2
Odio, & ira differem na duraçaõ do tempo f. 190. v. c. 1
Officio sacerdotal he de Rey conforme S. Pedro f. 25. v. c. 1
Officio de vigiar costumes ordenou Plataõ f. 185. c. 2
Officio de Bispo he (diz S. Agostinho) o mais agradauel aos homens, & o mais arriscado a saluaçaõ f. 231. c. 1
Olimpias may de Alexandre quis matar a Arideo irmão do mesmo Alexandre, sendo minino, & naõ pode, & depois de ser Rey o matou f. 114 v. c. 1
Opiniaõ he hum acto do entendimento não persuadido cõ fundamentos infaliueis, diz Aristoteles f. 160. c. 1
Opiniaõ, & verdade (diz S. Thomas) tem tanta differença, quanta ha entre o entendimento, & a uontade f. 161. v. c. 2
Opiniaõ he, o que chamaõ os filosofos hũa eleiçaõ aceitada da vontade duuidosa de errar f. 162 c. 1
Opiniaõ conforme os politicos he hũa eleiçaõ de cousas erradas praticadas por verdadeiras. ibidem
Oradores relatando suas cousas, naõ eraõ consentidos dos Areopagitas acrecẽtar proemios f. 29. c. 2
Oradores, & Capitaens, diz Cicero, haõ de ter os bons lugares na rep. f. 29. v. c. 1
Ordem Equestre dos Romanos, depois dos Senadores, tinha o primeiro lugar f. 40. c. 2
Ordonho Rey de Leão por sua couardia fugio pera os Mouros, onde morreo afrontosamente f. 60. c. 1
Ordonho Rey de Leão se leuãtou com o Reyno, mas naõ se atreueo a sustẽtalo f. 171. v. c. 1
Oseas Rey teue muitos trabalhos pellos peccados dos seus f. 123. v. c. 1
Ostentaçoens de poder aconselhaua Hermocrates a Saragoça, pera se defender dos inimigos f. 161. c. 1
Estas vsaraõ os Egestanos. ibid.
E a que vsaraõ os de Murcia contra os Mouros. ibidem.
Othon foi pio em seus principios, depois tirano f. 8. c. 2
Ouelhas esfoladas não podem acodir mais com lam f. 87. c. 1
Ouro pera adquerir huã cidade he o melhor meyo f. 6. c. 1
Ouuidos cerrados nace de pouco amor; esta queixa tinha Deos dos Hebreos qne cerrauão os ouuidos aos seus Profetas f. 125. c. 2
O ouuir a todos Ludouico Sfor

cia

cia, o fez mui amauel com os Lombardos f. 126.c.1
Ouuir muito, & falar pouco aconselha Bias f. 175.c.1
Oza castigado de Deos, quando tocou a arca, & porq f. 151. v.c.1
Ozias castigado de Deos com lepra, offerecendolhe Othimiama f. 162.v.c.2

P

PAis viuem em seus filhos pera lhes pertencer a satisfaçaõ de seus merecimentos f. 152.v.c.2
Pais peccadores, & filhos innocentes, podese ter por milagre; por tal o julga a escritura perecer Core, & seus filhos não f. 124.v.c.2
Pais tem mais amor aos filhos que asi proprios f. 151.c.2
Pais ha, que amaõ a seus filhos como se os aborreceraõ, diz Plutarcho f. 184.c.1
Paixoens dalma ninguem as pratica melhor que o rosto, diz Seneca f. 111.c.1
Palauras humas mesmas pronũciadas por diuersas pessoas causaõ differentes effeitos, diz Euripides f. 63.c.2.
Palauras dos Principes haõ de ser mais certas que concertadas, diz Salamão f. 66.c.1.
Palaura naõ se ha de comprir em huma injustiça, diz Santo Agostinho f. 122.c.2
Palaura de hum Rey ha de valer mais que o juramento dos vassallos, dezia Afonso o Sabio f. 120.v.c.1
Palaura que se nega aos vassallos he especie de tirania, diz Cicero f. 120.v.c.1
Palaura que deu Carlos 5. a Luthero a naõ quis quebrantar sendo a causa justa pera isso f. 120.v.c.2
Papa Gregorio 7. mandou a Espanha Ricardo Cardeal pera compor humas discordias entre elRey D. Afonso, & os ecclesiasticos, depois por desordens o suspendeo f. 68.c.1
Parabola da ceara cheya de joyo f. 173.v.c.2
S. Paulo diz que fica o homem hum mesmo corpo com a cõpanheira do vicio carnal f. 57.v.c.2
Paulo 3. Papa propunha negocios sem necessidade por conhecer os animos dos votantes f. 225.v.c.2
Pausanias Rey trasladou a Lacedemonia os ossos do Capitão Leonidas morto na guerra, & mandou escreuer em huã columna os nomes de trecentos soldados, que com elle morreram f. 154. c.2
Pausanias disse que não era valente com mortos, aconselhãdolhe que fizesse grandes ju

ſtiças de hum f.92.c.2
Paulanias General dos Lacedemonios por querer fazer ſenhor de Grecia a Xerxes,foi entaipado no templo de Minerua f.158.v.c.1
Pazes mandaua Deos que ſe offereceſſem primeiro, quando foſſem a combater algũa Cidade f.103.v.c.1
Pazes com os inimigos, diſſe Epaminondas,que era o meyo mais ſeguro.ibidem.
O peccado daquelle homem q̃ ſe ajuntou com aMadianita, chorouo todo o pouo f.124 v.c.1
D.Pedro Rey de Aragaõ ſe eſpantou da magnanimidade do Cid em o ſoltar, & à mais de mil peſſoas,dandolhes ajudas de cuſto f.60.c.2
D.Pedro o cruel de Caſtella matou a ſua molher,& irmaõs,& foi morto por Henrique ſeu irmão f.83.c.2
Pelejar com os inimigos muitas vezes,he adeſtrálos na arte militar f.105.c.1
Perdaõ demaſiado he perjudicial f.90.c.1
Perdoar aos malfeitores he crueldade,como caſtigar aos innocentes f.90.v.c.1
Perfeição,diz Ariſtoteles, conſiſte na mediocridade f.112.c.1
Perfeição de hum Principe he moderar os affectos naturaes,aſſi o diz Socrates f.21.c.2
Perfeição do orador não ſe diminue com falar muito,a do Principe ſi f.23.c.1
Perſandro veador da fazenda dos Athenienſes foi apedreja do por fazer mal ſeu officio f.250.c.2
Pericles ſendo grande Capitaõ, foi reprendido de Ariſtofenes por vſar mal da eloquencia f.29.c.2
Pericles perſuadio aos Athenienſes que honraſſem os filhos dos q̃ morriaõ na guerra f.154.c.1
Pericles depois de alcançar huma vitoria,o que lhe diſſe huma molher f.62.c.1
Pericles, dezia por Alcibiades mancebo diſſoluto, que era ignorancia criar dentro da Cidade hũ Leaõ f.217.c.2
Perſas tinhão por crime não remunerar o beneficio que ſe fazia f.76.c.2
Perſas coſtumauão à ſeus filhos a paõ,& agoa,& heruas fol. 185.v.c.1
Perſas por coſtume inuiolauel não admitiaõ ao gouerno homem torto f.234.v.c.2
Perſas não permitião aos ſoldados vinho mais que hũa vez cada anno f.255.v.c.1
Perſio Rey de Macedonia, por moſtrar muita humildade eſtando catiuo,o notou Plutarco

co de mui pusilanimo f. 61. x.c. 1
Persuasaõ naõ consiste tanto na virtude das palauras como na vista das obras, diz S. Bernardo f. 217. c. 2
Pertinax Emperador ajuntou muito ouro f. 100. c. 1
Petrarcha abomina os balhes de molheres f. 28. c. 1
Petrarcha reproua a volataria f. 38. v, c. 1
Pherenice disfarçada de homẽ foi aos jogos Olympios, sendo pena de morte ir a elles molher, & vendo a seu filho vencedor, se descubrio, estimando mais o gosto de over que a vida f. 151. c. 2
Phocion Atheniense se queixa ua pella resoluçaõ com que se arremeçauão os mancebos dizendo, que tinha mais Capitaens que soldados f. 115. v. c. 1
Pieinino Capitaõ de juizo limitado, mas prompto no q̃ emprendia f. 95. c. 2
O pedir tras sempre desautoridade, diz Seneca f. 223. c. 2
Piedade sustenta o trono Real f. 10. v. c. 2
Piedade pos no Imperio a Leão 4. f. 46. v. c. 1
Piedade que chega a ser superstiçaõ he ignorancia f. 50. v. c. 1
O piedoso com hum traidor he cruel consiho f. 159. v. c. 1
Piloto ha de vsar do sono moderadamente, como diz Plataõ f. 35. v. c. 1
Pilatos persuadiose que tinha poder sobre Christo f. 73. v. c. 1
Piramides de Egypto julgada por obra ociosa f. 102. c. 2
E Plinio, diz q̃ porq̃ gastado o dinheiro não tiuesse os inimigos desejo de os conquistar. ibidem.
Pirrho sendo perguntado qual lhe parecia melhor musico Caphias, ou Python respondeo, que lhe parecia melhor Capitão Poliperconte f. 24. c. 2
Pirrho Rey de Albania leuando o dinheiro do templo de Proserpina, se perdeo a vista delle f. 50. v. c. 2
Pirrho não castigou a huns soldados que falaraõ mal delle, por se desculparem com o vinho que tinhaõ bebido fol. 91. c. 2
Pirrho morreo as mãos de hũa molher f. 114. v. c. 1
Pisistrato, porque os Athenienses lhe concederão que pudesse trazer consigo homẽs armados, se leuantou contra a Cidade f. 81. c. 2
Pisistrato Rey de Athenas perdoou a huns mancebos certa descortesia contra a Rainha f. 91. c. 2
Pisistrato Rey tirano vendo a hum

hum velho que semeaua entre pedras, lhe perguntou, q̃ esperaua colher, & respondeo: espinhas, porque ate disso auia de pagar dizimo a Pisistrato f. 202. c. 2

Pithagoras exercitou à musica conforme Boecio f. 25. c. 1

Pithagoras se contentaua mais dos homens que arguem as acçoens boas, que dos que louuão ate as más f. 118. ver. c. 2

Pitagoras o que disse do prouimento dos officios em homens scientes sem mais partes f. 157. v. c. 1

Plancio mata ao Emperador Septimo de quem recebeo grãdes merces f. 9. c. 1

Platão diz, que quem não se prezou de Sabio, não naceo pera Rey f. 22. c. 2

Platão chama aos poetas filhos dos Deoses f. 33. c. 1

Platão não quis fazer leys aos Cyrenenses pella felicidade em que viuiaõ f. 209. c. 2

Platão conta de Amasis Rey de Egypto, que era desprezado de alguns por ser de baixo sangue, & o que fez pera os persuadir ao respeito f. 64. v. c. 1

Platão sobre o acerto do gouerno politico f. 175. v. c. 1

Plebeyos em Roma alcançaraõ por Canuleyo Tribuno entrar nos officios como os nobres f. 204. c. 2

Plutarcho gaba a Gelon, porq̃ pedindo huns seus amigos hũa viola, pedio elle hum cauallo f. 24. c. 1

Plutarcho diz, que assi como entre as folhas se acha ocacho, assim na poesia entre a recreaçaõ os conselhos f. 42. c. 1

Plutarcho o que conta de hum sofista pera concordar os Cidadoens de Athenas f. 176. v. c. 2

Pobreza enfraquece os animos f. 101. c. 1

Pobreza resulta de desperdiçar o superfluo, diz Seneca f. 128 c. 2

Poder aonde ha mais, ha menos rezoens pera vsar delle, diz Sallustio f. 67. c. 1

Poder quanto mayor, tanto mais ha de ser regulado pella justiça, diz Seneca f. 67. c. 2

Poderosos em Roma querendo atropellar o pouo, elle se fez forte no monte Auentino, & os obrigou a concertos auentajados f. 74. c. 1

Poder inconstante he o que se funda em cabedal alheyo, diz Cornelio Tac. f. 125. v. c. 1

Poder ecclesiastico, & secular se deue ajudar, como escreueo o Papa Nicolao ao Emperador Miguel f. 230. v. c. 1

Poderosos saõ como aruores gran-

grandes que assombrão as pequenas, & não as deixaõ crecer f. 181. v. c. 1
Poesia conforme a definição do Grego he arte de mentiras f. 32. v. c. 1
Poesia vituperada de S. Hieronimo. ibidem.
Poetas saõ mentirosos, Aristot. ibidem.
Poetas perjudiciais pera o gouerno. ibidem.
Poema mal medido dado a Silla, & o que fez f. 33. c. 2
Poesia perfeita não se alcança sem influencia diuina f. 33. v. c. 1
Poesia parte da logica a faz Alberto Mag. ibidem.
Poesia comparada de Isocrates com o fauo de mel. ibidem.
Pompeyo teue brio pera ganhar vitorias, & não pera sofrer disfauores da fortuna f. 61. c. 1
Pompeio entrou em Ierusalem pella desuniaõ dos Capitaẽs Aristobolo, & Ircano f. 179. c. 1
Poucos fazem distinçaõ entre o vtil, & o honesto f. 166. c. 2
Pouos isentos de tributos por elRey Theodorico dos Godos em premio de seruiços f. 80. v. c. 2
Pouo leuantado contra Roboaõ por nouos tributos f. 86. c. 2
Pouo Hebreo perseguido por consentir nas abominaçoẽs delRey Antiocho pello contentarem f. 98. c. 1
Prelado que naõ reformar sua casa, não reformara as ouelhas f. 202. v. c. 2
Prelado tem obrigaçaõ de offerecer a vida pellas suas ouelhas f. 203. c. 1
Prelado bom he difficil de achar, diz S. Agostinho f. 203 v. c. 1
Prelados haõ mister duas espadas, & dous espiritus f. 55. c. 1
Presença de Scipiaõ causou nos Espanhoes amor, & admiraçaõ f. 235. v. c. 1
Presidio o melhor da republica he naõ deixar crecer a ninguem com demasia, diz Baldo f. 181. v. c. 1
A pressa he inimiga do acerto, diz Democrito f. 115. v. c. 1
Presteza de Alcibiades, & de Cesar em empresas de valor f. 115. c. 2
Presteza nas resoluçoens argue engenho, diz Aristot. ibidẽ.
Pretendentes em Roma andaõ sem capa f. 237. c. 2
Principe por herança he melhor, que por eleiçaõ f. 9. c. 2
Principes estranhos mudão as Monarchias pera os Reynos aonde naceraõ f. 9. v. c. 1
Principes por successaõ approuados f. 9. v. c. 2
Principes consagrados em sacerdotes f. 2. c. 1

Princi-

Principes pera respirar do trabalho podẽ vsar do exercicio mais conforme a seu gosto f.24.v.c.1
O Principe D.Ioaõ morreo caindo de hum cauallo f.40.v.c.2
Principes de Europa, concederaõ mais rendas, & liberdades aos ecclesiasticos doque elles quiseraõ aceitar f.54.c.2
Principes haõ de fiar mais do brio que do poder f.60.c.1
Principes sogeitarense a validos he pusilanimidade desautorizada f.61.v.c.1
Principes das proprias molheres se deuem precatar ẽ materias do gouerno f.62.c.1
Principes haõ de ouuir a seus vassallos f.66.c.2
Principe, & vassallos compara Seneca ao piloto, & passageiros de hum nauio f.71.c.2
Principe tem a seus vassallos a mesma obrigaçaõ que o pastor as suas ouelhas, diz Pitagoras f.71.v.c.1
Principe hade exceder a seus vassallos no amor, & cuidado do seu remedio tanto como na superioridade f.71.v.c.2
Principe não hade ser nem brãdo, nem reguroso, diz Philo f.74.c.2
Principes liberais alcançaõ quãto emprendem f.78.c.1
Principes procurem ter amigos assi dos muros a fora como den tro f.104.c.2
Principes atalharem a prosperidade dos vezinhos he boa razão destado f.104.v.c.1
Principes não esperem ouuir verdade, senão de hum profeta Santo, que queira morrer por ella f.119.c.1
Principes saõ as paredes de fora deste edificio do mundo em que todos poẽ os olhos, diz S.Chrisostomo f.122.v.c.1
Principe he como o sol, cujo eclipse faz mal a todos f.123.v.c.1
Principes haõ de estar patentes, pera falar a todos, dezia el-Rey Dom Afonso de Aragão f.126.c.1
Principes não haõ de ser faceis em crer f.126.v.c.2
Principes tem necessidade de companheiros no gouerno, diz Philo f.129.v.c.2
Principe Deos humano o chamou Platão f.144.c.2
Principe comparado ao fogo, q̃ queima, & allumia f.146.c.2
Principe remisso em castigar culpas, & apertado em premiar seruiços, he o mayor dano da repub. diz Socrates f.153.v.c.1
Principes fação mais fundamẽto de conseruar que de adquirir f.172.c.1
Principes vezinhos se estão em paz, tela com elles, & se discorda-

cordarem,julgalo a boa fortuna f. 179. v.c. 2
Principes tanto haõ de obedecer a justiça,como ser obedecidos dos vassallos f.187.c.2
Principes haõ se de differençar nos costumes,& naõ nos vestidos,dezia Afonso o Sabio de Aragaõ f.205. v.c.2
Principes como medicos da hõra,& do bem comum haõ de remediar os males f.213.c.2
Principe naõ importa ser de pouca idade,se se gouernacõ o cõselho de muitos,dizEmilio f.220.v.c.1
Principe comparado por S. Bernardo ao coraçaõ em que se aposentaõ os gostos, & os trabalhos f.244.c.2
Priuados facilitem com sua industria os negocios graues,se mostrar que o saõ, conselho he de Agrippa f.131.v.c.2
Priuado era D.Diogo de Biscaya de Afonso 8.de Castella, & alterandose os nobres por hum tributo,aconselhou alRey que o desterrasse, attribuindolhe a culpa,com o q̃ se aquietaraõ f.136.c.1
Priuados he perigoso q̃ cheguẽ a fauores grãdes f.136.v.c.1
Priuados andão mais arriscados que volteadores de corda f. 137.c.2
Hum Priuado de Lysimacho pediolhe que não fiasse delle segredo algum f.247.c.1
Priuado delRey Antiocho o q̃ fez estando em conselho cõtra hum ,que naõ votou o q̃ elle queria f.134.c.2
Priuado,que prefere o appetite proprio as rezoensde justiça, he infiel f.133.v.c.1
Priuados he a mayor infirmidade dos Principes , disse Catão Mayor f.132.c.2
Priuados humildes de geraçaõ entenderaõ alguns naõ ser defeito f.130.v.c.1
Priuados procurem misturar no ouro de sua priuança alguã liga de merecimentos ; que resista aos golpes da fortuna f.135.v.c.1
Priuança fundada em gostos acaba com outros nouos fol. 137.c.1
Priuilegios importa , que os cõcedaõ os Principes a benemeritos f.80.v.c.1
Priuilegios concedeo Alexandre Mag.f.ibidem.
Pronosticos naõ se ha de fazer caso delles f.50.c.2
Prosperidade das Monarchias depende do culto diuino fol 47.v.c.1
Prosperidade deRoma se deuia aos tesouros,cõ q̃ se acodia ás necessidades,& ao pagamẽto dos Soldados,& em faltando diclinou diz S.Thomas f. 101.c.1
Prouidencia chama Santo Agostinho o conhecimento que-

ordena as cousas futuras fol. 98.v.c.1
Prouidencia he parte principal da prudencia.ibidem.
Prouidencia louuada de Aristoteles,& porq̃ a chama mais de ignorantes,que de prudẽtes f.ibidem.
Prouidencia he conseruar o q̃ se goza f.98.v.c.2
Prouidencia he instrumento por donde se vem os sucessos futuros f.99.c.1
Prouidencia estimada dos Romanos.ibidem.
Prouidencia do Patriarcha Ioseph conseruou os Egypcios enriqueceose Faraò f.99.c.2
A prouidencia faltando, tudo saõ trabalhos,diz S. Agostinho.ibidem.
Prouimentos, hase de mostrar ao pouo,que saõ do Principe,& não do priuado f.134 c.1
Prudencia da Rainha Dona Maria molher de Dom Sancho quarto de Castella f.109.v.c.1
Prudencia excede a todas as virtudes que fazem felice a hum homem,diz Seneca f.92.v.c.2
Prudencia ãda em companhia das mais virtudes,diz Aristoteles f.94.v.c.1
Prudencia se passa os limites de virtude,dá em vicio, diz Seneca f.94.v.c.2
Prudencia naõ pode executar seu officio sem a memoria, diz Isocrates f.96.v.c.2
Prudencia,& experiencia he o mais importante pera o conselho f.233.v.c.1
Prudencia está nos velhos f.14 c.2
Prudencia he a virtude mais real, diz Aristoteles f.39.v.c.1
Prudencia he virtude do entendimento,que aconselha o melhor,diz Aristoteles f.39.v.c.2
Prudencia obediente a piedade,& religiaõ he estrada por donde se encaminha o gouerno f.51.v.c.1
Prudentes haõse de precatar dos enganos dos mais familiares f.129.v.c.1
Ptolomeo Filadelfo Rey de Egypto,mais queria ter os seus soldados ricos que selo elle f.150.c.2

Q

Queima o fogo os ministros que meteraõ no forno aos tres.moços, & não ao Rey autor daquella execuçaõ, & porque f.46.v.c.2
Queixa de Deos pello Profeta Ezechiel em desprezo dos lugares sagrados, & porque f.28.c.1
Questores entre os Romanos que cousa era f.250.v.c.2

Rami-

R

RAmiro Rey de Aragaõ, como tinha sido frade, naõ se acomodaua a seueridade de Rey, pelloque o desprezauaõ & o que fez pera o estimarẽ f.70.c.2

Ramiro Rey de Aragaõ era taõ simplez, que auendo de dar huã batalha aos Mouros, tomou numa maõ o escudo, & na outra a espada, & a redea do caualo na boca f.145.c.1

Receber he ferrugem que consome o bom gouerno, diz Seneca f.92.c.2

Reynos dados por sortes f.6.c.2

Reynos pellos meyos que se adquirem, se deuem conseruar f.54.c.1

Reys tem os affectos dos mais homens f.36.v.c.2

Reys o mesmo he pedirem que tomarem f.54.c.2

Reys não cuidaõ que os enganaõ os validos, ainda q̃ lhes approuem erros f.140.v.c.2

Reys, & vassallos fazem hum corpo, estes saõ os membros, elle a cabeça, diz Aristoteles f.148.v.c.2

Religiaõ verdadeira, diz Santiago, cõsiste em socorrer as necessidades dos orfaõs, & viuuas f.48.c.1

Religiaõ exercitaõ os Principes, se o tempo que haõ de rezar gastaõ em fazer justiça f.48.c.2

Religiaõ necessaria a vida humana, diz Plutarcho f.49.c.1

Religiaõ dos Romanos supersticiosa f.49.c.1

Remedio que deu Scipiaõ o menor aos seus soldados, porque se hiaõ enfraquecendo com os vicios da carne f.58.v.c.2

Repostas de ministros saõ como as dos oraculos f.125.v.c.2

Republica se ha de gouernar cõforme a natureza dos habitadores della f.3.c.1

Republica bemauenturada ẽ q̃ os Principes saõ sabios, diz Plataõ f.39.v.c.1

Republica mal gouernada comparaPlutarcho a hum nauio, & tambem he como a roda, que ainda vai dando voltas, depois que a deixa a mão q̃ a moueo f.93.v.c.1, & 2.

Republica pera ser gouernada em prosperidade, haõ de obedecer os vassallos ao Principe, & o Principe as leys, disse Solon f.125.c.1

Republica comparada dos Egipcios a hũa torre cercada de hũa cobra f.160.c.2

Republica se ha de conseruar pellos meyos com que se acquirio f.243.c.1

Respeito perdese por odio, ou desprezo f.144.v.c.2

Respeito he hum meyo entre amor, & temor, diz Plataõ f.72.c.2

72.c.2
Respeito grangeaõ os Principes com obras de valor, & prudencia f.31.v.c.1
Respondencia nacida de amor não se acha em estrangeiros f.69.v.c.2
Retiradas valerosos Capitaẽs as fazem f.60.c.2
Rezoens de estado não dependem pouco das de conciencia, que seruem de leme à conseruaçaõ do mundo f.46 v.c.1
Recebe mais quem da que quẽ recebe f.76.c.2
Recreaçoens de balhadores, comediantes, & chocarreiros não se haõ de aualiar por seruiços f.80.c.1
Resoluçaõ delRey D. Fernando de Castella injusta em mãdar despenhar os dous irmaõs, que o emprazarão pera dahi a 30.dias, no vltimo dos quais morreo f.117.c.2
O rico auarento disse Abrahaõ que mandasse pregar hum defunto a seus parentes f.52 v.c.1
Ricos saõ mais interessados na defensa da rep.f.84.v.c.2
Rigor excessiuo gera odio, brandura demasiada desprezo f. 74.v.c.1
Rigores, & medos fizeraõse, diz Salamão, pera mininos, & doudos f.75.c.1
Rigores de Deos mais tem de clemencia, que de castigo f. 89.v.c.1
Roboão pera reparar a ruina do seu Reyno escolheo por sucessor o filho mais prudente f.93.c.2
Rodulfo Archiduq̃ de Austria vencendo a elRey de Boemia Ottacaro, o q̃ disse sobre os vestidos f.108.c.1
Roma começou a perder seu valor antigo com as riquezas f.186.c.1
Romanos vsarão muito tempo de eleição pera fazer Reys f.7.c.
Romanos mandauão por ley q̃ as molheres de qualquer calidade criassem seus filhos f. 17.v.c.2
Romanos dauão seus filhos aos tios pera os doctrinarem fol. 20.c.2
Romanos prezauãose de saber as danças Ionicas f.26.v.c.1
Romanos conhecerão q̃ a rep. de Romulo não se auia de cõseruar no exercicio das armas sẽ o da religiaõ f.47.c.1
Romanos erão mui leuados de agouros, julgãdo pellas aues, & seus voos os bons, ou maos sucessos f.49.c.2
Romanos tinhaõ por sacrilegio fazer pouco caso de agouros ibidem.
Romanos concederaõ ao consul Duellio por huã graue victoria naual, que trouxesse diante

ante de si hũa tocha acesa de noite f. 81. c. 1
Romanos sintauãose pera os gastos comuns conforme as fazendas f. 84. v. c. 2
Romanos tinhaõ tesouros publicos pera as guerras f. 87. v. c. 1
Romanos no tempo da paz ajuntauaõ a imitação das formigas pera o da necessidade f. 99. c. 1
Romanos tinhaõ no templo de Saturno, & em Nemis, & outras partes tesouros f. 100. v. c. 2
Romanos não estimauão homẽs arremeçados, nem no gouerno da rep. nem da milicia f. 116. c. 2
Romanos fizeraõ muitos aggrauos a Q. Fauio Maximo, quãdo deuião leuantarlhe estatua, & elle os sofreo com grã de constancia f. 138. c. 2
Romanos por dar gosto a Nero se costumaraõ aos vicios, & depois os não podiaõ deixar f. 142. c. 2
Romanos tinhaõ gram cuidado na criaçaõ dos moços f. 185. v. c. 1
Romanos ensinauão aos mininos as leys das doze taboas, que as cantassem f. 192. c. 1
Romanos differençauão se nos vestidos conforme as calidades f. 206. c. 1
Romanos não podiaõ ter em seu seruiço prata que chegasse a dez liuras, nem campos mais que de sete geiras fol. 214. c. 1
Romanos tinhaõ gram cuidado no recolhimento de suas filhas f. 218. v. c. 1
Romanos repudiauão as molheres, se hiaõ a festas, ou bãquetes sem sua licença fol. 218. v. c. 2
Romanos, era adagio, que venciaõ assentados f. 224. c. 1
Romanos ocupauão os mancebos de talento encargos menores, pera os ir subindo aos mayores f. 232. v. c. 2
Romanos chamauão ao Senado os homens experimentados, ainda que fossem incapazes de assistir naquelle tribunal f. 133. c. 2
Romanos pretendiaõ publicamente lugares do gouerno, & a esses se dauão de ordinario f. 236. v. c. 1
Romanos honraraõ a Papirio por calar o segredo do Senado f. 248. c. 2
Romulo quando edificou a Roma fez no meyo hũa casa de refugio pera os criminosos. f. 81. v. c. 2
Romulo por admitir muitos estrangeiros, que tinhaõ antes sido inimigos, padeciaõ os Romanos grandes desconsolaçoens, porque não tinham vniaõ f. 177. c. 1

Romulo,& Remo ſem ſaberem quem eraõ,moſtrauão nas obras o ſangue Real que tinhaõ 206.c.2
Romulo mandou que não ſe vẽ deſſem as honras f.243.c.2
Rufino Senador porque em hũ banquete oſtentou mais prata do que permetia a ſua rẽda,o priuaraõdo lugar f.254 v.c.1.

S

SAbedoria he o leme do gouerno f.21.v.c.2
Sabedoria,valor, & ſobriedade virtudes de prelados,diz Saõ Paulo f.230.c.1
Sacerdotes Reys f.2.c.1
Sacerdotes houueos em todas as naçoens f.52.c.1
Sacerdotes ſuperiorẽs aos Reys f.52.c.2
Sacerdotes pouco eſtimados,depois que foraõ muitos.ibidẽ
Sacerdotes, mandaua Deos no Deuteronomio,que quem os deſobedeceſſe,morreſſe morte natural f.52.v.c.2
Sacerdotes limitauaõ aos Reys de Ethiopia o tempo que auiaõ de viuer f.53.v.c.1
Sacerdotes approuauão todas as ſentenças que ſe dauão em tempo do Emperador Alexandre Seuero f.53.v.c.1
Sacerdotes entre Alemaens cõforme Cornelio Tacito eraõ juizes das cauſas mais graues ainda dos crimes f.53.v.c.1
Saga veſtido dos ſoldados Romanos f.206.c.1
Salamão diz que toda a molher he ignorante f.10.v.c.2
Salamão prudẽte em moço,& por molheres ignorante em velho f.14.v.c.1
Salamão prohibe aos prudentes a muita comunicação cõ as danças f.28.c.1
Salamão pedio o que conuinha pera ſua obrigação f.22.v.c.1
Salamão dezia,que deſejaua ter guardas ẽ ſua boca f.31.c.2
Salamão depois que caſou com molheres idolatras, ficou ignorante,& perdeo ſua deſcendencia a mayor parte do Reyno f.43.v.c.2
Salamão diz ao Principes,que ſejão affeiçoados a ſabedoria pera a perpetuidade de ſeus Reynos f.93.c.2
Salamão diz que he bemauenturada a terra, cujo Rey he nobre f.204.v.c.2
Salluſtio diſſe q̃ tinhamos certo parenteſco com Deos ſegundo a parte intellectual f.231.v.c.1
Salluſtio fez hũa oração a Iulio Ceſar pera gouernar bem o Imperio f.243.c.1
Samuel Pontifice dos Iſraelitas canſauaſe por ſuas ouelhas f.202.v.c.1
Samuel porque não ſe lhe nomeão mais que quatro anos

no

no primeiro liuro dos Reys, & no do Paralipomenõ muitos f. 208. c. 2
D. Sancho 4. de Castella mandou justiçar quatro mil homens, & molheres em Badajos por huns bandos f. 113. c. 1
D. Sancho Rey de Castella instituio a ordem de Calatraua, chamarãolhe o desejado f. 14. v. c. 2
A D. Sancho 2. priuarão os vassallos por incapaz f. 61. v. c. 2
O sangue acode sempre a parte mais necessitada f. 73. v. c. 2
Sansaõ ainda que casou cõ molher dos Felisteos, nem por isso ficou em paz com elles f. 45. v. c. 1
Sansaõ perdeo a vida por descubrir a Dalila, donde dependia sua força f. 246. c. 2
Santiago apareceo em sonhos a Ramiro Rey de Leão perã o ajudar contra os Mouros f. 51. c. 2
Santos fizerão versos f. 34. c. 1
Sapor Rey dos Persas quis q̃ o tiuessem por irmão do sol fol. 63. v. c. 1
Saul pera conseruar sua coroa busca o meyo de matar a quẽ o não agrauou f. 166. c. 2
Sciluro teue oitenta filhos, & o que fez pera terem conformidade entre si f. 177. v. c. 1
Scipião o mayor trazendolhe hũa donzella mui fermosa, disse, que não queria trocar sua autoridade por hum gosto carnal f. 58. c. 1
Scipiaõ Africano diz, que he ignorãcia dizer: não cuidaua f. 114. c. 2
Scipiaõ dezia, que faltandolhe a Roma a guerra, ẽtão estaua mai arriscada f. 214. v. c. 2
Scitas pello vinho foraõ desbaratados f. 255. v. c. 1
D. Sebastião Rey de Portugal se desgostou com seu ayo, porque o não deixou por em hum cauallo indomito f. 40. v. c. 2
D. Sebastião por não obedecer ao conselho dos seus, padeceo este Reyno miseraueis trabalhos f. 223. v. c. 2
Segiberto Rey de Inglaterra, querendose isentar de conselheiros, matou a hum que resistio a seu gosto, pelloque se conjurarão contra elle, & o matou hum criado do conselheiro aquem elle tinha morto f. 221. v. c. 2
Segredo sabelo guardar he difficultoso, diz Chilõ f. 247. v. c. 2
Seleuco Legislador dos Socros principioulhes leys na obseruancia de religião f. 47. c. 2
Semelhança entre o Principe, hortelão, pastor, & laurador f. 174. c. 1
Semiramis matá a seu marido f. 10. v. c. 2.
Semiramis ainda que he tida

por valerosa, dizem alguns que fez os muros de Babilonia de couardia f. 82.v.c. 1
Senacherib degolado por seus filhos f. 1
Senacherib idolatra f. 2.
Senado Romano honrauã os seruiços dos homens do pouo, com lhes dar hum cauallo f. 4.v.c. 1
Senado Romano não consentio que Mena varaõ rico trouxesse toga, por auer sido escrauo f. 206.c. 1.
Senadores primeiro tratauam dos negocios da religiaõ no seu tribunal f. 53.v.c. 2
Seneca, diz, que a cousa mais torpe he hum velho q̃ começa a viuer f. 15.c. 1
Seneca, que obedecer ao ventre he diffirir pouco dos brutos f. 21.c. 1
Seneca repetia os nomes de dous mil homens por ordem f. 97.c. 1
Seneca diz, que mais caso fazemos do que esperamos do q̃ possuimos f. 230.v.c. 2
Sentença de Petrarcha sobre o dançar f. 28.c. 2
Sentença de Acresilao sobre hum orador que amplificaua o que dezia f. 32.c. 1
Sentença que deu Deos contra Adão, a pronunciou o verbo Eterno, ponderou Theofilo f. 239.v.c. 1
Sertorio escapou das mãos de seus inimigos, & veo a acabar nas de seus amigos conjurados pello odio que tinhaõ a excellencia de seu valor f. 180.v.c. 1
Seruiços se pagaõ muitas vezes com priuilegios f. 80.v.c. 2
Seueridade he melhor que o riso, diz Salamão f. 112.v.c. 1
Seuero Antonino Emperador fauoreceo tanto a hum valido, que casou o Principe cõ huma filha sua, & em agradecimento, desta honra os quis matar f. 182.c. 2
Seuero Emperador o que fazia pera acertar na eleiçaõ dos gouernadores f. 237.c. 2
Siginos concederaõ, que as dõzellas, que fossem destras em gouernar hum coche de quatro cauallos, pudessem escolher marido f. 8.v.c. 1
Simonides perguntado, porque era auarento depois de velho, respondeo, que he mais acertado deixar a inimigos q̃ pedir a amigos f. 85.v.c. 1
Soberba acompanha a prosperidade f. 204.c. 1
Socrates aprendeo a tanger viola depois de grande f. 24.v.c. 2.
Socrates nunca rio, nem chorou f. 66.v.c. 1
Socrates zombaua dos trages, & vaidades dos homens fol. 107.v.c. 2
Socrates sogeitaua as paixoens

& o que lhe sucedeo com hũ criado f. 190.v.c.2
Socrates chamou aos de engegenho claro, filhos dos deoses f. 231.v.c.1
Socrates foi taõ senhor de si, q̃ deshonrandoo sua molher, & molhandoo com hum jarro de agoa, lhe disse: bem me parecia a mi que depois de tantos trouoens, auia de auer chuua f. 253.v.c.2
O sol cõ os mesmos rayos criã o ouro, & pedras preciosas q̃ as heruas peçonhentas fol. 182.c.2
Soldados desanimados por hũs trouoens que ouuiraõ, a quẽ animando Epaminondas disse que aquelle sinal era contra os inimigos f. 49.v.c.1
Soldados dezia Cyro, q̃ eraõ os seus tesouros f. 150.c.2
Soldados, velhos, & doẽtes eraõ sustentados do erario publico f. 150.v.c.1.
Solimão gram Turco o que passou com Sepucio f. 88.v.c.2
Solon aos Athenienses ordenou, que o pouo prouesse os officios, mas na gente nobre f. 254.c.1
Sonho de Iado foi verdadeiro f. 51.c.2
O sonho de Ioseph creo elRey, porque auia logo de suceder a verdade delle f. 51.v.c.1
Sono prisaõ dos sẽtidos lhe chamou Aristoteles f. 254.v.c.2
Sospeitas fundadas em merecimentos bastão pera matar a hum enuejoso, diz Philo fol. 180.v.c.1
Sucessos bons encaminhaõse por rezão fundada na ley diuina, não em superstiçoens, nem agouros f. 94.v.c.2
Sucessos aduersos não quebrantão aquem naõ se altera cõ os prosperos, diz S. Agostinho f. 160.v.c.1
Sucessos bons nacem do conselho, & naõ do arremeço fol. 116.v.c.2
Summo sacerdote trazia escrito sobre o hombro direito os seis filhos de Israel mais velhos, & sobre o esquerdo os mais moços, & porq̃ f. 14.c.2
Summo Pontifice de Ierusalem o que fez, quando Alexandre hia contra esta Cidade f. 103.v.c.2
Summo Sacerdote trazia os nomes dos doze tribus esculpidos no racional que andaua sobre o peito f. 202.v.c.1
O Summo Sacerdote era Rey entre os Egypcios, & os Gregos, diz Arist. f. 229.v.c.1
Superioridade nace de ambiçaõ f. 1.v.c.2

T

TArquinio lançado do Reyno f. 5.v.c.1
Tarquinio ainda que aborrecido

do de muitos, era imitado de todos f. 41. c. 2
Tarquinio por ser Seuero, foi o primeiro Rey que vsou de guarda f. 70. v. c. 1
Tarquinio sexto a tirania que vsou com os nobres entre os Gabios f. 204. v. c. 1
Tarquinio soberbo odiado do pouo quis enfraquecer o poder dos nobres, & porque f. 205. c. 2
Temerosos nunca se persuadẽ a bom sucesso f. 160. v. c. 2
Temor, & respeito he o meyo pera ẽcaminhar os vassallos, & melhor se acquire com a magestade, que com as leys, diz Aristoteles f. 63. v. c. 1
Templarios, cuja destruiçaõ nasceo de sua prosperidade fol. 211. c. 1
O tempo so he nosso, tudo o mais he alheyo, diz Seneca f. 35 v. c. 1
O tempo faz grandes misturas de geraçoens, diz Plataõ fol. 206. v. c. 2
Tesouro o mais rico he o tempo f. 35. c. 2
Tesouro de Saturno, donde tirou Iulio Cesar vinte, & seis mil ladrilhos de ouro, & de moeda batida trezentas mil liuras no tempo das guerras ciuis f. 101. c. 2
Tesouro tinhaõ os Gregos na ilha de Delos, por ser lugar mui forte f. 101. v. c. 1
Tesouro dos Athenienses em Delphos no templo de Apollo. ibidem.
Tesouro publico comparado ao estamago por S. Thom. ibidẽ
Tesouros foi parecer de alguns, que naõ se ajuntassem, como hum Rey de Panonia chamado Bella, que leuantou todos os tributos, com que se enriqueceraõ seus vassallos fol. 102. c. 1
Tesouros não os prohibe Deos, pois diz que os que honraõ as mains, saõ semelhãtes aos que fazem tesouros f. 102. v. c. 1
Thebanos sendo valerosos, cõ as delicias del Rey Menis caiaõ de sua felicidade f. 186. c. 1
Thebanos inimigos de delicias f. 214. c. 1
Themistocles em quanto moço laciuo, depois com o cuidado dos mestres fez cousas memoraueis f. 20. c. 1
Themistocles vendo muitas peças de ouro em huã praya lãçadas do mar, disse a hum amigo: vos que naõ sois Themistocles recolhei esse ouro f. 67. c. 1
Themistocles o que respondeo sobre a memoria f. 96. v. c. 1
A Themistocles lhe perguntaraõ em huã tragedia, que voz folgaua de ouuir, respondeo, que as que tratauão seus louuores

uores f. 139.c. 2
Theodosio Emperador postrou se aos pês do seu Bispo f. 52. c. 2
Theologia he o conhecimento das cousas diuinas f. 23 c. 1
Theudio depois de ser chamado da Rainha Amalacenta sua tia pera lhe dar o Reyno, a fez matar f. 158. v. c. 2
Thorismundo Rey foi morto por hum criado f. 158. v. c. 1
Tiberio Cesar ainda que foi amado dos seus naõ escapou das traiçoens de Sciano, & outros conjurados f. 180. v. c. 2
Tiberio se desautorizou por cear com Pomponio Flaco, & Lucio Pison Senadores em companhia de moças que o seruiaõ a mesa, destribuindo então officios f. 189. v. c. 2
Tiberio deixou de publicar huma ley contra os gastos demasiados por não intentar o que não auia de ter effeito f. 210. c. 1
Tiberio não se aplicaua a virtuosos demasiadamente, porque naõ basta pera o gouerno politico f. 113. v. c. 1
Tiberio ouuindo de si alguãs cousas contra a autoridade, não se quis valer do poder pera as castigar f. 138. c. 1
Tiberio disse a hum homem q̃ se choraua de ter gastado luxuriosamente o que tinha: muy tarde acordastes que quem assi viue, melhor se dira que dorme f. 58. v. c. 1
Tiberio priuou do Imperio a Iustiniano, & lhe mandou cortar os narizes, & orelhas, & Leoncio lhe fez o mesmo a elle f. 83. v. c. 1
Tiberio reprendendo a Emilio por carregar com tributos a Egipto, lhe dezia, que queria trosquiar suas ouelhas, & não esfolalas f. 87. c. 1
Tigranes pera roubar o tesouro a seu pay leuou o exercito de Pompeio f. 102. c. 1
Timon filosofo cortou as aruores de huã horta, & mandou dellas fazer forcas para os q̃ as quisessem f. 70. v. c. 1
Timon inimigo dos homens f. 109. v. c. 2
Tirteo poeta, o que delle disse hum Lacedemonio f. 32. v. c. 2
Tisaphernes Satrapa del Rey Cyro o aconselhaua, que aos Reys vezinhos os deixasse andar em guerra, porque se não fizessem poderosos fol. 104. c. 2
Titulo de Reynar como se justifica f. 5. v. c. 2
Tobias perguntou ao Anjo disfarçado em mancebo, de q̃ tribu era f. 228. v. c. 1
Tobias o moço teue por molher a Sara, aqual se não queixou da morte de 7. maridos

& porq̃

&porque huã criada lhe pérdeo o respeito,se quis enforcar f.132.v.c.1
Toga era vestido dos nobres entre os Romanos,comprido atè baixo f.206.c.1
Toga pretexta vestido dos Magistrados.ibidem.
Toga palmata dos triunfos.ibidem.
Toga pueril dos moços.ibidẽ.
Toluno Rey por matar tres embaixadores dosRomanos,lhe desbarataraõ seu exercito,& o mataraõ f.252.c.2
Trages varonis mandaua Deos que vestissem os homens, & o que entende sobre isso S. Ambrosio f.106.c.2
O trage Persiano,de que Alexãdre fez vestir a seus Capitaens os enfraqueceo f.107.v.c.1
Trajano nas acçoens parecia qualquer particular f.21.c.2
Trajano naõ desfauorécia os ministros que dauaõ sentenças contra elle f.253.c.2
Treidores ha de medo f.159.v.c.2
Tributos não se haõ de impor com ostentaçaõ de poder, se naõ de rezaõ f.31.v.c.2
Tributos,naõ so saõ de direito humano,mas diuino;S. Paulo diz, que saõ deuidos aos Principes;S.Thomas S.Agostinho,S.Chrisostomo,& outros Santos os tem por necessarios f.84.v.c.1
Tributos que se pagauão a Salamão de Cidades conquistadas,eraõ mayores f.84.v.c.2
Tributo, diz S.Thomas,que vẽ de tribuo q̃ quer dizer dar, outros de tribus que eraõ as tres partes do pouo pellas qu ais se diuidio o campoRomano f.85.c.1
Tributo de Mercadores se chamou vectigal, que responde á renda do Consulado.ibidẽ.
Tributos destruiraõ o Imperio Romano,diz S.Saluiaõ f.86.c.1
Tributos fundados em cobiça acquirem odio f.85.v.c.2
Tributo que pedio Dionisio o mayor,& o que passou. ibid.
Tributos desnecessarios resultaõ em ruina dos Principes f.87.v.c.2
Tristeza diminue a vida, cõforme Salamaõ f.24.v.c.2
Tulia manda matar a seu pay f.10.v.c.2

V

VAcas leuaraõ a arca do Testamento de casa de Aminadab,& ainda que se desuiassẽ do caminho,a virtude diuina as guiaua f.227.c.2
Vagar em responder aos conselhos,de que he louuado o filosofo Fauorino f.115.v.c.2
Vagar,& consideração nos cõselhos

selhos (se ha lugar pera isso) he perfeiçaõ de hum Capitaõ, dezia Augusto f. 116.v. c. 2
Valentia com os mortos he pusilanimidade f. 92.c. 1
Valente Emperador foi queimado por causa de dous ministros f. 249.v.c. 2
Valentiniano Emperador fazia imagens de cera f. 36.v.c. 2
Valor he mais da natureza que da arte f. 59.v.c. 1
Valor quem o não tem, naõ nasceo pera Reynar f. 61.v.c. 1
Valor antigo fundado na honra, não no interesse f. 76.v. c. 1
O valor anda germanado com o desprezo das delicias, & estas com a fraqueza f. 106. v.c. 2
Valor do Principe sustenta os vassallos f. 122.v.c. 2
Valor do Principe não consiste tanto em ser superior aos homens como em o ser ao appetite f. 163.v.c. 1
Vannio Rey dos Sueuos aos Principios amado dos seus, depois aborrecido f. 167.v. c. 1
Vapor adusto da terra causa os trouoens f. 35.c. 1
Vara de Moyses conuertese em serpente verdadeira, & as varas dos magos em apparentes f. 146.v.c. 2
Vara de Aarão era de amendoeira f. 202.c. 2
Variedade de mantimentos altera a natureza f. 17.c. 1
Varoens illustres tidos por diuinos pello encarecimento dos poetas f. 33.v.c. 1
Vassallos dependem da educação dos Principes f. 20.c. 1
Vassallos rebelaraõse os del-Rey Ioraõ f. 43.v.c. 1
Vassallos hão de obedecer por respeito mais fundado em amor que em temor, diz Pytagoras f. 72.v.c. 1
Vassallos se assõbrão de ouuirẽ este nome, tributo f. 85.c. 2
Vassallos ricos he o melhor tesouro, dezia Platão a Dionisio tirano, aconselhando o q̃ lhes não pusesse tributos fol. 88.c. 1
Vassallos tẽ dependencia dos costumes dos Principes f. 123. v.c. 2
Vassallos de Henrique de Inglaterra pello imitarẽ deixaraõ a fẽ Catholica f. 143.c. 1
Vassallos que primeiro respeitaõ a ley de Deos que a de seu Rey, estimaua mais elRey D. Afonso de Aragão f. 146. v.c. 2
Vatinio era tão torpe na feiçaõ do corpo como nos costumes f. 235.c. 1
Velhos respeitados f. 14.c. 2
Velhos escolhidos de Romulo pera o gouerno, & por isso chamados Senadores f. 14.v.c. 1

Velhos com coroas vio S.Ioaõ no Apocalypse,que estauaõ cantando a Deos louuores f.23.v.c.1
Velhido, sabia elReyD.Sãcho, que era traidor,pelloque fez mal ẽ se fiar delle f.158.c.2
Venciflao Rey de Boemia trazia junto de si hum carnicei ro,por se fazer temido f.70. v.c.2
Vender os officios he a ruina da rep.diz Caetano f.242.v. c.1
Vendo os soldados de Dauid, que desejaua agoa da cisterna de Belem,se arriscaraõ f. 144 c.2
Venecianos nunca tiueraõ mayores perdas,que depois que se confederaraõ com os Turcos f.45.c.2
Venecianos,conhecerão o que aproueitaua aos estados a ruina dos outros f.104.v.c.1
Veneraçaõ que se deue a Deos he o primeiro por onde hade começar o gouerno politico,diz Liuio f.47.c.2
Ventagem ainda entre iguais he prudencia não a mostrar, diz Seneca f.136.c.2
O que sobre isto respondeo huã senhora mui fermosa dama de huã Rainha mui fea,pel la reprender seu pay de desa linhada.ibidem.
Ventura deu o Reyno de Cambyses a Dario por ocasião do seu cauallo,& como f.40. c.1
Ventura de Prislao aquem hũ cauallo deu o Reyno de Boemia,& como f.40.c.1
A verdade negase aos poderosos,& aos miseraueis se dá de graça f.118.v.c.1
Verdades ditas por Iehu alRey Baasa o matarão f.118.v.c.2
Verdades de Micheas a Achab o odiarão.ibidem.
Verdades,nem Balão sendo Profeta,se resoluia a dizelas alRey Baalac f.119.c.1
Verdades que irritão,& não emmendão,melhor he calalas f. 140.v.c.1
Vespasiano Emperador cometeo muitas exorbitancias pellas quais era mal quisto,mas em sendo Emperador obrigou a respeito f.145.v.c.2
Vespasiano daua quanto tinha f.150.c.2
Vestiduras de nossos primeiros pais chamadas na translação Caldaica ropas de honra f. 108.v.c.1
Vestidura sacerdotal da ley velha cercada pellas pontas de romãs,& o que significauão f.177.c.2
Vicio carnal he huã peste, diz Seneca Tragi.f.57.v.c.2
Vicio carnal comparado a hum bruto,& S. Ioaõ Chrisostomo o compara a hum animal morto,& porq f.58.c.1.

Vicio

Vicio carnal he fogo que consome a fazenda f. 58.c.2
Vicios tem seu principio ou ẽ gosto, ou em vtilidade f. 63. v.c.2
Vicio, & honra nunca se ajuntaraõ f. 65.v.c. 1
Viciosos perdem o ser de homens, & se mudaõ em brutos, diz Boecio f. 65.v.c.1
Vicios danaõ o brio, & entendimento; febre dalma lhes chamou Philo f. 65.v.c.1
Vicios todos tem limite com a idade so a cobiça crece cõ os annos f. 85.v.c.1
Vicios não so perjudicaõ aquẽ os tem, mas aquem os fauorece f. 131.v.c.1
Vicio seruil chama Seneca ao appetite f. 164.c.2
Vida, & morte consiste na lingoa, diz o Espirito Santo fol. 65.v.c.2
Vida sem ter paixão de nada não a pode auer em quem tẽ gouerno da rep. ou familia f. 66.v.c.1
Vida humana, & sustentaçam do mundo depende da concordia destes contrarios se cõ, humido, frio, & quente f. 176.v.c.1
Vida do Principe he officio de Cẽsor, diz Plinio f. 216.v.c.1
Se viuerdes (diz Seneca) conforme a natureza sempre sereis rico, se conforme a opiniam sẽpre sereis pobre f. 163.c.2
Viriato pastor Portugues acquirio a nobreza pellas armas f. 207.c.1
Virtudes as mais Reais saõ a justiça, & a prudencia f. 39.v.c.2
Virtuoso chama a Escritura al-Rey Asa por alimpar a terra de gente perjudicial f. 48.v.c.1
As virtudes com que todas as obras se calificão, em tanto o saõ, em quanto participaõ mais de justiça f. 68.c.2
Virtude he de Principes tratar seus vassallos f. 127.v.c.2
Virtude, alma da nobreza fol 207.v.c.2
Vista dos Reys dá valor f. 144. v.c.1
Vitelio Emperador dezia que não auia melhor cheiro que o de hum Cidadaõ morto f. 84.c.1
Vitiza Rey Godo por meterse na jurisdição que pertencia a Sè Apostolica, permitio De os que morresse arrancados os olhos f. 55.c.2
Vizinhos, diz Seneca, ou se haõ de ter por amigos, ou por subditos f. 105.c.1
O conselho que Heronio daua aos Samnitas sobre esta materia ibidem.
Vitorias de Scipiaõ disseraõ alguns que se deuião a Lelio porque o aconselhaua f. 222 c.2

Vladislao Rey de Vngria he reprouado por gastar todo o tẽpo em deuaçoens, sofrendo que os poderosos roubassem, & fizessem outros insultos f. 48.v.c. 1

Vlysses, & Diomedes robaraõ de Troya o Palladio, & o q̃ quis fazer Vlysses f.158.v.c.2

Vngaros conjuranse contra o Emperador Sigismundo, & o que sucedeo f. 159.c. 1

Vngaros se leuantarão contra os nobres f. 205.v.c. 1

Vnião conserua a republica f. 71.c. 2

Vniaõ, & amizade dos Reys vizinhos foi o poder de que el Rey Ptolomeo se valeo contra Perdica f. 103.c. 1

Vniaõ do corpo da rep. hade ser como do corpo do homẽ f. 177.c. 1

Vniaõ pera o mal he conjuraçaõ f. 179.c. 2

Vodas da filha de Hanon puseraõ em perigo os Senadores Cartaginenses, pelloque prohibiraõ o apparato dellas, & os Romanos fizeraõ o mesmo por ley f. 213.v.c. 2

Vontade dos Principes, ainda que injusta sempre tem executores f. 31.v.c. 2

Voto fez elRey Dario pera ajudar a reedificação do templo de Ierusalem, & por isto lhe deu Deos hum Reyno f. 46. v.c. 2

Vrias sacerdote leuantou altar ao demonio por dar gosto al Rey Achaz f. 143.c. 1

D. Vrraca molher delRey D. Afonso de Aragaõ roubou de hum mosteiro o que ania, & querendo sahir delle, com hum pè dentro, & outro fora morreo supitamente f. 55.v.c. 1

Vtilidade he a rezão mais efficaz pera persuadir, diz Aristoteles f. 75.v.c. 1

X

Xenofonte Capitaõ mandou queimar a bagem de dez mil soldados que gouernaua 114.v.c. 2

Xerxes depois que lhe faltaraõ guerras, se deu a amores tam torpes que teue por amiga, huã sobrinha casada com seu filho f. 214.v.c. 2

Z

Zambri Capitaõ de elRey Ela matou o por se leuantar com o Reyno f. 159.c. 2

LAVS DEO.

BRITISH LIBRARY